ANA HELENA COBRA FERNANDES

BAGATELAS EM PERSPECTIVA
LIMA BARRETO - CRÔNICAS ANOTADAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS/UNICAMP

CAMPINAS/SP

FEVEREIRO DE 2010

ANA HELENA COBRA FERNANDES

BAGATELAS EM PERSPECTIVA

LIMA BARRETO - CRÔNICAS ANOTADAS

Volume I – Pesquisa e método

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Teoria e História Literária do IEL/UNICAMP, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação da Profª. Drª. Orna Messer Levin.

Banca
Titulares: Prof. Dr. Antonio Arnoni Prado
Prof. Dr. Carlos Erivany Fantinati
Suplentes: Prof. Dr. Jefferson Cano
Prof. Dr. Álvaro Santos Simões Junior

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS/UNICAMP

CAMPINAS/SP

FEVEREIRO DE 2010

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

F391L

Fernandes, Ana Helena Cobra.

Bagatelas em perspectiva. Lima Barreto - crônicas anotadas / Ana Helena Cobra Fernandes. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador : Orna Messer Levin.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Lima Barreto 1881-1922 - Bagatelas - Crítica e interpretação. 2. Crônicas brasileiras - Séc. XX - História e crítica. I. Levin, Orna Messer. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

hb/iel

Título em inglês: A Look at *Bagatelas*. Lima Barreto - Annotated tales.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Lima Barreto 1881-1922 - Bagatelas – Criticism and interpretation; Brazilian Chronicles - 20th century - History and criticism.

Área de concentração: História e Historiografia Literária.

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Profa. Dra. Orna Messer Levin (orientadora), Prof. Dr. Antonio Arnoni Prado e Prof. Dr. Carlos Erivany Fantinati. Suplentes: Prof. Dr. Jefferson Cano e Prof. Dr. Alvaro Santos Simões Junior.

Data da defesa: 25/02/2010.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

C1
R1018

BANCA EXAMINADORA:

Orna Messer Levin

Antonio Arnoni Prado

Carlos Erivany Fantinati

Jefferson Cano

Alvaro Santos Simões Junior

IEL/UNICAMP
2010

Este exemplar é a redação final da tese / dissertação e aprovada pela Comissão Julgadora em:

19 / 7 / 2010

ID17339

AGRADECIMENTOS

Durante seis anos dediquei muitas horas de intenso estudo para alcançar as metas estabelecidas para esta Dissertação de Mestrado. Ao sentar no computador para escrever estes agradecimentos, senti que havia vencido um desafio, talvez o mais complexo, que até então me havia sido proposto. E se venci, não foi sozinha, devo a muitas pessoas a concretização desta minha etapa acadêmica.

Primeiramente, quero agradecer à minha orientadora Orna Messer Levin que me recebeu sem restrições e, que ao longo desses anos, me acompanhou com entusiasmo nas pesquisas para o desenvolvimento deste trabalho. Foi ela também muito hábil, e paciente, no sentido de conduzir o meu olhar para o valor literário que há nas crônicas de Lima Barreto, em vista de, eu ter minha formação universitária na História.

Aos professores da Unicamp, do IFCH e do IEL, quero agradecer a todos pelo que me ensinaram, pela atenção na correção dos meus trabalhos e pelo incentivo e sugestões, quando eu ainda estava preparando o meu projeto sobre Lima Barreto para ingressar no Mestrado.

Aos companheiros de jornada, Renilson Ribeiro, Karoline Carula, Glaucia Fracaro e Marina Cavichiolli, entre tantos outros, quero agradecer os momentos alegres que compartilhamos, pela camaradagem e cumplicidade quando as pedras ficavam muito pesadas para carregar.

À Ema Camilo, do Centro de Memória da Unicamp (CMU), sou grata pela oportunidade de trabalhar na organização dos documentos de Edgard Cavalheiro; trabalho este, que de grande importância para eu aprender a pesquisar e a interpretar fontes primárias.

Do pessoal do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), agora de casa nova, onde fiz a maior parte das minhas pesquisas, guardo no coração a disponibilidade e a presteza no atendimento.

Encerando esse quadro acadêmico, quero lembrar de Vavy Pacheco Borges que plantou a semente desse desafio e me abriu as portas da Unicamp.

Agora é vez de agradecer as pessoas de fora da academia.

Começo pelo meu marido, George – o *Joca*, a quem que serei eternamente grata pelo incentivo incondicional, por todo apoio material que deu desde o momento que resolvemos juntos, que eu iria me preparar para esse Mestrado.

Os meus filhos, Paulo Eduardo e Paulo Afonso, ora longe, ora perto, mas sempre "ligados" na minha carreira acadêmica, me ajudaram em muitas oportunidades com palavras de apoio, com seu amor, mas especialmente, nas questões de informática, me ensinando a sistematizar e arquivar de forma informatizada os resultados das minhas pesquisas.

Nas versões de textos para o inglês, os meus tradutores foram George Whyte e Renato Heinzen, ambos, sempre dispostos a atender os meus pedidos com muita disposição e interesse.

Agradeço agora a todos que atuam, e já aturam, na equipe gestora e no quadro de professores da minha escola – a Escola Estadual Prefeito José Miranda, que me incentivaram nos momentos de ansiedade e contrariedades que, de certa forma, dificultaram a minha concentração intelectual para esse trabalho tão significativo da minha carreira acadêmica.

Com os meus alunos, que tanto amo e sempre terei no meu coração, quero dividir uma parte desse trabalho, pois, foi através das suas dúvidas e das suas histórias pessoais que inúmeras vezes, em sala de aula, articulei elementos que estão presentes nesta Dissertação.

E por fim, agradeço a todos que não citei, mas que de alguma maneira colaboraram para este projeto, pois, esta vitória quero compartilharam com todos que me auxiliaram nesse trajeto.

RESUMO

Esta Dissertação de Mestrado, composta por dois volumes com naturezas diversas de pesquisa, tem como foco de análise a produção literário/jornalística de Lima Barreto (1881-1922), sintetizado, numa leitura anotada das crônicas do volume Bagatelas*, trabalho este, inédito em relação a esse* corpus *da obra do escritor. Nesse caso, entende-se por* inédito*, um trabalho sem precedentes, original, em relação às crônicas de Lima Barreto, preparado em edição anotada do volume publicado em 192 do livro* Bagatelas*, por meio de pesquisa acadêmica, bibliográfica e em arquivos públicos.*

No Volume I, são apresentados os critérios teórico/metodológicos que conduziram as pesquisas e os resultados de dois outros estudos - um cronológico do percurso editorial do escritor, desde seus folhetins na imprensa até a publicação de suas Obras Completas *entre as décadas de 1940 a 196; e outro, também cronológico, da construção da fortuna crítica sobre a sua obra literária na imprensa e em livro entre 1907 e 1949, ambos, necessários para avaliar o trânsito de Lima Barreto e a recepção da sua obra no circuito intelectual das primeiras décadas do século XX.*

Estão incluídos, também no Volume I, anexos com tabelas em ordem cronológica, e por órgãos de imprensa, da publicação das crônicas e da crítica a Lima Barreto na imprensa.

Palavras-chave: Lima Barreto, crônicas, leitura anotada, *Bagatelas*.

ABSTRACT

This Master´s Dissertation, composed by two volumes with the diverse natures of research, has as a focus of analysis the literary/journalistic production of Lima Barreto (1881-1922), synthesized, within a noted reading of the chronicles of the Bagatelas volume, work which is unseen in relation to this body of work of the writer. In this case, it is understood as altogether unseen, a work without precedent, original, in relationship to the chronicles of Lima Barreto, prepared in a noted edition of the volume published in 1923 of the book Bagatelas, by means of academic research – bibliography found in public archives.

In Volume I, the theoretical/methodical criteria is presented in order to set research and results of two other studies – one chronological of editorial percussion due to the writer, from his pressed pamphlets to the publication of his complete works between the decades of 1940 and 1960 and another of the critique about his literary work in press and in books between 1907 and 1949 – both, necessary to evaluate the traffic of Lima Barreto and the reception of his work within the intellectual circuit of the first decades of the 20th century.

Key-words: Lima Barreto, chronicles, annoted chronicles, *Bagatelas.*

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES **Página**

1. Caricatura de Lima Barreto 17
2. Busto de Lima Barreto – Praça Calcutá/ Ilha do Governador 84
3. Capa do livro *Correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto* 86
4. José Veríssimo 97
5. Tristão de Athayde 108
6. Exemplares de *Revista Contemporânea* que pertenceram a Lima Barreto (Acervo Arquivo Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP) 158

TABELAS

QUADRO I 125

QUADRO II 126/127

TABELA V – *Bagatelas*/Temas 165

ABREVIAÇÕES

RIC – *Recordações do escrivão Isaías Caminha*

PQ – *Triste fim de Policarpo Quaresma*

HC – *Histórias e sonhos*

CRJ – *Coisas do Reino de Jambon*

BA - *Bagatelas*

FM – *Feiras e mafuás*

VU – *Vida urbana*

MA - *Marginália*

IL – *Impressões de leitura*

DI – *Diário íntimo*

CO v. I – *Correspondência* Volume I

CO v.II - *Correspondência* Volume II

VOLUME I

A pesquisa e o método

ÍNDICE **Página**

APRESENTAÇÃO 19

INTRODUÇÃO 23
O contexto e o literato 23

PARTE I 45

2. RESUMO EDITORIAL DA OBRA DE LIMA BARRETO 47

1.1.– Livros 47
1.2.– Imprensa 61
1.2 a) Folhetins, fascículos e folhetos 61
1.2.b) Artigos e crônicas 63

2. LEITORES DE LIMA BARRETO 67

A RECEPÇÃO E O CONTEXTO 67

2.1 Lima Barreto na imprensa 71
2.1.a)1907 – 1922 71
2.1 b)1923 – 1949 83

2.2 Lima Barreto nos livros 91

2.2 a) Primeiras críticas 93
2.2 b) 1923 – 1949 99

PARTE II

A CRÔNICA, O CRONISTA E *BAGATELAS* 119

1. A CRÔNICA 119
Teoria 119
2.A pesquisa e o método 131
3.O cronista e *Bagatelas* 141
3.1.O cronista 141
3.2.*Bagatelas* 159

PALAVRAS FINAIS 169

Bibliografia 171

ANEXOS

ANEXO I – Tabelas

Tabela – I "Órgãos de Imprensa"
Tabela – II "Crônicas de Lima Barreto – Cronologia"
Tabela – III "Leitores de Lima Barreto na Imprensa"
Tabela – IV "*Bagatelas* – Temas"

ANEXO II – *Klaxon*/ "O futurismo" (Lima Barreto)

ANEXO III – "Literatura Militante" (lima Barreto)
"Lição de Lima Barreto" (Astrojildo Pereira)

VOLUME II

Bagatelas em perspectiva. Lima Barreto – Crônicas anotadas

ÍNDICE

TÍTULO DA CRÔNICA	**Página**
A superstição do doutor	13
São Paulo e os estrangeiros	21
Casos de bovarysmo	25
Tenho esperança que...	29
O caso do mendigo	33
Vera Zassulitch	37
Que fim levou?	41
O convento	47
No ajuste de contas	51
Da minha cela	57
Carta aberta	67
Não valia a pena	75
Um ofício da A.P.S.A.	79
Problema vital	87
Quem será afinal	91
Procurem a sua Josefina	97
São capazes de tudo...	103
Sobre o Maximalismo	109
Os uxoricidas e a sociedade brasileira	115
A matemática não falha	123
O nosso “yankismo”	129
Edificantes notas ao Southey	135
Henrique Rocha	139
Livros de viagens	147
Duas relíquias	153

Dous livros 159
Sobre o nosso teatro 163
Pela “Seção Livre” 169
Sestros brasileiros 175
A circular do Reverendo Vigário-Geral 179
Uma simples nota 185
A missão dos utopistas 189
Meia página de Renan 195
As lições da Grande Guerra 201
O “negocio” da Bahia 207
Homem ou boi de canga? 213
O cedro de Teresópolis 217
Coisas eleitorais 221
Após a guerra 225
A nossa situação 229
Mais uma vez 233

APRESENTAÇÃO

Esta Dissertação de Mestrado tem como foco a produção literário/jornalístico de Lima Barreto (1881-1922) na imprensa brasileira, sintetizada numa leitura anotada das crônicas do volume *Bagatelas*, que foi idealizado e composto pelo próprio escritor.

O motivo dessa escolha se deu em função dos poucos trabalhos que se dedicaram ao conjunto dessa produção, refém, até poucos anos do tratamento dado por Assis Barbosa, e seus colaboradores, para os volumes: *Coisas do Reino de Jambon*, *Vida urbana*, *Marginália*, *Feiras e mafuás* e *Impressões de leitura* para as *Obras completas* de Lima Barreto, publicados pela Editora Brasiliense.

Bagatelas, em crônicas anotadas, não foi o ponto de partida desta Dissertação de Mestrado, mas, a decorrência de uma complexa trajetória dedicada às centenas de artigos e crônicas que compõem o legado do escritor para a imprensa brasileira. Como todo trabalho de natureza complexa, o desenvolvimento deste, me exigiu muito tempo de minuciosa investigação em fontes primárias, de aplicação em leituras da obra de Lima Barreto, teórico/metodológica do gênero crônica e revisão da fortuna crítica em torno de seu nome, sempre em construção.

Após algum tempo de estudo desse extenso *corpus* documental, ficou evidente a necessidade de se estabelecer um critério mais restrito, do que um simplesmente cronológico, cujo esforço de pesquisa resultasse na valorização da atividade literário/jornalística de Lima Barreto. Tendo em conta essa pressuposição, arrolei as seguintes hipóteses de classificação: por períodos de publicação, por órgãos de imprensa, ou por grupos temáticos.

Com a incorporação de uma leitura anotada das crônicas, decidi pela última proposta e, a partir dela, preparei para o exemplar do Exame de Qualificação, uma classificação embrionária de grupos e subgrupos, dois índices temáticos e algumas digressões sobre – “Imprensa” e o subgrupo “Crimes da paixão” do grupo “Gênero”, como também a leitura anotada de parte das crônicas do grupo “Imprensa”.

Concluída essa etapa, retomei os trabalhos com vistas à defesa. Na continuidade destes, surgiram novos obstáculos para levar a minha proposta a termo, especialmente, em função da extensão e demanda de tempo da pesquisa para a anotação das centenas de crônicas a analisar. Estabelecer um recorte era a solução mais evidente; contudo, escolher e descartar grupos temáticos, sugeriu dar mais importância a algumas crônicas do que a outras.

Que recorte estabelecer então, se Lima Barreto, a exemplo de Machado de Assis, não compôs séries para suas crônicas? Para esse impasse, encontrei a resposta no volume *Bagatelas*, publicado em 1923, do qual tinha à minha disposição um exemplar da primeira edição no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL – IFCH/UNICAMP).

É importante observar, que não se pode olhar para as quarenta e uma crônicas que compõem *Bagatelas*, com uma visão de série, mas sim, como a de uma antologia, cuja significância para o recorte proposto, se revela na escolha e na (des)organização das crônicas de Lima Barreto para o volume, muito próprias do seu autor.

Com a aprovação da minha orientadora, Orna Messer Levin, decidi deixar para outro momento a leitura anotada por grupos temáticos e adotar *Bagatelas* como o recorte para essa Dissertação.

Essa escolha, tardia em relação ao prazo exigido para a defesa, esclarece muitas das inúmeras dificuldades que se interpõem ao estudo do percurso literário/jornalístico de Lima Barreto. Contudo, num esforço conjunto de orientadora/orientanda, empenhamos toda a nossa coragem, e entusiasmo, na busca de resultados satisfatórios que esse desafio acadêmico nos propôs.

Com o sentimento do dever cumprido, mas consciente de que ainda há muitos caminhos a percorrer no intrincado labirinto das crônicas de Lima Barreto, e mesmo em relação a *Bagatelas*, apresento abreviadamente a seguir, a composição dessa Dissertação de Mestrado.

Bagatelas em perspectiva. Lima Barreto – Crônicas anotadas traduz o seu desígnio para uma Dissertação de Mestrado, ou seja, expõe uma síntese da trajetória de pesquisas e estudos, bem como, os resultados que foram alcançados. Contudo, composta por dois núcleos distintos – um metodológico e o outro da leitura anotada das crônicas de *Bagatelas* -, ambos de idêntica relevância nesse trabalho, optei por dividi-la em dois volumes, assim intitulados:

Volume I – Pesquisa e método

Volume II – Leitura anotada de *Bagatelas*

Volume I – Pesquisa e método

Este volume apresenta uma introdução que contextualiza o literato no seu tempo, e três outras partes descritas sucintamente a seguir:

- Parte I – com uma revisão crítica e cronológica do percurso literário e editorial de Lima Barreto até a publicação das *Obras completas*, e uma revisão, também cronológica, da construção da fortuna crítica em torno da obra de Lima Barreto, em vida e póstuma, na imprensa e livros, até o final da década de 1940.

- Parte II – que apresenta considerações teóricas sobre o gênero crônica e a trajetória metodológica de pesquisa que conduziu à opção por *Bagatelas*, como o recorte de análise das crônicas de Lima Barreto. foram incluídos nessa parte, dois anexos com tabelas, em ordem cronológica, da publicação das crônicas e da crítica a Lima Barreto na imprensa, elaboradas ao longo da pesquisa.

- Parte III – que traz comentários sobre o perfil de Lima Barreto como cronista, algumas digressões de suas ideias sobre "Gênero" e "Imprensa", uma breve análise do volume *Bagatelas* e dois anexos que complementam anotações sobre comentários a Lima Barreto como cronista.

Volume II - Leitura anotada de *Bagatelas*

Apresento as quarenta e uma crônicas do volume *Bagatelas* anotadas em rodapé, com ilustrações.

INTRODUÇÃO

> Ler os livros de Lima Barreto é de alguma forma participar do drama do intelectual sitiado. Mais talvez do que isso, é um exercício de consciência histórica que conta com a vantagem, como poucas vezes noutro escritor brasileiro, de um difícil testemunho: constatar como a vida, e nesta opressão o fracasso, se converte em literatura. (PRADO: 1989. p. 3).

Ao tomar da pena para escrever, descrever ou inventar histórias com o intuito de tornar vivas suas ideias sobre a natureza humana ou sobre o momento histórico-literário em que vivia, Lima Barreto transitou numa via de duas mãos. A primeira, do seu próprio ponto de observação, ou seja, como agente crítico do contexto sociocultural do qual era parte; a outra, como o objeto da crítica exercida sobre sua imagem, obra e ideias, cujo julgamento era movido pelos diversos conceitos, teorias e ideologias que circulavam nos meios intelectuais de seu tempo.

De acordo com Mannheim, para a compreensão de um intelectual, é importante conhecer as suas origens – social e vocacional. São elas que fornecem valiosas informações sobre "a motivação particular de um indivíduo" e os "impulsos grupais" que justificam a sua obra, uma vez que, ambos são "parte de um complexo motivacional do qual, muitas pessoas participam". (MANNHEIM, 1986. p. 55).

Mannheim afirma que para a compreensão de qualquer intelectual, as suas origens, social e vocacional, são de extrema importância, pois, oferecem informações preciosas sobre os "impulsos grupais" que ele deixa transparecer na sua obra, uma vez que "a motivação particular de um indivíduo é parte de um complexo motivacional do qual, muitas pessoas participam".

Essas observações se aplicadas à prosa barretiana, de certa forma, facilitam o entendimento do porquê, na crítica literária das primeiras décadas do século XX, Lima Barreto foi julgado antes por sua origem sociorracial e pelas mazelas pessoais do que pelo discurso ou contradiscurso que o conjunto de sua obra revela.[1]

Há muito ainda por ser desvendado sobre o percurso intelectual desse literato. Muitas das respostas foram, e são ainda, ocultadas por julgamentos cristalizados na sua origem

[1]No Exame de Qualificação, o Prof. Jefferson Cano chamou a atenção para o cunho determinista das citações de Mannheim, contudo, escolhi mantê-las, pois, facilitam a leitura de Lima Barreto e também porque, a quase totalidade da fortuna crítica produzida até agora sobre o nosso objeto de estudo é caudatária da biografia escrita por Francisco de Assis Barbosa, cujo viés é intensamente determinista.

sociorracial e nos traços equívocos de sua personalidade, em detrimento dos impulsos literários que conduziram seu projeto criador, como afirma Anoar Aiex:

> Tem-se, inclusive usado e abusado, do registro de seu *Diário íntimo*, em que há este desabafo: "É triste não ser branco". Mas, tentar inferir disso um método interpretativo de sua obra, constitui um sério equívoco. Não pelo fato de sublinhar sua revolta contra o preconceito racial, mas por considerá-lo como o ponto focal de sua visão da sociedade. Esta postura limita sua capacidade de objetividade e aventa a hipótese de que ele pensaria de outro modo, se fosse branco. (AIEX: (p. 5). [2]

Entendido dessa forma, e inserido num campo intelectual específico [3], o conjunto de escritos de Lima Barreto deve ser analisado como um legado material e intelectual de um determinado tempo e espaço, com implicações políticas, socioeconômicas e culturais, de contornos bem definidos, e cuja ideologia tinha suas bases fundamentadas nas fontes de modelos deterministas e cientificistas do pensamento do século XIX europeu.

Entre essas ideias, as mais aceitas no Brasil no início do século XX eram as do positivismo de Auguste Comte, o evolucionismo de Charles Darwin e o social darwinismo de Ernest Haeckel e Hebert Spencer, autores que Lima Barreto tinha leitura, pois constam do inventário de sua biblioteca particular e, frequentemente, são encontradas referências em suas crônicas. [4]

Ao chegar ao Brasil na década de 1870, os conceitos do evolucionismo e o social darwinismo foram imediatamente acatados, interpretados e resignificados pelas nossas comunidades científicas para o caso brasileiro. Quando a Lei do Ventre Livre (1871) tornou o fim de escravidão uma realidade, esse conjunto de ideias se tornaram referência para explicar a heterogeneidade da formação do povo brasileiro e justificativa para a exclusão dos ex-escravos – e seus descendentes negros e mulatos – da nova sociedade de homens livres.

---

[2]**.** As partes entre " ", são grifos do autor.

[3] A partir de Pierre Bourdieu, entendemos que um campo intelectual se "constitui como um sistema de força", isto é, "os agentes ou sistemas de agentes que o compõem podem ser descritos como forças que dispondo, opondo e compondo, lhe conferem uma estrutura específica num dado momento de tempo".
BOURDIEU, Pierre. "Campo intelectual e projeto criador". IN – POUILLON**,** Jean et alli. *Problemas do estruturalismo*. RJ: Zahar, 1968. (p. 105).

[4] O inventário completo da biblioteca de Lima Barreto, denominada por ele de "Coleção Limana" - está em anexo na sua biografia - ASSIS BARBOSA, Francisco de. *A vida de Lima Barreto (1881-1922).* RJ: José Olympio, 2002. (notas de revisão de Beatriz Resende). (p. [375] – [402]).
É importante ressaltar que na Coleção *Limana* havia também dois ensaios sobre Auguste Comte e outro do Marquês de Condorcet - *Refléxions sur l'esclavage des négres;* em relação à literatura, citam-se os nomes de Hippolyte Taine e Ferdinand Brunetière.

A reapropriação dessas ideias cientificistas não ficou só entre as comunidades letradas; estendeu-se para a política, para a imprensa, para a literatura e alcançou os mais diversos setores da sociedade brasileira – das elites às classes mais populares.

Esse fato é notável, especialmente, pela incorporação no léxico da comunidade científica brasileira de termos e conceitos como "seleção do mais forte", "evolução", "hereditariedade" e "sobrevivência do mais apto", extraídos das obras e dos autores acima mencionados.

Na imprensa, além de debates acalorados entre diferentes correntes do pensamento social e da comunidade científica, publicavam-se transcrições de teses, de conferências científicas para letrados e leigos, traduções de trechos das obras dos mais destacados pensadores da ciência europeia nas versões originais e vulgarizações.

No plano social, entre as formas de divulgação dessas teorias, podemos citar as "Conferências Populares da Glória", criadas em 1873, e como o próprio nome explica, franqueadas a todos os setores da sociedade.[5] Nessas conferências, expoentes das comunidades intelectuais e médico/científicas como Afonso Celso de Assis Figueiredo, Bento Gonçalves Cruz, Miranda de Azevedo, Silva Araújo e Andrade Pertence, entre outros, ministravam conhecimentos sobre as temáticas científicas em voga, práticas médicas, educação, medicina e higiene da mulher.[6]

vários

A partir da década de 1940, vários autores se dedicaram a estudos críticos sobre a introdução, adoção e divulgação do pensamento cientificista europeu, bem como, nortearam a cultura social brasileira na passagem do século XIX para o XX. João Cruz Costa, em obra pioneira publicada em 1946, observa o campo intelectual brasileiro, no início do século XX, como uma continuidade das ideias científicas que dominaram o século XIX europeu. [7]

[5] Sobre as "Conferências da Glória" CARULA, Karoline. A tribuna da ciência: as Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880). São Paulo: Annablume, 2009.

[6] Para saber sobre as "Conferências Populares da Glória" ver: FONSECA, Maria Rachel Fróes da. "As 'Conferências Populares da Glória': a divulgação do saber científico". IN – *Revista História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, vol.2 nº. 3, RJ: Nov./Feb. 1996; sobre medicina e higiene familiar ver: MACHADO, Roberto [et al.]. *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. RJ: Graal, 1978; RAGO, Margareth Luzia. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil: 1890-1930*. RJ: Paz e Terra, 1985. COSTA, Jurandir Freire. Ordem medica e norma familiar. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

[7] CRUZ COSTA, João. *O pensamento brasileiro.* SP: José Olympio, 1946.

Antonio Paim, duas décadas mais tarde, em estudo sobre intelectuais da Escola de Recife afirma que, do final do século XIX ao início do XX, as propostas dessa instituição não foram além de uma reprodução das ideias europeias. [8]

Na década de 1970, o brasilianista norteamericano Thomas Skidmore, em um trabalho sobre a influência das teorias de caráter racial na nossa cultura social, observou que, face à falta de originalidade nas análises e estudos subsequentes ao momento em que essas ideias aqui penetraram, havia ainda um grande despreparo intelectual daqueles que se proclamavam os representantes do pensamento social brasileiro.[9]

Roberto Schwarz, em "As ideias fora do lugar" (1981) observa que, da mesma forma como ocorreu com a incorporação do liberalismo europeu, aparentemente desajustado com a nossa realidade, mas não tão deslocado quanto aparentava estar, o mesmo ocorrera com as ideias científicas que, depois de introduzidas, foram reapropriadas e reformuladas com o exclusivo intuito de legitimar o arbítrio que na prática social se vivia no Brasil em fins do século XIX. [10]

E por fim, Lilia Schwarcz, analisando as diversas correntes de julgamento desenvolvidas em torno dessas ideias ratificou que, de maneira geral, a intelectualidade se apoiara, preferencialmente, nas fontes dos modelos evolucionista e social darwinista, como forma de ajustar e legitimar os contornos sociais ideais para uma nova sociedade de homens livres que, às portas do século XX, no Brasil já se afirmava como excludente. [11]

Na literatura, são exemplos basilares da influência dessas ideias dois livros publicados em 1902: *Os sertões*, de Euclides da Cunha e *Canaã*, de Graça Aranha. No primeiro caso, a narrativa apresenta traços deterministas influenciados pelo cientificismo europeu e pelo positivismo comtiano. *Canaã*, o primeiro romance-ensaio publicado no Brasil, expressa, no confronto de ideias entre dois personagens alemães, conceitos de "superioridade racial", "seleção do mais forte" e "atraso social".

Na crítica social que percorre a obra de Lima Barreto encontram-se, em vários momentos, um deslizamento na ordem discursiva que traduz uma significativa inquietação em relação a esses pressupostos científicos. Empenhado com a causa do grande contingente de negros e mulatos brasileiros, sem direito à identidade e cidadania, era natural existir nas reflexões do artista, momentos de repúdio a esse conjunto de teorias científicas que, na prática social, intelectuais

[8] PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola de Recife*. RJ: Saga, 1966

[9] SKIDMOR*E, Thomas E. Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. RJ: Paz e Terra, 1976.*

[10] SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. SP: Duas Cidades, 1981

[11] SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas e a questão racial no Brasil, 1870-1930. SP: Companhia das Letras, 1993.

brasileiros lançavam mão para difundir seus próprios preconceitos, e também justificar o sistema de dominação implantado após a Abolição e a República.

Dentre as inúmeras referências encontráveis nesses momentos de sua obra, aponto algumas que demonstram essa disposição.

No *Diário íntimo*, em anotações do ano de 1904, Lima Barreto anotou: "Os negros fizeram o Brasil"; "O negro é recente na terra"; "A capacidade mental do negro é discutida *a priori* e a dos brancos *a posteriori"*; "Se a feição, o peso, a forma do crânio nada denota quanto à inteligência e vigor mental entre indivíduos da raça branca, por que excomungará o negro?". (DI**:** 1956. p. 61).

No comovente conto "Dentes negros e cabelos azuis", as metáforas e simbologias no diálogo de Gabriel com o assaltante, deixam transparecer o cálice de angústias do literato em relação às teorias raciais:

> Não percebes que não me é dado oferecer batalha; que sou como um exército que tem sempre um flanco aberto ao inimigo? (...) Se a corda estremece acovardo-me logo, o ponto de mira me surge recordado pelo berreiro que vem de baixo, em redor aos gritos: homem de cabelos azuis, monstro, neurastênico. E entre todos os gritos soa mais alto o do senhor de cartola, parece oco, assemelhando-se a um grande corvo, não voa, anda chumbado à terra segue um trilho certo cravado ao solo com firmeza – esse berra muito alto: "Posso lhe afirmar que é um degenerado, um inferior, as modificações que ele apresenta correspondem às diferenças bastardas, desprezíveis de estrutura física; vinte mil sábios alemães, ingleses, belgas, afirmam e sustentam"... Assim vivo. (HS: 2000. p. 160).

Entre as crônicas, destacam-se os títulos: "A instrução pública", "Carta fechada – Meu maravilhoso amigo Zé Rufino", "Coisas americanas II", "No ajuste de contas", "Meia página de Renan", "Considerações oportunas", "Sestros Brasileiros" e "Macaquitos" são exemplos basilares. Na última, particularmente, o cronista põe às claras o incômodo que os negros causavam às elites brasileiras.

> Um jornal ou semanário de Buenos Aires, quando uma *équipe* brasileira de *football*, de volta do Chile, onde fora disputar um campeonato internacional, por lá passou, pintou-a como macacos.
>
> A cousa passou despercebida, devido ao atordoamento das festas do Rei Alberto; mas, se assim não fosse, estou certo de que haveria irritação em todos os ânimos. Precisamos nos convencer de que não há nenhum insulto em chamar-nos de macacos. O macaco, segundo os zoologistas, é um dos mais adiantados exemplares da

> série animal; e há competências que o fazem, senão pai, pelo menos primo do homem. Tão digno "totem" não nos pode causar vergonha.[12] (*Careta*: 23.10.1920)

De acordo com Ferreira Gullar, uma obra de arte, explícita ou implicitamente, sempre expõe uma ideologia que desfaz a imagem idealista da arte, ao mesmo tempo em que lhe devolve uma condição de produto humano "contingente e contraditório". Dessa forma,

> Não se aceitará, então um juízo crítico, que, para se formular, tenha que deixar de lado, como irrelevante, o significado que, através de recursos metafóricos e simbólicos da linguagem artística, a obra exprima. Esse significado é o verdadeiro conteúdo da obra, é o secreto motor que aciona todas as suas partes, de modo a negar-se a vê-lo é preferir a mistificação à verdade, à aparência e à realidade. (GULLAR: 2002. p. 43).

Somente num campo intelectual muito limitado "um indivíduo cria por si mesmo um modo de falar e de pensar que lhe atribuímos", mesmo porque, ele compartilha do pensamento grupal, e acrescenta o seu próprio ao de outros indivíduos que pensaram antes dele. É natural, portanto, que as pessoas de uma determinada sociedade vejam o mundo que as cerca de modos diferentes.

Dessa forma, as ideias que se internalizam e circulam num determinado contexto histórico-social agem umas sobre as outras, sobre os grupos que as produziram e sobre cada indivíduo no seu particular. Todos, ao mesmo tempo, tentam, de acordo com o modo de pensar de cada um, transformar a sociedade na qual vivem, ou mantê-la, em uma situação já conhecida.

A partir do que já foi descrito, e tendo em vista o fortíssimo vínculo existente entre a vida de Lima Barreto e os discursos que moviam o pensamento coletivo da sociedade brasileira no seu tempo, abriram-se novas possibilidades de reflexão sobre a obra do criador de Policarpo Quaresma. São caminhos de análise que revelam, nas partes e no todo de sua obra, o homem de seu tempo discutindo "sobre fatos, coisas e homens da nossa terra", que julgava muito próprios de si, como está anotado na apresentação de *Bagatelas*. (BA: 1961, p. 37).

O legado cultural de Lima Barreto é composto de várias partes e o fio condutor que move suas ideias é indivisível – seja na arte romanesca, no percurso pela imprensa ou nos escritos pessoais. Contudo, uma análise particularizada das crônicas, se observadas as relações com o conjunto da obra e o momento histórico-literário que Lima Barreto viveu, poderá trazer novos

[12] "Macaquitos" teve como inspiração, uma fotografia da equipe brasileira de futebol com feições de macacos publicada em um semanário argentino. A crônica foi publicada na *Careta* em 23.10.1920; nas *Obras completas* está no volume *Coisas do reino de Jambon*, p. 140, em *Toda Crônica*, vol. II, p. 224.

elementos para os estudos em torno de sua obra, como também para a historiografia literária das primeiras décadas do século XX.

Movida por essas razões, me propus ao "exercício" que sugere Antonio Arnoni Prado na epígrafe de entrada desta Introdução. A intenção foi a de buscar novos subsídios que contribuíssem para, também novos, esclarecimentos sobre as raízes que fecundam e povoam a contumaz crítica de Lima Barreto contra os discursos das elites de seu tempo, fossem elas políticas, sociais ou intelectuais.

Entre os passos que demos para desenvolver essa dissertação, o primeiro deles foi um bom exercício de leitura de alguns momentos importantes da biografia e dos escritos pessoais de Lima Barreto, bem como dos romances, dos contos, dos artigos e das crônicas que escreveu para a imprensa.

Em seguida, pelos caminhos da Crítica Literária e da Historiografia, buscamos informações sobre o contexto no qual viveu e atuou Lima Barreto como literato, uma vez que, como já afirmamos anteriormente, uma análise das injunções histórico-literárias que motivam um artista, seja ele um pintor, escultor, teatrólogo ou literato, são de suma importância para o exame de uma obra e de seu autor.

No texto que segue, "O contexto e o literato", ve3m exposta uma síntese dos resultados dos meus estudos iniciais, com os quais foram dados os primeiros passos no sentido de aprofundar o conhecimento sobre a obra e o ambiente literário que atou Lima Barreto, com o intuito de colher subsídios que levassem a termo a proposta desta Dissertação de Mestrado.

O CONTEXTO E O LITERATO

> Não seria exagero dizer que a cidade do Rio de Janeiro passou, durante a primeira década republicana, pela fase mais turbulenta de sua existência. Grandes transformações de natureza econômica, social, política e cultural, que se gestavam há algum tempo precipitaram-se com a mudança do regime político e lançaram a capital em febril agitação, que só começaria a ceder no final da década. (CARVALHO: 2000, p. 15).

Há na produção literária de Lima Barreto um projeto inovador que busca dar conta dos fatos nacionais, que, sob o impacto das grandes transformações ocorridas nas primeiras décadas republicanas, alteraram profundamente a prática social no cotidiano da sociedade brasileira, especialmente, na cidade do Rio de Janeiro, então Capital da República.

A prosa barretiana e seu autor, inovadores no estilo, na linguagem e no vocabulário, que ao longo de praticamente um século mantiveram vivos o seu frescor e o seu sentido, são partes de determinado tempo histórico-literário, cujo espaço, lugar social e campo intelectual permitiram a edificação do diálogo entre literatura-crítica-público leitor e explicam Lima Barreto social e literariamente.

Essa reflexão surgiu da leitura de Antonio Cândido, que afirma que um escritor,

> (...) numa determinada sociedade, não é apenas o indivíduo capaz de exprimir sua originalidade, (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. (MELLO E SOUZA: 2000, p. 67-68).

A partir dessas considerações, é dado a entender que uma obra literária não depende essencialmente da inspiração individual do artista, embora ela seja "única e insubstituível, na medida em que brota de uma confidência, um esforço, um assomo de intuição, tornando-se uma expressão"; ela se estabelece também a partir de elementos constitutivos do lugar intelectual e social que o artista ocupa na sociedade em que vive, cujo espaço geográfico que a abriga, marca literariamente todos os outros indivíduos que nele vivem. (MELLO E SOUZA: 2000, p. 127).

Nesse sentido, Cândido observa que não são só impulsos pessoais que movem a inspiração dos escritores, visto que,

> A *literatura* [13], porém, é coletiva, na medida em que requer uma comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam homens de um lugar e um momento – para chegar a uma "comunicação".
>
> Assim, não há literatura enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo (embora ideal), segundo um estilo (embora nem sempre tenham consciência dele); enquanto não houver um sistema de valores que enforme sua produção e dê sentido à sua atividade; enquanto não houver outros homens (um público) apto a criar ressonância a uma e outra; enquanto, finalmente, não se estabelecer a continuidade (uma transmissão e uma herança), que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo. (MELLO E SOUZA: 2000, pp. 127-128).

Sendo assim, antes de ir em busca dos significados que a prosa barretiana revela, faz-se necessário entender o papel das suas formas de "sociabilidade intelectual"[14], como também das suas relações com o tempo, a sociedade e o espaço onde emergiu.

Lima Barreto nasceu no período que congrega a passagem da escravidão para o trabalho assalariado – marco da entrada do Brasil na era industrial moderna –, a mudança do regime de governo e a desagregação da sociedade senhorial aglutinada por vínculos de clientelismo e parentesco instituídos desde o período colonial.

Todas essas transformações, ocorridas na passagem do século XIX para o XX, foram muito significativas no sentido de dinamizar o panorama nacional na política, na economia, no mercado de trabalho, na mobilidade social e nas práticas culturais.

Como foi anotado anteriormente, esse período caracterizou-se por uma grande movimentação de ideias científicas importadas da Europa, que, na maioria das vezes, os nossos intelectuais absorveram mal, ou de forma parcial, fragmentada e seletiva. O mesmo fato ocorreu em relação às ideias políticas do pensamento liberal, socialista, anarquista e positivista. "Tudo era, sem dúvida, um pouco louco. Mas havia lógica na loucura, como poderemos observar no exame do problema da cidadania", uma vez que os vitoriosos da República fizeram muito pouco pela expansão dos direitos civis. Em relação aos direitos sociais, pode-se dizer que houve até mesmo um retrocesso. (CARVALHO: 2000, pp. 42-46).

As cidades brasileiras e suas populações, especialmente as mais importantes, passaram a ter um crescimento muito rápido em função da busca de trabalho por imigrantes europeus que vieram substituir a mão-de-obra escrava e ex-escravos. Embora o Brasil

[13] Itálico - grifo do autor.
[14] Essa expressão é de Antonio Cândido; tomei de empréstimo porque entendi inspiradíssima para o escopo desta Dissertação.

permanecesse um país predominantemente rural e dependente da economia agrícola de exportação, durante as primeiras décadas republicanas, em oposição ao Império, fomentou-se não só a promoção de novas oportunidades na política e investimentos de capitais, como também a ascensão de novos segmentos sociais, especialmente o da burguesia urbana, à qual coube em grande parte o papel de reorganizar as funções do trabalho e das experiências sociais – públicas e privadas.

> No afã modernizador, as novas elites se empenhavam em reduzir a complexa realidade social brasileira, singularizada pelas mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão, ao ajustamento em conformidade com padrões abstratos de gestão social hauridos de modelos europeus ou norte-americanos. (SEVCENKO: 1997, p. 27).

De acordo com Sevcenko, mais inspirados na missão civilizadora europeia do que nos exemplos norte-americanos, esses modelos estavam em conformidade com a cultura "do urbanismo científico, da opinião pública esclarecida e da crença resignada na infalibilidade do progresso". Para as elites republicanas, era urgente estabelecer nexo com a cultura e as práticas sociais dos centros industrializados e culturais mais avançados, ainda que o ônus a ser pago fosse o cancelamento de todo nosso passado histórico, especialmente em relação às práticas sociais do período colonial e do Império, ou seja, "aos grupos sociais e rituais de cultura que evocassem hábitos de um tempo que se julgava para sempre e felizmente esquecido". (SEVCENKO: 1997, p. 28).

Esse fato que entusiasmava alguns ufanistas, na verdade abrigava grandes desarranjos para os moradores da cidade, não só pela diferença cada vez mais acentuada entre as elites e as classes menos favorecidas, em relação à oferta de trabalho e moradia, como também na sociabilidade cotidiana e familiar.

> Essa inadequação, embora instituída aqui como discurso, envolve uma problemática aguda que invadiu de maneira intricada a visão de todos aqueles que por motivos variados deixaram seus registros, observaram o modo de vida das classes populares, penetraram em suas casa. O difícil é superar a barreira imposta pelo filtro dos cronistas, dos sanitaristas, ideólogos da nova cidade; sobretudo porque a cidade moderna devia ser entendida como uma cidade sem memória, sem tradições e os laços que a uniam ao passado. (WISSSENBACH IN – NOVAIS. 1997. p. 97).

Nessa passagem das relações senhoriais para as capitalistas, o discurso civilizador que se instituiu, estabeleceu significativas mudanças, não só em relação a uma nova sociedade urbana, como também entre alguns segmentos da antiga sociedade rural que começaram a se deslocar do campo para as cidades.

Às famílias dos fazendeiros interessava usufruir do conforto e dos muitos prazeres que o progresso das cidades passou a oferecer. Para os chefes políticos regionais, viver na cidade significava desempenhar suas funções políticas mais perto do poder central, assim como para pessoas de camadas intermediárias, tentar a vida nas cidades representava uma forma de manter seus antigos vínculos com a elite agrária.

Grande parte dessas populações buscou abrigo em centros mais desenvolvidos e na Capital Federal; as cidades incharam de tal modo que, a densidade populacional da Capital federal, por exemplo, que em 1890 abrigava de 500 mil habitantes, em 1920 já tinha dobrado essa população.

Em contrapartida, não houve uma correspondência na expansão da infraestrutura, acentuando ainda mais as desigualdades sociais que se faziam presentes.

> Mais do que isso, as transformações se deram no contexto de urbanização abrupta que se cimentava em formas improvisadas, levando o viver nas cidades a ser marcado pelas contingências de um provisório que muitas vezes se convertia em estruturas perenes. (WISSSENBACH IN – NOVAIS. 1997, pp. 91-92).

Por falta de moradias, pessoas vindas dos mais diversos lugares do Brasil, que se deslocavam de seus lugares de origem para os grandes centros em busca do ganha-pão; destacadamente, ex-escravos que viviam amontoadas em cortiços, em velhos casarões coloniais, ou ainda casebres construídos em áreas insalubres sem a menor infraestrutura. Essas habitações coletivas, em muitos casos semelhantes a pocilgas, causavam medo e desespero à sociedade e às autoridades, na medida em que se transformaram em núcleos de bandidagem e transmissão das mais diversas doenças contagiosas e epidêmicas.

A esses ex-escravos, juntavam-se imigrantes estrangeiros que haviam sido atraídos para o Brasil, em função das oportunidades oferecidas para mão-de-obra livre. Havia ainda aventureiros, vagabundos, ladrões, prostitutas, militares desertores e toda uma ordem de gente desocupada que em busca da sobrevivência, cotidianamente, invadia os logradouros públicos da cidade, alterando a paisagem urbana e a vida social da *Belle Époque* na capital do país.

Desprezados pela sociedade e desamparados pelo poder público, formavam uma massa de pessoas indisciplinadas e desqualificadas profissionalmente, muito semelhantes às indesejadas "classes perigosas" das quais muito já se falava na primeira metade do século XIX. [15]

O medo que aterrorizara a sociedade frente à rebeldia doméstica, fugas e revoltas coletivas de escravos no período que antecedeu a Abolição, dirigia-se agora para essas novas populações urbanas.[16] Tratava-se de uma multidão composta por fisionomias de múltiplas etnias, desde o europeu, o indígena e o africano e seus descendentes, até o nacional pobre, passando pelas diversas composições de mestiçagem, especialmente o mulato que, livre de tutelas diretas podia, no público e no privado, dar vazão aos seus anseios de vida cotidiana e expressões culturais, muito distintos dos regramentos promovidos pela moral burguesa.

Grande parte dessas populações advindas dos mais diferentes lugares sociais que, nesse período, o Rio de Janeiro republicano recebeu, iria viver pela primeira vez os dilemas da convivência social burguesa.

> Assim o que importa assinalar é que, ao contrário dos projetos que tentaram organizar a paisagem urbana, numa paisagem única, ela oferece centenas de meandros, ressurgindo multifacetada especialmente ao se levar em conta outras estratégias de sobrevivência, outras sociabilidades que não só as das classes dominantes. (WISSSENBACH IN – NOVAIS 1997, p. 117).

As tradicionais formas da sociabilidade, representadas pela família, vizinhança, compadrio e tutelagem foram substituídas de forma drástica por outras novas, estas, instituídas e impostas pela mentalidade burguesa às populações das maiores cidades brasileiras tanto na vida pública quanto na vida privada. Na mesma medida em que o ambiente doméstico perdia seu *status* de importância e intimidade, se alargavam os domínios da convivência familiar nas ruas e nos ambientes públicos. (D´INCAO IN – DEL PRIORE. 2000, pp. 223-240).

Tomando por base os conceitos de Jürgen Habermas [17] sobre o público e o privado, Sevcenko associa esse momento da nossa história ao desenvolvimento, de um lado, do "grande espaço público" – dos salões, dos teatros e da imprensa[18] –, e de outro, ao processo de

[15] Sobre as chamadas "classes perigosas" ver especialmente: CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril. Cortiços e epidemias na Corte Imperial.* SP: Cia das Letras, 1996. (p. 20 e seguintes).
[16] Sobre este fato ver: AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites, século XIX*. RJ: Paz e Terra, 1987.
[17] Os conceitos de Habermas aos quais Sevcenko se refere estão no texto: "A família burguesa e a institucionalização da esfera privada referida à esfera pública". IN – CANEVACCI, Massimo (org.). *Dialética da família.* SP: Brasiliense, 1984. (p. 223-234).
[18] Nesse contexto, Habermas situa a imprensa como a mediadora crítica do comportamento da família burguesa, uma vez que nesse segmento social se situava o maior contingente de leitores de romances publicados em diários e semanários, pois, "o leitor

"privatização" que, a exemplo das sociedades europeias dos séculos XVII, XVIII e XIX, caracterizava-se como:

> (...) uma emancipação psicológica da consciência burguesa, derivada da progressiva autonomia dos indivíduos no mercado capitalista e dos cidadãos na ordem política representativa. Ambos esses desenvolvimentos têm, portanto, uma mesma e inseparável raiz histórica, em razão da qual eles só poderão ser interpretados em suas relações recíprocas: assim como a privacidade de um se funda na dimensão pública do outro, e a subjetividade do indivíduo se refere desde o início à esfera pública. (SEVCENKO: 1997, p. 29).

A abertura da Avenida Central, que mais tarde passou a se chamar Rio Branco, foi determinante na redefinição dos espaços públicos e privados na Capital Federal, pois havia, naquele momento, um "panorama ideal" para tornar tanto a participação dos indivíduos na esfera pública, quanto "o gozo da privacidade", um privilégio de poucos.

Contudo, a feição cosmopolita que as regiões centrais da Capital Federal adquiriram em decorrência das reformas urbanas, não alcançou o controle do espaço público desejado pela administração da Capital Federal, visto que, diferentes indivíduos, de segmentos mais baixos da sociedade, criaram alternativas para "ampliar seus sentidos de pertencimento à coletividade e de autonomia individual". (SEVCENKO: 1997, p. 31).

No mesmo momento em que surgiram os bairros residenciais, a exemplo de Botafogo, formando um eixo elegante com a região central da cidade, e novas práticas encetadas em relação aos espaços públicos e privados, as elites deram as costas para alguns espaços mais distantes que lembravam o passado colonial e imperial. O inchaço dos bairros como Campo de Santana, São Cristóvão e Engenho Velho, onde as camadas médias, pobres e miseráveis se instalaram, após a derrubada de suas moradias das áreas centrais, foram os pontos de partida para o grande crescimento da zona suburbana.

Foi nesse momento que por meio das estações de trem Central do Brasil e Leopoldina, as vivências da burguesia urbana romperam os limites urbanos e se alastrou para as zonas mais afastadas da cidade. Dessa forma, os moradores dos bairros e subúrbios servidos pelos trilhos dessas ferrovias, foram aos poucos adaptando seus costumes cotidianos e sociabilidade àqueles praticados pela nova ordem social burguesa. Seguiu-se então, um "certo antagonismo" entre a "cidade, os bairros aristocráticos, de gente fina supercivilizada, e o

---

participante repete as relações privadas descritas pela literatura; completa a intimidade fingida com dados extraídos da intimidade da experiência real e se relaciona com a primeira olhando para a segunda". HABERMAS IN – CANEVACCI 1984. (p. 234).

subúrbio com sua pequena burguesia, de costumes simples". Em 16 de abril de 1902, o pequenino jornal *Progresso Suburbano* comentava ser a vida suburbana "mais tranquila, mais suave e mais amorosa, poética e doirada", em face dos incômodos que se viviam nas áreas mais cosmopolitas da cidade. (BROCA: [s.d.], p. 5-6).

Nessa circunstância, paralelamente à formação de uma pequena burguesia, nas regiões suburbanas, deu-se a ampliação dos "sentidos de pertencimento à coletividade e de autonomia individual". Na opinião de Sevcenko, esse fato ocorreu em função de hábitos e costumes determinados pelo discurso da elite burguesa, que foram integrando-se à vida simples do cotidiano dos subúrbios, cujo efeito foi a vivência de experiências coletivas, até então desconhecidas pela sociedade desses arrabaldes. (SEVCENKO: 1997, p. 31).

Muito conhecida de Lima Barreto, a população dos subúrbios, chamada por ele de "alta sociedade suburbana", foi descrita com muita ironia em diversas passagens de sua obra, como a vem abaixo do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

> É uma alta sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios. Compõe-se em geral de funcionários públicos, de médicos com alguma clínica, de tenentes de diferentes milícias, nata essa que impa pelas ruas esburacadas daquelas distintas regiões, assim como nas festas e nos bailes, com mais força que a burguesia de Petrópolis e Botafogo. Isto é só lá, nos bailes, nas festas e nas ruas (...) Fora dos subúrbios, na Rua do Ouvidor, nos teatros, nas grandes festas centrais, essa gente míngua apaga-se, desaparece, chegando até as suas mulheres e filhas a perder a beleza com que deslumbram, quase diariamente, os lindos cavalheiros dos intermináveis bailes diários daquelas redondezas. (PQ: 1959. pp. 36-37).

Acompanhando a implantação do regime republicano, o espírito francês da *Belle Époque* invadiu o ideário das novas elites urbanas, cuja febre de mundanismo afetou os hábitos, os costumes e a geografia das grandes cidades brasileiras.

Sevcenko anota que essas mudanças, também atreladas à febre do capitalismo internacional, afetaram na prática social "desde a ordem e as hierarquias sociais até (...) a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento de outros seres humanos" foram estimuladas pelo capitalismo internacional (SEVCENKO: 1997, p. 7).

Antonio Cândido, diz que nesse período, o espírito da vida burguesa no Brasil, e a maneira como as pessoas interpretavam o mundo ao seu redor, se desenvolvia "sob impulsos dominantemente literários" e esses, na contrapartida, inspiravam-se nas representações da *Belle Époque* brasileira e na maneira que a sociedade percebia a vida, "não como ela era, mas como a elite gostaria que fosse". (MELLO E SOUZA: 2000, p. 121).

Nesse sentido, o brasilianista Jeffrey Needell observa que João do Rio, e outros literatos brasileiros do início do século XX, foram mestres nessa arte, "contribuindo da maneira mais agradável possível" para que a elite tomasse consciência de si mesma, ao mesmo tempo que colaborava para legitimá-la, como no trecho abaixo, retirado do seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1910.

> A crescente pressão da superfluidade, a formidável flor do parasitismo e vício do amor, a vida dos sentidos multiplicada por cem, obrigam o artista a ver e sentir de outra maneira, a amar de outro modo, a se divertir de outra forma [...]. A aspiração dos novos artistas deve ser a de capturar, através de suas próprias personalidades, o grande momento da transformação social de seu país no milagre da vida contemporânea. (NEEDELL: 1993, pp. 239-245)

Nesse contexto particular da nossa história sociocultural em que o Rio de Janeiro já se havia transformado em *Cartão Postal* do Brasil, o mundo literário carioca se adaptava cada vez mais, e muito bem, ao estilo de vida que as elites republicanas desejavam implantar à sociedade brasileira. Com a construção da Avenida Central – moderna e elegante –, e das ruas largas que substituíram as vielas e becos do antiquado centro do Rio de Janeiro, às principais figuras da última geração boêmia do final do XIX, que, invariavelmente, se reuniam nos finais de tarde na Rua do Ouvidor e cercanias, só restou como opção a atitude de se aburguesar.

A geração de autores do início do século XX não mais compreendia a atitude de um artista morrer de fome na porta de uma confeitaria ou de um café, na esperança de que alguém lhe pagasse uma refeição, tão pouco que um "escritor sacrificando tudo pelo ideal literário e fazendo uma própria vitória do seu desasjutamento no ambiente social"; da mesma forma que na Academia Brasileira de Letras,

> (...) sob o signo de Machado de Assis exigia-se uma prova de compostura que, se tornara imprescindível para a admissão ao novo grêmio, que desde o início se revestira de uma dignidade incompatível com os desmandos da boêmia. (BROCA: [s.d.], p.7-8).

Diversamente da literatura do início do século XIX, quando nossos literatos contribuíram para a formação de uma consciência nacional, às portas do novo século, a literatura se caracterizava por uma acentuada inconsciência a respeito de toda a transformação pela qual passava a sociedade brasileira, nos seus diversos níveis, ajustando-se tão somente, "à superfície da vida burguesa, sem pressentir as novas exigências de sensibilidade e conhecimento, percebidas por alguns". (MELLO E SOUZA: 2000, p. 122).

Salvo uma minoria de nomes de peso que sobrevivera à fase anterior, e de alguns novos, que assistia com perplexidade a entrada compulsória dos hábitos e do gosto burguês, cada vez mais transparente no padrão de aformoseamento da cidade, o grupo de escritores que abriu o século XX, em grande parte, era afetado no seu fazer literário.

A maioria dos artistas das letras nacionais, especialmente os poetas, cujo sonho era viver e morrer em Paris, dedicava-se a produzir uma literatura inspirada nos padrões estéticos franceses. Alienados de nossa realidade e condicionados aos modelos europeus, alimentavam o encantamento estético do romance elegante, a euforia verbal da tradição greco-latina, o narcisismo, os *divertissements* picantes e os comentários da moda, muito ao gosto da cultura da *Belle Époque* carioca. Os escritores superestimavam a modernização da cidade, atribuindo a ela, "em contos, romances e crônicas, ambientes e tipos que na realidade aqui não existiam", mas, que a "grande literatura" reclamava como elementos imprescindíveis para agradar seus leitores. (BROCA: [s.d.], p. 5).

Nesse contexto, em que a célebre frase de Figueiredo Pimentel [19] "O Rio civiliza-se" vinha ao encontro de outra, tão melíflua quanto – "A literatura é o sorriso da sociedade", de Afrânio Peixoto, entre outros nomes que demonstravam quão típica era essa atitude. Jeffrey Needell cita os de Olavo Bilac, Coelho Neto, Elísio de Carvalho e João do Rio, cuja escrita mergulhava "conscientemente nas reluzentes fantasias modernas do período, para depois agradar ou ensinar os leitores cariocas a este respeito", quer fosse na imprensa ou na literatura. (NEEDELL: 1993, pp. 243-248). [20]

Em comparação com o período modernista, Antonio Cândido afirma que a produção literária entre 1900 e 1922 surge "essencialmente como literatura de permanência", conservando e elaborando os traços que se desenvolveram depois do Romantismo, "sem dar origem a desenvolvimentos novos; e, o que é mais, parece acomodar-se com prazer nessa conservação", uma vez que se mostrava como uma literatura

> (...) satisfeita, sem angústia formal, sem rebelião nem abismos. Sua única mágoa é não parecer de todo europeia; seu esforço mais tenaz é conseguir pela cópia o equilíbrio e a harmonia, ou seja, o academismo. (MELLO E SOUZA: 2000, p. 122).

[19] Sobre a coluna "O Binóculo" escrita por Figueiredo Pimentel na *Gazeta de Notícias*, há um comentário de Lima Barreto na crônica "Os nossos jornais", publicada na *Gazeta da Tarde* em 18.10.1911; (na Coleção Brasiliense, está no volume *Vida urbana*, p. 53).

[20] Needell observa que foi Bilac o introdutor das tendências dominantes da *Belle Époque;* como este, Coelho Neto produzia aquilo que mais agradava aos leitores de maneira rápida; Elisio de Carvalho, um esteta, ficava a meio caminho entre Figueiredo Pimentel e João do Rio, exemplificando a *boêmia dourada* dos 1900 que mantinha "concubinato" com o mandarinato das letras do período; e que João do Rio utilizando a imprensa, cada vez mais reproduzia os meios dos quais, grande parte elites tirava a forma e o conteúdo da sua cultura.

Em meio à nossa República das Letras estrearam no cenário da literatura Euclides da Cunha e Lima Barreto. Ensejando uma renovação, ambos apresentavam um projeto criador que inovava na forma de expor as fraturas da sociedade brasileira, malgrado fosse romper com os valores literários vigentes e em afrontar o improvisado *glamour* europeizante tão em voga, mas muito afastado da verdadeira conjuntura nacional.

Donos de uma percepção invulgar da realidade nacional, seus nomes chegaram aos dias atuais consagrados no panteão da nossa literatura, enquanto outros descompromissados com uma cultura literária genuinamente nacional, hoje têm seus nomes pouco lembrados e até mesmo desconhecidos.

Euclides e Lima não cogitaram na formação de um grupo ou movimento; em comum tinham somente uma atitude intelectual dissonante em relação a seus pares mais conservadores, tanto na prática literária quanto no fazer a crítica às políticas republicanas e às frivolidades da sociedade brasileira.

Ninguém mais que do que esses dois escritores apresentaram "tantos e tão significativos elementos para a elucidação das tensões históricas cruciais do período, e de seus dilemas culturais", embora houvesse um contraste "irremissível que opunha a obra de um à de outro". Sevcenko anota que o contraste entre Euclides da Cunha e Lima Barreto centrava-se,

> (...) nos processos de elocução radicalmente opostos de cada escritor, ele se estendia para todo o conjunto de sua produção literária, atestando um estranho e completo divórcio intelectual entre dois autores, cujas condições gerais de vida e cuja militância pública denotavam uma enorme semelhança. (SEVCENKO: 1983, p. 32).

No prefácio de *Literatura como missão*, Francisco de Assis Barbosa afirma que Sevcenko escolheu esses dois literatos como forma de evidenciar, a partir da distância de ambos da maioria de seus compartes, o fosso que havia entre os intelectuais e a classe política naquela época. (ASSIS BARBOSA: IN – SEVCENKO, 1983 p.16).

Embora essa afirmação seja de cunho personalíssimo, em relação aos desajustes literários anotados acima, Assis Barbosa ressalta vários momentos de interseção entre os autores de *Os sertões* e *recordaçoes do escrivão Isaias Caminha*, começando pelo fato de que ambos desenvolveram uma literatura militante apoiada em bases políticas e sociais, ou seja, endereçadas contra a prática literária "beletrista", como também nas desabusadas críticas desfechadas contra o regime republicano, porquanto,

> (...) possuíam a consciência de que alguma coisa tinha de ser feita pelos escritores a serviço do povo brasileiro, para retirá-lo da situação de miséria e ignorância em que vivia, abandonado pelos governos, consequência da própria organização social e política do país, quer sob o Império, quer sob a República. (ASSIS BARBOSA: IN – SEVCENKO, 1983 p.16).

Nesse ambiente, em que grande parte dos nossos literatos mantinham-se afastados das questões políticas e sociais, era natural que a obra de Lima Barreto surgisse "à meia distância de uma tensão bem mais aguda: a tensão da permanência do velho estilo como forma de expressão da nova realidade". Acompanhando essa transição, a literatura brasileira dava os primeiros passos no sentido "de reavaliar atitudes em face da mudança sob muitos aspectos radical no enfoque da realidade", dito de outro modo,

> (...) seus escritos despontam num período marcado pelo confronto entre a emergência de um novo estilo e as imposições concretas de uma realidade que não podia mais ser vista a partir da ótica dos velhos modelos. (ASSIS BARBOSA: IN – SEVCENKO, 1983 p.16).

Irreverente com o "mandarinato" das letras, desdenhando e ridicularizando, à maneira de Emílio de Menezes e B. Lopes [21], a Academia Brasileira de Letras fundada e comandada por Machado de Assis, Lima Barreto não media palavras ferinas contra respeitáveis membros das nossas letras, como as que se seguem, registradas entre suas anotações pessoais, no ano de 1905, a respeito do cenário das letras brasileiras:

> É incrível a ignorância dos nossos literatos; a pretensão que eles têm não é secundada por um grande esforço de estudos e reflexão.
>
> Presumidos de saber todas as literaturas, de conhecê-las a fundo, têm repetido ultimamente as maiores sandices sobre o (Máximo) Gorki, que anda encarcerado na Rússia, por motivo dos levantes populares. Há dias, conversando com o (*Bastos*) Tigre, ele me disse que esse Gorki nada valia – escrevera uns contos, coisas de fancaria socialística. É incrível, mas é verdade. (**DI:** 1963, p. 99). [22]

Seguindo adiante, tece as seguintes considerações:

> Eu tenho notado nas rodas que hei frequentado, (...) uma nefasta influência dos portugueses. (...) Ajeita-se o modo de escrever deles, copiam-se-lhes os

[21] MENEZES, Emílio Nunes Correia de (PR, 1866 - RJ, 1918): poeta parnasiano. Mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1887, onde fundou o jornal *Folha Popular*. Entre 1892 e 1917 colaborou nos periódicos cariocas *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Notícias*, *Cidade do Rio*, *Revista Ilustrada*, *O Debate*, *Kosmos*, *Fon-Fon* e *O Pirralho*. Publicou seu primeiro livro de poesia, *Marcha Fúnebre*, em 1883. LOPES, Bernardino da Costa (RJ, 1859 - 1916): poeta parnasiano.
Apesar do desprezo que Lima Barreto e Emilio de Menezes devotavam à ABL, ambos foram bater às suas portas; enquanto Menezes alcançou o mérito em 1914, Lima obteve apenas uma menção honrosa por seu romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá.*

[22] Os grifos entre ( ) e em itálico são meus.

> cacoetes, a estrutura da frase, não dentre eles um que conscientemente procure escrever como o seu meio o pede e o requer, pressentindo isso na tradição dos escritores passados, embora inferiores. É uma literatura de *concetti*, uma literatura de clube, imbecil, de palavrinhas, de coisinhas, não há neles um grande sopro humano, uma grandeza de análise, um vendaval de epopeia, o cicio lírico que há neles é mal encaminhado para a literatura estreitamente pessoal, no que de pessoal há de inferior e banal: amores ricos, mortes de parentes e coisas assim. (DI: 1963, p. 100). [23]

Praticando uma literatura militante, Lima ousou desafiar os valores estabelecidos e descrever em seus romances, contos e crônicas, o bovarysmo [24] que reconheceu no imaginário da Capital Federal, e que tanto incomodou os pilares da nossa cidadela letrada.

Vivendo entre dois mundos: o dos subúrbios e o das zonas mais nobres do Rio de Janeiro, dividindo sua vida profissional entre as funções de amanuense, na Secretaria da Guerra, a vida literária e sua participação como cronista na imprensa do Rio de Janeiro. Dia após dia, Lima Barreto reuniu os acontecimentos da cidade aos de sua vida pessoal e, através da arte de escrever, os transformou em um meio de confronto com as políticas fantasiosas, engendradas pelas elites, em relação à sociedade e à cultura da jovem nação brasileira.

Ao escancarar o lado distorcido da literatura "sorriso da sociedade", não poderia alcançar sucesso entre literatos que se dedicavam a escrever exclusivamente para uma elite contrafeita às fraturas sociais de seu tempo. Mostrar a realidade lhe custou caro. O que seria tal realidade? Não seria a realidade "segundo seus olhos"?

No que se refere às tendências críticas desse momento literário, Antonio Candido as descreve como um reflexo das exercidas entre 1880 e 1900, prolongando-se "sem a coerência e sem a necessidade". As três principais figuras desse período foram Silvio Romero, Araripe Junior e José Veríssimo, que haviam "desenvolvido e apurado a tendência principal do nosso pensamento crítico, isto é, aquilo que se poderia chamar a *crítica nacionalista*, de origem romântica", a qual tinha como elemento fundamental para avaliação de um literato, "o grau maior ou menor com que exprimia a terra e a sociedade brasileira". (MELLO E SOUZA: 2000, pp. 106-107).

Diversamente da posição desses mestres do final do século XIX, na opinião de Antonio Cândido, "não havia disposição para o novo" na perspectiva da crítica exercida entre 1900 e 1922; é, portanto, fato compreensível que não se empreendessem esforços no sentido de

[23] Tanto as primeiras, quanto essas considerações constam das anotações do ano de 1905, mas não estão datadas.
[24] "Bovarysmo" é um termo do filósofo e crítico literário francês Jules Gualtier, com o qual descreve a distorção de personalidade da personagem principal do romance *Madame de Bovary*, de Gustave Flaubert, como um mal que se generalizou na vida urbana nos tempos modernos. Ver crônica "Casos de Bovarysmo", no Volume II desta Dissertação.

analisar o projeto literário de Lima Barreto como parte coerente do conjunto literário desse período.

O fato é que o antagonismo entre os bairros elegantes dos supercivilizados, e as mazelas do povo com que Lima Barreto era obrigado a conviver diariamente, quando se deslocava dos subúrbios para as regiões centrais da cidade, e que tão bem ilustra sua obra, custou-lhe não só a recriminação da crítica, como também um lugar equívoco, ou seja, um isolamento numa espécie de limbo, no qual foram inscritos outros nomes que mais tarde, como o seu, ganharam notoriedade no campo literário desse período.

Entretanto, nenhum desses fatos deteve a vontade de alcançar o êxito literário. Como revelou na crônica "Amplius", escrita em 1916, era o silêncio e não a crítica negativa que o amargurava.

> Quem, como eu, logo ao nascer está exposto à crítica fácil de toda gente, entra logo na vida, se quer viver, disposto a não se incomodar com ela.
>
> A única crítica que me aborrece é a do silêncio, mas esta é determinada pelos invejosos impotentes que foram chamados a coisas de letras, para enriquecerem e imperarem. Deus os perdoe, pois afirma Carlyle que *"men of letters are a perpetual priesthood..."* (HS: 2000, p. 21). [25]

Sua aspiração maior era ser reconhecido como literato, revolucionar as letras nacionais e introduzir o romance militante no Brasil – "o romance da crítica social sem o doutrinarismo dogmático" de Graça Aranha, como definiu Monteiro Lobato. E assim o fez. (ASSIS BARBOSA: IN Prefácio IC, p. [18]).

Ainda que, pela história de sua vida família, conhecesse muito bem os caminhos do favor e do apadrinhamento, os mesmos mecanismos de promoção pessoal que havia desnudado em *Recordações do escrivão Isaias Caminha*, Lima Barreto nunca lançou mão deles. Sem alternativas para alcançar o destaque e a ascensão social que o reconhecimento de sua literatura lhe pudesse outorgar, restaram-lhe como alternativa os dolorosos caminhos da pobreza, dos constrangimentos e do isolamento forçado.

Singular entre seus pares, e dono de um discurso particularíssimo, ao longo de sua carreira, edificou um projeto literário singular, porém conflitante com os de seus contemporâneos, ao girar 180 graus o ponto de observação da sociedade carioca.

[25] CARLYLE, Thomas (1795-1881), historiador, crítico e filósofo escocês, era defensor da escrita da história baseada na figura do herói individual.

Uma literatura independente dos fundamentos estéticos que regiam o fazer literário, e que, para além disso, propunha-se a debater temas não-usuais, a partir de personagens incômodas e perturbadoras como: Isaías Caminha, Policarpo Quaresma, Cassi Jones e Clara dos Anjos, no romance; Raimundo Flamel, Cló, Gabriel e a "Espanhola", no conto; e o Dr. Passinhos (Pereira Passos), as "feministas" e a "mulher brasileira", na crônica, não poderia deixar de despertar mal-estar entre críticos encastelados em pressupostos em desacordo com a nova mentalidade republicana.

Esses pressupostos nos ajudam a entender como a aparente desvinculação do projeto criador de Lima Barreto com os paradigmas de seu tempo despertaram no meio literário um sentimento de desaprovação. Indo mais fundo ao âmago dessa questão, é preciso ter em mente que, se de início o sentimento que movia a crítica não passava de estranhamento circunstancial, mais tarde, frente aos desregramentos e ao temperamento problemático do escritor, transformou-se em preconceito.

Como Lima Barreto respondia às ideologias vigentes no seu tempo? Que papel creditava a si no cenário literário? Como observava a família, a educação, a imprensa, a política, a diplomacia, enfim, as diversas instituições brasileiras? Responder a essas questões através de uma leitura comentada de suas crônicas foi uma proposta plausível para tal tarefa; contudo, na inviabilidade de analisar aproximadamente 600 crônicas, ficou estabelecido o recorte da coletânea do volume *Bagatelas*, pelo fato que a escolha dos textos foi elaborada pelo próprio cronista.

1. RESUMO EDITORIAL DA OBRA DE LIMA BARRETO

Ao longo da minha investigação no sentido de buscar os elementos que determinaram o projeto literário de Lima Barreto, se interpôs uma necessária análise do percurso editorial de sua obra. Porquanto, sua obra incorpora os mais diversos gêneros – folhetim, romance, conto, sátira, crítica literária, artigos, crônica, ensaios para teatro, anotações pessoais e espitolografia, essa verificação formou uma complexa rede de informações editoriais que inclui manuscritos, livros, jornais, revistas, livretos de humor e fascículos.

Para tanto, foi desenvolvido um longo trabalho de pesquisa cujos resultados foram surpreendentes e ilustrativos; embora, em função das fontes consultadas, em alguns momentos estes tenham apresentado equívocos e contradições, embora, na mesma medida, ofereceram as primeiras conclusões. Entre estas, a revelação de que há dois momentos muito distintos, separados por duas décadas, no que diz respeito, especificamente, à publicação de livros e à crítica exercida sobre o nome de Lima Barreto.

O fato que mais surpreendente foi o de como são esparsas e confusas as informações e as análises sobre o percurso intelectual e editorial de Lima Barreto. Ficou manifesto, dessa forma, que há ainda muito por organizar, estudar, analisar e até mesmo, se permitem o atrevimento do comentário, retificar algumas informações e análises sobre tão importante acervo da nossa cultura literária, especialmente sobre o conjunto de contos que está por merecer uma catalogação e um estudo crítico.

Por essas razões, senti que seria imperioso desenvolver um método de organização dos dados coligidos, que rendesse bons frutos para o escopo desta Dissertação, bem como para estudos posteriores sobre a complexa obra de Lima Barreto.

O primeiro passo foi por em ordem cronológica todos os eventos editoriais, de qualquer natureza, que havia sido encontrado. Para tal, foi escolhida como modelo a “Sinopse cronológica”, em apêndice na biografia de Lima Barreto elaborada por Assis Barbosa. Como suporte bibliográfico utilizei os volumes da Coleção Brasiliense – *Diário íntimo, Correspondência Tomos I e II, Bagatelas, Coisas do Reino de Jambon, Marginália, Feiras e Mafuás, Vida urbana e Impressões de Leitura*. No que diz respeito, especificamente ao percurso na imprensa, a *História da imprensa no Brasil* de Nelson Werneck Sodré me serviu como um riquíssimo guia de informações, não só sobre o período que abrange a militância jornalística de Lima Barreto, como também, do próprio literato.

Esse primeiro esforço não ofereceu resultados conclusivos, pois, a diversidade de informações tornou a leitura confusa e truncada. Entretanto, ficou claro que manter a ordem cronológica era inquestionável, da mesma forma que, seria oportuno deixar de lado a produção de contos para momentos futuros de estudos.

As etapas que se seguiram foram: dividir os dados recolhidos em dois grupos de publicação – “livros” e “imprensa” e subdividir os livros em períodos de publicação “em vida” e “póstumos”, e o percurso da imprensa em “folhetins, livretos e fascículos” e “artigos e crônicas”, como vem descrito a seguir.

1.1- Livros

Lima Barreto publicou em vida cinco livros – quatro romances e uma antologia de contos –, que embora tenham sido bem vendidos, tiveram reconhecimento literário desigual. Para publicá-los, com exceção de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Histórias e sonhos* fez empréstimos com agiotas e junto à Secretaria da Guerra, este último, descontado durante anos diretamente na sua folha de pagamento.

Os entraves que Lima Barreto encontrou não foram um privilégio só dele. Machado de Assis e Coelho Neto, entre outros, também tiveram que conviver a precariedade e as limitações do mercado livreiro no Brasil.

As principais casas editoras do Rio de Janeiro na época eram as dos Laemmerts, dos irmãos Garnier, Francisco Alves, Jacinto e Quaresma. [26] Em São Paulo, havia as livrarias Acadêmica, a Garraux - filial da Garnier; a Teixeira e a Revista do Brasil fundada por Monteiro Lobato em 1916 que publicou *M. J. Gonzaga de Sá*, o último romance de Lima Barreto. (HALLEWELL : 1985. p. 222).

Todas pagavam quantias irrisórias pelos direitos autorais, e mesmo assim, quando tinham certeza do sucesso do autor e, conseqüente, da venda. Esse fato é notável, por exemplo, no caso de Machado de Assis, que vendeu aos irmãos Garnier, em 1899, a propriedade inteira de sua obra literária pela quantia de oito contos de réis. [27]

Não era raro os para escritores da época, especialmente para os novos, serem obrigados a ceder seus manuscritos para casas as publicadoras brasileiras, ou européias,

> (...) gratuitamente, só pelo prazer de vê-los publicados. Foi o que aconteceu com Lima Barreto, em 1907 oferecendo por intermédio do amigo Antonio Noronha Santos, os originais de "Recordações do escrivão Isaias Caminha" a um livreiro daquele país[28]. (BROCA: [s. d.], p. 142)

A publicação de *Recordações do Escrivão Isaias Caminha* foi uma conquista preciosa para a vida literária de Lima Barreto. Os dissabores causados pela crítica, pelas limitações editoriais,

[26] Pedro da Silva Quaresma, que se instalara desde 1897 na Rua São José, publicava romances de escritores de terceira categoria, mas de cunho essencialmente popular, em brochuras de preço muito barato, ao alcance de qualquer um. A "Edição Quaresma", como era conhecida, se espalhava por todos os cantos do Brasil, desde o Rio de Janeiro até os mais distantes rincões do país. IN – BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil –1900*. RJ: MEC/Serviço de Documentação, [s.d].

[27] Só como ilustração, para termos a noção exata do valor de venda dos originais de Machado a Hypolite Garnier, vejamos as seguintes cifras: um tratamento de cura da tuberculose em terceiro estágio, que levava de seis meses a um ano, conforme anúncio no jornal da clínica do Dr. Platão de Albuquerque custava de um a dois contos de réis; uma consulta simples 30 mil réis.

[28] O país é Portugal.

além das mazelas pessoais que ainda viria a enfrentar, não foram empecilhos para manter vivas suas aspirações literárias. Sacrificando-se por inteiro pela literatura, viveu intensamente por ela.

Fiel à sua vocação de escritor, construiu, passo a passo, uma obra que congrega os mais variados gêneros, cujo projeto, é assinalado por "uma admirável linha de coerência que norteou o seu pensamento literário e toda a sua carreira profissional de escritor." (ASSIS BARBOSA: RIC, p. [18]), cujos conceitos estão expostas na crônica "O destino da Literatura". [29]

Como já foi dito anteriormente, o percurso de publicação dos livros de Lima Barreto congrega dois períodos, que abaixo se descrevem.

- *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*: foi o romance de estréia. Seu talento foi de imediato reconhecido, mas não agradou à crítica que não viu mais do que um romance *à clef* [30] do qual transparecia um sentimento negativo contra *O Correio da Manhã*, onde Lima Barreto havia trabalhado entre abril e junho de 1905. Foi nesse jornal, e período, que o folhetim "D. Garça" foi publicado junto com uma série de artigos/reportagens sobre a derrubada do Morro do Castelo. [31]

Como já foi anotado acima, Antonio Noronha Santos intermediou a publicação do romance em uma casa publicadora de Lisboa.

> -1909 – Livraria Clássica Editora, de A. M. Teixeira & Cia., Praça dos Restauradores nº. 20, Lisboa;
> -1917 – 2ª edição, revista e aumenta, pela Tipografia dos Tribunais, Rua do Carmo nº. 55, Rio de Janeiro;
> -1917 – nova tiragem da 2ª edição, revista e aumentada, com fotografia do autor na capa, pela A. de Azevedo & Cia Editores, Rua Uruguaiana nº. 29 e Senador Dantas nº. 120, Rio de Janeiro.[32]

- *Triste fim de Policarpo Quaresma*: é o título que congrega o êxito mais notório e a maior popularidade da carreira literária de Lima Barreto. O percurso editorial deste romance, embora sem uma cronologia coerente, está toda registrada na caderneta que registrava suas anotações pessoais. [33]

---

[29] A crônica "O destino da Literatura" foi publicada na *Revista Souza Cruz* (RJ), nºs 58 e 59 de outubro e novembro de 1921. Na Coleção Brasiliense está no vol. *Impressões de Leitura* (p. 51).

[30] *Roman à clef* – é um gênero do romance francês moderno, de ficção didática imediatista, na maioria das vezes, para divulgação de idéias sociais e políticas. As personagens eram reais com nomes fictícios, dessa forma, os leitores identificavam facilmente "a chave" do enredo. Passado o calor da hora, o fato que lhe havia dado origem não era mais lembrado e o romance perdia em sentido e caía no esquecimento.

[31] Lima Barreto trabalhou no *Correio da Manhã* num curto período entre abril e junho de 1905, foi sua primeira participação na grande imprensa do Rio de Janeiro.

[32] Todas as referências das edições dos livros de Lima Barreto, constantes desse primeiro momento, foram extraídas dos títulos correspondentes nas *Obras Completas* da editora Brasiliense.

[33] Essa caderneta, e outros registros esparsos se tornaram o *Diário Íntimo – Memórias*, organizado por seu biógrafo e publicado pela Editora Brasiliense em 1959.

A impressão do livro custou quatrocentos e quarenta e dois mil réis. Antes de ser posto à venda, em 20 de fevereiro mereceu uma entrevista, que foi publicada na primeira página da *Revista Época*, com direito inclusive a uma caricatura do romancista. [34]

Desse romance Lima Barreto só viu a 1ª edição. Tinha o formato era de 19x23 e 352 páginas e ficou pronto na tipografia da Revista dos Tribunais no final de 1915 e chegou às livrarias em fevereiro de 1916.

- 1915 – pela Tipografia da *Revista dos Tribunais*, Rua do Carmo nº. 55, Rio de Janeiro.

- *Numa e Ninpha*: escrito em 25 dias, teve seus manuscritos perdidos, ao que parece nas oficinas do jornal *A Noite* que compôs e publicou o romance em folhetins e livro.

Em formato de livro o romance teve duas tiragens, ambas muito raras atualmente. A primeira foi composta em páginas de duas colunas e editada nas oficinas do jornal *A Noite*. Por vontade do seu próprio autor. esta edição trouxe o subtítulo *Romance da vida contemporânea*. (ASSIS BARBOSA: 2002, p. 252).

No mesmo ano teve uma segunda tiragem. Com capa nova e o subtítulo *Romance sugestivo de escândalos femininos*, trazia uma ilustração muito instigante desenhada pelo caricaturista Ivan: em primeiro plano um casal se beijando tendo e ao fundo o buraco de uma fechadura.

- 1915 - publicado em folhetins no jornal *A Noite*;
- 1915 - 2ª tiragem, editada nas oficinas do jornal *A Noite*, Rua Julio César nº. 29 e 31, Rio de Janeiro.

- *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*: foi publicado em 1919 pela editora Revista do Brasil, que Monteiro Lobato era proprietário, e capa do desenhista de W. R.. O romance vendeu rapidamente e no mesmo ano teve uma 2ª tiragem, com nova capa e formato. Trazia a seguinte informação: “Romance, Menção Honrosa da Academia Brasileira de Letras”.

- 1919 - Revista do Brasil, São Paulo;
- 1919 - 2ª tiragem pela Revista do Brasil, São Paulo.

[34] Em 28.021916 foi publicado outro artigo na mesma revista comentando a publicação e uma crítica de *Triste fim de Policarpo Quaresma.*

Sobre esse romance, Lima Barreto dizia ser “um tanto cerebrino, muito calmo e solene, pouco acessível”. (CO – v. I: 1961, p. 169).

- *Histórias e sonhos:* é uma antologia de contos, na sua maioria de fundo satírico, organizada pelo próprio escritor. Traz narrativas fantásticas como “Harakashy e as escolas de Java”, “O moleque” e “Dentes negros e cabelos azuis”, este, um dos textos mais inspirados de toda sua obra.

Em edição modesta, mal composta e com numerosos erros de impressão teve uma única publicação em 1920 pela editora de Gianlorenzo Schettino. A capa trazia um desenho retratando o autor.

- 1920 - Livraria Editora de Gianlorenzo Schettino, Rua Sachet nº. 18, Rio de Janeiro.

Nos anos que se seguiram à sua morte foram publicados *Os Bruzundangas* e *Bagatelas*.

- *Os bruzundangas*: composto de um conjunto de crônicas de conotação satírica publicadas em 1917 no semanário *A.B.C.*. Foi o próprio Lima Barreto que organizou o volume “sem polimento, às pressas, em dias de apertura financeira”. Os originais foram confiados a Jacinto Ribeiro dos Santos pelo valor de setenta mil-réis.[35]

Ribeiro dos Santos esqueceu o livro, só lembrou dos manuscritos em 1923. Quem fala deste volume é o próprio editor por ocasião de seu lançamento.

> “BRUZUNDANGAS”
>
> Último livro de Lima Barreto revisto pelo autor, que nele faz uma crítica severa e mordaz da sociedade em geral e da administração pública. É uma obra de fino humor, destinada a franco sucesso. Um volume, brochura 4$000, encadernado 6$000.
>
> Editor: Jacinto Ribeiro dos Santos
>
> Rua São José nº. 82.

Bruzundangas teve duas edições pela editora de Jacinto Ribeiro dos Santos.

- 1923 - Jacinto Ribeiro dos Santos. Rua São José nº. 82.
- 1930 - Jacinto Ribeiro dos Santos. Rua São José nº. 37. 2ª edição.

[35] Cf. “Nota Prévia” do mesmo título na 2ª edição da Editora Brasiliense - 1961.

Bagatelas: também foi organizado pelo próprio autor, que não chegou a vê-lo publicado. Reúne este volume artigos e crônicas publicados na imprensa do Rio de Janeiro que enfeixam vários assuntos. Teve uma única edição.

Astrojildo Pereira definiu *Bagatelas* como um livro vivo, militante, através do qual a obra literário/jornalística de Lima Barreto sobrevive.

- 1923 – Empresa de Romances Populares. Rua do Carmo, 35.

Após sua morte, com exceção das edições póstumas acima relacionadas, poucas foram as referências sobre o nome de Lima Barreto. Salvo algumas iniciativas de amigos dedicados no sentido de chamar a atenção para sua memória, até a década de 1940 não houve nenhum interesse em torno da obra desse literato "consciente do papel social do homem de letras, do sentido e finalidade do ofício de escrever" como anotou Agripino Grieco no Prefácio do volume *Marginália* da Coleção Brasiliense. (IN: *MA*, 1961, P. [17]).

Em 1943, anunciou-se uma reedição sistemática dos livros de Lima Barreto. A idéia foi de Rui Arruda e o empreendimento foi anunciado pela Estante Panorama de O Livro de Bolso, com sede editorial em São Paulo. A Elói Pontes, velho amigo do romancista, coube a incumbência de prefaciar e programar a coleção com a seguinte organização: Vol. I – *Recordações do escrivão Isaias Caminha*; Vol. II - *Triste fim de Policarpo Quaresma*; Vol. III – *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*; Vol. IV – *Numa e Ninfa*; Vol. V - *Histórias e sonhos*; Vol. VI – *Os bruzundangas*; Vol. VII – *Bagatelas*; Vol. VIII - Clara *dos Anjos*.

O projeto não foi concretizado; somente os três primeiros volumes foram publicados. Em 1945 Zélio Valverde concebeu um plano mais audacioso. Um projeto majestoso, que constaria de uma bela coleção de volumes com ilustrações de Caribé[36], cada um deles com um ensaio sobre Lima Barreto assinado por um escritor ou crítico de renome.

Para empreendimento tão arrojado o editor precisava de colaboradores e Valverde convidou Francisco de Assis Barbosa e Raimundo Magalhães Junior que aceitaram a tarefa. Foram eles que entraram em contato com a família de Lima Barreto no subúrbio de Todos os Santos e dela receberam o arquivo pessoal do escritor, "apesar de desfalcado, para não dizer

[36]BERNABÓ, Hector Julio Páride (Arg. 1911- Ba/Br.1997) – conhecido por Carybé, foi pintor, desenhista, gravador, ceramista, entre outras atividades artisiticas; historiador e jornalista. Especialista em nanquins - "bico de pena", ilustrouentre outros, livros de Jorge Amado e Cem Anos de Solidão de Gabriel García Márquez.

empastelado, a tempo e a salvo, nos baixos de um guarda-comida" na residência de sua irmã Evangelina.

> Foi esse precioso material – entre cartas, rascunhos, notas, originais inteiros escritos à mão – que nos revelou a verdadeira face da personalidade de Lima Barreto. Veio-nos o impulso irresistível de escrever sua biografia, ao mesmo tempo que cuidávamos de preparar a edição de suas obras. (ASSIS BARBOSA: 1968, p. [22]).

A iniciativa foi em vão. Zélio Valverde precisou encerrar as atividades de sua editora sem levar a termo seu projeto. Aproximou então, a família de Lima Barreto de A. H. Robertson representante de W. M. Jackson Inc., uma poderosa empresa do mercado editorial norte-americano, que dirigia no Brasil o *Livro do Mês*. Robertson entendeu o valor da obra e dispôs-se a assinar um contrato e publicar o antigo projeto de Valverde com chancela da Editora Mérito e da Gráfica Editora Brasileira.

Excluindo a epistolografia, foram publicados 10 volumes que chegaram às livrarias na seguinte ordem: Vol. I - *Clara dos Anjos* (1948); Vol. II - *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1948); Vol. III – *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1949); Vol. IV – *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1949); Vol. V - *Numa e Ninfa* (1950); Vol. VI – *Histórias e sonhos* (1951); Vol. VII - *Os bruzundangas* (1952); Vol. VIII – *Feiras e mafuás* (1952); Vol. IX - *Marginália* (1953); Vol. X - *Diário íntimo* (1953).[37]

Os quatro primeiros volumes foram publicados precedidos de prefácios e obedecendo a uma rigorosa e atenta revisão, de acordo com o plano inicial dessa poderosa editora. Entre a publicação do quarto e quinto volumes, Robertson afastou-se da empresa e talvez pelo sentimento antiamericanista que, não raro, desponta na obra de Lima Barreto, criou-se um clima desfavorável para a publicação dos demais títulos.

Os outros seis volumes, "deixaram muito a desejar, dada à má vontade manifesta dos editores, desgostosos do mau negócio que haviam feito". (ASSIS BARBOSA: 1961, p. [23]).

O primeiro impulso no sentido de resgatar a obra de Lima Barreto havia sido dado, no entanto, seria ainda necessário algum tempo para que a maior parte dos seus escritos viesse a público. Findo o contrato com a W. M. Jackson e não existindo mais interesse por parte dessa empresa na renovação, Assis Barbosa deu início aos entendimentos com a Editora Brasiliense.

[37] No "Fundo Alexandre Eulálio" da Biblioteca Central, temos alguns volumes publicados pela Gráfica Editora Brasileira.

Caio Prado Junior adquiriu os direitos autorais dos irmãos de Lima Barreto e encarregou Assis Barbosa de preparar uma nova edição, para a qual, Antonio Houaiss e M. Cavalcanti Proença foram convidados para auxiliar na organização e supervisão dos trabalhos. O estabelecimento do texto na sua autenticidade ficou sob a responsabilidade desses dois "notáveis conhecedores dos segredos da língua portuguesa falada e escrita no Brasil" pois,

> É bem de ver que Lima Barreto, tanto em vida, como depois de morto, por vários fatores, que não vêm a pêlo comentar, foi maltratado pelas edições das suas obras. Daí o grande problema que tínhamos pela frente – apresentar o escritor tal qual ele foi, e não mutilado ou deformado, como vinha sendo, dando azo às críticas injustas, feitas de boa ou de má fé, pelos que fingem ignorar ou insistem em desconhecer a mensagem renovadora do autor de *Recordações do escrivão Isaias Caminha*. (ASSIS BARBOSA: 1961, p. [24]).

A Coleção Brasiliense foi editada luxuosamente. Encadernada em couro vermelho com uma esfinge do romancista na capa e, sob ela, sua assinatura em letras douradas. Todos os volumes eram ilustrados e acrescidos de "Nota Prévia" e "Notas ao Texto". Alguns prefácios, todos assinados por nomes ilustres da literatura brasileira, foram escritos especialmente para a ocasião; os outros eram originalmente artigos ou ensaios publicados anteriormente, nos quais o nome e a obra de Lima Barreto já haviam sido reconhecidos.

Com dezessete volumes as *Obras Completas* de Lima Barreto foram publicadas pela editora de caio Prado Junior com os títulos e as especificações que seguem:

- Volume I - *Recordações do escrivão Isaias Caminha*. Romance. Prefácio de Francisco de Assis Barbosa.
- Volume II - *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Romance. Prefácio de M. de Oliveira Lima.
- Volume III - *Numa e Ninfa*. Romance. Prefácio de João Ribeiro.
- Volume IV - *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Romance. Prefácio de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde).
- Volume V - *Clara dos Anjos*. Romance. Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda.
- Volume VI - *Histórias e sonhos*. Contos. Prefácio de Lucia Miguel-Pereira.
- Volume VII - *Os Bruzundangas.* Sátira. Prefácio de Osmar Pimentel.
- Volume VIII - *Coisas do Reino de Jambon*. Sátira. Prefácio de Olívio Montenegro.
- Volume IX – *Bagatelas*. Artigos. Prefácio de Astrojildo Pereira.
- Volume X - *Feiras e mafuás*. Artigos e crônicas. Prefácio de Jackson de Figueiredo.
- Volume XI - *Vida urbana*. Artigos e crônicas. Prefácio de Antonio Houaiss.

- Volume XII – *Marginália*. Crônicas. Prefácio de Agripino Grieco.

- Volume XIII - *Impressões de leitura*. Crítica. Prefácio de M. Cavalcanti Proença.

- Volume XIV - *Diário íntimo*. Memórias. Prefácio de Gilberto Freyre.

- Volume XV - *Cemitério dos vivos*. Memórias. Prefácio de Eugenio Gomes.

- Volume XVI - *Correspondência.* Ativa e passiva. 1º tomo. Prefácio de Antonio Noronha Santos.

- Volume XVII - *Correspondência.* Ativa e passiva. 2º tomo. Prefácio B. Quadros.

Com exceção do *Diário íntimo* cuja 1ª edição foi em 1953, todos os demais volumes chegaram às livrarias em 1956. Foi um longo caminho até que seu editor fizesse a publicação dessa coleção "tanto quanto possível definitiva, à altura pelo menos da memória de Lima Barreto". (ASSIS BARBOSA: 1961, p. [23]).

A partir de então, muitas outras edições e seletas foram publicadas nos mais diversos formatos e composições. Enumeráveis são as editoras que vêem publicando os títulos mais conhecidos de Lima Barreto. Mas, é na dimensão dos dezessete volumes das *Obras Completas* que afloram a intensidade, a magnitude e a grandeza do seu espírito criador.

Por ora fica aqui registrado o percurso editorial da obra de Lima Barreto desde que foi lançado *Recordações do escrivão Isaias Caminha*, em 1907, até a edição da Editora Brasiliense em 1961, que dessa forma se descreve.

- *Recordações do escrivão Isaias Caminha*

- 1907 - *Revista Floreal*, Rio de Janeiro. [dois capítulos];
- 1909 – Livraria Clássica Editora, de A. M. Teixeira & Cia., Praça dos Restauradores nº. 20, Lisboa;
- 1917 – 2ª edição, revista e aumenta, pela Tipografia dos Tribunais, Rua do Carmo nº. 55 Rio de Janeiro;
- 1917 – nova tiragem da 2ª edição, revista e aumentada por A. de Azevedo & Cia. Editores, Rua Uruguaiana nº. 29 e Senador Dantas nº. 120, Rio de Janeiro;
- 1943 – 3ª edição, pelo Livro de Bolso de São Paulo, com prefácio de Eloi Pontes, com capa em cores, com desenhos, presumivelmente de Belmonte;
- 1949 – edição privativa para os sócios do Círculo Literário do Rio de Janeiro, pela Editora Mérito S. A., com prefácio de Francisco de Assis Barbosa;
- 1956 – 3ª edição, pela Editora Brasiliense, com prefácio de Assis Barbosa, São Paulo;
- 1961 – Editora Brasiliense, com prefácio de Francisco de Assis Barbosa, São Paulo.

- *Triste fim de Policarpo Quaresma*

- 1911 – publicado em folhetins no *Jornal do Commercio*, edição vespertina;

- 1915 –Tipografia da Revista dos Tribunais, Rua do Carmo nº. 55, Rio de Janeiro;
- 1943 - 3ª edição, pelo Livro de Bolso de São Paulo, com prefácio de Eloi Pontes, com capa em cores, com desenhos, presumivelmente de Belmonte;
- 1948 – edição privativa dos sócios do "Livro do Mês" da Gráfica e Editora Brasília Ltda., São Paulo;
- 1948 - Editora Mérito S. A., com prefácio de Manuel de Oliveira Lima e capa com desenho assinado S. R., Rio de Janeiro;
- 1956 – 3ª edição pela Editora Brasiliense, com prefácio de Manuel de Oliveira Lima, São Paulo;
- 1961 - Editora Brasiliense, com prefácio de Manuel de Oliveira Lima, São Paulo.

- *Numa e Ninfa*

- 1915 – publicado em folhetins no jornal *A Noite*, Rio de Janeiro;
- 1915 – com o subtítulo de *Romance da vida contemporânea*, pelas oficinas do jornal *A Noite*, Rua Julio César nº. 29 e 31, Rio de Janeiro, composto em páginas de duas colunas, só veio a público em 1917;
- 1915 – nova tiragem pelo mesmo jornal;
- 1950 – Gráfica Editora Brasileira Ltda., Rio de Janeiro, nesta edição foi incluído *As Aventuras do Dr. Bogoloff.*
- 1956 – 2ª edição pela Editora Brasiliense, com prefácio de João Ribeiro, São Paulo;
- 1961 - Editora Brasiliense, com prefácio de João Ribeiro, São Paulo.

- *M. J. Gonzaga de Sá*

- 1919 - publicação pela Revista do Brasil, São Paulo;
- 1919 – nova tiragem pela mesma editora;
- 1943 – 3ª edição pelo Livro de Bolso de São Paulo, com prefácio de Elói Pontes, com capa em cores, com desenhos assinados por Dorca;
- 1949 - Editora Mérito S. A., com prefácio de Paulo Ronai, foram incluídos nessa edição 18 contos, que Lima Barreto havia publicado em jornais e revistas do Rio de Janeiro;
- 1956 – Editora Brasiliense, com prefácio de Alceu Amoroso Lima, São Paulo, com os contos da edição da 2ª edição de 1949;
- 1961 - Editora Brasiliense, com prefácio de Alceu Amoroso Lima, São Paulo.

- *Clara dos Anjos*

- 1923-1924 – publicado em folhetins pela *Revista Souza Cruz*, Rio de Janeiro.
- 1948 – pela Editora Mérito S. A., com prefácio de Lucia Miguel-Pereira e capa com desenhos de Caribé. Além da novela, esta edição contém os contos publicados na 1ª edição de *Triste fim de Policarpo Quaresma.*
- 1956 – 2ª edição pela Editora Brasiliense, com prefácio de Sérgio Buarque de Holanda, São Paulo, versão completa do romance;
- 1961 - Editora Brasiliense, com prefácio de Sérgio Buarque de Holanda, São Paulo.

- *Histórias e sonhos*

- 1920 – Livraria Editora de Gianlorenzo Schettino, Rua Sachet nº. 18, Rio de Janeiro;
- 1952 – Gráfica Editora Brasileira Ltda., Rio de Janeiro; esta edição contém, além dos contos publicados na primeira, "Outras histórias" e a série "Contos Argelinos";
- 1956 – 2ª edição Editora Brasiliense, com prefácio de Lucia Miguel-Pereira, São Paulo, com o mesma composição da de 1952;
- 1961 - Editora Brasiliense, com prefácio de Lucia Miguel-Pereira, São Paulo.

- *Os Bruzundangas*

- 1923 – Jacinto Ribeiro dos Santos Filho Editor, Rua São José nº. 82. Rio de Janeiro;
- 1930 – 2ª edição, Jacinto Ribeiro dos Santos Filho Editor, Rua São José nº. 37. Rio de Janeiro;
- 1952 - Editora Mérito S. A., São Paulo/Rio de Janeiro. Esta edição contém: Parte I – Notas sobre a República dos Bruzundangas e Parte II – Coisas do reino de Jambon;
- 1956 – Editora Brasiliense, com prefácio de Osmar Pimentel, São Paulo, contendo: *Os Bruzundangas*, "Outras histórias dos Bruzundangas" e *As aventuras do Doutor Bogóloff*;
- 1961 - Editora Brasiliense, com prefácio de Osmar Pimentel, São Paulo.

- *Coisas do Reino de Jambon*

- 1956 – Editora Brasiliense, com prefácio de Olívio Montenegro, São Paulo, composto com artigos e crônicas de Lima Barreto para a imprensa do Rio de Janeiro;
- 1961 - 2ª edição Editora Brasiliense, com prefácio de Olívio Montenegro, São Paulo;

- *Bagatelas*

- 1923 – Empresa de Romances Populares, Rua do Carmo n°. 135, Rio de Janeiro, edição composta pelo próprio autor com crônicas escritas para a imprensa do Rio de Janeiro;
- 1956 – 2ª edição Editora Brasiliense, com prefácio de Astrojildo Pereira, São Paulo;
- 1961 - Editora Brasiliense, com prefácio de Astrojildo Pereira, São Paulo.

- *Feiras e mafuás*

- 1952 - Editora Mérito S. A., São Paulo/Rio de Janeiro; composto por Lima Barreto, contém crônicas escritas para a imprensa do Rio de Janeiro;
- 1956 – 2ª edição pela Editora Brasiliense, com prefácio de Jackson Figueiredo, São Paulo;
- 1961 - Editora Brasiliense, com prefácio de Jackson Figueiredo, São Paulo.

- *Vida urbana*

- 1956 – Editora Brasiliense, com prefácio de Antonio Houaiss, São Paulo, composto por crônicas e artigos para a imprensa do Rio de Janeiro.
- 1961 - 2ª edição pela Editora Brasiliense, com prefácio de Antonio Houaiss, São Paulo.

- *Marginália*

- 1953 - pela Editora Mérito S. A., Rio de Janeiro, composta por: Parte I – "Marginália", Parte II – "Impressões de leitura", Parte III – "Mágoas e sonhos do povo";
- 1956 – 2ª edição pela Editora Brasiliense, com prefácio de Agripino Grieco, São Paulo, com parte da do que foi publicado na edição anterior;
- 1961 - Editora Brasiliense, com prefácio de Agripino Grieco, São Paulo.

- *Impressões de leitura*

- 1956 – Editora Brasiliense, com prefácio de M. Cavalcanti Proença, São Paulo;
- 1961- 2ª edição pela Editora Brasiliense, com prefácio de M. Cavalcanti Proença, São Paulo.

- *Diário íntimo*

- 1953 - pela Editora Mérito S. A.., Rio de Janeiro, edição composta por I – "Diário íntimo", II – "Diário de hospício", III – "Cemitério dos vivos", IV – "Inventário da *Coleção Limana*" (biblioteca particular de Lima Barreto);

- 1956 – 2ª edição Editora Brasiliense, com prefácio de Gilberto Freire, São Paulo;

- 1961 - Editora Brasiliense, com prefácio de Gilberto Freire, São Paulo.

- *Cemitério dos vivos*

-1956 – Editora Brasiliense, com prefácio de Eugenio Gomes, São Paulo, este volume é composto de; I – "Diário do hospício", II – "O cemitério dos vivos", III – "Inventário da *Coleção Limana"*, IV – "O caso clínico" (documentos relativos às internações do escritor);
- 1961 - 2ª edição pela Editora Brasiliense, com prefácio de Eugenio Gomes, São Paulo.

- *Correspondência*: 2 volumes (ativa e passiva)

1º Tomo

-1956 – Editora Brasiliense, com prefácio de Antonio Noronha Santos, São Paulo;
-1961 - 2ªedição Editora Brasiliense, com prefácio de Antonio Noronha Santos, São Paulo.
2º Tomo

-1956 – Editora Brasiliense, com prefácio de J. Quadros, São Paulo,;
-1961 - 2ª edição pela Editora Brasiliense, com prefácio de J. Quadros, São Paulo.

Os romances e contos de Lima Barreto já inspiraram filmes e novelas de televisão; alguns títulos já expandiram as fronteiras da língua e foram publicados em diversos idiomas, como vem exposto a seguir.

- Polonês: *Smutný Konec Snazivého Policarpa (Triste fim de Policarpo Quaresma).* Prelozila Jarmila Vojtisková. Praha. Odeon. 1974. 241 p. (Svetová Cetba Svazek, 446).

- Japonês: *Java gowo shaberú otoko (O homem que sabia javanês).* In: BRASIRÚ bungaku tainhen chú. Trad. De Hirokawa Kazuko. Tokio, Sinshe Kaisha. 1977. (Latin American Novel). Antologia do conto brasileiro organizada por Dinah Silveira de Queiroz e Renard Perez.

- Espanhol: *Dos novelas: Recuerdos del escribiente Isaías Camina. El triste fin de Policarpo Quaresma.* Prólogo y cronología Francisco de Assis Barbosa. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1978. 390 p.

- Inglês: *The Patriot (Triste fim de Policarpo Quaresma).* Transl. By Robert Scott-Buceleugh. London, Rex Collins, 1978. 216 p.

- *Lima Barreto bibliography and translations* [by] Maria Luisa Nunes. Boston, G. K. Hall. 1979. 227 p. (The Yale series of Afro-American Reference Publications).

- Francês: *Son excellence (Sua excelência).* Trad. Catherine Orfila. In : FLEUR, télephone et jeune fille... et autres contes brésiliens : ed. bilingue. Paris, L'Alphée, 1980. p. 28-29. (Supplément à L'Alphée. Cahier de litterature, nº. 1).

O distanciamento no tempo trouxe o reconhecimento que Lima Barreto tanto desejou fosse atribuído ao seu nome e à sua literatura ainda em vida. Enquanto outros literatos seus contemporâneos, consagrados e laureados, caíram no esquecimento ao longo dos anos, o conjunto de sua obra é hoje aplaudido pela crítica e desperta grande interesse de estudo, inclusive em comunidades acadêmicas do exterior. [38]

[38] Os estudos sobre a obra de Lima Barreto, publicados no exterior, estão arrolados na bibliografia dessa Dissertação.

1.2 – IMPRENSA

1.2.a) Folhetins, fascículos e folhetos

No final do século XIX, alguns jornais já ofereciam espaço para as letras nacionais, e "quando entra o novo século, as folhas principais acolhem letras e letrados". (SODRÉ: 1999. pp. 294).

Os principais diários e periódicos do Rio de Janeiro ofereciam regularmente, ao público leitor que tinha apreço às letras, seções literárias permanentes - assinadas por nacionais e estrangeiros, suplementos, críticas domingueiras, colunas de crônicas e folhetins em rodapés. Acompanhando esse movimento, jornais de São Paulo, do Rio Grande do Sul, de Pernambuco e de outros Estados, publicavam trabalhos dos literatos locais; muitos dos quais, após esse estágio, se consagraram na imprensa da Capital Federal. (SODRÉ: 1999. pp. 294).

Como Manuel Antonio de Almeida, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis e João do Rio, entre muitos outros, Lima Barreto iniciou sua carreira literária em 1900 nas páginas da *Lanterna*, órgão da imprensa acadêmica ligado à Federação dos Estudantes, ao lado de Bastos Tigre. (SODRÉ: p. 306-7).

Como profissional da imprensa jornalístico/literária, Lima Barreto estreou em 1905 no *Correio da Noite* com uma série que congrega reportagens sobre a descoberta dos subterrâneos do Morro do Castelo construídos pelos jesuítas no período colonial e um folhetim, ambos sem a assinatura do autor, mas sabe-se que a autoria é de Lima Barreto, porque os originais estavam entre os manuscritos entregues por sua irmã a Assis Barbosa.

O folhetim narra a história de um caso amoroso "um desses sombrios, trágicos, quase medievais, cheirando a *barbacã* [39] e um castelo *ameado* [40]" (SMC: 1999, p. 60) entre uma senhora casada, o chefe da invasão francesa ao Rio de Janeiro e um importante membro da missão jesuíta no Brasil. (SMC: 1999, p. 60).

Depois desse trabalho, seguiram-se outros, publicados na íntegra ou em partes, como vêm listados abaixo.

1.2 a) Folhetins, fascículos e folhetos

[39] Muros fortificados para vigias e atiradores em castelos.
[40] Com ameias – partes quadradas e salientes nos cantos das muralhas dos castelos.

- 1905 - *Correio da Manhã* - "D. Garça ou O que se passou em meados do século XVIII, Nos subterrâneos dos padres da Companhia de Jesus, Na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, a mui heróica, por ocasião da primeira invasão dos franceses a mando de Clerc".

- 1907 – *Floreal* - "Recordações do escrivão Isaias Caminha". (2 capítulos)

- 1909 – "*O Papão – semanário dos bastidores da política, das artes e... das candidaturas"*. (Semanário publicado com Antonio Noronha Santos, cuja duração foi a de um número).

- 1911 - *Jornal do Commercio* - "Triste fim de Policarpo Quaresma".

- 1912 – *O Riso* – "O Chamisco ou O querido das mulheres. O *nec plus* ultra da literatura brejeira. Desopilante história de um conquistador irresistível". (Folheto de humor).

- *Gazeta da Tarde* - "As aventuras do Dr. Bogoloff"/Publicação semanal (às terças-feiras)/original de Lima Barreto/Episódios da vida de um pseudo-revolucionário russo/Narrativas humorísticas/Edição de A. Reis & Cia/Rua do Rosário N°. 99 – sob/ Telefone Nº. 3803/Rio de Janeiro/ Preço: Capital: 200 réis – Estados: 300 réis. (Só foram publicados os fascículos I e II).[41]

- *O Riso* – "Entre Senhórr... Sensacional romance humorístico. Narrativa de episódios interessantes, passados na alcova de uma horizontal". (Folheto de humor).

- 1915 – *A Noite* - "Numa e Ninfa".

- 1921 – Revista Souza Cruz - "Cemitério dos vivos". (1 capítulo).

- 1922 – *O Mundo Literário* - "Clara dos Anjos". (1 capítulo).

-1923/1924 - *Revista Souza Cruz* - "Clara dos Anjos". (Publicação póstuma).

É interessante observar que entre os folhetins, "D. Garça" não teve publicação em livro, e entre os romances publicados em livro, *Recordações de M. J. Gonzaga de Sá* não teve uma versão em folhetim.

[41] As informações sobre esses fascículos foram encontradas em: PEREIRA, Astrojildo. *Interpretações.* CRJ: Casa do Estudante, 1944. (p.114).

1.2 b) Artigos e crônicas

Dos quarenta e um anos que Lima Barreto viveu, contam-se vinte e dois deles com militância jornalístico/literária na imprensa.

Não se tem o número exato da sua produção de crônicas e artigos publicados nas páginas da imprensa do Rio de Janeiro e outros Estados, uma vez que, parte dela foi perdida. Há registro de mais de quinhentos textos, entre manuscritos, exemplares dos órgãos publicadores que foram preservados, além de referências nos escritos pessoais de Lima Barreto, que foram catalogados por estudos anteriores a este.

O trabalho pioneiro com essa documentação é o de Francisco de Assis Barbosa. Sobre sua organização quem comenta abaixo é o historiador Denílson Botelho, que elaborou dois estudos com as fontes que o biógrafo de Lima Barreto havia encontrado entre os periódicos da Biblioteca Nacional.

> Trata-se de um extenso material que encontra-se reunido e publicado em nada menos de seis livros: *Coisas do Reino de Jambon, Bagatelas, Feiras e mafuás, Vida urbana, Marginália e Impressões de leitura*, somando um total de quinhentos e oito artigos e crônicas que originalmente vieram a público em vários jornais e revistas do Rio de Janeiro. (BOTELHO: 2002, p. 24).

Durante a elaboração da minha pesquisa e transcrição das crônicas foi publicado o título - *Lima Barreto. Toda crônica* inventariado por Beatriz Resende e Rachel Valença, com a chancela da Editora Agir do Rio de Janeiro [42]. O trabalho, composto por dois volumes, é uma catalogação em ordem cronológica, que traz a público uma visão pessoal da militância literário/jornalística de Lima Barreto.

Para a organização dos volumes, de acordo com Rachel Valença, a quem coube a tarefa de estabelecimento do texto, foi em quatro dos seis volumes organizados por Assis Barbosa – *Bagatelas, Marginália, Vida urbana e Feiras e mafuás* – que foram coletadas a maior parte das crônicas incluídas em *Toda crônica.*

Dessa forma, tendo em mãos os seis volumes organizados por Assis Barbosa, os trabalhos de Botelho, e de Resende, nos dedicamos em tempo integral à pesquisa.

Havia ainda um longo caminho a percorrer, muito mais complexo do que era esperado, no sentido de sistematizar de forma coerente esse *corpus* documental, não só para a Dissertação de

[42] BARRETO, Afonso Henrique de Lima. *Lima Barreto. Toda crônica.* (org. Beatriz Resende e Rachel Valença). RJ: Agir, 2004. (2 vols.).

Mestrado que em desenvolvimento, mas também, para outros estudos que no futuro pudessem vir a utilizá-lo.

O primeiro passo foi ordenar cronologicamente. O critério adotado foi o de estabelecer a cronologia de *Toda Crônica*, acrescentando alguns títulos e as séries "Hortas e capinzais" e "Sonhos e mágoas de um povo", que Resende havia excluído da organização elaborada por Assis Barbosa. Incluímos também, a série "O subterrâneo do Morro do Castelo" que inclui o folhetim "D. Garça ou O que se passou em meados do século XVIII, Nos subterrâneos dos padres da Companhia de Jesus, Na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, a mui heróica, por ocasião da primeira invasão dos franceses a mando de Clerc", citado no item 1.2 a) desta Dissertação.

Simultaneamente à catalogação, foi feita a transcrição e a leitura das crônicas; uma a uma já ia adicionando as primeiras anotações e arrolando alguns temas mais destacados para uma posterior análise. Em outros momentos, realizei uma pesquisa material no Arquivo Edgard Leuenroth, em busca de periódicos que me permitisse cotejar e também trazer novos elementos para a compreensão dos assuntos que Lima abordava nas suas crônicas. [43]

Nas manhãs e tardes, que passei em frente às máquinas de ler microfilmes, ou folheando periódicos cujo suporte ainda é o papel, descobri muitos elementos que permitiram um melhor entendimento das "reflexões sobre fatos, coisas e homens da nossa terra" que Lima Barreto deixou registradas nas páginas da imprensa carioca. (BA: 1961 p. 37).

No "Anexo – I" desta Dissertação estão arrolados, em tabela, os resultados desse esforço de pesquisa e classificação de todos os registros sobre a atividade literária de Lima Barreto na imprensa que foi possível obter**.** Esta, em ordem cronológica, traz os títulos, as datas e os nomes do órgão de publicação; bem como, os volumes nos quais as crônicas foram publicadas nas *Obras Completas* e em *Lima Barreto. Toda crônica*. [44]

A elaboração dessa tabela ofereceu uma visão mais ampla desse do percurso de Lima Barreto na imprensa, cujo número de artigos e crônicas, num primeiro momento causou surpresa.

Algumas respostas surgiram de imediato, mas na mesma medida que a análise se desenvolvia, novas dúvidas demonstraram a necessidade de avançar nas pesquisas.

A tabela foi retomada, e numa análise mais criteriosa, ficou evidente a necessidade de um recorte, porquanto, a leitura comentada do conjunto completo de crônicas seria inviável, em

[43] A maior parte da pesquisa material foi estabelecida no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL/IFCH/UNICAMP) onde, inesperadamente, entre os documentos da "Coleção Octavio Brandão", encontrei a primeira edição de *Bagatelas*. Fiz pesquisas também, na Biblioteca Nacional, na Casa de Rui Barbosa, ambos no Rio de Janeiro, no Centro de Memória de Campinas (CMU/UNICAMP) e Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA), Campinas/SP.

[44] RESENDE, Beatriz/VALENÇA, Rachel. *Lima Barreto. toda crônica*. RJ: Agir, 2004.

função do número destas e da extensão de pesquisa em fontes primárias e secundárias que demandava, inconciliável com as metas de uma Dissertação de Mestrado.

Dentre as possibilidades que se apresentaram, o recorte que melhor se ajustou à proposta da pesquisa foi a leitura comentada das crônicas de *Bagatelas.*

2. LEITORES DE LIMA BARRETO

A recepção e o contexto

A recepção da obra de Lima Barreto acompanha o seu percurso editorial, ou seja, divide-se entre a crítica que se exerceu em torno de sua vida literária – em vida e póstuma, na imprensa e em livro.

Para efetuar o levantamento da fortuna crítica de Lima Barreto, foi tomado como base *A crítica literária no Brasil* de Wilson Martins. [45] Sobre o julgamento crítico vigente entre o final do século XIX e o início do XX, esse autor anota que há duas fases bem distintas.

A primeira, que denomina *"pré-história"*, engloba o nosso arcadismo "de origem e natureza acentuadamente lusitanas" e a crítica poética de Manuel Inácio da Silva Alvarenga. A outra, que está relacionada ao nosso estudo de caso, acompanha a evolução da história da nossa crítica literária "ocupada pelos precursores e pelas diversas linhagens" relacionadas abaixo, ambas classificadas pelo caráter predominante de sua crítica:

- "Linhagem Gramatical" – com os críticos que denominas "os gramáticos" - Osório Duque Estrada e Carlos de Laet.
- "Linhagem Humanística" – Joaquim Nabuco, Machado de Assis, Afrânio Coutinho.
- "Linhagem Histórica" – Joaquim Manuel de Macedo, Oliveira Lima, Eloi Pontes, Silvio Rabello, Sérgio Buarque de Holanda.
- "Linhagem Sociológica" – Silvio Romero, Tobias Barreto, Adolfo Caminha, Almáquio Dinis, Nelson Werneck Sodré, Gilberto Freyre, Astrogildo Pereira, Antonio Candido.
- "Linhagem Impressionista" - Araripe Junior, Eduardo Prado, Coelho Neto, Nestor Vitor, Alcides Maya, Medeiros e Albuquerque, Jackson de Figueiredo, Agripino Grieco, Edgard Cavalheiro, Olívio Montenegro, Osmar Pimentel, Manuel Bandeira, Afrânio Peixoto.
- "Linhagem Estética" – encabeçada por José Veríssimo, Andrade Muricy, Tristão de Athayde, Ronald de Carvalho, Mario de Andrade, Lucia Miguel-Pereira, Eugenio Gomes, Afonso Arinos de Melo Franco, Álvaro Lins, Sérgio Milliet. (MARTINS: 1952, p. 22-23).

Em dois estudos mais recentes sobre o legado da crítica da detração e do "silêncio" em torno da obra de Lima Barreto, publicados na *Espéculo - Revista de Estudios Literarios*[46], Alice

[45] MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. SP: Departamento de Cultura, 1952
[46] Essa revista é publicação da Universidade Complutense de Madrid.

Áurea Penteado Martha delineia os períodos da crítica que vêm acompanhando o julgamento exercido sobre o romancista da seguinte forma:

> O primeiro, entre 1907 e 1922, representado pelas seguintes linhagens e críticos:
>
> - A que se amparava em padrões eminente estéticos, representada por José Veríssimo e Ronald de Carvalho.
>
> - A simbolista representada pelos nomes de Nestor Vitor, Araripe Junior, João Ribeiro, Alcides Maya, Medeiros e Albuquerque, Agripino Grieco e Tristão de Athayde, que se juntou ao grupo em 1919.
>
> - E a do purismo gramatical, de Osório Duque Estrada.
>
> E após 1922 desmembrado entre:
>
> - A imediatista e ensaística, também designada como impressionista, veiculada na imprensa até o final da década de 1940, inspirada mais nos antigos modelos, quando foram estabelecidas as primeiras tendências críticas do Modernismo.
>
> - A "Nova Crítica", introduzida no Brasil por Afrânio Coutinho, que a partir de 1948 estabeleceu a distinção entre crítica no jornal e crítica literária e deu origem aos primeiros trabalhos de fortuna crítica em livro.
>
> - E a acadêmica, que desde a década de 1970 vem sendo produzida nos circuitos universitários que se dedicam ao estudo de obras e autores da literatura nacional. (MARTHA: 2000/2001, p. 2-4).

Com algumas variações, como é o caso de Tristão de Athayde que Wilson Martins inclui na "Linhagem Estética", enquanto outros autores o apontam como introdutor da crítica expressionista, ou precursor da Nova Crítica, observamos que Martha classifica os períodos da recepção da obra de Lima Barreto de acordo com as categorias de análise definidas por Martins.

Após estudar esses dois autores, observei que essas perspectivas de análise, em paralelo às pesquisas documentais e bibliográficas que efetuei, seriam adequadas, como ponto de partida, para o desenvolvimento de uma discussão em torno da recepção da obra de Lima Barreto, que ora será apresentada, dividida em duas partes - "Imprensa" e "Livros", em vida e póstuma, entre 1907 e 1949.

Esses pressupostos se justificam em função, não só da linha de pesquisa da Historiografia Literária que orienta essa Dissertação e de acompanhar a trajetória da história editorial elaborada neste estudo, mas igualmente, em relação à carência de análises, acerca desse período, na fortuna crítica que se construiu nas décadas subseqüentes a 1950.

Esta última, inegavelmente, influenciada pela biografia - *A vida de Lima Barreto. (1881-1922)* -, elaborada por Assis Barbosa [47] e na organização das obras completas reeditadas de pelas editoras Mérito e Brasiliense nas décadas de 1940 e 1950, respectivamente.

A discussão proposta se sustenta na leitura da obra de Lima Barreto, em pesquisas de fontes materiais primárias e secundárias, bem como, bibliográficas de obras que contemplam o nome de Lima Barreto e de teoria literária, esta, visando noções sobre a crítica literária e o gênero crônica no período que a nossa análise observa.

Para viabilizar a análise dos artigos publicados em jornais e revistas, encontrados na pesquisa documental, foi necessário classificá-los por ordem cronológica e órgãos de imprensa que, organizados em tabelas, estão descritos no "Anexo I" desta Dissertação.

Os resultados da pesquisa bibliográfica estão arrolados na Bibliografia. Em relação a esta, cabe a ressalva de que muitas obras e nomes relevantes, incluídos no item "Fortuna crítica", não serão citados, embora, tenham sido fundamentais para o desenvolvimento deste estudo.

As escolhas foram feitas, na medida em que contemplassem uma análise em concordância com o recorte temporal proposto e também, com o espaço que um debate dessa natureza deve ocupar numa Dissertação de Mestrado

[47] BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto. 1881-1922***.** RJ: José Olympio, 1952.

2.1 Lima Barreto na imprensa

Partindo dos pressupostos de Wilson Martins e Alice Martha, na abertura do item “A recepção e o contexto”, a imprensa foi dividida em duas fases - em vida e póstuma. O primeiro recorte – 1907-1922 – se justifica por incluir a trajetória literário/jornalístico de Lima Barreto na imprensa do Rio de Janeiro, em vida, e também, por ser a gênese dos conceitos que conduziriam a crítica em torno de sua obra ao longo de várias décadas, tanto nas páginas da imprensa, quanto em livros.

A segunda, acompanhando os movimentos da crítica literária descritos acima, em três períodos - 1923 – 1949, 1950 a 1965 e 1970 a 2005 -, dos quais, privilegiamos apenas a primeira, em razão de ser a fase póstuma que não inclui ainda a crítica em livro, mas que tem a função de estabelecer uma ligação entre a recepção da obra de Lima Barreto na imprensa com os primeiros ensaios em livro.

Dos demais recortes, esboçarei algumas breves anotações, em relação às características, mais marcantes que definem cada um deles.

2.1 a) 1907 – 1922

A primeira menção ao nome de Lima Barreto na crítica atuante da imprensa do Rio de Janeiro trouxe a assinatura de José Veríssimo, o crítico mais respeitado e temido nos meios literários do início do século XX.

Publicado em 09.12.1907, na coluna "Revista Literária" do *Jornal do Commercio*, o artigo fazia referência ao primeiro capítulo do folhetim "Recordações do escrivão Isaias Caminha", que veio a público no terceiro número a *Revista Floreal*, editada pelo próprio autor. A crítica era elogiosa, dizia ter descoberto alguma coisa nova na simplicidade, na sobriedade e no sentimento de estilo do jovem escritor. (***DI***: 2002, p. 177).

A crítica era esperançosa e os elogios foram recebidos com muito entusiasmo pelo autor estreante. Contudo, a longa conversa que Lima Barreto teve com o crítico, numa visita de agradecimento pela citação nominal que havia merecido, despertou-lhe um sentimento que combinava humildade e cautela, o qual está manifesto em muitos dos seus escritos ao longo de sua vida literária.

Em algumas críticas, como na de Alice Martha em "Lima Barreto e a crítica (1900 – 1922): a conspiração do silêncio" [48], é comum a inferência, de que o julgamento de Veríssimo não teria sido tão promissor se ele tivesse conhecimento do romance na sua íntegra. A ressalva é em razão de o crítico ter se pronunciado em carta, e não pela imprensa, quando o romance foi finalmente publicado em livro.

Esta inferência procede do uso truncado de alguns trechos, nos quais Veríssimo aponta os "senões que me parece há nele [livro]" [49] os quais Lima Barreto deveria corrigir. Para exemplificar essas anotações, particularizei um dos recortes mais recorrentes:

> "(...). Tem muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo, e outras que o senhor mesmo, estou certo, será o primeiro a reconhecer-lhes (...)."

Completadas as lacunas (...), lê-se:

> Sincera e cordialmente o felicito pelo seu livro. Há nele o elemento principal para os fazer superiores, talento. Tem muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo e outras que o senhor mesmo, estou certo, será o primeiro a reconhecer-lhe, mas com todos os senões é um livro distinto, sem engano possível, de talento real. (CO v. I: 1961, p. 204).

[48] MARTHA, Alice Áurea Penteado. "Lima Barreto e a crítica (1900 –1922): a conspiração do silêncio*" Revista Espéculo*, Barcelona, nº. 16, nov. 2000/fev. 2001, ano VI.
[49] Grifo nosso.

Lido dessa forma, e na íntegra da carta, podemos afirmar que Veríssimo confirma suas primeiras impressões sobre o talento de Lima Barreto, sem contudo, se furtar ao dever do crítico de apontar as imperfeições.

A respeito do estilo *à clef* do romance o severo crítico foi mais rigoroso.

> Há nele, porém, um defeito grave, julgo-o ao menos, e para o qual chamo sua atenção, o seu excessivo personalismo. (...) Não há um só fato literário que o desminta. A cópia, a reprodução, mais ou menos exata, mais ou menos caricatural, mas que se não chega a fazer a síntese de tipos, situações, estados d'alma, a fotografia literária da vida, pode agradar à malícia dos contemporâneos que põem um nome sobre cada pseudônimo, mas escapando à posteridade, não a interessando, fazem efêmero e ocasional o valor da obra. (CO v. I: 1961, p. 204).

Se a seguir anota, "me deliciei, com a sua exata e justa pintura da nossa vida jornalística e literária", reitera "mas não dou por boa a emoção que ela me causou.". Prevendo a continuidade da carreira literária que se iniciava, Veríssimo se despede de Lima Barreto desejando "o bom sucesso" que *Recordações do escrivão Isaías Caminha* merecia. (CO I: 1961, p. 204-5). Pelo fato de José Veríssimo não ter se manifestado na imprensa sobre a publicação do romance, pairam também sobre ele cogitações de co-responsabilidade em relação ao exílio literário a que Lima Barreto foi submetido pela crítica da época.

Com base no argumento de que não são contundentes as explicações expostas por José Veríssimo, várias são as versões sobre o silêncio do crítico na imprensa. Entre elas, a que segue de Alice A. Penteado Martha.

> (...) o silêncio do crítico não deve ter ocorrido unicamente pelo afastamento das atividades literárias, mas pode ter acontecido pelas mesmas razões que os jornais *O Correio da Manhã*, claramente satirizado em *Recordações*, deixaram inclusive, de citar o nome de Lima Barreto e de suas obras por um período bastante longo. (MARTHA: 2000/2001, p. 9).

A autora, afirma ainda que "o crítico não quis ferir suscetibilidades, emitindo seu julgamento sobre um livro que desancava o jornalismo e os jornalistas da época", e que ao voltar, para *O Imparcial* em 1912, "em nenhum momento se referiu à obra de Lima Barreto, nem mesmo a *Triste fim de Policarpo Quaresma*, a essa altura já publicado". (MARTHA: 2000/2001, p. 9).

Cabe aqui uma observação, Martha não faz referência à citação do nome de Lima Barreto nos *Últimos estudos de Literatura Brasileira*, que foi publicado postumamente, por recomendação do próprio José Veríssimo. [50]

[50] VERÍSSIMO, José. *Últimos estudos de Literatura Brasileira*. SP: Itatiaia/Universidade de São Paulo, 1995. Analisaremos esse volume na parte do estudo sobre a crítica em livros.

Há um fato, em relação a essa discussão, que nos chamou a atenção e que se faz importante anotar. As três críticas publicadas na imprensa, em 1909, por Medeiros e Albuquerque, no jornal *A Notícia*, Alcides Maia [51] são posteriores à carta datada de 09.12.1909 enviada por Veríssimo a Lima Barreto.

Tal observação não traz respostas para os motivos que levaram o respeitado crítico a se pronunciar por carta; entretanto, a partir de uma análise comparativa entre as quatro críticas, é possível estabelecer algumas semelhanças e diferenças entre a carta de Veríssimo e as demais críticas publicadas na imprensa.

De maneira geral, as semelhanças referem-se ao estilo escandaloso dos romances *à clef*, às imperfeições de escrita e de linguagem, à falta de coragem de um ataque direto ao *Correio da Manhã* e aos defeitos graves na composição, que faziam de *Isaías Caminha* um romance inferior.

Apesar das críticas negativas, o primeiro romance de Lima Barreto foi recebido como uma revelação, e obteve, ainda que de maneira desigual, o merecido reconhecimento literário. Por essa razão, José Veríssimo tinha certeza de que Lima Barreto iria ter um lugar garantido entre os literatos de seu tempo; os erros e ousadias eram decorrentes do atrevimento de um escritor iniciante.

J. Brito considerava que se o romancista corrigisse os desacertos do seu romance de estréia, poderia ter um futuro brilhante na literatura nacional. Da mesma forma que Veríssimo, J. Brito reconheceu a originalidade no fazer literário e confessou ter se divertido com a leitura do livro, porém, a narrativa que desnudava degradante e cruelmente a realidade das coisas o havia incomodado.

Alcides Maia também reconheceu o valor literário do romance, mas, seguindo o modo vigente de fazer a crítica, como Medeiros e Albuquerque não valorizou o que havia de inusitado e original no romance de Lima Barreto. Ambos atribuíram à narrativa um caráter biográfico e vingativo que feria, de maneira irreparável, uma das mais conceituadas instituições nacionais – a imprensa, fato este, indigno para um artista das letras.

Se por um lado, a publicação de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* abriu as portas para o ingresso de um escritor no cenário das letras nacionais, por outro, causou danos irreparáveis ao seu percurso literário.

Nesse sentido, em *O profeta e o escrivão. Estudo sobre Lima* Barreto, Carlos Erivany Fantinati[52] anota que a escolha de Lima Barreto foi "consciente e intencional, uma vez que:

[51] Publicada em15. 12.1909 no *A Notícia*, 16.12.1909 no *Diário de Notícias* e em 24.12.1909 no *A.B.C.*, respectivamente.
[52] FANTINATI: Carlos Erivany. Assis/SP: Ilfha-Hucitec, 1978.

> (...) tendo quase pronto o *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e parcialmente concluído o *Clara dos Anjos*, elegeu essa obra como aquela que propiciaria a abertura para o campo intelectual e cultural do período. (FANTINATI: 1978, p.18).

Lima Barreto tinha consciência dos riscos que estava correndo quando escolheu *Recordações do escrivão Isaías Caminha* como seu livro de estréia; fato este que se confirma na citação abaixo, extraída do *Diário íntimo* em 15 de maio de 1908. A passagem descreve uma visita ao poeta Goulart de Andrade, que se mostra apreensivo em relação à publicação do romance.

> Ontem fui à casa do Goulart, Goulart de Andrade, poeta. (...)
> Contei-lhe o *Isaías Caminha*. Achou graça, mas ficou apreensivo. Não tinha razão: eu sou amigo dele e sei ser amigo até a última hora. (DI: 1956, pp. 133-4).

No que diz respeito ao juízo crítico daquele período, de acordo com João Luís Lafetá, o que se fazia na imprensa não passava de "colunismo, jornalismo, crônica literária, mas nunca crítica". A crítica atuante estava preocupada muito mais em apontar as virtudes e/ou defeitos do escritor, do que julgar a obra em si. (LAFETÁ: 1974, p. 8). É coerente, portanto, o fato de que o percurso da crítica, em torno do nome de Lima Barreto, tenha seguido um curso irregular e ligado às impressões causadas pela publicação de seu primeiro livro.

Enquanto Lima Barreto viveu, vários órgãos importantes da imprensa do Rio de Janeiro, acompanhando a publicação dos romances, fizeram referência ao seu nome, pelo menos uma vez.

Os artigos na imprensa da Capital Federal não eram muitos. Além deste, contudo, foram publicados artigos de opinião crítica, a partir de 1913, eventualmente na imprensa literária de Minas Gerais e de São Paulo, assinados por figuras de peso no período. Alguns seguem as tendências da autobiografia e do "mau panfleto" preconizadas por Alcides Maia e Medeiros de Albuquerque, como Veiga Miranda e Antonio Torres.

Este último, no artigo "O Sr. Lima Barreto, romancista" [53], fazendo a crítica de *Triste fim de Policarpo Quaresma* aborda o romance pela ótica do purismo gramatical anotou; "O Sr. Lima Barreto escreve mal, diga-se logo, escreve mal", em relação à escrita e às "soleníssimas regras da Gramática". (OLIVEIRA LIMA IN – Prefácio PQ: 1963, pp. [9-10])

Veiga, por sua vez, no artigo "Triste fim de Policarpo Quaresma/Numa e Ninfa" [54], volta a criticar as características *à clef* de *Isaías Caminha*, dizendo que os personagens não passam de "mascarados grotescos em que facilmente se deixam reconhecer os tipos alvejados".

[53] *A Notícia* de 27.07.1916.
[54] *Jornal do Commercio* em 04.03.1917

Outros como, Oliveira Lima, Jackson de Figueiredo, João Ribeiro e Mario Matos de Juiz de Fora/MG, reconheciam as qualidades literárias e a análise social que expressam os romances de Lima Barreto, consideravam que esse julgamento comum, muita vezes injusto, não dava o devido valor ao escritor e sua obra.

Oliveira Lima, por exemplo, que afirmou ser *Policarpo Quaresma* o *D. Quixote* brasileiro, em artigo "Policarpo Quaresma" [55] declara que a imprensa ainda não fizera justiça a Lima Barreto "pela simples razão de ser a imprensa quem menos lê".

Em relação à linguagem e à escrita, "simples e propositalmente desataviada" do romancista, Oliveira Lima rebateu com os seguintes comentários: "Por idêntico motivo era Eça de Queirós no começo tachado de escrever mal" e que em relação à forma do escrever preferia "mil vezes" o estilo "singelo, familiar mesmo" do autor de *Policarpo Quaresma* do que o modo "pernóstico" de alguns escritores que a crítica aplaudia. (OLIVEIRA LIMA IN – Prefácio PQ: 1963, pp. [9-10])

Conforme consta no Prefacio de *Feiras e Mafuás*, Jackson de Figueiredo no artigo "Impressões literárias" [56], fez a crítica ao silêncio que havia se imposto não só à obra de Lima Barreto, como também à de outros literatos desaprovados pela crítica oficial anotando:

> Escrevendo estas linhas não faço mais do que protestar contra a ignomínia deste silêncio com que se procura matar toda a obra verdadeiramente viva dos que aparecem sem contrato com os nossos vendedores de glória literária.
>
> Mas é como diz um eminente pensador alemão – "o que vive não morre", e obra de Lima Barreto está neste caso. (FIGUEIREDO: 1961. (pp. [14]).

Ora favorável, ora desfavorável, ora mantendo o silêncio, essas foram as vertentes críticas mais constantes em torno da obra de Lima Barreto em vida. Oscilando entre a censura, o elogio ou a omissão, sem sombra de dúvida, tais atitudes perante o escritor se derivam de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, pois, como afirmou Sérgio Paulo Rouanet, esse romance haveria de marcar "a obra de Lima Barreto como um gilvaz a testa de um esgrimista do século XVIII". (ROUANET IN – Textos escolhidos. [site da ABL]).

Com a morte de Lima Barreto, tais reações da crítica contemporânea ao escritor foram reapropriadas pelas gerações seguintes e, ao longo de décadas, constituiu-se como base para a maioria das discussões acerca de sua obra literária.

Como Rouanet, Carlos Erivany Fantinati, em *O profeta e o escrivão*. *Estudo sobre Lima Barreto* [57], foi um entre outros estudiosos, que na justa medida, conduziram este estudo à proposição

[55] *Estado de São Paulo* em 13.11.1916.
[56] *Revista A Lusitana* em 10.06.1916.

de que o todo debate, em torno de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, serviu de fermento para a crítica que se estabeleceu na imprensa, e também em livros, após 1922. Concordando com Fantinati anoto o excerto abaixo,

> Cremos que esses fatos, presos à elaboração e sobretudo à imagem social do romancista criada a partir de *Isaías Caminha*, confirmam aquela pertinente observação de Pierre Bourdieu, quando diz que "o julgamento da história que será o último julgamento da obra de um autor já está comprometido no julgamento do primeiro leitor, e a posteridade deverá contar com o sentido público que os contemporâneos lhe terão legado.". (FANTINATI: 1978, p.19).

Tenho como certo que Lima Barreto gostaria de ter visto seu nome citado na imprensa muitas mais vezes; no entanto, se não foi na medida certa da fama que aspirou alcançar em vida, a projeção que teve suficiente para manter o seu nome vivo e lhe garantir um lugar de destaque na História da Literatura Brasileira.

Sempre que publicava um novo livro, Lima Barreto recebia algumas menções na imprensa. Contudo, entre todos os artigos que se publicaram, um deles que não segue as críticas costumeiras, uma delas atenção especial nesse espaço de análise. Trata-se de uma publicação na *Revista Klaxon*, que embora, tenha sido registrado por Assis Barbosa em *A vida de Lima Barreto*, observei ter esta, passado despercebida por críticos e estudiosos do escritor.

Como o artigo foi motivado por uma crônica de Lima Barreto, que vem a ser o cerne da nossa Dissertação, entendi ser pertinente uma análise mais aprofundada deste, assim como, fazer algumas retificações, que entendemos justas, em relação a certas observações de Assis Barbosa.

Sem assinatura e sem título, ocupando coluna e meia na seção "Luzes e refração", o artigo encontra-se no Nº 4 da revista *Klaxon*, em resposta à crônica "O futurismo" publicada na revista *Careta* em 22 de julho de 1922, após ter lido um exemplar da *Klaxon* que ganhara de Sérgio Buarque de Holanda. [58] O nome da coluna é sugestivo, e era mesmo uma espécie de seção de reclamações, na qual os modernistas se defendiam dos ataques e das críticas negativas lançadas contra eles na imprensa e revistas literárias.

É praticamente certo, que Lima Barreto teve em mãos o exemplar de Nº 3 da *Klaxon* - publicado em 15 de julho. Leu-o imediatamente e, ainda pasmado, não só com a proposta estética da revista, como também, com a "Arte transcendente, destinada a revolucionar a literatura nacional e de outros países, inclusive a Judéia e Bessarábia" anunciada pelos moços do modernismo, escreveu a crônica "O Futurismo".

---

[57] FANTINATI, Ilpha/Hucitec, 1978.

[58] Para que o leitor acompanhe mais de perto a nossa análise sobre este fato, transcrevemos no **"Anexo I"** a crônica "O futurismo" e a resposta da *Klaxon*.

> (...) esse moços do modernismo tão estimáveis pensam mesmo que nós não sabíamos do futurismo? Há vinte anos, ou mais, que se fala nisto e não há quem leia a mais ordinária revista francesa ou pasquim mais ordinário da Itália que não conheça as cabotinagens do "il Marinetti"
>
> A originalidade desse senhor consiste em negar quando todos dize,m sim; em avançar absurdos que ferem, não só o senso comum, mas tudo o que é base e força da humanidade.
>
> O que há de azedume neste artiguete não representa nenhuma hostilidade aos moços que fundaram a *Klaxon*; mas sim, a manifestação de aminha sincera antipatia contra o grotesco "futurismo", que no fundo não é senão brutalidade, grosseria e escatologia, sobretudo esta. Eis aí. (*Careta*: 22.07.1922).

Os modernistas se incomodaram, não com a ironia e as pilhérias da crônica em relação ao formato e ao conteúdo da revista, que nem é comentada pelo articulista, mas sim pelo fato do cronista ter entendido a proposta do modernismo como uma inspiração anacrônica do futurismo de Marinetti.

> Na "Careta" (22 de julho) confunde ainda o espírito de atualidade de *Klaxon* com o futurismo italiano um Sr. Lima Barreto. Desbarretamo-nos imediatamente, imensamente gratos, ao ataque do clarividente. (...) o snr. Lima Barreto, chama-nos de e descobridores do "il Marinetti" (o snr. Lima Barreto é incontestável a respeito de artigos). E cansado com o descobrimento eis o snr. Lima azedo, objurgatoriando , mais ou menos, com razão, contra Marinetti. Mas que temos nós com o italiano oh! Fino classificador? (***Klaxon***: 15.08.1922, p. 15-16).

Assis Barbosa considerou que "Lima Barreto cometeu um erro de julgamento, vendo em Mário de Andrade e seus companheiros nada menos que imitadores de Marinetti. E o modernismo uma simples macaqueação do futurismo". (ASSIS BARBOSA: 2000, p. 337).

Da minha parte, não observo a crítica como um "erro de julgamento", mas como uma inabilidade por parte de Lima Barreto que só enxergou as semelhanças, em função da sua própria indisposição em relação ao futurismo de "il Marinetti" e, sobretudo, pelo pasmo que a revista lhe havia causado.

> Recebi, e agradeço uma revista de São Paulo que se intitula *Klaxon*. Em começo, pensei que se tratasse de uma revista de propaganda de alguma marca de automóveis americanos. [59] Não havia para tal motivos de dúvidas, porque um nome tão estrambótico não podia ser senão inventado por mercadores americanos, para vender seus produtos.
>
> Quem tem hábito de ler anúncios e catálogos que os Estados Unidos nos expedem num português misturado com espanhol, sabe perfeitamente que os negociantes americanos possuem um talento especial para criar nomes grotescos para batizar suas mercancias.
>
> Estava neste "engano ledo e cego", quando me dispus a ler a tal *Klaxon* ou *Clark*. Foi, então, que descobri que se tratava de uma revista de Arte, de Arte transcendente, destinada a revolucionar a literatura nacional e de outros países, inclusive a Judéia e a Bessarábia. (*Careta*: 22.07.1922).

[59] Essa relação Lima fez em função de "Klaxon" ser uma buzina em formato de corneta que ficava do lado de fora dos automóveis.

É significante anotar dois outros fatos que explicam esse mal entendido por parte do cronista. Primeiramente, é o de que fora do círculo paulistano, a Semana de Arte Moderna passou o ano praticamente ignorado e, "o seu programa de 'independência intelectual' como complemento da independência política não atraía com a mesma força todos os espíritos.". (MARTINS: 1983, p. 479). O outro, é que a nota da *Klaxon*, no seu primeiro número, que apresentava a revista como um "mensário de arte moderna", e expressamente advertia – "*Klaxon* não é futurista", Lima Barreto, seguramente, não leu.

É praticamente certo que o exemplar lido pelo escritor foi o de Nº. 3, pois, há nele uma reportagem sobre Graça Aranha, na qual, ele teria exigido que um dos exemplares do *Klaxon* fosse inteiramente dedicado ao seu nome e a fatos de sua vida literária. Da mesma forma, teria exigido o formato e os temas que deveriam ser abordados, sobre os quais levara vários artigos de jornais e revistas, nacionais e internacionais, dentro de uma caixa de sapatos da marca "Clark".

Às ironias do cronista, assim respondeu o articulista:

> Mas não é por causa da estocada que estamos gratos. Esta apenas nos permitiu sorrisos de ironia. Pois estamos bem acastelados, de metralhadoras armadas, e lá nos surge a 20 metros, um ser que, empunhando a antiga colubrina [60], tem a pretensão de nos atacar! Qual! A colubrina é uma espada muito nobre do passado. É uma navalha que traz o atacante. Qual navalha! O snr. Lima Barreto, como escritor de bairro, desembocou duma das vilelas da Saúde, gentilmente confiado nas suas rasteiras. E foi uma rasteira que imaginou passara. Mas com franqueza, snr. Lima, uma rasteira de 20 metros! Só mesmo se o erudito crítico possuísse pernas iguais em comprimento ao "nariz" de Mafarka... Mas as pernas (espirituais) do atacante apenas têm 10 cm!... Foi por isso que esmiuçamos aquele "sorriso de ironia" que atrás denunciado. (***Klaxon***: 15.08.1922, p. 15-16).

Ataques dessa espécie, porém anônimos, eram comuns à *Klaxon*; à exceção dos artigos de Mario Pinto Serva, [61] o de Lima Barreto até então, havia sido o única a trazer a assinatura de seu autor. Em nome dos modernistas, o articulista agradece da seguinte forma:

> Mas ainda não dissemos o que nos deixou gratos para com o estudioso da literatura universal. Foi isto. O snr. Lima Barreto assinou o seu artigo. Enfim. Até agora, diante da arte modernizante, só um homem tivera a coragem de sua ignorância,: o inefável dramaturgo da "Alemanha Saqueada", snr. Mario Pinto Serva, cujo nome é sempre com prazer por nós invocado. Mario Pinto Serva, oh! Que nos seja permitido mais uma vez repetir: MARIO PINTO SERVA reúne-se agora o snr. Lima Barreto. (***Klaxon***: 15.08.1922, p.17).

[60] Há duas espécies de armas com este nome: peça de artilharia comprida e fina do século XV, de alcance maior que o da época, ou, uma espada antiga de lâmina sinuosa. O articulista se refere à última.
[61] Um, entre os mais conhecidos detratores do Modernismo, foi Mário Pinto Serva o responsável pelos ataques ferinos aos modernistas.

Para concluir, o autor do texto aconselhava o cronista a atualizar suas leituras. Recomendava entre outros autores Blaise Cendrars (1887-1961) e Guillaume Apollinaire (1880-1918), nomes que influenciaram diversos artistas e escritores do modernismo brasileiro.

Lima não rebateu o artigo; o que temos são apenas as suposições de Assis Barbosa:

> Nesse incidente de pouca monta, injustiça por injustiça, exagero por exagero, Lima Barreto levaria a melhor. É possível que, a essa altura, nem tivesse lido a inopinada resposta da Klaxon, publicada na segunda quinzena de agosto de 1922, dois meses e meio antes da sua morte. (ASSIS BARBOSA: 2000, p. 338).

Não há qualquer menção que suponha que Lima leu a resposta da *Klaxon*. Tendo em conta que, após a resposta do *Klaxon*, Lima Barreto ainda publicou varias crônicas [62]; teria seu estado de saúde piorado tanto a ponto de não ter vontade, ou mesmo forças, para escrever uma contra-resposta, como afirma Assis Barbosa?

Seja qual for o sentido que o biógrafo quis dar à expressão "inopinada resposta", é de se supor que esta não assustou ou aborreceu o cronista, pois, como ele próprio afirma, Lima sempre tratava os "jovens talentos" com respeito, "talvez porque visse em cada um deles a continuação do seu próprio caso: as resistências e até mesmo a má vontade dos expoentes diante dos novos.". (ASSIS BARBOSA: 2000, p. 339).

Exageros e injustiças se neste "incidente" houve, é possível entendê-los a partir do viés da análise expresso no trabalho de Assis Barbosa. O articulista da *Klaxon* e Lima Barreto ao trocarem farpas em pé de igualdade na ironia, estariam inconscientemente vendo o próprio reflexo, no espelho do outro. Após ler os dois textos, me foi dado a concluir o quanto ambos tinham em comum no que diz respeito à função social da literatura e dos literatos.

Nesse sentido, cada um no seu estilo, assim se pronunciou:

Lima Barreto em "Amplius":

> Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e honestos, é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros, e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme a inspiração própria, para tentar reformar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela revelação das almas individuais e do que elas têm em comum e dependente entre si. Não desejamos mais uma literatura contemplativa (...) Não é isso que os nosso dias pedem; mas uma literatura militante para maior glória da nossa espécie na terra e no Céu.
>
> Para atingir tão alto escopo, tudo serve; e como São Francisco Xavier, todos nós, que andamos em missão entre hindus, separados em castas hostis, entre malaios ferozes e pérfidos, entre japoneses que se guerreiam feudalmente; todos nós,

[62] Cinco no mês de agosto, outras cinco no mês de setembro, três no mês de outubro e deixou mais oito, inéditas, que foram publicadas na *Careta* postumamente, entre 22 de julho e 15 de agosto

> dizia eu, só devemos ter a divisa do santo: "Amplius! Amplius!" Sim; sempre mais longe! (HS: 2000, p. 24-25).

Mário de Andrade em *Aspectos da literatura brasileira*:

> Eu creio que os modernistas da Semana de Arte Moderna não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição. O homem atravessa uma fase integralmente política da humanidade. Nunca jamais ele foi tão "momentâneo" [63] como agora. Os absenteísmos e os valores eternos podem ficar para depois. Sei que é impossível ao homem, nem ele deve abandonar os valores eternos, amor, amizade, Deus, a natureza. Quero exatamente dizer que numa idade humana como a que vivemos, cuidar desses valores apenas e se refugiar neles em livros de ficção e mesmo de técnica, é um absenteísmo desonesto e desonroso como qualquer outro. Uma covardia como qualquer outra. (...) Se de alguma coisa valer o meu desgosto, a insatisfação que eu me causo, que os outros não sentem na beira do caminho, espiando a multidão passar. Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofícios. Mas não fiquem apenas nisto, espiões da vida, camuflados em técnicos, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões. (ANDRADE: 1974, pp. 254-255).

Não pretendo levantar a hipótese que essa afinidade de ideias acerca da função da literatura, entre os dois literatos, fizeram de Mário de Andrade e dos modernistas, os sucessores, ou seguidores de Lima Barreto como já se afirmou. Ao contrário disso, entendo que há evidentes diferenças formais e conceituais que os distanciam.

Contudo, a história da literatura, como a da humanidade, já demonstrou que após momentos de ruptura, alguns valores do período anterior se mantêm e, no sentido inverso, já se evidenciavam sinais do que estava por surgir, como expõe abaixo, o comentário de Alfredo Bosi sobre o período que antecedeu o Modernismo Brasileiro.

> (...) caberia ao romance de Lima Barreto e de Graça Aranha (...) e à vivência brasileira de Monteiro Lobato o papel histórico de mover as águas estagnadas da *belle époque*, revelando, antes dos modernistas, as tensões que sofria a vida nacional. (BOSI: 1975, p. 343-5).

Nesse ponto concluo a minha análise, acerca das vertentes críticas que se manifestaram na imprensa a respeito da obra de Lima Barreto, em vida.

[63] Grifo do autor.

2.1 b) 1923 – 1949

Sem muitas inovações ou incorporações de novos valores sobre o fazer literário do período modernista - romper com o academicismo, com os temas e com os postulados estético-literárias do "coelhonetismo" -, com raras exceções, o que encontramos na imprensa acerca da obra de Lima Barreto no período imediatamente posterior à sua morte é a reprodução do juízo crítico que acompanhou a sua produção literária em vida.

Desde de novembro de 1922 até a metade da década de 1940, não houve mudanças significativas na fortuna crítica de Lima Barreto. Prevaleceu a opinião inspirada nos aspectos biográficos em detrimento do valor literário da obra em si.

Entre os artigos que se publicaram, ainda no final da década de 1920, destacamos um de João Ribeiro com o título de "Perfil do escritor" [64]. Mais informativo do que crítico, o artigo [65] responde a uma "gentil senhorita 'Frida'" que escreve de São Paulo solicitando notícias biobibliográficas a respeito de Lima Barreto. Entre uma nota bibliográfica e outra literária, João Ribeiro apontava alguns traços característicos da personalidade do escritor e na seqüência, tece um comentário sobre suas ideias pessoais ou sobre o caráter literário da sua obra.

Desse texto destacamos o excerto abaixo, uma vez que faz menção à manifesta implicância de Lima Barreto em relação ao futebol. Trata-se de um traço de personalidade do romancista, alheio à trajetória romanesca, que João Ribeiro empregou como mote para definir o caráter combativo de sua obra.

> Inimigo do esporte predileto dos cariocas, fundou a "Liga Brasileira contra o futebol". Foi em 1928.
>
> Realmente ele não era inimigo de coisa alguma e a atitude anti-esportiva era "pose" e nada mais.
>
> Lima Barreto gostava de discutir e contraditar, sem firmeza de opiniões, que só as tinha, verdadeiras, nas questões literárias.
>
> Combatia os gramáticos, os clássicos e os pedantes de toda casta. E bem o demonstrava na ampla liberdade de escrever, a qual era sua norma. (RIBEIRO: 1959, p. 89).

João Ribeiro sugere que nem sempre as afirmações de Lima deveriam ser tomadas como verdade, pois, com exceção de questões literárias, tinha pouco conhecimento de outros assuntos sobre os quais gostava de debater e o fazia apenas pelo prazer de contradizer. Contudo, em sua visão, o talento do romancista "exculpava esses paradoxos de pouca monta". (RIBEIRO: 1959, p. 90).

[64] *O Estado de São Paulo*, em 23.07.1929

[65] Em 1959 o artigo foi publicado em livro, no capítulo "Lima Barreto" do volume III da coleção *Crítica – Autores de Ficção*, pela editora Publicações da Academia Brasileira, organizado, prefaciado e anotado por Mucio Leão.

Vinte anos mais tarde, Octavio Brandão, em *Os intelectuais progressistas. Tavares Bastos, Tobias Barreto, Silvio Romero, Euclides da Cunha, Lima Barreto* (1956) faz uma análise semelhante, embora mais desenvolvida e complexa em relação às idéias de Lima Barreto sobre os teóricos do socialismo russo, que despontavam de suas leituras. (BRANDÃO: 1956, p. 140).

A década de 1930 não foi muito diferente da anterior. Catorze artigos citaram o nome do romancista na imprensa. Em sua maioria, foram publicados em jornais e revistas literárias do Rio de Janeiro e de São Paulo. A novidade ficou por conta das publicações na imprensa de Pernambuco e do Maranhão. O número total de artigos dessa década não é expressivo, mas o fato de o nome de Lima Barreto ser lembrado nas páginas da imprensa, ainda que eventualmente, desmistifica a ideia de que houve um total esquecimento no período entre a sua morte e a reedição de seus romances.

No ano de 1931, não encontramos nenhuma citação na imprensa, mas há duas ocorrências envolvendo o nome do literato que consideramos importante mencionar. Primeiramente, a homenagem que alguns amigos e admiradores prestaram aos cinquenta anos de seu nascimento, erigindo um busto de bronze na Ilha do Governador [66]. E, em segundo lugar, o surgimento do ensaio "Lima Barreto", publicado por Agripino Grieco em *Mortos e vivos*. Esta foi a primeira das citações da obra de Lima em livro de crítica literária.

Busto de Lima Barreto
Praça Calcutá – Antiga Praça da Freguesia/Ilha do Governador

[66] O busto, de autoria do escultor Francisco de Andrade, permanece no mesmo lugar de origem - Praça Calcutá, antiga Praça da Freguesia.

Citaram o nome de Lima Barreto, nesse período, Agripino Grieco, Antonio Noronha Santos, Domingos Ribeiro Filho, Brito Broca, e Jorge Amado, artigos pouco conhecidos atualmente.

A partir de 1940, os artigos na imprensa se tornaram mais constantes. Entre os três divulgados em 1941, destacamos o de Astrojildo Pereira – "Lição de Lima Barreto" [67], cuja crítica é endereçada à crônica "Literatura Militante" [68]. Não tendo sido incluída no volume *Bagatelas*, Pereira entendeu importante discuti-la devido ao seu conteúdo, pois, Lima Barreto passa a limpo suas leituras e autores prediletos para tecer "considerações significativas sobre o que ele mesmo considerava o seu 'ideal de arte'". De acordo com Pereira, diferente do que se afirmava, o literato não buscava apoio nas obras de Jean-Marrie Guyau, Anatole France, Hippolyte Taine e Ferdinand Brunetière, mas sim, ensinamentos sobre o papel social da literatura, e sobre o seu próprio enquanto literato.

O crítico considera que Lima Barreto foi um elo de ligação entre a geração de Manuel Antonio de Almeida e Machado de Assis e a dos modernistas, visto que há momentos na sua obra que prenunciam "os germes de muitas das árvores mais belas" produzidas pelo movimento de 1922. Sobre esse conceito anota.

> Sua posição foi de certo modo a de um verdadeiro desbravador. Realizando nas suas obras o ideal de arte que preconizava assim tão simplesmente, sem complicações nem sutilezas inúteis, Lima Barreto como que desvendava, aos olhos das gerações de escritores e artistas que viriam depois dele, novas perspectivas e novos rumos de trabalho. (PEREIRA: 1963, pp. 263-265).

É conhecido o fato que de que alguns modernistas admiravam a literatura de Lima Barreto e também, que Graça Aranha o teria convidado para participar desse movimento paulista. Entretanto, se pensarmos na pouca comunicação que havia entre Rio de Janeiro e São Paulo no que diz respeito a movimentos literários, e na repercussão que tinha a obra do escritor na capital paulistana, não seria este trecho do artigo de Pereira um dos seus excessos de admiração, cometidos em relação ao criador de *Policarpo Quaresma*?

Nos anos seguintes, especialmente entre abril e dezembro de 1943, quando *Recordações do escrivão Isaías Caminha, Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* foram reeditados pelo Livro de Bolso, em menos de um ano onze artigos trazendo a assinatura de Agripino Grieco, Antonio Noronha Santos, José Lins do Rego, Caio Prado Junior, entre outros, foram publicados na imprensa do Rio de Janeiro.

[67] Este artigo localizamos em *Crítica impura*, a única referência é o ano de publicação; não conseguimos as informações da data nem do órgão que foi publicado. Foi a partir do livro que desenvolvemos este trecho do nosso estudo.
[68] Publicada em 7 de agosto de 1918 no *A. B. C.*. Esta crônica está transcrita no "Anexo I".

Nunca se falara tanto de Lima Barreto.

Outro fato a ser destacado, na década em estudo, foi a publicação da correspondência entre Lima Barreto e Monteiro Lobato na *Folha de São* Paulo, entre 14 e 28.09.1947, que havia sido organizada por Edgard Cavalheiro. Embora, mais ligada ao nome de Lobato, essa publicação trouxe visibilidade a um novo tipo de documentação relacionada aos escritos de Lima Barreto.

Em 1955 essa epistolografia foi publicada em livro pela editora do Ministério de Educação. Na Coleção Brasiliense, Assis Barbosa a incluiu no volume *Correspondência Tomo II*, que veio a público em 1956.

Capa de
A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto

Entre 1948 e 1949, por ocasião do projeto de reedição das obras de Lima Barreto, pela editora norteamericana Jackson Inc., catalogamos trinta e quatro artigos que citam o nome e a obra de Lima Barreto. É interessante comentar o fato de que em apenas um ano, foram publicados mais artigos sobre o escritor do que entre 1907 e 1922. [69]

Nesse momento, a crítica começou a tomar um feitio mais ensaísta, embora os traços biográficos perdurassem. Assinam artigos nesse período, Assis Barbosa, Henrique Pongetti, Menotti Del Picchia, Alphonsus Guimarães, Nelson Werneck Sodré, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior e Austregésilo de Athayde, entre outros.

Entre esses artigos destaca-se "Em torno de Lima Barreto" [70], assinado por Sérgio Buarque de Holanda no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, em 23.01.1944, na "Seção de Artes e Letras". A razão dessa escolha é a de anotar como Buarque de Holanda, mesmo em discordância com "o pecado do biografismo" muito comum em torno da obra do romancista, toma conscientemente, os aspectos da sua vida pessoal como parâmetros de julgamento. [71]

> Não sei se é lícito escrever sobre os livros de Lima Barreto sem incorrer um pouco no pecado do biografismo, que tanto se tem denunciado em alguns críticos. No caso do romancista carioca, não só as circunstâncias da vida pessoal, tão marcada pelo desmazelo e a intemperança, parecem inseparáveis de sua obra, como afetam certamente muitos dos juízos, benévolos ou desfavoráveis, que pôde suscitar. (...)
>
> A obra desse escritor é, em grande parte, uma confissão de amarguras íntimas, de ressentimentos, de malogros pessoais, que nos seus melhores momentos ele soube transfigurar em arte. (HOLANDA: 1978, 131).

Embora faça a crítica a esta prática, confessa não encontrar outra forma de estabelecer um juízo sobre a obra de Lima Barreto. Toda discussão literária se fundamenta, nesse artigo, nos aspectos da vida pessoal do escritor, como se observa, por exemplo, neste trecho que trata de *Clara dos Anjos:*

> O que talvez se possa afirmar em detrimento desta parte da sua obra (*Recordações do escrivão Isaías Caminha)* [72]e muito especialmente do romance *Clara dos Anjos*, (...), é que nela a refundição estética não se faz de modo pleno. Em outras palavras, os problemas íntimos que o autor viveu intensamente e procurou muitas vezes resolver através da criação literária, não foram integralmente absorvidos e nela ainda perduram em carne e osso como corpo estranho. (HOLANDA: 1978, 132-133).

[69] Nas décadas seguintes, grande parte dessa produção crítica na imprensa foi publicada, por seus autores, em antologias e ensaios.
[70] Este artigo foi incluído por Assis Barbosa no Volume V – *Clara dos Anjos*, a título de Prefácio, pois foi publicado na imprensa em 1948, a propósito da publicação de *Clara dos Anjos* pela editora Jackson Inc..
[71] Este artigo não lemos no original e sim na coletânea *Cobra de Vidro*. **HOLANDA**, Sergio Buarque. SP: Perspectiva/Secretaria da Cultura, Ciência Tecnologia do estado de São Paulo, 1978).
[72] Grifo nosso.

É importante notar que Buarque de Holanda teve acesso a uma cópia dos documentos pessoais de Lima Barreto antes que o *Diário Íntimo*, organizado por Assis Barbosa viesse a público, como vem anotado na análise do trecho que Isaías Caminha se sente humilhado por ter sido preterido no atendimento, num estabelecimento comercial, por um freguês aloirado.

> Há nessa humilhação sem dúvida, o eco de muitas outras que o romancista padeceu e registrou em seu diário íntimo ainda inédito. Nesse precioso documento, que me foi dado a percorrer graças à obsequiosidade de Francisco de Assis Barbosa, possuidor de uma cópia, encontram-se pormenores que dão a medida das suscetibilidades de Lima Barreto a esse respeito. (HOLANDA: 1978, 135).

O "problema íntimo" que Buarque de Holanda põe em evidência neste texto é o das "suscetibilidades" do escritor em relação à sua origem mestiça, problema que se agravou com a loucura do pai, com as humilhações sofridas na Secretaria da Guerra e do alcoolismo incurável. Assim, "eles explicam mais de um dos seus distintivos", como por exemplo: "É triste não ser branco". (HOLANDA: 1978, 135).

Aprofundando sua análise sobre a origem mestiça, Holanda observa que há uma afinidade entre Lima e Machado de Assis. No entanto,

> (...) tudo quanto os podia aproximar, os dois romancistas cariocas, mestiços ambos – se separavam em um ponto especial. Enquanto os escritos de Lima Barreto foram, todos eles, uma confissão mal disfarçada, conforme já disse acima, os de Machado foram antes uma evasão e um refúgio. O mesmo tema que para o primeiro representa obsessivo tormento e tormento que não podia calar, este o dissimula por todos os meios ao seu alcance. (...) Machado de Assis aristocratizou-se por esforço próprio e da disciplina que para isso se impôs, ficou em seu temperamento e em sua obra uma vertente inumana, que deveria desagradar a espíritos menos capazes de contensão. Desagradaria como se sabe, a José do Patrocínio e desagradou a Lima Barreto.
>
> Deste pode-se dizer que não conseguiu forças para vencer, ou sutilezas para esconder, à maneira de Machado, o estigma que os humilhava. (HOLANDA: 1978, 135).

Completando essa anotação, o crítico e historiados ressalta que Lima deixava transparecer essa disposição nos diversos gêneros aos quais se dedicou a escrever, especialmente, nas suas anotações pessoais.

Alguns anos mais tarde, em outro artigo também intitulado "Lima Barreto", Buarque de Holanda confirma o "biografismo" como a melhor forma de analisar a obra do romancista. Contudo, define com mais clareza o que entendia por "erro de biografismo". Comentando sobre a biografia de Assis Barbosa anota:

> Acresce que penetrar nos bastidores de sua vida (de Lima Barreto) [73] é, de algum modo desvendar as raízes de sua arte. A tese seria temerária, sem dúvida, se generalizada a outros casos e iria importar numa cumplicidade perigosa com o pecado

[73] ( ) nossos.

> que Croce denunciou e batizou com o nome de "biografismo". O erro do biografismo crítico não é aliás, um erro de visão, salvo na medida em que confunde o que não deve confundir, duas espécies literárias normalmente distintas. Então ele poderá revelar uma obtusidade ou uma singeleza de espírito semelhante à daquelas raparigas de Verona que, avistando Dante, supunham ver em sua pele fuliginosa a prova de que andou efetivamente pelo inferno. (HOLANDA: 1978, 135).

Concluindo afirma que, uma metódica ocultação de aspectos da vida pessoal de um escritor, restringirá um bom entendimento de sua obra. A Lima Barreto, no entanto, "a fuligem que trazia impressa na pele marcou profundamente o que escreveu" e por causa dela, o inferno lhe foi dado a ele conhecer.

Essa crítica inspirada nos escritos pessoais de Lima Barreto, que terá seu grande momento a partir da publicação da biografia escrita por Assis Barbosa e do *Diário Íntimo*, sugere ter neste artigo um de seus primeiros momentos, uma vez que, até então, não havíamos encontrado nenhum registro de críticas aludindo a essas particularidades do escritor.

Cronistas desse período já punham em questão a validez de julgamentos da obra de Lima Barreto que destacavam os aspectos biográficos do romancista como subsídios de análise, como por exemplo, Carlos Maul no artigo "Meu encontro com Lima Barreto". [74]

> Certos analistas superficiais pretendem ver no romancista suburbano um recalcado contra a sociedade sofisticada que o desprezaria sob a pressão do preconceito de cor. Ele seria o porta-voz da revolta dos humildes das zonas pobres em hostilidade aos senhores das zonas abastadas... Daí o notar-se em seus escritos a predominância dos personagens obscuros e sofredores.
>
> Tenho motivos pessoais para não aceitar como moeda sã essa que corre com fumos de psicologia para nos pintar um Lima Barreto mulato com ódio de branco, pois nunca lhe ouvi qualquer queixa ou comentário que denunciasse pensamentos nesse sentido. (MAUL: 1967, p. 35).

Maul escreveu dois artigos sobre Lima Barreto, como se pode observar no excerto abaixo, se alinhava à corrente analítica que observava sua obra inspirada na vida e nas personagens da cidade do Rio de Janeiro, em detrimento de mazelas pessoais do romancista.

> Lima Barreto gostava de compor as figuras de seus romances com fragmentos do caráter de pessoas conhecidas. (...) A ficção desse grande novelista tinha as raízes na realidade. As criaturas de seus livros saíram das ruas e das casas cariocas para entrar na literatura e nela permanecerem como símbolos de uma época. (MAUL: 1967, pp. 36).

[74] Este artigo não consta do descritivo em tabelas, uma vez que, só o temos em livro – *O Rio da Bela Época* - onde não há indicação da data e do órgão de publicação. MAUL, Carlos. *o Rio de Janeiro da Bela Época.*RJ/GB: Livraria São José, 1967. (p. 35)

O estudo deste período trouxe subsídios importantes para o desenvolvimento deste trabalho; entre eles, destaco o estabelecimento de correntes analíticas bem definidas, que determinaram o juízo crítico acerca da obra de Lima Barreto nas décadas posteriores.

Nos anos que se seguiram à morte do romancista, seu nome foi eventualmente lembrado em artigos publicados em periódicos e jornais do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Pernambuco. A partir de 1940, os artigos foram aumentando ano a ano, especialmente, em dois períodos. O primeiro em 1943, quando, num esforço de Rui Arruda e Elói Pontes, reeditaram-se os romances *Recordações do escrivão Isaías Caminha, Triste fim de Policarpo Quaresma e Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

O segundo, entre 1948 e 1949, quando a Editora Mérito iniciou a publicação das obras completas de Lima Barreto. A maioria dos artigos deste biênio ainda aparece nas folhas diárias do Rio de Janeiro, em segundo lugar estão os artigos de São Paulo e, esporadicamente, aparecem as colunas de jornais de outros Estados.

Os resultados iniciais obtidos para a pesquisa deste capítulo, se de interesse for do leitor, podem ser encontrados nas Tabela III – “Leitores de Lima Barreto na Imprensa” do “Anexo I”.

2.2 Lima Barreto nos livros

Como esta descrito na “História editorial”, a obra de Lima Barreto expandiu a perspectiva da crítica literária e atualmente, tem sido objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento das Ciências Humanas. Fato este, que vem aumento, gradativamente, o volume de publicações referentes ao escritor na medida em que sua obra vem ganhando mais leitores, apreciadores e novas interpretações

Dessa forma, para elaborar esta revisão bibliográfica, recorri a estudos que discutem a obra de Lima Barreto em livro, sejam esses ensaios, biografias, citações, antologias, estudos de caso ou trabalhos acadêmicos. Para tal, além de nomes significativos na área dos Estudos Literários, elegemos outros, de áreas correlatas das Ciências Humanas - História e Ciências Sociais -, que se dedicaram especificamente a Lima Barreto ou que citam seu nome como referência.

Não seria possível analisar todos no âmbito desta sucinta revisão bibliográfica. Assim, se tornou necessário fazer escolhas, nem sempre imparciais, mas conscientes quanto à coerência em relação à proposta desta Dissertação.

Dividimos essa discussão bibliográfica nas seguintes partes:

- “Primeiras críticas” – contempla as primeiras críticas em livro, contemporâneas à obra de Lima Barreto.
- “1923 a 1949” – contempla o período em que o nome de Lima Barreto é citado em ensaios ou estudos de crítica literária em livro.
- “1950 a 1969” – contempla os ensaios, biografias e capítulos editados em antologias, bem como os primeiros trabalhos que tem como foco a obra de Lima Barreto.
- “Fase acadêmica” – contempla uma leitura da bibliografia barretiana, produzida a partir de 1970, nas áreas de Estudos Literários e Ciências Humanas, segundo a metodologia da pesquisa científica.

Entre estas, seguindo os recortes temporais propostos para esta Dissertação, observaremos apenas as duas primeiras partes.

2.2 a) Primeiras críticas

Em vida, dois críticos citaram Lima Barreto em seus livros, José Veríssimo e Andrade Muricy.

José Veríssimo foi o primeiro crítico a citar o nome do escritor ainda vivo no volume *Últimos estudos de Literatura Brasileira*. Organizado pelo crítico antes de sua morte, com a recomendação expressa de publicação póstuma, veio a público em 1979. [75]

O volume é composto de ensaios que se referem ao momento literário em que Veríssimo atuou, a saber, final do século XIX e início do XX e também aborda os conceitos literários que moviam o cenário das letras daquele período, sobre o qual Veríssimo faz as seguintes anotações:

> O que principalmente caracteriza essa última fase de nossa evolução literária, eu pudera dizer mental, é o abandono não só da filosofia e literatura, mas ainda em política, das nossas ideias e opiniões tradicionais, por amor das que na Europa entraram a renovar o pensamento contemporâneo. Ao seu conjunto denominamos aqui ideias modernas. Como foram elas que sobretudo influíam nosso pensamento literário deste último momento, proponho que lhe chamemos modernismo, quaisquer que sejam as flutuações ou variações do mesmo pensamento. (VERISSIMO: 1995, p. 56).

De tais impressões, que são parte de uma conferência que proferida na Biblioteca Nacional, chamam a atenção, em particular, os termos "ideias modernas" e "modernismo", pois, como Ronald de Carvalho na sua *Pequena História da Literatura Brasileira,* já utiliza a expressão "geração modernista" ao se referir a alguns escritores do período. [76]

De acordo com Wilson Martins esse uso não era de se estranhar, uma vez que, por volta de 1916, já havia "um clima 'modernista' claramente estabelecido e a expressão já estava circulando, embora fosse por um "curioso mal-entendido de semântica literária". Em relação a Veríssimo, propriamente, Martins afirma que o sentido era o de distinguir o momento de possíveis "sobrevivências da Escola de Recife". (MARTINS: 1983, p. 445-6).

> Não me parece que no período aqui noticiado, houvesse a nossa ficção em prosa, particularmente a nossa novela, produzindo nada mais interessante, como novidade, como esperança, como promessa que as *Recordações do escrivão Isaías Caminha* do novo escritor Sr. Lima Barreto, que com ela estreou. (...). Não, há porém, igual como inspiração, como originalidade, como manifestação de uma personalidade literária, a quem pouco faltará para ser um escritor distinto. (VERISSIMO: 1995, p. 239).

[75] VERÍSSIMO, José. *Últimos estudos de Literatura Brasileira*. *7ª série.* SP: Itatiaia/Universidade de São Paulo, 1995. A 1ª edição do livro é de 1979, publicada pelas mesmas editoras. O nome de Lima Barreto está incluído no Capítulo 22 – "Movimento literário de 1906 a 1910", Parte II -" Ficção e prosa".

[76] CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da Literatura Brasileira*. RJ: F. Briguiet & Cia. 1968. (13ª. Edição). O nome de Lima Barreto não foi citado nesta obra, como em outras várias, publicadas até 1922.

Numa linguagem adequada a um estudo crítico de literatura a ser publicado em livro, a tônica é mesma, bem positiva em relação ao futuro literário do escritor. Contudo, como já havia advertido na referida carta, Veríssimo apontava com severidade os defeitos que observou no romance, como, por exemplo, o exagerado personalismo da narrativa.

> Quis o Sr. Lima Barreto, saindo da imitação da comum novela francesa e portuguesa de amores, adultérios, porcarias sentimentais ou casos monstruosos, representar num quadro de romance certos aspectos sociais da vida da grande capital, *quiçá por demais presumida de si, vista pelos olhos e sentimentos dum mesquinho rapaz que do interior vem tentar a vida nela. O quadro saiu-lhe acanhado e defeituosamente composto, e a representação sem serenidade, pessoalíssima.* [77] (VERISSIMO: 1995, p. 239).

Também não se furtou à crítica em relação ao estilo de romance *à clef*.

> A quase todas as suas personagens, crismadas com pouca inventiva, pode-se por um nome conhecido, e não faltará quem nisto encontre um dos méritos do livro. (...) O maior percalço deste processo é que, passados anos – e a mais nobre aspiração da obra de arte é viver - quando novas gerações lerem o livro tais não lhes encontrarão sabor, pois o que sobretudo lhe dava interesse épico, desapareceu com a geração que fotografavam. (VERISSIMO: 1995, p. 239).

Depois de Veríssimo, seria Andrade Muricy o próximo crítico a citar, em *Suave convívio*, o nome e a obra de Lima Barreto. Publicado em julho de 1922, o livro traz uma coletânea de artigos publicados na imprensa entre 1919 e 1922. Alguns são datados, outros não, caso no qual está inserido o texto a respeito de Lima Barreto.

Embora se tenha buscado localizar referências precisas sobre o artigo, não foi possível encontrá-las. A única certeza é a de que foi escrito após a publicação de *Histórias e sonhos*, em 1921, uma vez que Muricy faz menção ao livro.

O artigo se intitula “Livros de Lima Barreto” e, ao longo do texto, Muricy traça uma análise comparativa entre os romances do escritor, tomando como base *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* que considera o melhor romance da carreira do escritor, comenta:

> Quando, em 1921, apareceu *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, custou-me a entender a razão pela qual Lima Barreto deixara dormir aquele romance na gaveta desde 1906, publicando, entretanto, sucessivamente as *Recordações do escrivão Isaías Caminha, Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Numa e Ninfa*.
>
> Duvidara o escritor do merecimento do livro, ou julgara conveniente publicar antes dele algumas obras mais violentas, mais possantes, capazes de impressionar fortemente, preparando assim o público para melhor atentar em obra leve e sutil, de maior alcance, porém menos ruidosa? (MURICY: 1922, 96).

[77] Grifo nosso.

Na opinião de Muricy, a resposta seria que Lima Barreto duvidava do valor literário do romance; já para o público leitor, a impressão foi a de que o escritor desejava estrear ruidosamente no cenário das letras, no que acertou.

A crítica de Muricy alterna momentos de afabilidade com outros de arrebatamento. Sobre *Isaías Caminha* e *Policarpo Quaresma*, observa que até a publicação desses romances, não conhecia na literatura brasileira obras com tanta "finura irônica". Contudo, ambos são muito densos e prolixos em algumas partes, enquanto no conjunto são "desproporcionados, cheios de altos e baixos". (MURICY: 1922, 96).

Se no primeiro vê "um ambiente de bondade e doçura, bondade um pouco lassa, doçura triste e desalentada (...) que cansa, amolece, se bem que emocione sempre", do outro afirma "que irrita pela permanência prolongada, arrastada em ambiente deletério e, de certo ponto em diante, pouco interessante". Em *Gonzaga de Sá*, entretanto, "não se encontra prolixidade, monotonia, nem o desespero mudo, de p. ex., *Policarpo Quaresma"*. (MURICY: 1922, 96).

Afirmando que Lima Barreto é o digno sucessor de Manoel Antonio de Almeida, observa que não há livros tão cariocas quanto *Memórias de um sargento de milícias* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* que,

> (...) se nos encanta pela forte movimentação e admirável senso de realidade, *M. J. Gonzaga de Sá* comove-nos pela evocação poderosa e lancinante das tragédias obscuras da vida dos vencidos e dos falhados. Para nós, contemporâneos, *M. J. Gonzaga de Sá* tem a superioridade, o irrecusável interesse da atualidade: é o livro representativo de uma época, documental, portanto. (...) *Gonzaga de Sá* é uma obra prima das nossas letras e talvez o mais considerável romance aparecido dentro do último decênio. (MURICY: 1922, 97-8).

Sobre *Numa e Ninfa*, não há nenhuma referência.

As últimas observações são sobre *Histórias e sonhos*, que num julgamento entusiasmado avalia a produção de contos de Lima Barreto superando a de Machado de Assis.

> Se Lima Barreto, não houvesse publicado senão este livro, já teria, com ele, dado garantias seguras do seu merecimento. Bastariam contos como O moleque, Uma noite no Lyrico, A biblioteca, Lívia, Clara dos Anjos, a Matemática não falha, para afirmar definitivamente o artista completo e singular, espírito culto, vivaz, de atilado e doce humorismo, e a sensibilidade vibrante e delicada, a bondade nobre, comunicativa que tornam a obra de Lima Barreto mais comovedora e humana do que a do seu eminente predecessor, com quem tantas afinidades apresenta, Machado de Assis. (MURICY: 1922, 99).

As falhas da obra de Lima Barreto que Muricy as aponta como "restrições", são poucas e aparecem paralelamente às "virtudes do artista"; fazendo uso de um pensamento de Aristóteles o crítico afirma: "são defeitos das suas qualidades." (MURICY: 1922, 98).

A leitura dessa crítica de Muricy leva às "Reflexões preliminares" do estudo de Carlos Erivani Fantinati, comentado oportunamente na recepção da crítica na imprensa, com as quais estabeleceremos novas interrelações nesse momento.

De início, em virtude de como o julgamento histórico de um escritor está estreitamente vinculado ao primeiro juízo que se estabeleceu em torno de sua obra literária. E em segundo lugar, da busca de respostas em relação à escolha de *Isaías Camainha,* por parte de Lima Barreto, para ser seu romance inaugural.

O excerto abaixo é longo, mas, sintetiza com clareza os segmentos da crítica que se estabeleceram em torno da produção literária de Lima Barreto. Enquanto *Recordações* há de ser para sempre o ponto de partida, ou melhor, a "chave", o "amaldiçoado", *Policarpo Quaresma* e *Gonzaga de Sá* se revezam no julgamento dos críticos, como os momentos mais elevados da obra do romancista. Os contos, via de regra, são o fiel da balança. *Numa e Ninfa* é o livro esquecido.

> Convém lembrar que para nós essa obra não é nem um romance *à clef* ou menos ainda um romance de escândalo como queriam os primeiros críticos que dela se ocuparam; nem ainda, do ponto de vista da construção estética, a melhor obra de Lima Barreto, como defendem Agripino Grieco e Olívio Montenegro. Aliás, nesse sentido, estamos mais com os que destacam *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, como, Nestor Vitor, Tristão de Ataíde, Paulo Rónai, Newton Freitas e Eugenio Gomes, ou o mais convencional *Triste fim de Policarpo Quaresma*, como o fizeram Caio Prado Júnior, Osmar Pimentel e Astrojildo Pereira. Numa hierarquização de sua produção colocá-lo-íamos abaixo de alguns contos quase perfeitos que elaborou. Não se depreenda, porém, que a julgamos esteticamente sem méritos. A obra possui qualidades, e não são poucas, principalmente se se procurar apreendê-la a partir de seu sentido oculto e latente, como esperamos poder fazer. (FANTINATI: 1978, p.19).

É notável que diferente das previsões de Veríssimo, e de outros críticos, o tempo não envelheceu o "acanhado e defeituosamente composto" quadro das personagens inventado por Lima Barreto para o seu romance *à clef*. O tumulto suscitado nos meios literários e jornalísticos, quando este livro veio a público, sustentou polêmicas acaloradas que, ao longo de décadas, não só resguardaram os verdadeiros nomes das personagens para as novas gerações, como também levaram o nome de Lima Barreto aos altares da Literatura Brasileira. Erraram todos aqueles que, em função do estilo do romance prenunciaram vida curta para *Recordações do escrivão* e a vida literária do seu autor? Valeu a pena, para o jovem literato, a ousadia de escolher *Isaías Caminha* como seu romance de estreia?

Quem acertou? Quem errou? Não há razão para se estabelecer uma polêmica em torno desse fato.

Apenas nos é permitido afirmar que o julgamento de Veríssimo em prejuízo da detração literária ou do "silêncio" construídos por Medeiros e Albuquerque e seus companheiros de crítica literária, não foi o que mais serviu de inspiração para a crítica que se estabeleceu nas décadas seguintes. Não obstante, ambos, e cada um na sua forma, formaram as bases de toda a fortuna crítica e do debate que se estabeleceu em torno da vida e da carreira literária de Lima Barreto.

José Veríssimo

2.2 b) 1923 - 1949

O Modernismo, momento histórico das atividades culturais brasileiras, se caracterizou pela ruptura de conceitos formais e estéticos que ainda motivavam muitos dos espíritos tradicionalistas das primeiras décadas do século XX. De acordo com Sodré, foi "um momento de transição, marcado pelo escândalo, pela sucessividade de experiências formais e pelo ativismo dos seus protagonistas principalmente.". (SODRÉ: 1995, p. 541).

Nas palavras de Mário de Andrade,

> O modernismo, no Brasil, foi uma ruptura, foi um abandono de princípios e técnicas consequentes, foi uma revolta contra a Inteligência Nacional. É muito mais exato imaginar que o estado de Guerra da Europa tivesse preparado em nós um espírito de guerra, eminentemente destruidor. E as modas que revestiram este espírito, foram de início, diretamente importadas da Europa. Quanto a dizer que éramos de São Paulo, uns antinacionalistas, uns antitradicionalistas europeizados, creio ser falta de sutileza crítica. (ANDRADE: 1974, P. 235).

O movimento surgiu em São Paulo, onde as condições eram mais favoráveis à experimentação do que no Rio de Janeiro, que até então era o centro e o foco de irradiação das atividades artísticas brasileiras. Expostas por Mario de Andrade, as razões que determinaram esse fato foram várias. Primeiramente, o Rio de Janeiro, como capital da República, era mais internacionalizado, enquanto São Paulo era "espiritualmente mais moderna", embora provinciana e fruto do excedente da cafeicultura e consequentemente da industrialização.

> Caipira de serra-acima, conservando até agora um espírito provinciano servil, bem denunciado pela sua política, São Paulo estava ao mesmo tempo, pela atualidade comercial, e sua industrialização, em contato mais espiritual e mais técnico com a atualidade do mundo. (...) Junto disso, o movimento era aristocrático. (...) bem natural, pois, que a alta burguesia o temessem. (ANDRADE: 1974, P. 236).

Numa cidade como o Rio de Janeiro, que combinava o internacionalismo com um ruralismo tradicional, onde "não existe uma aristocracia tradicional, mas apenas uma alta burguesia riquíssima" seria impossível acontecer o Modernismo, um movimento que destruiria o também tradicional espírito conservador e conformista. (ANDRADE: 1974, P. 236).

No que se refere à crítica literária modernista propriamente dita, de acordo com Wilson Martins, esta só surgiu na década de 1940, pois,

> O modernismo foi, no Brasil, a obra de uma geração de espíritos críticos entre os quais nenhum exerceu, naquele momento a crítica literária propriamente dita – nenhum que, como tal, houvesse participado do movimento e construído pouca apouco, ao sabor dos livros aparecidos ou das doutrinas em ebulição, a sua obra especializada. (MARTINS – IN – COUTINHO: 1999, p. 521).

Martins aponta como causas dessa lacuna, o fato de Silvio Romero, Araripe Junior e Veríssimo já terem falecido e o único sobrevivente – Nestor Vitor -, que "sempre olhou com invencível desconfiança e mal disfarçada hostilidade 'os moços de São Paulo'", não ter expressão crítica "nem no entrechoque das ideias de que resultaria a Semana de Arte Moderna, nem no enriquecimento ou na evolução do que se poderia chamar de 'estética' modernista". (MARTINS – IN – COUTINHO: 1999, p. 521).

Ainda na visão de Martins,

> (...) pode-se dizer que o Modernismo se fez sem a crítica e até contra a crítica, não apenas a terrível "crítica falada" das ruas, dos salões e das livrarias, a que se referia Saint-Beuve, mas até contra a crítica dos jornais e das revistas, a crítica "oficial" e atuante. (MARTINS – IN – COUTINHO: idem).

A crítica literária, verdadeiramente modernista, só se desenvolveria entre 1940 e 1950. Os críticos mais proeminentes, encabeçados por Mário de Andrade "o verdadeiro crítico do Modernismo", seriam Sérgio Milliet e Oswald de Andrade,

> (...) que não apenas farão necessariamente das suas obras a análise regular, mas ainda os que representam pessoalmente os pontos de vista essenciais que o Movimento introduzira vinte anos antes. (MARTINS – IN – COUTINHO: p. 594).

A partir das "linhagens" críticas estabelecidas por Wilson Martins em *A crítica literária no Brasil*, é possível observar os juízos emitidos a respeito de Lima Barreto por nomes como Sylvio Rabello, Andrade Muricy, João Ribeiro, Agripino Grieco, Fócion Serpa, Agripino Grieco, José Maria Belo, Antonio Noronha Santos, Edgard Cavalheiro, Olívio Montenegro, Sérgio Buarque de Holanda, Nelson Werneck Sodré, Astrojildo Pereira, entre outros nomes de destaque na crítica do período.

Na década de 1930, foram encontradas as seguintes referências: *Vivos e mortos* (1931) de Agripino Grieco; *A nova literatura brasileira* (1936) de Andrade Muricy; *Contribuição à História do Modernismo* (1939) de Tristão de Athayde.

Vivos e mortos é composto por diferentes gêneros - discursos, ensaios críticos, crítica de arte, crítica de costumes e artigos de imprensa. A respeito de Lima Barreto, há um ensaio crítico/biográfico que serviu, mais tarde, de prefácio para o volume *Marginália* organizado por Assis Barbosa. De acordo com Martins, Agripino Grieco tinha pela crítica um "gosto tradicional e 'clássico', no sentido que à tal palavra dão os manuais de literatura; a sua estética era passadista e sua ideologia reacionária." (MARTINS: 1983, p. 541).

Grieco, talvez seja o mais devotado dos admiradores de Lima Barreto. Foi na abertura deste ensaio que escreveu o célebre elogio: “O maior e mais brasileiro dos nossos romancistas chamou-se Afonso Henriques de Lima Barreto”, que tantas críticas mereceu daqueles que não viam tanta grandeza na sua obra. A essa grandeza, creditava o fato de o escritor, ao longo de sua vida, não ter feito “outra coisa senão adorar a sua cidade natal”. Todo esse encantamento Lima Barreto traduziu em personagens que não iam “além dos arredores da Metrópole”, em cenários suburbanos e do pouco que restava do *glamour* da Rua do Ouvidor.

Da biografia, aponta apenas os fatos que vê como inspiradores dos romances e contos, sem contudo, incorrer no “biografismo”, ou seja, como se as lembranças, as atribulações e as neuroses do homem Lima Barreto, estivessem a serviço do seu ofício – a literatura.

Para Grieco, Lima Barreto era um homem simples, de hábitos simples, que aos lugares elegantes preferia uma visita aos vizinhos ou conversas no seu “club”, um botequim do seu subúrbio “em que se reuniam, esvaziando botelhas, os modelos preferidos do nosso retratista de caracteres: carreiros, carvoeiros, verdureiros e mascates em trânsito por aquelas paragens.”. (GRIECO: 1947, p. 84).

> Lima Barreto não invejava ninguém. Não conhecia rivalidades literárias. Desdenhava a vaidade dos fáceis sucessos mercantis. Nunca escreveu versos. Fugia a visitar os salões mundanos. (...) limitou-se a ter muitíssimo talento, a ser o primeiro talento de sua geração e – “excusez de peu” – o nosso primeiro criador de almas. (GRIECO: idem).

Antes “de examinar mais detidamente os livros”, Grieco faz uma espécie de balanço da vida literária de Lima Barreto, notando que nem mesmo seus desregramentos impediram o bom desempenho do ofício de escritor, pois,

> (...) mau grado os seus períodos de excessos, tenha deixado meia dúzia de tomos publicados e outra meia dúzia inéditos, sem falar no que espalhou por jornais e revistas, coisas de ocasião, trabalhos circunstanciais. Neste caso estão seus artigos contra o futebol e contra o feminismo, além das cartas que endereçava a quantos lhe mandassem livros, cartas nas quais, delicado, mas sempre arguto e justo de tom crítico, comunicava aos autores as suas impressões. (GRIECO: idem, p.85).

Ao longo do ensaio, é dado a observar que o crítico tem a preocupação de avaliar a obra de Lima Barreto no seu conjunto, como particularmente, no excerto acima, onde destacam-se menções às crônicas e à epistolografia, partes da obra que só terão evidência na crítica alguns anos mais tarde, quando Assis Barbosa recuperou os manuscritos e trouxe a público em dezessete volumes a obra completa do escritor.

De *Morte e vida de M. J. Gonzaga de Sá* e *Numa e Ninfa* faz poucas considerações, pois, os vê como os pontos fracos do romancista. Do primeiro anota que é um “romance cheio de

abstrações e paisagens metafísicas". Do outro, diz que não vale a pena se deter em pormenores, embora haja nele "alguns detalhes saborosos e as figuras de comparsas são bem modeladas, mas ao trabalho falta, por assim dizer, espinha dorsal. Falhou no caso a inteligência sintética do autor.". (GRIECO: 1947, p. 86).

A seguir passa a comentar "o mais depressa possível ao melhor de Lima Barreto". Para Agripino Grieco o melhor de Lima Barreto é *Recordações do escrivão Isaías Caminha*; a "autêntica obra prima",

> (...) que encerra algo de autobiográfico, livro-confissão, livro tanto que entusiasmou o pouco entusiasmável José Veríssimo. (...). Para encontrar coisa igual ou superior é preciso ir a Eça d"Os Maias" ou ao Balzac das "Ilusões perdidas". (GRIECO: idem, p.87).

A par de *Isaias Caminha* que retratou a redação d' *O Globo* e deu vida ao jornalista romeno Rostoloff, ao enciclopédico Loberant e a Floc "o blandicioso crítico literário" está *Triste fim de Policarpo Quaresma*, romance que desvenda a vida nas repartições públicas e a sociedade suburbana "que só é alta nos subúrbios", lugares de trabalho e moradia do singular Major Quaresma, amante dos livros, do violão e das modinhas, defensor da língua tupi e das coisas nacionais, a ponto de trocar "petit-pois" pelo feijão guandu.

Não visão de Grieco, tais ambientes e personagens são alguns, entre os muitos, que "o primeiro criador de almas", da nossa literatura, "deu vida eterna na argila humanizada dos vocábulos.". Nenhum, antes dele, havia alcançado essa qualidade; nem mesmo Machado de Assis, incontestavelmente, o grande mestre do humor, se igualava a Lima Barreto como romancista. (GRIECO: 1947, p. 88).

> Faltavam-lhe, para tanto, movimento, intensidade e verossimilhança. Tinha o talento em "tablettes" [78]. Há nele mais fragmentos de vida que propriamente vida. Suas personagens são criaturas truncadas, almas híbridas, ou antes, são sempre a mesma personagem Brás Cubas, Machado de Assis... porque ele não fez senão retratar-se a si mesmo, com vinte ou trinta nomes diferente, pseudônimos da sua misantropia. Bifurcando-se num eterno "sim" e "não", fugiu sempre a dizer claramente o que pensava. (GRIECO: 1947, p. 88).

Faz comparações também com Aluisio Azevedo, que escreveu "histórias de sexualidade brutal, escritas numa prosa noticiarista"; a Raul Pompeia um "pintor minucioso do próprio "eu" e pintor sumário das paixões alheias" e a Coelho Neto, "aplicado calígrafo no estilo, (...) romancista cujos romances se passam, indiferentemente, em Atenas, em Pendjab, no Paraíso, mas nunca no Rio...". (GRIECO: 1947, p. 88).

Lima Barreto era superior a todos eles.

[78] Grifo do aotor.

> Antepassado seu só é o inolvidável Manuel Antonio de Almeida, com suas "Memórias de um sargento de milícias", em que nos mostra, tão nitidamente o Rio de 1810, o Rio dos meirinhos, e dos curandeiros, do Vidigal e das procissões. Lima Barreto é o Manuel Antonio de Almeida deste começo de século. (GRIECO: 1947, p. 88-89).

Mais para o fim de sua análise acrescenta que Lima Barreto poderia ser neto de Gogol, uma vez que tinha a capacidade de dar uma feição amena aos temas mais repulsivos. Encerrando o texto e os elogios, declara:

> Mais que um autor, Lima Barreto foi um homem. Outros romancistas podem inspirar-nos maior admiração; nenhum outro pode inspirar-nos tamanho amor... (GRIECO: 1947, p. 89).

Esta crítica se alongou pelas razões a seguir. Em primeiro lugar, para anotar que é comum encontrarmos um tom de censura em relação ao valor que Agripino Grieco concede à obra literária de Lima Barreto. Ao folhearmos *Vivos e mortos* observamos que o crítico faz semelhantes honrarias ao nosso grande poeta romântico Castro Alves. Vejamos:

> Sem excessos regionais ou dialetais, quase sempre ridículos e à margem da arte, é ele o nosso poeta que possui mais cor local, é o mais brasileiro de todos.[79] (...) Correndo o campo, tudo lhe afigurava motivo de arte, matéria plástica para seus dedos ágeis. Pode-se concluir, quanto ao Castro Alves panteísta, que sem ele não teríamos sentido tão intensamente as belezas do Brasil, ou melhor, é por seus olhos que todos nós ainda hoje estamos vendo tais belezas.
>
> E, caso curioso, o mais típico, o mais enraizado, o mais brasileiro dos nossos artistas, foi o que mais universalizou o seu estro. Ninguém como ele soube aqui falar da Judéia e de toda a Bíblia sentimental e mesmo romântica concentradas em algumas de suas poesias. (...)
>
> Honra a esse idealista da natureza humana que, se muitas vezes deformou o homem, sempre o deformou em beleza! (GRIECO: 1947, pp. 7-14).

Os elogios mais pitorescos do livro, sem dúvida, estão anotados em "O maior dos nossos pintores". Trata-se de uma crônica, com direito a diálogos, inspirada na visita que Edouard Manet fez ao Brasil, em 1849. Os louvores ao artista servem de pano de fundo para uma dura crítica a três de nossos principais mestres pintores.

> No Brasil só há um grande pintor: o sol...
>
> - Não, senhor. Já temos um grande pintor em carne e osso...
>
> - Pedro Américo, Vitor Meireles, Almeida Junior? Mas nenhum deles foi uma personalidade nova no mundo das artes plásticas. Américo era um clássico retardado, Meireles um técnico deficiente, e Almeida Junior circunscreveu a sua visão a um localismo estreito demais.
>
> - Nenhum destes... O Brasil já suscitou, já produziu, indiretamente que fosse, um verdadeiro inovador da pintura universal, um colorista às direitas, um

[79] Grifo meu.

> explorador dos motivos inéditos em matéria de ambiência, um desses criadores que não deixam a arte após si mesmo como a encontraram antes de si.
>
> - O nome dessa miraculosa criatura?
>
> - Essa miraculosa criatura chamou-se Manet. Sim, não exagero. Eduardo *[sic]* Manet é o maior e o mais brasileiro dentre os artistas brasileiros.[80] (GRIECO: 1947, p. 23).

E por aí vai adiante.

Como vemos, por três vezes, o crítico chamou algum artista "de o mais brasileiro de todos..." fosse um romancista, fosse um poeta ou, até mesmo um pintor francês. Nas duas primeiras proposições com a verdadeira intenção de elogio, na outra, como mote para uma dura crítica que é, convenhamos, muito bem humorada.

Esse é o estilo do crítico, "colorido", "ardente", "talento inativo de certas aves de canto eclético" e de "espírito vigoroso, afirmativo, positivo", predicados esses que não criei nesse momento para esse mestre da crítica literária, mas que extraímos das páginas de *Mortos e vivos*. O que em nada o desmerece. Pelo contrário, pois, se Grieco me ensinou muito sobre a arte da crítica, também tive horas deleitáveis de leitura. No entanto, é muito pouco para a fortuna crítica de Lima Barreto, como também é pouco para o próprio Grieco ser visto apenas como um dos críticos mais exaltados, que reconheceram e fizeram justiça à obra de Lima Barreto.

A análise da fortuna crítica na sequência cronológica de sua edificação, como vem sendo elaborada neste trabalho, mostra que a par das bases lançadas pela recepção crítica ainda em vida do romancista, tanto favorável quanto negativa, de que Agripino Grieco, em certos pontos, é herdeiro, repercutiu por muitas décadas e conduziu os estudos em torno da obra de Lima Barreto em outros períodos.

Importante também foi a publicação de *A nova literatura brasileira. Crítica e antologia*, de Andrade Muricy, em 1936. Nesse volume estão reunidos os nomes de quarenta e oito autores, do "estado maior do período" e ao lado dos "soldados rasos, uma intendência numerosa de recrutas inúmeros que, apesar de tudo, nem mesmo chegaram a passar no exame de saúde", como disse Wilson Martins e que atualmente, são desconhecidos. (MARTINS: 1952, p. 557).

Ao examinar o índice do volume, verifica-se que não há nenhum capítulo endereçado a Lima Barreto. Uma investigação no índice onomástico, contudo, desvenda seu nome, citado ocasionalmente, o que não corresponde à real importância dele no livro. Lima Barreto, como Machado de Assis, Raul Pompéia, Aluisio de Azevedo, e outros do período, aparecem ilustrando

[80] Grifo meu.

nomes aos quais Muricy dedica a crítica. No caso, Lima acompanha as análises sobre Murilo de Araujo, Adelino Guimarães, Érico Veríssimo, José Geraldo Vieira e Marques Rebello.

Abaixo, anoto um a um.

Na crítica a Murilo de Araujo [81]:

> O Rio de Araujo é personalíssimo. (...). É um Rio de esplendor sobrehumano, apojante de luzes e de frescura vegetal, muito diferente do Rio carioca, do Rio de Machado de Assis e de Lima Barreto, do Rio que se arrasta pelo cotidiano humilde e sofredor. Nem o poeta quis ver nele o *habitat* da Capitu ou de Gonzaga de Sá, mas somente a realização plástica de uma visão esplendida. (MURICY: 1936, p. 114).

Sobre o estilo de Adelino Guimarães:

> Contemporâneo do doloroso Lima Barreto, a obra deste parece linear e simplista se comparada com a polifonia caótica, bisantina *[sic]* e bárbara a um só tempo, das *Visões, cenas e perfis.* (MURICY: 1936, p. 193).

Comparando a *Caminhos Cruzados* (1933) de Érico Veríssimo:

> Érico Veríssimo, com *Caminhos cruzados*, fez retornar às letras brasileiras o agrado, amabilidade que delas estavam ausentes desde que Lima Barreto emudeceu na morte. (MURICY: 1936, p. 260).

Fazendo a crítica ao romance *A mulher que fugiu de Sodoma* de José Geraldo Vieira [82] (1933):

> Por falta de intensidade, fica apenas um crepúsculo descorado e melancólico. E é nessa parte que o romance de José Geraldo mais se aproxima, entretanto, e felizmente, das tradições regulares do bom romance brasileiro da Macedo e de Alencar, de Machado de Assis, e dum Lima Barreto que consentisse em ser sociável. (MURICY: 1936, p. 319).

E por fim, na análise da obra de Marques Rebello [83]

> Uma comoção, exteriorizada sem pudor e que com ironia doce, é que dá a marques Rebello feição tão própria, que lhe permite a eficiência inegável de sua obra.
>
> Quer dizer: a sua força de simpatia humana. É por causa dessa simpatia, fluido por excelência de comunicação, que o grande Machado de Assis (de expansividade tão pudica), e o nome humilde e admirável de Lima Barreto têm vindo à pena de cronistas escrevendo sobre *Oscarina* ou *Três caminhos* [84]. Não se trata de comparar grandezas. O que sim, essas grandezas não são heterogêneas. A família daqueles espíritos é a mesma. Um mais contido: Machado; e outro "derramado" (a expressão é do próprio Machado) [85]: Lima Barreto. Os dois romancistas nossos em cuja produção aparece mais imediata humanidade. Com eles, porém num âmbito singular, só

[81] Murilo Araujo (MG. 1894-1980) - poeta do Modernismo que estreou na vida literária em 1917, com o livro de poemas. *Carrilhões*
[82] José Geraldo Vieira - (1897-?), médico, professor e escritor nascido nos Açores. Ocupou a cadeira Nº. 39 da Academia Paulista de Letras, antecedendo a Monteiro Lobato
[83] Marques Rebelo - (pseudônimo literário de Eddy Dias da Cruz (RJ: 1907-1973), romancista, contista e novelista por exelência e jornalista.
[84] *Oscarina* e *Três caminhos* são volumes de contos publicados em 1931 e 1933 respectivamente.
[85] Grifo do autor.

> Raul Pompeia. E, nesta geração, Adelino Guimarães em certas de suas páginas. Este descende de Machado e de Lima Barreto sem dar atenção ou importância a esse fato: como nos sentimos, por inelutável necessidade, provir de nossos avós. (MURICY: 1936, p. 363-364).

O leitor talvez esteja se perguntando o que de importante teria para ser observado nesses excertos. Pela primeira vez, ao menos em livro, o nome e a obra de Lima Barreto não surgem como foco central da crítica, mas servindo de base comparativa para análise de outro autor. E mais, como aponta Muricy no último excerto, "o nome humilde e admirável de Lima Barreto tem vindo à pena de cronistas" para demonstrar suas assertivas. Este fato sugere que outros críticos, em outros veículos, também poderiam estar se valendo do mesmo procedimento, fato que não foi possível confirmar no âmbito deste trabalho.

Tristão de Athayde, no Capítulo II – "Um discípulo de Machado" – da coletânea de textos *Contribuição à História do Modernismo*, encerra o ciclo da década de 1930. O texto faz o comentário a *M. J. Gonzaga de Sá* publicado na *Revista do Brasil* em 1919. Aproveitando o ensejo, Athayde desenvolve uma apreciação mais ampla do literato e de seu percurso como romancista.

Crítico veterano, como Grieco, de temperamento acadêmico, mas desprovido do espírito satírico daquele, entende os romances de Lima Barreto como uma expansão das suas aflições, pois, "dos seus livros se evola um grande desencanto de viver. Vencido na vida, inadaptável, comunica à sua literatura um acre perfume de tédio e amargor.". Contudo, para Athayde, o ceticismo, a ironia e a revolta de Lima não anularam o que há de melhor em sua obra – a caricatura. (ATHAYDE: 1939, p. 16).

> Lima Barreto é um caricaturista. Ainda nos seus tipos preferidos, aqueles que falam por suas palavras, não desfalece a feição do autor, aquém não escapam os defeitos, os tiques, as fraquezas dos melhores. São homens, e tanto basta... (ATHAYDE: p. 16).

É nesse ponto que o compara com Machado de Assis.

> Lima Barreto é um humorista da estirpe intelectual de Machado de Assis. Pode-se dizer que, depois deste, é o nosso humorista. Machado de Assis chegou ao humorismo perfeito àquele equilíbrio supremo de pensamento e estilo, nos seus últimos livros. (...) Lima Barreto atingiu o humorismo – do primeiro impulso -, porque essa era a feição ingênita do seu espírito. (...)
>
> Se a verdadeira literatura é a que cria tipos duradouros, personagens de ficção mais vivos que se forem históricos – Harpagon, Don Juan, Werther, D, Quixote, conselheiro Acácio ou Brás Cubas, - Lima Barreto veio enriquecer a nossa escassa galeria. (ATHAYDE: p. 16-17).

A essas personagens compara todas as de *Isaías Caminha*, além de Policarpo Quaresma, Ricardo Coração dos Outros, Gonzaga de Sá e a Xisto Beldroegas "personagens

definitivas, símbolos humanos de nossas virtudes e defeitos.” Não obstante, esses predicados, a obra de Lima Barreto, em função da “feição ingênita do seu espírito”,

> Ressente-se por isso de incertezas, de muito desleixo e ainda de uma certa incontinência de pensamento. A revolta contra os males sociais, rompe amiúde o verniz da ironia. Ainda não alcançou a impassibilidade do “humour”. Lá chegará, se vencer o tédio de viver. (...) O desacerto de sua obra ressente-se da boemia do seu viver. (...) Que o mal de viver não emudeça esse raro e doloroso artista, que conhece o segredo da arte literária – escrever nas entrelinhas. (ATHAYDE: p.17-18).

Há muito em comum entre a crítica de Agripino Grieco e a de Tristão de Athayde, pois, ambos têm em conta que a vida pessoal de Lima Barreto determinou a sua produção ficcional. Entretanto, se ambos concordam quanto às personagens criadas por Lima Barreto, divergem em relação às mazelas do romancista; Grieco as vê atuando a favor da criação artística, enquanto Athayde entende de forma oposta.

No que tange a Machado de Assis, as posições dos críticos se invertem na atitude crítica.

Acrescente-se ao julgamento de Athayde, uma preocupação com a forma e o estilo de Lima Barreto, que considerava prioridade para a apreciação crítica de textos literários, posicionando-se mais próximo a José Veríssimo, como se pode observar no excerto abaixo, onde reconhece a vocação do artista para o fazer literário, mas ressalta o seu desapego em relação ao rigor formal.

> Seu estilo é amplo, corrente, sem formas fixas. O absoluto desinteresse pela forma cuidada leva-o a descaídas acacianas como – “a gabada Avenida Beira-Mar” ou – “grandiosa Guanabara” -, ou a comparações de gosto duvidoso no gênero de – “cumprimentou petropolimente” – “estilo botafogano.”.
>
> Sem embargo, tem a naturalidade e a clareza de quem pensa facilmente. Escreve com sinceridade e sem esforço, como pensa. (ATHAYDE: p.18).

Entre essas anotações, de 1919, e o Prefácio de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, nas *Obras completas*, não foi encontrada outra menção de Tristão de Athayde ao nome de Lima Barreto.

Tristão de Athayde

O fato de "Um discípulo de Machado" estar inserido neste bloco, ao invés de constar em "Imprensa – 1907-1922" se justifica pelo fato de Athayde ter cunhado, a partir da década de 1940, uma das linhas de análise mais significativas sobre a obra de Lima Barreto.

Em relação à corrente crítica que comparava Lima a Machado, dita por Brito Broca - "família de Machado de Assis", desagradava em muito a Lima Barreto.. [86]

> Sempre que surge um romancista novo de mérito, os críticos ficam satisfeitíssimos se conseguem descobrir nele alguma semelhança com o autor de *Brás Cubas* (...) assim tem-se dado com muitos autores. Entretanto, parece-me que essa mania já é antiga em nossas letras, pois numa carta de Lima Barreto, datada de 19 de janeiro de 1921 e publicada há pouco, no suplemento literário de um matutino carioca, o autor de *Policarpo Quaresma* dizia; "Gostei que o Sr. Me separasse de Machado de Assis. Não lhe negando os méritos de grande escritor, sempre achei no Machado muita secura de alma, muita falta de simpatia, falta de entusiasmos generosos, uma porção de sestros pueris. Jamais o imitei e jamais me inspirou. (BROCA: 1991, p. 164-5).

[86] BROCA, Brito: *Papéis de Alceste*. Campinas/SP: UNICAMP, 1991. O artigo é intitulado "Lima Barreto", não tem data e nem órgão de publicação, mas supomos que tenha sido na década de 1930, publicado na *Gazeta de São Paulo*, na qual trabalhou assinando "Alceste".

Broca anota que na década de 1920, esse tipo de comparação já se tornara senso comum. Isso vem ratificar a tese de que existem várias vertentes de análise da obra barretiana que acabaram, ao longo de décadas por se fundir umas às outras, unificando e cristalizando um viés analítico ainda em vigor na atualidade. Para Broca não há relação entre Machado e Lima, pois, este era um escritor aguerrido,

> (...) satírico por excelência, vergastando as coisas e os homens do seu tempo, deixando uma obra de virulenta crítica social, enquanto Machado, na sua abstenção, na sua irremediável desesperança, rindo não dos indivíduos, mas da espécie. (BROCA: 1991, p. 165).

Descartando possíveis semelhanças, esse crítico conclui que nem um, nem outro deixaram seguidores, Machado escrevia de uma maneira demasiadamente pessoal e Lima de maneira original, o que impediu a ambos de criarem discípulos e uma tradição literária.

Em 1938, Nelson Werneck Sodré publicou [87] a *História da Literatura Brasileira. Seus fundamentos econômicos*, mas não incluiu o nome Lima Barreto, vindo a incluí-lo somente na 3ª edição publicada na década de 1960.

Em vista da data, o estudo desse autor não se inclui na cronologia estabelecida para esse levantamento bibliográfico. [88] Contudo, devido aos elementos que agrega ao perfil de Lima Barreto, entendo que neste momento, é permitida a inclusão de sua análise acerca do escritor neste bloco.

Faz-se importante anotar que os estudos de Sodré, foram sistematizados a partir de um viés específico de análise [89], que não é aceito por alguns autores do pensamento brasileiro – tanto das Ciências Humanas quanto dos estudos Literários.

Na 3ª edição da *História da Literatura Brasileira* a análise de Sodré está no Capítulo 14 - "Interpretações do Brasil – De Raul Pompéia a Lima Barreto", onde se incluem, além desses dois, os nomes de Joaquim Nabuco, Machado de Assis e Euclides da Cunha.

Na entrada do estudo, de acordo com seus pressupostos teóricos, expõe a influência do contexto histórico na prática literária dos nomes em análise. A classificação de "Interpretações do Brasil" não se adequa a períodos literários, mas especificamente, ao caráter das obras, todas elas

[87] SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira. (Seus fundamentos econômicos)*. SP: Cultura Brasileira, [19--]. 1ª edição.

[88] A proposta, que mais amplamente acompanha a "História editorial", até o início da reedição das *Obras completas* na década de 1940, em "Leitores de Lima Barreto" na imprensa e livro.

[89] Sodré era membro atuante do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Integrava o grupo alinhado com a ideia de um desenvolvimento autônomo para a nossa economia, ou seja, de estudos direcionados na relação colonialismo-imperialismo, na formação e constituição das classes sociais no Brasil e, em especial, para a discussão de quem seria o povo brasileiro e qual seu papel na luta antiimperialista; em oposição aos que defendiam a participação de capitais estrangeiros na economia brasileira para acelerar o ritmo de nosso crescimento.

voltadas para a necessidade de afirmar uma consciência nacional num determinado contexto histórico.

Nas palavras de Sodré, autores e obras se situavam,

> No AMBIENTE [90] perturbado pelas perplexidades e pelas falsidades da transplantação, em que se confrontavam, numa luta constante, o velho e o novo, surgem na fase que vai dos fins do século XIX ao encerramento da Primeira Guerra Mundial, algumas das importantes interpretações de Brasil. É uma fase que se caracteriza precisamente pela curiosidade do país e pela vontade de apreciar e concluir das razões de seu desenvolvimento, por isso mesmo intensamente trabalhada pelo espírito crítico. (SODRÉ: 1995, p. 489).

Em relação à literatura e à crítica literária anota.

> Os ficcionistas e os poetas esmeravam-se mais em correção formal do que na tradução dos motivos humanos, e a crítica os compreendia e valorizava na medida em que obedeciam rigidamente à regra gramatical. Claro está que tudo isso era o velho, o que declinava, o que tendia a desaparecer, mas tinha ainda condições para atuar e disciplinar as criações. (SODRÉ: 1995, p. 491).

O "novo" no fazer literário, apesar de manter algumas permanências e transplantações européias que atendiam as aspirações das oligarquias agrárias, ia tentando superar os obstáculos que a resistência que a crítica e os próprios escritores e poetas impunham.

As novas perspectivas na ficção nacional iam aos poucos deixando de lado os temas regionais, ambientados nas zonas rurais e introduzindo os de caráter mais universais e urbanos. Pela primeira vez, o povo aparecia na literatura nacional e novas personagens evidenciavam as mudanças do comportamento na vida pública e privada. Entre os temas que mais se destacavam, menciona,

> "(...) os contrastes oriundos da imigração, os cenários domésticos em que se desenvolvia a vida familiar diferente da patriarcal, os quadros de colégio e, finalmente, as cenas e as criaturas humildes das cidades, com os seus problemas, em tudo dignos de transposição artística como os das figuras ilustres pelo nome ou pela riqueza. (SODRÉ: 1995, p. 491).

Sodré anota que foi esse quadro de conflitos e contrastes que Lima Barreto expôs na ficção foi a causa da recepção negativa no início da sua carreira literária. Daí por diante, salvo exceções, as referência aos seus romances se ativeram às características menos significativas de sua obra, em detrimento da expressividade desta no cenário das letras nacionais.

É na "galeria numerosa, viva, colorida" das personagens e do ambiente em que elas circulam que na sua análise Sodré vê o maior valor da obra de Lima Barreto.

> São figuras populares, que caracterizam o aspecto urbano, em que a marca local é acentuada. É uma pequena humanidade, humilde, sentimental, obscura, que povoa

[90] O grifo em maiúsculas é do autor.

> os subúrbios e lhes dá fisionomia. Na transposição dessa gente é que Lima Barreto realizou o melhor, nisso é que se sentiu à vontade. (SODRÉ: 1995, p. 505).

Há sempre nos romances de Lima Barreto uma personagem central encarnando figuras de evidência social, urbana ou suburbana, das quais transborda o traço caricatural que na pena do romancista deforma os perfis intencionalmente. Em torno desta giram as outras, cujo ambiente,

> (...) não é apenas a cidade "botafogana" [91] das casas senhoriais, das chácaras, com a sua gente artificializada, mundana, copiando formas de existência cujos originais estão distantes do país, mas a cidade esquecida, suburbana, dos pequenos funcionários, dos cantadores de modinhas, dos militares retirados da ativa, povoando ruas quietas, enchendo os transportes coletivos, buliçosa, bisbilhoteira, amante das festas, movimentadas e dos ajuntamentos agitados. (SODRÉ: 1995, p. 505).

Na opinião de Sodré, esse olhar voltado para o povo criou um estilo romanesco muito pessoal, que na época se punha em oposição à estereotipada elegância formal e ao artificialismo verbal que disfarçava as fraturas da nossa sociedade em narrativas sem consistência literária e originalidade.

Como fez na análise de Machado de Assis, o autor também se reporta aos problemas pessoais de Lima Barreto, anotando que os obstáculos que ambos foram obrigados a superar se assemelhavam – origem humilde, mestiçagem e doenças; sem mencionar contudo, o alcoolismo de Lima.

Embora interprete os problemas e os ressentimentos pessoais do romancista como influências determinantes na sua obra, atribui a estes um caráter não confessional ou biográfico, como podemos observar na citação abaixo, dirigida à crítica que, (na década de 1960), insistia nesses aspectos como viés de análise para a ficção barretiana.

> A crítica, e até análise biográfica, tem permanecido amarrada pelas suas notórias insuficiências, e pelo desinteresse em ir às verdadeiras razões, aos aspectos pessoais, ao que foi individual no romancista carioca, pretendendo demonstrar, com virtuosismo algumas vezes, que a sua maneira de colocar as criaturas e os problemas deriva de tudo o que, nele era ressentimento. Lima Barreto realizou, e nisso está precisamente o seu mérito, nisso é que domina as suas insuficiências, uma crítica social muito viva, muito profunda, mostrando, em sua ficção as injustiças da sociedade, o que era falso nela, o que era postiço, artificial, o que a deformava. Não procedeu assim porque fosse mulato, doente pobre e sentisse a necessidade de vingar-se das injustiças feitas ao seu talento. Procedeu assim, porque compreendeu cedo, e o ângulo pessoal apenas ajudou essa compreensão, as anomalias de um conjunto em que a sociedade denunciava a sua transformação, quando repontavam visíveis sinais de mudança. Sentiu a presença do que era novo, com a sua apurada e aguda percepção, antes que os outros sentissem. (SODRÉ: 1995, p. 506).

[91] Grifo do autor.

A citação é longa, mas se justifica pelo fato das observações de Sodré trazerem uma percepção positiva da obra de Lima Barreto, até então refém da crítica inspirada nos clichês do estilo biográfico e vingativo, do romance inferior e sem purismo gramatical, que pontuava a crítica a partir destes e de outros aspectos exteriores à vivencia literária do escritor. [92]

Entre os estudos sobre Lima Barreto, obrigatórios para desenvolver qualquer trabalho sobre ele, o de Sodré está na minha interpretação, entre os mais inspirados. [93] Igualmente inspirador, pois, em alguns momentos de leitura das crônicas, algumas de suas reflexões sobre as personagens, ambientes e situações da ficção me ocorreram e foram decisivas para estabelecer pontos de contato entre o conjunto romanesco e o literário/jornalístico.

Voltemos ao período em análise.

Na década de 1940, o nome de Lima Barreto teve destaque apenas na imprensa, em livro, seu nome teria que aguardar mais uma década para ganhar evidência. Nesse ínterim surgiram as seguintes referências a ele: *Lima Barreto* (1943) de Fócion Serpa[94]; *Interpretações* (1944) de Astrojildo Pereira e *Cobra de vidro* (1946) de Sérgio Buarque de Holanda.

Interpretações, de Astrojildo Pereira é uma coletânea de ensaios escritos entre 1929 e 1944, na qual o crítico dedicou quatro capítulos a Lima Barreto: "Romancistas da cidade - Macedo, Manuel Antonio e Lima Barreto"; "Lima Barreto"; "Confissões de Lima Barreto", "A máscara de Dr. Bogoloff" [95]. Admirador e amigo pessoal de Lima Barreto, Pereira está, de acordo com Sérgio Buarque de Holanda, entre os críticos que mais sobrexaltam o valor literário do criador de *Policarpo Quaresma*.

Neste ensaio, Pereira expõe a tese de que na literatura brasileira não havia romances inscritos na categoria de "romance urbano", conforme classificara Thibaudet; segundo o crítico possuíamos apenas alguns poucos "romancistas urbanos ou citadinos",

[92] É muito importante anotar que quando Sodré publicou essa análise, a biografia *A vida de Lima Barreto. 1881-1922*, bem como o *Diário íntimo*, já haviam sido publicados e influenciaram em grande medida os estudos sobre Lima Barreto que se seguiram. Em especial a biografia, que não só interpõe passagens da vida de Lima Barreto a trechos de romances, contos e outros gêneros de escrita, como também vitimiza o escritor no contexto histórico/literário em que viveu e atuou.

[93] Destaco aqui outros nomes e estudos, que não serão citados nesse trabalho, pelas mesmas razoes de Sodré, mas que foram fundamentais para a minha compreensão sobre Lima Barreto e, que sem eles, não teria alcançado os objetivos dessa Dissertação. ARNONI PRADO, Antonio. Lima Barreto. *O crítico e a crise*. SP: Martins Fontes, 1989; BRANDÃO, Octávio. *Os intelectuais progressistas. Tavares Bastos, Tobias Barreto, Silvio Romero, Euclides da Cunha, Lima Barreto.* RJ: Simões, 1956; LINS**,** Osman. ***Lima Barreto e o espaço romanesco***. SP: Ática, 1976; MIGUEL - PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira. Prosa e ficção (1870 – 1920.* RJ: José Olympio, 1950. (Vol.. XII), entre outros.

[94] De *Lima Barreto* escrito por Fócion Serpa -, obtivemos a informação em *A crítica literária no Brasil* de Wilson Martins. Trata-se, como informa o título, de um volume que particulariza o nome de Lima Barreto e, dessa forma, o primeiro. Infelizmente e apesar de nossos esforços, não encontramos nenhum exemplar deste volume como também, de um artigo do mesmo autor artigo intitulado "Lima Barreto", publicado em 1935 nas *Publicações da Academia Brasileira de Letras 1(2): 27-53*.

[95] Publicados na imprensa entre março e abril de 1941, maio de 1941 e novembro de 1941, respectivamente.

> (...) que fazem da cidade o cenário e o meio em que principalmente se desenrola a trama dos seus romances, com personagens, tipos, costumes modos, paisagens peculiares da cidade. (PEREIRA – IN - HOLLANDA: 1952, p. 37).

Dentre eles o maior deles era Lima Barreto.

> Presente em cada página pode-se dizer sem exceção de nenhuma, porque a cidade aparece nos romances de Lima Barreto não só sob a forma visível da paisagem local e dos costumes urbanos, mas, sobretudo pelos elementos imponderáveis que enchem o ar e transbordam pelas entrelinhas da narrativa. (PEREIRA – IN HOLLANDA: 1952, p. 62).

Pereira desenvolve uma análise de trechos dos três romances acima citados estabelecendo uma correspondência direta com a vida do romancista, mais precisamente, ligando passagens dos romances com os fatos de sua vida. Alguns críticos apontam exageros e desacertos na visão de Pereira, dentre os quais Leandro Konder que, em *Intelectuais brasileiros e marxismo*, anota:

> Tendia a salientar nas obras, unilateralmente, o valor de documentos históricos. Não discutia os problemas do universo ficcional, a criação da fantasia no texto. Apesar dessa limitação da sua aparelhagem teórica, entretanto, o bom senso e o bom gosto o ajudavam a distinguir, na arte literária, o que era realmente bom e o que era ruim. Assinalou os limites artísticos de Joaquim Manuel de Macedo. Reconheceu as qualidades literárias de *Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. E saudou com admiração o aparecimento de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, em 1938. (KONDER: 1991, pp. 13-18).

Conforme já foi anotado, o juízo crítico sobre Lima seguiu o espírito das avaliações de Agripino Grieco e Tristão de Athayde nos anos 1930, dando origem a três vertentes: uma construída em torno do estilo confessional, outra na comparação entre Lima Barreto e Machado de Assis e a última na aproximação de Lima a Antonio Manoel de Macedo e Machado de Assis na qualidade de romancistas da cidade do Rio de Janeiro. Os romances mais discutidos e valorizados foram *Recordações do escrivão Isaías Caminha, Triste fim de Policarpo Quaresma* e *M. J. Gonzaga de Sá.* Muito poucas referências se fizeram às crônicas.

Em 1946, Sérgio Buarque de Holanda publicou *Cobra de vidro*, volume de ensaios e artigos publicados anteriormente na imprensa. Sobre Lima Barreto incluiu "Em torno de Lima Barreto" e "Ainda Lima Barreto" [96] que, unidos transformaram-se no prefácio do volume *Clara dos Anjos* da edição da Brasiliense. Apontando semelhanças entre sua análise e a de Pereira, Buarque de Holanda inicia seu artigo intitulado "Em torno de Lima Barreto" comentando:

[96] Publicados em 22 e 23 de janeiro de 1944 na *Seção Letras e Artes Diário de Notícias* – RJ;

> Em um dos admiráveis estudos que reuniu em *Interpretações*, meu amigo Astrojildo Pereira diz de Lima Barreto que pertence à categoria dos "romancistas que mais se confessam", isto é, daqueles que menos se escondem e menos se dissimulam. Relendo casualmente essas palavras depois de escrito meu artigo anterior sobre o mesmo tema, alegra-me notar a coincidência de opiniões e, até certo ponto, de expressões, que me deixaria na boa sociedade de quem estudou o romancista carioca, não com a preocupação de rigor analítico, ou não só com ela, mas, sobretudo com inteligência cordial[97], que é frequentemente o caminho da justa compreensão. (HOLANDA: 1978, p. 136-7)

Contudo, a seguir anota que essa relação não é tão integrada quanto parece ser, especialmente, no que se refere à *Vida e morte de M. J. Gonzaga de* Sá; em relação à análise do romance desenvolvida por Pereira, anota que concorda com:

> "(...) as numerosas alusões e indicações de natureza autobiográfica encontradas em cada passo na narrativa. E teve o cuidado de conferi-las com as que vêm em outros escritos do autor e até as próprias reminiscências e os depoimentos de amigos e companheiros, obtendo resultados que corroboram amplamente a conclusão a que chegou.. (HOLANDA: 1978, p. 137).

Mais adiante anota.

> (...) mas é algumas vezes entrevista, apesar do autor, a quem no meu entender mais importa para o estudo da obra, a que determina muitas de suas reações pessoais, entre outras a singular e renitente ojeriza contra todos aqueles que (como João do Rio e talvez o próprio Machado de Assis), tendo razões para partilhar as mesmas amarguras, tudo fazem no entanto para parecer insensíveis a elas, por enganar-se a si mesmos e tentar iludir os outros. E é esta dupla revolta o que podemos discernir em mais de um aspecto de sua obra. (...)
>
> É efetivamente nessa criação que ele foi poucas vezes superado entre nós. (HOLANDA: 1978, p. 138).

Na crítica de Buarque de Holanda, esse tipo de confissão que surge aberta e indiferentemente pela boca do autor ou da personagem, descrita por Pereira, não demonstra nenhum sentimento de frustração ou "de compensação e redenção" por parte do escritor. Segundo ele, Lima Barreto buscava expressar-se através de sua "Arte",

Para o crítico, Lima Barreto muitas vezes "engrossou" demais os traços de suas personagens e levou a extremos a caricatura, mas nunca com a "enfatuação irônica" de outros autores que tinham dificuldade de expressar os fatos com a objetividade com que o fazia o autor de *Gonzaga de Sá.*

É nos contos, afirma Buarque de Holanda, que essa feição da obra mais transparece, pois, "a economia natural do gênero permite seu melhor aproveitamento". Analisando "Nova

[97] Esperamos que o "cordial" deste texto, não tenha o mesmo significado que Holanda deu à sua ideia do "homem cordial".

Califórnia", "O homem que sabia javanês" e "Um especialista" observa que usualmente num conjunto como esse, ou em romances, tudo estaria fora de lugar e sem meios de consertar, contudo, na obra de Lima Barreto há,

> (...) o recurso supremo à Arte, onde os humildes podem entrar no reino dos Céus, sem largar o seu subúrbio, e os orgulhosos são fustigados como bem merecem. Essa filosofia projeta-se de algum modo sobre todos os aspectos da obra de Lima Barreto, e porque ele a viveu intensamente, nem sempre pode distanciar-se o bastante para dar lugar a uma verdadeira perspectiva artística. Dessa ausência de perspectiva decorrem certamente algumas qualidades e defeitos dessa obra. Pode-se dizer que em *Clara dos Anjos* temos um compêndio desses defeitos. (HOLANDA: 1978, p. 139).

Clara dos Anjos era o romance preferido de Buarque de Holanda; não foi por mero acaso que seu nome foi o escolhido para prefaciar esse volume nas *Obras completas.*

Em função das perspectivas cronológicas de minha análise, já expostas anteriormente, neste ponto encerra-se a análise do desenvolvimento da fortuna crítica de Lima Barreto em livro.

Todas as obras e autores que não foram citados neste segmento, estão arrolados no item "Fortuna crítica" da bibliografia desta Dissertação.

1 A CRÔNICA

1.1 Teoria

O fato de estar sendo analisada a trajetória de um literato na imprensa se faz necessário tecer algumas reflexões inerentes aos gêneros de fronteira. A aproximação entre literatura e imprensa faz parte de uma questão maior acerca das fronteiras entre literatura e história que atravessou os tempos na literatura ocidental.

Na historiografia do século XX, a discussão entre as fronteiras da literatura e da história se traduz numa questão de limites discursivos, como propõe Maria Aparecida Baccega em *Palavra e discurso. História e Literatura.*

> O que faz o discurso da história se não trabalhar com signos dados, já vividos, já incorporados, de algum modo, à vida social? (...) E o que faz o ficcionista se não trabalhar também com signos estabelecidos em uma sociedade e, dando-lhes novas conotações, produzindo com eles outro universo, ao devolvê-los ao receptor? (BACCEGA: 2000, pp. 82-83).

Ou seja, tanto o discurso histórico quanto o literário são significado e significante da especificidade de cada um, mas passam a ser significante do outro manifestando novo significado, na prática cotidiana das relações entre sistemas ideológicos já constituídos presentes em uma sociedade.

É indiscutível que cada um desses discursos, mesmo que inseparáveis de suas próprias cadeias, guarde ligação com o outro. De acordo com Rildo Cosson “multiplicadas as fronteiras, multiplicados os pontos de contato e as dificuldades de se estabelecer os limites de um e de outro", é natural que essa discussão se desdobrasse em outros discursos, como o jornalismo e outros “gêneros duplos e ambíguos, a exemplo da crônica”, que buscam registrar factualmente a realidade. (COSSON – IN CARVALHAL: Universidade/UFRGS, pp. 138-139).

Ligada incontestavelmente à noção de tempo e memória, a crônica desde a Antiguidade foi uma narrativa histórica, como por exemplo a de Heródoto, o fundador do discurso histórico, quando se propôs a narrar a guerra entre gregos e persas, com base em relatos guardados pela tradição oral.

No século XVIII, o poeta e historiador das Luzes, Voltaire, preocupado em transformar a história num saber científico, definiu um método racional de escrita a partir de documentos e arquivos, expurgando dela qualquer elemento ficcional.

> O saber histórico, obtido pelo exame crítico da documentação e inseparável da busca de leis explicativas do mundo humano, começava a ser enquadrado no sistema da ciência e submetido às normas discursivas que o regulam. (...) o Iluminismo operou os primeiros movimentos de separação entre uma história "racional" e uma história "beletrista". (BENATTE: UNICAMP/IFCH, 2000. p.69).

Entretanto, o corte nesse discurso ambíguo aconteceu efetivamente, quando Henry Fielding, também no século XVIII, abandonou os registros factuais em detrimento dos estritamente ficcionais e instituiu o romance moderno. Concomitantemente a esses fatos, a evolução tecnológica da imprensa proporcionou maior rapidez e serialidade às informações.

O fato é que, apesar da ênfase dada à problemática dessa distinção de discursos perdurar há séculos, as relações entre literatura e história, literatura e jornalismo não deixaram de manter suas complexas e estreitas relações no decorrer de suas histórias. (COSSON: IN – CARVALHAL, 1999. pp. 138-139).

Na atualidade, o debate que envolve as relações entre jornalismo e literatura tem se norteado em torno de duas teses basilares; a primeira que busca separar os dois discursos a partir da distinção entre o factual e o ficcional e entre a perenidade do texto final e a efemeridade do texto jornalístico. Uma segunda, que procura fazer do jornalismo um mero exercício artístico para escritores, evidenciado, sobretudo, pelo trânsito contínuo de literatos para a imprensa ou da transformação do escritor em jornalista profissional.

Nesse sentido, Cosson observa que, se a linha tênue que separa, ou mistura jornalismo e literatura se insere na primeira questão; a segunda determina que a distinção entre os dois discursos possa ser estabelecida pela linguagem específica de cada um deles, pois, parece certo que o jornalismo se distingui da literatura pelo grau de elaboração da linguagem.

Concluindo suas idéias, o crítico alerta para o fato de que as ligações entre jornalismo e literatura não podem ser compreendidas unicamente a partir da perspectiva histórica, do debate crítico ou de um juízo de valor artístico regidos por normas fixas e categorias imutáveis, mas como construções sociais e históricas de uma determinada sociedade, uma vez que,

> (...) tanto a oposição entre fato e ficção quanto a elaboração de linguagem que servem de base para a distinção entre jornalismo e literatura só são possíveis de serem articuladas porque estamos tratando de um contínuo, no qual a identidade de cada discurso termina depois de começar a do próximo. (COSSON: IN – CARVALHAL, 1999. pp. 142-144).

Como no mundo europeu, em terras brasileiras e em outros países da América Espanhola, a partir do século XIX passou a existir uma estreita afinidade entre jornalismo e

literatura, uma vez que jornalistas e literatos disputavam, nos mesmos veículos, o espaço e também os leitores.

Especialmente no Brasil, junto com as notícias, anúncios de escravos fugidos, armazéns de secos e molhados, curandeiros, cartomantes, xaropes, roupas íntimas femininas, teses científicas de estrangeiros e brasileiros, discursos de promotores e advogados proferidos em tribunais de júri, havia colunas literárias. Nestas, sem grandes distinções publicavam-se traduções e adaptações da literatura européia, ao lado de alguns textos de nomes nacionais que se dedicavam ao ofício de escritor - pioneiros da poesia, do conto e do romance brasileiros.

Nesse mesmo período, outros gêneros que casavam literatura e jornalismo começaram a ter destaque nos rodapés das edições de domingo. A crônica, originária do folhetim, se instituiu na imprensa brasileira como um gênero literário de prosa, nela o escritor comentava as sua impressões pessoais sobre assuntos mais marcantes da semana. Contudo,

> (...) seria injusto reduzi-la a um apêndice de jornal, pelo menos no Brasil, onde dependeu na origem da influência européia, alcançando logo, porém, um desenvolvimento próprio extremamente significativo. (ARRIGUCCI: 1985, P.53).

Narrando comentários de fatos corriqueiros ou os *faits-divers* das altas rodas cariocas, a crônica vem congregando adeptos entre nós desde o século XIX; em sucessivos estilos atravessou o século XX e alcançou grande estatura entre os mais renomados literatos brasileiros. Inúmeros artífices das letras - de Alencar a Drumonnd – através de suas crônicas, falaram muito de perto para sucessivas gerações de brasileiros a respeito das coisas da literatura, da intelectualidade e, sobretudo, da cultura e da história do nosso país.

Como julgar as relações entre literatura e jornalismo no caso brasileiro? Se boas ou más, não vem ao caso. A verdade é que desde o momento em que D. João VI, em 1808, permitiu prelos no Brasil, literatura e imprensa se deram os braços.

Não fosse assim, Lima Barreto não teria se lançado como romancista, nas páginas da sua *Floreal*, com o folhetim *Recordações do escrivão Isaias Caminha* que desnudava o dia-a-dia das redações de um diário carioca onde havia trabalhado como repórter, em 1905. Tampouco, teria legado às gerações seguintes, como outros literatos de seu tempo, um conjunto inestimável de crônicas escritas para os mais diversos órgãos de imprensa do Rio de Janeiro, sobre a vida da cidade do Rio de Janeiro no início do XX.

Nesse sentido, vários estudiosos do gênero vêm observando quão estreitas são as fronteiras entre a crônica jornalística e os fatos reais na imprensa brasileira. Margarida de Souza Neves afirma que as crônicas das primeiras décadas do século XX, por seu caráter documental “não

cessam de recolocar a cada passo a questão fundamental da possibilidade de o historiador lidar profissionalmente com o registro ficcional", pois, essas narrativas segundo a expressão esboçada por Pierre Nora, podem ser consideradas como "lugares da memória". (NEVES IN – CÂNDIDO: UNICAMP/FCRB, 1992. p. 79).

Beatriz Resende observa que esse gênero jornalístico-literário sempre enfoca a sua narrativa a partir de uma escrita e uma ótica pessoalíssima e temporal, o que torna possível ao historiador perceber o espírito de um determinado contexto histórico. (RESENDE: 1995. p. 22).

O certo é que, entre nós, a crônica literária, muito distinta de sua "irmã mais velha" - a crônica histórica -, nasceu das inquietações do presente, das rápidas e grandes transformações técnico/tecnológicas, da nova ordem que o capitalismo industrial impôs ao mundo do trabalho e do crescimento urbano desenfreado, que indisciplinou a vida das grandes cidades e suas periferias.

Arrigucci avalia que a história da crônica no Brasil "é comprida e intrincada", e que "inúmeros escritores, a cada novo estilo de literatura brasileira, são também cronistas". (ARRIGUCCI: 1985, p. 62). Esse ensaísta divide o percurso da crônica no Brasil em três tempos; no primeiro inscreve Bilac e João do Rio; o segundo é o do Modernismo com "um punhado de grandes escritores que escreve crônicas" entre eles: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Vinicius de Morais, Carlos Drummond de Andrade e Rachel de Queiroz; e o terceiro que chama de "geração de 40" formado por Paulo Mendes Campo e Fernando Sabino.

Antonio Cândido em "A vida ao rés do chão" também aponta para "três gerações de cronistas que mostraram a sua capacidade de traçar o perfil do mundo e dos homens"; contudo, propõe uma divisão de nomes diferente à de Arrigucci, pois considera que a primeira geração de cronistas é a de José de Alencar, Francisco Otaviano e Machado de Assis; os nomes de Olavo Bilac e João do Rio se associam à segunda; e à terceira credita os nomes de Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos. (CÂNDIDO IN – RESENDE: 1995, p. 22).

No vai-e-vem dessa reflexão encontramos respostas para duas questões que estavam "no ar" a respeito da crônica jornalística no Brasil: Por que não foi dignificada com um valor literário maior? Por que literatos renomados, como Alencar, Machado, Bilac, João do Rio, Coelho Neto, Lima, Drummond, Sabino, entre outros, buscaram a imprensa como um meio de diálogo entre sua arte e o público leitor de seu tempo?

Para a primeira não foi difícil encontrar, uma, mas várias respostas. Todas elas se sustentam invariavelmente no caráter jornalístico do qual emerge a crônica. A efemeridade do jornal, na visão momentânea de um fato, ou na notícia que inspirou o texto, põe a perder, no passar

do tempo, seu significado e, naturalmente, o interesse do leitor. Entre outras restrições que depreciam o gênero, Antonio Dimas anota:

> (...) sua inegável motivação financeira, de sua ciscunstancialidade, de seu teor geralmente baixo de literariedade, de seu despoliciamento, de seu à vontade. Além disso, seu veículo principal é o periódico jornalístico, meio incompatível com a divulgação de elaborações mentais mais duradouras. (DIMAS: 1983, p. 50).

Massaud Moisés observa que se publicada em livro "a crônica por vezes logra escapar de perecimento tão breve", pois,

> (...) ali se enfeixam as peças que o seu autor julgou resistirem à erosão do tempo, via de regra porque lhe pareceu ostentarem certos méritos, evidentemente não como reportagem, mas como texto literário. (MOISÉS: 1967, p. 106-107).

Nesse mesmo sentido, Eduardo Portella comenta que as crônicas são "um registro dos acontecimentos da cidade, a história da vida da cidade, a cidade feita letra", enquanto no livro se constituem "em obra de arte, fazendo um gênero literário especifico e autônomo" transcendendo a condição puramente jornalística. (PORTELLA: 1977, p-85).

Não é só a crítica que maldiz a crônica, muitas vezes o próprio autor comprova "uma paternidade contrariada",

> Alencar denominava sua coluna de "Páginas Menores"; Machado considerava o gênero como "união do útil ao fútil"; Bilac, segundo Eloy Pontes, tremia diante da possibilidade de ter seu material jornalístico revisitado um dia; (...) Clarice Lispector evadiu-se: "Crônica? Não faço. Conto histórias". (DIMAS: Revista *Littera*. 1974, pp. 46-51).

Por outro lado, o próprio Bilac, no seu depoimento em *O momento literário*, a João do Rio, afirma que o jornalismo era importante para os literatos porque lhes dava visibilidade, uma vez que era "o único meio de o escritor se fazer ler. (...) nós adquirimos a possibilidade de poder falar a certo número de pessoas que nos desconheceriam se não fosse a folha diária". (RIO: [s.d.], p. 10). Contudo, como contrapeso a essa visibilidade, de acordo com Dimas, estava a questão da profissionalização do escritor que, inserido num mercado de trabalho ainda incipiente, não tinha possibilidades de viver de sua arte e era obrigado a se submeter a essa atividade de "profissional-jornalista" como forma de aumentar sua renda. (DIMAS: Revista *Littera*. 1974. p. 47).

Como Clarice Lispector, nem todos os literatos aceitavam de bom grado trabalhar profissionalmente para a imprensa, visto que esta atividade, associada ao desenvolvimento

capitalista poderia desmerecer o valor da arte literária que entre nós, ainda tinha uma distinção aristocrática. (SODRÉ: Revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, 1979, pp. 100-102).

A atividade intelectual, desde a Antiguidade, foi considerada distinta do trabalho físico; nas sociedades divididas em classes, cada função tornou-se própria de cada uma delas; no mundo das relações capitalistas, a literatura foi transformada em mercadoria, uma vez que, passou a ser uma profissão. Ora, num país em que por força das circunstâncias e dos preconceitos, o trabalho escravo permanecia no imaginário social, era natural que o literato,

> Inserido numa sociedade em que a divisão do trabalho ainda não atingiu um nível ideal, aborrece ao intelectual-jornalista ser coagido a dispensar seu esforço em benefício de sobrevivência imediata, o que, para ele, se afigura como atividade conspurcatória. (...) Sentindo-se, no fundo, degradado, por ter de vender tão indiscretamente sua força de trabalho, o intelectual tenta escamotear a situação, apelando ora para a ironia, ora justificando seu labor jornalístico como exercício estilístico, balão de ensaio para a "grande obra futura". (DIMAS: Revista *Littera*. 1974, p. 47).

Dimas não oferece exemplos a respeito da expressão "balão de ensaio", mas essa pode estar ligada à efemeridade do texto cronístico, a que mais adiante vai chamar "de força constritora" que restringe o cronista em duas direções: "a que obriga à concisão e à brevidade e a que coage o autor a uma elaboração relativamente despoliciada, na medida em que é matéria para o jornal do dia seguinte". (DIMAS: Revista *Littera*. 1974, p. 48).

Essa idéia da crônica como um "balão de ensaio", me havia ocorrido nas leituras das crônicas de Lima Barreto, pois, várias vezes tive a impressão de já ter lido os mesmos trechos em seus romances e contos. Num momento de leitura mais atenta, para o fichamento de "Esta minha letra" [98] surgiu a confirmação. A celebração foi dupla, havia encontrado também elos entre a parte romanesca e as crônicas do meu objeto de estudo, dos quais descrevo dois exemplos nos Quadros I e II nas páginas que se seguem.

[98] Crônica publicada na *Gazeta da Tarde*. RJ: 28.06.1911.

QUADRO – I

CRÔNICA

"Esta minha letra"

Foi um dia destes. Eu vinha de trem muito aborrecido porque saíra o meu folhetim todo errado.O aspecto desordenado dos nossos subúrbios ia se desenrolando aos meus olhos: o trem se enchia da mais ***fina flor da aristocracia dos subúrbios****.* ***Os senhores com certeza não sabiam que os subúrbios têm uma aristocracia.***

Pois têm. É uma aristocracia curiosa, em cuja composição entrou uma grande parte dos elementos médios da cidade inteira: funcionários de pequena categoria, chefes de oficinas, pequenos militares, médicos de fracos rendimentos, advogados sem causa, etc.

Iam entrando com a morgue que caracteriza uma aristocracia de tal antiguidade e tão fortes rendimentos, *quando uma moça, carregada de lápis, penas, réguas, cadernos, livros, entrou também e veio sentar-se a meu lado.*

Gazeta da Tarde. RJ: 28.06.1911

ROMANCE

Triste fim de Policarpo Quaresma

(Publicado pela primeira vez, em folhetins, do *Jornal do Commercio* – Rio de Janeiro, edição da tarde, de janeiro a março de 1911).

O doutor Bulhões, até tinha pelo Ricardo uma admiração especial, um delírio, um frenesi e, quando o trovador cantava, ficava em êxtase. "Gosto muito de canto", dizia o doutor no trem certa vez, "mas só duas pessoas me enchem as medidas: o Tamagno e o Ricardo". Esse doutor tinha uma grande reputação nos subúrbios, não como médico, pois que nem óleo de rícino receitava, mas como entendido em legislação telegráfica, por ter sido chefe da Secretaria dos Telégrafos.

Dessa maneira, Ricardo Coração dos Outros gozava da estima geral da alta sociedade suburbana. ***É uma alta sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios. Compõe-se em geral de funcionários públicos, de pequenos negociantes, de médicos com alguma clínica, de tenentes de diferentes milícias,*** *nata essa que impa pelas ruas esburacadas daquelas distantes regiões, assim como nas festas e nos bailes, com mais força que a burguesia de Petrópolis e Botafogo.*

Triste fim de Policarpo Quaresma
SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição, pp. 36-37.

Clara dos Anjos

(Publicado pela primeira vez, em folhetins, na *Revista Souza Cruz*,- Rio de Janeiro, 1923-1924).

Pelas primeiras horas da manhã, de todas aquelas bibocas, alforjas, trilhos morros, travessas, grutas, ruas, sai gente, que se encaminha para a estação mais próxima; alguns, morando mais longe, em Inhaúma, em Caxambi, em Jacarepaguá, perdem amor a alguns níqueis e tomam bondes que chegam cheios às estações. Esse movimento dura até as dez horas da manhã e há toda uma população de cidade, de certo ponto, no número dos que nele tomam parte. ***São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente, que apesar de honesta, vive de pequenas transações, de dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil-réis. O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a situação normal vão se aninhar lá (...).***

Clara dos Anjos
SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição, p.118.

QUADRO II

CRÔNICA

"Os enterros de Inhaúma"

A pobreza da maioria dos habitantes dos subúrbios ainda mantém neles esse costume rural de levar a pé, carregados a braços, os mortos queridos.(...).

Vem porém o enterro de uma criança; e volto a sonhar.

São moças que carregam o caixão minúsculo; mas, assim mesmo, pesa. Percebo-o bem, no esforço que fazem.

Vestem-se de branco e calçam sapatos de salto alto. Sopesando o esquife, pisando o mau calçamento da rua, é com dificuldade que cumprem a sua piedosa missão. E eu me lembro que ainda têm de andar tanto! Contudo, elas vão ficar livres de um suplício; é o do calçamento da Rua do Senador José Bonifácio. É que vão entrar na Estrada Real; e, naquele trecho, a prefeitura só tem feito amontoar pedregulhos, mas tem deixado a vetusta via pública no estado de nudez virginal em que nasceu. Isto há anos que se verifica.

Logo que as portadoras do defunto pisam o barro unido do velho trilho, adivinho que elas sentem um grande alívio dos pés à cabeça. As fisionomias denunciam. Atrás, seguem outras moças que as auxiliarão bem depressa, na sua tocante missão de levar um mortal à sua última morada neste mundo; e, logo após, graves cavalheiros de preto, com o chapéu na mão, carregando palmas de flores naturais, algumas com aspecto silvestre, e baratas e humildes coroas artificiais fecham o cortejo.

Este calçamento da Rua Senador José Bonifácio, que deve datar de uns cinqüenta anos, é feito de pedacinhos de seixos mal-ajustados e está cheio de depressões e elevações imprevistas. É mau para os defuntos; e até já fez um ressuscitar.

Conto-lhes. (...)

Tinha morrido o Felisberto Catarino, operário, lustrador e empalhador numa oficina de móveis de Cascadura. Ele morava no Engenho de Dentro, em casa própria, com um razoável quintal, onde havia, além de alguns pés de laranjeiras, uma umbrosa mangueira, debaixo da qual, aos domingos, reunia colegas e amigos para bebericar e jogar a bisca.

Catarino gozava de muita estima, tanto na oficina como na vizinhança.

Como era de esperar, o seu enterro foi muito concorrido e feito a pé, com um denso acompanhamento. De onde ele morava, até ao cemitério de Inhaúma, era um bom pedaço; mas os seus amigos a nada quiseram atender. Resolveram levá-lo mesmo a pé. Lá fora, e no trajeto, por tudo que era botequim e taverna por que passavam, bebiam o seu trago. Quando o caminho se tornou mais deserto até os condutores do esquife deixavam-no na borda da estrada e iam à taverna "desalterar". Numa das últimas etapas do itinerário, os que carregavam, resolveram de mútuo acordo deixar o pesado fardo para os outros e encaminharam-se sub-repticiamente para a porta do cemitério. Tanto estes como os demais — é de toda a conveniência dizer - já estavam bem transtornados pelo álcool. Outro grupo concordou fazer o mesmo que tinham feito os carregadores dos despojos mortais de Catarino; um outro, idem; e, assim, todo o acompanhamento, dividido em grupos, tomou o rumo do portão do campo santo, deixando o caixão fúnebre com o cadáver de Catarino dentro abandonado à margem da estrada.

Na porta do cemitério, cada um esperava ver chegar o esquife pelas mãos de outros que não as deles; mas nada de chegar. Um, mais audaz, após algum tempo de espera, dirigindo-se a todos os companheiros, disse bem alto:

—Querem ver que perdemos o defunto?

—Como? — perguntaram os outros, a uma voz.

- Ele não aparece e estamos todos aqui, refletiu o da iniciativa.

—É verdade, fez outro. Alguém então aventou:

—Vamos procurá-lo. Não seria melhor?

E todos voltaram sobre os seus passos, para procurar aquela agulha em palheiro...

Tristes enterros de Inhaúma! Não fossem essas tintas pinturescas e pitorescas de que vos revestis de quando em quando de quanta reflexão acabrunhadora não havíeis de sugerir aos que vos vêem passar; e como não convenceríeis também a eles que a maior dor desta vida não é morrer...

Careta – Rio de Janeiro: 26.08.1922

ROMANCE

Clara dos Anjos

Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro.

Nem lhes facilita a morte, isto é, o acesso aos cemitérios locais.

Para os de Inhaúma, procurando por uma vasta zona suburbana os caminhos são maus, e pior do que isto; dão voltas inúteis, que poderiam ser evitadas sem grandes despesas. Os enterros de gente mais pobre são feitos a pé, e é fácil imaginar como chegam, os que carregam o morto, no campo-santo municipal. Quem passa por aqueles caminhos, quase sempre topa com um. ***Os de "anjos" são carregados por moças e os destas também pelas da sua idade. Não há, para elas, nenhuma*** **toillete** ***especial. Levam a mesma que para os bailes e mafuás ; e lá vão de rosa, de azul-celeste, de branco, carregando a pobre amiga, debaixo de um sol inclemente, e respirando uma poeira de sufocar; quando chove, ou choveu recentemente, carregam o caixão aos saltos, para evitar atoleiros e poças d'água.***

Os de adulto são carregados por adultos. Nestes, porém, há sempre uma modificação do indumento dos que acompanham. Os cavalheiros procuram roupas escuras, senão pretas; mas, às vezes, surge o escândalo da sua calça branca. Vão muito pouco tristes e, em cada venda que passam "quebram o corpo", isto é, bebem uma boa dose de parati. Ao chegarem ao cemitério, aquelas cabeças não regulam bem, mas o defunto é enterrado.

Houve, porém, uma ocasião, que o corpo não chegou a seu destino. Beberam tanto, que o esqueceram no caminho. Cada qual que saía da venda, olhava o caixão e dizia: "Eles que estão lá dentro, que o carreguem". Chegaram ao cemitério e deram por falta do defunto. "Mas não era você que vinha carregando?" – perguntava um. "Era você" – respondia o outro; e assim, cada um empurrava a culpa para o outro. Estavam cansadíssimos e semi-embriagados. Resolveram alugar uma carroça e ir buscar o camarada falecido, que já tinha duas velas piedosas a arde-lhe na cabeceira. E o pobre homem, que devia receber dos amigos aquela tocante homenagem, dos camaradas levarem-no a pé ao cemitério, só a recebeu a meio, pois, o resto do caminho para a última morada, ele a fez graças ao esforço de dois burros, que estavam habituados a puxar carga bem diferente e muito menos respeitável.

Clara dos Anjos

SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição, pp. 117-118

Publicado, pela primeira vez, em folhetins, na *Revista Souza Cruz* – RJ: 1923-1924

Como se pode observar nos quadros acima, há mesmo uma concordância entre alguns trechos de crônicas e passagens dos romances de Lima Barreto, o que poderia indicar a possibilidade do mencionado "balão de ensaio". Entretanto, se à primeira vista tal coincidência se confirma, como sugere Dimas, por outro lado, numa análise mais atenta das datas de publicação dos textos, pode-se observar um aproveitamento inverso, ou seja, da literatura na produção dos jornais.

QUADRO I

A crônica "Essa minha letra" e o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* foram publicados em 1911; a primeira em junho, na *Gazeta da Tarde* e o segundo, em folhetins, na edição

vespertina do *Jornal do Commercio*, entre janeiro e março, o que nos permite imaginar o romance como o "balão de ensaio" da crônica.

Clara dos Anjos, cuja primeira versão (a incompleta) foi incluída em apêndice por Assis Barbosa no *Diário íntimo*, tem seus primeiros registros nas anotações pessoais de Lima Barreto do ano de 1904 (DI: 1956. pp. 219-283). Conforme o próprio romancista relatou na crônica "Será sempre assim?", em janeiro de 1922 (***A. B. C.***. RJ: l7.01.1922), retomou a redação do romance. Porém, esse só seria publicado postumamente, também em folhetins, entre 1923 e 1924, na revista *Souza Cruz*.

Na versão de 1904, não encontrei o trecho que foi destacado acima como inspiração para "Essa minha letra". Contudo, entre essa data e a retomada da escrita, em 1922, veio a público *Triste fim de Policarpo Quaresma*, existem trechos análogos. Dessa forma, onde se deu, então, a passagem? De *Policarpo* para a crônica? Desta para o romance? Ou ainda, de *Policarpo Quaresma* para *Clara dos Anjos*?

QUADRO II

Ao que tudo indica, "Os enterros de Inhaúma", publicada em setembro de 1922, é posterior ao romance. Neste ano, Lima Barreto não fez nenhum apontamento no seu caderno de anotações pessoais; fui em busca, então, de maiores informações na correspondência.

Em cartas e bilhetes que trocou com Monteiro Lobato, Francisco Schettino [99] e Lucilio Varejão, Lima faz referências a um novo romance concluído em fevereiro daquele ano. (**CO v. II:** 1961. pp. 58-8; p. 131 e pp. 227-229). Juntando os fatos, a hipótese de que o romance teria inspirado a crônica me parece sustentável nesse primeiro momento de observação.

Essa pequena análise aponta também as estreitas relações existentes entre literatura e imprensa, que abundam na obra de Lima Barreto, as quais, como afirma Cosson, devem ser compreendidas "como parte de empréstimos, de rompimentos e de remapeamentos de fronteiras entre os dois discursos" cujo ponto de partida é a vida e a cidade do Rio de Janeiro. (COSSON IN – CARVALHAL, 1999. p. 139)

Da leitura acima, nos Quadros I e II, cheguei à conclusão de que não há um Lima Barreto romancista e um outro cronista. Há apenas um único Lima Barreto, que reuniu os vários gêneros literários a que se dedicou em um só – na crônica.

[99] Em relação a Schetttino, há a possibilidade da correspondência tratar de *Feiras e Mafuás*. É sabido que Lima lhe entregara um livro com crônicas e artigos, já composto e paginado em parte, e que nunca foi publicado até a edição da Mérito, em 1953. (FM:. SP: Brasiliense, 1961. 2ª ed. p. [17]).

Dessa forma, vejo Lima Barreto como um cronista por excelência que, ora se transformava em ficcionista no romance e no conto e, ora no homem de imprensa na crônica e na crítica literária.

Contudo há uma opinião do estudioso de Lima Barreto, Carlos Erivany Fantinati, em *O profeta e o escrivão. Estudo sobre Lima Barreto*, da qual compartilho em parte, de que do período, entre 1911 e sua aposentadoria, no qual o escritor se dedicou a produzir grande parte de sua produção romanesca e seus melhores contos em simultaneidade à sua participação na imprensa,

> (...) em busca de consagração intelectual, Lima Barreto jamais se recuperaria para uma tentativa de maior fôlego. A aposentadoria no cargo de amanuense, em dezembro de 1918, ao invés de conduzi-lo a uma retomada do veio fecundo das produções ficcionais iniciais, foi sentida como uma libertação que lhe dava pra falar "sem rebuços sobre tudo o que julgar contrario aos interesses do país". [100] (...).
>
> Desse período burocrático, marcado pelo desaguar do "Treze de Maio" [101] em entusiasmos maximalistas, a única tentativa de retorno à produção romanesca é o *Cemitério dos vivos*, que, infelizmente, não levou a termo. (FANTINATI: 1978, p. 173).

Tenho como certo que, toda a produção intelectual desse homem inquieto, que atuou intensamente na imprensa, nos romances, nos contos, na epistolografia, nas anotações pessoais, ou na crítica literária, em parte, traduz a longa crônica da sua própria vida, cujo cenário foi a cidade onde nasceu e morreu - o Rio de Janeiro.

Se a história da crônica no Brasil se mistura com a da cidade do Rio de Janeiro, tanto uma quanto a outra se misturam à história de vida, às personagens e aos fatos com os quais Lima Barreto observou no seu cotidiano ainda criança e mais tarde, nas suas idas e vindas entre o centro e os subúrbios do Rio de Janeiro.

De acordo com estudiosos da crônica brasileira e de Lima Barreto, o criador de romances com *Triste fim de Policarpo Quaresma* foi também um dos mais desatacados cronistas de sua época. Suas crônicas continuam vivas e despertam interesse, não só na comunidade acadêmica como também no público leitor em geral.

Todos esses elementos deixaram claro que uma leitura comentada das crônicas e dos artigos de Lima Barreto, poderia expor distintos aspectos da sua trajetória na imprensa que ainda poderão estar encobertos, seja pela efemeridade própria do gênero, ou pelos poucos estudos sistematizados que mereceu.

[100] Este trecho é de "Que fim levou?". (BA: 1961, p. 134.)
[101] Crônica "Maio", publicada na *Gazeta de Notícias* em 04.05.1911 e está em *Vida urbana*, p. 255.

2. A PESQUISA E O MÉTODO

Entre os literatos da época, reunir em livro as crônicas, artigos ou conferências era relativamente comum. Outros escritores antes de Lima Barreto, como Olavo Bilac e João do Rio, já haviam adotado essa prática, talvez, com o intuito preservar suas ideias para a posteridade, como o próprio Lima Barreto afirmou na primeira página de *Bagatelas*,

> Composto de artigos vários, (...), este pequeno livro não visa outro intuito senão permitir aos espíritos bondosos que me têm acompanhado, nos meus modestos romances, a leitura de algumas reflexões sobre fatos e homens da nossa terra, que talvez, sem razão, muito próprios de mim.
>
> Aparecidos em revistas e jornais modestos, é bem de crer que tais espíritos não tenham lobrigado a existência deles; e é somente por esse motivo que os costuro em livros (...). (BA: 1961, p. 37)

Contudo, se a intenção da publicação em livro resguardou essa vontade, por outro, para um leitor da atualidade surgem dificuldades de compreensão na leitura, em razão de que muitos fatos e nomes mencionados tenham caído no esquecimento. John Gledson, nos seus estudos para a edição da série "Bons dias!" de Machado de Assis, aponta esse motivo como o responsável pela dissociação dessa série de crônicas em relação ao restante da obra do literato, o que fez com que não tivesse merecido estudos detalhados até aquela momento, posto que,

> Não foram escritas para a posteridade, enquanto os romances e contos, para não mencionar a poesia e o drama, eram "obras de arte", conscientemente elaboradas com esse fim (...). As crônicas, como o nome indica, eram muito mais limitadas no tempo, e pressupunham um leitor que partilhava esse tempo. (GLEDSON : 1990, p. 11).

Entende-se, pois, que as mesmas dificuldades apontadas por Gledson em relação ao estudo das crônicas do criador de "Bons Dias!" e "Balas de Estalo" se aplicam aos escritos de Lima Barreto para a imprensa.

Entretanto, no caso das crônicas de Lima Barreto, há outro dificultador: com exceção de "Subterrâneos do Morro do Castelo", "Hortas e capinzais" e "Vida Urbana", suas crônicas e artigos não foram publicados em séries, tais como as de Machado de Assis, portanto, o conjunto de seus escritos na imprensa ainda estava por "merecer várias classificações, inclusive a de não classificáveis", como o próprio cronista anotou na "Advertência" de *Bagatelas*.

A partir desses pressupostos, ficou evidente que, para estabelecer o fio que move a obra de Lima Barreto, seria necessário fazer jus à fração literário/jornalística de sua produção. Sendo

assim, com o propósito de trazer um novo olhar sobre esse *corpus* documental, debrucei sobre as crônicas, em busca de uma organização mais minuciosa.

O trabalho pioneiro de edição das crônicas de Lima Barreto foi realizado por Francisco de Assis Barbosa. Sobre sua organização quem comenta abaixo é Denílson Botelho, o segundo a trabalhar com as fontes que o biógrafo de Lima Barreto havia encontrado entre os periódicos da Biblioteca Nacional.

> Trata-se de um extenso material que se encontra reunido e publicado em nada menos de seis livros: *Coisas do Reino de Jambon, Bagatelas, Feiras e mafuás, Vida urbana, Marginália e Impressões de leitura*, somando um total de quinhentos e oito artigos e crônicas que originalmente vieram a público em vários jornais e revistas do Rio de janeiro. (BOTELHO: 2002, pp. 24-25). [102]

Na edição das *Obras Completas* publicadas pela Editora Brasiliense, cada um desses títulos traz um subtítulo como sugestão do seu conteúdo: *Coisas do Reino de Jambon* – Sátira e folclore; *Bagatelas* – Artigos; *Feiras e mafuás*, *Vida urbana* e *Marginália* – Artigos e crônicas e por fim, *Impressões de leitura* – Crítica. Em relação à organização dos artigos e crônicas, todos trazem uma "Nota Prévia" indicativa dos critérios adotados pelos organizadores, que seguem descritos abaixo. [103]

Coisas do Reino de Jambon é composto de uma parte do volume *Bruzundangas*, de algumas crônicas extraídas de *Histórias e sonhos* e do volume *Marginália*, publicado pela Editora Mérito (1953) [104], além da série inédita de "Hortas e capinzais" da qual se anotam as seguintes informações:

> Esta série apareceu na *Careta*, quase sempre com um subtítulo, em geral "Vida Urbana"; por esse motivo, suas crônicas receberam denominação de nossa responsabilidade, acorde com o tema versado de cada uma. (CRJ: 1961. p. [23]).

O estabelecimento do texto, aplicado à edição Brasiliense, se fez a partir de "a lição (ou de sua cópia diplomática)", estampada nos jornais e periódicos da época, sempre citados *in fine*. Neste volume, como nos demais, quando esse cotejo não foi possível, tomou-se como base o da Editora Mérito, citado acima, ou os manuscritos de Lima Barreto.

Bagatelas reproduz a edição de 1923 publicada pela Empresa de Romances Brasileiros, sob a direção de Vasco Lima, que no momento daquela edição ainda tinha em seu poder os originais

[102] Esse livro foi composto a partir da Dissertação de Mestrado de seu autor. *A pátria que quisera ter era um mito. Uma introdução ao pensamento político de Lima Barreto*. Campinas: UNICAMP, 1996, apresentada no IFCH/UNICAMP.
[103] A ordem dos volumes segue a dos números com que foram publicados na coleção *Obras Completas* pela Editora Brasiliense.
[104] Em função das inúmeras citações que contém este sobre os volumes da obra de Lima Barreto, citados neste item, sugiro que o leitor acompanhe as datas de publicação no item 1.1 da "História editorial" nessa Dissertação..

que lhe foram entregues por Lima Barreto. De acordo com o autor da nota, esse material foi muito precioso,

> (...) porque trazem autógrafas correções fundamentais. (...) o que não obsta, entretanto, a que mais de uma obscuridade e dúvida perdurem no seu texto – o que se deve à maneira por que Lima Barreto revia seus trabalhos, com pouco cuidado para o que lhe parece óbvio. (BA: 1961. p. [32-33]).

Na edição da Editora Brasiliense, o conjunto de artigos e crônicas de *Feiras e mafuás* foi publicado no mesmo formato do volume da Editora Mérito. Este, em parte, organizado de acordo com um projeto que Lima Barreto entregara a Francisco Schettino, antes de seu falecimento; de outra parte, com crônicas e artigos inéditos incluídos por Assis Barbosa.

Vida urbana teve, pela Editora Brasiliense, sua primeira edição em 1956. Compõe-se o volume de artigos e crônicas de diversas épocas, especialmente, dos últimos anos de vida do cronista. O organizador do volume assim comentou em "Nota Prévia" sobre a disposição dos textos no volume.

> Procurou-se, na medida do possível, reunir aqueles escritos que correspondessem ao título – o que seria a melhor forma de evidenciar o carinho e amor com que Lima Barreto, ademais profundo conhecedor da sua cidade, acompanhou um dos momentos críticos da transformação desta. (VU: 1961, p. [27]).

O estabelecimento do texto de *Vida Urbana* seguiu outra edição anteriormente publicada, cujo texto foi apenas atualizado no formato da nova edição.[105]

O décimo segundo volume da Editora Brasiliense traz o título de *Marginália*, sobre o qual o organizador do volume anota:

> (...) é importante lembrar – pertence a Lima Barreto, que pretendia reunir artigos e crônicas sob esta denominação, como infere do subtítulo de "A questão dos poveiros", na *gazeta de Notícias*, de 2-1-19121 – "Da Marginália". (MA: 1961, p. [21]).

Esta edição traz apenas uma parte do volume publicado em 1953, embora tenha o mesmo título. Acrescentaram-se diversos artigos e crônicas, ainda inéditos em livro, e textos de *Histórias e sonhos*, da Editora Mérito, com a finalidade de estabelecer unidade entre volumes da coleção brasiliense.

Na edição de 1953, foi incluída uma segunda parte com o título "Impressões de leitura", a qual ganhou um volume separado nas *Obras Completas*, com o mesmo título, pois, Lima escrevia no *A.B.C.*, uma série de comentários sobre livros e autores, sob este título.

É importante anotar que para essa edição,

[105] Não encontrei uma informação mais precisa sobre estabelecimento do texto e para qual edição teria sido organizado o anterior.

> Não se obedeceu à cronologia na seqüência de artigos e crônicas, porque isso iria tumultuar a parte integrante em *Marginália*, na edição Mérito. Por esse motivo, não estranhará o leitor a inclusão aqui de peças datadas de 1907 e outras de 1911, em meio e ao fim do volume. (MA: 1961, p. [21]).

Para mensurar o valor desse trabalho de Assis Barbosa são necessários muitos adjetivos elogiosos, pois, não encontrei um que, sozinho, cumpra essa tarefa, pois, foi graças à persistência e à disposição para transpor barreiras que o biógrafo de Lima Barreto trouxe a público essa parte das atividades literárias do escritor na imprensa brasileira.

É fato que a publicação das *Obras Completas* lançou um novo olhar sobre o percurso intelectual de Lima Barreto e ensejou a grande fortuna crítica que vem sendo edificada ao longo das últimas cinco décadas, em estudos que, na sua maioria, têm como foco os romances, o conto e as anotações de cunho pessoal do escritor.

A epistolografia, as leituras estão ainda à espera de trabalhos sistematizados, visto que, não foram além daqueles, pioneiramente, realizados por Assis Barbosa. A parte jornalístico/literária foi retomada e em parte sistematizada, por Denílson Botelho na segunda metade da década de 1990

Antes de Botelho, Carlos Erivany Fantinati na década de 1970, Bernardo de Mendonça e Anoar Aiex, ambos na década de 1990, já haviam trabalhado com essa parte da obra de Lima Barreto.

O estudo, *O profeta e o escrivão. Estudo sobre Lima Barreto* (1978) é uma adaptação em livro da sua Tese de Doutoramento em 1974, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. No capítulo, intitulado "Reflexões Finais", o autor propõe uma reflexão da reincidência da concepção literária "messiânica" expressa nos romances de Lima Barreto, nas demais partes, ficcionais e não ficcionais, de sua obra. [106] Sobre tais reflexões o autor explica:

> Embora nosso trabalho se circunscrevesse à abordagem da concepção de literatura de Lima Barreto e de sua presença no romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, estamos convencidos de que a empostaçao messiânica de caráter profético constitui basicamente a visão de do mundo de Lima Barreto aglutinando as contradições pessoais, intelectuais e artísticas num todo coerente. (FANTINATI: 1978, p. 23).

Creio necessária aqui uma breve explanação do próprio autor, sobre o sentido do trecho em negrito, que pode se tornar ininteligível para quem não leu o estudo de Fantinati na íntegra, uma vez que, nele é manifesta a essência da sua tese.

[106] Essa reflexão, de acordo com informações de Fantinati, fazia parte do projeto original do livro. Contudo, em função de um desacordo com um estudo introdutório à obra de Lime Barreto, foi inserida no final do trabalho. (**FANTINATI:** 1978, p. 23)

> Sem ter pretensão de dar uma dimensão geral a essas considerações (escatologia e utopia) [107], por implicar numa discussão mais alentada do problema, ao tecê-las aqui nosso pensamento esteve voltado exclusivamente para a obra de Lima Barreto, que sugere e propõe uma atitude escatológica e utópica face ao mundo. Esta postura é de caráter profético e exprime sua concepção e vivencia da literatura como uma arte participante, que incorpora valores autênticos da esfera da tradição judaico-cristã, com incursões também pela mitologia greco-latina. (...)
>
> Mas não é só da esfera da tradição religiosa judaico-cristã que lhe provém essa postura profética. Sua gênese pode ser encontrada na identificação com o "anseio espiritual chamado socialismo utópico", que, [embora pareça] [108] "condenado a permanecer divorciado de sua época, prepara a futura estrutura da sociedade, já que não existe um curso de História necessária, em si, independente da decisão do homem". (FANTINATI: 1978, P. 17).

A partir das crônicas "Treze de maio" e "Quinze de novembro" [109] que em sua opinião são o ponto de partida para o sentido "biográfico e histórico que estão na raiz de sua (de Lima Barreto) atitude messiânica" e da "antinomia em que Lima Barreto faz apologia do Império e critica a República", passa "em revista" alguns trechos de outras crônicas que justificam a sua tese, como por exemplo, "São e os estrangeiros" e a "Política republicana" e "E o tal balázio".

Entre a publicação de *O profeta e o escrivão. Estudo sobre Lima Barreto* e antologia *Lima Barreto um longo sonho do futuro. Diários. Cartas, entrevistas e confissões* de Bernardo de Mendonça e *As idéias sócio-literarias de Lima Barreto*, de Anoar Aiex, pouco se falou das crônicas.

Mendonça reuniu, em 408 páginas, trechos do *Diário íntimo*, da epistolografia e diversos trechos de textos. De acordo com Fantinati esse material veio a público "insatisfatoriamente composto do ponto de vista editorial".

O trabalho de Aiex é um ensaio com base em duas comunicações, "Introdução ao pensamento político de Lima Barreto" e "Feminismo e antifeminismo em Lima Barreto", apresentadas em congressos da *The American Association of Teachers of Spanish and Portuguese e Modern Language Association*, realizados em Minneapolis e San Diego respectivamente.

O livro se compõe de duas partes. Na primeira, inserida no debate político e antifeminista, o autor apresenta suas idéias sobre o contexto histórico das primeiras décadas do século XX. e como este influiu nas reflexões de Lima Barreto sobre alguns problemas políticos e ideológicos e ressalta "seu intento de ultrapassar certos tópicos registrados ao sabor do jornalismo de circunstância para chegar aos fundamentos teóricos de sua obra romanesca". (AIEX: 1995, p. 28).

[107] Grifo meu.
[108] Grifo do autor.
[109]

Na segunda parte, apresenta uma seleção de crônicas, (trechos), cujos temas acompanham o debate anterior.

É importante registrar que na "Introdução" do ensaio, Aiex apresenta dois "Quadros", bem resumidos e incompletos das crônicas que Lima Barreto escreveu para a imprensa; o primeiro cronológico e o segundo por órgão de imprensa.

Tanto o trabalho de Fantinati, quanto o de Aiex são, sem dúvida, de grande interesse para quem se dedica ao estudo de Lima Barreto. No início das minhas leituras, o de Fantinati no sentido de entender o significado de "Literatura Militante". O de Aiex, inspiração para a definição dos temas das crônicas. [110]

Em 1996, a partir de uma pesquisa de natureza historiográfica, Denílson Botelho particularizou o primeiro estudo sistematizado sobre as crônicas de Lima Barreto. Isolando os textos de conteúdo político, apresentou os resultados na Dissertação de Mestrado - intitulada *A pátria que quisera ter era um mito. Uma introdução ao pensamento político de Lima Barreto* - IFCH/ UNICAMP. Quando iniciou a pesquisa, Botelho relata que encontrou dificuldades para executá-la a partir do trabalho efetuado por Assis Barbosa. Comenta: "eu tinha em mãos um verdadeiro quebra-cabeças, cujas peças nem sempre se encaixam e cuja montagem exigiu uma articulação que resultou nesse livro". Os resultados da pesquisa de Botelho estão em três anexos no final do livro

A investigação trouxe um novo olhar para esse *corpus* documental. Nos parágrafos seguintes, o historiador faz uma descrição do conjunto das crônicas, desde sua publicação nas páginas da imprensa do Rio de Janeiro, até a reunião dos artigos nos seis volumes das *Obras Completas* de Lima Barreto pela Editora Brasiliense.

No mesmo ano em que a dissertação *A pátria que quisera ter era um mito* foi publicada em livro, Botelho defendeu sua Tese de Doutorado – *Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto*, na qual, mais uma vez, recorreu às fontes que havia compilado. [111]

Na vertente da historiografia, ambos os trabalhos trazem à luz avanços inestimáveis para compreensão do percurso intelectual de Lima Barreto, bem como, de sua interferência nas questões políticas que permearam as primeiras décadas do século XX. Embora, a área de estudo e o escopo da análise não sejam os mesmos, seu trabalho foi de grande valia para a minha investigação.

---

[110] Há também um trabalho muito importante de Alice Áurea Penteado Martha denominado *E o boêmio, quem diria, acabou na Academia...*, do qual só tomei conhecimento na Defesa, citado pelo professor Fantinati, então membro da Banca Examinadora. O trabalho é uma tese de Doutorado composta por dois volumes. Em anexos, no volume, dois, há dois Anexos: um que traz um inventario crítico que cobre a fortuna crítica da de lima Barreto em ordem cronológica e outro com uma organização temática da produção literária de Lima Barreto.

[111] BOTELHO, Denílson Letras Militantes: história, política e literatura em Lima Barreto. Campinas: UNICAMP, 2001 (Tese de Doutorado)

Durante o desenvolvimento das pesquisas, que iniciei em 2001, o volume *Lima Barreto. Toda crônica* [112], sob a chancela da Editora Agir, do Rio de Janeiro, ganhou estampa e destaque no mercado editorial. Trata-se de uma nova compilação, em dois volumes, das crônicas do escritor, com organização e apresentação de Beatriz Resende e Rachel Valença.

Os volumes resultam de um trabalho de edição das crônicas, cuja elaboração, em ordem cronológica, e estabelecimento de texto é de Rachel Valença. Em relação ao trabalho das *Obras Completas* da Editora Brasiliense, Valença destaca.

> E aqui é preciso fazer justiça a se a seu organizador, o acadêmico Francisco de Assis Barbosa, biógrafo de Lima Barreto, cuja pertinácia na coleta junto à família do escritor de tudo que restara da sua produção intelectual – hoje depositada em instituições públicas e privadas que lhe dão tratamento adequado e as tornam acessíveis a estudiosos – salvou do desaparecimento um dos mais importantes acervos da nossa literatura. (RESENDE/VALENÇA: 2004, V.I, p. 29). [113]

Da mesma forma que Botelho, Valença aponta para os problemas de organização dos artigos e crônicas da edição de 1956, os quais, em sua opinião, foram decorrentes:

> (...) de um momento em que a atividade editorial, à falta de recursos tecnológicos de que dispomos hoje, ainda apresentava caráter marcadamente artesanal, o que propiciava o aparecimento de inevitáveis problemas, muitos dos quais inexistentes nos originais. Além disso, não houve intenção ou não se conseguiu localizar as fontes de todas as crônicas, aí compreendidos local de publicação e data. (RESENDE/VALENÇA: 2004, V.I, p. 29).

Para corrigir essas lacunas, dedicaram-se as organizadoras a localizar "sempre que possível" as informações que haviam ficado incompletas e confirmar as já existentes. Na opinião de Valença, os objetivos do trabalho não foram plenamente alcançados, contudo, "chegou-se bem perto de consegui-lo", pois,

> (...) sempre que a data exata foi impossível de detectar, restou-nos a perspicácia e o conhecimento de especialista da Pofª. Beatriz Resende, capaz de pela simples leitura de uma crônica, por suas referências e seu tom, situá-la com facilidade num período de tempo preciso. (RESENDE/VALENÇA: 2004, V.I, p. 29).

A busca de datação correta foi o fator determinante para a ordenação cronológica da edição de crônicas, as quais, como afirma Valença, se encontravam aleatoriamente reunidas em vários volumes das *Obras Completas* ou sujeitas à pesquisa em jornais e revistas. As pesquisadoras incluíram três índices – um por títulos, em ordem alfabética, outro por assuntos, com suas

[112] BARRETO, Afonso Henrique de Lima. *Lima Barreto. Toda crônica*. (org. Beatriz Resende e Rachel Valença). RJ: Agir, 2004. (2 vols.).
[113] As especificações nas citações de *Toda crônica. Lima Barreto* seguirão a norma utilizada neste excerto: (**RESENDE/VALENÇA:** 2004, p...).

respectivas páginas, e um último índice onomástico. Em relação ao segundo, não há nenhuma indicação de métodos e critérios de classificação.

A esse exaustivo trabalho, deve-se creditar o mérito de ter estabelecido avanços para os estudos do percurso do literato pela imprensa do Rio de Janeiro. Contudo, se esse novo método de organização encurtou alguns caminhos de pesquisa, não significa que eximiu futuros estudiosos da tarefa de buscar novas informações nos textos originais, nos jornais e revistas que compõem tal *corpus* documental.

Contudo, faz-se importante anotar que Resende e Valença não fazem qualquer menção ao trabalho de Botelho.

Antes de concluir essas anotações e passar para a descrição da pesquisa e do método que desenvolvi nesse estudo, é importante registrar algumas observações de Denílson Botelho sobre os elementos que a organização das crônicas de Lima Barreto, elaborada por Assis Barbosa, poderia oferecer a um pesquisador se estendido também ao trabalho de Resende e Valença.

> Não basta que o leitor se disponha a folhear as páginas dos seis volumes acima citados para que delas salte pronto e acabado o perfil político de Lima Barreto. Foi a partir de uma pesquisa sistemática desse material publicado em jornais e revistas que me foi possível, enquanto historiador, imprimir uma lógica e um sentido às suas idéias. (BOTELHO 2001, p. 25).

Tendo em mãos os seis volumes organizados por Assis Barbosa, os trabalhos de Botelho e *Toda crônica* de Resende e Valença, ficou claro que eu tinha ainda um longo caminho a percorrer que, no avançar, se mostrou muito mais complexo. O desafio estava em sistematizar, de forma coerente, o *corpus* documental em relação à minha proposta específica.

Durante as várias etapas da pesquisa, cruzei dados e elaborei tabelas em ordem cronológica e órgãos de imprensa para os quais Lima Barreto colaborou e os temas das crônicas; passos que ofereceram uma visão mais detalhada do percurso pela imprensa, que permitiu uma visualização melhor do volume de crônicas e artigos publicados em cada órgão à cada época.

Também revelou a diversidade de temas por ele tratados e a disparidade de linhas ideológicas e editoriais que, imediatamente, me remeteu um comentário de Foot-Hardman, em "Palavra de ouro, cidade de palha" sobre a forma como alguns literatos das primeiras décadas do século XX, entre eles Lima Barreto, transitavam nos órgãos da imprensa brasileira.

> Pois era de fato ousadia inverter a ordem habitual da crítica prevalecente e debater temas não usuais (as relações entre literatura e política, anarquismo, maximalismo, greves operárias, etc.); ou então comentar as obras marginais de autores desconhecidos (p. ex., Domingos Ribeiro Filho, José Saturnino de Brito, Pausílipo da Fonseca); ou, ainda transitar irresponsavelmente com seus escritos entre os veículos da

> grande imprensa e os pequenos pasquins e folhas operárias, como fazia Lima Barreto. (FOOT-HARDMAN: 1983. p. 82).

Em contraponto a essas observações, Astrojildo Pereira afirma que Lima Barreto "preferia os pequenos periódicos de vida difícil e efêmera" como sua pequenina *Floreal*, e que são frequentes "na sua obra de ficção as referências cordiais, em favor da pequena imprensa". (PEREIRA IN – BA: 1961, p. [9]).

> Ele se sentia plenamente solidário com elas, como estava sempre solidário com aqueles que se batiam, fosse onde fosse, por alguma coisa sinceramente colocada acima de interesses pessoais. (Idem, p. [10]).

Cabe aqui lembrar, que, embora pequenas revistas e periódicos tivessem vida curta ou circulação restrita, esses impressos eram publicados, dirigidos e/ou contavam com a colaboração de nomes de peso da imprensa, do meio intelectual, da política e do circuito artístico-literário do país. Além disso, para vários intelectuais, que não podiam viver somente da literatura, publicar em jornais de grande tiragem, ou revistas de circulação restrita, garantia um suplemento às suas rendas mensais.

Ao longo das diversas etapas de pesquisa, bons frutos foram sendo colhidos. Contudo, como anotou Botelho, o objetivo do nosso estudo "não saltava pronto e acabado" de cada uma das tabelas que foram elaboradas. Da mesma forma, senti que era preciso ir mais longe para "imprimir uma lógica e um sentido" às idéias que o literato deixara registradas nas páginas da imprensa do Rio de Janeiro. (BOTELHO: 2001, p. 25).

Em busca de inspiração e respostas, nas muitas ocasiões em que estive debruçada na leitura da tabela "Órgãos de Imprensa/Grupos Temáticos" [114], me levou a entender que, entre as centenas de documentos que eu analisava, havia um recorte a se extrair. Tratava-se da seleção de crônicas organizada pelo próprio Lima para o volume *Bagatelas*, em que, certamente, o cronista não teve como única intenção "resguardar uma parte de sua produção literário/jornalística", mas também traduzir o "sentido" e a "lógica" que esta tinha no interior do seu projeto literário.

Elaborei, uma nova, sem as datas, apenas com os títulos e os grupos temáticos que sintetizo na listagem a seguir:

- "Capital Federal" – Infraestrutura, Reforma Urbana, Cotidiano, Sátira de Governantes, Subúrbios, Edificações e Monumentos, Transporte Coletivo, Habitação, Logradouros Públicos.

[114] Ver no Anexo I.

- “Cultura e Sociedade” - Ações Humanitárias, Futebol, Ascensão Social, Raça e Preconceito, Doutores e Doutoras, Casamento, Carnaval, Vestuário, Curandeiros e Cartomantes, Vida Cotidiana.
- “Fatos Nacionais e Internacionais”
  Nacionais – Campanha Civilista, Revolta da Armada, Centenário da Independência, Abolição.
  Internacionais - I Guerra Mundial, Ajuda Humanitária Internacional, Revoluções.
- “Gênero” – Relações de Trabalho, Crimes da Paixão, Feminismo, República, Moda Feminina, Perfil da Mulher Brasileira, Mulheres Criminosas, Aborto, Educação, Salões e Damas, Mulheres Famosas.
- “Homens Públicos” – Políticos, Literatos, Imprensa, Inventores, Aventureiros.
- “Idéias” – Pensamento Social, Antiamericanismo, Anticlericalismo, Fascismo, Maximalismo, Positivismo, Questões Agrárias, Patriotismo/Nacionalismo, Greves/Anarquismo, Medicina Social, Relações de Trabalho, Memória Nacional.
- “Instituições” – Educação, Hospício, Imprensa, Universidade, Justiça, Polícia, Segurança Nacional, Teatro Municipal, Cruz Vermelha, Clube de Engenharia.
- “Memórias Pessoais” – Morte, Hospício, Loucura, Ilha do Governador, Secretaria da Guerra, Viagem a Mirassol, Vida Literária, Politécnica, Abolição, Almoço de Aniversário.
- “Mundo Artístico” - Teatro, Modernismo, Pintura e Desenho, Música.
- “Política – Brasil”- Corrupção, Burocracia Estatal, Políticas de Exportação, Regionalismo- NE, Saúde Pública, Diplomacia, Mandos e Desmandos, Políticas Sociais, Burocracia Estatal, Economia e Finanças, Jogos de Azar.
- “Vida Literária” – *Faits Divers*, Crítica de Livros, Livros, Questões Linguísticas, Academia Brasileira de Letras (ABL).

Cruzando esses dados com *Bagatelas*, o recorte se confirmou, pois, todos esses grupos temáticos, ainda que numa única crônica, estão presentes no volume.

3. O CRONISTA E *BAGATELAS*

> É hoje opinião unânime da crítica, entre nós, considerar Lima Barreto um dos nossos maiores romancistas, podemos avançar, sem susto de erro, que ele figura por igual entre os melhores autores de crônicas e artigos de jornal. Os volumes desse gênero depois de sua morte, inclusive *Bagatelas*, confirmam plenamente a asserção. Direi mais: nenhum dos escritores da sua geração, colaboradores da grande imprensa, pode ser comparado a ele também neste particular. (PEREIRA - IN BA: 1961, p. [13])

3.1 O cronista

Lima Barreto participou desde muito jovem da vida literária na imprensa do Rio de Janeiro. Nas suas páginas, com humor e ironia, deixou uma leitura muito própria dos hábitos e costumes praticados nos diversos setores da sociedade carioca que viu ao longo de sua vida.

Nas colunas dos romances em folhetins e crônicas, com linguagem densa, nem sempre sutil, descreveu as práticas culturais e as formas de sociabilidade que durante a *Belle Époque* brasileira se observavam na Capital Federal. O "bota-abaixo", o automóvel, o cinematógrafo, as conferências literárias, o Teatro Municipal, as confeitarias elegantes e outras vivências, como a vida familiar no Botafogo e nos subúrbios, a vida das mulheres burguesas e pobres, a moda feminina, o casamento, os crimes da paixão, tudo que fazia parte do cotidiano e da população do Rio de Janeiro constituiu cenários e temas na voz de Lima Barreto.

Assim como nos livros, fez da imprensa uma plataforma para denunciar a disseminação dos preconceitos - raciais e sociais - recorrentes desde os tempos da Colônia e do Império, as práticas ilícitas para se obter cargos na política e na burocracia institucional, as discrepâncias nas relações de trabalho, a arrogância dos bacharéis e doutores e a ganância dos "arrivistas". Como cronista, dialogou com presidentes da República, Ministros de Estado, escreveu cartas para jornalistas e homens importantes do serviço público, atacou instituições, como o casamento e a Igreja, embaraçou os bastidores da imprensa e as feministas.

Se entre seus pares, fez muitos amigos, também criou desafetos. Não perdia a vez de desferir críticas ferozes ao ambiente literário que marginalizava a todos, como ele, por não compartilhar dos ditames da Academia Brasileira de Letras. Contudo, na base de tudo isso está uma aspiração maior, movendo a concepção de um projeto literário, a de interferir na vida do Rio de Janeiro, da literatura nacional e da Capital Federal.

Lima Barreto falava, ou melhor, ainda fala com seu leitor a partir de um discurso único que, dependendo do gênero e da interlocução, se desdobra nas vozes de um sujeito comum do Rio de Janeiro, de um homem das letras, ou de um cidadão preocupado com as questões nacionais. Da

mesma forma que nos romances e contos, cria personagens instigantes nas suas crônicas, muitas delas reais – como o Doutor Passinhos, inspirada no engenheiro Pereira Passos –, para estimular a imaginação de quem as lê.

No Prefácio de *Bagatelas*, Astrojildo Pereira anota que Lima Barreto,

> Sem ser um panfletário profissional, imprimia a muitos dos seus artigos a feição de áspera crítica política e social, e fazia da sátira de costumes uma arma de pensamento e combate.
>
> São as mesmas características que se encontram na sua obra de ficção e que nos artigos aparecem, de modo mais direto e desnudo. (...)
>
> Nenhum dos outros (cronistas) [115] soube como ele penetrar o sentido profundo dos acontecimentos que se desenrolavam ao seu redor. (PEREIRA: IN BA: 1961, pp. [12-13]).

Devido às características próprias do gênero, na crônica, Lima Barreto pode dar maior vazão à sua postura de literato militante, permanecendo "intransigente na sua posição de escritor que jamais se desligara do povo". (PEREIRA: IN BA: 1961, pp. [13]). Suas ideias são eram lançadas ao vento; todas elas tê um alvo certo, seja um político, uma autoridade, um cientista, um literato, uma ideologia ou uma instituição. Escreve com a mesma propriedade e conhecimento sobre fatos e personalidades, tanto nacionais, como dos estrangeiros.

Gilberto Freyre escreveu, no Prefácio do *Diário íntimo*, que o conhecimento adquirido por Lima Barreto ao longo de sua vida "sobre os assuntos de sua predileção" era "um saber desordenado e como ele próprio boêmio". "No romancista mulato" a observação dos fatos era "quase sempre aguda, mas quase nenhuma sua assimilação desses fatos em saber sistematizado", porquanto lhe faltara "formação universitária ou seu justo equivalente". (FREYRE IN – DI: 1961, p. [11]). [116]

Inversamente a Freyre, Octavio Brandão, amigo e admirador do escritor, considerava Lima Barreto um erudito e, em *Os intelectuais progressistas. Tavares Bastos, Tobias Barreto, Silvio Romero, Euclides da Cunha e Lima Barreto*, anotou que o romancista "tinha orgulho de ser um intelectual". (BRANDÃO: 1956, p. 129). Mais adiante comenta sobre o hábito de ler e alguns autores da predileção de seu amigo.

---

[115] Grifo meu. Os "outros" aos quais Pereira se refere são: Antonio Torres, Azevedo Amaral, Jackson de Figueiredo, Vitor Viana, Gilberto Amado e Domingos Ribeiro Filho, todos contemporâneos de Lima Barreto. À exceção do último, todos colaboraram para a grande imprensa e, ao contrário de Lima, tinham um discurso mais identificado com os interesses e ideologias dos segmentos mais altos da sociedade.

[116] Assis Barbosa escolheu um nome de peso para prefaciar o *Diário* íntimo, parte das mais importante entre os escritos de Lima Barreto. Contudo, apesar da sua boa intenção, fez um desfavor ao romancista. Acredito que o *glamour* natural em torno do nome de Gilberto Freyre vem encobrindo esses e outros disparates que, claramente, demonstram total desconhecimento do antropólogo em relação a Lima Barreto e sua obra literária. Prefiro acreditar que aqueles que admiram o escritor e leram esse prefácio, preferiram se calar, para que tal contrasenso caia no esquecimento..

> Num ambiente de letrados mundanos e superficiais, Lima Barreto fez vastas leituras na Biblioteca Nacional (então na Rua do Passeio) [117] e na Escola Politécnica. Leu Condillac e Condorcet, os idealistas como Kant e os confusionistas como Comte. (...) Dizia que as certezas da ciência o faziam rir e, assim, levava a sério a filosofia de Poincaré. (...) Em 1909, como dez anos depois, considerava Taine e Brunetière seus mestres. (BRANDÃO: 1956, p. 139).

Lima Barreto era um leitor contumaz. Tinha amor aos livros e, quando não lia os seus, que guardava na sua pequena biblioteca, emprestava dos amigos, ou ia à Biblioteca Nacional. Além disso, era um homem muito bem informado. Lia diariamente todos os jornais do Rio de Janeiro, de outras capitais do Brasil, e não raro da Europa. Também gostava das revistas, tanto fazia se fossem de humor, literárias, de cunho científico, nacionais ou estrangeiras. Sua predileção recaía na francesa *Revue des deux mondes*, da qual tinha uma assinatura. Nos tempos em que ficava internado dedicava muitas horas à leitura; seus amigos e parentes nunca o deixaram sem livros, jornais e revistas.

A propósito de sua biblioteca, da qual tinha muito orgulho e deu o nome de *Coleção Limana*, embora pequena era muito diversificada em títulos e autores. Na biografia do literato, Assis Barbosa incluiu, em anexo, um inventário que Lima compôs de todos os livros e revistas que possuía. (ASSIS BARBOSA: 2002, pp. [375-402]).

Entre encadernações, brochuras, revistas, jornais antigos e recortes de artigos de imprensa, não muito organizados nas prateleiras de quatro estantes e por cima de suas duas mesas de trabalho, podiam ser encontrados, além de Taine e Renan seus prediletos, os nomes de Haeckel, Mme. de Staël, Balzac, Joaquim Nabuco, Huxley, Poe, Gaultier, Schopenhauer, Darwin, Eduardo Prado, Spencer, Frei Vicente do Salvador, Albertina Berta, Nietzsche, entre centenas de outros, como os russos que tanto influenciaram seu percurso literário, que frequentemente citava nos seus romances, contos e crônicas. Como se vê, Gilberto Freyre desconhecia todos esses atributos do "romancista mulato".

Por trás das várias personagens que criou para si próprio, como por exemplo, o romancista humilde, o burocrata melancólico e o antifeminista, havia um intelectual orgulhoso de seu conhecimento. Falando em personagens, cabe aqui uma menção a Policarpo Quaresma e a Gonzaga de Sá - amantes dos livros e donos de bibliotecas admiráveis, que representam a erudição na obra romanesca de Lima Barreto.

Se na ficção seu discurso era mais velado, na crônica era mais direto. A partir de um estilo muito pessoal de escrita, mais jornalístico do que literário, mesmo preocupado com as

[117] Grifo de Brandão.

consequências que poderiam advir de algumas de suas ideias, poucas vezes deixou de mencionar o nome e o fato a que se referia em suas crônicas.

Tratando de assuntos sérios, ou do cotidiano, ao mesmo tempo em que divertia, informava o leitor. Em crônicas, como por exemplo, "Que fim levou?", cujo tema é uma crítica ao esquecimento dos feitos de Santos Dumont, há um número tão extenso de informações sobre modelos de aviões, aviadores e *raids* [118] na Europa, que impressionam pelos detalhes. Além disso, "Que fim levou?" é também exemplar no que diz respeito ao movimento que, constantemente, Lima imprime às crônicas. [119] A começar pelo título que não prenuncia o tema, mas instiga o leitor, as primeiras linhas também não oferecem informações mais claras. Ao longo de oito parágrafos, o cronista se refere a um homem brasileiro que na Europa alcançou triunfos e fama. No seu retorno ao Brasil, os jornais, os poetas e os músicos do país inteiro aclamaram seus feitos.

Contudo, após dez anos tudo caiu no esquecimento, ficou na lembrança do público apenas uma canção muito cantada na época, da qual cita alguns trechos da letra, composta por um palhaço e compositor popular conhecido como Dudu das Neves. Somente no oitavo parágrafo, com outra pergunta apresenta o homem: "Onde está Santos Dumont?". Pergunta essa que, podendo ter várias respostas, o cronista usa como artifício para despertar a imaginação e a curiosidade do leitor.

A resposta correta? Deixo para o leitor desta Dissertação descobrir, quando fizer a leitura da crônica no "Anexo II" de *Bagatelas*. Posso adiantar que o desfecho é inesperado, uma vez que, Lima dá muitas voltas e fala de outros assuntos que parecem incoerentes com o propósito da crônica.

Entre uma aula sobre aviadores e aviões e alguns comentários sobre Santos Dumont, cita invenções de outros brasileiros, como a máquina de voar "Passarola" e um protótipo de máquina de escrever que, na Exposição Internacional de Londres, em 1861, foi roubada pelos norteamericanos. Fala também de submarinos brasileiros e argentinos, da Batalha do Riachuelo e das riquezas minerais e vegetais do Brasil e de outros países da África e da Ásia. Esse vai-e-vem é característico das crônicas de Lima Barreto, nem sempre tão intrincado como em "Que fim levou?".

Em certas crônicas, cuja reflexão é mais densa, como, por exemplo, nas da *Revista Contemporânea*, cuja digressão se alonga e causa cansaço no leitor, de quando em quando, faz uma pequena pausa, abordando um novo assunto, para logo em seguida voltar ao tema em questão.

Em outras, com temas voltados para a ciência e a literatura, as interrupções adquirem um cunho didático. É nessas que despontam, de forma mais recorrente, as leituras e a erudição do

[118] Competições aéreas.
[119] Se o leitor quiser me acompanhar, esta crônica está no "Anexo" de *Bagatelas.*

cronista. Não há discussão, seja de que natureza for, em que o cronista não demonstre conhecimento de causa com apoio no saber jornalístico e nas citações de teóricos da literatura e das mais diversas áreas do conhecimento.

Dependendo do tema e da densidade da discussão, Lima se dirige diretamente ao leitor ou lança mão de um narrador, tanto na primeira, quanto na terceira pessoa. Em qualquer situação, as personagens podem ser reais ou ficcionais. Nesse último caso, cria tipos característicos de profissões, padrões de comportamento, cultura ou traços distintivos, às vezes caricaturais. Com muita sensibilidade no contato com a realidade, Lima Barreto exercita sua criatividade nas crônicas.

Em linguagem informal, familiar, exacerbada ou intimista, com leveza e lirismo, com humor e ironia, de forma breve, ou mais ensaística, compartilha com os leitores suas ideias sobre diversos temas que haviam despertado seu espírito inquieto. Quanto a estes, não impõe censura, apenas os adequa a algumas restrições que seu cargo na burocracia pública, ou as linhas editoriais dos jornais impunham. Não poupa as instituições – nem mesmo a imprensa -, os políticos, os mandatários, os nomes ilustres, as mulheres, os seus companheiros de trabalho e pares de profissão literária, tão pouco, a si mesmo, como em "Essa minha letra". [120]

De todo esse universo intrincado de assuntos e ideias que compõem o conjunto de suas crônicas, Lima Barreto condensou uma parte nas páginas de *Bagatelas*. Se pensarmos em termos numéricos, são só duas dezenas dentre as centenas que escreveu. Porém, se pensarmos no aspecto literário/ideológico, esse conjunto de textos está na justa medida do caráter que o cronista desejou conferir ao volume, exposto na sua "Advertência":

> (...) este pequeno livro não visa outro intuito senão permitir aos espíritos bondosos que me têm acompanhado, nos meus modestos romances, a leitura de algumas reflexões sobre fatos, coisas e homens da nossa terra, que, julgo, talvez, sem razão muito próprias de mim. (BA: 1961, p. [9]).

Dessas "reflexões sobre fatos, coisas e homens da nossa terra" que o literato acumulou nos romances, contos e crônicas, não há como qualificar em grau de importância os temas abordados em *Bagatelas*. Contudo, nas crônicas alguns têm maior relevância – gênero, imprensa, vida literária e ideias; desses, escolhi os dois primeiros para uma breve exposição a seguir. Excluí ideias e vida literária, em função de sua complexidade e por demandar muita leitura e um ensaio mais aprofundado.

[120] Esta crônica foi publicada em 28.06.1911 na *Gazeta da Tarde*.

- Gênero

Esta reflexão, sobre o "feminino" na crônica barretiana, foi elaborada no entrecruzamento de quatro dimensões de análise – literatura, historiografia, memória e relações de poder entre sexos –, que intervêm diretamente na produção das crônicas abordam o gênero. No conjunto da obra de Lima Barreto sobre este tema, há uma rica lógica de ambigüidades, da qual iremos nos reportar a seguir, analisando, especificamente, "Os uxoricidas e a sociedade brasileira" [121].

Esta, incluída na seleção de *Bagatelas*, se reporta ao uxoricídio [122], crime muito praticado nas primeiras décadas do século XX no Rio de Janeiro. Frente à alegação de ser cometido em defesa da honra masculina, quase nunca o réu era condenado. Em meio a muito sensacionalismo da imprensa, para vender jornais, esse tipo de homicídio excitava a população da cidade, levava muitos curiosos ao local do crime, aos velórios, enterros e tribunais populares, onde os advogados de defesa davam grandes espetáculos de oratória que, após o julgamento faziam publicar nos jornais.

Como resposta a esses fatos, desencadeou-se uma campanha em face da "explosão de uma preocupação social intensa e muito difundida com os crimes da paixão, que surgiu na década de 1910 e permaneceu até os anos de 1930". A campanha foi organizada por promotores de justiça renomados, membros do Conselho Brasileiro de Hygiene Social (CBHS), fundado em 1925, para acabar com a tolerância aos uxoricidas. (BESSE: 1989, p-182).

Das seis crônicas em que abordou este tema, foi em "Os uxoricidas e a sociedade brasileira", que Lima Barreto mostrou toda sua indignação, tanto contra esses assassinos de mulheres, quanto contra a inevitável absolvição dos acusados nos julgamentos. Ele mesmo havia atuado como jurado num júri popular, no qual, pressionado pela família, pelo advogado de defesa e, principalmente, pelos outros membros do corpo de jurados, absolveu um uxoricida. Sobre esse fato, comentou.

> Arrependi-me, e me arrependo hoje ainda; e, desde então, logo que se oferece ocasião, tenho verberado semelhante prática, por isso que s constantes absolvições de uxoricidas dão a entender que a sociedade nacional, por um dos seus legítimos órgãos, a admite como normal e necessária. (BA: 1963, p. 171).

O título - "Os uxoricidas e a sociedade brasileira" – é instigante e tem um estilo de reportagem. Como epígrafe, Lima Barreto insere um pensamento do romancista francês Anatole

[121] Publicadas na *Revista Contemporânea* em [08]. 03.1919.
[122] Uxoricídio é um termo que se refere aos chamados "crimes da paixão", homicídios resultantes de conflitos ligados a ralações amorosas ou sexuais. No caso das crônicas de Lima Barreto, trata-se de crimes masculinos, envolvendo o assassinato de mulheres adúlteras, prostitutas, noivas, amantes, por seus maridos, proxenetas, noivos, ou companheiros.

France, indicando uma intenção literária aliada ao caráter jornalístico que a crônica aparentemente apresenta.

> (...) et je deteste l'orgueil qui veut qu'on honore et qu'on honore autrui, comme si quelqu'un dans la posterité d'Adam pouvait être trouvé d'honeur ! Anatole France – *Mme. Coignard* (BA: 1963, p. 166).

O texto é longo e se estrutura a partir de uma reflexão sobre outros crimes, da mesma natureza, dos quais Lima tinha conhecimento ou já havia debatido em outras oportunidades. Com base em histórias de um volume de sua biblioteca, intitulado *Crimes espantosos* [123] e em registros dos diversos recortes de jornais que colava nos seus cadernos, Lima elabora uma síntese, buscando respostas que pudessem explicar as causas do uxoricídio. A respeito das histórias do livro *Crimes espantosos*, ele comentou:

> Narrava ele muitos crimes, alguns curiosos, inesperados e inexplicáveis, e outros que me enchiam de pasmo haver homens que os cometessem. Na categoria última, estava o assassinato de um filho pelo próprio pai. (BA: 1963, p. 166).

Explicando que esse crime fora cometido em nome da honra dos senhores feudais, o cronista conduz o leitor, da generalidade ao mais restrito e particular, no contato com crimes praticados em nome da honra ao longo da história da humanidade. Inicia essa digressão pelas torturas que os maridos impunham às mulheres nos tempos das Cruzadas, passa pelos castelos feudais da França, até chegar nos "matadores de mulheres" do Rio de Janeiro no início do século passado. E assim conclui:

> Uma das sobrevivências nefastas dessa idéia medieval, aplicada nas relações sexuais entre o marido e a mulher, é a tácita autorização que a sociedade dá ao marido de assassinar a esposa, quando adúltera. No Brasil, então é fatal a sua absolvição no júri. (BA: 1963, p. 168).

Além dessas heranças medievais, que estimulavam o uxoricídio, Lima Barreto entendia que havia muita romantização em torno desses crimes, uma vez que "a literatura e a crônica estão cheias deles, embelezados, quando acontecidos, nos tempos feudais". (BA: 1963, p. 168). Da mesma forma, apontava na imprensa uma parcela de responsabilidade, pois, os jornais com a intenção de aumentar a tiragem, publicavam reportagens sensacionalistas que exacerbavam a curiosidade popular. Expunham a vítima à opinião pública e despertavam um sentimento de clemência em relação ao assassino.

[123] No catálogo de livros de Lima Barreto, elaborado por ele mesmo, não consta a nome do autor, somente o do tradutor – Desembargador Henrique de Oliveira.

> (...) ao redor (da morta[124]) havia um poviléu de lavadeiras, cozinheiras, de desgraçadas raparigas na mais ínfima degradação social. Pois bem: dos grupos de raparigas dessa natureza, só se ouvia a condenação da assassinada (...) 'Bem feito! Porque ela foi enganar o marido? (BA: 1963, p-170).

Chama a atenção o fato de que existia em torno do marido traído, não só a natural cumplicidade masculina, mas também, uma anuência feminina em relação à prática do uxoricídio. A realidade na qual se praticavam tais crimes, era desfigurada e distorcida pela imprensa, para justificar a ideologia da dominação masculina sobre as mulheres. Por isso, como era de seu costume, aproveitou a vez para ironizar as feministas, a Igreja Católica e o projeto civilizador burguês, que na ânsia de modernizar o país permitia, e de certa forma até incentivava, que fossem cometidos atos tão cruéis e retrógrados contra as mulheres e ainda absolvia os uxoricidas.

> Não há lei que tal autorize e nós, hoje os avançados, não podemos compreender que tal coisa seja consagrada com absolvições iníquas, que desculpem o assassino e animem outros (...) contra tão desgraçada situação de nossa mulher casada, edificada com a estupidez burguesa e a superstição religiosa, não se insurgem as feministas que há por aí. Elas só tratam de arranjar manhosamente empregos públicos sem lei hábil que permita. (BA: 1963, p. 172.

Para Lima Barreto, tudo e todos acompanhavam as mudanças da natureza. Assim, quando uma mulher que recebeu educação frívola, em casa e nos colégios de freiras, consumava o ato do casamento, ganhava em sensibilidade e inteligência. Com o passar do tempo, acabava percebendo que o homem escolhido para ser seu marido, não era aquele que lhe havia sido prometido. Após as núpcias, se dava conta do futuro sem amor, sem prazer e da longa submissão a que estaria sujeita, até os fins de seus dias. Diante de tal situação que, poderosamente se impunha na vida matrimonial dessas mulheres, em muitos casos, elas reagiam com a prática do adultério.

De acordo com Margareth Rago, na sociedade burguesa à época do cronista, havia um modelo normativo de mulher que desde meados do século XIX, por caminhos sofisticados e sinuosos, forjara "uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva e assexuada". [125] Essa situação fica explícita nas digressões do cronista. Nelas, a mulher é representada como uma vítima das leis e dos costumes, que reprimiam seus desejos mais íntimos em relação ao amor, ao casamento e à sexualidade, até mesmo nas circunstâncias de ter cometido o crime de adultério.

Voltando à epigrafe, Lima Barreto estabelece, no encerramento de suas reflexões sobre crimes passionais, uma comparação entre uma das vítimas de uxoricidas brasileiros e as

[124] Grifo meu.
[125] RAGO, Margareth Luzia. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. RJ: Paz e Terra, 1985. (p-62).

heroínas de Ibsen [126], dirigindo ao leitor a seguinte pergunta: "Onde está a honra? Decididamente a descendência de Adão, não pode falar em semelhante senhora...". (BA: 1963, p. 176). É importante observar que o autor, demonstrava alguma simpatia pelas idéias anarquistas e maximalistas, que recomendavam o divórcio, o casamento livre, a maternidade planejada e o aborto. Em relação ao divórcio, especificamente, Anoar Aiex entende que Lima Barreto via essa medida "mais como um modo de solucionar o problema da mulher do que o do homem", uma vez que estes tinham poder de vida e morte sobre elas. (AIEX: 1995, p. 22)

Há estudiosos, como Eliane Vasconcellos, que detectam traços misóginos, preconceituosos e antifeministas no perfil literário de Lima Barreto, sem, contudo apresentarem uma conclusão sobre essa afirmação. [127] Certamente, leram com desatenção, *Policarpo Quaresma*, *Clara dos Anjos*, o conto "Cló" e as crônicas que tratam do uxoricídio, em que Ismênia, Olga, Clara, Cló e as mulheres assassinadas pelos maridos, noivos e amantes são as vítimas e não as vilãs de suas histórias, sujeitadas a uma cultura social preconceituosa e retrógada que, inspirada em ideologias importadas, norteava a conduta e a sociabilidade da mulher nas primeiras décadas do século XX.

É bem verdade que Lima Barreto não gostava das feministas. Menos pelo fato de serem feministas, do que por elas, especialmente Bertha Lutz, deixarem de se preocupar com os problemas das mulheres brasileiras, como, por exemplo, a violência e a sujeição ao poder masculino. Em detrimento disso, lutavam pelo voto feminino e por espaço no mundo da burocracia institucional. De acordo com Aiex, Lima Barreto tinha uma postura "até certo ponto, progressista, porque visava a destacar o problema feminino abrangendo outras classes sociais", ou profissões extensivas às atividades do lar, como a das professoras, lavadeiras, costureiras e tecelãs,

> (...) já que a seu ver, a posição da Liga [128] se restringe ao que ele denomina de 'feminismo burocrático', ou seja, movimento voltado para o empreguismo em repartições públicas. (AIEX: 1995, p. 23)

[126] Lima Barreto deve estar se referindo à "A comédia do amor" (1862) e "Casa de bonecas" (1879), do dramaturgo norueguês Henrik Johan Ibsen (!828-1906) crítico da burguesia norueguesa e dos casamentos por interesses.
[126] AIEX, Anoar. *As idéias sócio-literárias de Lima Barreto*. SP: Vértice, 1995. (p-24).
[127] VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*. RJ: Lacerda, 1997. Parafraseando Karl Marx, bom seria que esse livro ficasse nas prateleiras das bibliotecas exposto "à ação roedora dos ratos". Para dar suporte a essa minha opinião, nada melhor que a resenha do Prof. Arnoni Prado publicada no Jornal de Resenhas da *Folha de São Paulo - SP* em 11.09.1999, com o título de "Entre agulhas e preconceitos". Nesta o professor rejeita, veementemente, a leitura que a autora desenvolve sobre o feminino na obra de Lima Barreto, pois, em sua opinião, Vascocellos converte a ficção do literato "numa amostragem linear e comentada do problema feminino na transição do século 19 para o 20. (...) No entanto, o modo como esses temas se sobrepõem ao texto não apenas descontextualizam a voz autoral como por vezes a submetem a uma intenção que ela originalmente não tem e nem poderia ter."
[L] Liga pela Emancipação Feminina da Mulher Brasileira, presidida por Bertha Lutz. Sobre esse movimento voltado para o empreguismo institucional ver a crônica "A amanuensa" publicada no *A.B.C.* EM 05.10.1918 em *Coisas do Reino de Jambom*, 1963, P. 51, ou *Toda crônica* p. 388.

Também é fato que morreu celibatário, porquanto, desde a juventude, demonstrara um embaraço incontornável no trato com as mulheres. Talvez, por observar à distancia os problemas conjugais, ele pudesse ter uma percepção mais clara dos problemas vividos pelas mulheres no casamento, na família e na prática social.

Na obra admirável de Lima Barreto se traduz uma sociedade em transição na qual o lar, excetuando algumas transgressões na vida privada e no espaço público, era o lugar reservado para as mulheres, enquanto o mundo do trabalho, especialmente, na burocracia institucional, se mantinha exclusivo para os homens.

- Imprensa

Em 1889, o editor e secretário do diário francês *Journal des Débats*, Max Leclerc [129] esteve no Brasil como observador dos primeiros momentos do regime republicano, sobre os quais, escreveu vários artigos. Durante sua estada, além da missão de analisar os aspectos políticos e econômicos da nova ordem republicana , também observou e registrou a vida das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Estudou as populações, os usos e costumes, bem como as instituições, dentre as quais a própria imprensa. Sobre esta deixou uma crítica severa, que transcrevemos abaixo.

> Será justo, será prudente, julgar um povo pelos jornais que lê? É possível duvidar-se, e quem, em França, teria a coragem de dizer que um povo possui os jornais que merece? Mas a imprensa de um país, o papel que desempenha, a influência que ela exerce e os meios que emprega são elementos para julgar uma nação. A imprensa no Brasil é um reflexo fiel do estado social nascido do governo paterno e anárquico de D. Pedro II: por um lado, alguns grandes jornais muito prósperos, providos de uma organização material poderosa e aperfeiçoada, vivendo principalmente de publicidade, organizados em suma e antes de tudo como uma empresa comercial e visando mais penetrar em todos os meios e estender o círculo de seus leitores para aumentar o valor de sua publicidade do que empregar sua influência na orientação da opinião pública. Tais jornais ostentam certa independência, certo ceticismo zombeteiro, à maneira do nosso *Figaro*, ou se mostram imparciais até a impassibilidade. Em torno deles a multidão multicor de jornais de partidos que, longe de ser bons negócios, vivem de subvenções desses partidos, de um grupo ou de um político e só são lidos se o homem que os apóia está em evidência ou é temido.
>
> Nos jornais mais lidos, os anúncios invadem até a primeira página: transbordam de todos os lados, o espaço deixado à redação é muito restrito e, nesse campo, já diminuto, se esparramam diminutas notícias pessoais, disque-disques e fatos insignificantes; o acontecimento importante não é, em geral, convenientemente destacado, porque ao jornalista como ao povo, como ao ex-imperador, falta uma concepção nítida do valor relativo dos homens e das coisas; carecem eles de critério, de um método. A imprensa em conjunto não procura orientar a opinião por um caminho bom ou mau; ela não é um guia, nem compreende sua função educativa; ela abandona o povo à sua ignorância e à sua apatia. Os dois maiores jornais brasileiros, o *Jornal do Comércio* e a *Gazeta de Notícias*, realizam excelentes negócios; têm tantos anúncios que, não lhes bastando a terceira e quarta páginas, dedicam-lhes um suplemento. O *Jornal do Comércio* é uma espécie de *Times* sem virilidade; é o *Times* sem os *leading articles*; um bom repertório de fatos, um conjunto útil de documentos. A *Gazeta de Notícias* é muito diferente; sua impassibilidade não consiste em registrar passivamente os acontecimentos; tem como redator-chefe o Dr. Ferreira de Araújo e nisso está a sua força. O Dr. Araújo é um excelente jornalista; julga homens e coisas com condescendente ironia; escreve com precisão, elegância e sobriedade raras; coloco-o nessa elite de brasileiros muito cultos, muito superiores a seus concidadãos. Tem ele temperamento, caráter, espírito elevado, inteligência aberta. (...) nas questões que debate, sua opinião é em geral decisiva. Talvez seja o único, em seu jornal e no seu país, a ter uma idéia justa da verdadeira missão do jornalista, mas, sozinho, não conseguirá levar a cabo a tarefa.

[129] Max Leclerc esteve no Brasil em 1889 como correspondente do diário francês *Journal dez Débats.* Toda a correspondência que produziu, durante sua missão, reuniu e publicou no livro *Lettres du Brésil*. Paris: Librairie Plon, 1890. Em 1942 foi traduzido e anotado para o português por Sérgio Milliet com o título de *Cartas do Brasil* e publicado pela Cia. Editora Nacional. O *Journal des Débats* ,diário francês, circulou entre 1789 e 1944, mundando, de acordo com o momento político francês, várias vezes, de nome.

> Desmoralizou-se a imprensa com a publicação, em suas colunas ineditoriais, sob o título de *a pedidos*, de libelos infames, de ataques anônimos contra personagens públicas ou privadas e instituições, publicações essas pagas pelos interessados, entre os quais a polícia se encontra não raro. Não insisto nesse ponto desagradável; mas os brasileiros devem ter em vista que esse recanto mal afamado dos jornais, onde o leitor, levado por uma curiosidade malsã, deita o olhar em primeiro lugar, é um ponto gangrenado do corpo social; é preciso extirpá-lo a ferro e fogo. (LECLERC: 1942, pp. 161-162).

A citação acima é longa, porém, se justifica neste estudo, uma vez que o olhar desse experiente jornalista francês sobre a nossa instituição em muito se assemelha às críticas endereçadas, em várias crônicas de Lima Barreto aos jornais, jornalistas e empresários de seu tempo. Bom observador da nossa cultura, Leclerc distinguiu como um dos aspectos mais acentuados do caráter da imprensa brasileira, o de ser reprodutor dos traços patriarcais e clientelistas da sociedade. Definiu-a como "um reflexo fiel do estado social nascido do governo paterno e anárquico de D. Pedro II". (LECLERC: 1942, pp. 161). A sua visão, aliás, esclarece bem as análises contemporâneas que tratam do tema e do período. Werneck Sodré, referindo-se ao texto de Leclerc, ressalta que naquele momento a imprensa acompanhava as significativas transformações pelas quais passava o Estado brasileiro. O "jornalismo individual" praticado até o final do Império cedia lugar a uma nova fase - a do jornal empresa. Como anota Sodré, na *História da imprensa no Brasil*, é possível observar nas crônicas e nos romances de Lima Barreto essa transformação da imprensa brasileira, pois o literato

> (...) verificava o contraste entre aquela fase do jornal de circunstância, arrimado a uma figura de prestígio, e a nova fase, a da empresa jornalística, cada vez mais complexa e cada vez mais inserida na complexidade da estrutura social em mudança, emergindo progressivamente a burguesia. (SODRÉ: 1999, pp. 252-252).

Ainda de acordo com Sodré, essa passagem era historicamente necessária,. Contudo, houve um empobrecimento nas colunas dos jornais, à medida em que a nova prática jornalística ia se adaptando ao modelo político implantado após a consolidação da República, aos novos padrões sociais e, especialmente, aos interesses da cultura republicana - burguesa, latifundiária e oligárquica.

A interpretação de John Gledson sobre a paginação dos diários ao final do século XIX coincide com as impressões de Leclerc. Comentando em *Bons dias!* o fato de a série machadiana não ter um lugar fixo nas páginas da *Gazeta de Notícias*, Gledson sugere ao leitor de hoje que se debruce na leitura das crônicas para conhecer a grande desorganização que havia na ocupação dos espaços do jornal. (GLEDSON: 1990, p. 82). Esse tipo de constatação nos leva a compreender o pasmo de Leclerc, para quem "um povo possui os jornais que merece", face à confusa distribuição de artigos importantes, lado a lado com anúncios comerciais, colunas sociais e "ineditoriais", como chamou os "apedidos".

Leclerc não foi o único jornalista francês a encontrar falhas na imprensa brasileira. Jean Jaurés [130], em sua passagem pelo Brasil durante uma turnê pela América do Sul destinada a arrecadar fundos para seu jornal, *L'Humanité*, em 1911, demonstrou a mesma indisposição. Convidado a discursar na Câmara Federal, teceu, de maneira desairosa, comentários sobre alguns aspectos do nosso jornalismo, fato que não passou despercebido de alguns parlamentares e órgãos da imprensa. Com o propósito de comentar esse episódio, na crônica "Os nossos jornais" publicada na *Gazeta da Tarde* de 18 de outubro de 1911, Lima Barreto trouxe a público, pela primeira, vez suas impressões pessoais acerca dos jornais e revistas da época. Sobre os comentários de Jean Jaurés, assim se expressou o cronista:

> Na Câmara (houve um jornal que registrasse a frase) o Senhor Jaurés observou que os nossos jornais eram pobres no tocante a informações da vida do estrangeiro. Afora os telegramas lacônicos naturalmente, ele não encontrava nada que o satisfizesse. Jaurés não disse que fosse esse o único defeito de nossos jornais; quis tão-somente mostrar um deles. (VU: 1961, P. 53).

A crítica do socialista francês, que causou indignação em alguns setores, teve impacto bem diferente sobre Lima Barreto. Se nessas primeiras linhas o cronista parece compartilhar do sentimento de indignação, na seqüência, o leitor percebe que é justamente o inverso, como confirma o trecho abaixo:

> Se ele quisesse demorar no exame, diretor de um grande jornal, como é, e habituado à grande imprensa do velho mundo, havia de apresentar muitos erros. Mesmo quem não é diretor de um jornal parisiense e não está habituado à imprensa européia, pode, do pé para as mãos, indicar muitos. (VU: 1961, P. 53).

O cronista não só endossa a crítica do jornalista francês, como também, sem disfarces, passa a desfiar um rosário de críticas que, salvo por alguns momentos em que sentiu a necessidade de se calar, manteria intensas e inflexíveis ao longo de sua atuação como cronista. Como já foi dito anteriormente, há várias coincidências entre a crítica de Lima Barreto e os comentários de Max Leclerc, especialmente, na crônica "Os nossos jornais". Embora seu nome não conste do inventário da *Coleção Limana*, não é de todo impossível que conhecesse o jornalista francês, uma vez que era leitor assíduo de revistas e jornais franceses, os novos e os velhos, assim como percorria com frequencia as prateleiras da Biblioteca Nacional em busca de leituras interessantes.

Sobre o comentário de Leclerc acerca da inutilidade das notícias pessoais, "disque-disques" e fatos insignificantes que enchiam as páginas dos jornais brasileiros, em detrimento de notícias de importância política ou de fatos internacionais, Lima anota.

[130] Personalidade destacada do movimento internacional social-democrata Fundador. Diretor do diário *l'Humanitté.*

> Os nossos jornais diários têm de mais e têm de menos; têm lacunas e demasias.
>
> Uma grande parte deles é ocupada com insignificantes notícias oficiais. (...). Demais, não está aí só, o emprego inútil que os nossos jornais fazem de um espaço precioso. Há mais ainda. Há os idiotas "binóculos". (...) De resto, esses binóculos, gritando bem alto elementares preceitos de civilidade, nos envergonham. Que dirão os estrangeiros, vendo pelos nossos jornais, que não sabemos abotoar um sapato? (VU: 1961, P. 55).

"O Binóculo", como se sabe, era a coluna mundana que Figueiredo Pimentel assinava na *Gazeta de Notícias*. Muito apreciada pelos leitores, relatava fatos da vida elegante do Rio de Janeiro, ensinava regras de etiqueta (como homens e mulheres deviam trajar-se para ocasiões diversas) entre outras futilidades. Como é dado a perceber no excerto acima, essas futilidades incomodavam muito Lima Barreto, pois os tais "preceitos escorridos diariamente, sem ordem, sem nexo" nessa coluna, não alcançavam seus objetivos. Pelo contrário, expunham de forma constrangedora a falta de educação da nossa sociedade.

Em certos o cronista evidencia uma preocupação com a maneira com que que tais desajustes, fossem eles políticos, institucionais, sociais, ou culturais, repercutiam na imprensa internacional. Contudo, não havia negatividade por parte de Lima Barreto, visto que entendia as mazelas institucionais como parte intrínseca da nossa cultura ou do caboclismo nacional. O que lhe angustiava não era o preconceito, o repúdio ou o simples estranhamento que pudessem ser causados nos estrangeiros que aqui passavam por alguns costumes e características culturais, mas sim o sentimento de humilhação que tais ocorrências despertavam nos brasileiros, até nos bem informados. Essa situação Lima descreve muito bem em "Sestros brasileiros", publicada no *A. B. C.* em 1920. A crônica relata três casos que causaram mal-estar a conhecidos do cronista..

O primeiro aconteceu com seu amigo e antigo companheiro do Café Papagaio, Rafael Pinheiro, quando, no ano de 1905, fez parte de uma comitiva que acompanhava Giacomo Puccini ao que deveria ter sido um bucólico passeio ao Jardim Botânico, não fosse o imprevisto de encontrar pelo caminho vários descendentes dos escravos africanos, circulando pelas ruas do Rio de Janeiro. Pinheiro publicou um artigo comentando o episódio na revista *Figuras e Figurões*. Deste, Lima Barreto transcreveu alguns trechos demonstrando como um comentário prosaico, mas não sem qualquer malícia, por parte do maestro Puccini, tornou-se por estas plagas impróprio e constrangedor para homens bem informados. Nas palavras de Pinheiro, transcritas abaixo, eis como o fato sucedeu:

> Voltávamos.inquirimos do que mais o impressionara depois da 'fatal' natureza.

> - 'I mori' (os negros).[131]
>
> De fato, uma fatalidade reuniu na Rua dos Voluntários, de todas as idades, de todos os feitios, uma centena de negros, proporção esmagadora para os brancos que por ali transitavam. Negros vinham conosco no bonde, negros vira ele no cais, negros trabalhavam na muda do Largo do Machado. Um mal-estar nos entristecia, quando uma crioula, toda de azul celeste, passou por nós na Rua Marquês de Abrantes.
>
> - Azzurro celeste e nero, ma quella é la vera – celeste Aida?...
>
> Uma gargalhada sacudiu a caravana, ao ouvir esta frase de Puccini.
>
> E nós também... rimos, um tanto dolorosamente. (BA: 1961, pp. 234-235).

Sobre essa situação um tanto insólita, Lima Barreto escreveu.

> Mesmo que rissem todos os outros com uma banalidade dita por um homem da moda, admito que o fizessem, delicadamente, mas "dolorosamente" – por quê?
>
> Os companheiros de Rafael podiam fazê-lo; mas Rafael, um sociólogo prático, político, homem da multidão brasileira, sabia perfeitamente que, durante muitos anos, entraram milhões de negros no Brasil, vindos à força da África, e que não eram absolutamente estéreis. (...).
>
> Aí ele, sem o querer, obedeceu a um dos sestros brasileiros. Mas, há outros. (BA: 1961, p. 235).

Os segundo acontecimento relatado, trata de um apontamento que a esposa de Guglielmo Ferrero [132] havia feito em seu diário sobre o "bicho-de-pé", insidiosa parasita dos trópicos, que atacava seus conterrâneos vindos ao Brasil para trabalhar nas lavouras de café. Tal incômodo era muito conhecido "pelos naturais da terra", mas, mencionado por uma mulher estrangeira, causou grande desconforto, como ironicamente comentou o cronista,

> Mas, o Brasil não pode ter essas cousas, e, tê-las, é uma vergonha, para Petrópolis, Botafogo, Laranjeiras e para as calçadas da Avenida, por isso decreta-se a sua não-existência em berreiro hipocritamente patriótico pelos jornais. (BA: 1961, pp. 236).

Em relação às nossas instituições, embora fosse um nacionalista "de carteirinha", Lima Barreto entendia que a civilização do Velho Mundo tinha modelos, cujas bases poderiam servir de inspiração para o aperfeiçoamento de nossas instituições, como, por exemplo, a própria imprensa. O que isso tem a ver com o bicho do pé???

O terceiro acontecimento citado refere-se a um mal-estar, que uma má interpretação semântica da palavra "criollo" no *Resumen de La Historia de* America, de Nicolás Estévanez, cujo trecho o Rio-*Jornal* fez publicar, segundo Lima Barreto, "provocou infundadas manifestações de suscetibilidade nacional". O trecho é o seguinte:

[131] Não identifiquei, se o grifo é de Rafael Pinheiro, de Lima Barreto.
[132] Ver Nota 8 da crônica "Sestros brasileiros".

> En el Brasil había muy pocos republicanos antes de llegada de la corte, pero cuando "los criollos" vieron de cerca una familia real y conocieron los esplendores de la monarquía, no fuero pocos que se sintieron inclinados a la democracia, a la república y al separatismo!!! (BA: 1961, pp. 236-237).

Lima ficou indignado com tamanho desconhecimento e assim referiu-se ao episódio:

> Deixando de parte s tal história de "diminuir", peço licença para lembrar ao simpático periódico que "los ciollos" de Estévanez é o nosso "os crioulos" português, que quer dizer, conforme o modesto dicionário de Francisco da Almeida, o único à Mao, "pessoa de raça branca, nascida nas colônias europeias de ultramar, especialmente, America". (BA: 1961, p. 237).

No seu julgamento, os proprietários dos jornais, preocupados com os lucros que pudessem obter, enchiam as páginas de seus diários com artigos inúteis e "furos sensacionais na política, nas letras e na administração", deixando de lado as notícias importantes e os artigos de fundo, que formavam a base do noticiário na grande imprensa internacional. Dentre as futilidades, havia os chamados diários sociais que na *Gazeta da Tarde*, invariavelmente, ocupavam duas ou três páginas.

Essa febre de diários sociais não ficou restrita ao Rio de Janeiro. Estendeu-se até para pequenas localidades do interior de outros estados, sendo motivo de queixa do cronista. Reclamava do interesse restrito e da pobreza de informações sobre a nossa vida política e institucional. Em 1915, nas crônicas "Os jornais dos Estados" e "De forma que", comenta que não havia noticiário político; assuntos de interesse para o assinante, como debates na Câmara e no Senado eram raros. Os jornais falavam pouco da vida da cidade; os de outros Estados também não traziam colunas literárias, crônicas e curiosidades.

No caso de tribunais do júri e da crônica judiciária, quando havia notícias, eram, em sua opinião, tratadas com pouca habilidade jornalística ou traziam uma linguagem tão rebuscada que somente juristas conseguiam compreendê-las. Em contrapartida, os diários a seu ver davam muita importância aos acontecimentos policiais.

No entender do cronista, páginas sensacionalistas, como as policiais e as do estilo "Binóculo", não cumpriam o intuito primordial da imprensa, que era o de informar e educar o leitor. Serviam apenas para aumentar a tiragem dos jornais e encher os cofres de seus diretores e proprietários. "Há muito que suprimir nos nossos jornais e há muito que criar", dizia ele. Desprezava-se tudo o que constituía a base da boa imprensa estrangeira, e, na prática jornalística brasileira, o que se evidenciava era pouca disposição e pouca habilidade para informar os leitores interessados. Pagava-se muito pouco ou nada aos correspondentes internacionais e à colaboração

literária, fato que, em várias ocasiões, Lima creditava, ostensivamente, à ganância dos proprietários de jornais e revistas.

Em relação a esse aspecto é importante destacar, mais uma vez, que a grande maioria dos escritores não conseguia viver somente da literatura. O mercado editorial podia até oferecer êxito literário, mas, dificilmente recompensava o artista do ponto de vista financeiro. Assim, a participação na imprensa era uma fonte adicional de renda, na qual o literato desenvolvia o seu talento artístico e afirmação intelectual. Em vez da estabilidade de uma carreira profissional, o escritor se via obrigado a recorrer a outras funções diversas, como o funcionalismo público, a fim de sobreviver, já que o trabalho exclusivo nos jornais não lhe permitia uma vida digna.

Para além disso, a colaboração na imprensa, muitas vezes, representava a possibilidade de obter uma ascensão social, que muitos deles alcançavam. Na contrapartida, colaborar para a imprensa garantia visibilidade, pois, salvo exceções, como Coelho Neto, a publicação de livros era cara e esporádica. Se o livro não caísse no gosto do público e não agradasse a crítica, os escritores, fatalmente, cairiam no esquecimento.

Para Lima Barreto, a arte era um fenômeno social, e como disse em ”Amplius” [133], respondendo a uma carta, na qual o correspondente o acusava de empregar processos do jornalismo nos seus romances, especialmente, em *Isaías Caminha*, diz:

> (...) em geral, os chamados processos do jornalismo vieram dos romances, mas mesmo que, nos meus, se dê o contrário, não lhes vejo mal algum, desde que eles contribuam por menos que seja para comunicar o que observo; desde que possam concorrer para diminuir os motivos de desinteligência entre os homens que me cerca. (...).
>
> Para atingir tão alto escopo, tudo serve; e se como são Francisco de Assis, todos nós, que andamos em missão entre hindus, separados em castas hostis, entre malaios ferozes e pérfidos, entre japoneses que se guerreiam feudalmente; todos nós, dizia eu, só devemos ter a divisa do santo: “Amplius! Amplius!”. Sim sempre mais longe. (HS: 2000, p. 25).

Concordo com Assis Barbosa, na anotação do Prefácio de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, de que o romancista.

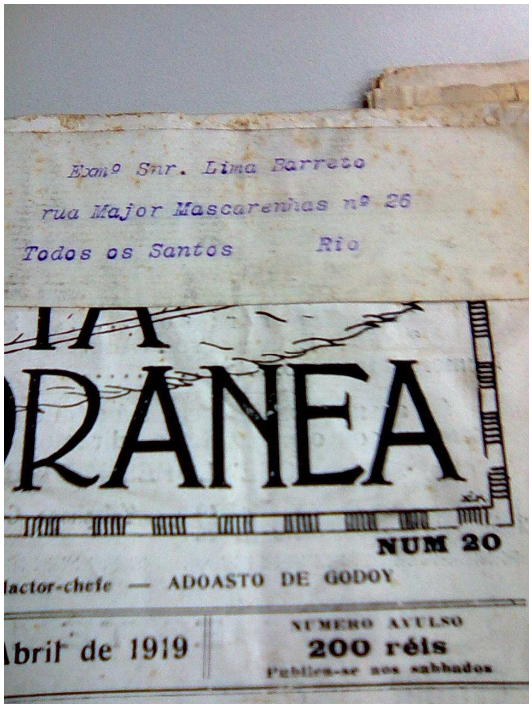
> Sem ter sido jamais um cartesiano puro, muito menos um tainiano ou um brunetièriano, formara por assim dizer um conceito próprio de literatura, nascido da meditação aos ensinamentos de cada um o toque pessoal, muito seu, presente em tudo o que escreveu. (Assis Barbosa – IN IC, p. [19]).

Desde que publicou os primeiros capítulos de *Isaías Caminha* na sua *Floreal*, e depois em livro “para lutar contra a indiferença, a má vontade dos nossos mandarins literários”, Lima

[133] Publicado em 31 de dezembro de 1916. Não há referência do órgão de imprensa.

Barreto estabeleceu um compromisso com o público leitor, o de praticar uma Literatura Militante, que cumpriu até as últimas crônicas que escreveu, seguindo as lições de Taine e Brunetière.

Exemplares da *Revista Contemporânea* que fazem parte do acervo do Arquivo Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP. Todos pertenceram a Lima Barreto, Conforme o detalhe abaixo



3.2 *Bagatelas*

> (...) *Bagatelas* nos parece um livro vivo, um livro por assim dizer militante, por meio do qual o seu autor sobrevive e participa ainda hoje, das lutas pela paz, a democracia e a independência nacional. Este é o seu maior título de glória. (PEREIRA: IN BA: 1961, p. [29]))

Como anotei no percurso editorial, *Bagatelas* teve até agora três edições, todas póstumas.

- 1923 – 1ª edição: Empresa de Romances Populares, Rua do Carmo n°. 135, Rio de Janeiro, edição composta pelo próprio autor com crônicas escritas para a imprensa do Rio de Janeiro;
- 1956 – 2ª edição: Editora Brasiliense, com prefácio de Astrojildo Pereira, São Paulo;
- 1961 – 2ª edição: Editora Brasiliense, com prefácio de Astrojildo Pereira, São Paulo.

A primeira edição de *Bagatelas* é uma brochura muito simples, composta de cento e vinte e uma páginas. O papel é de má qualidade, não tem informações sobre o autor, índice das crônicas e anotações do editor; somente na última página, uma lista com os títulos dos livros publicados pelos autor. [134]

Os originais de *Bagatelas*, entregues a Vasco Lima, a partir dos quais se fez a lição da edição de 1923, constavam de recortes de jornais e revistas, em que as crônicas tinham sido publicadas originalmente, com as devidas correções de próprio punho por Lima Barreto. Diante disso, na "Nota Prévia" das *Obras completas*, Assis Barbosa afirma que a segunda edição "pode ser consideravelmente mais fiel ao pensamento do autor do que a primeira", em vista ser esta "de lição pouco fidedigna". (BA: 1963, p.33).

O que pode ser "mais fiel ao pensamento autor", se o próprio Lima Barreto escolheu, corrigiu e encaminhou pessoalmente as crônicas ao diretor da casa editora? Essa não é única contradição existente nas notas à segunda edição. Para retificá-las, transcrevo o texto na íntegra.

> NOTA PRÉVIA
>
> O presente volume – *Bagatelas* – reproduz a primeira edição que apareceu em 1923, um ano após a morte de Lima Barreto. Primeira e única edição até esta – que é a segunda – foi publicada pela Empresa de Romances Populares, sob a direção de Vasco Lima. Coletânea de artigos, o critério para a escolha foi do Autor, objeto da "Advertência", transcrita adiante, cuja data é de 13 de agosto de 1918.
>
> A data referida e o ano de aparecimento do volume explicam a contradição inerente ao mesmo, que encerra trabalhos posteriores de muito à "Advertência". Mas ainda esses artigos de lavra posterior à data em apreço devem ter sidos escolhidos por Lima Barreto, pois uma prova há, pelo menos, de que ele assistia o editor até inícios de

[134] Essas informações têm como suporte um exemplar original da primeira edição de *Bagatelas*, ao qual tive acesso no AEL – Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH/UNICMP, Campinas/SP (Coleção Octávio Brandão).

1921, e trata-se de um bilhete em que encaminha uma relação de obras do Autor, nestes termos:

> "Vasco
> "Se ainda houver tempo, peço a você que mande por em lugar conveniente do livro que vocês estão imprimindo, a relação que mais acima vai. Gostaste?
>
> Barreto
> 20-2-21"

A primeira edição é de lição muitas vezes pouco fidedigna; para felicidade, porém, e graças à boa lembrança de Vasco Lima, salvaram-se os "originais" de *Bagatelas.*

Esses "originais", em verdade, são recortes de jornais e revistas em que pela primeira vez, os artigos vieram à luz pública, recortes realmente preciosos porque trazem autógrafas inúmeras correções fundamentais. Graças a essa circunstancia, a segunda edição de *Bagatelas* pode ser consideravelmente mais fiel ao pensamento do Autor do que a primeira. O que não obsta, entretanto, a que mais de uma obscuridade e dúvida perdurem no seu texto – o que se deve à maneira por que Lima Barreto revia seus trabalhos, com pouco cuidado para o que lhe parecia óbvio.

No Arquivo Edgard Leuenroth (AEL – IFCH/UNICAMP), há um exemplar da edição de 1923 de *Bagatelas*, que tornou possível uma comparação entre as duas edições. Na verdade, Assis Barbosa não reproduz fielmente o texto, atualizou em alguns aspectos a ortografia e a pontuação, o que é até certo ponto natural, dada a dificuldade para um leitor atual de ler palavras redigidas com "ph", "pp" "ff", "ch", "tt" entre outras. Modificou também outras particularidades, como por exemplo: na primeira edição todas as vezes que está escrito "Sr.", na segunda está "Senhor"; na crônica "A superstição do doutor", Lima grafou – *doutor* –, na segunda está "doutor"; "bovarismo" e "ianquismo" foram aportuguesados, pois, na de 1923 estão com "y"; em Vera Zassulitch "trusts" na primeira, *trusts* na segunda.

Em relação à escolha dos textos, não há duvidas de que a edição segue o critério do autor. A ordem das crônicas no volume, entretanto, pode ter ficado a cargo de Vaz Lima, pois no bilhete que foi anexado à segunda remessa de crônicas, em fevereiro de 1921, Lima anotou "mande por em lugar conveniente". Esse bilhete demonstra que houve mais de uma remessa de crônicas para o editor,

A distância temporal entre as datas da "Advertência" e do bilhete, à primeira vista, confirma a "contradição inerente" de Assis Barbosa. Mas só à primeira vista. Entre as quarenta e uma crônicas escolhidas para o volume, apenas nove são anteriores a 13 de agosto de 1918. Essa data, provavelmente, marca o início do projeto de publicação de *Bagatelas*.

Por essa época, Lima não andava bem de saúde; se submeteu a juntas médicas para requerer a aposentadoria. Em novembro, do mesmo ano, fraturou a clavícula e ficou internado por dois meses no Hospital Central do Exército. Foi nesse período que escreveu "Da minha cela" [135], texto inserido na coletânea. Em dezembro, finalmente, foi expedido o decreto de sua aposentadoria.

Esse lapso de Assis Barbosa é digno de perplexidade e pasmo, pois, na "Sinopse cronológica" da biografia *A vida de Lima Barreto. (1881-1922)*, [136] anota que Lima entregou ao editor os originais de *Bagatelas* em agosto de 1921. Em vista disso, é de se presumir que, após 1921, não houve outra remessa para a editora, pois, no volume não foram incluídas nenhuma das crônicas publicadas entre 1921 e 1922.

Este não foi o único projeto de Lima Barreto. Em setembro de 1917, iniciou o catálogo de sua biblioteca que chamou de *Coleção Limana*. O escritor tinha acabado de receber alta de outra internação no Hospital Central do Exército. Entre os dois projetos há uma coincidência: o tempo de convalescença, em casa, que favorecia o ócio e não combinava com seu temperamento inquieto. Não podendo trabalhar ou ir ao centro da cidade, preenchia o tempo com atividades que lhe davam prazer.

Paralelamente a *Bagatelas*, Lima Barreto organizou também o volume *Marginália*, entregue a Francisco Schettino em dezembro de 1920, que, além de não ser publicado, teve os originais perdidos. [137]

Em relação à falta de organização do escritor, Assis Barbosa tem muita razão. Sabe-se que era mesmo desorganizado. Para interar-se disso, basta ler o inventário da *Coleção Limana*. Os livros ficavam desordenamente dispostos em quatro estantes; autores dos quais Lima tinha mais de um título dificilmente estavam na mesma prateleira.

Havia também livros, mapas, dicionários, atlas, em cima das estantes e em cima de suas duas de trabalho, misturados a recortes de jornais, revistas e aos seus cadernos de anotações. No que diz respeito ao jornalismo, na crônica "Esta minha letra" [138], Lima faz menção à manifesta má vontade dos funcionários dos jornais, quando o viam chegar com artigos para revisão.

Das "obscuridades" que perduram no texto de *Bagatelas*, destacam-se as datas de publicação e os órgãos de imprensa. Na edição de 1923, não há nomes de jornais ou revistas. As referências nem sempre estão completas, ou simplesmente não foram citadas. Na segunda edição

[135] 30.11.1918.
[136] ASSIS BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto. (1881-1922)* RJ: José Olympio, 2002. 8ª edição. (pp. [403-410]).
[137] Isto também está anotado na "Sinopse cronológica" citada.
[138] Publicada em 28.06.1911 na *Gazeta da Trade*.

Assis Barbosa manteve acrescentou algumas informações, mas pouco significativas, mas corrigiu um erro no título da crônica "Mais uma vez", que no exemplar original está como "Mas uma vez". Não é só em *Bagatelas* que essas lacunas existem.

Nos outros volumes de crônicas, organizados por Assis Barbosa, Antonio Houaiss e Cavalcanti Proença, o problema persiste. A esse respeito Rachel Valença, na apresentação da edição de *Lima Barreto. Toda crônica* anota que, apesar de todo o esforço desses "mestres", a edição de 1956 apresenta essas lacunas em decorrência,

> (...) de um momento em que a atividade editorial, à falta dos recursos tecnológicos de que dispomos hoje, ainda apresentava caráter marcadamente artesanal, o que propiciava o aparecimento de inevitáveis problemas, muitos dos quais inexistentes nos originais. Alem disso, não houve intenção ou não se conseguiu localizar as fontes de todas as crônicas, aí compreendidos local de publicação ou data. (VALENÇA: 2004, v. I p. 29).

Para sanar essas falhas, a primeira tarefa a que Resende e Valença se dedicaram, ao organizar os volumes, foi a de complementar as informações inexistentes e "sempre que possível" confirmar as existentes". Contudo, quando não foi possível,

> (...) restou-nos a perspicácia e o conhecimento de especialista da Profª. Beatriz Resende, capaz de pela simples leitura de uma crônica, por suas referências e seu tom, situá-la com facilidade num período de tempo preciso. (VALENÇA: 2004, v. I p. 29).

Esses novos subsídios, previne Valença, aparecem em todas as crônicas, entre colchetes e abaixo do título; só não indicam se foram confirmados ou não. Na comparação entre a edição das *Obras completas* e a de *Toda crônica* surgem muitas contradições, especialmente, em relação a datas, mas também em relação aos órgãos de imprensa, pois, como Valença anotou, no excerto acima, muito das informações introduzidas contaram apenas com a "perspicácia" de Resende.

Dentre os casos mais flagrantes está o da crônica "Casos de bovarysmo" [139], incluída em *Bagatelas*. Na edição de 1923 e na de 1956, não há indicação do órgão de imprensa em que foi publicada, sendo a data indicada "1904" simplesmente. Já em *Toda crônica*, assinala-se [*A.B.C.*] [20-4-1918] [140], no que cabe dúvida, pois, como ressaltei acima, os colchetes não bastam para confirmar esses dados.

[139] Mantive a escrita original de "bovarysmo", em função do vocábulo ter origem no nome da personagem Mme. Bovary.
[140] RESENDE/VALENÇA: 2004, p. 327.

De Vasco Lima à edição de *Toda crônica*, todos que se debruçaram sobre "Casos de bovarysmo" tiveram em mãos os originais de Lima Barreto. Diante disso, muitas vezes me perguntei em que momento, desse percurso, foi gerado o conflito das datas. Não fiz pesquisas nessas fontes documentais, mas creio poder expor duas, dentre as possibilidades mais plausíveis que me ocorreram.

A primeira relacionada às escolhas para a coletânea de *Bagatelas*, pois, em vista do temperamento do autor, esses detalhes podem ter sido esquecidos ou considerados irrelevantes. A segunda, em relação à data da crônica, que pode ter sido publicada em 1904, em algum pequeno jornal, cuja referência tenha se perdido, e republicada em 1918, ou, pode ter sido escrita em 1904 e publicada somente em 1918.

Diante dessas dúvidas, decidi incluir nas crônicas comentadas as três datas – da primeira, da segunda e da edição de *Toda crônica*, já que, uma análise crítica da história editorial de Lima Barreto está incluída na proposta desse trabalho.

Em *Toda crônica*, beatriz Resende afirma que ler as crônicas de Lima Barreto na sequência cronológica em que foram publicadas traz ao leitor maior clareza em relação

> (...) a percepção crítica que o autor tinha de seu tempo, da cidade que atravessava diariamente, da organização social na Primeira República e do quadro mundial sacudido por guerras e revoluções. A sequência temporal aponta ainda, não só para a relação que o autor mantinha com os periódicos para onde enviava suas contribuições, como para as próprias condições de vida em que escrevia. (RESENDE: 2000, v. II, p. 7).

Creio que para quem estuda um cronista e suas crônicas, essas observações são aceitáveis até certo ponto. Ao iniciar a leitura comentada de *Bagatelas* pensei na possibilidade de organizar as crônicas em ordem cronológica, mas entendi que seria melhor respeitar a ordem do volume. Ao longo da pesquisa para as anotações em rodapé, senti a necessidade de uma classificação por temas, que, uma vez elaborada, trouxe mais clareza para as informações que deveriam ser anotadas.

A seguir apresento a tabela por temas, incluindo outras informações que também foram importantes para melhor desenvolver a análise: na primeira coluna as datas de acordo com a edição de 1923 e, em ordem cronológica, por tema; na segunda coluna, os órgãos de imprensa – sem colchetes os confirmados em pesquisas que realizei nas fontes primárias que tive acesso, e com colchetes tais como foram catalogados por Beatriz Resende em *Toda crônica*; na terceira coluna o título da crônica; na quarta coluna, uma classificação de acordo com os temas e subtemas, listados no item "A pesquisa e o método".

As datas das crônicas “Meia página de Renan”, “Coisas eleitorais”, “Pela ‘Seção Livre’” e “Sobre o nosso teatro”, descritas na edição de 1923 estão em desacordo com as dos exemplares da *Revista Contemporânea* que consultei nos originais. As corretas estão respectivamente nos números: nº 17 – 15 de março de 1919, nº 19 – 29 de março de 1919, nº 22 – 19 de abril de 1919 e nº 30 – 28 de junho de 1919. [141]

[141] Os originais desses exemplares consultados estão no AEL – Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH/UNICMP, Campinas/SP. Além desses, há mais dois, o nº 20 – 5 de abril de 1919 que traz a crônica “Um poeta e uma poetisa” e, o nº 23 – 23 de abril de 1919 com o título “Um romance sociológico”. Nenhuns desses dois títulos foram incluídos por Beatriz Resende em *Toda crônica.*

TABELA V - *BAGATELAS*

DATA	**PERIÓDICO**	**TÍTULO**	**GRUPO**/SUBGRUPO
1904	*[A..B. C.]*	"Casos de bovarysmo"	**Ideias**/Pensamento Social
Julho 1911	*[Gazeta da Tarde]*	"Que fim levou?"	**Ideias**/Memória nacional
1917	*O Debate*	"São Paulo e os estrangeiros I"	**Ideias**/Pensamento político
14-7-18	*[Brás Cubas]*	"Vera Zassulitch"	**Ideias**/Maximalismo
6-1-1919	*[A..B. C.]*	"São capazes de tudo"	**Ideias**/Antiamericanismo
1-3-1919	*[Revista Contemporânea]*	"Sobre o Maximalismo"	**Ideias**/Maximalismo
19-3-19	*[Revista Contemporânea]*	"O nosso yankismo"	**Ideias**/Antiamericanismo
8-4-19	*[A Notícia]*	"A missão dos utopistas"	**Ideias**/Guerra/Paz/Civilização
919	*Revista Contemporânea*	"Meia página de Renan"	**Ideias**/Raça e Preconceito
-	*[Revista Contemporânea]*	"Sestros brasileiros" [142]	**Ideias**/Raça e Preconceito
1919	*[Revista Sul]*	"Edificantes notas ao Southey"	**Vida Literária**/Crítica de Livros
28-2-20	*[A.. B. C.]*	"Duas relíquias"	**Vida Literária**/Livros
16-4-20	*[Gazeta de Notícias]*	"Livros de viagens"	**Vida literária**/Livros
-	*[Revista Contemporânea]*	"Problema vital"	**Vida Literária**/Crítica de Livros
-	*[A..B. C.]*	"Dous livros"	**Vida Literária**/Crítica de Livros
-	*[s.n.]*	"Uma simples nota"	**Vida Literária**/*Faits divers*
-	*[A..B. C.]*	"A nossa situação"	**Vida Literária**/Crítica de Livros
1-5-18	*[A..B. C.]*	"No ajuste de contas"	**Política - Brasil**/Corrupção
2-12-18	*[A..B. C.]*	"Carta aberta"	**Política – Brasil**/Burocracia Estatal
7-12-18	*[Revista Souza Cruz]*	"A matemática não falha"	**Política – Brasil**/Economia e Finanças
14-4-19	*Revista Contemporânea*	"Coisas eleitorais"	**Política - Brasil**/Mandos e desmandos
6-3-20	*[A..B. C.]*	"O 'negócio' da Bahia"	**Política - Brasil**/Mandos e desmandos
1911	*[Gazeta da Tarde]*	"O caso do mendigo"	**Cultura e Sociedade**/Ações Humanitárias
Maio 1918	*[Gazeta de Notícias]*	"A superstição do doutor"	**Cultura e sociedade**/Doutores
28-12-1918	*[Revista Contemporânea]*	"Um ofício da A. P. S. A."	**Cultura E Sociedade**/Futebol
-	*[A..B. C.]*	"Procurem a sua Josefina"	**Cultura e Sociedade**/Ascensão Social
3-5-18	*[A..B. C.]*	"Tenho esperança que..."	**Instituições**/Educação
26-3-19	*Revista Contemporânea*	"Pela 'Seção Livre'"	**Instituições**/Imprensa
8-4-19	*[Revista Contemporânea]*	"A circular do Reverendo Vigário-Geral"	**Instituições**/Igreja
-	*[A..B. C.]*	"Não valia a pena"	**Instituições**/Imprensa
-	*[A..B. C.]*	"Sestros brasileiros"	**Instituições**/Imprensa
25-1-1919	*[A..B. C.]*	"Quem será afinal"	**Memórias Pessoais**/Loucura
22-6-19	*[O Estado]*	"Henrique Rocha"	**Memórias pessoais**/Politécnica
-	*[A..B. C.]*	"Da minha cela"	**Memórias Pessoais**/Hospício
-	*[A..B. C.]*	"Homem ou boi de canga"	**Memórias pessoais**/Ilha do Governador
14-7-18	*[Brás Cubas]*	"Vera Zassulitch"	**Gênero**/Mulheres famosas
2-3-1...	*[Revista Contemporânea]*	"Os uxoricidas e a sociedade brasileira"	**Gênero**/Crimes da Paixão
-	*[A..B. C.]*	"Mais uma vez"	**Gênero**/Crimes da Paixão
Julho 1911	*[Gazeta da Tarde]*	"O convento"	**Capital Federal**/Reforma Urbana
27-2-20	*[s.n.]*	"O cedro de Teresópolis"	**Capital Federal**/Reforma urbana
3-71919	*[Hoje]*	"As lições da grande guerra"	**Fatos Internacionais/**I Guerra Mundial
-	*[A..B. C.]*	"Após a guerra"	**Fatos Internacionais/**I Guerra Mundial
Julho 1911	*[Gazeta da Tarde]*	"Que fim levou?"	**Homens Públicos**/Santos Dumont
13-31919	*Revista Contemporânea*	"Sobre o nosso teatro"	**Mundo Artístico/Teatro**

"Que fim levou?", "Sestros brasileiros" e "Vera Zassulitch" têm duas classificações nesta tabela. Caso similar ocorre com inúmeras outras crônicas; aliás, essa foi uma das dificuldades que encontrei para fazer a classificação das crônicas no seu conjunto.

Cada um dos temas que desenvolvidos para o conjunto das crônicas de Lima Barreto, descritos no item “A pesquisa e o método”, sem exceção, estão presentes em *Bagatelas*. Em relação aos os títulos, todos são significativos e atendem às perspectivas da organização do volume. Alguns deles são mesmo emblemáticos no conjunto jornalístico de Lima Barreto, pois, expressam de forma incisiva o pensamento que move, no todo, a sua obra literária. São eles: “Casos de bovarysmo”, “Sobre o Maximalismo”, “Meia página de Renan”, “Sestros brasileiros”, “Carta aberta”, “A superstição do doutor”, “Procurem a sua Josefina”, “Da minha cela”, “Que fim levou?” e “As lições da grande guerra”.

Na “Advertência” de *Bagatelas* Lima Barreto anotou que a publicação do volume tinha como única intenção “permitir aos espíritos bondosos que me têm acompanhado, nos meus modestos romances” a leitura de suas reflexões sobre as “as coisas e homens da nossa terra”. Na verdade, as crônicas que selecionou trazem muito mais que “coisas da nossa terra”. Os textos trazem discussões densas acerca dos temas que trata, cita personagens e fatos da história mundial, obscuros para um leitor comum, e digressões sobre obras e autores de conhecimento restrito aos meios intelectualizados.

Lendo e anotando as crônicas, ficou evidente que os “espíritos bondosos que me têm acompanhado” não eram, para Lima Barreto, os leitores das crônicas leves, de *Careta*, por exemplo, mas sim “espíritos” com conhecimento aprofundado dos temas que ele punha em debate e com clareza de ideias para interpretar o seu discurso.

Cito, a título de exemplo, as crônicas “As lições da grande guerra” e “Após a guerra”. Aparentemente, versam sobre o conflito internacional, mas, no âmago da questão está a paz, que, segundo o escritor, deveria existir entre as nações. Lima Barreto era avesso a qualquer demonstração de força bruta, como as barbáries que se praticavam nas guerras, as torturas da Inquisição ou outras práticas medievais, e o costume do uxoricídio. Nesta repulsa, pode-se incluir sua aversão ao futebol, como está anotado na crônica “Um ofício da A.P.S.A.”

> É de fazer pensar isso, tanto mais que a história nos ensina que, muitas vezes, os vencidos nos campos de batalhas são vencedores nos cérebros daqueles diante dos quais abateram as suas armas. Querem avantajar-se aos alemães em brutalidades, os vencedores.
>
> Essa pregação das excelências do *sport*, "esporte", "desporto", ou quer que seja, é uma manifestação desse singular estado de espírito. Partindo de uma meia-verdade, isto é, de que para os *sportmen* britânicos, franceses, americanos, etc., que venceram os alemães, também esportivos, os sermonários desses jogos chamados atléticos não deixam de pedir favores ao Estado para eles, pretextando preparação para a guerra.

Ora, se o tema das crônicas é distinto, a discussão é recorrente. Outra ocorrência comum é a remissão a artigos de jornais e revistas, velhos ou no calor da hora, que haviam despertado interesse no espírito crítico do cronista.

A respeito de suas leituras, não se pode afirmar, como já fizeram, que era livresca. Lima discutia fatos históricos com conhecimento de causa. Citava trechos de historiadores conhecidos e acatados à época, como, por exemplo, Ernest Lavisse, que ainda hoje é de leitura obrigatória nos bacharelados de História. Algumas vezes, chegou a corrigi-los, como a Robert Southey. Corrigiu também Renan, em "Meia página de Renan", afirmando que este não tinha conhecimento suficiente para escrever sobre a escravidão africana nas colônias americanas.

Em meio a tudo isso, surgem os fatos do cotidiano nas ruas da Capital Federal, das quais dá o endereço – Avenida Rio Branco, (ou simplesmente "Avenida"), Rua Voluntários da Pátria, Largo do Machado, Rua da Passagem, entre outros. Da cidade fala também dos edifícios públicos, confessionais, e particulares, que a reforma urbana houve por bem demolir em nome do progresso, que, aos poucos, ia destruindo a memória nacional.

A par das personagens ilustres que povoam suas crônicas, há figuras insólitas do Rio de Janeiro, como a do mendigo rico e do Príncipe Obá II; há mulheres assassinadas pelos maridos e amantes, passageiros dos trens dos subúrbios e companheiros de boêmia.

As anotações das crônicas, além de situarem o leitor na discussão, demonstram a erudição que Lima Barreto construiu ao longo de sua vida, por intermédio de leituras e da grande curiosidade. Em "Que fim levou?", há uma descrição, que chega a ser entediante, acerca de modelos de aviões e nomes de aviadores contemporâneos a Santos Dumont. A esses respeito, várias vezes me perguntei onde Lima teria ido buscar tantas informações e detalhes de interesse tão restrito.

À medida que o esse "trabalho de formiguinha" ia avançando, na coleta de subsídios para as anotações, tirei outras conclusões acerca dessa coletânea de cônicas e, tenho certeza, outras há. Com estas breves observações, porém, dou por encerrado o meu trabalho, cujo intuito era o de estabelecer uma leitura anotada das crônicas de *Bagatelas*. Uma análise mais aprofundada deixo para outra ocasião ou para algum estudioso que se interesse em dar continuidade a esse projeto desafiador.

PALAVRAS FINAIS

No percurso desta Dissertação de Mestrado, resgatei, além da produção literário/jornalística de Lima Barreto, o seu percurso editorial e parte da fortuna crítica na imprensa e em livros, entre 1907 e 1949. Elaborei essas pesquisas, em razão da pouca visibilidade que têm, pois, grande parte dos trabalhos ligados ao nome deste intelectual, a partir da década de 1950, ficou refém da publicação da biografia de Francisco de Assis Barbosa e da edição das *Obras Completas.*

É significativo anotar que esse resgate, que deu origem a dois capítulos deste estudo, foi de grande importância para obter respostas que levassem a termo a proposta desta Dissertação. Esse percurso me pôs diante de muitos nomes da crítica, alguns possivelmente lidos apenas em sua época, mas que revelaram muito da militância literária de Lima Barreto. Contemporânea ao literato, essa crítica revela em parte o seu lugar no cenário das letras das primeiras décadas do século XX.

Não citaram o nome de Lima Barreto na imprensa tantas vezes, quantas ele desejou, mas o cinco livros que publicou receberam referência na imprensa. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* recebeu Menção Honrosa da Academia Brasileira de Letras. Além da crítica, seu nome era conhecido e respeitado em outras esferas da vida intelectual da Capital Federal.

Na imprensa, escreveu na sua própria revista – a *Floreal* -, que viveu apenas dois números, mas não foi a única de sua época que teve esse destino e, durante anos prestou colaboração para *A.B.C.* e a *Careta*. Escreveu artigos para a conceituada *Revista Contemporânea* e ainda para os diários, *Gazeta de Notícias e Gazeta da Tarde*. Nesse percurso, conheceu e conviveu com nomes de destaque da imprensa brasileira, como por exemplo, do seu amigo pessoal de Astrojildo Pereira, co-diretor de *O Debate*, órgão para o qual também colaborou.

Estabeleceu correspondência pessoal com pessoas importantes dos meios literário e artístico, da imprensa, de casas publicadoras, e até mesmo da política brasileira, entre elas João Ribeiro, Francisco Schettino, Monteiro Lobato, Antonio Noronha Santos e Gonzaga Duque.

Diante desse quadro, fica impossível afirmar, com se faz há décadas, que Lima Barreto vivia no "exílio" do cenário intelectual da Primeira República. Seu nome pode não ter recebido a crítica merecida, mas apareceu centenas de vezes nos artigos e crônicas que assinou. Do seu lugar, social e literário, ao lado das personagens e vivenciando os fatos da Primeira República, foi mestre na construção da identidade e da literatura brasileira.

Todas essas respostas, acerca da vida literária de Lima Barreto, são frutos da leitura de sua obra. Contudo, não teria alcançado as ideias que desenvolvi neste trabalho, se não tivesse seguido a lição da epígrafe da entrada desse trabalho, que nesse momento, reescrevo.

> Ler os livros de Lima Barreto é de alguma forma participar do drama do intelectual sitiado. Mais talvez do que isso, é um exercício de consciência histórica que conta com a vantagem, como poucas vezes noutro escritor brasileiro, de um difícil testemunho: constatar como a vida, e nesta opressão o fracasso, se converte em literatura. (PRADO: 1989. p. 3).

BIBLIOGRAFIA

OBRAS DO AUTOR

BARRETO, Afonso Henrique de Lima. *Obras completas.* Org. Francisco de Assis Barbosa, com a colaboração de Antonio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. SP: Brasiliense, 1956/1961. (17 vols.).

- **Volume I** - *Recordações do escrivão Isaias Caminha*. Romance. Prefácio de Francisco de Assis Barbosa.
- **Volume II -** *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Romance. Prefácio de M. de Oliveira Lima.
- **Volume III** - *Numa e Ninfa*. Romance. Prefácio de João Ribeiro.
- **Volume IV** - *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Romance. Prefácio de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde).
- **Volume V** - *Clara dos Anjos*. Romance. Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda.
- **Volume VI** - *Histórias e sonhos*. Contos. Prefácio de Lucia Miguel-Pereira.
- **Volume VII** - *Os Bruzundangas.* Sátira. Prefácio de Osmar Pimentel.
- **Volume VIII** - *Coisas do Reino de Jambon*. Sátira. Prefácio de Olívio Montenegro.
- **Volume IX** – *Bagatelas*. Artigos. Prefácio de Astrojildo Pereira.
- **Volume X** - *Feiras e mafuás*. Artigos e crônicas. Prefácio de Jackson de Figueiredo.
- **Volume XI** - *Vida urbana*. Artigos e crônicas. Prefácio de Antonio Houaiss.
- **Volume XII** – *Marginália*. Crônicas. Prefácio de Agripino Grieco.
- **Volume XIII** - *Impressões de leitura*. Crítica. Prefácio de M. Cavalcanti Proença.
- **Volume XIV** - *Diário íntimo*. Memórias. Prefácio de Gilberto Freyre.
- **Volume XV** - *Cemitério dos vivos*. Memórias. Prefácio de Eugenio Gomes.
- **Volume XVI** - *Correspondência.* Ativa e passiva. 1º tomo. Prefácio de Antonio Noronha Santos.
- **Volume XVII** - *Correspondência.* Ativa e passiva. 2º tomo. Prefácio B. Quadros.

OUTRAS EDIÇÕES E ANTOLOGIAS CONSULTADAS

*__BARRETO__, Afonso Henrique de Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. SP: Revista do Brasil, 1919.
*_____*Clara dos Anjos*. RJ: Edições de Ouro, [s.d.].
*_____*Lima Barreto. Romance.* RJ: Agir, 1960.
*_____*Lima Barreto*. SP: Abril educação, 1980. (Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por: Antonio Arnoni Prado).
*_____ *A nova Califórnia e outros contos.* SP: Brasiliense, 1979.
*_____*O Rio de Janeiro de Lima Barreto.* RJ: Rioarte, 1983. (Affonso Carlos Marques dos Santos).
*_____*Os bruzundangas: incluindo "Outras histórias dos bruzundangas"*. SP: Àtica, 1985. Série Bom Livro.
*_____ *Lima Barreto. Um longo sonho do futuro. Diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. RJ: Graphia, 1993. (org. Bernardo Mendonça).
*_____ *A nova Califórnia e outros contos.* (seleção, apresentação e notas de Flavio Moreira Costa). RJ: Revan, 1993.
*_____ *Contos*. *Os personagens que deram origem à telenovela: "Fera Ferida"*. SP: Princípio, 1994. (seleção, cronologia e introdução de José Emílio Major Neto).
*_____ *Crônicas Escolhidas*. SP: Folha de São Paulo, 1995.
*_____*Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá.* SP: Ática, 1997.
*_____ *A nova Califórnia* – Contos. RS: Mercado Aberto, 1998.

*_____*Triste fim de Policarpo Quaresma*. (adaptação de José Louzeiro. Ilustrações de Luís Gê). SP: Scipione, 1998.
*_____ *Recordações do escrivão Isaías Caminha.* SP: Àtica, 1998.
*_____ *Clara dos Anjos.* SP: Àtica, 1999. (
*_____ *O subterrâneo do Morro do Castelo*. RJ: Dantes, 1999. (org. Beatriz Resende).
*_____ *Melhores contos. Lima Barreto*. SP: Global, 2001. (7ª edição).
*_____ Lima. *Melhores contos de Lima Barreto*. (seleção de Francisco de Assis Barbosa). SP: Global, 2002.
*_____*Lima Barreto. Toda crônica.* (Orgs. Beatriz Resende/Rachel Valença). RJ: Agir, 2004. (2 vols.).
*_____*O cemitério dos vivos: memórias.* SP: Planeta do Brasil/RJ: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

PUBLICAÇÕES EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

. Polonês: *Smutný Konec Snazivého Policarpa (Triste fim de Policarpo Quaresma)*. Prelozila Jarmila Vojtisková. Praha. Odeon. 1974. 241 p. (Svetová Cetba Svazek, 446).

. Japonês: *Java gowo shaberú otoko (O homem que sabia javanês).* In: BRASIRÚ bungaku tainhen chú. Trad. De Hirokawa Kazuko. Tokio, Sinshe Kaisha. 1977. (Latin American Novel). Antologia do conto brasileiro organizada por Dinah Silveira de Queiroz e Renard Perez.

.**Español:**

- *Dos novelas: Recuerdos del escribiente Isaías Camina. El triste fin de Policarpo Quaresma.* Prólogo y cronología Francisco de Assis Barbosa. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1978. 390.
- *Lima Barreto. Escritores del Brasil*. Vol. 1. Centro de estúdios Brasileños/Sector Cultural de la Embajada del Brasil. Ayacucho 1571- Buenos Aires – Argentina, 1982. (direção de Alexandre Eulálio).

. Inglês:

- *The Patriot (Triste fim de Policarpo Quaresma)*. Transl. By Robert Scott- Buceleugh. London, Rex Collins, 1978. 216 p.
- *Lima Barreto bibliography and translations* [by] Maria Luisa Nunes. Boston, G. K. Hall. 1979. 227 p. (The Yale series of Afro-American Reference Publications).

. Francês: *Son excellence (Sua excelência).* Trad. Catherine Orfila. In : FLEUR, télephone et jeune fille... et autres contes brésiliens : ed. bilingue. Paris, L'Alphée, 1980. p. 28-29. (Supplément à L'Alphée. Cahier de litterature, nº. 1).

LEITORES DE LIMA BARRETO – ESTUDOS E CRÍTICA

LIVROS E ENSAIOS

.AIEX, Anoar. *As idéias sócio-literárias de Lima Barreto*. SP: Vértice, 1995
.ANTONIO, João. *"Conheçamos Lima Barreto, um descobridor do Brasil"* IN – Crônicas Escolhidas. SP: Folha de São Paulo, [s.d.].
_____ *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. RJ: Civilização Brasileira, 1977.
.BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto.* 1881-1922**.** SP: Brasiliense, 1988.
.BEIGUELMAN, Paula. *Por que Lima Barreto?* SP: Brasiliense, 1981.
.BOTELHO, Denílson. *A pátria que quisera ter era um mito. O Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto* RJ: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2002. 1º Prêmio Carioca de Pesquisa em 2001.
.CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no reino de Jambom*. SP: Cortez, 1981.
.FANTINATI, Carlos Erivani. *O profeta e o escrivão. Estudo sobre Lima Barreto*. Assis/SP: Ilpha/Hucitec, 1978.
.FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano***.** RJ: Tempo Brasileiro, 1995.
._____ *Trincheiras do sonho: ficção e cultura em Lima Barreto*. RJ: Tempo Brasileiro, 1998.

GIKOVATE, Moisés. *A vida atormentada de Lima Barreto.* SP*:* Melhoramentos, 1952. (Série – Grandes Vultos das Letras – nº. 10).

.LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco***.** SP: Ática, 1976.

.MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto. Um pensador social na Primeira República.* Goiânia: UFG/EDUSP, 2002.
.MORAIS, Regis de. *Lima Barreto: o elogio da subversão*. SP: Brasiliense, 1983.
.PRADO, Antonio Arnoni. Lima Barreto. *O crítico e a crise*. SP: Martins Fontes, 1989.
.RESENDE, Beatriz Vieira. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos.* RJ/SP: UFRJ/UNICAMP, 1993.(Procurar – Outras bibliotecas IEL _ B869.349 R311 L)
.SANTOS, Affonso Carlos Marques dos Santos (coord). *O Rio de Janeiro de Lima Barreto.* RJ: Rioarte, 1983.
.SILVA, Hélcio Pereira da. *Lima Barreto. Escritor maldito.* RJ: Civilização Brasileira, 1981.
.VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto.* RJ: Lacerda, 1997.

TESES, DISSERTAÇÕES E MONOGRAFIAS

.BOTELHO, Denílson. *A pátria que quisera ter era um mito. Uma introdução ao pensamento político de Lima Barreto*. Campinas: UNICAMP, 1996 (Dissertação de Mestrado).

_____ *Letras Militantes. História, política e literatura em Lima Barreto*. Campinas: UNICAMP, 2001 (Tese de Doutorado).
.CARVALHO, Fernando. *Lima Barreto.* Santa Maria/RS: UFSM, 1974 (Tese - Livre Docência).
.GILENO, Carlos Henrique. *Lima Barreto e a condição do negro e do mulato na Primeira República (1889-1930).* Campinas: UNICAMP, 1997 (Dissertação de Mestrado)
.LIMA, Elizabeth Gonzaga de. *Avesso da utopia: os bruzundangas e as aventuras do Dr. Borgoloff.* Campinas: UNICAMP, 2001. (Dissertação de Mestrado).
._____ *Fragmentos do Eu. A escrita íntima de Lima Barreto.* Campinas: UNICAMP, 2005. (Tese de Doutorado).
.LOPES, Silvana Lopes. *Lima Barreto e a educação: os limites históricos de uma concepção crítica da educação*. Campinas: UNICAMP, 2002 (Dissertação de Mestrado).

.MARQUES, Pedro. *Lima Barreto e o* Diário íntimo: *movimento de saída.* (Monografia de conclusão de curso – 1º semestre 2003).
.MARTHA, Alice Áurea Penteado. *A tessitura satírica em Numa e Ninfa.* Assis/SP: UNESP, 1987 (Dissertação de Mestrado).
.PINTO NETO, Pedro da Cunha. *Ciência, literatura e civilidade*. Campinas: UNICAMP, 2001. (Tese de Doutorado – Educação).
.SILVA, Rafael F. A. M. *A moléstia da cor: a construção da identidade social de Lima Barreto.* Campinas: UNICAMP, 2002. (Dissertação de Mestrado).

CAPÍTULOS, CITAÇÕES E COMENTÁRIOS

.AMORA, Antonio Soares. *História da Literatura Brasileira*. SP: Saraiva: 1974. (Capítulo IX – "Simbolismo 1893-1922"). (pp. 180-1810).
.BERTOLLI Fº., Cláudio /**MEIHY**, José S. C. B. "Morte e sociedade em Lima Barreto" IN - **MARTINS**, José de Souza. *A morte e os mortos na literatura brasileira.* SP: Hucitec, 1983. (pp. 142-169).
.BOSI, Alfredo. "O romance social: Lima Barreto". – IN – *História concisa da Literatura Brasileira*. SP: Cultrix, 1972. (Capítulo VII – "Pré-modernismo e Modernismo"). (pp. 193, 196, 220-222, 333, 342, 343-344, 355-365)
._____ "As letras na Primeira República" – IN – **FAUSTO**, Boris (org.). *História geral da civilização brasileira.O Brasil republicano*. Vol. 2 - Tomo III –RJ: Difel, 1978. (2º vol. – "Sociedade e instituições (1889-1930)"). (pp. 300-311).
._____ "O exílio da pele". IN – *Dialética da colonização*. SP: Cia das letras, 1995. (Capítulo 8 – "Sob o signo de Cam"). (pp. 266-272).
.BRANDÃO, Octávio. *Os intelectuais progressistas. Tavares Bastos, Tobias Barreto, Silvio Romero, Euclides da Cunha, Lima Barreto.* RJ: Simões, 1956.
.BRAYNER, Sônia. "Lima Barreto: mostrar ou significar?". IN - *Labirinto do espaço romanesco.* RJ: Civilização Brasileira, 1979. Capítulo 4 – "A Re-flexão do ser em sua linguagem interior". (pp. 145-176).
.BROCA, José Brito. *Ensaios de mão canhestra*. SP: Polis, 1981. (pp. 185 e 303).
._____ *Naturalistas, parnasianos, decadistas. Vida literária do Realismo ao Pré-modernismo.* Campinas/SP: UNICAMP, 1991. (pp. 226, 333, 339, 354-5, 364-368).
._____ *Papéis de Alceste.* SP: UNICAMP, 1991. (pp.164-168).
._____ *Horas de leitura.* SP: UNICAMP, 1992. (pp. 127, 146, 150-151).
._____ *Teatro das letras.* SP: UNICAMP, 1993. (pp. 25, 50-51, 80-81).
._____ *O repórter impenitente.* SP: UNICAMP, 1994. (pp. 37, 39,42).
.CÂNDIDO, Antônio. "Os olhos, a barca e o espelho". IN – *Educação pela noite e outros ensaios.*SP: Atica, 2000. 3ª edição. (Primeira parte – cap. 3). (pp. 39-50).
.CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da Literatura Brasileira*. RJ: Letras e Artes, 1964. (pp. 257-260).
._____ *História da literatura Ocidental. Ensaios reunidos.* RJ: UniverCidade/Top Books, 1999. (2 vols.). (Vol. I pp. 841-907).
.CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *Quatro vezes cidade*. RJ: Sette Letras, 1996. (pp.38-40)
.CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura Brasileira. Origens e unidade*. SP: EDUSP, 1999. 2 Vols. (Capítulo XV – "Antecedentes imediatos do Modernismo. Persistências e renovações"). (pp. Vol I – 368, 403, 413, 431. – Vol. II. 28, 31-32, 56-57, 196, 335, 364, 497).
.CORRÊA, Mariza. *Os crimes da paixão*. SP: Brasiliense, 1981.
.COUTINHO, Carlos Nelson. "O significado de Lima Barreto na Literatura Brasileira" – IN – **COUTINHO,** Carlos Nelson et alli. *Realismo e anti-realismo na Literatura Brasileira*. RJ: Paz e Terra, 1974. (pp. 1-56)
. DEALTRY, Giovanna Ferreira. "Lima Barreto - os subterrâneos de uma nação". IN – Site - geocities.com. História e cultura da língua portuguesa. (Doutora pela PUC-RIO em Estudos de Literatura). www.geocities.com/ail_br/limabarretoossubterraneos.html.
. DECCA, Edgard Salvadori de. "Quaresma: um relato de massacre republicano entre a ficção e a história". IN - **LEMAIRE**, Ria/**DECCA,** Edgard Salvadori de (orgs.). *Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas/P. Alegre: UNICAMP/UFRGS, 2000. Parte 1 – "Trocando leituras". (pp.137-157)

.ENGEL, Magali Gouveia. *"O hospício, a loucura e a psiquiatria em Lima Barreto. Críticas e cumplicidades"*. IN – **CHALHOUB**, Sidney et alli. *Artes e ofícios de curar*. Campinas: UNCAMP, 2003. (pp. 57-98).
.GERMANO, Idilva Maria Pires. *Alegorias do Brasil, imagens de brasilidade em Triste fim de Policarpo Quaresma e Viva o povo brasileiro.* SP: AnnaBlume, 2000. (Capítulo I – "Triste Brasili De Policarpo Quaresma"). (pp.19-59).
.GOMES, Eugênio. "Lima Barreto e Coelho Neto". IN – **COUTINHO,** Afrânio (org.). A literatura no Brasil. RJ: Sul-Americana, 1955. Vol. II. (p. 123).
.HAHNER, June. *Pobres e política. Os pobres urbanos no Brasil. 1870-1920.* DF: EDUNB, 1993. (Capítulo 5 – "Avenidas e habitações populares: o preço do progresso"). (p. 185)..
.HARDMAN, Francisco Foot. "Palavra de ouro, cidade de pedra". IN – **SCHWARZ**, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira.* SP: Brasiliense, 1983. (pp.79-87)
.HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Em torno de Lima Barreto". IN - *Cobra de vidro.* SP: Perspectiva, 1978. (pp. 131-146).
._____ "Clara dos Anjos". IN – *Livro dos prefácios.* SP: Cia das Letras, 1996. (pp. 384-394).
.HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *O romance brasileiro (De 1752 a 1930)*. "Notas bibliográficas – Lima Barreto (1881-1922). RJ: O Cruzeiro, 1952. (pp. 268-269).
.HOSSNE, Andréa Saad. "Brasil em formação: 'O moleque' de Lima Barreto". IN – **BOSI**, Viviana. *Ficções: leitores e leitores*. SP: Atelier Editorial, 2001. (pp. 113-128).
.HOUAISS, Antonio. "Sobre Lima Barreto e seu biógrafo". IN – *Crítica avulsa.* RJ: Aguiar e Souza/Livraria Progresso, 1960. (pp. 272-282).
.LIMA, Alceu Amoroso. "Um discípulo de Machado" IN – *Primeiros estudos. Contribuição à história do modernismo literário*. RJ: Agir, 1948.
.LINS, Osman. "Não silenciou sobre seu tempo". IN – *Do ideal à glória. Problemas inculturais brasileiros.* SP: Summus, 1977. (pp. 171-175).
.LOUZADA Fº., O.C. "A mão e a enxada (A síntese incompleta de Lima Barreto)". IN – *Crítica e tempo.* SP: Hucitec, 1980. (Capítulo III - Teoria, texto e história). (pp. 105-111).
.MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira* (v. 5 e 6). SP: Cultrix, 1978.
.MAUL, Carlos. "Meu encontro com Lima Barreto" IN - *O Rio de Janeiro da Bela Época.* RJ: São José, 1968. (p-35-37).
.MICELI, Sérgio. Intelectuais à brasileira. SP: Cia das Letras, 2001.
.MIGUEL-PEREIRA, Lucia. *História da Literatura brasileira. Prosa de ficção (de 1870 a 1920).* Vol. XII. RJ: José Olympio, 1950. (pp. 11, 23, 52, 56, 275, 283, 284-290). (pp. 284-290, é o prefácio para o volume VI – *Histórias e sonhos* das obras completas de Lima Barreto).
.NAXARA, Célia Regina C. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro 1870-1920*. SP: AnnaBlume/FAPESP, 1998. (ver se fala de LB).
.PEREIRA, Astrojildo."Romancistas da cidade: Macedo, Manuel Antonio, Lima Barreto" Parte III. IN **– HOLLANDA**, Aurélio Buarque de (org.). *O romance brasileiro*. RJ: O Cruzeiro, 1952. (pp. 61-73).
._____ "Posições políticas de Lima Barreto". IN – *Crítica impura (Autores e problemas)*. RJ: Civilização Brasileira, 1963. (pp.34-54). (Este texto é o prefácio para o volume XIII – *Bagatelas* das obras completas de Lima Barreto).
._____ "Lição de Lima Barreto". IN – *Crítica impura (Autores e problemas).* RJ: Civilização Brasileira, 1963. (pp. 263-265).
.PEREIRA, Elvira Shirley Ribeiro. "História à revelia: *Quaresma* e as ruínas alegóricas". IN – **CHIAPPINI**, Ligia/**BRESCIANI**, M. Stella (orgs.). *Literatura e cultura no Brasil. Identidades e fronteiras.* SP: Cortez, 2002. (pp. 63-73)
.REGO, José Lins do. "Biografia de Lima Barreto". IN - *A casa e o homem*. RJ: Organização Simões, 1954. (pp. 187-189).
.RESENDE, Beatriz Vieira. "Lima Barreto e a opção pela marginália". IN – **SCHWARZ**, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira.* SP: Brasiliense, 1983. (pp.73-78).
._____ (org.). *Cronistas do Rio.* RJ: José Olympio, 1995 (pp. 39 e 49).

.RIBEIRO, João. "Lima Barreto"/"Numa e Ninfa"/"Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá". IN – *crítica. Autores de ficção.* RJ: academia Brasileira de Letras, 1959. Vol. III. (pp. 89-103).
.SCLIAR, Moacyr. "Melancolia na literatura brasileira: Machado de Assis e Lima Barreto". IN - *Saturno nos trópicos. A melancolia européia chega ao Brasil.* SP: Cia das Letras, 2003. (2ª. reimpressão). (pp. 212-238).
.SERPA, Phocion. *Liama Barreto.* RJ: Sauer, 1943.
.SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na Primeira República.* SP: Brasiliense, 1983.
.SILVA, Martiniano José da. *Racismo à brasileira: raízes históricas*. Goiânia: O Popular, 1985.
.SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Capítulo 14 – "Interpretações do Brasil". (pp. 505-507).
._____ *História da Literatura Brasileira. Seus fundamentos econômicos.* SP: Cultura Brasileira
. _____*História da imprensa no Brasil.* RJ: Mauad, 1999. (4ª. ed. Com capítulo inédito). (diversas citações). (255, 288, 291, 300, 303-307, 312, 315-319, 322, 327-328, 331-340, 342-343, 352, 452).
.SÜSSEKIND, Flora. "A mão, a máquina". IN – *Cinematógrafo das letras. Literatura, técnica e modernização do Brasil.* SP: Cia das Letras, 1987. (Capítulo 2 - "A mão, a máquina"). (pp. 22-28).
.VASCONCELLOS, Eliane. "Lima Barreto: misógino ou feminista? Uma leitura de suas crônicas". IN - **CÂNDIDO,** Antônio. *A crônica, o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas/RJ: UNICAMP/FCRB, 1992. (pp. 255-269)
.VENTURA, Roberto. *Estilo tropical. História cultural e polêmicas literárias no Brasil. 1870-1914.* SP: Cia das Letras, 1991.
.VERISSIMO, José. *Últimos estudos de Literatura Brasileira*. 7ª. Série. (p. 239).

ARTIGOS (revistas literárias e universitárias)

.MARTHA, Alice Áurea Penteado."Lima Barreto e a crítica (1900 –1922): a conspiração do silêncio" *Revista Espéculo*, Barcelona, nº 16, nov. 2000/fev. 2001, ano VI.
_____"Leitura e percepção estética: Recordações do escrivão Isaías Caminha, de Lima Barreto".*Revista Espéculo*, Barcelona, nº18, jul/out. 2001, ano VI.
.OAKLEY, R. J. "Ambientação nos romances de Lima Barreto". *Revista Littera*. Nº. 13 – jan/jun. ano V, 1975.
.PRADO, Antonio Arnoni. "Lima Barreto personagem de João Antonio. *Revista Novos Estudos*. (CEBRAP). SP: nº. 54, julho de 1999. (pp. 72-84).
.ROUANET, Sérgio Paulo. "Julgamento de Isaias Caminha" IN – Textos escolhidos. (publicação no site da Academia Brasileira de Letras – www.academia.org.br/cads/13/sergio2.htm).
.SILVA, Marcos A. da. "Beiguelman, Paula – Por que Lima Barreto?" (Resenha do livro de Paula Beiguelman). IN – *Revista Brasileira de História*, SP:, 2 (4), 265-266, set. 1982.
.SILVA, Raphael Acioli Moreira da. *"Folclore e identidade social na vida e na obra de Lima Barreto"*. Centro de Estudos Brasileiros/UNICAMP. *Revista Trapézio* nº. 2, abr.2002, p.-37-58.

ESTUDOS EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E/OU BRASILIANISTAS

.BROOKSHAW, David. *Raça & Cor na literatura brasileira.* P. Alegre/RS: Mercado Aberto, 1983. (Tradução – Marta Kirst).
.NEEDEL, Jeffrey. *Belle Époque tropical. Sociedade e cultura da elite no Rio de Janeiro na virada do século.* SP: Cia das Letras, 1993. (Tradução Celso Nogueira).
.OAKLEY, R. J. *The case of Lima Barreto and Realism in the brazilian 'Belle Époque'*. Lewiston/NY: The Edwin Mellen Press, 1998
_____ "Ambientação nos romances de Lima Barreto". *Revista Littera*. Nº. 13 – jan/jun. ano V, 1975.
.OBLAU, Gabriele. *Gesellschftskritik und slbstdartellun in den romanen Lima Barretos.*Köln; 1997. (Dissertação de Mestrado da Universidade de Colônia/Alemanha).

.PICCHIO, Luciana Stegagno (dell'Universitá di Roma). "Da Lima Barreto ad Adelino Guimarães: Romanzo sociale ed ezescizi nella penombra". IN – *La Letterarura brasiliana*. Roma: Sansoni- Academia, 1972. (pp. 440-444).
.RABASSA, Gregory. "Lima Barreto". IN - *O negro na ficção brasileira. Meio século de história literária.* RJ: Tempo Brasileiro, 1965. (pp. 363-402). (Tradução de Ana Maria Martins).

DIDÁTICOS E PARADIDÁTICOS

.CAMPOS, Maria Tereza Arruda. *Lima Barreto*. SP: Atica, 1988.
BARRETO, Lima. *Lima Barreto*. (Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por: ANTONIO ARNONI PRADO). SP: Abril educação, 1980.

PREFÁCIOS, INTRODUÇÕES, POSFÁCIOS E NOTAS DO EDITOR

***Obras Completas* – Editora Brasiliense**
.Volume I - *Recordações do escrivão Isaias Caminha*. Romance.
Francisco de Assis Barbosa.[s.t.] (pp. [9-27]).
.Volume II - *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Romance.
M. de Oliveira Lima. "Policarpo Quaresma". (pp. [9-13]).
(Publicado pela primeira vez em 13.11.1916, no jornal *O Estado de São Paulo* – SP, com o título "Policarpo Quaresma").
.Volume III - *Numa e Ninfa*. Romance.
João Ribeiro. [s.t.] (pp. [9-12]).
.Volume IV - *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Romance.
Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde). [s.t.] (pp. [9-16]).
.Volume V - *Clara dos Anjos*. Romance.
Sérgio Buarque de Holanda. [s.t.] (pp. [9-34].).
(Publicado originalmente em 23.01.1949, no jornal *Diário de Notícias* – RJ, Seção Letras e Artes, com o título "Em torno de Lima Barreto" e o outro, no mesmo jornal em 24.01.1949, com o titulo de "Ainda Lima Barreto").
.Volume VI - *Histórias e sonhos*. Contos.
Lucia Miguel - Pereira. [s.t.] (pp.[9-16]).
(Publicado pela primeira vez, na *História da Literatura brasileira. Prosa de ficção (de 1870 a 1920).* Vol. XII. RJ: José Olympio, 1950. (pp. 284-290)).
.Volume VII - *Os Bruzundangas.* Sátira.
Osmar Pimentel. [s.t.]. (pp. [9-16]).
(Publicado pela primeira vez em 12.11.1949, no jornal *Folha da Manhã* - SP/SP, [s.t.].
.Volume VIII - *Coisas do Reino de Jambon*. Sátira.
Olívio Montenegro. [s.t.] (pp. 9-19]).
.Volume IX – *Bagatelas*. Artigos.
Astrojildo Pereira.. [s.t.] (pp. [9-29]).
.Volume X - *Feiras e mafuás*. Artigos e crônicas.
Jackson de Figueiredo. [s.t.]. (pp. [9-14]).
(Publicado pela primeira vez em 10.06.1916, na *Revista - A Lusitana*, com o título "Impressões literárias").
.Volume XI - *Vida urbana*. Artigos e crônicas.
Antonio Houaiss. [s.t.]. (pp. [9-35]).
.Volume XII – *Marginália*. Crônicas.
Agripino Grieco. "Lima Barreto". (pp. [9-17]).
(Publicado pela primeira vez em 18.04.1943, no jornal A Manhã – RJ: Suplemento Literário Ano III 4(13): 202, com título de "O mais brasileiro de nossos romancistas").
.Volume XIII - *Impressões de leitura*. Crítica.
M. Cavalcanti Proença. [s.t.]. (pp. [9-44]).
.Volume XIV - *Diário íntimo*. Memórias.

Gilberto Freyre. “O Diário Íntimo de Lima Barreto”. (pp. [9-16]).
.Volume XV - *Cemitério dos vivos*. Memórias.
Eugênio Gomes. “Lima Barreto”. (pp. [9-21]).
.Volume XVI - *Correspondência.* Ativa e passiva. 1º tomo.
Antonio Noronha Santos. [s.t.]. (pp. [9-15]).
.Volume XVII - *Correspondência.* Ativa e passiva. 2º tomo.
B. Quadros. “Primeiro contacto com Lima Barreto”. (pp. [9-14]).

OUTRAS EDIÇÕES

.AZEVEDO, Carlito. “Posfácio”. IN - BARRETO¸ Lima. *O Subterrâneo do Morro do Castelo*. RJ: Dantes, 1999. (3ª edição). (pp. 1113-137). (Publicado originalmente em 11.01.1198, no jornal *O Estado de São Paulo* – SP, no caderno “Especial - Domingo”).
.BARBOSA, Francisco de Assis. [s.n.]. IN – BARRETO, Lima. *Melhores contos de Lima Barreto*. (seleção de Francisco de Assis Barbosa). SP: Global, 2002. (pp. 5-9).
.COSTA, Flavio Moreira da. “Um Lima Barreto atual e irreverente”. IN – **BARRETO**, Lima. *A nova Califórnia*. (seleção, apresentação e notas de Flavio Moreira Costa). RJ: Revan, 1993. (pp. 9-12).
.DIAS, Carmen Lydia de Souza. “O outro trabalho de Hércules”. IN - IN – **BARRETO**, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha.* SP: Àtica, 1998. (pp. 3-11).
.FACIOLI, Valentim. “República dos Brunzundangas: Por que me ufano do meu país”. IN – **BARRETO**, Lima. *Os bruzundangas: incluindo “Outras histórias dos bruzundangas”*. SP: Àtica, 1985. Série Bom Livro. (pp. 7-12).
.LOUZEIRO, José. “Quem foi Lima Barreto?”. IN - **BARRETO,** Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. (adaptação de José Louzeiro. Ilustrações de Luís Gê). SP: Scipione, 1998. (pp. 4, 103).
.LUCAS, Fábio. “Confissões e fundamentos de Lima Barreto”. IN – **BARRETO**, Lima. *O cemitério dos vivos: memórias.* SP: Planeta do Brasil/RJ: Fundação Biblioteca Nacional, 2004. (pp. 7-16).
.MAJOR NETO, José Emílio. “A atualidade da obra de Lima Barreto”. IN – **BARRETO,** Lima. *Contos*. (seleção, cronologia e introdução de José Emílio Major Neto). SP: Princípio, 1994. (pp. 7-11)
.MICHELETTI, Guaraciaba. “Contra o racismo e a injustiça”. IN – **BARRETO**, Lima. *Clara dos Anjos.* SP: Àtica, 1999. (pp. 3-7).
.PRADO, Antonio Arnoni. “Uma estrada tortuosa”. IN – **BARRETO**, Lima. *Lima Barreto*. (Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por: Antonio Arnoni Prado). SP: Abril educação, 1980. (p. 3).
._____ “Ilusões da modernidade em tom irreverente”. IN – **BARRETO**, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá.* SP: Ática, 1997. (pp. 3-6).
.RESENDE, Beatriz Vieira. “O Subterrâneos do Morro do Castelo. Um folhetim de Lima Barreto”. IN – BARRETO¸ Lima. *O Subterrâneo do Morro do Castelo*. RJ: Dantes, 1999. (3ª edição). Pp. 9-15).
._____ “Sonhos e mágoas de um povo”. IN - *Lima Barreto. Toda crônica.* (Orgs. Beatriz Resende/Rachel Valença). RJ: Agir, 2004. (Vol. I.). (pp. 9-23).
._____ “Profissão: Jornalista”. IN - *Lima Barreto. Toda crônica.* (Orgs. Beatriz Resende/Rachel Valença). RJ: Agir, 2004. (Vol. II.). (pp. 7-11).
.[s.n.]. Introduccion. IN – *Lima Barreto. Escritores del Brasil*. Vol. 1. Centro de estúdios Brasileños/Sector Cultural de la Embajada del Brasil. Ayacucho 1571- Buenos Aires – Argentina. (pp. 3-4).
.[s.n.]. “Lima Barreto: A justiça que tardava”. IN – *Clara dos Anjos*. RJ: Edições de Ouro, [s.d.]. (pp. 3-4).

LITERATURA E CRÕNICA

LITERATURA

.ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Homens e cousas da Academia.* RJ: Renascença, 1934.
.BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. SP: Cultrix, 1975.
.BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil –1900*. RJ: MEC/Serviço de Documentação, [s.d].
.CÂNDIDO, Antônio. *Presença da literatura brasileira. História e antologia*. SP: Nacional, 1976. (Vol. II).
_____ *Literatura e sociedade*. SP: Publifolha, 2000.
.CARPEAUX, Otto-Maria. *História da literatura ocidental.* RJ: O Cruzeiro, 1964. (Vol. VI).
.CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras.* SP: Estação Liberdade, 2002. (tradução: Marina Appenzeller).
.CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira. Origens e unidade (1500 – 1960).* SP: Cultrix, 1962. (Vol. II).
.COUTINHO, Afrânio/**COUTINHO,** Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil.*SP: Global. (Vol. 6).
/ **PEREIRA**, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A história contada; capítulos da história social da literatura no Brasil.* RJ: Nova Fronteira. 1998.
.CHIAPPINI, Ligia/ **BRESCIANI,** Maria Stella (orgs.). *Literatura e cultura no Brasil. Identidades e fronteiras* SP: Cortez, 2002.
.COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. *Literatura e senso comum*. BH: Editora UFMG, 2003. (2ª reimpressão).
.FRANÇA, Jean M. Carvalho. *Imagens do negro na literatura brasileira*. (1854-1890). SP: Brasiliense, 1998.
.GALLINDO, Cyl (org.). *O urbanismo na literatura*. RJ: Livros do Mundo inteiro, [s.d.].
.GULLAR, Ferreira. *Cultura posta em questão. Vanguarda e subdesenvolvimento. Ensaios sobre arte.* RJ: José Olympio, 2002.
.KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo. Norte e Sul*. SP: editora da Universidade de São Paulo, 1997. (trad. Rafael Varella Jr.).
.LUSTOSA, Isabel. *O Brasil pelo método confuso.* RJ: Bertrand Brasil, 1993.
.MACHADO NETO, *Estrutura social da república das letras.* SP: EDUSP/Grijalbo, 1973.
.MACHEREY, Pierre. "A análise literária, tÚmulo das estruturas" IN – **POUILLON,** Jean et alli. RJ: Zahar, 1968.
.MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira.* SP: Cia das Letras, 2001.
.MIGUEL - PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira. Prosa e ficção (1870 – 1920)* RJ: José Olympio, 1950. (Vol.. XII).
.PEREIRA, Leonardo. *O carnaval das letras: os literatos e as histórias da folia carioca nas últimas décadas do século XIX*. RJ: Séc. Municipal da Cultura, 1994.
.PORTELLA, Eduardo. "A cidade e a letra". IN – *Dimensões I*. RJ: Tempo Brasileiro, 1977.
.RIO, João. *O momento literário.* RJ: Garnier, [s.d.].
_____ *Melhores contos. João do Rio. Seleção de Helena Parente Cunha*. SP : Global, 2001.
.RODRIGUES, João Paulo C. de Souza. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913).* Campinas: UNICAMP, 2001.
.SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas. Forma literária e processo social do romance brasileiro.* SP: Duas Cidades, 1981.
.SODRÉ, Nelson Werneck. "Interpretações do Brasil" IN – História da literatura brasileira. RJ: Bertrand Brasil, 1995
._____ "A comunhão com a terra" IN – História da literatura brasileira (Seus fundamentos econômicos). RJ: José Olympio, 1996.
.VENTURA, Roberto. *Estilo tropical; história cultural e polêmicas literárias.* SP: Cia das Letras, 1991.
. "Boletim Bibliográfico". *Biblioteca Mario de Andrade.* V.46 nº. (1/4), jan.dez. 1985.

CRÔNICA E IMPRENSA

.ARRIGUCCI JR. *Enigma e comentário ensaio sobre literatura e experiência.* SP: Cia das Letras, 1985.
.**ASSIS,** Machado. *Bons dias! Crônicas (1888-1889).* SP: Hucitec, 1990. (edição, introdução e notas de John Gledson).
.BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio. Imprensa, poder e público.* RJ: Vício de Leitura, 2000.
.CHALHOUB, Sidney. "What are noses for? Paternalism, Social Darwinism and race science in Machado de Assis". *Journal of Latin American Studies*, vol. 10, nº 2, 2001.
.COSSON, Rildo. "Literatura e jornalismo". IN – **CARVALHAL**, Tânia Franco (coord.). *Culturas, contextos e discursos. Limiares críticos no comparatismo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999. (pp. 138-139).
.COUTINHO, Afrânio. "O problema dos gêneros literários". *Revista Littera*. Nº. 15 – jan/jun. ano VI, 1976.
.DIMAS, Antonio. *Tempos eufóricos. (Análise da Revista Kosmos: 1904-1909).* SP: Àtica, 1983.
._____ *Espaço e romance.* SP: Àtica, 1994. SP: USF/Contexto, 1998.
._____ "Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo?". IN – Revista *Littera*. RJ, n. 12 – Ano IV - set/dez 1974. (pp. 46-51).
.GLEDSON, John. IN - **ASSIS**, Machado. *Bons dias! Crônicas (1888-1889).* SP: Hucitec, 1990. (edição, introdução e notas de John Gledson).
.LECLERC, Max. *Cartas do Brasil.* RJ: Cia. Editora Nacional. 1942. (trad. Sérgio Milliet).
.LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário.* RJ: Agir, 1960.
.MACEDO Joaquim Manuel de. *Labirinto. Joaquim Manuel de **MACEDO;** organização, apresentação e notas de Jefferson Cano.* Campinas/SP: Mercado de Letras, Cecult; SP: Fapesp, 2004.
.MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história.* São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
_____ "Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se faz a crônica". IN - *A crônica*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.
.MOISÉS, Massaud. *A criação literária. Prosa II.* SP: Cultrix, 2003. (18ª. edição.).
.NEPOMUCENO, Eric. "Literatura e jornalismo: uma guerra que nunca acaba. Com fatos e ficção, todos trabalham com as letras". *Revista Leia*. 1986.
.SODRÉ, Nelson Werneck. "Posição e responsabilidade dos intelectuais". Revista *Encontros com a Civilização Brasileira*. RJ: nº.18, jan.1979. (pp. 99-122).
.SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil.* RJ: Mauad, 1999. 4ª. ed. (Atualizada).
.TIGRE, Bastos. *Instantâneos do Rio antigo/Bastos Tigre; organização, apresentação e notas de Marcelo Malaban.* Campinas/SP: Mercado de Letras, Cecult; SP: Fapesp, 2003.
.RAMOS, Ana Flavia Cernic. *História e crônica: "Balas de Estalo"e as questões políticas e sociais de seu tempo. (1883-1887).*Campinas: UNICAMP, [s.d.].

BIBLIOGRAFIA GERAL

.ABREU, Capistrano. *Capítulos da História Colonial (1500-1800).* SP: Publifolha, 2000.
.ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Homens e cousas da Academia.* RJ: Renascença, 1934.
.ARRIGUCCI JR. *Enigma e comentário ensaio sobre literatura e experiência.* SP: Cia das Letras, 1985..
.**ASSIS,** Machado. *Bons dias! Crônicas (1888-1889)*. SP: Hucitec, 1990. (edição, introdução e notas de John Gledson).
.**AZEVEDO**, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites, século XIX*. RJ: Paz e Terra, 1987.
.BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso*. *História e Literatura*. SP: Atica, 2000.
.BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e sombras: a ação da maçonaria brasileira (1870-1910).* Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória – Unicamp, 1999.
.BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio. Imprensa, poder e público.* RJ: Vício de Leitura, 2000.
.BASTOS, Elide Rugai/**RÊGO,** Walquiria D. Leão. *Intelectuais e política.A moralidade do compromisso*. SP: Olho d'água, 1999

.BAUMER, Franklin L. *O pensamento europeu moderno. Séculos XIX e XX*. RJ: Edições 70, 1977. (v. II).
.BELLO, José Maria. *História da República (1889 –1930).* SP: Nacional, 1956.
.BENATTE, Antonio Paulo. "História, ciência escritura e cultura política". IN – **RAGO**, Margareth/**GIMENES**, Renato A. O. (orgs.). *Narrar o passado, repensar a história.*. Campinas/SP: UNICAMP/IFCH, 2000. (p.69).
.BERTOLLI Fº, Cláudio. *História da Saúde Pública no Brasil*. SP: Atica, 1996.
.BLOCH, Marc. *Introdução ao estudo da História.* Lisboa: Europa-América, 1975.
.BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de Bourdieu*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.
.BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. SP: Cultrix, 1975.
.BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular*. *Leituras operárias*. Petrópolis: Vozes, 1996.
.BOURDIEU, Pierre. "Campo intelectual e projeto criador". IN – Pouillon, Jean et alli: *Problemas do estruturalismo.* RJ: Zahar, 1968.
.BRETAS, Marcos Luiz. *A guerra das ruas. Povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro*. RJ: Arquivo Nacional, 1997.
.BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil –1900*. RJ: MEC/Serviço de Documentação, [s.d].
.BRUHNS, Heloisa Turini. *Futebo, carnaval e capoeira*. Campinas/SP: Papirus, 2000.
.BURKE, Peter. *A escrita na História. Novas perspectivas.* SP: UNESP, 1991.
.CÂNDIDO, Antônio. *Presença da literatura brasileira. História e antologia.* SP: Nacional, 1976. (Vol. II).
_____ *Literatura e sociedade.* SP: Publifolha, 2000.
.CARDOSO, Ciro Flamarion/**VAINFAS**, Ronaldo. *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia.* RJ: Campus, 1997.
.CARDOSO, Vicente Licínio (org.). *À margem da história da República*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Massananga, 1990.
.CARONE, Edgar. *A República Velha. (Instituições e classes sociais).* RJ: Difel, 1972.
.CARPEAUX, Otto-Maria. *História da literatura ocidental.* RJ: O Cruzeiro, 1964. (Vol. VI).
.CARVALHO, José Murilo. "As forças armadas na Primeira República" IN – **FAUSTO,** Boris. *História Geral da Civilização Brasileira.* Tomo III, v.2. RJ: Difel, 1977.
_____ *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. SP: Cia das Letras, 1990.
_____ *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi.* SP: Cia das Letras, 2000. (3ª ed., 8ª reimpressão)
.CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras.* SP: Estação Liberdade, 2002. (tradução: Marina Appenzeller).
.CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira. Origens e unidade (1500 – 1960).* SP: Cultrix, 1962. (Vol. II).
.CANEVACCI, Massimo (org.). *Dialética da família.* SP: Brasiliense, 1984. (p. 223-234).
.CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril. Cortiços e epidemias na Corte Imperial.* SP: Cia das Letras, 1996.

_____ *Trabalho, lar & botequim.o cotidiano dos trabalhadores no Rio de janeiro da* Belle Époque. Campinas: Unicamp, 2001. (2ª. ed.).
.COUTINHO, Afrânio/**COUTINHO,** Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil.*SP: Global. (Vol. 6).
/ **PEREIRA**, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A história contada; capítulos da história social da literatura no Brasil.* RJ: Nova Fronteira. 1998.
.CHARTIER, Roger. *Formas e sentido. Cultura escrita:entre distinção e apropriação.* Campinas/SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.
.CHAUI, Marilena. Brasil. *Mito fundador e sociedade autoritária*. SP: Fundação Perseu Abramo, 2000.
.CHIAPPINI, Ligia/ **BRESCIANI,** Maria Stella (orgs.). *Literatura e cultura no Brasil. Identidades e fronteiras* SP: Cortez, 2002.
.COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. *Literatura e senso comum*. BH: Editora UFMG, 2003. (2ª reimpressão).
.COSSON, Rildo. "Literatura e jornalismo". IN – **CARVALHAL**, Tânia Franco (coord.). *Culturas, contextos e discursos. Limiares críticos no comparatismo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999. (pp. 138-139).
.COSTA Emilia Viotti da. *Da monarquia à república. Momentos decisivos*. SP: Grijalbo, 1977.
.COSTA, João Cruz. *O pensamento brasileiro.* SP: José Olympio, 1946.
.COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar.* RJ: Graal.
.CUNHA, Maria Clementina Pereira da. *O espelho do mundo: Juqueri, a história de um asilo.* SP: Paz e Terra, 1986.
.DARNTON, Robert. **"**História da leitura" IN – **BURKE**, Peter. *A escrita na história. Novas perspectivas.* SP: UNESP, 1991.
. D´INCAO, Maria Angela. "Mulher e família burguesa". IN – **DEL PRIORE**, Mary. *História das mulheres no Brasil.* (org.). SP: Contexto, 2000. (pp. 223-240).
.DIMAS, Antonio. *Tempos eufóricos. (Análise da Revista Kosmos: 1904-1909)*. SP: Àtica, 1983.
._____ *Espaço e romance.* SP: Àtica, 1994. SP: USF/Contexto, 1998.
.ENGEL, Magali Gouveia. *A loucura na cidade do Rio de Janeiro: idéias e vivências (1830-1930).* Campinas: UNICAMP, 1995. (Tese de Doutorado).
.FAORO, Raimundo. *Os donos do poder.* SP: Publifolha, 2000. (2vols.)
.FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira.* Tomo III, v.2. RJ: Difel, 1977.
_____ *Trabalho urbano e conflito social.* SP: Difel, 1986.
.FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. *Palácios de destinos cruzados*: *bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920.* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

.FOOT-HARDMAN, Francisco. *A estratégia do desterro: situação operaria e contradições da*

política cultural anarquista. Brasil 1889-1922. Campinas/SP: [s.n.], 1980.
_____ "Palavra de ouro, cidade de palha" IN – SCHWARZ, Roberto (org.). *os pobres na Literatura Brasileira*. SP: Brasiliense, 1983. (p. 82).
.FRANÇA, Jean M. Carvalho. Imagens do negro na literatura brasileira. (1854-1890). SP: Brasiliense, 1998.
.GALLINDO, Cyl (org.). *o urbanismo na litertura*. RJ: Livros do Mundo inteiro, [s.d.].
.GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e Historia.* SP: Cia das Letras, 1989. (trad. Frederico Carotti).
. GLEDSON, John. IN - ASSIS, Machado. *Bons dias! Crônicas (1888-1889)*. SP: Hucitec, 1990. (edição, introdução e notas de John Gledson).
.GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura.* RJ: Civilização Brasileira, 1979.
.GULLAR, Ferreira. *Cultura posta em questão. Vanguarda e subdesenvolvimento. Ensaios sobre arte.* RJ: José Olympio, 2002.
HABERMAS, Jürgen. "A família burguesa e a institucionalização da esfera privada referida à esfera pública". IN – **CANEVACCI**, Massimo (org.). *Dialética da família.* SP: Brasiliense, 1984.
.HALLEWELL, Lawrence. *O livro n Barsil.(sua história).* SP: T. A. Queiroz/Edusp, 1985.

.HOBSBAUM, Eric. *A era dos impérios. 1870-1914.* RJ:, Paz e Terra, 1987.
_____/ **RANGER**, Terence (orgs.) *A invenção das tradições.* RJ: Paz e terra, 1984.
.JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Os subversivos da República.* SP: Brasiliense, 1986.
.KOHUT, Karl (ed.). Palavra e poder. *Os intelectuais na sociedade brasileira.* Frankfurt am Main: Vervuert Verlag, 1991.
.KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo. Norte e Sul*. SP: editora da Universidade de São Paulo, 1997. (trad. Rafael Varella Jr.).
.LAJOLO. Marisa P. *Literatura: leitores & leitura.* SP: Moderna, 2001.
_____ "Jornalistas e escritores: a cordialidade da diferença". (mimeo)
_____ & **ZILBERMAN**, Regina. *A leitura rarefeita: livros e literatos no Brasil.* SP: Brasiliense, 1991.
_____ et alli. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. SP: Ática, 1993.
.LECLERC, Max. *Cartas do Brasil.* RJ: Cia. Editora Nacional. 1942. (trad. Sérgio Milliet).
.LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun.* SP: Fundação Editora da Unesp, 1998. (trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes).
_____ **/NORA,** Pierre. *História: novos objetos.* RJ: francisco Alves, 1988.
.LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro. História de uma ideologia*. SP: USP, 1959.
.LEVIN, Orna Messer**.** *As figurações do Dândi: um estudo sobre a obra de João do Rio.* SP/Campinas: UNICAMP, 1996.
.LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário.* RJ: Agir, 1960.
.LIMA, Manuel de Oliveira. *Formação da nacionalidade brasileira*. SP: Publifolha, 2000.
.LIMA,Rogério/ **FERNANDES,** Ronaldo Costa (orgs.). *O imaginário da cidade.* Brasília/SP: Ed. Da universidade de Brasília/Imprensa Oficial do estado, 2000.
.LINHARES, Maria Yedda. *História Geral do Brasil.* SP: Campus, 1990.
.LUKÁCS, Georg. *Ensaios sobre literatura.* RJ: Civilização Brasileira.
.LUSTOSA, Isabel. *O Brasil pelo método confuso.* RJ: Bertrand Brasil, 1993.
.LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. SP: Martins Fontes, 1999. (trad. Jefferson Luiz camargo).
.,MACEDO Joaquim Manuel de. *Labirinto. Joaquim Manuel de **MACEDO;** organização, apresentação e notas de Jefferson Cano.*Campinas/SP: Mercado de Letras, Cecult; SP: Fapesp, 2004.
.MACHADO NETO, *Estrutura social da república das letras.* SP: EDUSP/Grijalbo, 1973.
.MACHADO, Roberto et alli. *Danação da norma. Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. RJ: Graal, 1978.
.MACHEREY, Pierre. "A análise literária, tumulo das estruturas" IN – **POUILLON,** Jean et alli. RJ: Zahar, 1968.
.MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. RJ: Zahar, 1986.
.MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discursos eugênicos.* Campinas: Unicamp, 1994.
.MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura. História, cidade e trabalho*. Bauru/SP: Edusc, 2002.
.MATTOS, Marcelo Badaró (org.). *História: pensar e fazer.* Niterói/RJ: LDH –UFF, 1998.
.MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história.* São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
_____ "Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se faz a crônica". IN - *A crônica*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.
.MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira.* SP: Cia das Letras, 2001.
.MIGUEL - PEREIRA, Lúcia. *História da literatura brasileira. Prosa e ficção (1870 – 1920)* RJ: José Olympio, 1950. (Vol.. XII).
.MOISÉS, Massaud. *A criação literária. Prosa II*. SP: Cultrix, 2003. (18ª. ed.)
.NASCIMENTO, Álvaro Pereira. *A ressaca da marujada, recrutamento e disciplina na Armada Imperial*. RJ: Arquivo Nacional, 2001.
.NEVES, Margarida de Souza/**HEIZER,** Alda. *A ordem é o progresso. 1870 a 1910.*SP: Atual, 1991. (8ª. ed.).
.OLIVEIRA, Lucia Lippi. *A questão nacional na Primeira República.* SP: Brasiliense, 1990.
.PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola de Recife*. SP: Saga, 1996.
_____ *História das idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1967.

.PENNA, Lincoln de Abreu. *O progresso da ordem, o florianismo e a constituição da República.* J: Sette Letras, 1997.
.PEREGALLI, Enrique. *Como o Brasil ficou assim? Formação das fronteiras e tratados dos limites.*SP: Global, 1996.
.PEREIRA, Leonardo. *O carnaval das letras: os literatos e as histórias da folia carioca nas últimas décadas do século XIX*. RJ: Séc. Mun. da Cultura, 1994.
.PERROT, Michelle. *Os excluídos da história. Operários, mulheres e prisioneiros.* RJ: Paz e Terra.
.PESAVENTO, Sandra Jathay. *O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano. Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. (2ª. ed.).
.PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. SP: Publifolha, 2000.
.PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil.* SP: Contexto/UNICAMP, 2000.
.QUEIROZ, Suely Robles Reis. *Os radicais da República; jacobinismo, ideologia e ação.* 1893 – 1896. SP: Brasiliense, 1986.
.RAGO, Margareth Luzia. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. RJ: Paz e Terra, 1985.
_____ **RAGO**, Margareth/**GIMENES**, Renato A. O. (orgs.). *Narrar o passado, repensar a história*.. Campinas/SP: UNICAMP/IFCH, 2000.
.REIS Fº, Daniel Arão (org.). *Intelectuais, história e política*. RJ: Sette Letras, 2000.
.RIBEIRO, Glayds Sabina. *"Cabras" e "pés-de-chumbo": os rolos do tempo. O antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930).* Niterói, 1987. (Dissertação Mestrado).
. RIBEIRO, João – *Crítica - Autores de ficção*. Vol. III. RJ: Publicações da Academia Brasileira de Letras, 1959.
.RIO, João. *O momento literário.* RJ: Garnier, [s.d.].
_____ *Melhores contos. João do Rio. Seleção de Helena Parente Cunha*. SP : Global, 2001.
.RODRIGUES, João Paulo C. de Souza. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913).* Campinas: UNICAMP, 2001.
.SALVADORI, Maria Angel Borges. *Capoeiras e malandros: pedaços de uma tradição sonora popular (1890-1950).* Campinas: UNICAMP, 1990. (Dissertação de Mestrado).
.SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas e instituições e questão racial no Brasil (1870-1930*)**.** SP: Cia das Letras, 2001.
.SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas. Forma literária e processo social do romance brasileiro.* SP: Duas Cidades, 1981.
.SEVCENKO, Nicolau. "O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. IN – **NOVAIS,** Fernando A. *História da vida privada no Brasil*. SP: Cia das Letras, (vol. 3).
_____ *A Revolta da Vacina*. SP: Scipone, 1993.
.SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. RJ: Paz e Terá, 1976.
.SODRÉ, Nelson Werneck. "Posição e responsabilidade dos intelectuais". Revista *Encontros com a Civilização Brasileira*. RJ: nº.18, jan.1979. (pp. 99-122).
_____"Interpretações do Brasil" IN – História da literatura brasileira. RJ: Bertrand Brasil, 1995
_____ "A comunhão com a terra" IN – História da literatura brasileira (Seus fundamentos econômicos). RJ: José Olympio, 1996.
_____ *História da imprensa no Brasil*. RJ: Mauad, 1999. 4ª. ed. (Atualizada).
.STEPAN, Nancy Leys. "Raça e gênero: o papel da analogia na ciência". IN - **HOLLANDA,** Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
.TIGRE, Bastos. *Instantâneos do Rio antigo/Bastos Tigre; organização, apresentação e notas de Marcelo Malaban*. Campinas/SP: Mercado de Letras, Cecult; SP: Fapesp, 2003.
.VENTURA, Roberto. *Estilo tropical; história cultural e polêmicas literárias.* SP: Cia das Letras, 1991.
.WISSSENBACH, Maria Cristina Cortez. "Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível". IN – NOVAIS, Fernando A. (coord.), *História da vida privada no Brasil.* V. 3. SP: Cia das Letras, 1997.
.WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais.* RJ: Bertrand Brasil, 1999.

MONOGRAFIAS, TESES E DISSERTAÇÕES

.ENGEL, Magali Gouveia. A loucura na cidade do Rio de Janeiro: idéias e vivencias (1830-1930). Campinas: UNICAMP, 1995. (Tese de Doutorado).
.RAMOS, Ana Flavia Cernic. *História e crônica: "Balas de Estalo"e as questões políticas e sociais de seu tempo. (1883-1887).*Campinas: UNICAMP, [s.d.].
.SALVADORI, Maria Angel Borges. Capoeiras e malandros: pedaços de uma tradição sonora popular (1890-1950). Campinas: UNICAMP, 1990. (Dissertação de Mestrado).

PERIÓDICOS

.BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. "Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República".*Ciências Sociais Hoje*. SP: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990
.BERTONHA, João Fábio. "Culturalismo x estruturalismo: um debate com E. P. Thompson". *Revista Varia História*. BH, nº 17, mar.1977, pp-31-50
.BLANCKAERT, Claude. "Lógicas da antropometria: mensuração do homem e a bio-sociologia (1860 – 1920)". *Revista Brasileira da História.* SP, vol. 21, nº 41, pp-145-156.
.CARVALHO, José Murilo de. "Brasil: nações imaginadas". *Antropolítica. Revista contemporânea dde Antropologia e Ciência Social*. UFF.
.COUTINHO, Afrânio. "O problema dos gêneros literários". *Revista Littera*. Nº. 15 – jan/jun. ano VI, 1976.
.DIMAS, Antonio. "Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo?". IN – Revista *Littera*. RJ, n. 12 – Ano IV - set/dez 1974. (pp. 46-51).
.CHALHOUB, Sidney. "What are noses for? Paternalism, Social Darwinism and race science in Machado de Assis". *Journal of Latin American Studies*, vol. 10, nº 2, 2001.
.FONSECA, Maria Rachel Fróes. "As Conferências da Glória: a divulgação do saber científico". *Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos.* Vol. 2, nº 3. RJ: NOV/FEV 1996.
.NEPOMUCENO, Eric. "Literatura e jornalismo: uma guerra que nunca acaba. Com fatos e ficção, todos trabalham com as letras". *Revista Leia*. 1986.
.ODA, Ana Maria Galdini Raimundo/**DALGALARRONDO**, Paulo. "Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico". *Revista Brasileira de Psiquiatria.* 2000; 22(4); pp-178-9.
. PORTELLA, Eduardo. "A cidade e a letra". IN – *Dimensões I.* RJ: Tempo Brasileiro, 1977.
.SODRÉ, Nelson Werneck. "Posição e responsabilidade dos intelectuais". Revista *Encontros com a Civilização Brasileira*. RJ: nº.18, jan.1979. pp. 100-102.
.VVAA. *Arquivos Pessoais*. *Estudos Históricos.* RJ. Vol.11, nº. 21, 1998.
. Campinas/SP: Mercado de Letras, Cecult; SP: Fapesp, 2004.
. "Boletim Bibliográfico". *Biblioteca Mario de Andrade.*v.46 n.(1/4). Janeiro a dezembro 1985.

TABELA I – ÓRGÃOS DE IMPRENSA

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
[s.n.]	**-1904**	Casos de bovarismo
	-1918	
	20.07.1918	“Não há remédio”
	1918	“Alvarás, cartas régias etc.”
	-1919	
	26.04.1919	“As pequenas revistas”
	[4-1919]	“As escoras sabichonas”
	-1920	
	27.02.1920	“O cedro de Teresópolis”
	[02.1920]	“Sobre o carnaval”
	13.03.1920	“A universidade”
	17.04.1920	“Memórias da guerra”
	24.04.1920	“Fabricantes de países”
	1920	“Anúncios... anúncios...”
	1920	“Uma simples nota"

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
.A.B.C.	**-1916**	
	25.11.1916	“O ideal do Bel-Ami”
	-1917	
	31.03.1917	“Mais uma”
	12.05.1917	“Carta fechada. Meu maravilhoso amigo Senhor Zé Rufino”
	-1918	
	02.02.1918	“Até que afinal...”
	23.02.1918	“Cada raça tem seu Calin”
	03.05.18	“Tenho esperança que...”[1]
	11.05.18	“No ajuste de contas”
	08.06.1918	“Tenho esperança que...”
	24.08.1918	“A nossa filantropia”
	31.08.1918	“Como budistas”
	05.10.1918	“A amanuense”
	19.10.1918	“Elogio da morte”
	19.10.1918	“A política republicana”
	01.11.1918	“A corte do Itamarati”
	30.11.1918	“Da minha cela”[2]
	[14.12.1918]	“Carta aberta”
	21.12.1918	“Não valia a pena”
	28/12/1918	“Um ofício da A. P. S. A.”
	-1919	
	04.01.1919	“Procurem a Josefina”
	[11].01.1919	“São capazes de tudo”
	25.01.1919	“Quem será afinal”
	02.08.1919	“Uma fita acadêmica”
	16.08.1919	“Considerações oportunas”
	20.09.1919	“A minha Alemanha”
	27.09.1919	“A tal história da aniagem”

	25.10.1919	“Variações sobre um artigo”
	25.10.1919	“Variações sobre um artigo”
	[12.1919]	“Após a guerra”
	-1920	
	17.01.1920	“Extravagâncias oficiais”
	14.02.1920	“Hábeas corpus curioso”
	21.02.1920	“Simples reparo”
	28.02.1920	“Duas relíquias”
PERIÓDICO	**DATA**	**TÍTULO**
.A.B.C.	**-1920**	
	06.03.1920	“O negócio da Bahia”
	27.03.1920	“Legião da Mulher Brasileira”
	1920	“Homem ou boi de canga”
	1920	“Mais uma vez”
	1920	“A nossa situação”
	1920	“Dous livros”
	1920	“Sestros brasileiros”
	-1921	
	08.01.1921	“D'Annunzio e Lênin”
	05.03.1921	“O motivo da zanga”
	19.03.1921	“Os médicos e o espírita”
	09.04.1921	“Educação física”
	06.08.1921	“A túnica de Néssus das leis”
	01.10.1921	“O meu conselho”
	08.10.1921	“Importância da dança no intercâmbio comercial”
	26.11.1921	“O fabricante de diamantes”
	-1922	
	07.01.1922	“Será sempre assim”
	14.01.1922	“Variações”
	21.01.1922	“O feminismo invasor”
	26.08.1922	“O nosso esporte”

PERIÓDICO	**DATA**	**TÍTULO**
Almanaque d’A Noite	**-1916**	
	23.05.1916	“O Estrela”

Boletim Mundial	**-1919**	
	16.07.1919	“Invenções e descobertas”

PERIÓDICO	**DATA**	**TÍTULO**
Brás Cubas	**-1918**	
	04.07.1918	“O Franco”
	11.07.1918	“O Clube de Engenharia”
	14.07.1918	“Vera Zassulitch”
	15.08.1918	“Sobre o football”
	22.08.1918	“Velhos ‘apedidos e velhos anúncios”

	26.09.1918	“A mudança no Senado”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Careta	**-1915**	
	27.03.1915	“A chegada”
	03.04.1915	“Um candidato”
	03.04.1915	“Um bom diretor”
	10.04.1915	“A Filomena”
	17.04.1915	“Os quatro filhos d'Aymon”
	17.04.1915	“A consulta”
	24.04.1915	“Que rua é esta”
	24.04.1915	“Carta de um pai de família ao doutor Chefe de Polícia”
	08.05.1915	“Quase doutor”
	08.05.1915	“Abertura do Congresso”
	08.05.1915	“Medidas de Sua Excelência”
	15.05.1915	“Um entendido”
	22.05.1915	“Escola de deputados”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Careta	**-1915**	
	29.05.1915	“Uma anedota”
	26.06.1915	“A nova glória”
	26.06.1015	“Ontem e hoje”
	26.06.1915	“O café”
	03.07.1915	“Era preciso...”
	03.07.1915	“Faustino I”
	24.07.1915	“O rico mendigo”
	17.07.1915	“História macabra”
	31.07.1915	“País rico”
	07.08.1915	“O muambeiro”
	07.08.1915	“Novas reformas”
	21.08.1915	“Um jantar no júri”
	21.08.1915	“Defesa da Pátria”
	28.08.1915	“O serviço das eleições”
	28.08.1915	“O serviço das eleições”
	11.09.1915	“Firmeza política”
	11.09.1915	“A gratidão do Assírio”
	18.09.1915	“Cincinato, o romano”
	18.09.1915	“Oposição jornalística”
	25.09.1915	“Ex- Homem”
	25.09.1915	“Futura notícia”
	02.10.1915	“O ideal”
	02.10.1915	“Depois de velho”
	09.10.1915	“Exemplo a imitar”
	09.10.1915	“Colônia carioca”
	16.10.1915	“Uma lembrança”
	30.10.1915	“A fraude eleitoral”
	30.10.1915	“As teorias do doutor Caruru”
	06.11.1915	“De forma que...”
	11.12.1915	“Os outros”

	18.12.1915	“O congraçamento”
	-1919	
	13.09.1919	“Modas femininas e outras”
	13.09.1919	“Nós! hein”
	20.09.1919	“A carroça dos cachorros”
	20.09.1919	“Negócio do Maximalismo”
	27.09.1919	“Os correspondentes”
	27.09.1919	“Atribulações de um vendeiro”
	04.10.1919	“Uma partida de football”
	04.10.1919	“As vaporosas”
	04.10.1919	“Cuidado!”
	11.10.1919	“O nosso caboclismo”
	11.10.1919	“No mafuá dos padres”
	18.10.1919	“Providências policiais”
	18.10.1919	“O repórter e o júri”
	25.10.1919	“Falta de numerário”
	25.10.1919	“É pequena!”
	25.10.1919	“Liga de Defesa Nacional”
	25.10.1919	“Cousas parlamentares”
	25/10/1919	“Um debate acadêmico”
	01.11.1919	“Linhas de tiro”
	01.11.1919	“Verdadeiro expoente”
	01.11.1919	“Coerência”
	01.11.1919	“Histórias de Niterói”
	15.11.1919	“Efeitos da lei valetudinária”
PERIÓDICO	**DATA**	**TÍTULO**
Careta	**-1919**	
	22.11.1919	“Concurso para cozinha”
	22.11.1919	“Novidades”
	22.11.1919	“Podem fazer”
	29.11.1919	“Festas nacionais”
	06.12.1919	“Limites entre estados e municípios”
	13/12/1919	“Academia de Letras”
	20.12.1919	“O saldo”
	27.12.1919	“Qualquer serve”
	27.12.1919	“Política do distrito”
	-1920	
	17.01.1920	“Coisas administrativas”
	24.01.1920	“Amor, cinema e telefone”
	24.01.1929	“Tribunal histórico republicano”
	31.01.1920	“Os percalços do budismo”
	31.01.1920	“A moda feminina”
	14.02.1920	“O pai da idéia”
	14.02.1920	“O doutor Frontin e o feminismo”
	06.03.1920	“Uma outra”
	13.03.1920	“Um problema”
	13.03.1920	“Assunto sério”
	20.03.1920	“Queixa do defunto”
	27.03.1920	“Os cachorros da Barra”
	01.05.1920	“Fala o corvo”

	08.05.1920	“O doutor Gandola”
	08.05.1920	“País rico”
	22.05.1920	“Greve inútil”
	22.05.1920	“Amazonas do Assírio”
	29.05.1920	“Uma idéia”
	05.06.1920	“Cavendish, na Guanabara”
	[15].06.1920	“Mina de ferro e aço”
	19.061.920	“Vantagens do football”
	10.07.1920	“Vocações”
	10.07.1920	“Alta cultura”
	24.07.1920	“Chapéus”
	14.08.1920	“Recitais”
	21.08.1920	“Um sociólogo”
	28.08.1920	“Megalomania”
	04.09.1920	“Reis modernos”
	04.09.1920	“O tal dia”
	11.09.1920	“Acumulações e comendas”
	18.09.1920	“Papel-moeda”
	25.09.1920	“Os grandes trapaceiros”
	25.09.1920	“A universidade”
	25.09.1920	“Banquetes”
	16.10.1920	“Uma anedota”
	23.10.1920	“Sobre a arte culinária”
	[23.10.1920]	“Como é”
	23.10.1920	“O rei e a galeota”
	23.10.1920	“Macaquitos”
	30.10.1920	“A freqüência escolar”
	30.10.1920	“Arte de Vatel”
	13.11.1920	“Carta aberta, ao jeito dos bilhetes de João do Rio”
	13.11.1920	“Arte culinária”
	04.12.1920	“O Haroldo”
	04.12.1920	“Divertimento”
	04.12.1920	“Encrencas nacionais”
PERIÓDICO	**DATA**	**TÍTULO**
Careta	**-1920**	
	04.12.1920	“Fato inédito”
	04.12.1920	“Os tais higienistas”
	11.12.1920	“Sabedoria esverdinhada”
	15.12.1920	“O destino do Chaves”
	-1921	
	01.01.1921	“Uma conferência esportiva”
	08.01.1921	“Mansão Olímpica e os apedidos”
	08.01.1921	“Seria o suco”
	15.01.1921	“O prefeito e o povo”
	[15.01.1921]	“O cultivo do jerimum”
	22.01.1921	“Coisas de mafuá”
	22.01.1921	“O Império de Petrópolis”
	22.01.1921	“Uma opinião de peso”
	05.02.1921	“O poderoso doutor Matamorros”
	19.02.1921	“As mulheres na Academia”

	19.02.1921	“Coisas jurídicas”
	19.02.1921	“A greve da Cantareira”
	26.02.1921	“Eleições”
	26.02.1921	“Automóveis oficiais”
	12.03.1921	“Os doutores militares da Polícia”
	12.03.1921	“Fábricas e arsenais bélicos”
	19.03.1921	“Leitura de jornais”
	26.03.1921	“Uma entrevista”
	09.04.1921	“A questão dos telefones”
	09.04.1921	“O reconhecimento”
	16.04.1921	“Mas... esses americanos...”
	16.04.1921	“O nosso feminismo”
	23.04.1921	“Até Mirassol I”
	30.04.1921	“Até Mirassol II”
	07.05.1921	“Até Mirassol III”
	30.04.1921	“A prenda”
	14.05.1921	“Dias de roça”
	14.05.1921	“A Liga do coração”
	25.06.1921	“Generosidade”
	25.06.1921	“A origem do homem”
	09.07.1921	“Alto comércio”
	09.07.1921	“Voto feminino”
	16.07.1921	“Feiras livres”
	16.07.1921	“Pobre Euclides!”
	23.07.1921	“Como o Liró”
	23.07.1921	“A revolta do mar”
	30.07.1921	“Medidas de emergência”
	30.07.1921	“Coisas de Jambon”
	06.08.1921	“O conde e o visconde; dois generosos”
	06.08.1921	“Botafogo e os pró-homens”
	13.08.1921	“A minha candidatura”
	13.08.1921	“A pescaria”
	20.08.1921	“Caridades...”
	20.08.1921	“Vejam só”
	27.08.1921	“Uma nota”
	27.08.1921	“Prensas e Guitarras”
	10.09.1921	“Atribulações de um autor”
	10.09.1921	“Um fiscal de jogo”
	17.09.1921	“Graças a Deus”
	24.09.1921	“Carta aberta”
	24.09.1921	“Doux Pays”
PERIÓDICO	**DATA**	**TÍTULO**
Careta	**-1921**	
	01.10.1921	“Falar inglês”
	01.10.1921	“Bendito football”
	01.10.1921	“Estupendo melhoramento”
	01.10.1921	“Declaração necessária”
	08.10.1921	“Método confuso”
	08.10.1921	“A lógica do maluco”
	29/10/1921	“A Academia de Moços”

	29.10.1921	“Manifestações públicas”
	26.11.1921	“15 de Novembro”
	17.12.1921	“Bônus da Independência”
	17.12.1921	“Em Petrópolis”
	31.12.1921	“Egresso de Petrópolis”
	-1922	
	07.01.1922	“Feminismo e voto feminino”
	07.01.1922	“As glórias do Brasil”
	14.01.1922	“O encerramento do Congresso”
	14.01.1922	“O pré-carnaval”
	28.01.1922	“Relíquias, ossos e colchões”
	28.01.1922	“Enfermeiras louras e mosquitos zumbidores”
	18.02.1922	“O que se dirá deles”
	04.03.1922	“Carnaval e a eleição do bambã”
	11.03.1922	“A Maçã e polícia”
	11.03.1922	“Paulino e o mafuá”
	25.03.1922	“Escola de enfermeiras”
	01.04.1922	“Teias de aranha”
	08.04.1922	“O feminismo em ação”
	08.04.1922	“Como resposta”[3]
	15.04.1922	“Na Avenida”
	06.05.1922	“Ainda e sempre”
	06.05.1922	“Uma atuação de Dona Berta”
	27.05.1922	“Comédia nacional”
	27.05.1922	“Melhoramentos”
	03.06.1922	“Feminismo internacional”
	03.06.1922	“Iaiá das Marimbas”
	03.06.1922	“Não queria, mas...”
	17.06.1922	“Bilhete”
	24.06.1922	“No próximo centenário”
	01.07.1922	“O football”
	08.07.1922	“Bilhete”
	08.07.1922	“Transatlantismo”
	22.07.1922	“Vestidos modernos”
	22.07.1922	“O Estácio atual”
	22.07.1922	“O futurismo”
	20.07.1922	“De Cascadura ao Garnier”
	05.08.1922	“Hotel Sete de Setembro”
	05.08.1922	“Lei de Imprensa”
	12.08.1922	“O nosso feminismo”
	19.08.1922	“Rocha, o guerreiro”
	19.08.1922	“Um do povo”
	26.08.1022	“O telefone e seu inventor”
	26.08.1922	“Os enterros de Inhaúma”
	02.09.1922	“A comédia brasileira”
	02.09.1922	“Na segunda classe”
	09.09.1922	“Esse sujeito”
	30.09.1922	“Uma iniciativa”
	30.09.1922	“O centenário”
	07.10.1922	“Pedro I e José Bonifácio”
	07.10.1922	“Congressos”

	14.10.1922	“Novos ministérios”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Correio da Manhã	**-1905**	

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Correio da Noite	**-1913**	
	15.04.1913	“Semana artística I”
	24.04.1913	“Semana artística II”
	28.06.1913	“Semana Artística III”
	-1914	
	14.12.1014	“Os Cortes”
	17.12.1914	“O oráculo”
	18.12.1914	“Quantos”
	21.12.1914	“O Patriotismo”
	22.12.1914	“Reflexões”
	26.12.1914	“Não se zanguem”
	28.12.1914	“A Polícia Suburbana”
	30.12.1914	“A música”
	31.12.1914	“A derrubada”
	-1915	
	02.01.1915	“O morcego”
	05.01.1915	“Pólvora e cocaína”
	06.01.1915	“Um Exemplo”
	07.01.1915	“A Lei”
	08.01.1915	“A Amazônia”
	09.01.1915	“As Esquinas”
	10.01.1915	“Com o Binóculo”
	12.01.1915	”A Propósito”
	13.01.1915	“A Biblioteca”
	14.01.1915	“Os Jornais dos Estados”
	15.01.1915	“Conhecem”
	16.01.1915	“O Novo Manifesto”
	18.01.1915	“O Nosso Secretário”
	19.01.1915	”As Enchentes”
	21.01.1915	“E o tal Balázio”
	22.01.1915	“A Senhor Lucas do Prado”
	23.01.1915	“Os Próprios Nacionais”
	26.01.1915	“A Volta”
	27.01.1915	“Não as Matem”
	28.01.1915	“Não é Possível”
	29.01.1915	“Um Conselho”
	11.02.1915	“As Manguinhas de Fora”
	01.03.1915	“Um Romancista”
	03.03.1915	“O Momento”
	” 05.03.1915	“Os Pintores
	06.03.1915	“Os Exames”
	09.03.1915	“Um Fato”

	10.03.1915	“A Pecuária”
	11.03.1915	“A instrução pública”
	13.03.1915	“Continuo”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Debate. O	**1917**	
	19.07.1917	“O que o Gigante viu e em disse”
	09.08.1917	“Ao Caio M. de Barros”
	08.09.1917	“Carta aberta”
	15.09.1917	“Sobre a carestia”
	06.10.17	“São Paulo e os estrangeiros I”
	13.10.1917	“São Paulo e os estrangeiros II”
	06.10.1917	“Coisas americanas I”
	27.10.1917	“Coisas americanas II”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Diabo. O	**-1903**	(c/ pseudônimo de Diabo Coxo)

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Estação Theatral	**-1911**	
	08.04.1911	“Uma coisa puxa a outra... I”
	22.04.1911	“Uma coisa puxa a outra...II”
	06.05.1911	“Uma coisa puxa a outra...III”
	20.05.1911	“Uma coisa puxa a outra... IV”
	10.06.1911	“Pintores, Desenhistas, Etc.”
	24.06.1911	“Qualquer coisa”
	28.06.1911	“Esta minha letra”
	[10].07.1911	“Que fim levou”
	15.07.1911	“Alguns reparos”
	[21].07.1911	“O convento”
	07.08.1911	“O Garnier morreu”
	20.10.1911	“Os nossos jornais”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Estado. O **(Niterói)**	**-1919**	
	25.10.1919	“Casos do júri”
	22.06.1919	“Henrique Rocha"
	-1920	
	09.03.1920	“Otávio Carneiro”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Folha. A	**-1920**	
	14.02.1920	“O caso de A Folha”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO

Gazeta da Tarde	**-1911**	
	18.10.1911	"Os nossos jornais"
	27.04.1911	"A mulher brasileira"
	04.05.1911	"Maio"
	[26.05]. 1911	"O caso do mendigo"
	-1920	

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Gazeta de Notícias	**-1918**	
	00. 05.1918	"A superstição do doutor"
	-1920	
	16.04.1920	"Livros de viagens"
	-1921	
	02.01.1921	"A questão dos poveiros"
	16.01.1921	"As reformas e os doutores"
	28.07.1921	"Feiras e mafuás"
	06.10.1921	"A estação"
	21.12.1921	"O trem dos subúrbios"
	-1922	
	07.02.1922	"Bailes e divertimentos suburbanos"

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Hoje	**-1919**	
	26.06.1919	"Quereis encontrar marido – aprendei!..."
	03.07.1919	"As lições da Grande Guerra"
	10.07.1919	"O edifício da Cruz Vermelha"
PERIÓDICO	**DATA**	**TÍTULO**
Hoje	**-1920**	
	08.07.1920	"O Conselho Municipal e a arte"
	-1922	
	27.07.1922	"Palavras de um simples"

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Jornal do Commercio	**-1920**	

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Lanterna. A	**(1900**	
	01.12.1900	"Francisco Braga Concertos Sinfônicos"
	-1902	
	20.11.1902	[Sem título]
	-1918	
	17.01.1918	"A vaga na Academia"
	18.01.1918	"Literatura e política"
	22.01.1918	"O que é então"
	25.01.1918	"O anel dos musicistas"

	26.01.1918	“Estudos brasileiros”
	28.01.1918	“Lavar a honra, matando”
	29.01.1918	“No campo de Agramante”
	18.03.1918	“Os matadores de mulheres”
	23.03.1918	“Padres e frades”
	22.04.1918	“Moralidade”
	04.05.1918	“As formigas e o prefeito”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Malho. O	**-1919**	
	01.04.1919	“O chefe político e o seu eleitor”
	28.06.1919	“A causa única”
	19.07.1919	“No primor da elegância”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Notícia. A	**-1920**	
	03.06.1920	“O meu almoço”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Paiz. O	**-1922**	
	06.07.1919	“A missão dos utopistas”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Revista A Primavera	**-1913**	

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Revista América Brasiliense	**-1922**	

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Revista Argos	**-1919**	
	[01.05].1919	“A guerra faliu”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Revista Atualidade	**-1918**	
	20.07.1919	“A casa dos espantos”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Revista Brás Cubas	**-1918**	

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO

Revista Comédia	**-1919**	
	05.07.1919	"Eu também"

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Revista Contemporânea	**-1918**	
	15.02.1918	"Histrião ou literato"
	-1919	
	22.02.1919	"Problema vital"
	01.03.1919	"Sobre o Maximalismo"
	08.03.1919	"Os uxoricidas e a sociedade brasileira"
	15.03.1919	"Sobre o nosso teatro"
	22.03.1919	"O nosso ianquismo"
	29.03.1919	"Pela 'Seção Livre'"
	05.04.1919	"Um poeta e uma poetisa"
	12.04.1919	"A circular do Reverendo Vigário-Geral"
	19.04.1919	"Coisas eleitorais"
	03.07.1919	"Meia página de Renan"
	12.07.1919	"A Academia Nacional de Medicina [I]"
	26.07.1919	"A Academia Nacional de Medicina [II]"

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Revista Dom Quixote	**-1917**	
	01.08.1917	"A defesa do Sr. Café"
	15.10.1919	"Um desafio histórico"
	-1919	

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Revista Época	**-1917**	
	20.07.1917	"Sobre o desastre"

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Revista Era Nova	**-1915**	

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Revista Floreal	**-1907**	
	25.10.1907	"Apresentação da Revista *Floreal"*
	12.11.1917	"Literatura e arredores"

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Revista Fon-Fon	**(s/ ref.)**	

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Revista Souza-Cruz	**-1918**	

	07.12.1918	“A matemática não falha”
	-1921	
	01.05.1921	“Manuel de Oliveira”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Revista Sul	**-1919**	
	[1919]	“Edificantes notas ao Southey”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Revista Tudo	**-1919**	
	26.06.1919	“O Jardim Botânico e suas palmeiras”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Rio-Jornal	**-1921**	
	26.09.1921	“A poliantéia das burocratas”
	27. 09.1921	“A poliantéia das burocratas”
	-1922	
	16.01.1922	“Como resposta”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Tagarela	**-1903**	
	09.07.1903	“Vendo a Brigada Stegomya”
	16.07.1903	“Memórias de um stegomya fasciata”
	23.07.1903	“Ópera ou circo”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Voz do Trabalhador. A	**-1913**	
	15.05.1913	“Palavras de um *snob* anarquista”

PERIÓDICO	DATA	TÍTULO
Póstumas (inéditas)	**-1922**	
Careta	11.11.1922	“Exportação de frutas”
Careta	11.11.1922	“Médicos e gramáticos”
Careta	11.11.1922	“Uma surpresa da Exposição”
Careta	18.11.1922	“Herói”
	-1924	
Careta	05.01.1924	“Dissidências”
Careta	19.01.1924	“A penhora da modalidade”
Careta	09.02.1924	“Interesse público”
Careta	09.02.1924	“Coisas do sítio”
Souza-Cruz	81.924	“O pecado” (Assis Barbosa)

TABELA - II
CRÔNICAS LIMA BARRETO - CRONOLOGIA

1900

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
01.12.	*A Lanterna*	"Francisco Braga Concertos Sinfônicos"	p. 59 **(VOL. I**)	

1902

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
20.11	*A Lanterna*	[s.t.]	p. 61	

1903

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
09.07	*Tagarela*	"Vendo a Brigada Stegomya"	p. 62	
16.07	*Tagarela*	"Memórias de um stegomya fasciata"	p. 64	
23.07	*Tagarela*	"Ópera ou circo"	p. 65	

1905

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
28.04	*Correio da Manhã*	"Fabulosas riquezas – Outros subterrâneos"	p. 17	
29.04	*Correio da Manhã*	"Visita à galeria"	p. 24	
02.05	*Correio da Manhã*	"O subterrâneo do Morro do Castelo"	P. 29	
03.05	*Correio da Manhã*	"O subterrâneo do Morro do Castelo"	p. 32	
04.05	*Correio da Manhã*	"O subterrâneo do Morro do Castelo e as riquezas dos jesuítas"	p. 35	
05.05	*Correio da Manhã*	"Os tesouros dos jesuítas"	p. 41	
06.05	*Correio da Manhã*	"Os tesouros dos jesuítas"	p. 48	
07.05	*Correio da Manhã*	"Os tesouros dos jesuítas"	p. 53	
08.05	*Correio da Manhã*	"Os tesouros dos jesuítas – Uma narrativa de amor – O velho Códice"	p. 58	
09.05	*Correio da Manhã*	"O tesouro dos jesuítas – Um caso de amor"	p. 63	
10.05	*Correio da Manhã*	"D.Garça I – (continuação)" (folhetim)	p. 69	
12.05	*Correio da Manhã*	"D.Garça I – (continuação)" (folhetim)	p. 75	
14.05	*Correio da Manhã*	"D.Garça II – Os tesouros" (folhetim)	p. 80	
15.05	*Correio da Manhã*	"D.Garça II – Os tesouros – (cont.)" (folhetim)	p. 86	
19.05	*Correio da Manhã*	"D.Garça II – Os tesouros – (cont.)" (folhetim)	p. 91	
20.05	*Correio da Manhã*	"Os tesouros dos jesuítas – No Morro do Castelo – A descoberta de uma nova galeria"	p. 96	
21.05	*Correio da Manhã*	"Novas galerias – Uma visita"	p. 99	

23.05	*Correio da Manhã*	"Novas galerias"	p. 101	
24.05	*Correio da Manhã*	"As galerias do Castelo"	p. 102	
24.05	*Correio da Manhã*	"D. Garça III – A vingança do jesuíta" (folhetim)	p. 103	
25.05	*Correio da Manhã*	"Os subterrâneos do Morro do Castelo"	p. 111	
26.05	*Correio da Manhã*	"D. Garça IV – O encontro" (folhetim)	p. 113	
27 05	*Correio da Manhã*	"A nova galeria – Pressentimentos – O crucifixo de ouro"	p. 119	
28.05	*Correio da Manhã*	"O crucifixo de ouro e o candelabro de ferro"	P. 122	
30.05	*Correio da Manhã*	"Subterrâneo no Rio de Janeiro"	p. 125	
01.06	*Correio da Manhã*	"Os tesouros do Morro do Castelo – - Na Câmara dos Deputados"	p. 126	
03.06	*Correio da Manhã*	"Os tesouros dos jesuítas - Epílogo" (folhetim)	p. 129	

1907

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
25.10	*Floreal*	"Apresentação da Revista"		IL – p. 180
12.11	*Floreal*	"Literatura e arredores"		IL – p. 184

1911

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
08.04	*A Estação Theatral*	"Uma coisa puxa a outra... I"	p. 68	IL – p. 262
22.04	*A Estação Theatral*	"Uma coisa puxa a outra... II"	p. 71	IL - p. 266
27.04	*Gazeta da Tarde*	"A mulher brasileira"	p. 73	VU – p. 49
04.05	*Gazeta da Tarde*	"Maio"	p. 77	FM – p. 225
06.05	*A Estação Theatral*	"Uma coisa puxa a outra... III"		IL – p. 269
[26.05]		"O caso do mendigo"	p. 80	BA – p. 67
20.05		Uma coisa puxa a outra... "IV"		IL – p. 273
10.06		"Pintores, desenhistas, etc."	p. 84	FM – p. 135
24.06		"Qualquer coisa"	p. 88	IL - p. 259
28.06		"Esta minha letra"	p. 90	FM – p. 293
[10].07		"Que fim levou"	p. 94	BA – p. 78
15.07		"Alguns reparos"		IL – p. 276
[21].07		"O convento"	p. 98	BA – p. 83
07.08		"O Garnier morreu"	p. 102	IL – p. 280
20.10		"Os nossos "jornais"	p. 106	VU – p. 53

1913

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
15.04	*Correio da Noite*	"Semana Artística I"		IL – p. 285
24.04	*Correio da Noite*	"Semana Artística II"		IL – p. 288
15.05	*A Voz do Trabalhador*	"Palavras de um *snob* anarquista"	p. 110	FM – p. 213
26.08	*Correio da Noite*	"Semana Artística III"		IL – p. 290

1914

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
14.12	*Correio da Noite*	"Os 'cortes'"	p. 117	VU – p. 57
17.12	*[Correio da Noite]*	"O oráculo"	p. 119	MA – p. 208
18.12	*Correio da Noite*	"Quantos?"	p. 121	VU – p. 59
19.12	*Correio da Noite*	"Sobre a guerra"	p. 123	MA – p. 45
21.12	*Correio da Noite*	"O patriotismo"	p. 125	CRJ – p. 75
22.12	*Correio da Noite*	"Reflexões"	p. 127	CRJ – p. 76
26.12	*Correio da Noite*	"Não se zanguem"	p. 129	VU – p. 60
28. 12	*Correio da Noite*	"A polícia suburbana"	p. 130	VU – p. 61
30.12	*Correio da Noite*	"A música"	p. 131	VU – p. 62
31.12	*Correio da Noite*	"A derrubada"	p. 133	MA – p. 87

1915

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
02.01	*Correio da Noite*	"O morcego"	p. 137	VU – p. 65
05.01	*Correio da Noite*	"Pólvora e cocaína"	p. 139	VU – p. 66
06.01	*Correio da Noite*	"Um exemplo"	p. 140	VU – p. 67
07.01	*Correio da Noite*	"A lei"	p. 141	VU – p. 69
08.01	*Correio da Noite"*	"A Amazônia"	p. 142	CRJ – p. 78
09.01	*Correio da Noite*	"As esquinas"	p. 144	VU – p. 70

1915

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
11.01	*Correio da Noite*	"Com o 'Binóculo'"	p. 146	VU – p. 71
13.01	*Correio da Noite*	"A Biblioteca"	p. 149	MA – p. 37
14.01	*Correio da Noite*	"Os jornais dos estados"	p. 151	CRJ – p. 100
15.01	*Correio da Noite*	"Conhecem?"	p. 153	VU – p. 72
16.01	*Correio da Noite*	"O novo manifesto"	p. 155	VU – p. 75
18.01	*Correio da Noite*	"O nosso secretário"	p.. 157	VU – p. 74
19.01	*Correio da Noite*	"As enchentes"	p. 159	VU – p. 77
21.01	*Correio da Noite*	"E o tal balázio?"	p. 160	VU – p. 78
22.01	*Correio da Noite*	"Ao Senhor Lucas do Prado"	p. 162	VU – p. 79
23.01	*Correio da Noite*	"Os próprios nacionais"	p. 164	VU – p. 80
26.01	*Correio da Noite*	"A volta"	p. 166	VU – p. 82
27.01	*Correio da Noite*	"Não as matem"	p. 168	VU – p. 83
28.01	*Correio da Noite*	"Não é possível"	p. 170	VU – p. 85
29.01	*Correio da Noite*	"Um conselho"	p. 171	VU – p. 99
11.02	*Correio da Noite*	"As manguinhas de fora..."	p. 172	VU – p. 87
01.03	*Correio da Noite*	"Um romancista"		IL – p. 174
03.03	*Correio da Noite*	"O momento"	p. 174	CRJ – p. 79
05.03	*Correio da Noite*	"Os pintores"	p. 175	CRJ – p. 80
06.03	*Correio da Noite*	"Os exames"	p. 176	VU – p. 89
09.03	*Correio da Noite*	"Um fato"	p. 177	VU – p. 90
10.03	*Correio da Noite*	"A pecuária"	p. 178	CRJ – p. 102

11.03	*Correio da Noite*	"A instrução pública"	p. 179	VU – p. 91
13.03	*Correio da Noite*	"Continuo..."	p. 181	VU – p. 93
27.03	*[Careta]*	"A chegada"	p. 182	MA – p. 210
03.04	*[Careta]*	"Um candidato"	p. 184	MA – p. 212
03.04	*[Careta]*	"Um bom diretor"	p. 186	MA – p. 214
10.04	*Careta*	"A Filomena"	p. 188	VU – p. 94
17.04	*[Careta]*	"Os quatro filhos d'Aymon"	p. 190	MA – p. 216
17.04	*[Careta]*	"A consulta"	p. 192	MA – p. 219
24.04	*[Careta]*	"Que rua é esta?"	p. 194	MA – p. 221
24.04	*Careta*	"Carta de um pai de família ao doutor Chefe de Polícia"	p. 196	VU – p. 95
08.05	*Careta*	"Quase doutor"	p. 198	VU – p. 97
08.05	*[Careta]*	"Abertura do Congresso"	p. 200	MA – p. 223
08.05	*[Careta]*	"Medidas de Sua Excelência"	p. 202	MA – p. 226
15.05	*Careta*	"Um entendido"	p. 204	VU – p. 99
22.05	*Careta*	"Escola de deputados"	p. 206	CRJ – p. 88
20.05	*[Careta]*	"Uma anedota"	p. 208	MA – p. 229
26.06	*[Careta]*	"A nova glória"	p. 210	MA – p. 231
26.06	*Careta*	"Ontem e hoje"	p. 212	VU – p. 101
26.06	*Careta*	"O café"	p. 214	CRJ – p. 93
03.07	*[Careta]*	"Era preciso..."	p. 215	MA – p. 223
03.07	*[Careta]*	"Faustino I"	p. 217	MA – p. 217
24.07	*[Careta]*	"O rico mendigo"	p. 219	MA – p. 237
17.07	*Careta*	"História macabra"	p. 221	VU – p. 102
31.07	*Careta*	"País rico"	p. 222	VU – p. 104/MA – p. 140
07.08	*Careta*	"O 'muambeiro'"	p. 224	MA – p. 90
07.08	*Careta*	"Novas reformas"	p. 226	CRJ – p. 103
21.08	*Careta*	"Um jantar no Júri"	p. 227	VU – p. 105
21.08	*Careta*	"Defesa da Pátria"	p. 228	CRJ – p. 32
28.08	*Careta*	"O serviço das eleições"	p. 230	CRJ – p. 83
04.09	*[Careta]*	"Projeto de lei"	p. 231	MA – p. 239
11.09	*[Careta]*	"Firmeza política"	p. 231	MA – p. 241
11.09	*Careta*	"A gratidão do Assírio"	p. 233	VU – p. 106
18.09	*[Careta]*	"Cincinato, o romano"	p. 235	MA – p. 243
18.09	*Careta*	"Oposição jornalística"	p. 237	CRJ – p. 82
25.09	*Careta*	"Ex –Homem"	p. 238	VU – p. 108
25.09	*Careta*	"Futura notícia"	p. 240	VU – p. 109
02.10	*[Careta]*	"O ideal"	p. 241	MA – p. 245

1915

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
02.10	*Careta*	"Depois de velho"	p. 242	CRJ – p. 99
09.10	*Careta*	"Exemplo a imitar"	p. 243	VU – p. 110
09.10	*Careta*	"Colônia carioca"	p. 244	CRJ – p. 204
16.10	*Careta*	"Uma lembrança".	p. 215	VU – p. 111
30.10	*[Careta]*	"A fraude eleitoral"	p. 246	MA – p. 247
30.10	*[Careta]*	"As teorias do doutor Caruru"	p. 248	MA – p. 249
06.11	*Careta*	"De forma que..."	p. 251	VU – p. 113
11.12	*Careta*	"Os outros"	p. 253	VU – p. 114

18.12	*[Careta]*	"O congraçamento"	p. 255	MA – p. 252

1916

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
[23.05]	*Almanaque d'A Noite*	"O Estrela"	p. 259	FM – p. 61
25.11	*A.B.C.*	"O ideal do Bel-Ami"	p. 263	FM – p. 178

1917

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
31.03	*A.B.C.*	"Mais uma"	p. 269	VU – p. 116
12.05	*A.B.C,*	"Carta fechada – Meu maravilhoso Senhor Zé Rufino"	p. 271	VU – P. 118
19.07	*O Debate*	"O que o 'Gigante' viu e me disse"	p. 273	MA – p. 179
20.07	*Revista da Época*	"Sobre o desastre"	p. 277	VU – p. 121
01.08	*Dom Quixote*	"A defesa do Senhor Café"	p. 279	CRJ – p. 94
09.08	*O Debate*	"Ao Caio M. de Barros"	p. 281	MA – p. 101
08.09	*O Debate*	"Carta aberta"	p. 282	MA – p. 132
15.09	*O Debate*	"Sobre a carestia"	p. 285	MA – p. 191
06.10	*O Debate*	"São Paulo e os estrangeiros I"	p. 288	BA – p. 52
13.10	*O Debate*	"São Paulo e os estrangeiros II"	p. 292	MA – p. 204
16.10	*O Debate*	"Coisas americanas I"	p. 295	MA – p. 195
17.10	*O Debate*	"Coisas americanas II"	p. 297	MA – p. 197

1918

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
17.01	*Lanterna*	"A vaga na Academia"	p. 301	VU – p. 123
18.01	*A Lanterna*	"Literatura e política"	p. 303	IL – p. 74
22.01	*A Lanterna*	"O que é, então?"	p. 305	VU – p. 125
25.01	*A Lanterna*	"O anel dos musicistas"	p. 307	MA – p. 39
26.01	*Lanterna*	"Estudos brasileiros"	p. 310	VU – p. 127
28.01	*Lanterna*	"Lavar a honra, matando?"	p. 312	VU – p. 129
29.01	*Lanterna*	"No campo de Agramante"	p. 314	VU – p. 131
02.02	*A.B.C.*	"Até que afinal..."	p. 316	VU – p. 133
15.02	*Rev.Contemporânea*	"Histrião ou literato?"	p. 318	IL – p. 188
16.02	*A.B.C.*	"Anita Plomark, Aventureiros"		IL – p. 133
23.02	*A.B.C.*	"Cada raça tem seu Calino"	p. 320	VU – p. 134
18.03	*Lanterna*	"Os matadores de mulheres"	p. 325	VU – p. 139
23.03	*Lanterna*	"Padres e frades"	p. 326	VU – p. 140
[20.04]	*[A.B.C.]*	"Casos de bovarysmo"[2]	p. 327	BA – p. 56
22.04	*Lanterna*	"Moralidade?"	p. 332	
27.04	*A.B.C.*	"Volto a Camoes"		IL – p. 163
04.05	*Lanterna*	"As formigas e o prefeito"	p. 334	VU – p. 141
11.05	*[A.B.C.]*	"No ajuste de contas"	p. 336	BA – p. 88
[...].05	*[Gazeta de Notícias]*	"A superstição do doutor"	p. 344	BA – p. 37

1918

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
[08.06]	*[A.B.C.]*	"Tenho esperança que..."	p. 355	BA – p. 61
04.07	*Brás Cubas*	"O Franco..."	p. 360	VU – p. 143
11.07	*Brás Cubas*	"O Clube de Engenharia"	p. 363	VU – p. 145
14.07	*[BrásCubas]*	"Vera Zassulitch"	p. 364	BA – p. 72
20.07	*[s.n.]*	"Não há remédio..."	p. 369	FM – p. 247
15.08	*Brás Cubas*	"Sobre o *football*"	p. 372	VU – p. 147
22.08	*Brás Cubas*	"Velhos 'apedidos e velhos anúncios"	p. 376	VU – p. 150
24.08	*A.B.C.*	"A nossa filantropia"	p. 381	FM – p. 264
31.08	*A.B.C.*	"Como budistas"	p. 383	VU – p. 156
07.09	*A.B.C.*	"Literatura militante"		IL – p. 71
21.09	*A.B.C.*	"O secular problema do Nordeste"		IL – p.129
26.09	*[Brás Cubas]*	"A mudança do Senado"	p. 385	FM – p. 219
28.09	*A.B.C.*	"O triunfo"		IL - p. 126
05.10	*A.B.C.*	"A amanuense"	p.388	CRJ – p. 388
19.10	*A.B.C.*	"Elogio da morte"	p. 390	MA – p. 42
19.19	*A.B.C.*	"A política republicana"	p. 392	MA – p. 78
02.11	*A.B.C.*	"A corte do Itamarati"	p. 394	FM – p. 29
[30.11]	*[A.B.C.]*	"Da minha cela"	p. 398	BA – p. 97
07.12	*[Ver. Souza-Cruz]*	"A matemática não falha"	p. 406	BA – p. 177
14.12	*[A.B.C.]*	"Carta aberta"	p. 412	BA – p. 107
21.12	*[A.B.C.]*	"Não valia a pena"	p. 419	BA – p. 115
28.12	*[A.B.C.]*	"Um ofício da A.P.S.A."	p. 424	BA – p. 122
[...].[...]	*[s.n.]*	"Alvarás, cartas régias, etc."	p. 431	FM – p. 164

1919

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
04.01	*[A.B.C.]*	"Procurem a Josefina!"	p. 437	BA - p. 141
[11].01	*[A.B.C.]*	"São capazes de tudo..."	p. 445	BA – p. 151
25.01	*[A.B.C.]*	"Quem será afinal?"	p. 450	BA – p. 13
22.02	*Rev. Contemporânea*	"Problema vital"	p. 456	BA – p. 130
01.03	*Rev. Contemporânea*	"Sobre o Maximalismo"	p. 459	BA – p. 157
[08].03	*Rev. Contemporânea*	"Os uxoricidas e a sociedade brasileira"	p. 466	BA – p. 166
[15].03	*Rev. Contemporânea*	"Sobre o nosso teatro"	p. 475	BA – p. 221
20.03	*Hoje*	"Recordações da Gazeta Literária" ("Sonhos e mágoas")		CRJ – p. 241
[22].03	*Rev. Contemporânea*	"O nosso ianquismo"	p. 480	BA – p. 185
27.03	*Hoje*	"Superstições domesticas" ("Sonhos e mágoas")		CRJ – p. 279
[29].03	*Rev. Contemporânea*	"Pela 'Seção Livre' "	p. 486	BA – p. 185
31.03	*Rev. Contemporânea*	"Um poeta e uma poetisa"		IL – p. 251
01.04	*O Malho*	"O chefe político e seu eleitor"	p. 491	VU – p. 158
03.04	*Hoje*	"Rezas e orações" ("Sonhos e mágoas")		CRJ – p. 283
[12].04	*Rev. Contemporânea*	"A circular do Reverendo Vigário Geral"	p. 495	BA – p. 238
17.04	*Hoje*	"Contos e histórias de animais" ("Sonhos e mágoas")		CRJ – p. 266
16.04	*Hoje*	"Histórias de macaco" ("Sonhos e mágoas")		CRJ – p. 252

[19].04	*Rev. Contemporânea*	"Coisas eleitorais"	p. 501	BA – p. 280
21.04	*Hoje*	"Um domingo de Páscoa" ("Sonhos e mágoas")		CRJ – 257
26.04	*[s.n.]*	"As pequenas revistas"	p. 505	FM – p. 156
26.04	*Rev.Contemporânea*	"Um romance sociológico"		IL – p. 140
[...].[04]	*[s.n.]*	"As escoras sabichonas"	p. 511	FM – p. 48
[01.05]	*[Argos]*	"A guerra faliu"	p. 513	FM – p. 141
08.05	*Hoje*	"O príncipe tatu" ("Sonhos e mágoas")		"CRJ – p. 262
10.05	*Rev. Contemporânea*	"A crítica de ontem"		IL – p. 244
22.06	*[O Estado]*	"Henrique Rocha"	p. 516	BA – p. 195

1919

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
26.06	*Hoje*	"Quereis encontrar marido? – aprendei!...	p. 524	VU – p. 161
26.06	*Tudo*	"O Jardim Botânico e suas palmeiras"	p. 527	MA – p. 92
28.06	*O Malho*	"A causa única"	p. 530	VU – p. 164
[03.07]	*[Rev. Contemporânea]*	"Meia página de Renan"	p. 533	BA – p. 255
03.07	*[Hoje]*	"As lições da Grande Guerra"	p. 537	BA – p. 260
05.07	*Comédia*	"Eu também!"	p. 543	MA – p. 163
06.07	*[A Notícia]*	"A missão dos utopistas"	p. 545	BA – p. 249
10.07	*Hoje*	"O edifício da Cruz Vermelha"	p. 550	VU – p. 168
12.07	*[Rev. Contemporânea]*	"A Academia Nacional de Medicina I"	p. 554	FM – p. 69
17.07	*Hoje*	"Sonhei com isto: o que é?" ("Sonhos e mágoas")		CRJ – p. 247
16.07	*[Rev. Contemporânea]*	"A Academia Nacional de Medicina II"	p. 554	FM – p. 69
16.07	*Boletim Mundial*	"Invenções e descobertas"	p. 564	
19.07	*O Malho*	"No primor da elegância"	p. 568	VU – p. 172
20.07	*Atualidade*	"A casa dos espantos"	p. 572	CRJ – p. 39
02.08	*A.B.C.*	"Uma fita acadêmica"	p. 576	FM – p. 34
10.08	*Atualidade*	"Restos do 'tabu' ancestral" ("Sonhos e mágoas")		CRJ – p. 289
13.09	*Careta*	"Modas femininas e outras"	p. 15 (Vol. II)[3]	VU – p. 179
13.09	*Careta*	"Nós! Hein?"	p. 17	MA – p. 254
20.09	*A.B.C.*	"A minha Alemanha"	p. 19	
20.09	*Careta*	"A carroça dos cachorros"	p. 20	MA – p. 85
20.09	*Careta*	"Negócio de Maximalismo"	p. 21	CRJ – p. 119
27.09	*A.B.C.*	"A tal história da aniagem"	p. 22	VU – p. 177
27.09	*Careta*	"Os correspondentes"	p. 25	VU – p. 180
27.09	*Careta*	"Atribulações de um vendeiro"	p. 27	VU – p. 181
04.10	*Careta*	"Uma partida de *football*"	p. 29	VU – p. 183
04.10	*Careta*	"As vaporosas"	p. 30	VU – p. 184
04.10	*Careta*	"Cuidado!!"	p. 31	VU – p. 185
11.10	*Careta*	"O nosso caboclismo"	p. 32	MA – p. 69
11.10	*Careta*	"No 'mafuá' dos padres"	p. 34	VU – p. 186
15.10	*Dom Quixote*	"Um desafio histórico"	p. 36	VU – p. 188
18.10	*Careta*	"Providências policiais"	p. 39	MA – p. 97
18.10	*Careta*	"O repórter e o júri"	p. 40	CRJ – p. 127
25.10	*Careta*	"Falta de numerário"	p. 42	MA – p. 90
25.10	*Careta*	"É pequena"	p. 44	MA – p. 99
25.10	*Careta*	"Casos do júri"	p. 47	VU – p. 47

25.10	*Careta*	"Liga de Defesa Nacional"	p. 52	VU – p. 196
25.10	*A.B.C.*	"Variações sobre um artigo"	p. 54	FM – p. 131
25.10	*Careta*	"Cousas parlamentares"	P. 57	CRJ – p. 120
25.10	*Careta*	"Um debate acadêmico"	p. 59	VU – p. 197
[...].10/11	*Rev. Contemporânea*	"Levanta-te e caminha"		IL – p. 152
01.11	*Careta*	"Linhas de tiro"	p. 61	CRJ – p. 122
01.11	*Careta*	"Verdadeiro expoente"	p. 63	VU – p. 199
01.11	*Careta*	"Coerência"	p. 65	VU – p. 200
01.11	*Careta*	"Histórias de Niterói"	p. 69	VU – p. 203
15.11	*A.B.C.*	"Um domingo de discursos"	p. 70	FM – p. 196
15.11	*Careta*	"Efeitos de lei valetudinária"	p. 75	VU – p. 205
22.11	*Careta*	"Concurso para cozinha"	p. 76	VU – p. 206
22.11	*Careta*	"Novidades"	p. 78	VU – p. 207
22.11	*Careta*	"Podem fazer?"	p. 80	VU – p 209
29.11	*Careta*	"Festas nacionais"	p. 82	CRJ – p. 32
06.12	*Careta*	"Limites entre estados e municípios"	p. 84	VU – p. 210
13.12	*Careta*	"Academia de Letras"	p. 86	VU – p. 212
20.12	*Careta*	"O saldo"	p. 87	VU – p. 213
27.12	*Careta*	"Qualquer serve"	p. 89	VU – p. 214
27.12	*Careta*	"Política de distrito"	p. 91	VU – p. 216
[...].12]	*[A.B.C.]*	"Após a guerra"	p.92	BA – p. 285
[...][...]	*[Revista Sul]*	"Edificantes notas ao Southey"	p. 96	BA – p. 192
[...] [05]	*Livros Novos - Nº. 2*	"Coisas do jogo do 'bicho'" ("Sonhos e mágoas")		CRJ – p. 299

1920

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
10.01	*Careta*	"A sociedade e agricultura" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 205
17.01	*A.B.C.*	"Extravagâncias oficiais"	p. 101	FM - p. 127
17.01	*Careta*	"Coisas administrativas"	p. 104	CRJ – p. 34
24.01	*Careta*	"Como extinguir os gafanhotos" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 206
24.01	*Careta*	"Amor cinema e telefone"	p. 106	CRJ – p. 106
24.01	*Careta*	"Tribunal histórico republicano"	p. 108	CRJ – p. 109
31.01	*Careta*	"Criação de gado" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 208
31.01	*Careta*	"A lagarta rosada" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 210
	Careta	"Os percalços do budismo"	p. 110	MA – p. 176
	Careta	"A moda feminina"	p. 113	CRJ – p. 107
07.02	*Careta*	"A cultura da cana e a indústria da cana" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 212
13.02	*O Estado*	"O professor Jeremias"		IL – p. 170
14.02	*A.B.C.*	"*Hábeas corpus* perigoso"	p. 115	FM – p. 51
14.02	*[A Folha]*	"O caso de *A Folha*"	p. 119	FM – p. 251
14.02	*Careta*	"O pai da idéia"	p. 121	VU – p. 217
14.02	*Careta*	"O doutor Frontin e o feminismo"	p. 123	CRJ – p. 55
21.02	*Careta*	"Simples reparo"	p. 125	FM – p. 127
21.02	*Careta*	"Maravilhas da Amazônia" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 206

27.02	*[s.n.]*	"O cedro de Teresópolis"	p. 129	BA – p. 276
28.02	*[A.B.C.]*	"Duas relíquias"	p. 132	BA – p. 211
28.02	*Careta*	"Uma idéia"		IL – p. 195
[02.1920]	*[s.n.]*	"Sobre o carnaval"	p. 137	FM – p. 208
06.03	*[A.B.C.]*	"O 'negócio' da Bahia"	p. 141	BA – p. 267
06.03	*Careta*	"Uma outra"	p. 145	VU – p. 208
06.03	*Careta*	"Algodão e feijão" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 206
09.03	*O Estado*	"Otavio Carneiro"	p. 147	FM – p. 259
13.03	*Careta*	"Um problema"	p. 151	MA – p. 137
13.03	*[s.n.]*	"A universidade"	p. 152	CRJ – p. 13
13.03	*Careta*	"Assunto sério"	p. 155	CRJ – p. 155
13.03	*Careta*	"Cogumelos" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 206
20.03	*Careta*	"Queixa de defunto"	p. 157	VU – p. 221
27.03	*Careta*	"Os cachorros da 'Barra'"	p. 159	VU – p. 223
27.03	*A.B.C.*	"Legião da Mulher Brasileira"	p. 161	CRJ – p. 66
16.04	*[Gazeta de Notícias]*	"Livros de viagens"	p. 165	BA – p. 205
17.04	*[s.n.]*	"Memórias da guerra"	p. 171	FM p. 182
17.04	*Careta*	"A couve anã" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 206
24.04	*[s.n.]*	"Fabricantes de países"	p. 174	FM – p. 114
01.05	*Careta*	"Fala o corvo"	p. 177"	VU – p. 225
01.05	*Careta*	"Leite e seus derivados" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 206
02.05	*A.B.C.*	"Limites e protocolo"		IL – p. 147
08.05	*Careta*	"O doutor Gandola"	p. 179	MA – p. 102
08.05	*Careta*	"País rico"	p. 181	
22.05	*Careta*	"*Grève* inútil"	p. 182	CRJ – p. 175
22.05	*Careta*	"Amazonas do Assírio"	p. 183	CRJ – p. 129
20.05	*Careta*	"Uma idéia"	p. 184	CRJ – p. 130
01.06	*A Folha*	"Dois Meninos"		IL – p. 159
02.06	*Gazeta de Notícias*	"Mme. Pomery"		IL – p. 111
03.06	*[s.n.]*	"O meu almoço"	p. 186	FM – p. 280
05.06	*Careta*	"Cavendish, na Guanabara"	p. 191	VU – p. 227
[15].06	*Careta*	"Mina de ferro e aço"	p. 193	VU – p. 228
19.06	*Careta*	"Vantagens do *football"*	p. 195	VU – p. 230
29.05	*Careta*	"A propósito das aves" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 206
03.07	*Careta*	"Galos de briga" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 206
08.07	*Hoje*	"O Conselho Municipal e a arte"	p. 197	VU – p. 232
10.07	*Careta*	"Vocações"	p. 200	MA – p. 106
10.07	*Careta*	"Alta cultura"	p. 201	CRJ – p. 132
24.07	*Careta*	"Chapéus, etc."	p. 202	VU - 235

1920

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
24.07	*Careta*	"Instrumentos agrícolas" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 206
09.08	*[s.n.]*	"Um romancista pernambucano"		IL – p. 176
14.08	*Careta*	"Recitais"	p. 203	Ma – P. 108
14.08	*Careta*	"Animais domésticos" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 206
21.08	*Careta*	"Um sociólogo"	p. 205	CRJ – p. 133
21.08	*Careta*	"Insetos nocivos" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 206
28.08	*Careta*	"Megalomania"	p. 207	CRJ – p. 123
04.09	*Careta*	"Reis modernos"	p. 208	MA – p. 110

04.09	*Careta*	"O tal 'dia'"	p. 209	VU – p. 236
04.09	*Careta*	"Plumagem para chapéus" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 206
11.09	*Careta*	"Acumulações e comendas"	p. 210	CRJ – p.134
11.09	*Careta*	"Madeiras de lei" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 206
18.09	*Careta*	"Papel-moeda"	p. 211	VU – p. 237
18.09	*Careta*	"Cercas" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 206
25.09	*Careta*	"Os grandes trapaceiros"	p. 213	CRJ – p. 135
25.09	*Careta*	"A universidade"	p. 215	CRJ – p. 13
25.09	*Careta*	"Banquetes"	p. 216	CRJ – p. 138
16.10	Careta	"Uma anedota"	p. 218	VU – p. 238
16.10	*Careta*	"A jaca" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 206
23.10	*Careta*	"Sobre a arte culinária"	p. 219	VU – p. 239
[23.10]	*Careta*	"Como é?"	p. 221	MA – p. 188
23.10	*Careta*	"O rei e a galeota"	p. 222	CRJ – p. 111
23.10	*Careta*	"Macaquitos"	p. 224	CRJ – p. 140
26.10	*Gazeta de Notícias*	"Estudos"		IL p. 117
30.10	*Careta*	"A freqüência escolar"	p. 225	MA – p. 112
30.10	*Careta*	"Arte de Vatel" ("Hortas e Capinzais")	p. 226	CRJ – p. 206
05.11	*Careta*	"Plantação de galinhas" ("Hortas e Capinzais")		CRJ – p. 235
13.11	*Careta*	"Carta aberta, ao jeito dos bilhetes de João do Rio"	p. 228	VU – p. 241
13.11	*Careta*	"Arte culinária"	p. 229	CRJ – p. 141
04.12	*Careta*	"O Haroldo"	p. 230	MA – p. 113
04.12	*Careta*	"Divertimento?"	p. 232	MA – p. 115
04.12	*Careta*	"'Encrencas nacionais'"	p. 234	CRJ – p. 29
04.12	*Careta*	"Fato inédito"	p. 235	CRJ – p. 89
04.12	*Careta*	"Os tais higienistas"	p. 237	CRJ – p. 142
11.12	*Careta*	"Sabedoria esverdinhada"	p. 239	CRJ – p. 144
15.12	*Careta*	"O destino do Chaves"	p. 241	CRJ – p. 146
[...].[...]	*[s.n.]*	"Anúncios... anúncios..."	p. 243	FM – p.43
[... [.]...]	*[A.B.C.]*	"Homem ou boi de canga"	p. 247	BA – p. 272
[...].[...]	*[A.B.C.]*	"Mais uma vez"	p. 251	BA – p. 289
[...].[...]	*[A.B.C.]*	"A nossa situação"	p. 254	BA – p. 293
[...].[...]	*[A.B.C.]*	"Dous livros"	p. 259	BA – p. 217
[...].]...]	*[A.B.C.]*	"Sestros brasileiros"	p. 263	BA – p. 234
[...].[...]	*[s.n.]*	"Uma simples nota"	p. 267	BA – p. 245

1921

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
01.01	*Careta*	"Uma conferência esportiva"	p. 273	CRJ – p. 148
02.01	*Gazeta de Notícias*	"A questão dos 'poveiros'"	p. 278	MA – p. 25
08.01	*Careta*	""'Mansão Olímpica' e os 'apedidos"	p. 285	VU – p. 242
08.01	*A.B.C.*	"D'Annunzio e Lenin"	p. 288	FM – p. 202
08.01	*Careta*	"Seria o suco"	p. 292	CRJ – p. 153
[15.01]	*Careta*	"O cultivo do jerimum"	p. 297	MA – p. 168
16.01	*[Gazeta de Notícias]*	"A s reformas e os 'doutores'"	p. 299	FM – p. 229
22.01	*Careta*	"Coisas de 'mafuá'"	p. 307	MA – p. 120
22.01	*Careta*	"O Império de Petrópolis"	p. 309	CRJ – p. 36
22.01	*Careta*	"Uma opinião de peso".	p. 311	CRJ – p. 159

05.02	*Careta*	"O poderoso doutor Matamorros"	p. 313	CRJ – p. 161
05.02	*A.B.C.*	"A obra de um ideólogo"		IL – p. 123

1921

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
19.02	*Careta*	"As mulheres na Academia"	p. 317	CRJ – p. 156
19.02	*Careta*	"Coisas jurídicas"	p. 318	CRJ – p. 157
19.02	*Careta*	"A grève da Cantareira"	p. 319	CRJ – p. 164
26.02	*Careta*	"Eleições"	p. 321	CRJ – p. 84
26.02	*Careta*	"Automóveis oficiais"	p. 323	CRJ – p. 166
05.03	*Careta*	"O motivo da zanga"	p. 325	FM – p. 107
05.03	*A.B.C.*	"Poesia e poetas"		IL – p. 215
12.03	*Careta*	"Os doutores militares da Polícia"	p. 329	CRJ – p. 168
13.03	*Careta*	"Fábricas e arsenais bélicos"	p. 330	CRJ – p. 170
19.03	*A.B.C.*	"Os médicos e o espírita"	p. 333	FM – p. 55
19.03	*[Careta]*	"Leitura de jornais"	p. 337	FM – p. 103
26.03	*Careta*	"Uma entrevista"	p. 341	MA – p. 123
09.04	*[A.B.C.]*	"Educação física"	p. 342	FM – p. 111
09.04	*Careta*	"A questão dos telefones"	p. 344	VU – p. 245
09.04	*Careta*	"O reconhecimento"	p. 346	CRJ – p. 86
16.04	*Careta*	"Mas... esses americanos..."	p. 348	VU – p. 246
16.04	*Careta*	"O nosso feminismo"	p. 349	CRJ – p. 53
23.04	*Careta*	"Até Mirassol I"	p. 351	MA – p. 47
23.04	*A.B.C.*	"Contradições à margem de um livro"		IL – p. 77
30.04	*Careta*	"Até Mirassol II"	p. 355	MA – p. 47
30.04	*Careta*	"A prenda"	p. 358	MA – p. 125
01.05	*[Rev. Souza-Cruz]*	"Manuel de Oliveira"	p. 361	FM – p. 224
07.05	*Careta*	"Até Mirassol III"	p. 356	MA – p. 47
07.05	*A.B.C.*	"Sobre uma obra de Sociologia"		IL – p. 236
11.05	*Gazeta de Notícias*	"A obra do criador de Jeca-Tatu"		IL – p. 107
14.05	*Careta*	"Dias de roça"	p. 364	MA – p. 55
[14.05]	*Careta*	"A Liga do Coração"	p. 366	MA – p. 173
25.06	*Careta*	"Generosidade"	p. 368	MA – p. 76
25.06	*[Careta]*	"A origem do homem"	p. 370	FM – p. 87
09.07	*Careta*	"Alto comércio"	p. 372	VU – p. 249
09.07	*Careta*	"Voto feminino"	p. 374	CRJ – p. 57
[16.07]	*Careta*	"Feiras livres"	p. 377	VU – p. 248
16.07	*Careta*	"Pobre Euclides!"	p. 378	FM – p. 90
23.07	*Careta*	"Com o Liró"	p. 381	VU – p. 251
23.07	*Careta*	"A revolta do mar"	p. 383	VU – p. 253
23.07	*A.B.C.*	*"À margem do Coivara, de Gastão Cruls"*		IL – p. 86
28.07	*[Gazeta de Notícias]*	"Feiras e mafuás"	p. 385	FM – p. 21
30.07	*Careta*	"Medidas de emergência"	p. 390	VU – p. 255
30.07	*Careta*	"Coisas de Jambon"	p. 392	CRJ – p. 27
06.08	*Careta*	"O conde e o visconde; dois generosos"	p. 394	VU – p. 256
06.08	*Careta*	"Botafogo e os pró-homens"	p. 397	VU – p. 259
06.08	*A.B.C.*	"A túnica de Néssus das leis"	p. 399	
13.08	*Careta*	"A minha candidatura"	p. 402	MA – p. 44
13.08	*Careta*	"A pescaria"	p. 403	VU – p. 261
20.08	*Careta*	"Caridades..."	p. 404	MA – p. 130

20.08	*Careta*	"Vejam só"	p. 405	VU – p. 262
27.08	*Careta*	"Uma nota"	p. 406	MA – p. 128
27.08	*Careta*	"'Prensas' e 'guitarras'"	p. 407	CRJ – p. 173
10.09	*Careta*	"Atribulações de um autor"	p. 408	CRJ – p. 113
10.09	*Careta*	"Um fiscal de jogo"	p. 410	CRJ – p. 174
10.09	*A.B.C.*	"Urbanismo e roceirismo"		IL – p. 103
17.09	*Careta*	"Graças a Deus!"	p. 412	
[24.09]	*[Gazeta de Notícias]*	"Carta aberta"	p. 414	
24.09	*Careta*	"Doux pays"	p. 416	CRJ –p. 177
24.09	*A.B.C.*	"Um romance de Botafogo"		IL – p. 229
27.09	*Rio-Jornal*	"A poliantéia das burocratas"	p. 418	CRJ – p. 60
01.10	*[Careta]*	"Falar inglês"	p. 423	MA – p. 257
01.10	*[A.B.C.]*	"O meu conselho..."	p. 426	FM – p. 169
01.10	*[Careta]*	"Bendito *football*"	p. 432	FM – p. 93
01.10	*Careta*	"Estupendo melhoramento"	p. 435	VU – p. 265
01.10	*Careta*	"Declaração necessária"	p. 437	VU – p. 263
06.10	*[Gazeta de Notícias]*	"A estação"	p. 439	FM – p.145

1921

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
08.10	*[Careta]*	"Método confuso"	p. 447	FM – p. 98
08.10	*Careta*	"A lógica do maluco"	p. 450	VU – p. 266
08.10	*A.B.C.*	"Importância da dança no intercambio comercial"	p. 452	CRJ – p. 43
29.10	*Careta*	"Academia de Moços"	p. 457	MA – p, 135
29.10	*Careta*	"Manifestações políticas"	p. 458	CRJ – p. 179
26.11	*Careta*	"15 de Novembro"	p. 460	MA –p. 35
26.11	*A.B.C.*	"O fabricante de diamantes"	p. 461	VU – p. 269
out./nov.	*Rev. Souza-Cruz*	"O destino da literatura"		IL – p. 51
17.12	*Careta*	"Bônus da Independência"	p. 464	MA – p. 166
17.12	*Careta*	"Em Petrópolis"	p. 466	CRJ – P. 181
17.12	*A.B.C.*	"Aos poetas"		IL – p 221
21.12	*[Gazeta de Notícias]*	"O trem dos subúrbios"	p. 467	FM – p. 241
24.12	*A.B.C.*	"Um livro desabusado"		IL – p. 198
26.12	*Rio-Jornal*	"Tudo junto"		IL – p. 224
31.12	*Careta*	"Egresso de Petrópolis"	p. 472	CRJ – p. 182
31.12	*Careta*	"O Senhor Diabo"		IL – p. 191
31.12	*A.B.C.*	"A lógica da vida"		Il – p. 204

1922

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
07.01	*A.B.C.*	"Será sempre assim?"	p. 477	MA – p. 170
07.01	*[Careta]*	"Feminismo e voto feminino"	p. 480	CRJ – p. 70
07.01	*[Careta]*	"As glórias do Brasil"	p. 482	FM – p. 270
14.01	*A.B.C.*	"Variações..."	p. 484	MA – p. 184
14.01	*[Careta]*	"O encerramento do Congresso"	p. 487	FM – p. 273
14.01	*Careta*	"O pré-carnaval"	p. 489	VU – p. 271
16.01	*Rio-Jornal*	"Como resposta"	p. 515	MA – p. 71

21.01	*[Careta]*	"O feminismo invasor"	p. 491	CRJ – p. 70
28.01	*[Careta]*	"Relíquias, ossos e colchões"	p. 494	FM – p. 83
28.01	*Careta*	"Enfermeiras loiras e mosquitos zumbidores"	p. 497	FM – p. 276
07.02	*Gazeta de Notícias*	"Bailes e divertimentos suburbanos	p. 499	MA – p. 61
18.02	*Careta*	"O que se dirá 'deles'"	p. 505	CRJ – p. 96
04.03	*Careta*	"Carnaval e a eleição do 'bambã'"	p. 508	VU – p. 273
11.03	*Careta*	"*A Maçã* e a polícia"	p. 510	MA – p. 74
11.03	*Careta*	"Paulino e o 'mafuá'"	p. 511	VU – p. 275
11.03	*Careta*	"O carnaval e a morte"	p. 512	CRJ – p. 184
25.03	*Careta*	"Escola de enfermeiras"	p. 513	CRJ – p. 92
01.04	*Careta*	"Teias de aranha"	p. 514	MA – p. 142
08.04	*Careta*	"Como resposta"	p. 515	MA – p. 71
08.04	*Careta*	"O feminismo em ação"	p. 517	CRJ – p. 73
08.04	*A.B.C.*	"Um livro luxuriante"		IL – p. 211
15.04	*Careta*	"Na Avenida"	p. 519	CRJ – p. 185
17.04	*O País*	"História de um mulato"		IL – p. 92
06.05	*Careta*	"Ainda e sempre"	p. 520	MA – p. 148
06.05	*Careta*	"Uma atuação de D. Berta"	p. 521	CRJ – p.187
27.05	*Careta*	"Comédia nacional"	p. 522	MA – p. 144
27.05	*Careta*	"Melhoramentos"	p. 523	MA – p. 146
03.06	*Careta*	"Feminismo internacional"	p. 524	MA – p. 147
03.06	*Careta*	"Iaiá das Marimbas"	p. 525	MA – p. 149
03.06	*Careta*	"Não queria, mas..."	p. 526	MA – p. 150
17.06	*Careta*	"Bilhete"	p. 527	MA – p.93
24.06	*Careta*	"No próximo centenário"	p. 529	MA – p. 151
01.07	*Careta*	"O *football"*	p. 531	MA – p. 153
08.07	*Careta*	"Bilhete"	p. 532	VU – p. 276
08.07	*Careta*	"Transatlantismo"	p. 533	VU – p. 278
22.07	*Hoje*	"Palavras de um simples"	p. 534	MA – p. 58
22.07	*Careta*	"Vestidos modernos"	p. 536	MA – p. 89
22.07	*Careta*	"O 'Estácio' atual"	p. 537	MA – p. 158
22.07	*Careta*	"O futurismo"	p. 538	FM – p. 67

1922

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
29.07	*Careta*	"De Cascadura ao Garnier"	p. 540	MA – p. 83
29.07	*Careta*	"Poetas"		IL – 194
05.08	*Careta*	"Hotel Sete de Setembro"	p. 542	MA – p. 33
05.08	*Careta*	"Lei de Imprensa"	p. 543	CRJ – p. 48
05.08	*A.B.C.*	"Elogio do amigo"		IL – p. 140
12.08	*A.B.C.*	"O nosso feminismo"	p. 544	VU – p. 279
12.08	*Careta*	"Livros"		IL – p. 69
19.08	*[Careta]*	"Rocha, o guerreiro"	p. 546	MA – p. 261
19.08	*[Careta]*	"Um do povo"	p. 547	MA – p. 262
26.08	*Careta*	"O telefone e seu inventor"	p. 549	MA – p. 156
26.08	*A.B.C.*	"O nosso esporte"	p. 551	VU – p. 281
26.09	*Careta*	"Os enterros de Inhaúma"	p. 553	FM – p. 287
02.09	*Careta*	"A comédia brasileira"	p. 557	MA – p. 154
02.09	*Careta*	"Na segunda classe"	p. 559	CRJ – p. 188

02.09	*Careta*	"Fetiches e fantoches"		IL – p. 169
09.09	*Careta*	"Este sujeito"	p. 561	VU – p. 283
30.09	*Careta*	"Uma iniciativa"	p. 562	MA – p. 160
30.09	*Careta*	"O centenário"	p. 563	CRJ – p. 114
07.10	*Careta*	"Pedro I e José Bonifácio"	p. 565	MA – p. 161
07.10	*Careta*	"Congressos"	p. 567	CRJ – p. 116
14.10	*Careta*	"Novos ministérios"	p. 569	CRJ – p. 194
[...].[...]	*Careta*	"Estética de 'ferro'"		IL – p. 220

PUBLICAÇÕES PÓSTUMAS

1922

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
11.11	*Careta*	"Exportação de frutas"	p. 571	CRJ – p. 189
11.11	*Careta*	"Médicos e gramáticos"	p. 572	CRJ – p. 190
11.11	*Careta*	"Uma surpresa da Exposição"	p. 574	CRJ – p. 192
18.11	*Careta*	"Herói!"	p. 576	CRJ – p. 196

1924

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	TODA CRÔNICA	COLEÇÃO BRASILIENSE
11.11	*Careta*	"Exportação de frutas"	p. 571	CRJ – p. 189
11.11	*Careta*	"Médicos e gramáticos"	p. 572	CRJ – p. 190
11.11	*Careta*	"Uma surpresa da Exposição"	p. 574	CRJ – p. 192
18.11	*Careta*	"Herói!"	p. 576	CRJ – p. 196

TABELA – III
LEITORES DE LIMA BARRETO NA IMPRENSA

EM VIDA - 1907 – 1922

1907

DATA	PERIÓDICO/SEÇÃO	TÍTULO	AUTORIA
09.12.1907	Jornal do Commercio Revista Literária	[s.t.]	José Veríssimo

1909

DATA	PERIÓDICO/SEÇÃO	TÍTULO	AUTORIA
15.13.1909	A Notícia – RJ	"Crônica Literária"	Medeiros Albuquerque (sob pseudônimo J. Santos)
16.12.1907	Diário de Notícias – RJ	"Crônica Literária"	Alcides Maia (sob pseudônimo A.)
24.12.1907	ABC - RJ	"Um livro desabusado"	?

1913

DATA	PERIÓDICO/SEÇÃO	TÍTULO	AUTORIA
16.11.1913	Gazeta Mercantil Juiz de Fora/MG	"Recordações do escrivão Isaias Caminha"	Mario Matos

1916

DATA	PERIÓDICO/SEÇÃO	TÍTULO	AUTORIA
20.02.1916	A Época	Entrevista c/LB	(Vicente Piragibe?)
09.04.1916	Jornal do Commercio - RJ Livros Novos	"Triste fim de Policarpo Quaresma" (?)	Vitor Viana

15.05.1916	A Vida de Minas – MG	“O pessimismo construtor de Lima Barreto”	F. L. de Assis Viana
25.05.1916	A Rua – RJ	“Lima Barreto, etc.”	José Oiticica
25.05.1916	A Rua – RJ	“Lima Barreto. O triste fim de Policarpo Quaresma”	José Oiticica

1916

DATA	PERIÓDICO/SEÇÃO	TÍTULO	AUTORIA
10.06.1916	Revista - A Lusitana	“Impressões literárias”	Jackson de Figueiredo[1]
14.07.1916	Gazeta de Notícias – RJ	“Lima Barreto: Triste fim de Policarpo Quaresma”	Carlos Eduardo (pseudônimo de J. Brito)
27.07.1916	A Notícia – RJ	“O Sr. Lima Barreto, romancista”	Antonio Torres
??.09.1916	Jornal do Commercio – RJ (?)	“Triste fim de Policarpo Quaresma”	Vitor Viana
13.11.1916	O Estado de São Paulo – SP	“Policarpo Quaresma”	Oliveira Lima[2]

1917

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
04.03.1917	Jornal do Commercio – RJ	“Triste fim de Policarpo Quaresma/Numa e Ninfa”	Veiga Miranda
07.05.1917	O Imparcial – RJ[3]	“Numa e Ninfa”	João Ribeiro[4]
01.06.1917	Jornal do Commercio – RJ	“Numa e Ninfa”	Vitor Viana
18.08.1917	O Estado de São Paulo – SP	“O novo romance de Lima Barreto”	Oliveira Lima
19.08.1917	A Notícia	“Prêmios Literários”	Antonio Torres

1918

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
01.12.1918	(?)	(?)	Hélio Lobo

1919

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA

(?)	Revista do Brasil – SP (39) 352, 1919	“Vida e morte de J. Gonzaga de Sá”	Monteiro Lobato
01.04.1919	Jornal do Commercio - RJ	“Vida e morte de J. Gonzaga de Sá”	João Ribeiro[5]
01.04.1919	Jornal do Commercio – RJ	“Lima Barreto”	Vitor Viana
18.06.1919	O Jornal – RJ	“Um discípulo de Machado”	Tristão de Athayde[6]
30.04.1919	A Época – RJ 14(83): 21	“Vida e morte de J. Gonzaga de Sá”	(?)
13.05.1919	Rio-Jornal – Niterói/RJ	“Entrevista sobre *football*”	(?)

1920

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
30.01.1920	A Folha – RJ	“Lima Barreto no hospício. Uma interessante palestra com o notável romancista”	(?)

1921

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
18.01.19121	A Tribuna – RJ	“Histórias e sonhos”	Austregésilo de Ataíde
??.02.19121	Revista Souza - Cruz – RJ	“Histórias e sonhos”	Hélio Leal de Souza

1922

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
02.11.1922[7]	A Noite – RJ	“Lima Barreto”	J. A. Silva Pereira
02.11.1922	O Imparcial - RJ Ano XI – nº. 1438	“Morreu Lima Barreto!”	[s.n.]
03.11.1922	Correio da Manhã Ano XXIII – nº. 8643	“A morte de Lima Barreto”	[s.n.]
03.11.1922	O Jornal – RJ	“Lima Barreto. A sua morte”	[s.n.]
03.11.1922	O Imparcial – RJ Ano XI – nº. 1439	“Foi sepultado, hontem, o corpo de Lima Barreto”	[s.n.]

05.11.1922	Jornal do Brasil - RJ	“Henrique. A sereia”	Coelho Neto (verificar)
20.11.1922	O Paiz	“A morte do mestre”	Enéas Ferraz

PÓSTUMA
1923 – 1949

1923

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
24.01.1923	A Província – Recife/PE	“Lima Barreto”	Sylvio Rabello
??.04.1923	Revista do Brasil – SP	“Lima Barreto”	Sylvio Rabello

1924

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
??.02.1924	Revista Souza-Cruz – RJ	“Lima Barreto em silhueta”	Murilo Araújo

1926

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
08.09.1926	A Tribuna – RJ	“Inconvenientes de Rosny”	A. J. Pereira

1927

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
10.11.1927	A Manhã – RJ	“O grande mariano”	Gondim da Fonseca

1928

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
04.01.1928	Jornal do Brasil	(não consta do livro, republicação?)?	João Ribeiro

1929

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
23.07.1929	O Estado de São Paulo – SP	“Lima Barreto. Perfil do escritor”	João Ribeiro

1930

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
22.11.1930	Jornal do Brasil – RJ	“Lima Barreto”	Gastão Penalva

1932

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
	Boletim de Ariel – RJ 2(2): 30	“O triste fim de Policarpo Quaresma”	Adoasto Barbosa

1933

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
04.09.1933	O Globo	“Duas cartas inéditas de Lima Barreto”	???

1935

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
??.??.1935	Publicações da Academia Brasileira de Letras 1(2): 27-53	“Lima Barreto”	Phocion Serpa
27.01.1935	O Jornal – RJ Segunda Seção	“Lima Barreto”	Agripino Grieco
12.03.1935	Diário de Pernambuco – PE	“Lima Barreto”	José Maria Bello
02.09.1935	Amanhã – RJ	“Lima Barreto, escritor popular”	Jorge Amado
22.09.1935	Maranhão – São Luis/MA	“Lima Barreto foi um fracassado?”	Hélio Silva

1936

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
25.01.1936	Vida Nova – RJ 11(279)	“Primeiro contacto com Lima Barreto”	B. Quadros[8] (pseudônimo de A. Noronha Santos)
16.02.1936	Jornal do Brasil – RJ	“A chave de Isaías”	Modesto de Abreu

1938

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
??.09.1938	Visão Brasileira - ?? Nº. 3	“Lima Barreto e as três categorias de literatos”	Domingos Ribeiro Filho
	Dom Casmurro – RJ	“Vida e morte de Lima Barreto”	Amadeu Amaral Junior
26.11.1938	Dom Casmurro – RJ	“Lima Barreto, o ressuscitado”	Cordeiro de Andrade

1939

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
26.08.1939	A Gazeta – SP	“A vagabundagem lírica de Lima Barreto”	Brito Broca

1940

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
29.08.1940	Vamos Ler! – RJ Nº. 213	“A verdade sobre Lima Barreto”	Nicolao Ciancio
24.09.1940	Correio Paulistano – São Paulo/SP	“Reedição das obras de Lima Barreto”	Geraldo Mendes de Carvalho Barros
17.11.1940	O Jornal – RJ	“Aspectos da vida boêmia de Lima Barreto”	Garcia Junior

1941

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
10.04.1941	Vamos Ler! – RJ	“Afonso Henriques de Lima Barreto”	Silvio da Fonseca
15.04.1941	Euclydes – RJ	“Em homenagem a Lima Barreto”	[s.n.]

1942

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
05.10.142	Diário da Manhã – RJ	"Anedotário de Lima Barreto"	Antonio Noronha Santos
Nov./Dez. 1942	Pan Estadual – RJ (pp. 5-7)	"Lima Barreto e Afrânio Peixoto" (em torno de dois romances a *clef*)	Antonio Noronha Santos

1943

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
15.05.1943	Diário de Notícias – RJ Seção - 2	"A história e os botequins"	Osório Borba
18.04.1943	A Manhã – RJ Suplemento Literário Ano III - 4(13): 193[9]	"Notícia sobre Lima Barreto"	[s.n.]
18.04.1943	A Manhã – RJ Suplemento Literário Ano III 4(13): 202	"O mais brasileiro de nossos romancistas"	Agripino Grieco
01.05.1943	Diário da Manhã – Niterói/RJ	"A legenda de Lima Barreto"	Antonio Noronha Santos
22.05.1943	Dom Casmurro – RJ 7(302): 6	"A legenda de Lima Barreto"	Antonio Noronha Santos
23.05.1943	A Manhã – RJ Suplemento Literário Ano III 4(13): 265	"Sobre Lima Barreto"	José Lins do Rego
23.05.1943	A Manhã – RJ Suplemento Literário Ano III ?(??): ???	"Dois aspectos sobre Lima Barreto"	Antonio Noronha Santos
23.05.1943	A Manhã – RJ Suplemento Literário Ano III 10(17): ???	"Notícia sobre Lima Barreto"	[s.n.]

1943

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
24.07.1943	Dom Casmurro – RJ 7 (311):?	"Triste fim de Policarpo Quaresma"	E. Di Cavalcanti
13.08.1943	Leitura – RJ Ano I – (9): 13 Revista do Brasil – SP	"Lima Barreto sentiu o Brasil"	Caio Prado Junior
Dez.1943	Ano VI – (56): ?	"O Lima Barreto que eu conheci"	José Vieira

1945

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
10.06.1945	Gazeta de Notícias – RJ Suplemento Literário	"O grupo de Lima Barreto"	Astério de Campos

1946

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
??.??.????	Diário de Notícias – RJ	"À margem de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*"	?
22.09.1946	Seção Letras e Artes		Paulo Ronai

1947

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
14/21/28. 091947	Folha de São Paulo – SP 4º caderno	"Correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto"	Edgard Cavalheiro

1948

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
Jul.1948	Atualidades Literárias – SP	"Policarpo Quaresma. Nosso D. Quixote"	Francisco de Assis Barbosa
18.07.1948	Vamos Ler! – RJ	"O anedotário de Lima Barreto"	Raimundo Silva

22.07.1948	O Globo – RJ	“Lima Barreto em boa edição”	José Lins do Rego
12.08.1948	Correio Paulistano – SP	“Correspondência”	Antonio Noronha Santos
22.09.1948	O Globo – RJ	“Lima Barreto”	Henrique Feltrini Pongetti
29.09.1948	O Estado de São Paulo – SP	“Lima Barreto”	Raimundo de Menezes
07.10.1948	Jornal do Commercio – RJ	“Bonecos de miolo de pão”	Paulo da Silveira
22.10.1948	O Diário – Santos/SP	“Lima Barreto”	Candido Mota Filho
24.10.1948	A Tribuna - Santos/SP	“À margem dos livros”	Álvaro Augusto Lopes
Nov.1948	Resenha Literária – Recife/PE	“A propósito de uma carta de Lima Barreto”	Perminio Asfora

1948

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
16.11.1948	Folha da Tarde – Porto Alegre/RS	“Vai ficar”	Henrique Pongetti
20.11.1948	A Gazeta – São Paulo/SP	“Os prelos trabalham...”	Menotti Del Picchia
19.12.1948	Jornal de Notícias – São Paulo/SP	“Lima Barreto”	Fernando Jorge
20.12.1948	Folha de Minas – BH/MG	“Machado de Assis e Lima Barreto”	J. C. Oliveira Torres
24.12.1948	O Estado de São Paulo – SP	“Policarpo Quaresma”	Alphonsus Guimarães
29.12.1948	Correio Paulistano – SP	“Lima Barreto”	Nelson Werneck Sodré

1949

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
04.01.1949	Correio Paulistano – SP	“Botafogo”	Nelson Werneck Sodré
22.01.1949	A Gazeta – São Paulo/SP	“Perspectiva de um romancista”	Brito Broca
22.01.1949	Diário de Notícias – RJ Seção Letras e Artes	“Um leitor escandalizado”	Sérgio Buarque de Holanda
23.01.1949	Diário de Notícias – RJ Seção Letras e Artes	“Em torno de Lima Barreto”	Sérgio Buarque de Holanda[10]
24.01.1949	A Gazeta – SP/SP	“O subúrbio e a cidade”	Brito Broca
30.01.1949	Diário de Notícias – RJ Seção Letras e Artes	“Ainda Lima Barreto”	Sérgio Buarque de Holanda[11]

Mar.1949	Arte jovem – RJ/RJ Ano II Nº. 3	"Lima Barreto"	Oscar Medeiros
03.04.1949	Folha de Minas – BH/MG	"Lima Barreto, filósofo do jornalismo"	Vivaldi Moreira
20.03.1949	Diário de Notícias – RJ Seção Letras e Artes	"As duas chaves de Isaías Caminha"	Francisco de Assis Barbosa
27.03.1949	Diário de Notícias – RJ	"Lima Barreto, Edmundo Bittencourt e o editor"	[s.n.] ?
08.05.1949	Diário de São Paulo – SP/SP	"*Floc* – Um personagem frustrado"	João Pacheco
11.06.1949	Revista O Cruzeiro – RJ Ano 21 Nº. ?	"Trecho da iniciação literária"	Austregésilo de Athayde
12.06.1949	Folha de Minas Literária – BH/MG	"Recordações do escritor Lima Barreto"	José Nava
26.06.1949	Diário de São Paulo – SP/SP 3ª seção - pg. 1	"Lima Barreto"	Carlos Burlamaqui Kopke
12.07.1949	Folha de Minas – BH/MG	"Recordações do escritor Afonso Henriques"	José Nava
01.10.1949	Revista O Cruzeiro – RJ Ano 21 Nº. 50	"Excertos de notas diárias"	Austregésilo de Athayde
12.11.1949	Folha da Manhã - SP/SP	?????	Osmar Pimentel

1950 -1969

1951

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
25.02.1951	Jornal do Commercio – RJ	"Atualidade de Lima Barreto"	Modesto de Abreu
14.09.1952	Diário de Notícias – RJ	"Lima Barreto"	Rachel de Queiroz
15.09.1952	O Globo – RJ Seção O Globo nas Letras	"A vida de Lima Barreto"	Antonio Olinto
17.09.1952	O Estado de São Paulo – SP/SP	"Lima Barreto"	Sérgio Milliet
05.10.1952	Diário Carioca – RJ	"Lima Barreto"	Sérgio Buarque de Holanda
25.10.1952	A Gazeta – SP/SP	"A tragédia de Lima Barreto"	Brito Broca

30.11.1952	O Estado de São Paulo – SP	“Lima Barreto”	Wilson Martins

1956

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
26.10.1956	Diário de Notícias – RJ/RJ Seção Letras e Artes	“Bicho e polícia”	Raimundo Magalhães Junior

1957

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
06.01.1957	Diário de Notícias – RJ/RJ Seção Letras e Artes	“Um romance político da República Velha”	Raimundo Magalhães Junior
Dez.1957	Revista do Livro V.2 Nº. 8	“Lima Barreto precursor do romance social”	Francisco de Assis Barbosa

1959

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
Jun. 1959	Jornal das Letras	“Sobre Lima Barreto e seu biógrafo”	Antonio Houaiss[12]
23.08.1959	O Diário – BH/MG	“Lima Barreto”	J. C. Oliveira Torres
23.08.1959	Jornal do Commercio – RJ	“Uma biografia”	Adonias Filho

1962

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
26.05.1962	Leitura – RJ/RJ	“O personagem sumido. A propósito de Recordações do escrivão Isaías Caminha”	Raul Lima
25.08.1962	O Estado de São Paulo – SP 19(59)	“O mulato que se vestiu”	Antonio Augusto Soares Amora

1965

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
01.07.1965	Jornal do Brasil – RJ	“O Carlito brasileiro”	Alceu Amoroso lima

1970

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
Abr/mai/jun. 1970	Revista do Livro – RJ Ano XIII nº. 41 (pp. 42)	“Livros novos de 1920”	Fernando Sales

1970 – 2005

1972

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
28.10.1972	Jornal do Brasil - RJ	“O Triste fim de Policarpo Quaresma. O panfletário Lima Barreto”	?
28.10.1972	Jornal do Brasil – RJ Dossier Livro	“Em defesa de seus horizontes”	?
07.11.1972	O Globo – RJ	“Lima Barreto: o futebol ganhou inimigo com a discriminação”	Jota Efegê (pseudônimo de...)

1976

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
27.03.1976	Correio do Povo – Porto Alegre/RS	“Lima Barreto: necessariamente o primeiro modernista”	Mario Arias Perez

1976

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
13.05.1976	Jornal do Brasil Caderno B	“Não silenciou sobre seu tempo”	Osman Lins [13]
03.07.1976	???	“Um preconceito que a literatura não consegue disfarçar”	O. C. Louzada Filho[14]

17.10.1976	O Estado de São Paulo – SP Suplemento Cultural	“Os olhos, a barca e o espelho”	Antonio Cândido[15]

1978

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
17.06.1978	Jornal do Brasil – RJ Caderno Livro	“Lima Barreto e o grande realismo”	Paula Beiguelman

1979

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
28.07.1979	Suplemento Literário de Minas Gerais – BH/MG	“Perfil de Lucrécio”	Enéas Athanazio

1981

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
Fev./mar. 1981	Jornal das Letras	“Lima Barreto”	Raul Xavier
Mai. /jun. 1981	Leia Livros V. 4, nº.35	“Cem anos de \lima Barreto: o maroto”	Moacyr Scliar
??.??.1981	Diário de Notícias – RJ Autores e |Livros	?	?

1982

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
Nov. 1982	Revista da Associação dos Antigos Funcionários do Banco do Brasil	“Tributo a Lima Barreto”	Nelson Bravo

1985

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
??.??.1985	Revista do Brasil	“O bandido tímido”	Dirce Cortes Riedel

1986

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
Ago. 1986	D. O. Lanterna – SP	“Lima Barreto, a agricultura e o Marechal Floriano”	José batista de Lima

1987

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
10.01.1987	O Estado de São Paulo – SP	“O Brasil quer seu homem. Sem sotaque”	C. O. Louzada Filho

1989

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
??.??.1989	Revista do Brasil	“A mal amada de Lima Barreto”	Dirce Cortes Riedel

1990

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
03.02.1990	Suplemento Literário de Minas Gerais – BH/MG	“Lima Barreto e o teatro”	Enéas Athanazio

1998

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
11.01.1198	O Estado de São Paulo – SP, Caderno “Especial - Domingo”	“Posfácio”.	Carlito Azevedo[16]

1999

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
11.09.199	Folha de São Paulo – SP Jornal de Resenhas	“Entre agulhas e preconceitos”	Antonio Arnoni Prado

2002

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
10.05.2002	O Estado de São Paulo – SP Caderno 2 – Cultura	“O modernismo precursor de Lima Barreto”	Ubiratan Brasil

2003

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
04.01.12003	Folha de São Paulo – SP Folha Ilustrada	“Atrás da muralha do silêncio”	Nicolau Sevcenko
05.01.2003	O Estado de São Paulo – SP Caderno 2 – Cultura	“As lutas de Lima Barreto”	Ubiratan Brasil

2004

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
08.09.2004	Diário de São Paulo – SP	“Policarpo Quaresma”	José da Silva Lisboa
04.12.2004	Folha de São Paulo – SP Folha Ilustrada	“O marginal imortal”	Luiz Fernando Vianna

2005

DATA	PERIÓDICO	TÍTULO	AUTORIA
	O Estado de São Paulo Caderno 2 – Cultura	“A história dos vencidos”	Luiz Ruffato

[1] Esta crítica está como prefácio de Feiras e mafuás na edição das obras completas da Editora Brasiliense. VOL.X. BARRETO, A.H. Lima. Feiras e mafuás. SP: Brasiliense, 1961. (pp. [9-14]).

[2] Esta crítica está como prefácio de Triste fim de Policarpo Quaresma na edição das obras completas da Editora Brasiliense, Vol. II. BARRETO, A.H.Lima. Triste fim de Policarpo Quaresma. SP: Brasiliense, 1959. (pp. [9-13]).

[3] Além de Numa e Ninfa, João Ribeiro também faz a crítica do livro de Raul Azevedo Amores de gente nova.

[4] Publicado em livro por João Ribeiro – Crítica - Vol. III - Autores de ficção. RJ: Publicações da Academia Brasileira de Letras, 1959. (pp. 91-94).

[5] Idem nota 2. (pp. 95-103).

[6] Esta crítica está como prefácio de Vida e morte de J. Gonzaga de Sá na edição das obras completas da Editora Brasiliense, Vol. IV. BARRETO, A. H. Lima Barreto. Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. SP: Brasiliense, 1961. (pp. [14 -16]).

[7] Há uma discordância quanto à data de publicação deste artigo entre Francisco Assis Barbosa, que assinala em 02.02.1922, (SANTOS, Affonso Carlos Marques dos Santos (org.). O Rio de Janeiro de Lima Barreto. RJ: Rioarte, 1983); enquanto, Sérgio Paulo Rouanet em 07.11.1922 (ROUANET, Sérgio Paulo. "Julgamento de Isaias Caminha" IN – Textos escolhidos, publicado no site da Academia Brasileira de Letras).

[8] Esta crítica está como prefácio de Correspondência. Ativa e passiva. 2º Tomo. na edição das obras completas da Editora Brasiliense, Vol. XVII. BARRETO, A. H. Lima Barreto. Correspondência. Ativa e passiva. 2º Tomo. SP: Brasiliense, 1961. (pp. [9-14]).

[9] A seção Autores e Livros deste número do Suplemento Literário do Diário de Notícias foi inteiro dedicado a Lima Barreto.

[10] Esta crítica está como prefácio de Clara dos Anjos na edição das obras completas da Editora Brasiliense, Vol. V. BARRETO, A.H. Lima.. Clara dos Anjos. SP: Brasiliense, 1961. (pp. [9-14]).

[11] Esta crítica está como prefácio de Clara dos Anjos na edição das obras completas da Editora Brasiliense, Vol. V. BARRETO, A.H. Lima.. Clara dos Anjos. SP: Brasiliense, 1961. (pp. [14-19]).

[12] Publicado em livro – Crítica avulsa de Antonio Houaiss.

[13] Publicado em livro: LINS, Osman. Do ideal e da glória. Problemas inculturais brasileiros. SP: Summus, 1977. (pp.171-5).

[14] Publicado em livro: LOUZADA Fº., O. C. crítica e tempo. SP: Hucitec, 1980. (pp. 47-51).

[15] Publicado em livro: CÂNDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. SP: Atica, 2000. 3ª edição. (Primeira parte – cap. 3). (pp. 39-50)

[16] Publicado como Posfácio em: BARRETO¸ Lima. O Subterrâneo do Morro do Castelo. RJ: Dantes, 1999. (3ª edição). (pp. 1113-137).

TABELA - IV

BAGATELAS - TEMAS/ORDEM DO VOLUME

DATA	TÍTULO	GRUPO/SUBGRUPO
[...].05.1918	"A superstição do doutor"	**Cultura e sociedade**/Doutores
06.10.1917	"São Paulo e os estrangeiros I"	**Ideias**/Pensamento político
[20.04.1918]	"Casos de bovarysmo"	**Ideias**/Pensamento Social
08.06.1918	"Tenho esperança que..."	**Instituições**/Educação
[26.05]. 1911	"O caso do mendigo"	**Cultura e Sociedade**/Ações Humanitárias
14.07.1918	"Vera Zassulitch"	**Gênero**/Mulheres famosas / **Ideias**/Maximalismo
[10].07.1911	"Que fim levou?"	**Homens Públicos**/Santos Dumont
[21].07.1911	"O convento"	**Capital Federal**/Reforma Urbana
11.05.1918	"No ajuste de contas"	**Política - Brasil**/Corrupção
30.11.1918	"Da minha cela"	**Memórias Pessoais**/Hospício
[14.12.1918]	"Carta aberta"	**Política – Brasil**/Burocracia Estatal
21.12.1918	"Não valia a pena"	**Instituições**/Imprensa
28/12/1918	"Um ofício da A. P. S. A."	**Cultura E Sociedade**/Futebol
22.02.1919	"Problema vital"	**Vida Literária**/Crítica de Livros/Monteiro Lobato
25.01.1919	"Quem será afinal"	**Memórias Pessoais**/Loucura
04.01.1919	"Procurem a Josefina"	**Cultura e Sociedade**/Ascensão Social
[11].01.1919	"São capazes de tudo"	**Ideias**/Antiamericanismo
01.03.1919	"Sobre o Maximalismo"	**Ideias**/Maximalismo
08.03.1919	"Os uxoricidas e a sociedade brasileira"	**Gênero**/Crimes da Paixão
07.12.1918	"A matemática não falha"	**Política – Brasil**/Economia e Finanças
22.03.1919	"O nosso ianquismo"	**Ideias**/Antiamericanismo
[1919]	"Edificantes notas ao Southey"	**Vida Literária**/Crítica de Livros
22.06.1919	"Henrique Rocha"	**Memórias pessoais**/Politécnica
16.04.1920	"Livros de viagens"	**Vida literária**/Livros
28.02.1920	"Duas relíquias"	**Vida Literária**/Livros
[1920]	"Dous livros"	**Vida Literária**/Crítica de Livros
15.03.1919	"Sobre o nosso teatro"	**Mundo Artístico**/Teatro
29.03.1919	"Pela 'Seção Livre'"	**Instituições**/Imprensa
[1920]	"Sestros brasileiros"	**Ideias**/Raça e Preconceito
12.04.1919	"A circular do Reverendo Vigário-Geral"	**Instituições**/Igreja
[1920]	"Uma simples nota"	**Vida Literária**/*Faits divers*
06.07.1919	"A missão dos utopistas"	**Ideias**/Guerra/Paz/Civilização
03.07.1919	"Meia página de Renan"	**Ideias**/Raça e Preconceito
03.07.1919	"As lições da Grande Guerra"	**Fatos**/I Guerra Mundial
06.03.1920	"O 'negócio' da Bahia"	**Política - Brasil**/Mandos e desmandos
[1920]	"Homem ou boi de canga"	**Memórias pessoais**/Ilha do Governador
27.02.1920	"O cedro de Teresópolis"	**Capital Federal**/Reforma urbana
19.04.1919	"Coisas eleitorais"	**Política - Brasil**/Mandos e desmandos
[12.1919]	"Após a guerra"	**Fatos Internacionais**/I Guerra Mundial
[1920]	"Mais uma vez"	**Gênero**/Crimes da Paixão
[1920]	"A nossa situação"	**Vida Literária**/Crítica de Livros

ANEXO II

"O FUTURISMO"
Careta 22.07.1922

REVISTA KLAXON – Mensário Modernista
São Paulo: 15.07.1922 - Ano I, Nº 4, Seção – "Luzes e Refrações"

"O FUTURISMO"

São Paulo tem a virtude de descobrir o mel de pau em ninho de coruja. De quando em quando, ele nos manda novidades velhas de quarenta anos. Agora, por intermédio do meu simpático amigo Sérgio Buarque de Holanda, quer nos impingir como descoberta, dele São Paulo, o tal "futurismo".

Ora, nós já sabíamos perfeitamente da existência de semelhante maluquice, inventada por um Senhor Marinetti, que fez representar em Paris, num teatro de arrabalde, uma peça – *Le roi bombance* – cuja única virtude era mostrar que "il Marinetti" tinha lido demais Rabelais.

Sabemos todos que o cura de Meudon floresceu no século XVI. Assim sendo, vejam os senhores como esse futurismo é mesmo arte, estética do futuro.

Recebi, e agradeço uma revista de São Paulo que se intitula *Klaxon*. Em começo, pensei que de tratasse de uma revista de propaganda de alguma marca de automóveis americanos. Não havia para tal motivos de dúvidas, porque um nome tão estrambótico não podia ser senão inventado por mercadores americanos, para vender o seu produto.

Quem tem hábito de ler anúncios e catálogos que os Estados Unidos nos expedem num português misturado com espanhol, sabe perfeitamente que os negociantes americanos possuem talento especial para criar nomes grotescos para batizar as suas mercancias.

Estava neste "engano ledo e cego", quando me dispus a ler a tal *Klaxon* ou *Clark*. Foi, então, que descobri que se tratava de uma revista de Arte, de Arte transcendente, destinada a revolucionar a literatura nacional e de outros países, inclusive a Judéia e a Bessarábia.

Disse cá comigo: esses moços tão estimáveis pensam mesmo que nós não sabíamos disso de futurismo? Há vinte anos, ou mais, que se fala nisto e não há quem leia a mais ordinária revista francesa ou o pasquim mais ordinário da Itália que não conheça as cabotinagens do "il Marinetti".

A originalidade desse senhor consiste em negar quando todos dizem sim; em avançar absurdos que ferem, não só o senso comum, mas tudo o que é base e força da humanidade.

O que há de azedume neste artiguete não representa nenhuma hostilidade aos moços que fundaram a *Klaxon*; mas sim, a manifestação da minha sincera antipatia contra o grotesco "futurismo", que no fundo não é senão brutalidade, grosseria e escatologia, sobretudo esta. Eis aí.

FONTES DE PESQUISA:

Secundárias

Suporte: livro

Feiras e mafuás. SP: Brasiliense, 1961. (pp. 67-68)

Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. II. (pp.- 538-53)

Na "Careta" (22 de julho) confunde ainda o espírito de atualidade de *Klaxon* com o futurismo italiano um senhor Lima Barreto. Debarretamo-nos imediatamente, imensamente gratos, ao ataque da clarividente. Mas não é por causa da estocada que estamos gratos. Esta apenas nos permitiu sorrisos de ironia. Pois estamos bem acastelados, de metralhadoras armadas, e lá nos surge pela frente, a 20 metros, um ser que, empunhando a antiga colubrina, tem a pretensão de nos atacar! Colubrina? Qual! A colubrina é uma espada muito nobre do passado. É uma navalha que traz o atacante. Qual navalha! O senhor Lima Barreto, como escritor de bairro, desembocou duma das vielas da Saúde, gentilmente confiado nas suas rasteiras. E foi isso, uma rasteira que imaginou nos passar. Mas com franqueza, senhor Lima, uma rasteira a 20 metros. Só mesmo o senhor o erudito crítico possuísse pernas iguais em comprimento ao "nariz" de *Mafarka*... Mas as pernas (espirituais) do atacante apenas tem 10 centímetros!... Foi por isso que esmiuçamos aquele "sorriso de ironia" atrás denunciado. Mas ainda não dissemos o que nos deixou gratos para com o estudioso conhecedor da literatura universal.

Foi isto, o senhor Lima Barreto assinou seu artigo. Enfim. Até agora, diante de arte modernizante, só um homem tivera a coragem de sua ignorância; o inefável dramaturgo de "Alemanha Saqueada", senhor Mario Pinto Serva, cujo nome é sempre com prazer por nós invocado. Mario Pinto Serva, oh! Que nos seja permitido mais uma vez repetir: MARIO PINTO SERVA, reúne-se agora o senhor Lima Barreto. O primeiro, senhor Serva, chamou-nos de loucos, de cabotinos, ele que nestes Brasis de tantos problemas irresolvidos, escrevera um livro sobre a Alemanha – livro muito comprado pelas freguesas de Deutsch Buchandlung da ladeira Dr. Falcão e que até foi traduzido para o tudesco. Nosso colaborador Mario de Andrade também escreveu sobre a forte Bildhaner Haurberg, um artigo que também foi traduzido para o alemão. O segundo, o senhor Lima, chama-nos de descobridores do futurismo "do *il Marinetti*" (O senhor Barreto é incontestável a respeito de artigos). E cansado com o descobrimento eis que o senhor Lima azedo, objurgatoriando, mais ou menos com razão, contra Marinetti. Mas que temos nós com o italiano oh! fino classificador? Mas o herbolário carioca sabe que certos arbustos naturais de Itália e da mesma família e de apenas alguns registrados, em Klaxon, são comuns à Rússia, à Áustria e a Alemanha Saqueada... Em todo caso, simpático, nenhuma hostilidade aos moços que fundaram senhor Lima, como seu artigo "não representa Klaxon" amigavelmente tomamos a liberdade de lhe dar um conselho: Não deixe mais que os rapazes paulistas vão buscar ao Rio as edições do Nouvelle Revue, que, apesar de numerados e valiosíssimos pelo conteúdo, são jogados como inúteis embaixo das bem providas mesas das livrarias cariocas. Não deixe também que as obras de Apollinaire, Cendrars, Epstein, que a Livraria Leire Ribeiro de há uns tempos para cá (dezembro, não é?) começou a receber, sejam adquiridas por dinheiros paulistas. Compre esses livros senhor Lima, compre esses livros. [s.n.]

FONTE DE PESQUISA:

Fonte secundária:
Suporte: papel
Revista Klaxon
Exemplar comemorativo dos 50 anos da *Revista Klaxon*
São Paulo: Martins, 1972

ANEXO III

LIMA BARRETO
"LITERATURA MILITANTE"
A.B.C. – 07.09.1918

ASTROJILDO PEREIRA
"LIÇÃO DE LIMA BARRETO"
[S.N.] - 1941

"LITERATURA MILITANTE"

Conheci O Senhor Carlos Malheiro (eu queria por o "s") há dias, por apresentação de João Luso.

Tive a mais bela impressão e o Senhor M. Dias pode ficar certo de que a ideia que eu fazia dele era muito diferente.

Acreditava-o um literato janota, desses das montras para uso das damas alambicadas; e o notável romancista que aprecio e admiro, surgiu-me como a pessoa mais simples deste mundo.

Falou-se muito naturalmente e o homem que eu pensava ter todo o escrúpulo de trocar quatro palavras comigo, em plena via pública, pareceu-me querer que me demorasse com ele a conversar. Agradecido.

A vida tem dessas cousas; e, diz o povo, não há como os homens conversarem, para se entenderem.

Espero, justamente, que ele não leve a mal uns reparos que vou fazer sobre um seu artigo recente no *O Paiz* intitulado – "À margem do último livro de Anatole France".

O que me feriu logo nele foi o primeiro período. Diz o autor de *Paixão de Maria do Céu:*

> "A aura gloriosa e nos nossos tempos incomparável de Anatole France servirá grandemente aos historiadores futuros para comporem uma opinião judiciosa sobre o bom gosto das *elites* sociais nossas contemporâneas; e digo "sociais", porque seria prova de inépcia imaginar que as centenas de milhares de volumes das suas obras foram exclusivamente adquiridas pelos literatos aprendizes, militantes e honorários."

Pelo que aí diz o Senhor Malheiro Dias não sei porque despreza os aprendizes literatos, militantes e honorários.

Como eu sempre falei em literatura militante, se bem me julgando aprendiz, mas não honorário, pois já tenho publicado livros, tomei o pião na unha.

A começar por Anatole France, a grande literatura tem sido militante.

Não sei como o Senhor Malheiro Dias poderá classificar a Ilha dos Pinguins, os *Bergerets*, e mais alguns livros do grande mestre Frances, senão dessa maneira.

Eles nada têm de contemplativos, de plásticos, de incolores. Todas, ou quase todas as suas obras, se não visam a propaganda de um credo social, têm por mira um escopo sociológico. Militam.

Isto em geral dentro daquele preceito de Guyau que achava na obra de arte o destino de revelar umas almas às outras, de restabelecer entre elas uma ligação necessária ao mutuo entendimento humano.

Eu chamo e tenho chamado de militantes, às obras de arte que têm semelhante escopo.

Quando disse que o Senhor Julio Dantas ou o Senhor Antero de Figueiredo não merecia esse *engagement* que estamos tendo por ele, é que mereciam, no Brasil, a influência que vão tendo.

O Brasil é mais complexo, na ordem social econômica, no seu próprio destino, que Portugal.

A velha terra lusa tem um grande passado. Nós não temos nenhum; só temos futuro. E é dele que a nossa literatura deve tratar, de maneira literária. Nós nos precisamos ligar; precisamos nos compreender uns aos outros; precisamos dizer as qualidades que cada um de nós tem, para bem suportarmos o fardo da vida e dos nossos destinos. Em vez de estarmos aí a cantar cavalheiros de fidalguia suspeita e damas de uma aristocracia de armazém por atacado, porque moram em Botafogo

ou Laranjeiras, devemos mostrar nas nossas obras que um negro, um índio, um português ou um italiano se podem entender e se podem amar, no interesse comum de todos.

A obra de arte, disse Taine, tem por fim dizer o que os simples fatos não dizem. Eles estão aí, à mao, para nós fazermos grandes obras de arte.

Eu me atrevo a lembrar ao Senhor Malheiro Dias que a grande força da humanidade é a solidariedade.

Hoje, quando as religiões estão mortas ou por morrer, o estímulo para elas é a arte. Sendo assim quem, como eu literato aprendiz que sou, cheio dessa concepção, venho para as letras disposto a reforçar esse sentimento com as minhas pobres e modestas obras.

O termo "militante" de que tenho usado e abusado, não foi pela primeira vez empregado por mim.

O Eça, por quem não cesso de proclamar a minha admiração, empregou-o, creio que nas *Prosas Bárbaras*, quando comparou o espírito da literatura francesa com o da portuguesa.

Pode-se lê-lo e lá o encontrei. Ele mostrou que desde muito as letras francesas se ocuparam com o debate das questões da época, enquanto as portuguesas limitavam-se às preocupações da forma, dos casos sentimentais e amorosos e da idealização da natureza. Aquelas eram – militantes; enquanto estas eram contemplativas e de paixão.

Creio que temo não amar, tendo por ideal da arte essa concepção. Brunetière diz em seu estudo sobre a literatura que ela tem por fim interessar, pela virtude da forma, tudo o que pertence ao destino de todos nós; e a solidariedade humana, mais do que nenhuma outra cousa, interessa ao destino da humanidade.

Um doido que andou na moda e cujo nome não cito, proclamou a sua grande admiração pelos leões, tigres e jaguares; mas, à proporção que essas feras desaparecem, os homens, os bois e os carneiros conquistam o mundo com a sua solidariedade entre eles.

É de Fouillé a segunda parte do período.

Ligeiramente, fazendo todas as citações de memória, é o que posso dizer sobre o que seja literatura militante.

FONTES:

Fonte secundária
Suporte: livro
Impressões de leitura. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp- 71-74)

"LIÇÃO DE LIMA BARRETO"

Este artigo sob o título "Literatura militante", publicado no antigo semanário *A. B. C.* (número 7 de agosto de 1918) e não incluído no volume *Bagatelas* exarou Lima Barreto algumas considerações muito significativas sobre ele o que mesmo chamava o seu "ideal de arte".

Referindo-se aos livros de Anatole France, apontava-os como exemplos típicos de literatura militante: "eles nada têm de contemplativos, de plásticos de incolores. Todas, ou quase todas as suas obras, se não visam à propaganda de um credo social, têm por mira um escopo sociológico. Militam.". Convém reparar, de passagem, como a opinião de Lima Barreto acerca do "grande mestre Frances" (palavras suas) difere completamente da opinião, muito em voga nos últimos anos na França, segundo a qual Anatole é apenas um "cético!, um "pessimista", um desencantado", um "dissolvente" cuja influência teria sido das mais deletérias sobre a juventude do seu tempo.

Guyau era dos autores mais lidos e mais estimados por Lima Barreto. citando-o e comentando-o, no artigo em apreço, louvava-se nos seus preceitos para ver na obra de arte o "destino de revelar umas almas às outras, de restabelecer entre elas uma ligação necessária no mutuo entendimento entre os homens".

Seria errôneo supor que o romancista brasileiro buscava ensinamento ou apoio para suas concepções estéticas somente em mestres de tendência revolucionaria, como eram Anatole e Guyau. Ele se nutria igualmente em pensadores que se chamavam, por exemplo, Taine e Brunetière. Aceitava a lição de Brunetière, quando este último ensinava que a literatura "tem por fim interessara, pela virtude da forma, tudo o que pertence ao destino de todos nós"; e completava a lição, acrescentando, por conta própria, "que a solidariedade humana, mais do que nenhuma outra coisa, interessa o destino da humanidade". Palavras de tão fácil compreensão, mas, ao mesmo tempo, de tão profundo sentido, e que hoje, mais talvez que em nenhuma outra época, deveriam gravar-se na própria carne de toda obra de arte e de pensamento.

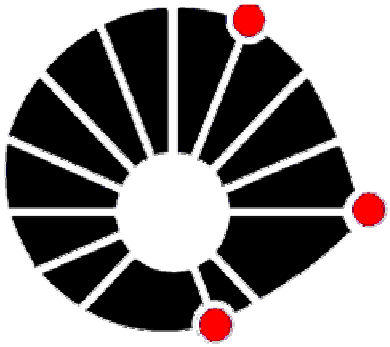
Sabe-se que Lima Barreto não tolerava prosápias de qualquer espécie, manifestando a cada passo o seu sarcasmo desdenhoso contra os pavões e pavoas da chamada alta sociedade. Aferrado a essa ojeriza, ele entendia que os escritores brasileiros não deviam perder tempo em amesquinhar-se em "cantar cavalheiros da fidalguia suspeita e damas de uma aristocracia de armazém por atacado". Na sua opinião, o dever do escritor, e do artista, em geral, consiste, primeiro que tudo, em fazer da sua arte um instrumento de edificação moral da massa popular e não meio de divertimento ocioso das falsas elites: "devemos mostrar nas nossas obras que um negro, um índio, um português ou um italiano se podem entender e se podem amar, no interesse comum de todos nós".

Sua posição foi de certo modo a de verdadeiro desbravador. Realizando nas suas obras o ideal de arte que preconizava assim tão simplesmente, sem complicações nem sutilezas inúteis, Lima Barreto como que desvendava, aos olhos das gerações de escritores e artistas que viriam depois dele, novas perspectivas e novos rumos de trabalho. A "obra de Arte" – escrevia citando Taine – tem por fim dizer o que os simples fatos não dizem. Eles estão aí, à mao, para nós fazermos grandes obras de arte". Seria inexato avançar que o movimento de renovação de renovação da literatura e da arte, que se processa no Brasil desde os anos vinte e tantos, se inspirou em Lima Barreto; mas creio perfeitamente justo afirmar que na sua obra já se encontravam os germes de muitas arvores belas produzidos por esse movimento. E esta verificação nos leva a definir e por conseguinte melhor compreender a sua importância histórica na literatura brasileira. Continuador da boa tradição, que vinha de Manuel Antonio de Almeida, Lima Barreto encarnou sozinho o difícil momento de continuidade e ligação entre o passado, que morria com Machado de Assis, e o futuro, que ia surgir com o tumulto modernista.

Astrojildo Pereira (1941)

ANA HELENA COBRA FERNANDES

BAGATELAS EM PERSPECTIVA
LIMA BARRETO - CRÔNICAS ANOTADAS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS/UNICAMP

CAMPINAS/SP

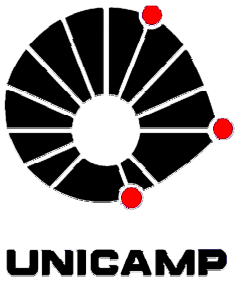
FEVEREIRO DE 2010

ANA HELENA COBRA FERNANDES

BAGATELAS EM PERSPECTIVA

LIMA BARRETO - CRÔNICAS ANOTADAS

Volume II – *Bagatelas* – Crônicas Anotadas



Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Teoria e História Literária do IEL/UNICAMP, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação da Profª. Drª. Orna Messer Levin.

Banca
Titulares: Prof. Dr. Antonio Arnoni Prado
Prof. Dr. Carlos Erivany Fantinati
Suplentes: Prof. Dr. Jefferson Cano
Prof. Dr. Álvaro Santos Simões Junior

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS/UNICAMP

CAMPINAS/SP

FEVEREIRO DE 2010

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

F391L

Fernandes, Ana Helena Cobra.

Bagatelas em perspectiva. Lima Barreto - crônicas anotadas / Ana He
ra Fernandes. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador : Orna Messer Levin.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Institut
dos da Linguagem.

1. Lima Barreto 1881-1922 - Bagatelas - Crítica e interpretaçã
nicas brasileiras - Séc. XX - História e crítica. I. Levin, Orna Messer
versidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Títu

hb/iel

Título em inglês: A Look at *Bagatelas*. Lima Barreto - Annotated tales.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Lima Barreto 1881-1922 - Bagatelas – Criticism and interpretation; Brazilian Chronicles - 20th century - History and criticism.

Área de concentração: História e Historiografia Literária.

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Profa. Dra. Orna Messer Levin (orientadora), Prof. Dr. Antonio Arnoni Prado e Prof. Dr. Carlos Erivany Fantinati. Suplentes: Prof. Dr. Jefferson Cano e Prof. Dr. Alvaro Santos Simões Junior.

Data da defesa: 25/02/2010.

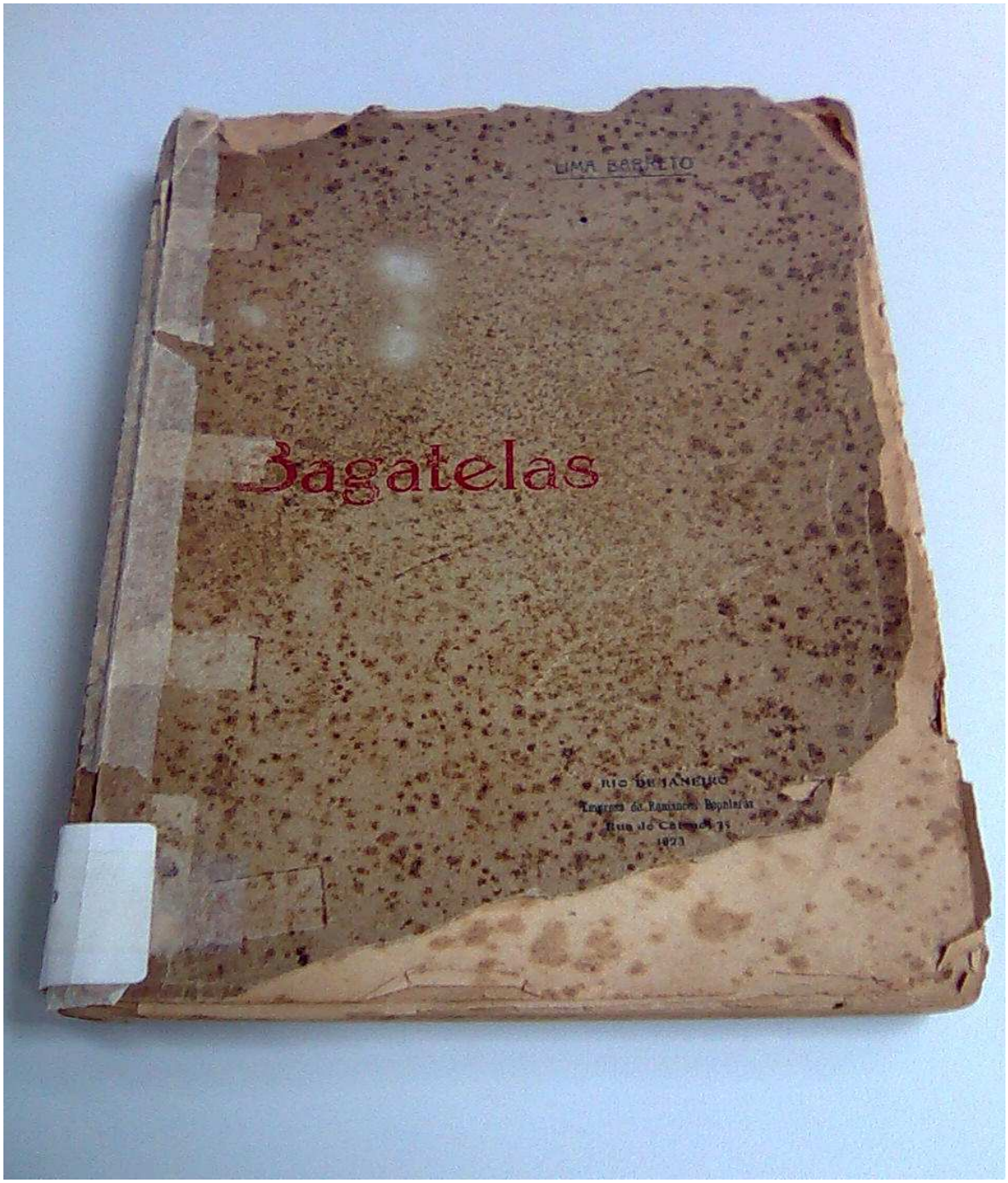
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES **Página**

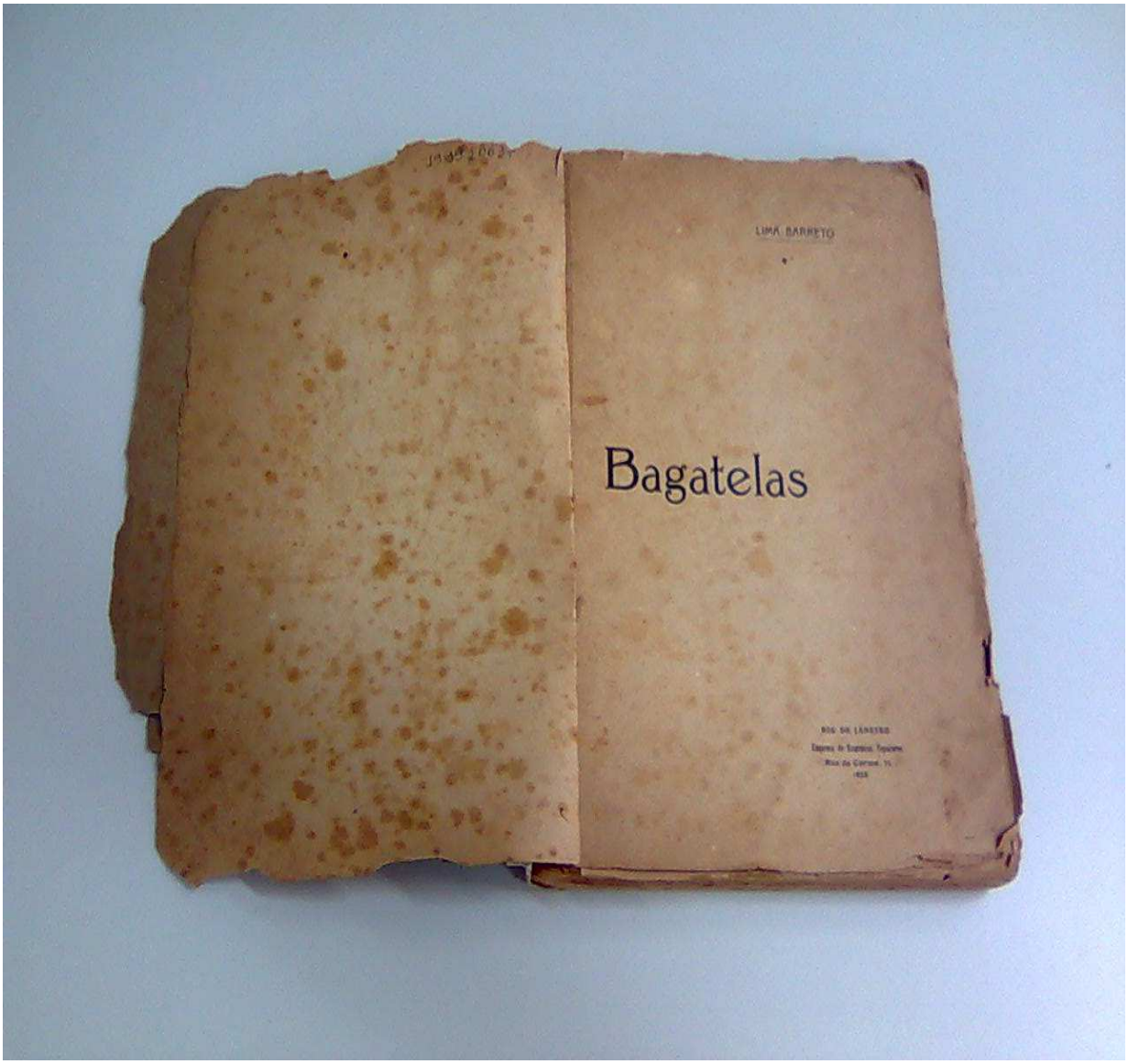
1. Astrojildo Pereira 23
2. Jornal *A Plebe* 24
3. Edgard Leuenroth 24
4. Frontispício do livro *Phisiologie de l'amour moderne* de Paul Bourget 28
5. *Jornal do Brasil* - Colégio Pedro II – 1ª sede da Escola Normal 32
6. Rua da Misericórdia – RJ. 35
7. Vera Zassulitch 37
8. Fiodor Fiodorovitch Trefov 40
9. Alberto Santos Dumont 42
10. Dudu das Neves 44
11. Passarola 45
12. Máquina de voar – "Demoiselle" 45
13. Primeiro vôo do 14Bis – Bois de Boulogne/Paris 45
14. Cartões postais de Santos Dumont 46
15. Convento da Ajuda 50
16. Hotel Avenida RJ. 50
17. Mapa da Frenologia do século XIX 64
18. Vistas do Morro do Castelo com o Hospital Central do Exército 65
19. Presidente Rodrigues Alves 67
20. Palácio do Catete 72
21. Presidente Rodrigues e família 73
22. Charge de *A Plebe* sobre a Insurreição de 1918 73
23. Vistas do *Derby Club* – 1910 78
24. Arthur Friedenreich 85
25. José Bento Monteiro Lobato 87
26. Convite para Lobato participar da Delegação Regional De São Paulo 90
27. Hospital Nacional dos Alienados – (Casarão da Praia da Saudade) 95
28. Juliano Moreira 95
29. Pormenor do painel "A coroação de Josefina" – (Jacque Louis David) 102
30. Caricatura de Barras – 1805 102
31. Eduardo Pardo e a capa de *Ilusão Americana* 106
32. Palácio do Itamaraty 107
33. Barão do Rio Branco 107
34. Ruas Larga e Estreita de São Joaquim 107
35. Largo do Moura 121
36. Otelo e Desdêmona (Eugène Delacroix) 121
37. Charge de *O primo Basílio* 121
38. Campo de Santana 127
39. D. Obá II d'África 127
40. Gravura dos soldados do Batalhão Voluntários da Pátria 127
41. Thomas Woodrow Wilson 133
42. Allan Pinkerton e os detetives da Agência pinkerton 134
43. Robert Southey e capa da edição de 1862 de *História do Brazil* 137
44. Confeitaria Colombo (RJ.) – 1914 145
45. Capa de *Pantagruel* 145
46. Dugruay –Trouin 151
47. Alexander Von Humboldt 151
48. Jules Vernes 151
49. Manuel de Oliveira Lima 152
50. Enrique Gomez Carrillo 152
51. Léo Vaz e capa de *O professor Jeremias* 157

52. Capa de *Saudade* 161
53. Gomes Cardim 167
54. Primeira sede da Academia de Belas Artes 167
55. Itália Fausta 168
56. Coelho Netto 168
57. Foto do original da crônica "Sobre o nosso theatro" – *Revista Contemporânea* 168
58. Foto do original da crônica "Pela 'secção livre'"– *Revista Contemporânea* 173
59. Giacomo Puccini 178
60. Rua Voluntários da Pátria RJ – início século XX 178
61. Largo do Machado 178
62. Rua das Laranjeiras 178
63. Padre Roberto di Nobili 184
64. Charge "Questão Religiosa" 185
65. Platão 192
66. von Leibnitz, Thomas Morus, Campanella e Kropotkin 193
67. Casa/ museu e estátua de Joseph Ernest Renan em Tréguier- Fr. 198
68. Joseph Ernest Renan 199
69. Foto do original da crônica "Meia página de Renan"– *Revista Contemporânea* 199
70. Foto da Conferência de Versalhes – 1919 205
71. Henri Barbusse e o frontispício de *Le feu* 206
72. Faculdade de Medicina da Bahia 210
73. J. J. Seabra, Castro Alves, Xavier Marques 210
74. Rui Barbosa 211
75. Alegoria de Floriano Peixoto – Revolta da Armada/Revolução Federalista 215
76. Almirantes Custodio de Melo e Saldanha da Gama 216
77. Alberto Oliveira 219
78. Fuzis Mauser e Lebel 228
79. Cenas dramáticas Primeira Guerra Mundial 228
80. Construção do Túnel João Ricardo 232
81. Mapa do Bairro da Misericórdia no início do século XX 237
82. Últimos dias do Largo do Moura 238

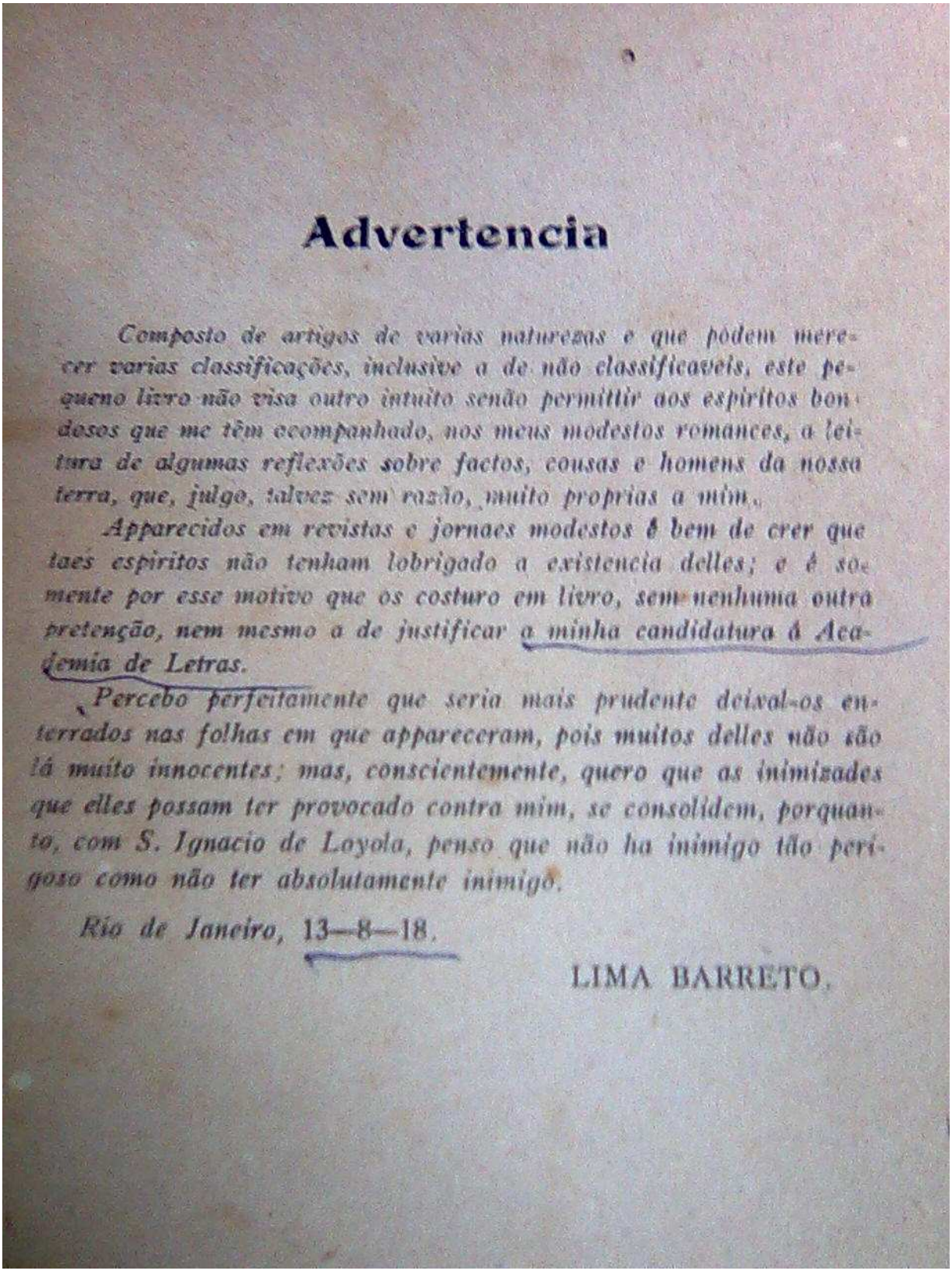
BAGATELAS
CRÔNICAS ANOTADAS



Exemplar original da 1ª. edição de *Bagatelas* - 1923



Página de rosto do exemplar original da 1ª. edição de *Bagatelas* - 1923



Advertencia

Composto de artigos de varias naturezas e que pódem merecer varias classificações, inclusive a de não classificaveis, este pequeno livro não visa outro intuito senão permittir aos espiritos bondosos que me têm ecompanhado, nos meus modestos romances, a leitura de algumas reflexões sobre factos, cousas e homens da nossa terra, que, julgo, talvez sem razão, muito proprias a mim.

Apparecidos em revistas e jornaes modestos é bem de crer que taes espiritos não tenham lobrigado a existencia delles; e é somente por esse motivo que os costuro em livro, sem nenhuma outra pretenção, nem mesmo a de justificar a minha candidatura á Academia de Letras.

Percebo perfeitamente que seria mais prudente deixal-os enterrados nas folhas em que appareceram, pois muitos delles não são lá muito innocentes; mas, conscientemente, quero que as inimizades que elles possam ter provocado contra mim, se consolidem, porquanto, com S. Ignacio de Loyola, penso que não ha inimigo tão perigoso como não ter absolutamente inimigo.

Rio de Janeiro, 13—8—18.

LIMA BARRETO.

Abertura do exemplar original da 1ª. edição de *Bagatelas* - 1923

"A SUPERSTIÇÃO DO DOUTOR"

JOAQUIM VERÍSSIMO DE CERQUEIRA LIMA, *amanuense dos Correios da Bahia, pedindo fazer constar em seus assentamentos o título de doutor em ciências médico-cirúrgicas. Deferido.*
("Gazeta de Notícias", 25 de março de 1917).

Tratando o Sr. Veiga Miranda [1], na edição de São Paulo do "Jornal do Commercio", de um dos meus humildes livros, disse que eu tinha birra do *doutor*.

Quis, ao ler o artigo do meu amável crítico, explicar detidamente porque, de fato, tinha eu essa birra; mas, lembrei-me que jurara a mim mesmo aceitar em silêncio todas as críticas que me fizessem, e nada respondi, tanto mais que qualquer resposta poderia magoar a quem tivera a bondade e a lealdade de ocupar-se com a minha obrinha. Contudo, escrevi-lhe uma carta, em que julgo manifestado plenamente a minha satisfação, sem deixar transparecer qualquer azedume que verdadeiramente não tinha, explicando brevemente a minha opinião sobre o assunto.

Citei aqui o Sr. Veiga Miranda não só porque pretendo desenvolver algumas razões da minha birra o *doutor*, encontrada por eles nos meus escritos, como também lhe dar parabéns por ter sido reconhecido deputado.

Sinto que o seja para representar a calamitosa oligarquia paulista, a mais odiosa do Brasil, a mais feroz, pois não trepida em esmagar as suas barulhentas dissidências, a macete, a pilão ou pilões, como se castram ou se castravam touros valentes para serem depois, mui mansos bois de carros.

Não me cabendo, nem querendo meter-me em bobagens políticas, cumpri o meu dever de civilidade, dando-lhe os parabéns e devo continuar o artigo, atacando o tema de que ele é objeto.

Em qualquer outro país, talvez, não fosse um temperamento liberal chocado com a espécie zoológica e social – *doutor*; mas, no Brasil, com a importância descomunal, o ar de sagrado que os costumes lhe emprestam, e os privilégios que a lei lhe outorga, não é possível deixar de revoltar-se contra ela, todo aquele que não quer ver renascer nos tempos atuais, uma nobreza, principalmente uma nobreza que indica para as suas bases, justamente aquilo que ela não possui – o saber.

Essa birra do *doutor* não é só minha, mas poucos têm a coragem de manifestá-la. Ninguém se anima a dizer que eles não têm direito a tais prerrogativas e isenções, porque a maioria deles é de ignorantes. E que os sábios, os estudiosos, os doutores ou não, é que merecem as atenções que vão em geral para os cretinos cheios de anéis e empáfia.

Todas as variedades do *doutor* acreditam que os seus privilégios, honras, garantias e isenções, como se diz nas patentes militares, se originam do saber, da ciência de que são portadores; entretanto, entre cem, só dez ou vinte sabem razoavelmente alguma coisa. São mais sempre, além de medíocres intelectualmente, ignorantes como um bororó de tudo o que fingiram estudar. Aquilo que os antigos chamavam humanidades, em geral, eles ignoram completamente. Não são falhas, que todos têm na sua instrução; são abismos hiantes que a deles apresenta. Birra

A maioria dos candidatos ao *doutorado* é de meninos ricos ou parecidos, sem nenhum amor ao estudo, sem nenhuma vocação nem ambição intelectual. O que eles vêem no curso não é o

[1] João Pedro da Veiga Miranda (1881-1936): crítico literário. Escreveu quatro artigos entre os que foram publicados na imprensa, em vida, sobre a obra literária de Lima Barreto. Lima, nesta crônica, cita o que foi publicado em 04.03.1917, na seção "Livros Novos" do *Jornal do Commercio* (SP), com o título "Triste fim de Policarpo Quaresma/Recordações do escrivão Isaías Caminha". Em carta a Veiga Miranda, datada de 29.10.1017, explicou detalhadamente, as razões de sua "birra" contra a importância que atribuía ao título de doutor. Essa implicância estendia-se ao anel de grau, pois, na crônica "O anel das musicistas", publicada em *A Lanterna* em 25.01.1918, que pode ser considerada a versão feminina de "A superstição do doutor", se mostra indignado com o fato das alunas do Instituto de Música reivindicar, pelos jornais, o direito a um anel de grau, como tinham os médicos, os bacharéis em Direito e as moças da Escola Normal. (MA: 1963 p.39).

estudo sério das matérias, não sentem a atração misteriosa do saber, não se comprazem com a explicação que a ciência oferece da natureza; porque eles vêem é o título que lhes dá namoradas, consideração social, direito a altas posições e os diferencia do filho do *seu* Costa, contínuo de escritório do poderoso papai.

Animados por esse espírito, vão, com excelentes aprovações, às vezes, obtendo exames preliminares e, afinal, matriculam-se na Academia, como dizem eles no seu gascão pretensioso – podendo ela ser civil ou militar.

Na escola ou faculdade, as coisas se passam muito mais facilmente. Não há filho de sujeito mais ou menos notável, que não vá adiante no curso, sem a menor dificuldade. È mais fácil obter os preparatórios.

Na Escola Politécnica, é de praxe, de regra até, que todo o filho, sobrinho ou parente de capitalistas ou de *brasseurs d'affaires* [2], mais ou menos iniciado na cabala crematística do Clube de Engenharia, seja aprovado. É bem de ver porque. Os lentes das nossas escolas, com raras exceções, não se contentam com os seus vencimentos oficiais. Todos eles são mundanos, querem fazer parada de luxo, teatros, bailes, com as suas mulheres e filhas. A situação oficial que têm, dá-lhes prestígio, fazem-nos boas figuras de proa e os seus nomes são procurados para apadrinhar as companhias, as empresas, mais ou menos honestas, que os especuladores de todos os matizes e nacionalidade organizam por aí.

Não é possível que um lente de química orgânica, por ex., que devido às relações que tem com o capitalista Joab Manassés, foi feito, com grandes honorários, presidente da Companhia das Docas de um porto do Mar de Espanha, consiga do seu coração a violência de reprovar-lhe o filho. O Ephraim, filho do Joab Manassés, vai assim correndo os anos; e, se encontra um lente honesto, procura uma escola outra para fazer o exame que não lhe querem dar. [3]

O que se diz do filho do Joab, pode-se dizer de milhares de outros em toda a espécie de faculdades; todos eles, ignorantes e arrotando um saber que não têm, vêm para a vida, mesmo fora das profissões a cujo exercício lhes dá direito o título, criar obstáculos aos honestos de inteligência, aos modestos que estudaram, dando esse espetáculo ignóbil de diretores de bancos oficiais, de chefes de repartições, de embaixadores, de deputados, de senadores, de generais, de almirantes, de delegados, que têm menos instrução do que um humilde contínuo; e, apesar de tudo, quase todos mais enriquecem, seja pelo casamento ou outro qualquer expediente, mais ou menos confessável. Toda a gente conhece a nossa peculiar instituição do *muleta*. Chama-se isso ao auxiliar ilustrado e entendido que todo o nosso figurão possui, e leva como secretário ou coisa semelhante para todas as comissões em que vai empregar a sua reconhecida capacidade, como dizem os jornais. O Engenheiro F é *muleta* do doutor H; o capitão X, do general F; o capitão de Corveta Y, do almirante D; e assim por diante, como os médicos, os advogados, etc. Eles, os doutores, são nobreza, como se a fidalguia de sangue, feudal e militar, fosse composta de filhos naturais, não possuísse castelos ou *manoirs* [4] e formada fosse de poltrões! Fresca nobreza!

Do Império, nós herdamos um respeito hindu pelo *doutor* e o aumentamos, como tudo o que ele tinha de mau. Parece que era o seu pensamento organizar um *tchin, à russa*, com o título, o pergaminho, como diz-se por aí; e foi feliz porque conseguiu implantar no espírito do povo uma veneração bramânica pelos seus bacharéis, médicos e engenheiros.

O subalterno, o enfermeiro, por exemplo, não chama o médico, nem mesmo o interno estudante, por senhor. Chama-o – Vossa Senhoria. Se minutos depois, chegar o administrador do Hospital, ele o tratará por senhor. Os soldados russos tratam ou tratavam os oficiais por – *Vossa Nobreza*. Nas estradas de ferro, dá-se o mesmo que nos hospitais; e, com os juízes, há de passar a mesma coisa, por parte dos meirinhos e escreventes.

O povo do Brasil que, raramente, se deixa infiltrar por idéias úteis e que lhe são favoráveis; neste ponto, foi de uma morosidade de espantar, tão dócil foi ela!

Para a massa total dos brasileiros, o doutor é mais inteligente do que outro qualquer, e só ele é inteligente; é mais sábio, embora esteja disposto a reconhecer que lê é, às vezes, analfabeto; é

[2] "Homens de negócios".
[3] Joab Manassés e Ephraim: personagens do romance *O milagre da pega* do romancista francês Anatole France.
[4] Residência de senhores feudais na França.

mais honesto, apesar de tudo; é mais bonito, conquanto que seja um Quasímodo; é branco, sendo mesmo da cor da noite; é muito honesto, mesmo que se conheçam muitas velhacadas dele; é mais digno; é mais leal e está, de algum modo, em comunicação com a divindade. É essa abusão de feitiçaria, essa grosseira religiosidade de candomblé ou de macumba, pelo nosso título universitário, que leva os jornalistas panurgianos a pedir a supressão do júri, porque, em certas ocasiões, absolve certos réus que lhes parece deviam ser condenados.

Esses senhores de tão grande coragem moral no anonimato das folhas diárias, não têm absolutamente a decisão de sentar-se no júri e julgar segundo a sua própria consciência. Esquivam-se de todo o jeito; e, fáceis em condenar os jurados porque não são em geral, doutores, eles se esquecem de examinar os julgados dos juízes de beca, desde o pretor até o Desembargador e o Ministro do Supremo, onde poderiam encontrar muita coisa que os faria diminuir o seu assombro diante das absolvições do Júri.

Cá e lá, más fadas há...

Esse estado de espírito geral no nosso país, essa superstição, essa estúpida crendice dos ilustrados e dos analfabetos, dos néscios e dos atilados, levou ultimamente os nossos legisladores, num farisíaco zelo pela verdade eleitoral, a entregar o alistamento dos cidadãos votantes e também as mesas eleitorais aos juízes, isto é, a doutores e bacharéis.

E todos nós vimos como a coisa saiu. Houve fraudes ou duplicatas no Ceará, no Espírito Santo, em Alagoas, na Bahia, no E. do Rio. No Pará, no Rio Grande do Sul, em Sergipe; e o Rio de Janeiro continuou a mandar seus representantes alguns respeitáveis desconhecidos apelintrados, que não sabem nem a data da fundação da cidade.

O Sr. Érico Coelho, na sua contestação ao Sr. M. Leal, diz textualmente:

> *"Ficou o Congresso Nacional dos juízes estaduais a organização de alistamento e a vigilância de comícios populares. O recente pleito, no infeliz Estado do Rio, veio a ser o ludibrio das nossas aspirações legislativas".*

O "Correio da Manhã", em sua edição de 4 do corrente, conta este eloqüente caso, depois de registrar o entusiasmo que lhe despertou a nova lei eleitoral:

> *"Mas há casos que esfriam os mais fortes entusiasmos.*
> *Anteontem, na reunião da comissão de Poderes do Senado, enquanto se discutia o pleito do Espírito Santo, fazendo-se terríveis acusações à magistratura local, quantos lá estavam testemunharam um fato desconcertante. Achava-se na sala, e foi apontado o procurador do político que contestou a referida eleição, o juiz de direito da comarca de Alegre. Este homem, quando delegado de polícia em Vitória, sofrera grande insulto, por ocasião de um discurso que endeusava os Monteiros. Foi, por isto, nomeado para aquele cargo. Indo o Senhor Jeronymo Monteiro defender o Senado os seus interesses, o juiz acompanhava-o todos os dias, carregando-lhe a pasta de papéis, e serviu de seu auxiliar no exame dos livros e documentos relativos ao pleito, desde a primeira hora. Ao ouvir a contra-contestação do seu protetor tinha gestos de efusiva ternura, como de indignação ao ouvir o discurso do Sr. Moniz Freire. E ele dirigiu entre essas paixões, o alistamento e a eleição em Alegre".*

A "Gazeta de Notícias", de 8 também do corrente, referindo-se às eleições de Sergipe, assim diz:

> *"A Câmara deve hoje reconhecer os deputados eleitos por Sergipe.*
> *Entre os diplomados pela junta apuradora de Aracaju, está o famigerado major Manuel de Carvalho Nobre e, primo-irmão e cunhado do doutor Nobre de Lacerda, juiz seccional do Estado, presidente da mesma junta.*
> *Contestando o diploma, produto de um arranjo imoralíssimo de família, feito sob o patrocínio do incorrigível politiqueiro general Valadão"...*

Poderia aduzir mais exemplares com os quais mostrasse como os sobre-humanos doutores incorruptíveis procederam; mas não é preciso. É fácil adivinhar.

Sentindo que a crendice geral dava esse prestígio quase divino ao *doutor*, todos os pais, desde que pudessem um bocadinho, começaram a encaminhar os filhos para as escolas superiores. É preciso, no Brasil, ter uma carta nem que seja de embrulhar manteiga; é um aforismo doméstico, conhecido e repetido, nos serões do lar, do Norte ao Sul do país.

Os doutores, então, cresceram em número e o exercício da profissão para que estavam oficialmente habilitados, não dando margem, devido à pletora deles, para o ganho remunerador de cada um, encaminharam-se eles para os empregos públicos que nenhuma capacidade especial exigem.

O Tesouro, o Tribunal de Contas, as Secretarias Ministeriais e outras repartições menos importantes, (ficaram cheias de amanuenses, escriturários) [5], oficiais, engenheiros, médicos, advogados, dentistas, farmacêuticos; e todos este no íntimo ou claramente, se julgam com mais direitos às recompensas e às promoções que os seus colegas, que não têm título algum.

A prova está na notícia que epigrafa estas linhas. Aquele amanuense dos Correios pediu ao diretor geral que fizesse constar na sua fé de ofícios que era doutor, para, quando se tratasse de alegar merecimento, pudesse apresentar o "canudo" com o maior de espadas. E a administração – o que é estranho – levará, porque tem levado muitas vezes, em consideração semelhante alegação, esquecendo que só se podem comprar quantidades homogêneas. Merecimento é a comparação dos serviços, das aptidões para eles, entre dois ou mais funcionários. Serão os serviços e aptidões do amanuense da mesma natureza que as aptidões e serviços que pode revelar ou possuir um médico?

Um médico só pode ter merecimento sobre outro médico; e um amanuense sobre outro amanuense.

Quando é médico, o tal amanuense só pode ser comparado a outro médico; e quando ele só pode entrar em relação com outro amanuense no que a profissão deste tem de peculiar a ele, eliminado-se da comparação a duvidosa medicina do burocrata. Isto é que é lógico, penso eu; senão teríamos que comparar os méritos de um flautista com os de um marceneiro, para dizer qual dos dois é melhor nas suas profissões. Concebe-se?

Mas, a superstição do *doutor* é tal, que faz o governo, em casos destes, não raciocinar e proceder contra as mais comezinhas regras do bom senso.

É contra tais disparates que me insurjo e procuro, por todos os meios, mostrar a imbecilidade desse respeito cabalístico, esotérico pelo *doutor*, respeito e veneração que estão criando entre nós uma nobreza das mais atrozes que se pode imaginar.

Se a humanidade cortou cabeças de reis, de rainhas, de duques, de duquesas (Ah! Que pena, eu não lhes ter visto os lindos, os alvos, os roliços pescoços, entrarem na janela da guilhotina!), de viscondes, etc., para acabar com a nobreza feudal, como é que nós estamos criando uma de pés de barro e que, pode entorpecer a vida de nossos filhos? É preciso combater a superstição enquanto é tempo. Mostrarei mais.

A polícia daqui, em seu regulamento, expedido quando chefe o Sr. Alfredo Pinto [6], marcou para os *doutores* criminosos prisão especial; o Sr. Nilo Peçanha [7], em dias próximos, dispensou de concurso para os lugares de cônsules, os bacharéis em direito. Por quê? Porque também os delegados são obrigatoriamente bacharéis?

Na Contabilidade da Guerra, há poucos anos, os encarregados de fazer-lhe um novo regulamento, exigiram um concurso descomunal para o provimento do 1º lugar da respectiva hierarquia; mas dispensaram dele os formados pelas faculdades da República. As matérias exigidas eram quase o dobro das que se exigem para matrícula do curso de farmácia e odontologia, que dão, como os demais cursos, *formados* pelas faculdades da República.

Sob o pretexto de Saneamento do Interior um jovem sábio, o Sr. Belisário Pena, anda fazendo propaganda da criação de um Ministério da Saúde Pública. Este moço é um caso típico de

---

[5] ( ) Não consta da edição de 1923.

[6] Alfredo Pinto (PE. 1863 -?): político, jurista, professor e promotor público. Durante o governo de Nilo Peçanha ocupou o cargo de Chefe de Polícia na Capital Federal (1909 - 1910), e se notabilizou pela fundação da Colônia Correcional de Dois Rios, pela instituição do Serviço Nacional de Identificação, bem como, pela sua ação contra prostitutas e homossexuais, fato este que lhe valeu o epíteto de "O Puritano".

[7] Nilo Procópio Peçanha (RJ. 1867 —1924): político. Assumiu a presidência da república após o falecimento de Afonso Pena, em junho de 1909, e governou até novembro de 1910. Seu governo foi marcado pela agitação política em razão de suas divergências com José Gomes Pinheiro Machado (RS. 1851 – RJ. 1915), líder do Partido Republicano Conservador.

presunção doutoral. Ele, ou não leu a Constituição ou se a leu julga que um medalhão médico, aí qualquer, pode sobrepor-se a ela. Um ministério tão estreitamente profissional há de querer um ministro médico; e como conciliar essa restrição com a nossa lei fundamental que autoriza o presidente a nomear *livremente* os seus ministros? A superstição do *doutor*, por parte do povo, e a presunção deles como conseqüência, obliteram certos espíritos até fazê-los chegar e essa cegueira completa. A Academia de Letras, onde era de esperar houvesse mais independência espiritual, só elegeu o Sr. Oswaldo Cruz, o Sr. Miguel Couto e o Sr. Aloysio Castro [8], todos estreitamente médicos, ou coisa aparentada, entre outros motivos, e que nada tinham com as letras, porque eram doutores. Não há a argumentar com a Academia Francesa. Delas, nos bons tempos da nobreza, já foram seus membros marqueses de quinze anos, que deviam ainda estar nas declinações latinas. As tradições fidalgas e áulicas da Academia Francesa permitiram essas coisas e outras antecedentes, algumas tanto ou mais estrambóticas. A nossa não tem essa herança secular; e não é suficiente que um *doutor* pastiche os quinhentistas ou seiscentistas para ser homem de letras e acadêmico delas. Mais direito tem um mau poeta. Cada macaco no seu galho.

Todo esse rol de manifestações de superstição do *doutor* podia ser infinitamente aumentado, pois há muito que, a tal respeito, respigar, nas leis e regulamentos. Poderíamos mostrar que o título universitário, que só pode e deve dar direito ao exercício de uma certa profissão está se transformando em um farol de nobreza, emprestando ao sujeito que é dele portador, capacidades superiores aos outros e habilidades que ele não tem ou todos podem ter. As cartas de nossas faculdades estão ficando como pergaminhos da antiga aristocracia que, nos tempos passados, permitiram os seus possuidores, sem a mínima noção das coisas navais, serem investidos de comandos os navios e esquadras, como se dava na Espanha, em Portugal e até na Inglaterra, como conta Macaulay. [9]

Os pilotos, cujos nomes foram em geral esquecidos, os humildes pilotos eram que governavam os navios; a glória militar ou a pacífica das descobertas cabia aos Dons Qualquer Cousa ou a um *baronet* [10] felizardo.

As *carteiras* do Banco do Brasil têm sido testemunhas de coisas análogas e outros departamentos da administração também.

É um erro prestigiar todo o entrave que se opôs ao livre jogo das forças sociais. É da autonomia de cada uma delas e do seu desenvolvimento total que podemos obter, não só o seu melhor aproveitamento para benefício comum, como seu equilíbrio perfeito e eficaz.

O que o governo e os costumes do Brasil estão fazendo, com essa superstição do *doutor* é cercear iniciativas, é condenar inteligências inovadoras, senão à obscuridade completa, desânimo e ao relaxamento.

Só os ricos podem formar-se e nós já sabemos como, em geral, eles se formam. Os pobres que procuram lugares subalternos, logo na adolescência e são diligentes e capazes, adquirem por isso mesmo, nas suas especialidades um tirocínio maior e uma prática mais estimável para os ofícios do que o duvidoso saber da maioria dos medíocres que saem das nossas escolas. A lei e os regulamentos não deviam impedir que aqueles fossem recompensados, conforme o mérito revelado, com lugares de certa importância no fim da vida.

Na Estrada de Ferro Central, era assim até bem pouco tempo. Os sub-inspetores do movimento e dos telégrafos, eram escolhidos entre os antigos telegrafistas e chefes de trem; veio a República e a avidez dos doutores do Largo de S. Francisco [11] tomou os lugares para eles. Há repúblicas aristocráticas.

---

[8] Belisário Augusto de Oliveira Pena (MG. 1868 - 1939); Oswaldo Gonçalves Cruz (1872 - 1917); Miguel Couto (RJ. 1865 - 1934) e Aloysio de Castro (1881 - 1959): quatro médicos que no início do período republicano se destacaram por suas ações em campanhas de saneamento urbano e rural, melhoria dos serviços médicos para a população brasileira e empenho na formação de profissionais da medicina. A crítica é relativa ao fato de que Oswaldo Cruz e Miguel Couto, sem nunca ter se dedicado à literatura, foram eleitos membros da Academia Brasileira de Letras pelo seu prestigio como médicos.

[9] Thomas Babington Macaulay - I Barão de Macaulay (Ing. 1800 – 1859): poeta, historiador e político inglês. Escreveu vários ensaios sobre a história da Inglaterra e política. Na biblioteca de Lima havia cinco volumes de *Essais sur l'Histoire d'Angleterre*.

[10] Título da baixa nobreza inglesa, cuja grafia correta é *baronnet.*

[11] Academia de Direito do Largo de São Francisco: criada pela Lei Imperial de 11 de agosto de 1827, representa o início da vida estudantil e cultural paulistana. A partir de 1852, nas suas instalações, também funcionou a primeira Biblioteca Pública

A aliança do *doutor* com a burguesia, que se faz em geral pelo casamento, dá ao *formado* toda a força que, nos nossos tempos, o dinheiro tem, e a sua simulação intelectual e de saber, acabando em superstição na massa, dá por sua vez, o prestígio que a inteligência sempre teve, tem e terá, sem lhe ditar mais amor ao estudo, mais honestidade mental, mais abnegação profissional e critério no cumprimento do dever. São maus pastores... Em geral, ele perde a pouca curiosidade intelectual que tinha na Escola, esquece as poucas noções que recebeu, atem-se a fórmulas, gastas receitas e fica um (fátuo) [12] silencioso e solene, defendendo a sua inópia cerebral, a sua ignorância com a superstição pelo título que todos têm, principalmente as moças, de todas as condições, mas, em muitas das quais, sabe Deus! Com que amargura, ela vem se desfazer, quando conhecem intimamente o *doutor* que é marido delas. Estas é que são mais francas quando falam deles, pois o manipanso se lhes mostra completamente o que era: um toco de pau bem duro.

Essa abusão doutoral, além de impedir a inovação, pondo todas as inteligências num mesmo molde, instilando nelas preconceitos intelectuais obsoletos; além de tudo isso, com o nosso ensino superior feito em pontos manuscritos ou impressos, em cadernos e outros bagaços, muito espremidos, das disciplinas do curso, sem professores atentos ao progresso do saber professado por eles e, por encerrados no dia em que recebem o decreto de nomeação – causa toda a nossa estagnação intelectual, desalenta os mais animosos, não dá vontade às inteligências livres para o esforço mental e vamos assim ficando como os chineses, parados intelectualmente mas sempre cheios de admiração pelos grotescos exames de Cantão.

O Sr. Tobias Monteiro [13], em uma interessante brochura – *Funcionários e doutores* aconselhou nossa mocidade a procurar outros caminhos, entre os quais, apontou o da lavoura. O ilustre publicista, como em geral todos os nossos publicistas, jornalistas, romancistas, etc., não quis descer a detalhes de dinheiro. Nos nossos dias, são os mais importantes. Qual mocidade que o Sr. T. M. [14] quer que se dedique à lavoura? A rica?

Esta não é tola de abandonar o trilho batido que lhe dá todos os privilégios, lhe disfarça a miséria mental, e lhe abre todas as portas, para se meter no mato e exercer uma profissão que, para ser remuneradora, exige trabalho, atividade, prática, senão saber.

Pois se um vulgar bacharelete, mais ou menos rico de si, porém muito mais rico, por ser casado com a filha de um judeu milionário, pode, apesar de completamente desconhecido, fazer-se deputado comprando votos a trinta mil-réis a cabeça e com vales de jantar, por que havia ele de deixar de ser bacharel para estar à testa de uma plantação de arroz, em lugar ermo, sem Lírico, Municipal [15] e sósias de celebridades européias do palco e outros lugares, sósias destinadas unicamente à América do Sul? Era engraçado...

---

de São Paulo. Após sua fundação, a capital paulistana se tornou um reduto de estudantes das elites, paulista e brasileira, e vindo a acordar da sua longa letargia colonial. De acordo com o antropólogo brasilianista norteamericano Richard Morse, as repúblicas de estudantes da Academia de Direito romperam com o austero código do sobrado e da família paulistana, pois, "introduziram novas modas no vestuário, as caçadas, a natação, o *flirt,* as bebidas, as orgias e o hábito de se reunirem para discussões e divertimentos em bares e cafés. Levaram a vida para as ruas, ao ar livre, criaram a necessidade de tavernas, livrarias, e inauguraram o sentimento de comunidade". Em 1934 foi incorporada à Universidade de São Paulo. Passaram pelas suas "arcadas" nomes ilustres tais como: Rui Barbosa, Prudente de Morais, Campos Salles, Whashington Luis, Rodrigues Alves, entre tantos outros, políticos, juristas e literatos de destaque nacional.

[12] Na edição de *Bagatelas* de 1923, está grafado "fausto", na de 1961 "fátuo".

[13] Tobias do Rego Monteiro (RN. 1866/1952): jornalista e historiador. Crítico do funcionalismo público, principalmente da parcela doutoral. Autor de *Funcionários e doutores*, que é um libelo contra a camada social que vivia inutilmente à custa do Estado, legislando em causa própria, além de causar um desperdício de mais de 80% do orçamento dos Ministérios da República. Lima tinha um exemplar de *Funcionários e doutores* na sua biblioteca.

[14] Tobias Monteiro.

[15] O Rio de Janeiro, como capital da República, era o centro das atividades artísticas e culturais do Brasil no início do século XX. O Teatro Lírico e o Teatro Municipal eram as duas principais casas de espetáculos da cidade. Ambas, além de apresentar artistas e peças de autores nacionais, ofereciam ao público espetáculos de variedades com atores e cantores líricos de renomadas companhias francesas e italianas. O Lyrico, antigo Circo Olympico e Theatro D. Pedro II, era o melhor teatro da cidade, contudo, foi descrito por Luiz Edmundo como "uma ruína dourada, mostrando uma reles entradinha de ladrilhos, cercada de espelhos muito velhos, muito sujos, muito enodoados e uns porteiros de apresentação grotesca...". Nele se apresentaram os cantores líricos Francesco Tamagno, Enrico Caruso, a atriz Sarah Bernhardt, o maestro Arturo Toscanini e a famosa cantora e atriz francesa Jeanne Bourgeois, artisticamente conhecida como Mistinguette. Da mesma forma, o Teatro Municipal desde a sua inauguração, em 1909, apresentou em seu palco alguns dos mais aplaudidos artistas internacionais da dança, da música e da ópera, como também brasileiros, entre eles, Bidu Sayão e Heitor Villa - Lobos.

Seria a mocidade pobre que o Sr. T. M. queria se referir? Pense bem o ilustre jornalista: um moço pobre, consegue uma carta de agrônomo, onde ele irá arranjar dinheiro para comprara terras em que exerça a sua agronomia? Em parte alguma. Tem que procurar emprego, não é? O particular, o fazendeiro não lhe dá porque não acredita nessa nova espécie de *doutor*. Onde então? O remédio é cavar com o Pereira Lima [16] um emprego...

De resto, os pobres devem, seja como for, empregando mesmo os mais desesperados recursos, concorrer com os ricos burgueses no doutorado. Seria uma calamidade que esses anelados ficassem só constando de gente como o Sr. Aloysio de Castro, uma auspiciosa reencarnação do Mestre Garcia de Orta [17], físico d'El-Rei, ou como o Sr. Hélio Lobo [18], vulgo "secretário da presidência" ou "papa-ajudas de custo". É preciso que os pobres façam-se doutores para contrabalançar a influência nefasta dos burgueses felizes e precocemente guindados a alturas em que não se dispensa a idade, mesmo quando se trata de gênios; mas que eles conseguem com disfarces, peloticas e mais habilidades de feira.

Para terminar, observo ainda que é tal a fascinação pelo título, a superstição que tem por ele, que, uma revista desta cidade – "*Kodak*", de 3 de agosto do ano passado, - chegou ao desplante de por embaixo do retrato de uma senhora a seguinte expressiva legenda – Mme. Dr. V. R.. Já se viu coisa igual?

Além desse fato curioso e denunciador do nosso estado de espírito em relação ao *doutor*, temos ainda o Sr. Pereira Lima, doutor não sei em que, é Presidente da Associação Comercial; e os mercados do Rio de Janeiro elegeram como seu representante na Câmara de Deputados, o dr. Sampaio Correia [19], que aliás, é um homem de verdadeiro talento.

Depois disto tudo, quererá ainda o Sr. Tobias Monteiro mandar os moços pobres para a lavoura e para o comércio? O remédio é outro, Sr. Tobias; e só se poderá aplicá-lo quando a ocasião propícia surgir. Não tardará muito.

Expus, talvez mal, os motivos da minha birra; mas não me despeço sem prometer que hei de continuar a campanha enquanto tiver um pingo de vida.

---

[16] José Pereira Lima (PB: ?): político e rico produtor de algodão. Vaidoso e dissimulado, padrinho de Lampião, era considerado um dos mais poderosos coronéis e político do sertão paraibano; atuava na política federal como uma espécie de primeiro ministro. Morreu em 1949 em circunstâncias misteriosas, possivelmente envenenado.

[17] Garcia de Orta (Port 1500 — Ind. 1568): médico. Judeu/português que viveu na Índia no século XVI. Autor pioneiro de estudos sobre Botânica, Farmacologia, Medicina Tropical e Antropologia. Garcia de Orta perpetuou seu nome com a publicação do livro *Colóquio dos simples e drogas e coisas medicinais da Índia*, editado em Goa em 1563.

[18] Hélio Lobo Leite Pereira (MG. 1883 - RJ. 1960): diplomata brasileiro. Ingressou no Itamarati quando o Barão do Rio Branco desfrutava de todo seu prestígio como Ministro das Relações Exteriores. Representou o Brasil em diversas ações diplomáticas como por exemplo, Secretário Geral da Delegação do Brasil na Conferência de Versalhes em 1919 e, a título individual, foi escolhido membro do chamado Comitê Central para tratar das atividades técnicas da Sociedade das Nações em Genebra. (Sociedade das Nações**,** também conhecida como Liga das Nações**,** foi uma organização internacional criada em janeiro de 1919, em Versalhes, onde as potências vencedoras da Primeira Guerra Mundial se reuniram para negociar um acordo de paz. Sua última reunião ocorreu em abril de 1946.).

[19] José Mattoso de Sampaio Correia (RJ 1875 - ?): professor, engenheiro, jornalista. Ocupou cargos políticos entre 1918 e 1927. Publicou vários trabalhos sobre engenharia de estradas de ferro e abastecimento de água.

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923.(pp. 5-13)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 39-51)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp.-344-354)

"SÃO PAULO E OS ESTRANGEIROS" [20]

Quando em 1889, o Sr. Marechal Deodoro proclamou a República, eu era menino de oito anos.

Embora fosse tenra a idade em que estava, dessa época e de algumas anteriores eu tinha algumas recordações. Das festas por ocasião da passagem da lei de 13 de Maio ainda tenho vivas recordações; mas da tal história da proclamação da República só me lembro que as patrulhas andavam, nas ruas, armadas de carabinas e meu pai foi, alguns dias depois, demitido do lugar que tinha[21].

E é só.

Se alguma coisa eu posso acrescentar a essas reminiscências é de que a fisionomia da cidade era de estupor e temor.

Nascendo, como nasceu, com esse aspecto de terror, de violência, ela vai aos poucos acentuando as feições que já trazia no berço.

Não quero falar aqui de levantes, revoltas, de motins, que são, de todas as coisas violentas da política, em geral, as mais inocentes. [22]

Há uma outra violência que é constante, seguida, tenaz e não espasmódica e passageira como as rebeliões de que falei.

Refiro-me à ação dos plutocratas, da sua influencia seguida, constante, diurna, noturna, sobre as leis e sobre os governantes, em prol do seu insaciável enriquecimento.

A República, mais do que o antigo regime, acentuou esse poder do dinheiro, sem freio moral de espécie alguma; e nunca os argentários do Brasil se fingiram mais religiosos do que agora e tiveram da Igreja mais apoio.

Em outras épocas, no tempo do império regalista, cético e voltereano, os ricos, mesmo quando senhores de escravos, tinham em geral, a concepção de que o poder do dinheiro não era ilimitado, e o escrúpulo de consciência de que, para aumentar as suas fortunas, se devia uma escolha dos meios.

Mas veio a República e o ascendente nela (da política) [23] da gente de São Paulo fez apagar-se toda essa fraca disciplina moral, esse freio na consciência dos que possuem fortuna. Todos os meios ficaram sendo bons para se chegar a ela e aumentá-la desmasracadamente. Através

Protegidos, devido a circunstâncias que me escapam, por uma alta fabulosa no preço da arroba de café, de que, anos após a República, os ricaços da Paulicéia se fizeram os principais

[20] Convidado por Astrojildo Pereira, Lima Barreto escreveu dois artigo para o jornal *O Debate*, "São Paulo e os estrangeiros" e "São Paulo e os estrangeiros II", publicados em 06.10.1917 e 13.10.1917 respectivamente. Lima Barreto incluiu somente o primeiro na edição de *Bagatelas* de 1923; "São Paulo e os estrangeiros II" foi incluído por Assis Barbosa no volume *Marginália*. (MA: SP: 193. p. 204).

[21] João Henriques de Lima Barreto (RJ (?) - 1922): pai do cronista. Tipógrafo de profissão, exerceu seu ofício na Imprensa Nacional, na *Semana Ilustrada*, no *Jornal do Commercio* e n'*A Reforma*. Protegido do Visconde de Ouro Preto, trabalhou como chefe das oficinas da *Tribuna Liberal*. Após a Proclamação da República fez campanha pela restauração e, por ter participado da despedida do Visconde de Ouro Preto para o exílio, João Henriques foi exonerado da Imprensa Nacional em 11.02.1890. Com a ajuda de amigos de Ouro Preto, foi nomeado gerente da Colônia dos Alienados da Ilha do Governador, onde morou com a família até enlouquecer em 1902. Morreu em 1922, um dia antes de seu filho Afonso, ambos foram enterrados no dia de Finados no cemitério de São João Batista. Traduziu do francês para o português, a obra de Jules Claye, *Manual do aprendiz compositor*.

[22] Lima Barreto se refere aos inúmeros movimentos e agitações dos quais a Primeira República foi palco, como por exemplo, a Revolta da Armada (1891), Revolução Federalista (1892), Canudos (1896), Guerra das Oligarquias (Mato Grosso - 1899), Revolução do Acre (1903), Revolta da Vacina e Rebelião dos Cadetes da Escola Militar da Praia Vermelha (1904), Sublevação da Fortaleza de Santa Cruz (1906), Revolta da Marujada (1910) entre outros.

[23] Trecho ( ) não está no texto do jornal.

produtores, puderam eles melhorar os seus serviços públicos e ostentar, durante algum tempo, uma magnificência que parecia fortemente estabelecida.

Seguros de que essa gruta alibabesca do café a quarenta mil-réis a arroba não tinha conta em tesouros, trataram de atrair para as suas lavouras imigrantes, espalhando nos países de imigração folhetos de propaganda em que o clima, do Estado, a facilidade de arranjar fortuna nele, as garantias legais – tudo, enfim, era excelente e excepcional.

A esperança (é forte) nos governos, que aqui, quer na Itália ou na Espanha; e desses dois últimos países, em chusma, acorreram famílias inteiras e milhares de indivíduos isolados em busca de abastança, que os homens do estado diziam ser fácil de obter.

A gente que o vem dominando há cerca de trinta anos enchia-se de contentamento e até estabeleceu a exclusão da sua polícia de gente com sangue negro nas veias.

A produção do café, porem, foi transpondo o limite do consumo universal e a descer de preço, portanto; e os doges do Tietê [24] começaram a encher-se de susto e a inventar paliativos e remédios de feitiçaria, (para evitar a depreciação).

Um dos primeiros lembrados foi a proibição do plantio de mais um pé de café que fosse.

Esta sábia disposição legislativa tinha antecedentes em certos alvarás ou cartas régias do tempo da colônia, nos quais se proibiam certas culturas que fizessem concorrência às especiarias da Índia, e (também), o estabelecimento de fábricas de tecidos de lã e mesmo oficinas de artefatos de ouro[25], para não tirar a freguesia dos do reino.

Que progresso administrativo!

Os paliativos, porém, não deram em nada e um judeu alemão ou americano inventou a tal história da valorização com que a gente de São Paulo taxou mais fortemente os agricultores e favoreceu os grandes e poderosos, nas suas especulações.

A situação interna principiou a ser horrível, a vida cara, enquanto os salários eram mais ou menos os mesmos anteriores. O descontentamento se fez e os pobres começaram a ver que, enquanto eles ficavam mais pobres, os ricos ficavam mais ricos.

Os governantes do estado, que influíam quase soberanamente nas decisões da União, deixaram de fazer a tal propaganda do estado, no estrangeiro, mas aumentaram a polícia, para a qual adquiriram instrutores e mortíferas metralhadoras e deram em excomungar os estrangeiros a que chamam de anarquistas, de inimigos da ordem social, (esquecidos de que andavam antes) a proclamar que a elegância da sua capital, os seus lambrequins [26], as suas fanfreluches [27] eram devidas a eles, sobretudo aos italianos. A influência dos estrangeiros, diziam, fez de São Paulo a única coisa decente do Brasil. (E todos aceitaram) porque os dominadores de São Paulo sempre se esforçaram por esconder as dilapidações ou coisas parecidas, convencendo os seus patrícios de que o estado, a sua capital, sobretudo, era coisa nunca vista.

Não havia um casarão burguês com umas colunas ou uns vitrais baratos, que eles logo não proclamassem aquilo o castelo de Chenonceaux [28] ou o palácio dos Doges [29].

Tudo o que havia em São Paulo não havia em parte alguma do Brasil. A sua capital era uma cidade européia e a capital artística do país.

---

[24] O rio Tietê, que percorre o Estado de São Paulo por 1.150 km, e a capital paulistana, é um dos símbolos da história dos paulistas. O primeiro registro do rio Tietê é de 1748 no Mapa D'Anvilee; em tupi, significa "rio verdadeiro", ou "águas verdadeiras". Foi por esse rio que os bandeirantes saíram para explorar o interior do Brasil em busca de ouro e pedras preciosas, significando, portanto, o ponto de partida do alargamento das fronteiras da Capitania e do território brasileiro.

[25] No artigo do jornal e na edição de *Bagatelas* de 1923 está escrito "ouro", na edição de 1961, "couro".

[26] Ornatos e recortes de madeira para beira de telhados.

[27] Ornamentos de pouco valor

[28] Castelo de Chenonceau: situado às margens do Rio Chér, um afluente do Rio Loire (França), é também conhecido como o Castelo das Mulheres, devido a uma história, no século XVI, de disputa de sua propriedade entre Catarina de Medicis e Diane de Poitiers respectivamente esposa e amante do Rei Henri II da França.

[29] Palácio Ducal ou Palácio dos Doges: símbolo da cidade de Veneza, foi construído no século IX, para moradia e sede do governo da cidade, durante o governo do Doge Angelo Partecipazzio. O que existe, atualmente, foi construído entre 1309 e 1424. Na entrada tem duas estátuas, uma de Netuno e outra de Marte, símbolos do domínio de Veneza sobre a terra e o mar. Os detalhes decorativos são suntuosos, as paredes, por exemplo, foram pintadas por Tintoretto (1518 – 1594). O detalhe mais interessante do palácio é a "Boca da Verdade" – uma máscara humana esculpida em pedra com a boca aberta, assim feita, para que os venezianos depositassem suas cartas com reivindicações e denúncias de inimigos do governo.

Entretanto, a antiga província não dava, a não ser o Sr. Ramos de Azevedo [30], um grande nome ao país em qualquer departamento de arte.

Não contentes em proclamar isto dentro do Estado, começaram a subvencionar jornais e escritores de todo o país para espalharem tão pretensiosas afirmações, que o povo do Estado recebia como artigos de fé a fazer respeitar o "trust" político que o explorava ignobilmente. "Vanitas vanitatum"... [31]

Seguros de que a opinião os apoiava, porque tinham feito o Estado o primeiro do Brasil, os políticos profissionais de São Paulo trataram de abafar as críticas dos estrangeiros descontentes ou com opiniões avançadas, a todos, enfim, que não se deixavam embair com a tal história da capital artística e cidade européia.

Os estrangeiros, agora não serviam e eles queriam livrar-se do incômodo que os forasteiros lhes davam, criticando-lhes os atos, a sua cupidez, o esquecimento dos seus deveres de governantes, para só protegerem os ricaços, os monopolistas, que eram também estrangeiros, mas não no ponto de vista do governo estadual, que só julga assim aqueles que não partilham a opinião de que lê é o mais sábio do mundo e afirmam que, em vez de estar fazendo a felicidade geral, está concorrendo para enriquecer os seus filhos, seus genros, seus primos, seus netos e afilhados e os plutocratas ávidos.

Trataram logo de se armar de leis que fizessem abafar os gemidos; [32] (e uma delas é a célebre de expulsão que não se coaduna com o espírito de nossa Constituição; que é inconseqüente com a propaganda feita por nós para atrair estrangeiros, que podem e devem fiscalizar as nossas coisas, pois nós os chamamos e eles suam por aí.

Sem mais querer dizer, podemos afirmar que todo o nosso mal-estar atual, todo o cinismo dos especuladores com a guerra, inclusive Zé Bezerra e Pereira Lima [33], vêm desse maléfico espírito de cupidez de riqueza com que São Paulo infeccionou o Brasil, tacitamente admitindo não se dever respeitar qualquer escrúpulo, fosse dessa ou daquela ordem, para obtê-las, nem mesmo o de levar em conta o esforço, a dignidade e o trabalho dos imigrantes, os quais só lhe servem quando curvam a cerviz à sua desumana ambição crematística).

Lima Barreto

Astrojildo Pereira - 1917
co-diretor do jornal *O Debate*

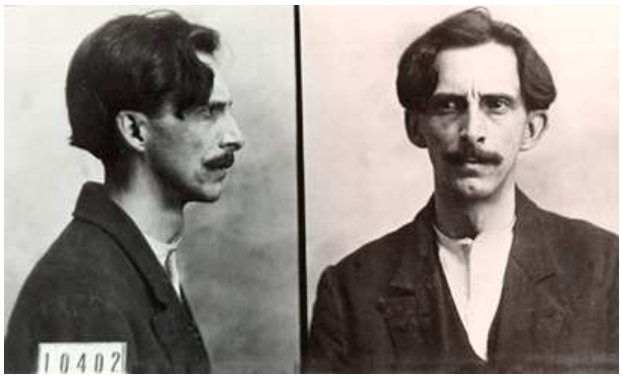
[30] Francisco de Paula Ramos de Azevedo (SP. 1851 — 1928): renomado arquiteto brasileiro. No fim do século XIX projetou inúmeras residências para famílias da elite paulistana. Entre suas obras mais conhecidas estão o Teatro Municipal de São Paulo, Mercado Municipal de São Paulo, Palácio das Indústrias, Palácio da Justiça de São Paulo e o Colégio Sion de São Paulo.

[31] Célebre frase de Juvenal (Décimo Júnio Juvenal – Ver crônica "Uma simples nota").

[32] No jornal, o texto termina neste ponto com a seguinte frase: "Trataram logo de se armar de leis que fizessem abafar os gemidos. Havemos de ver como.".

[33] José Rufino Bezerra Cavalcanti (PE. 1865 — 1920): advogado e político pernambucano. Filho de proprietários rurais ligados à produção açucareira, foi usineiro e senhor de engenho. Formou-se pela tradicional Faculdade de Direito do Recife. Durante seu mandato de Presidente de Pernambuco (1919), aproximou usineiros e comerciantes com a chamada Política de Conciliação. Além do governo estadual, José Bezerra exerceu mandatos de deputado federal e senador, durante o governo de Venceslau Brás (1914-1918) foi Ministro da Agricultura. Na Revista *ABC*, Lima Barreto publicou uma crônica endereçada a José Bezerra em 12.05.1917 intitulada "Carta fechada — Meu maravilhoso Senhor Zé Rufino". (Por vezes Lima se refere a esse político por "Zé Rufino", em outras "Zé Bezerra).

Foto do movimento grevista publicada no jornal *A Plebe* dirigido por Edgard Leuenroth



Edgard Leuenroth
Foto veiculada pela polícia de São Paulo por ocasião de sua prisão na greve de 1917

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: microfilme
Periódico: *O Debate*. Rio de Janeiro: Ano I, nº 13, 06.10.107.(p-3)
Arquivo: Edgard Leuenroth. AEL/IFCH.UNICAMP – SP
Referência: MR/0764
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp- 15-17)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 52-55)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp. 288-291)

"CASOS DE BOVARYSMO" [34]

"...un grand oiseau au plumage rose, planant
dans la esplendeur des ciels poétiques…"
Gaultier – *Le Bovarysme.*

Notou Jules Gaultier [35], um moderno filósofo francês, que Flaubert [36] selara quase todos os personagens dos seus romances com a marca genial de um só modo de ver.

É o caso que uma espécie de Mal do Pensamento [37], mal de ter conhecido a imagem das sensações e dos sentimentos antes realidade, como já dissera P. Bourget [38], anima e perturba as almas de Frédéric Moreau, de Regimbard, Arnoux [39] e sobretudo, Mme. Bovary em que a embriaguez absorveu-a de tal modo que conduziu sua vida para o trágico.

É inútil lembrar a heroína de Flaubert. Toda a gente a conhece. Emma Bovary, pequena burguesa, educada num estabelecimento aristocrático, casada com um estúpido médico, ou coisa que o valha, faz de si um retrato de grande dama, talhada para altas cavalarias e satisfações, desenvolvendo para se aproximar de tal imagem todo o vigor de sua natureza violenta. O reflexo dessa imagem sobre a sua consciência faz que ela deforme toda a realidade, criando dentro de si um princípio de insaciabilidade, de ruptura que impede sempre o equilíbrio com o mundo externo. Sua vida é assim constantemente perturbada. A realidade não a satisfaz. Mal casada com o medíocre Charles, desgosta-se, despreza-o, abomina-o. Sonha amantes. Retrata-os carinhosamente na sua imaginação; idealiza-os suprimindo inconscientemente os perigos do adultério. Desvia-se da calma conjugal e estonteamento

[34]Mantive a grafia com "y" da edição de *Bagatelas* de 1923, uma vez que a palavra tem sua origem no nome – Emma de Bovary, personagem central do romance de Gustave Flaubert *Mme. de Bovary* e do termo – "bovarysme" criado por Jules de Gaultier.

[35] Jules de Gaultier de Laguioné (Fr. 1858-1942): filósofo e crítico; autor de *Le bovarysme. La psychologie dans l'oeuvre de Flaubert* (1892). Criou o termo "bovarysmo", para designar o transtorno psicológico de pessoas que se vêem diferente do que são na realidade. A noção inicial desenvolvida em torno desse termo estendeu-se para outros contextos, como por exemplo, a psicologia para descrever algumas neuroses, nas quais, uma pessoa desprovida de autocrítica vivencia uma distância insuperável entre a realidade objetiva e a imaginada; foi empregado também, com o sentido da alienação intelectual que precede a construção de uma identidade cultural própria, como a da sociedade francesa do século XIX, a qual Flaubert se opunha e descreveu na sua obra romanesca. Nesta crônica, e em outras passagens de sua obra, Lima Barreto observa que as pessoas e a sociedade brasileira do início do século XX tinham um comportamento bovárico. Gaultier publicou também um ensaio sobre Flaubert *Le génie de Falubert*. Entre outras atividades intelectuais foi colaborador da *Revue Blanche* e da *Mercure de France*. Seu nome consta na biblioteca de Lima com dois títulos.

[36] Gustave Flaubert (Fr. 1821-1880): romancista da Escola Naturalista francesa; seus livros mais famosos são: *Madame Bovary* (1857), *Educação sentimental* (1869) e *A tentação de Santo Antão* (1874).

[37] Lima Barreto se refere aos males que a intensificação da vivência e da sociabilidade na vida urbana causaram ao homem ocidental moderno, entre elas, sensações de desconforto moral, solidão, desespero existencial, o pessismo extremo e desencanto com a cultura. No *Dictionaire des idées recues* de Flaubert (Paris: L. Conrad, 1913) foram descritos como "mal de mer" e a "maladie de nerfs". Várias personagens de autores franceses, como por exemplo, Baudelaire e Flaubert, sofriam desses males.

[38] Charles Joseph Paul Bourget (Fr. 1852-1935): poeta, escritor, teatrólogo e crítico; membro da Academia Francesa. Teve influência decisiva ao movimento que se seguiu ao Naturalismo francês. Estudioso de Renan, Beaudelaire, Flaubert, Stendhal e Taine, autores que mais marcaram seu espírito. Considerava *Fragments posthumes d'un ouvrage de Claude Larcher* (1890) sua obra definitiva, na qual trata do amante moderno, do *flirt* e da conquista; à terapêutica do amor dedicou três capítulos. Em uma análise da alma humana na obra *Physiologie de l'amour moderne*, define diversas formas do pessimismo por "Males modernos". São famosos também os títulos *André Cornelis* e *Cruelle énigme*. Na biblioteca de Lima havia cinco títulos desse escritor.

[39] Frédéric Moreau, Regimbard e Mme. Arnoux são personagens do livro *Educação sentimental* de Gustave Flaubert, publicado em 1870, cuja narrativa se desenvolve em torno de uma relação amorosa entre um jovem e uma mulher madura.

que o sonho de irregularidade leva à sua alma, arrasta-a a falsificar a firma de seu marido, o que, descoberto a impele ao suicídio.

Devido à força com que a pobre Emma escravizou-se ao mal, pela alta dose de que dele era dotada, pareceu ao filósofo que Mme. Bovary, mais do que nenhum outro personagem de Flaubert, simbolizava essa função original de nossa alma, daí boarvismo, como ele o chamou.

É um caso agudo; outros há, porém, em que o indivíduo atingido dele para se aproximar da imagem criada, emprega pueris, minúsculos em comparação com o fim proposto. Na "*Educação Sentimental"* do mestre, é que temos o taciturno Regimbard que no fito de justificar a sua pretensão e entender de artilharia, se vestia no alfaiate de certa Escola Militar.

No "*Bouvard et Pécuchet"* [40] a visão toma outra feição. Já não mais é uma questão de orgulho pessoal, de pretensão ou vaidade; nenhum baixo móvel anima os dois bonachões, mas o que se revela neles é a desproporção entre o trabalho legado pela inteligência das gerações passadas e o fraco poder intelectual do indivíduo para apreendê-lo rapidamente. É a grandiosa imagem da Ciência da Literatura, que perturba a consciência deles; e, como bem nota Gaultier : *um comique supérieur se dégage au contraste manifeste entre la pauvreté du fantoche et la grandeur complexe d'idéal qu'il a entrevu et qu'il voudrait atteindre*.

Num vôo de metafísica, o filósofo se distancia, analisando à luz do modo de ver flaubertiano, concepções, idéias, e chega a mostrar não só o bovarismo como essencial á humanidade, necessário até e explicando a idéia de evolução e sendo sua causa, como também constituindo um criador real.

É um livro luxuriante, rico de apercebimentos novos e que tem sobretudo o mérito, como adverte seu autor, de não visar instituir qualquer reforma, propondo-se somente*: mettre entre les mains de quelques-uns um appareil d'optique mental, une lorgnette de spectacle qui permettre de s'intéresser au jeu du phénomène humain, par la connaissance de quelques-unes des règles qui l'ordonent*.

Armado, pois, desse binóculo de teatro que pode definir como o poder que é dado ao homem de se conceber outro que ele não é, e de encaminhar para esse outro, todas as energias de que é capaz – vamos experimentar no vulgar do dia-a-dia a força de suas lentes.

Andava eu com um meu amigo a visitar uma casa de loucos.

- Queres ver um que é curioso? disse-me.
- Quero, respondi-lhe.
- É o Fernandes. Um bondoso oficial de farmácia que as leituras enlouqueceram.

Chegamos.

- Fernandes, pergunta-lhe o interno, meu amigo, como vai teu livro? Sim! (dirigia-se agora a mim) porque aqui o Sr. Fernandes tem um grande livro.
- A obra imortal de verdade. Como vai? perguntei eu.
- Vocês são pequenos, mesquinhos para compreender: eu, disse o doente, bebo o leite de Minerva [41] na taça da filosofia.

E, quando de volta de novo passamos por ele, eu lhe indaguei de sopetão:

- Não é verdade que 7 x 8 são 64?
- Não, senhor, são 54.

Eis como estava o leite de Minerva, já estragado: a tabuada falhava no Fernandes.

Era um louco, por isso não me animo a classificá-lo como atingido do bovarismo.

---

[40] *Bouvad et Pécuchet* é o último romance escrito por Gustave Flaubert, editado postumamente em 1881. A narrativa se desenvolve em torno de uma série de trapalhadas desses dois personagens, que apesar de terem lido muitos livros, sobre os mais variados assuntos, não conseguem determinar o que seja verdade.

[40] Minerva, equivalente romana da deusa grega Atena**,** é deusa da sabedoria, das artes e da guerra. Suas características humanas encarnam duas faces: uma da mãe terna e espiritual, e a outra da madrasta cruel que repele os filhos. Como a imagem da deusa tem nas mãos uma coruja, que é o símbolo da sabedoria, eventualmente é relacionada com a busca do saber; dessa forma, a expressão "beber o leite nas tetas de Minerva" significa ir em busca do conhecimento.

E no trem, trem dos subúrbios; vem cheio. Entra o recebedor [42] pela porta da frente. No segundo ou terceiro banco, alguém diz:

- Sou delegado, tenho passe.

O condutor afastou-se. Continua o auxiliar a receber os bilhetes de passagens pacientemente. Quase ao chegar à portinhola do vagão, espera um retardatário lhe mostre o seu. Ei-lo que olha o pequeno papel; é um ministro de Estado que o apresenta ordinariamente.

Ao olhar de quem não estiver armado do binóculo bovary, não se apresentarão os dois atos como idênticos. Ambos são, entretanto, idênticos; partem do mesmo fato que os dois; o comum delegado e o poderoso ministro se concebem outros que não são.

O delegado acredita-se participando de Júpiter Tonante [43], tem algo de onipotente. Quando olha a rua povoada de gente que se cruza da direita para a esquerda, de lá para cá, diz de si para si:

- Se andam soltos, é porque eu quero, senão...

Ao ministro, já a imagem do poder não perturba. Crê-se outro Colbert, Richilieu, Marquês de Pombal, ou, no mínimo, Cotegipe, Saraiva, Dantas, Zacarias e Ouro Preto [44] ou outro qualquer dos nossos; de modo que para isso deve estar atento com a imortalidade, ficar certo de que esta vai lhe registrar os atos, os gestos, as frases... Como os dois se enganam, meu Deus!

É puro bovarismo!

Foi meu colega um rapaz razoavelmente inteligente que a simpatia de um governador guindou a uma alta posição num Estado dos nossos. Há meses, eu o vi aqui pelas ruas, a andar solenemente de sobrecasaca, passando por mim a estourar como um peru em roda, espreitando as sentinelas como quem espera brados de armas. Foi o bovarismo... Como? Concebendo-se outro, muito grande, extraordinário, o pobre moço deformou a realidade: o que ele deveu à pura e simples afeição de um governador que o esperava para genro, atribuiu ele a seu mérito.

O meu amigo H., velho funcionário público, com tantos e tantos anos de serviço, sem uma licença, está atingido de bovarismo. Aquele contato diário com a pena, com o papel e tinteiro; o constante elogio dos diretores pela sua caligrafia, pelos seus ofícios, despertaram-lhe n'alma uma curiosa imagem. Acreditou-se escritor, literato; e o humilde escriba para quem o talhe da letra era a única preocupação, pôs-se febrilmente a escrever versos, romances, contos e, há dias – coitado! – veio me dizer:

- Você sabe? Tenho uma grande obra.
- Qual é?
- A *Comédia do Pó?*
- ?
- É melhor que a Divina Comédia e um pouco superior ao D. Quixote.

Relatou-me um conhecido que muito se dera com o filantropo Z, um fato revelador de bovarismo.

Z, com o seu talento e a sua filantropia, ganhara uma fortuna. O que lhe valera dar grande expansão ao seu amor ao luxo e às satisfações de uma natureza exigente. Não havia quem como ele amasse as roupas bem cortadas, os sapatos caros, a roupa branca fina. O seu amor à mesa, às iguarias, era uma paixão. Parecia que Z verificava o aforismo de Brillat-Savarin [45] os animais nutrem-se; o homem come; só o homem de espírito sabe comer.

---

[42] "Recebedor", funcionário de empresas de transportes coletivos, que corresponde atualmente ao cobrador.

[43] Júpiter Tonante: na mitologia romana é um dos epítetos de Júpiter, ou Zeus na Grécia, pai e soberano de todos os deuses. Venceu seu pai Saturno, os Titãs, deu a Netuno o mar, a Plutão os infernos e guardou para si o Céu e a Terra. Júpiter Tonante aparece como personagem no teatro e na literatura desde a Antiguidade Romana.

[44] Jean-Baptiste Colbert (Fr. 1619-1683); Armand Jean du Pléssis - Duque du Richilieu (Fr. 1585-1642); Sebastião José de Carvalho e Melo - Marquês de Pombal (Port. 1699-1782); João Mauricio Wanderley - Barão de Cotegipe (BA. 1815-1889); Conselheiro José Antonio Saraiva (BA. 1823-1895); Manuel Pinto de Souza Dantas (BA. 1831-1894); Zacarias de Góes Monteiro (BA. 1815-1887) e Afonso Celso de Assis Figueiredo - Visconde de Ouro Preto (MG. 1837-1912), nomes que se notabilizaram como estadistas, Ministros de Estado, reformadores da ordem política, econômica e social, ou conselheiros em monarquias absolutistas da França, de Portugal e do Brasil.

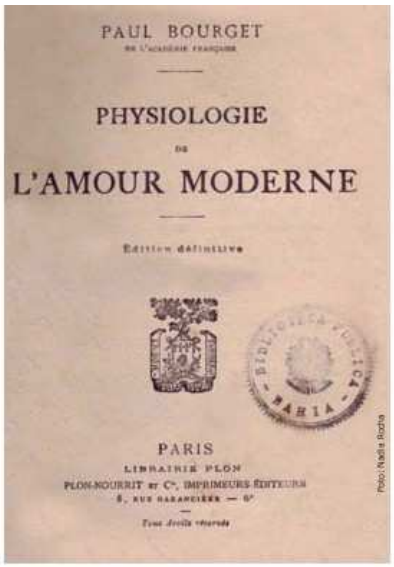
[45] Jean Anthelme Brillat-Savarin (Fr. 1755-1826): famoso gourmet francês, e apreciador de bons restaurantes escreveu com erudição e humor a obra gastronômica *Physiologie du goût ou méditations de grastronomie transcendante, ouvrage théorique,*

Entretanto Z, com essa natureza exigente sonhava o martírio social. Batia-se pelas reformas, idealizava perseguições, criava falanstérios. Em rodas de amigos só falava no grande problema, na questão máxima; no sofrimento das classes pobres; e pela sobremesa, contaram-me depois de farto jantar em viandas e vinhos, roía um pedaço de pão velho para, afirmava, nunca se esquecer dos que passam e curtem fome.

Mais casos poderia citar; mas é bom parar, visto ter muita razão o suave Rémy de Gourmont [46], com o assegurar que a filosofia se dirige a cada um de nós em particular.

Bacon, Descartes, Spencer, Schopenhauer narraram, como Shakespeare ou Racine [47] as aventuras de um herói e de um príncipe que somos nós mesmos e esta nossa misteriosa alma de homens; e que não há uma página de seus livros em que o leitor não pare para levantar a cabeça e refletir sobre o seu destino, com os olhos vagos e o coração perturbado.

Paremos.



Frontispício do livro de Paul Bourget
Phisiologie de L'Amour Moderne

FONTES DE PESQUSA:
Primárias:
Suporte - livro
Romances Populares (R. do Carmo, 35), 1923.(pp. 19-22)
Arquivo: Edgard Leuenroth - AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão - B869. 349 B275b

Secundárias:
Suporte - livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp.56-60)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vols. I. (pp. 327).

---

historique et à l'ordre du jour, dédié aux gastronomes parisiens par um professeur, membre de plusiers societés littéraires et savantes. Essa obra de gastronomia constava da biblioteca de Lima.

[46] Rémy de Gourmont (Fr. 1858 - 1915): poeta, romancista, dramaturgo e ensaísta francês. Um dos principais expoentes do simbolismo, defensor da tese de que a crítica deve desprezar os valores éticos em detrimento dos estéticos. Foi um dos fundadores da revista *Le Mercure de France* (1890), que representava as ideias da corrente simbolista. Influenciou poetas como T. S. Eliot e Ezra Pound e deu importância a autores como Villiers de l'Isle Adam, Huysmans, Stephane Mallarmé e Friederich Nietzsche, quando suas obras eram ainda pouco conhecidas. Como ensaísta produziu uma obra de interesses filológicos, estéticos, filosóficos e literários; foi também autor de peças, poemas e romances. Constava com três títulos na biblioteca de Lima.

[47] Lorde Francis Bacon (Ing. 1561-1626); René Descartes (Fr. 1596-1650); Herbert Spencer (Ing. 1820-1903); Arthur Schopenhauer (Al. 1788-1860); William Shakespeare (Ing. 1564-1616) e Jean-Baptiste Racine (Fr. 1639-1699): famosos, em épocas diferentes, por inovar o pensamento filosófico, cientifico e artístico europeu. Os dois primeiros do século XVII, desenvolveram métodos para o desenvolvimento das ciências através da observação; os dois outros, do século XIX, sistematizaram o darwinismo social e o idealismo alemão, respectivamente. Lima tinha em sua biblioteca, ou havia feito leitura, de todos eles.

"TENHO ESPERANÇA QUE..."

Certas manhãs, quando desço de bonde para o centro da cidade, naquelas manhãs em que, no dizer do poeta, um arcanjo se levanta de dentro de nós quando desço do subúrbio em que resido há quinze anos, vou vendo pelo caminho de mais de dez quilômetros, as escolas públicas povoadas.

Em algumas, ainda surpreendo as crianças entrando e se espalhando pelos jardins à espera do começo das aulas, em outras, porém, elas já estão abancadas e debruçadas sobre aqueles livros que meus olhos não mais folhearão, nem mesmo para seguir as lições de meus filhos. Brás Cubas [48] não transmitiu a nenhuma criatura o legado da nossa miséria; eu, porém, a transmitiria de bom grado.

Vendo todo o dia, ou quase, esse espetáculo curioso e sugestivo da vida da cidade, sempre me hei de lembrar da quantidade de meninas que, anualmente, disputam a entrada na Escola Normal[49] desta cidade; e eu que estou sempre disposto a troçar as pretensões feministas, fico interessado em achar no meu espírito uma solução que satisfizesse o afã do milheiro dessas candidatas a tal matrícula, procurando com isso aprender para ensinar, o que? O curso primário, as primeiras letras a meninas e meninos pobres, no que vão gastar a mocidade, a sua saúde e fanar sua beleza. Dolorosa coisa para uma moça...

A obscuridade da missão e a abnegação que ela exige, cercam essas moças de um halo de heroísmo, de grandeza, de virtudes que me faz naquelas manhãs em que sinto o arcanjo dentro de minha alma, cobrir todas elas da mais viva e extremada simpatia. Eu me lembro também da minha primeira década de vida, de meu primeiro colégio público municipal, na Rua do Resende, das suas duas salas de aula, daquelas grandes e pesadas carteiras do tempo e, sobretudo, da minha professora – D. Tereza Pimentel do Amaral – de quem, talvez se a desgraça um dia, enfraquecer-me a memória não me esqueça de todo. [50]

De todos os professores que eu tive, houve cinco que me impressionaram muito; mas é dela que guardo mais forte impressão.

O doutor (assim o tratávamos) Fructuoso da Costa [51], um deles, era preto mineiro, que estudara para padre e não chegara a ordenar-se. Tudo nele era desgosto, amargor; e às vezes, deixávamos de analisar a "Seleção", para ouvirmos de sua feia boca histórias polvilhadas dos mais atrozes sarcasmos. Os seus olhos inteligentes luziam debaixo do *pince-nez* e o seu sorriso de remoque mostrava os seus dentes de marfim de um modo que não me atrevo a qualificar. O se enterro saiu de quase uma estalagem.

Um outro foi o Sr. Francisco Varella, homem de muito mérito e inteligente, que me ensinou História Geral e do Brasil. Tenho uma notícia de polícia que cortei de um velho *"Jornal do Commercio"* de 1878. Desenvolvida com a habilidade e o "savoir-faire" daqueles tempos, contava como foi preso um sujeito por trazer consigo quatro canivetes. "Explorava-a", como diz hoje nos

[48] Lima Barreto se refere a Brás Cubas, personagem/narrador, que morreu sem filhos e realizações, do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis,

[49] Escola Normal da Corte do Brasil: criada por decreto de D. Pedro II em 5 de abril de 1880, com o objetivo de formar professores de ambos os sexos. Tendo como primeiro diretor Benjamin Constant Botelho de Magalhães. Oferecia ensino gratuito para dois cursos: o de ciências e letras e o de artes. Na fundação já contava com 175 alunos matriculados; a procura de vagas sempre foi muito grande.

[50] Depois da morte de sua mãe, que lhe havia ensinado as primeiras letras, Lima Barreto foi matriculado no Colégio Público da Rua do Resende, onde teve como professora D. Tereza Pimentel do Amaral, sobre ela escreveu na crônica "Maio" - "Uma senhora muito inteligente, a quem muito deve meu espírito (...)" . (FM: 1961, p. 255).

[51] Além de Fructuoso da Costa, Lima Barreto cita os nomes de Francisco Varella, Ortiz Monteiro e Otto de Alencar, seus professores no internato do Liceu Popular Niteroiense. A partir dessa época, até 1894, quando completou o curso secundário e parte do suplente, as despesas com os estudos do escritor foram custeadas por seu padrinho Visconde de Ouro Preto. Em 1895, transferiu-se para o Colégio Pedro II, onde a maioria dos alunos era oriunda das classes mais abastadas da sociedade do Rio e Janeiro e outras regiões do Brasil.

jornais, criteriosamente o redator dizendo que "ordinariamente basta que um homem traga consigo uma única arma qualquer para que a polícia ache logo que deve chamá-lo a contas". Isto era naquele tempo e na Corte, pois o professor Chico Varella usava impunemente não sei quantos canivetes, punhais, revolveres; e, um dia, apareceu-nos com uma carabina. Era no tempo da Revolta [52]. Gabava-se, no que tinha muita razão, de ser parente de Fagundes Varella [53]; mas sempre citava a famosa metáfora de Castro Alves [54], como sendo das mais belas que conhecia: "Qual Prometeu tu te amarraste um dia...[55]".

Era um belo homem e, se ele ler isto, não me leve a mal. Recordações de menino...

Foi ele quem me narrou a lenda dos começos da guerra de Tróia, que, como sei hoje, é da autoria de um tal de Stasinos de Chipre [56]. Parece que é fragmento de um poema deste, conservado não sei em que outro livro antigo. O filho do rei de Tróia, Páris, foi chamado a julgar a contenda entre deusas, Vênus, Minerva e Juno.

Houvera um banquete no Céu e a Discórdia, que não havia sido convidada, para vingar-se, atirou um pomo de ouro, com a inscrição – "*À mais bela*". Páris, chamado a julgar quem merecia o prêmio. Entre as três, hesitou. Minerva prometia-lhe a sabedoria e a coragem; Juno, o poder real e Vênus...a mulher mais bela do mundo.

Aí, ele teve dúvidas: deu o "Pomo" à Vênus. Encontrou-se com Helena, que era mulher de Menelau, fugiu com ela: e a promessa de Afrodite foi cumprida. Menelau não quis aceitar esse rapto e declarou guerra com uma porção de outros reis de Tróia. Essa história é da mitologia; pois hoje nos parece catecismo. Naqueles dias, ela me encantou e fui da opinião do troiano; atualmente, porém, não sei como julgaria, mas certo não desencadearia uma guerra por tão pouca coisa.

Varella contava tudo isto com uma eloqüência cheia de entusiasmo, de transbordante paixão; e, ao me lembrar dele, comparo-o sempre com o Dr. Ortiz Monteiro, que foi meu lente, sempre calmo, metódico, não perdendo nunca um minuto para não interromper a exposição de sua geometria descritiva. A sua pontualidade e o seu amor em ensinar a sua disciplina faziam-no uma exceção no nosso meio, onde os professores cuidam pouco nas suas cadeiras, para se ocuparem de todo outro qualquer afazer.

De todos eu queria também falar do Sr. Otto de Alencar, mas que posso eu dizer de sua cultura geral e profunda, da natureza tão diferente da sua inteligência da nossa inteligência, em geral? Ele tinha alguma coisa daqueles grandes geômetras franceses que vêm de Descartes, passam por d'Alembert, Condorcet, chegam até nossos dias em Bertrand e Poincaré [57]. Podia tocar em tudo e tudo receberia a marca indelével do seu gênio. Entre nós, há muitos que sabem; mas não são sábios. Otto sem eiva de pedantismo ou de suficiência presumida, era um gênio universal, em cuja inteligência a total representação científica do mundo tinha lhe dado, não só a acelerada ânsia de mais saber, mas também a certeza de que nunca conseguiremos sobrepor ao universo as leis que supomos eternas e infalíveis. A nossa ciência não é nem mesmo uma aproximação; é uma representação do Universo peculiar a nós e que, talvez, não sirva para as formigas e gafanhotos. Ela não é uma deusa que possa

---

[52] Lima se refere, provavelmente, à Revolta da Vacina – 1904.

[53] Luís Nicolau Fagundes Varella (SP.1841 — RJ. 1875): poeta romântico e boêmio inveterado, foi um dos maiores expoentes da poesia brasileira, entre a segunda e a terceira geração romântica.

[54] Antônio Frederico de Castro Alves (BA. 1847 — 1871): poeta brasileiro, cujas poesias mais conhecidas são marcadas pelo combate à escravidão, motivo pelo qual é conhecido como "Poeta dos Escravos". Foi o nosso mais inspirado poeta do condorismo (terceira fase so romantismo, marcado pela temática social e a defesa de idéias de igualdade).

[55] Verso da segunda estrofe do poema "Vozes d'África" de Castro Alves publicado no livro *Os escravos* em 1883 – "Qual Prometeu tu me amarraste um dia /Do deserto na rubra penedia / Infinito: galé!... /Por abutre — me deste o sol candente, /E a terra de Suez — foi a corrente /Que me ligaste ao pé...".

[56] Há indícios de que Homero tenha se inspirado nos *Cantos Cípricos* de Stasinos de Chipre, séc. - VII, 11 livros que fazem parte do chamado "Ciclo Troiano", que reúne poemas épicos relacionados à Guerra de Tróia. Uma parte deles descreve os acontecimentos anteriores e posteriores aos eventos descritos na *Ilíada*; outra parte relata o retorno dos guerreiros gregos aos seus lares, após muitos anos de lutas, e relaciona-se com a *Odisséia*.

[57] Jean Le Rond d'Alembert (Paris 1717 - 1783): filósofo, matemático e físico francês; Marie-Jean Antoine Nicolas Caritat - Marquês de Condorcet (Fr. 1743-1794), filósofo e matemático francês conhecido como o último dos iluministas; Bertrand Arthur William Russell, III Conde Russell (País de Gales 1872 — 1970): um dos mais influentes matemáticos, filósofos e lógicos que viveram no século XX e Jules Henri Poincaré (Fr. 1854 - 1912): matemático, físico e filósofo da ciência francês, nomes entre os mais destacados pensadores, filósofos e cientistas do Iluminismo até os dias em que Lima viveu.

gerar inquisidores de escalpelo e microscópio, pois devemos sempre julgá-la com a cartesiana dúvida permanente. Não podemos oprimir em seu nome.

Foi o homem mais inteligente que conheci e o mais honesto na inteligência.

Mas, de todos, de quem mais me lembro, é de minha professora primária, não direi do "A.B.C.", porque o aprendi em casa, com minha mãe, que me morreu aos sete anos. É com essas recordações em torno das quais esvoaçam tantos sonhos mortos e tantas esperanças por realizar, que vejo crepitar esse matutino movimento escolar; e penso nas mil e tantas meninas que todos os anos acodem ao concurso de admissão à Escola Normal.

Tudo têm os sábios da Prefeitura, imaginando no intuito de dificultar a entrada. Creio mesmo que já se exigiu Geometria Analítica e Cálculo Diferencial, para crianças de 12 a 15 anos; mas nenhum deles se lembrou da medida mais simples. Se as moças residentes no Município do Rio de Janeiro mostram de tal forma vontade de aprender, de completar o seu curso primário com um secundário e profissional, o governo só deve e tem a fazer uma coisa: aumentar o número das escolas de quantas houver necessidade.

Dizem, porém, que a municipalidade não tem necessidade de tantas professoras, para admitir cerca de mil candidatas a tais cargos, a despesa, etc. não há razão para tal objeção, pois o dever de todo o governo é facilitar a instrução dos seus súditos.

Todas as mil que se matriculassem, o prefeito não ficava na obrigação de fazê-las professoras ou adjuntas. Educá-las-ia só e estabelecesse um processo de escolha para sua nomeação, depois que completassem o curso.

As que não fossem escolhidas, poderiam procurar o professorado particular e, mesmo como mães, a sua instrução seria utilíssima.

Verdadeiramente, não há estabelecimentos públicos destinados ao ensino secundário às moças. O governo federal não tem nenhum, apesar da Constituição impor-lhe essa espécie de ensino no Distrito. Ele julga, porém, que são só os homens que necessitam dele; e mesmo os rapazes, ele faz com estabelecimentos fechados, para onde se entra à custa de muitos empenhos.

A despesa que ele tem, com os Ginásios e o Colégio Militar bem empregada daria para maior número de externatos, de Liceus. Além de um internato no Colégio Militar do Rio, tem outro em Barbacena, outro em Porto Alegre, e não sei se projetam mais algum por aí.

Onde ele não tem obrigação de ministrar o ensino secundário, ministra; mas aqui, onde ele é obrigado, constitucionalmente, deixa milhares de moças a impetrar a benevolência do governo municipal.

A municipalidade do Rio de Janeiro que rende cerca de 40 mil contos ou mais, podia ter há muito tempo resolvido esse caso; mas a política que domina a nossa edilidade não é aquela que Bossuet [58] definiu. A nossa tem por fim fazer a vida incômoda e os povos infelizes; e os seus partidos têm por programa um único: não fazer nada de útil.

Diante desse espetáculo de mil e tantas meninas que querem aprender alguma coisa, batem à porta da Municipalidade e ela as repele em massa, admiro que os senhores que entendem de instrução pública, não digam alguma coisa a respeito.

E creio que não é fato insignificante; e, por mais que fosse e capaz de causar prazer ou dar à mais humilde criatura não seria demasiado insignificante para não merecer a atenção do filósofo. Creio ser de Bacon essa observação.

O remédio que julgo tão simples, pode não sê-lo; mas, espero despertar a atenção dos entendidos e serão eles capazes de achar um bem melhor. Ficarei muito contente e tenho esperança que tal se dê.

---

[58] Jacques Benigne Bossuet (Fr. 1627-1704): bispo e teólogo francês. Foi um dos primeiros a defender a teoria do absolutismo político. criou a Doutrina do Direito Divino, cujo argumento é o de que o governo era divino e que os reis recebiam seu poder de Deus. Nessa obra *Politique tirée des propres paroles de l'Écriture sainte*, (Política tirada das Santas Escrituras), desenvolve as ideias que fundamentaram o Absolutismo francês, segundo as quais, qualquer governo formado legalmente expressa a vontade de Deus e é sagrado, sendo qualquer rebelião contra os governantes e seus auxiliares considerada uma ação criminosa. Na contrapartida, o soberano deve governar seus súditos como um pai, à imagem de Deus, sem se deixar afetar pelo poder.

JORNAL DO BRASIL — QUINTA-FEIRA, 18 DE MARÇO DE 1937

Fundava-se, nesta data, ha 57 anos, a Escola Normal

E SEIS ANOS DEPOIS DIPLOMAVA DUAS PROFESSORAS!

"Não importa o espaço de tempo, diz o Imperador; "que sejam poucas as diplomadas e que essas sejam bem preparadas; delas dependem o futuro e a grandeza do Brasil"

O ensino normal hoje

PALAVRAS DO DR. ALFREDO BALTAZAR DA SILVEIRA

Foto comemorativa do Colégio Pedro II - Primeira sede da Escola Normal
***Jornal do Brasil* – 18.03.1937**

FONTES DE PESQUISA:

Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 23-26)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 61-66)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp. 355-359)

"O CASO DO MENDIGO"

Os jornais anunciaram, entre indignados e jocosos, que um mendigo, preso pela polícia, possuía em seu poder valores que montavam à respeitável quantia de seis contos e pouco.

Ouvi mesmo comentários cheios de raiva a tal respeito. O meu amigo X, que é o homem mais esmoler desta terra, declarou-me mesmo que não dá mais esmola. E não foi só ele a indignar-se. Em casa de família de minhas relações, a dona da casa, senhora compassiva e boa, levou a tal ponto a sua indignação, que propunha se confiscasse o dinheiro ao cego que o ajuntou.

Não sei bem o que fez a polícia com o cego. Creio que fez o que o Código e as leis mandam; e, como sei pouco das leis e dos códigos, não estou certo se ela praticou o alvitre lembrado pela dona da casa de que já falei.

O negócio fez-me pensar e, por pensar, é que cheguei a conclusões diametralmente opostas à opinião geral.

O mendigo não merece censuras, não deve ser perseguido, porque tem todas as justificativas a seu favor. Não há razão para indignação, nem tampouco para perseguição legal ao pobre homem.

Tem ele, em face dos costumes, direito ou não a esmolar? Vejam bem que eu não falo de leis; falo dos costumes. Não há quem não diga: sim. Embora a esmola tenha inimigos, e dos mais conspícuos, entre os quais, creio, está M. Bergeret [59], ela ainda continua a ser o único meio de manifestação da nossa bondade em face da miséria dos outros. Os séculos a consagraram; e, penso, dada a nossa defeituosa organização social, ela tem grandes justificativas. Mas não é bem disso que eu quero falar. A minha questão é que, em face dos costumes, o homem tinha direito de esmolar. Isto está fora de dúvida.

Naturalmente ele já o fazia há muito tempo, e aquela respeitável quantia de seis contos talvez represente economias de dez ou vinte anos.

Há, pois, ainda esta condição a atender: o tempo em que aquele dinheiro foi junto. Se foi assim num prazo longo, suponhamos dez anos, a coisa é assim de assustar? Não é. Vamos adiante.

Quem seria esse cego antes de ser mendigo? Certamente um operário, um homem humilde, vivendo de pequenos vencimentos, tendo às vezes falta de trabalho; portanto, pelos seus hábitos anteriores de vida e mesmo pelos meios de que se servia para ganhá-la, estava habituado a economizar. E fácil de ver porque. Os operários nem sempre têm serviço constante. A não ser os de grandes fábricas do Estado ou de particulares, os outros contam que, mais dias, menos dias, estarão sem trabalhar, portanto sem dinheiro; daí lhes vem a necessidade de economizar, para atender a essas épocas de crise.

Devia ser assim o tal cego, antes de o ser. Cegando, foi esmolar. No primeiro dia, com a falta de prática, o rendimento não foi grande; mas foi o suficiente para pagar um caldo no primeiro

[59] Lima se refere, provavelmente, a Jean-Pierre Bergeret (Ing. 1752-1813): famoso psicanalista inglês e autor de vários livros na área da psicopatologia e psicanálise. Bergeret analisa a esmola como um "dar sem retribuição" e também como "uma forma de perpetuar a dominação do mais forte sobre o mais fraco" - (José Newton Garcia de Araújo. Relações sociais: as trocas e os mitos de um mundo sem trocas. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais [s.d.]). A obra de Bergeret mais conhecida no Brasil é *A personalidade normal e patológica.*

frege que encontrou, e uma esteira na mais sórdida das hospedarias da Rua da Misericórdia [60]. Esse primeiro dia teve outros iguais e seguidos; e o homem se habituou a comer com duzentos réis e a dormir com quatrocentos, temos, pois, o orçamento do mendigo feito: seiscentos réis (casa e comida) e, talvez, cem réis de café; são, portanto, setecentos réis por dia.

Roupa, certamente, não comprava: davam-lha. É bem de crer que assim fosse, porque bem sabemos de que maneira pródiga nós nos desfazemos dos velhos ternos.

Está, portanto, o mendigo fixado na despesa de setecentos réis por dia. Nem mais, nem menos; é o que ele gastava. Certamente não fumava e muito menos bebia, porque as exigências do ofício haviam de afastá-lo da "caninha". Quem dá esmola a um pobre cheirando a cachaça? Ninguém.

Habituado a esse orçamento, o homenzinho foi se aperfeiçoando no ofício. Aprendeu a pedir mais dramaticamente, a aflautar melhor a voz; arranjou um cachorrinho, e o seu sucesso na profissão veio.

Já de há muito que ganhava mais do que precisava. Os níqueis caíam, e o que ele havia de fazer deles? Dar aos outros? Se ele era pobre, como o podia fazer? Por fora? Não; dinheiro não se põe fora. Não pedir mais? Aí interveio uma outra consideração.

Estando habituado à previdência e à economia, o mendigo pensou lá consigo: há dias que vem muito; há dias que vem pouco, sendo assim, vou pedindo sempre, porque, pelos dias de muito, tiro os dias de nada. Guardou. Mas a quantia aumentava. No começo eram só vinte mil-réis; mas em seguida foram quarenta, cinqüenta, cem. E isto em notas, frágeis papéis, capazes de se deteriorarem, de perderem o valor ao sabor de uma ordem administrativa, de que talvez não tivesse notícia, pois era cego e não lia, portanto. Que fazer, em tal emergência, daquelas notas? Trocar em ouro? Pesava, e o tilintar especial dos soberanos talvez atraísse malfeitores, ladrões. Só havia um caminho; trancafiar o dinheiro no banco. Foi o que ele fez. Estão aí um cego de juízo e um mendigo rico.

Feito o primeiro depósito, seguiram-se a este outros; e, aos poucos, como hábito é segunda natureza, ele foi encarando a mendicidade não mais como um humilhante imposto voluntário, taxado pelos miseráveis aos ricos e remediados; mas como uma profissão lucrativa, lícita e nada vergonhosa.

Continuou com o seu cãozinho, com a sua voz aflautada, com o seu ar dorido a pedir pelas avenidas, pelas ruas comerciais, pelas casas de famílias, um níquel para um pobre cego. Já não era mais pobre; o hábito e os preceitos da profissão não lhe permitiam que pedisse uma esmola para um cego rico.

O processo por que ele chegou a ajuntar a modesta fortuna de que falam os jornais é tão natural, é tão simples, que, julgo eu, não há razão alguma para essa indignação das almas generosas.

Se ainda continuasse a ser operário, nós ficaríamos indignados se ele tivesse juntado o mesmo pecúlio? Não. Por que então ficamos agora?

É porque ele é mendigo, dirão. Mas é um engano. Ninguém mais que um mendigo tem necessidade de previdência. A esmola não é certa está na dependência da generosidade dos homens, do seu estado moral psicológico. Há uns que só dão esmolas quando estão tristes, há outros que só dão quando estão alegres e assim por diante. Ora, quem tem de obter meios de renda de fonte tão incerta deve ou não ser previdente e econômico?

Não julguem que faço apologia da mendicidade. Não só não faço como não a detrato.

[60] Rua da Misericórdia: situada entre a Praça XV e o Morro do Castelo, no início do século XX era um corredor de bares, hospedarias e estalagens instaladas em prédios deteriorados, onde, imigrantes das mais diversas nacionalidades, anarquistas e ciganos entre outros moradores e freqüentadores, conviviam com os mais diversos vícios e a depravação.

Há ocasiões na vida que a gente pouco tem a escolher; às vezes mesmo nada tem a escolher, pois há um único caminho. É o caso do cego. Que é que ele havia de fazer? Guardar. (Mendigar. E, desde que da sua mendicidade veio-lhe mais do que ele precisava, que devia o homem fazer?) [61] Positivamente, ele procedeu bem, perfeitamente de acordo com os preceitos sociais, com as regras da moralidade mais comezinha e atendeu às sentenças do Bom Homem Ricardo, do falecido Benjamin Franklin [62].

As pessoas que se indignaram com o estado próspero da fortuna do cego, penso que não refletiram bem, mas, se o fizerem, hão de ver que o homem merecia figurar no "Poder da Vontade", do conhecidíssimo Smiles [63].

De resto, ele era espanhol, estrangeiro, e tinha por dever voltar rico. Um acidente qualquer tirou-lhe a vista, mas lhe ficou a obrigação de enriquecer. Era o que estava fazendo, quando a polícia foi perturbá-lo. Sinto muito; e são meus desejos que ele seja absolvido do delito que cometeu, volte à sua gloriosa Espanha, compre uma casa de campo, que tenha um pomar com oliveiras e a vinha generosa; e, se algum dia, no esmaecer do dia, a saudade lhe vier deste Rio de Janeiro, deste Brasil imenso e feio, agarre em uma moeda de cobre nacional e leia o ensinamento que o governo da República dá... aos outros, através dos seus vinténs: "A economia é a base da prosperidade'.

Rua da Misericórdia – Rio de Janeiro no início do século XX

[61] O trecho () não consta do volume de *Bagatelas* de 1923.

[62] Benjamin Franklin (EUA 1706-1790): jornalista, editor, autor, maçom, filantropo, abolicionista, um dos líderes da Revolução Americana (1776), mais conhecido pelas suas experiências com a eletricidade do que pelo seu *Almanaque do Pobre Ricardo* (*Poor Richard's Almanac*) publicado em 1732; cujos provérbios como, por exemplo, "um tostão poupado é um tostão ganhado", são hoje muito conhecidos em todo o mundo.

[63] Samuel Smiles (Esc. 1812 - 1904): escritor e reformador escocês, conhecido por escrever livros que exaltam as virtudes da "auto-ajuda" e biografias, nas quais, enfatiza as suas teses. Sua obra é considerada um manual dos valores da sociedade Vitoriana.

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte - livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35), 1923. (pp. 23-26)
Arquivo: Edgard Leuenroth - AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão - B869. 349 B275b

Secundárias:
Suporte - livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 67-71)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp. 80-83)

"VERA ZASSULITCH" [64]

Vera Zassulitch

Afirmou Dostoiévsky [65], não me lembro onde, que a realidade é mais fantástica do que tudo o que nossa inteligência pode fantasiar. Passam-se, na verdade, diante de nossos olhos coisas que a mais poderosa imaginação criadora seria incapaz de combinar os seus dados para criá-las.

Esse caso da Vera Zassulitch, cujo retumbante processo, fez estremecer a Europa, em 1878, é um deles. Tudo nele é estranho e convém ser lembrado agora, quando a Revolução Russa abala, não unicamente os tronos, mas, os fundamentos da nossa vilã e ávida sociedade burguesa.

Não posso negar a grande simpatia que me merece tal movimento; não posso esconder o desejo que tenho de ver semelhante aqui, de modo a acabar com essa chusma de tiranos burgueses, acocorados covardemente por detrás da Lei, para matarem de fome, elevando artificialmente o preço dos gêneros e artigos de primeira necessidade como: o açúcar, a carne, o feijão, o arroz, o café, o sal, o pano, a custa de estancos, de *"trusts"*, de *"corners"*, de "alívios", tráfico de homens e outras inacreditáveis espécies de assaltos à economia de toda uma população miserável que já não tem por si nem os ministros do Evangelho, pois os padres, freiras e irmãs caridade, todo o clero enfim, está amarrado à causa de semelhantes opressores e os apóia de todas as formas.

Disse Macaulay [66], num dos magníficos seus ensaios, que os filósofos franceses do século XVIII, quando combatiam a Igreja, estavam com os Evangelhos, pois a vestuta instituição religiosa de Roma, cada vez mais se afastava deles; e os filósofos cada vez mais se impregnavam do espírito de Jesus. Hoje, parece que está acontecendo o mesmo com os revolucionários...

Nós, porém – continuando – tal qual a Rússia de 1878, dormimos. Como se lê no artigo de Victor Cherbuliez (G. Valbert) [67], na "Revue des deux Mondes" [68], de 1º de maio desse ano, os russos

[64] Vera Ivanovna Zassulitch (Rus. 1849 - 1919): militante destacada do movimento populista e, mais tarde, do movimento social-democrata na Rússia. Em 1878 atentou contra Trépov, então governador de Petersburgo.
[65] Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (ocasionalmente grafado Dostoievsky), (Rus. 1821 — 1881): um dos maiores escritores da literatura russa; tido como o fundador do existencialismo. Em 1849 foi preso e condenado à morte por participar de reuniões subversivas na casa de um revolucionário.
[66] Ver crônica "A superstição do doutor".
[67] Victor Cherbuliez (1829-1899): romancista suíço.

daqueles tempos, assim falavam do seu torpor: "Tudo dorme; por toda a parte, na aldeia, na cidade, na 'telega' [69], no trenó, de dia, de noite, assentado, de pé, o negociante, o 'tchinonvik' dorme; na sua ronda, dorme o vigilante, sob o frio da neve, sob o ardor do sol. E o réu dorme e o juiz dorme, os camponeses dormem com um sono de morte; se eles ceifam, lavra – dormem; se eles 'surram' o trigo, dormem ainda. Aquele que fere e aquele que é ferido dormem igualmente. Só o botequim está acordado, com os olhos sempre abertos. E, agarrando com os cinco dedos um garrafão de aguardente, a fronte para o pólo norte e os pés no Cáucaso dorme um sono eterno a nossa pátria, a (nossa) Santa Rússia".

E nós poderíamos dizer do nosso resignado Brasil, que ele, grande, imenso, rico e generoso, tendo os pés no Prata e a cabeça nas Guianas, com a gravata luxuosíssima do Amazonas, ao pescoço, dorme completamente encachaçado, deixando que toda uma quadrilha, com lábias de patuás vários, o saqueie e o ponha nu, como os judeus fizeram com Nosso Senhor Jesus Cristo [70].

É assim o Brasil. Todos dormem e só se lembram, quando interrompem um pouco o sono, de apelar para o Estado, pedindo tais ou quais providências: e ninguém vê o Estado atual é o "dinheiro" e o "dinheiro" é a burguesia que açambarca, que fomenta guerras, que eleva vencimentos, para aumentar os impostos e empréstimos, de modo a drenar para as suas caixas fortes todo o suor e todo o sangue do país, em forma de taxa alta de preços e juros de apólices.

Precisamos deixar de panacéias; a época é de medidas radicais.

Não quem, tendo meditado sobre esse estupendo movimento bolcheviquista [71], não lobrigue nele uma profunda e original feição social e um alcance de universal (interesse humano e de incalculável) [72] amplitude sociológica.

Pondo de parte os panurgianos e aqueles de mentalidade fóssil a serviço dos magnatas da Bolsa, da Indústria e do Comércio, todos os homens de inteligência e de coração, independente, tanto aqui como acolá, ficaram pensativos diante de uma revolução que tão fundamente atingiu os alicerces, não só os de um grande e poderoso império, como também os de todas as concepções matrizes das atuais aglomerações humanas, chamadas civilizadas.

Não se podia compreender com a nossa mentalidade jurídico-burguesa, feita de detritos de tantas idéias coletivas diferentes e, por vezes, antagônicas, que meia dúzia de doidos vagabundos e ideólogos licenciassem, do pé para a mão, um exército de milhões de homens e pusessem um imperador, a sua mulher e seus filhos, na Sibéria.

Não foram os doidos, como Lenine e outros são chamados pelos burgueses; não foram eles. Foram os oficiais e os soldados que se desarmaram a eles mesmos. É que a reforma de idéias e sentimentos já estava feita no íntimo deles todos; e, como observou Oliveira Lima [73], não lhes satisfaziam muito aos ideais patrióticos e políticos; o essencial eram as medidas sociais. Puseram fora as carabinas...

De resto, tomo a liberdade de repetir aqui o que disse em "A Lanterna", de 21 de janeiro último, com o pseudônimo de doutor Bogóloff, tratando do terremoto maximalista:

"Loucas ou não, é preciso contar com as suas utopias, pois se assim nos parecem hoje, talvez amanhã sejam disposições da legislação comum. A História nos ensina esse poder de que o nosso glorioso e ajuizado Afrânio Peixoto, desdenhosamente, com toda a superioridade de sua integridade mental, dá o nome de loucura ou outros mais rebarbativos. É uma força que não leva a Petrópolis; mas faz descer em um instante os que lá estão em namoro."

---

[68] *Revue des Deux Mondes*: fundada em 1829 por Francois Buloz. Nomes famosos do século XIX prestaram sua colaboração para a *Deux Mondes*, entre eles: George Sand, Chateaubriand, Saint-Beuve, Dumas (pai e filho), Renan e Gaultier. Entre seus leitores mais assíduos estava Goethe. Atualmente, é o periódico mais antigo da Europa. Lima gostava muito de ler essa revista, tinha em sua biblioteca vários exemplares, antigos e novos; de acordo com sua irmã Evangelina, morreu abraçado a um exemplar dessa revista.

[69] Carroça de quatro rodas usada na Rússia para carregar mercadorias.

[70] "N. S. J. C." na edição de *Bagatelas* de 1923.

[71] "Bolshevikista" na edição de *Bagatelas* de 1923.

[72] O trecho () não consta na edição de 1923.

[73] Manuel de Oliveira Lima (PE. 1867 – EUA 1928): um dos mais notáveis historiadores brasileiros de sua época. No seu currículo constam as seguintes carreiras: escritor, crítico, diplomata em diversos países, professor-visitante na Universidade Harvard e membro-fundador da Academia Brasileira de Letras. Ao longo de sua vida montou o terceiro maior acervo sobre o Brasil, perdendo somente para a Biblioteca Nacional e para a Biblioteca da Universidade de São Paulo.

É de utilidade notar que eu tinha antes citado o Dr.Gustave Le Bon [74], que é um anarquista em física e ultramontano em sociologia, mas que não trepida em afirmar, no seu livro "Civilisations des Árabes", que a "ação da loucura há sido imensa. Os loucos fundam religiões, destroem impérios e levantam massas. Sua mão poderosa tem conduzido a humanidade até aqui e a história seria toda outra, se a razão, e não a loucura, houvesse reinado sobre o mundo".

São de meditar tais palavras quando vemos o baixo interesse ou a nossa proverbial preguiça mental tentar amesquinhar os revolucionários russos com o epíteto: loucos. Entre eles, há mulheres. Há até uma Mme. Kolontay [75], que é ou foi Ministro do Bem Público; não é de hoje, porém, que as mulheres russas, moças, em geral, se envolvem em movimentos, altruisticamente subversivos, do império dos Romanoffs [76]. Esta Vera Zassulitch, que teve uma celebridade universal, é como o símbolo delas todas.

Acoimada de louca, foi verificado que nada tinha disso.

De resto, essa história de loucura, como muitas outras, é simplesmente questão de sentido da contagem; para a esquerda do 0, é negativo; para a direita é positivo. Mais nada.

No dizer de Cherbuliez, a deplorável vida que lhe haviam feito padecer os homens, teria perturbado uma razão menos sólida que a sua.

Com dezessete anos, apenas acaba de terminar a sua educação em um pensionato de Moscou, encontra-se com o revolucionário Netchaieff [77], e, por ter se encontrado com Netchaieff, passa dois anos nas casamatas de uma fortaleza, sem que pudesse saber do era acusada. Não via pessoa alguma; não recebia visitas dos pais ou parentes; os únicos rostos humanos que viu, durante esse largo prazo de tempo, mais largo ainda, por não lhe darem tarefa alguma, foram o do guarda encarregado de lhe dar comida e o sentinela que lhe perguntava, todo o dia, através das grades: Como vai a senhora?

Os seus vinte anos, ela os viu assim passar sepultados na escuridão de uma masmorra, quando eles lhe pediam sol, luz, alegria, brinquedos, namoros, Amor!

Solta, foi só em aparência, pois por toda a parte a perseguia a polícia, a terrível polícia russa. Sois livre, diziam, mas todos os sábados tendes de ir à presença do comissário.

Foi assim sua mocidade; não enlouqueceu; mas a sua alma, como quer Cherbuliez, foi invadida por essa tristeza russa que tem a imensidade e o silêncio das estepes; e, de todas as tristezas humanas, é a mais triste.

Um certo dia, o general Trepoff [78], ministro ou prefeito ou chefe de polícia de São Petesburgo, vai visitar na prisão os presos políticos.

Entre estes, havia um certo Bogoluboff que se anima a falar ao inquisidor do Estado, de gorro de prisioneiro, à cabeça.

Por causa disto, Trepoff manda dar-lhe uma surra de varas e o detento é vergastado sem piedade.

---

[74] Gustave Le Bon (Fr. 1841—1931): sociólogo e físico amador, é considerado o fundador da Psicologia Social. Para Le Bon, crença e conhecimento são muitas vezes confundidos; o conhecimento está ligado ao saber, enquanto a crença é uma questão de fé, portanto, saber e crer são coisas diferentes e têm origens diferentes. As crenças, e também as opiniões, são regidas por leis que não são bem determinadas, apesar disso, é delas que derivam as concepções de vida e modos de proceder da humanidade no individual e no coletivo e, consquentemente, aos fatos históricos.

[75] (Grafia correta: Kollontai). Alexandra Mikhaylovna Kollontai (Rus. 1872 - 1952): teórica e revolucionária russa. Ingressou no Partido Social-Democrata russo em 1890. Ativa militante do Movimento Internacional das Mulheres Socialistas. Em 1917, mesmo presa, foi eleita para o Comitê Central do Partido VI Congresso do Partido. Ocupou postos diplomáticos no México e na Escandinávia. Foi Comissária do Povo para a Segurança Social e, em 1918 organizou o Primeiro Congresso de Mulheres Trabalhadoras da Rússia; tendo sido destituída do seu cargo no Comitê Central, em 1930, manifestou apoio público à liderança de Stalin.

[76] Última dinastia de czares russos.

[77] (grafia correta Netchaiev) Sergei Netchaiev (Rus. – 1847 - 1882): famoso por suas atitudes terroristas; influenciou muitos militantes a trilhar esta via, entre eles Lênin. Ao contrário de como é apontado muitas vezes, não era anarquista, era um niilista. Através de sua obra *O catecismo revolucionário*, onde prioriza métodos de guerrilha e de formação de grupos de afinidade com intenções revolucionárias, prega a revolução sem levar em conta os meios, inclusive o assassinato de inocentes e o bombismo. A figura do mártir revolucionário que usa de quaisquer meios para os fins desejados, tem grande destaque entre as suas ideias.

[78] (grafia correta Trépov) - Fiódor Fiodorovitch Trépov (Rus.1855 - 1906): chefe da polícia de Moscou e general governador de São Petersburgo durante o governo do czar Nicolau II (1905), que lhe conferiu plenos poderes para reprimir criminosos políticos. Ficou conhecido por seu radicalismo e modo cruel com que tratava os presos políticos.

Vera, uma espécie de Mariana das "Terres Vierges", de, Tsurgneneff [79] revolta-se ao ter notícia do fato.

Ela, no parecer do autor do artigo que estou resumindo; ela não era desgraçada por sua própria desgraça. Sofria por todos os oprimidos, por todos os deserdados; ou antes, ela não sofria, ela se indignava, se revoltava. Vera ficava irritada ao mesmo tempo contra a sua impotência e contra a felicidade dessa gente por aí, calma, gorda e saciada, apesar de saber que milhões de pessoas gemiam e eram perseguidas de todos os modos.

Movida por esses sentimentos, ela, que nunca vira Bogoluboff, tão ferozmente injuriado e rebaixado de sua condição de Homem, jura vingar a ofensa e o suplício que lhe infligiram. Arma-se, procura Trepoff e mata-o, descarregando sobre ele todo o revolver que levava.

Foi a júri, confessou que obrara com todo o discernimento, com premeditação, de emboscada, etc., etc., e é absolvida.

O resto não nos interessa; o que nos interessa, é o caráter dessa mulher, é a sua abnegação, é o seu sacrifício em prol de outrem que absolutamente não conhecia.

Não trepidou ela em cobrir-se com o opróbrio de um assassinato, de arriscar-se ao cárcere de cujas dores tinha experiência pessoal, de jogar até a cabeça, para mostrar que era "solidária" com a desgraça, com a angústia, com a dor de um semelhante...

Há um epitáfio de um navegante grego, antigo, encomendado por ele mesmo, caso morresse de naufrágio, que assim diz: "o marinheiro que aqui jaz,, diz-te: faze-te de vela! O golpe de vento que aqui nos perdeu, fazia vogar ao largo de toda uma flotilha de barcos alegres".

Vera não naufragou de todo; mas se a Rússia morrer nesse transe, ela verá que o golpe de vento que a matou, fará singrar ao largo toda uma flotilha de povos felizes.

Fiódor Fiodorovitch Trépov

FONTES DE PESQUISA:

Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 31-34)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 72-77)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp.- 364-368)

[79] (grafia correta Turgenev) Ivan Sergeyevich Turgenev (Rus. 1818, FR.1883): um dos mais importantes romancistas e dramaturgos russos. Ainda que a sua reputação como autor tenha decaído um pouco durante o século XX, o seu romance *Pais e filhos* (1862) é considerado uma das obras mestras da ficção russa do século XIX. O romance *Terres Vièrges*, citado acima por Lima, constava de sua biblioteca.

"QUE FIM LEVOU?"

Foi um triunfo, lembro-me bem. O homem chegou aqui, debaixo de palmas, de ovações; houve recepções solenes nas escolas, nas sociedades sábias. Uma noite, depois de vir não sei de onde, desatrelaram-lhe os cavalos do carro, e ele andou puxado e empurrado por milhares de braços pelas ruas da cidade. O triunfo não durou um só dia, mas perto de uma semana; e, como nos nossos não há aquela praxe romana que permitia dizer-se aos generais algumas liberdades, para que não se supusessem deuses, não apareceu uma voz destoante: era mesmo um demiurgo.

A poesia nacional trabalhou; trabalhou também a eloqüência, e o jornalismo, noticiário, crônica, artigo de fundo, entraram também no unismo de aclamações ao homem.

Pouca coisa desse escachoar [80] de escritos e palavras ficou. Houve odes, segundo todas as regras, e sonetos, e poemetos, e artigos; mas, verso algum das odes, dos poemetos, dos sonetos, se imprimiu na memória dos contemporâneos; e os artigos foram esquecidos depressa, logo, como um benefício.

Mas, do movimento literário que a presença do herói determinou, uma coisa ficou, resistiu, incrustou-se na memória de todos, foi da Saúde a Botafogo, correu os estados e, ainda hoje, após quase dez anos, qualquer ainda se lembra de uma quadra, de um verso da canção famosa:

A Europa curvou-se ante o Brasil
E clamou parabéns em meigo tom... [81]

Não se lembram? Lembram-se, sim; todos ainda a sabem. E como é estranho o destino das coisas! O homem, o homem extraordinário, que tanto tinha levantado o nome do Brasil na Europa, só teve em sua honra uma poesia imorredoura, e foi essa canção. Repetida nos cafés-concertos de terceira ordem, trauteada pelos moleques, debochada pelos letrados, foi ela que cantou, que deu a imortalidade da poesia ao homem glorioso que ameaçava conquistar os ares.

O autor não é anônimo; é o Senhor Eduardo das Neves, a quem o meu amigo Catulo [82] chama em livro publicado, popular cancionista brasileiro.

Onde foram as odes? Onde foram os epinícios. Onde estão os sonetos e os poemetos? O que ficou cantando na alma do povo a gloria do herói, foi a canção do popular palhaço brasileiro:

A Europa curvou-se ante o Brasil
E clamou parabéns em meigo tom,
Surgiu lá nos céu mais uma estrela
E surgiu Santos Dumont. [83]

[80] Rebentar ou ferver em cachos, borbotar, borbulhar.

[81] "A Europa curvou-se ante o Brasil/ E clamou 'parabéns' em meigo tom/Brilhou lá no céu mais uma estrela:/Apareceu Santos Dumont/Salve estrela da América do Sul,/Terra amada do índio audaz, guerreiro/ Santos Dumont, um brasileiro!/ A conquista do ar aspirava/ A velha Europa, poderosa e viril,/ Quem ganhou foi o Brasil/ Por isso, o Brasil tão majestoso,/ Do século tem a glória principal:/ Gerou no teu seio o grande herói/ Que hoje tem um renome universal/ Assinalou para sempre o século vinte/ O herói que assombrou o mundo inteiro:/ Mais alto que as nuvens./ Quase Deus, Santos Dumont – um brasileiro. Letra da música". "A conquista do ar" composta Eduardo Sebastião das Neves (RJ. 1874-1911) conhecido artisticamente por Dudu das Neves.

[82] Catulo da Paixão Cearense (MA. 1863-RJ. 1946): poeta, músico e compositor maranhense. Mudou-se para o Rio de Janeiro com a sua família em 1880, onde o pai instalou uma relojoaria e a família na Rua São Clemente nº 37. Desenvolvendo desde cedo seu talento como flautista, violonista, poeta e cantor, despertou a atenção para sua voz, seus versos e seu violão nas rodas de seresta e modinha que frequentava. Foi um dos nomes mais importantes na inserção do violão nos salões da sociedade carioca e nos conservatórios de música, visto até então como instrumento de malandros e vagabundos, Gravou inúmeros sucessos para a Casa Edson; suas mais famosas composições são "Luar do Sertão", tida como o hino nacional do sertanejo brasileiro, e "Flor amorosa".

Santos Dumont

Vejam só como nestes últimos anos, o problema da viação aérea vai tendo um imenso avanço; vejam a quantidade de ousadias, de vontades que ele emprega, e de vidas que ele ceifa também. Onde está Santos Dumont? Blériot atravessou a Mancha, em monoplano de seu invento; Chávez, esse malogrado Chávez fez a travessia dos Alpes; Winmalen ganhou o *raid* Paris-Bruxelas-Paris, Védrines foi de Paris a Madrid, Beaumont chegou a Roma, partiu de Paris; e Santos Dumont?

Há ainda mais nomes gloriosos na aviação que se pode citar de memória com a simples leitura de jornais. Há Latham, Farman , Morane, Garros , Legagneux [84] e quantos outros? Que fez Santos Dumont?

Há um ano e pouco, li na *Gazeta de Notícias,* em crônica de Demétrio Toledo [85], que ele tinha feito uma pequena viagem nos arredores de Paris, no seu famoso (para nós) "Demoiselle" [86]. Era uma proeza clandestina, mas, cujos resultados foram portentosos, porque ele cobriria não sei que *record*, se a coisa fosse às claras.

É essa a última notícia que temos dele; antes tínhamos tido a dos hidroplanos; mas, - concordem – para quem foi o rei dos ares, é muito pouco tudo isso.

É verdade que ele foi rei quando não tinha concorrentes à sua realeza. No tempo de suas *performances* com os seus dirigíveis nºs. 1, 2, 3 e não sei que número mais, ninguém lhe disputava o caminho do trono, e era natural que fosse rei; hoje há bem uma centena e é prudente não arriscar essa realeza honorária que lhe ficou.

Não pode ser senão temporária e decorativa. As viagens aéreas de Santos Dumont eram pequenos passeios sobre Paris, dando volta na torre Eiffel; hoje, por exemplo, no *raid* Paris-Roma, alguns aviadores bateram a *étape* Paris-Avignon, cuja extensão é de seiscentos e quarenta e cinco quilômetros, com interrupções insignificantes.

Os seus amigos dizem que o seu monoplano é uma maravilha; ele mesmo já o pôs no domínio público. Se fosse a maravilha que dizem, sendo já propriedade de todos, seria de esperar que

---

[83]Alberto Santos-Dumont (MG. 1873 - SP. 1932): aeronauta brasileiro, considerado o pai da aviação. Filho e neto de relojoeiros, aos 18 anos partiu para a França com o objetivo de estudar física, mecânica e eletricidade. Interessando-se por aerostação (ciência que trata da navegação aérea em aparelhos mais leves que o ar), desenhou balões com motores movidos a petróleo. Em 1906, com o modelo 14-Bis de motor à explosão, efetuou diante da Comissão do Aeroclube de França, o primeiro vôo documentado do "mais-pesado-que-o-ar" da história da aviação. Em 1931, regressando definitivamente ao Brasil, instalou-se em Petrópolis, numa casa projetada com muita criatividade e instalações curiosas, que chamou "Encantada", onde hoje é o Museu Santos Dumont. Inventou o relógio de pulso, regulagem da temperatura da água de chuveiro, entre outras, mas não patenteou nenhum de seus inventos. Dado a crises de depressão e, provavelmente, vivendo pelo quadro intenso e duradouro de esclerose múltipla, em 1932, aos 59 anos cometeu o suicídio num quarto de hotel no Guarujá/SP.

[84] De Louis Bleriot (Fr. 1872-1936) a (?) Legagneux ((Fr. 1882-1917), todos são nomes de aviadores arrojados e famosos, contemporâneos de Santos Dumont, que foram além das tentativas de pequenos vôos e participaram dos chamados *raids* – travessias de grande distância e altitude, que para os aeroplanos da época eram muito arriscadas.

[85] Não obtive informações.

[86] "Demoiselle" máquina voadora projetada por Santos Dumont, assim denominada pelos franceses por sua graciosidade e semelhança às libélulas. É considerado o primeiro modelo de um aeroplano; pesava 110 kg, tinha estrutura de bambu e um motor de 35 HP que permitia voar a 96 km/h.

nos *raids* e nos "circuitos" aparecessem tipos do seu "Demoiselle" – não acham? Mas não acontece isso. Aparecem monoplanos Blériot, Morane, e até desse *train*, cujo *fuselage* é todo de aço; mas tipo Santos Dumont, nenhum!

Porque é? Não me compete dizer, porque não entendo de aviação; mas quem for um poucochito mais entendido do que eu, poderá com justeza explicar.

Não estou tomando satisfação ao Senhor Santos Dumont, embora ele tivesse recebido uma dotação votada pelo Congresso Nacional. Conhecendo tão somente o desaparecimento de um herói, de uma glória nacional, que tantas esperanças despertou no país todo e tão fortes emoções provocou.

Sei bem que Santos Dumont é como o Barão do Rio Branco; está sagrado, está sob "tabu"; mas – que diabo! – isto de perguntar simplesmente – que fim levou? – não é sacrilégio, não é ofensa que vá ferir o respeito polinésico que temos por certo dos nossos grandes homens.

De resto, era como todos os brasileiros; acreditava que a solução da navegação aérea ficasse cá em casa, mesmo em menino tive um projeto; e vendo que a coisa nos vai escapando, que o Senhor Santos Dumont não faz mais nada, fico triste e clamo pelo herói.

Não há, portanto, nestas palavras, nada de iconoclasta, nada de inconveniente; o que há, é mágoa de um patriota, sincero no mais íntimo de sua alma, ao ver que aquele que estava fadado para legar à Pátria uma alta conquista de progresso e civilização, está se deixando bater, arredado de seus propósitos, sepultando-se no esquecimento.

Quando leio, por exemplo, André Beaumont chegou, partindo de Paris, em primeiro lugar em Roma, tendo voado de Nice a Roma, em onze horas e quinze minutos, vencendo nesse tempo cerca de quatrocentos quilômetros de Nice a Pisa, incluindo uma grande parte sobre o mar, de Nice a Gênova; e duzentos e sessenta de Pisa a Roma; eu pergunto: por que Santos Dumont não fez isso?

Quando leio: Védrines ganhou o *raid* Paris-Madrid. O ousado piloto, o corajoso rapaz transpôs, voando à altura de dois mil metros, a serrada Guadarrama, e chegou ao aeródromo de Getafa, perto de Madrid, onde uma ovação formidável o acolheu, apesar da hora matinal; eu pergunto: por que não aconteceu isso com Santos Dumont?

Não é de desgostar? Concordem que é. Nós, quando o recebemos há anos, com bandas de música, sonetos, discursos, foguetes e artigos, esperávamos que ele fizesse tudo isso, que ele viesse a ser o rei dos ares, de fato, voando sempre, mostrando a sua perícia, a sua coragem, a sua familiaridade com o novo elemento aberto à atividade humana, de forma a secundar os nossos anseios e cumprir a grande missão que parecíamos ter no mundo; mas, já que não é ele quem faz tais proezas, já que não é ele que bate *étapes* de seiscentos e cinqüenta quilômetros, fica a nos parecer que o sonho ou o projeto de Padre Gusmão [87] vai mais uma vez parar em outras mãos que não as nossas.

Oh! Triste Brasil! Se não é roubado, falha.

Inventou a máquina de escrever e roubaram os americanos o invento a um pobre padre da Paraíba [88]; tinha ouro e diamantes, a África do Sul e outros países acabaram roubando-os; tinha o maior rio do mundo mas já descobriram que não é; tinha a portentosa Batalha de Riachuelo [89] mas

[87] Bartolomeu Lourenço Gusmão (SP. 1685 – Esp. 1724: padre jesuíta, conhecido por "padre voador". Seu nome de nascimento era Bartolomeu Lourenço, tomou Gusmão quando se ordenou padre em homenagem a um prior da Companhia de Jesus. Em 1708, já ordenado, foi viver em Portugal. Ficou famoso pelo invento de uma máquina de voar denominada "Passarola", nave mais pesada que o ar, cujas características são especulativas, devido à perda dos projetos e documentos originais. Sabe-se apenas, que a "Passarola" era aquecida com ar quente, produzido através de uma fonte de ignição instalada numa barca sob o aparelho. Tecnicamente a "Passarola" pode ser comparada aos atuais balões de ar quente. Depois de algumas tentativas frustradas, em 3 de Outubro de 1709, o padre fez nova demonstração do invento na ponte da Casa da Índia (Lisboa); o aparelho utilizado era maior do que os anteriores, mas ainda incapaz de carregar uma pessoa. A experiência teve êxito absoluto, o aeróstato subiu alto, flutuou por um tempo não medido e pousou suavemente.

[88] Padre Francisco João de Azevedo (PB. 1814 - 1880): inventor brasileiro que ficou conhecido por criar uma máquina de escrever a mão com o auxílio de apenas lixa e canivete. Na Exposição Industrial e Agrícola da Província de Pernambuco, apresentou seu invento; tinha a configuração de um pequeno piano, as palavras apareciam escritas em sílabas e mudava-se de linha com o auxílio de um pedal. No mesmo ano foi premiado por D. Pedro II, na Exposição Nacional do Rio de Janeiro. Levada para a Exposição Internacional de Londres, a máquina do Pe. Azevedo não foi apresentada por falta de espaço, e não voltou para o Brasil. O biógrafo do padre, afirma que Philip Remington se apoderou do invento e o registrou no seu nome.

[89] Batalha Naval do Riachuelo (11.06.1865): considerada pelos historiadores militares como uma das mais importantes batalhas da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Aconteceu às margens do Rio Riachuelo, um afluente do Rio Paraguai, na província de Corrientes, na Argentina; a vitória foi decisiva para as forças aliadas da Tríplice Aliança, que passaram a controlar, os rios da bacia platina até à fronteira com o Paraguai.

Fuchima [90] lhe furtou a glória; tinha o "Minas Gerais" [91], mas a Argentina mandou fazer um maior; tinha a maior capital da América do Sul, mas Buenos Aires acaba de dizer que não; tinha borracha, ele único, mas os ingleses da Ásia lhe querem furtar o rico produto; e, agora, por último e talvez por fim, vai fugir do álbum das nossas glórias, a conquista do ar, coisa que lhe parecia reservada, porque um padre de Santos, chamado Gusmão, desenhou há mais de cem anos um projeto extravagante de máquina de voar.

Fico triste, mais triste, porém, há de ficar o poeta popular, aquele que deu imorredoura glória ao herói que se esvai.

A sua canção não está certa; a Europa não "se curvou ante o Brasil", não "clamou parabéns em meigo tom"; não meu caro poeta; o que a Europa fez, foi sorrir leve e ironicamente, dizendo consigo:

- Vocês hão de voar; mas, para se inebriarem de azul, de imensidade; para se sentirem um instante fora da miséria eterna da terra, hão de precisar de mim. Esperem.

É o que ela está fazendo, porque, já disse outro poeta:

"A Europa é sempre a Europa, a gloriosa!"...

Dudu das Neves
Autor da música "Homenagem a Santos Dumont"

[90] (grafia correta – Fukushima). Fukushima: província japonesa localizada na ilha de Honshu, e tem como capital a cidade de Fukushima que foi palco de batalhas sangrentas durante a Guerra Civil Japonesa ocorrida no final do século XIX. A comparação se deve ao fato, de que ambas as batalhas tiveram características suicidas, pois, os combatentes prefiram correr o risco de morte a ser derrotados pelo inimigo.

[91] Minas Gerais (1908): encouraçado da Marinha do Brasil de 23.500 toneladas, com a capacidade para uma tripulação de 1.173 homens, entre oficiais e praças. Teve participação ativa na Revolta da Chibata (1910) e no patrulhamento das águas territoriais brasileiras durante a I Guerra Mundial.

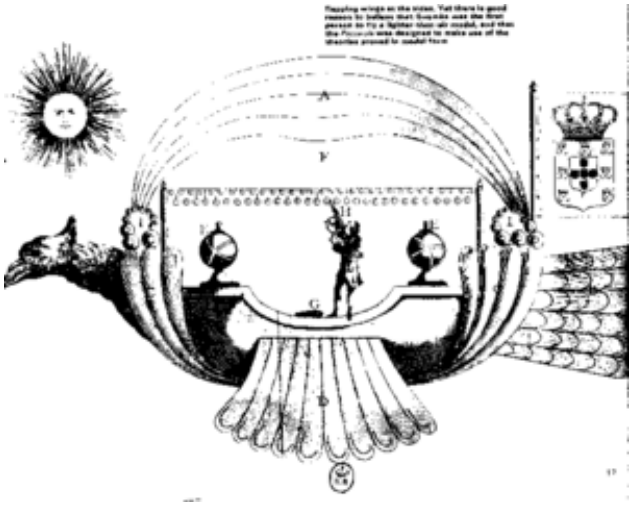
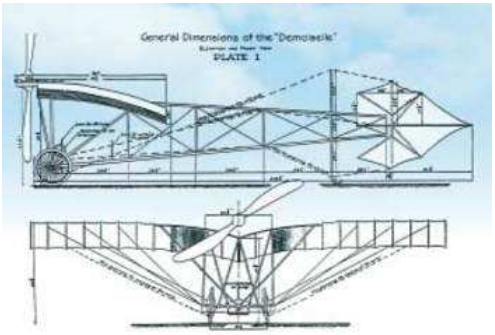
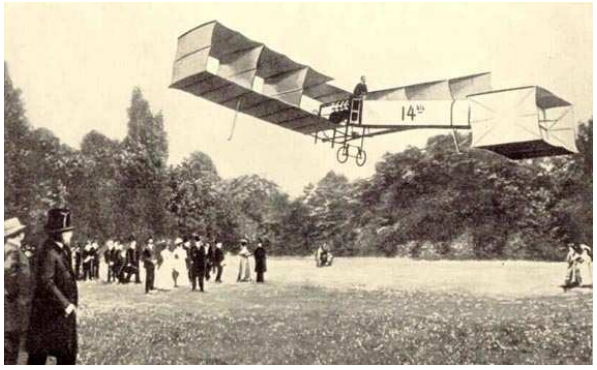
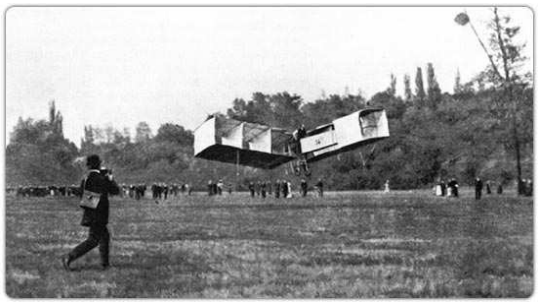


Ilustração fantasiosa de 1709 do aeróstato “Passarola”
Invento do Padre Bartolomeu de Gusmão

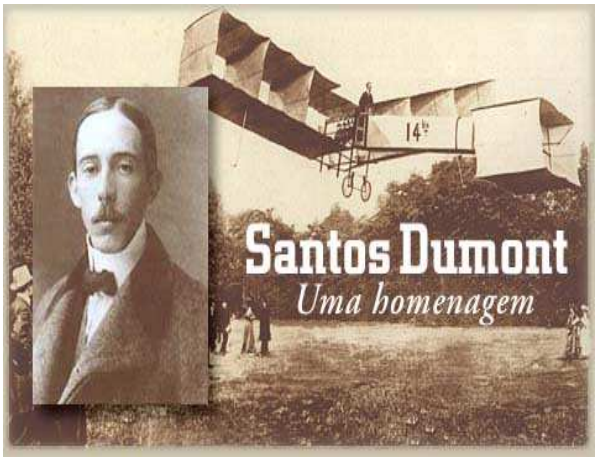


“Demoiselle”
Desenho da máquina e registro fotográfico do vôo





Registro de dois momentos do 1º vôo do 14-Bis no Bois de Boulogne em Paris



Cartões Postais em homenagem a Santos Dumont e suas máquinas voadoras

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 35-38)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 78-81)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp. 94-97

"O CONVENTO"

Noticiaram os jornais, com pompa de fotogravuras e alarde de sabenças, históricas, que o Convento da Ajuda [92], aquele ali na avenida [93], fora vendido a alguns ingleses e americanos pela bela quantia de mil oitocentos e cinqüenta contos.

Houve grande contentamento nos arraiais dos estetas urbanos por tal fato. Vai-se o monstrengo, diziam eles; e ali, naquele canto, tão cheio de bonitos prédios, vão erguer um grande edifício, moderno, para hotel [94], com dez andares.

Eu sorri de tão santa crença, por que o Convento da Ajuda não é tão bonito como o Theatro Municipal [95], tanto um como outro são belos. A beleza não se realizou em nenhum dos tais edifícios daquele funil elegante; e se deixo o Teatro Municipal, e olho o Clube Militar [96], a monstruosa Biblioteca [97], a Escola de Belas-Artes [98], penso de mim para mim, que eles são bonitos de fato, mas um bonito do nosso tempo, como o convento o foi dos meados do nosso século XVIII.

Naquele tempo, isto é, entre 1748 e 1750, quando ele ficou mais ou menos pronto, se já houvesse jornais, certamente eles falariam no lindo e importante edifício com que ficou dotada a leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Falariam com o mesmo entusiasmo com que nós

[92] Convento da Ajuda: fundado em 1750 na cidade do Rio de Janeiro, situava-se no Campo da Ajuda, diante do rochedo do Pão de Açúcar. Por ocasião da sua construção, inicialmente só para mulheres, foi muito criticado em vista de ter como função enclausurar moças, que poderiam constituir família e ter filhos e assim, expandir a população da colônia. Foi demolido em 1911, durante a remodelação urbana da Capital Federal. No pátio central ficava o famoso Chafariz das Saracuras, uma obra do mestre Valentim (Valentim da Fonseca e Silva – MG. 1745 - RJ. 1813), que por ocasião da demolição foi transferido para a Praça General Osório (Ipanema). No lugar do convento, foi construída a Praça Floriano Peixoto, que se tornou o maior centro de diversões da cidade na década de 1920, com a inauguração de vários cinemas; hoje conhecido como Cinelândia. D. Maria I (1816) e D. Leopoldina (1826) foram sepultadas no Convento da Ajuda.

[93] Lima Barreto se refere à Avenida Central que, para construí-la em três anos, Pereira Passos demoliu todas as construções que havia numa linha reta da Praça Mauá até a região portuária. Cortando a região, de mar a mar, a importância da Avenida Central contrastava com as vielas coloniais que permaneceram ao seu redor e que não foram revitalizadas. Próximo à Praça Mauá instalou-se um centro comercial elegante; na outra ponta, com granito extraído do Morro da Viúva, foi erigido um obelisco dedicado à cultura e construídos o Teatro Municipal, a Escola de Belas Artes e o Palácio Monroe. Em 1912, passou a chamar Avenida Rio Branco.

[94] Hotel Avenida: inaugurado em 1911, considerado um marco cultural histórico do centro do Rio de Janeiro e um dos pontos mais famosos e movimentados da nossa *Belle Époque*. No andar térreo, chamado Galeria Cruzeiro, além de bares, restaurantes, cafés e leiterias elegantes, havia uma estação circular de bondes que ia da Zona Sul ao Jardim Botânico, para que seus hóspedes embarcassem e desembarcassem com conforto e segurança. Essa galeria foi também, um dos principais cenários do carnaval carioca, quando os bondes desfilavam lotados de pierrôs, colombinas, arlequins, diabos, Salomés e alegoricamente decorados.

[95] "Theatro" Municipal do Rio de Janeiro: localizado na Praça Floriano Peixoto foi inaugurado em 1909. Considerado um dos cartões postais do Rio de Janeiro, foi inspirado no L'Opéra de Paris; o projeto arquitetônico contou com a participação de Francisco de Oliveira Passos, Albert Guilbert; Eliseu Visconti e Rodolfo Amoedo; o idealizador dos detalhes decorativos internos e externos foi Rodolfo Bernadelli.

[96] Clube Militar: fundado em 1877, em apoio ao embate travado entre o Imperador D. Pedro II e os oficiais do Exército Brasileiro após a Guerra da Tríplice Aliança, conhecido como Questão Militar. Seu primeiro presidente foi o Marechal Deodoro da Fonseca que, no primeiro ato da entidade encaminhou ao governo um manifesto contra a obrigação de militares participar da captura de escravos fugidos. Atualmente, o Clube Militar tem a sua sede no Alto Leblon - RJ.

[97] Biblioteca Nacional: fundada em 1810, para abrigar os 60 mil volumes que vieram com a Corte Portuguesa para o Brasil em 1808. Inicialmente foi sediada na Ordem Terceira do Carmo, na Rua Direita (hoje Rua 1º de Março). No seu centenário passou para um imponente edifício do Largo da Lapa.

[98] Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios: criada por D. João VI em 1816, para abrigar o pequeno acervo de obras de Joachim Lebreton, chefe da Missão Artística Francesa, contratada para documentar as paisagens e as populações brasileiras. Até o final do II Império teve vários nomes: Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil, Academia de Artes, Academia de Belas Artes, Academia Imperial de Belas Artes; na República recebeu o nome de Escola Nacional de Belas Artes e atualmente, Escola de Belas Artes da UFRJ.

falamos ao se inaugurar o teatro do doutor Passinhos [99]. Não os havia e não podemos passar de suposições. Decorreram cento e cinqüenta anos e nós ficamos aborrecidos com o tal lindo edifício.

O bonito envelhece, e bem depressa; e eu creio que, daqui a cem anos, os estetas urbanos reclamarão a demolição do Teatro Municipal com o mesmo afã com que os meus contemporâneos reclamaram do convento.

É de ver como os homens tidos por mais carranças, mais tradicionalistas, mais misoneístas, não apresentaram, já não direi, protestos, mas queixumes contra a mutilação que vai sofrer a cidade.

Nenhum deles se enterneceu com a próxima morte daquelas paredes; e havia tanto motivo para isso! Um convento de freiras é de alguma forma quinto ato de dramas amorosos.

Certas vezes serviram de prisão doméstica, prisão às ordens do juiz-algoz, o pai de família, sempre obediente aos vagos códigos de honra e da pureza da família, metendo as filhas e parentas próximas nos conventos, quando implicava com o namorado que tinham, ou não julgava da nobreza suficiente para sua posição.

Em outras, havia de ser voluntária a reclusão; mas, num pequenino cérebro de mulher, naturalmente esse piedoso desejo vinha de uma decepção amorosa ou de uma forte crença na indigência de sua beleza. O amor de Deus vinha após o amor dos homens; e aquelas paredes que vão ruir sob os aplausos dos estetas e anticlericais, longe talvez de estarem impregnados de sonhos místicos, estão, talvez, saturados de decepções, de desilusões, de melancolias, e desesperos, posso bem dizer, de revoltas bem humanas.

Com as minhas idéias particulares posso passar sem o passado e sem a tradição; mas, os outros, aqueles que, diariamente contam nos jornais histórias do açougue dos jesuítas [100], anedotas do Príncipe Natruza e outras coisas edificantes e épicas, como é que deixam desaparecer sem uma lágrima, debaixo do alvião bárbaro, aquele velho monumento, panteão de rainhas, de imperatrizes e princesas?

É que eles estavam convencidos da sua fealdade, da necessidade do seu desaparecimento, para que o Rio se aproximasse mais de Buenos Aires.

A capital da Argentina não nos deixa dormir. Há conventos de fachada lisa e monótona nas suas avenidas? Não. Então esse casarão deve ir abaixo.

O Passos quis; o Frontin [101] também; mas, a desapropriação custaria muito e recuaram.

Não sei bem que vantagens trará tal coisa. Se, ao menos, fossemos levantar ali o Louvre, um Palácio dos Doges [102], alguma coisa de belo e grandiosos arquitetonicamente, era de justificar todo esse contentamento que vai pelas almas dos estetas; mas, para substituí-lo por um hediondo edifício americano, enorme, pretensioso e pífio, o embelezamento da cidade não será grande e a satisfação dos nossos olhos não há de ser de natureza altamente artística. Uma coisa vale a outra.

Não é que eu tenha grande admiração pelo velho casarão; mas, é que também não tenho grande admiração nem pelo estilo, nem pela gente, nem pelos preceitos americanos dos Estados Unidos.

Em matéria de imenso lá estão as pirâmides do Egito; e, como, são simples de linhas e de destino, ainda podem ter alguma beleza; mas uma casa, uma habitação, com centenas de metros de altura, com uma fachada de superfície imensa, de forma que não se pode abranger de um golpe de vista o conjunto e o movimento dos detalhes, não é só monstruoso, é besta e imbecil.

---

[99] Francisco Pereira Passos (RJ. 1836 —1913): engenheiro e prefeito da cidade do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906, nomeado pelo presidente Rodrigues Alves. Foi responsável pelo projeto da abertura da Avenida Central.

[100] Há duas hipóteses para esta referência de Lima: a primeira em relação às atrocidades praticadas pela Santa Inquisição, quando milhares de judeus, cristãos-novos, ciganos e pessoas comuns foram acusadas pelos jesuítas e dominicanos de apostasia, heresia, bruxaria ou mesmo pequenos pecados, e sofreram torturas cruéis e foram condenados à morte na fogueira. A visitação do Santo Ofício esteve no Brasil por três vezes; na Bahia, várias mulheres foram acusadas de praticar sexo profano e feitiçaria, foram expostas e açoitadas em praça pública e degredadas para Portugal, onde algumas tiveram a mesma sorte de outros homens também condenados.

A outra hipótese poderia estar relacionada ao fato das antigas instalações do Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro, terem sido alocadas para a Academia de Medicina e o Hospital Real e Militar, por decreto de D. João em 1808.

[101] André Gustavo Paulo de Frontin (RJ. 1860 — 1933): político e engenheiro brasileiro. Como engenheiro teve notável participação durante o governo municipal de Pereira Passos que realizou a política do "bota abaixo", modificando o cenário carioca da época, com a construção da Avenida Central.

[102] Ver a crônica "São Paulo e os estrangeiros".

O convento não tinha beleza alguma, mas era honesto; o tal hotel também não terá beleza alguma e será desonesto, no seu intuito de surrupiar a falta de beleza com as suas proporções mastodônticas.

De resto, não se pode compreender uma cidade sem esses marcos de sua vida anterior, sem esses anais de pedra que contam sua história.

Repito: não gosto do passado. Não é pelo passado em si; é pelo veneno que deposita em forma de preconceitos, de regras, de prejulgamento nos nossos sentimentos.

Ainda são a crueldade e o autoritarismo romanos que ditam inconscientemente as nossas leis; ainda é a imbecil honra dos bandidos feudais, barões, duques, marqueses, que determinam a nossa taxinomia social, as nossas relações de família e de sexo para sexo; ainda são as coisas de fazenda, com senzalas, sinhás moças e mucamas, que regulam as idéias de nossa diplomacia; ainda é, portanto, o passado, daqui, dacolá, que governa, não direi as idéias, mas os nossos sentimentos. É por isso que eu não gosto do passado; mas isso é pessoal, individual. Quando, entretanto, eu me faço cidadão da minha cidade não posso deixar de querer de pé os atestados de sua vida anterior, as suas igrejas feias e os seus conventos hediondos.

Esse furor demolidor vem dos forasteiros, dos adventícios, um Rio-Paris barato ou mesmo Buenos Aires de tostão.

O aspecto anticlerical com que eles escondem esse desejo de fazer da cidade um improviso catita, nada vale.

Em geral, são sempre os monumentos religiosos que ficam.

O Partenon [103] era um edifício religioso; e religiosos eram os monumentos de Carnac [104].

As catedrais góticas irão abaixo, quando o catolicismo não tiver mais nenhum adepto? Não. A não ser que os velhos turcos venham a conquistar a Europa inteira.

O convento em si não enfeava tanto a cidade, como dizem; nem tão pouco a sua demolição vai diminuir o espírito religioso, nem trazer para as alegrias da vida as freiras que lá estavam.

Demais, não eram muitas; uma meia dúzia e o seu livramento pode ser obtido com a décima parte do dinheiro que venderam o imóvel. É só requerer *habeas-corpus*...

De todas as instituições religiosas, uma das mais sábias é o convento. Nos antigos tempos, e um pouco no nosso, em que a vida social era baseada na luta e na violência, devia haver naturezas delicadas que quisessem fugir a tais processos; e o único meio de fugir era o convento.

Era útil e conseqüente; e, se, o gosto por tais reclusões diminui, é porque já na nossa vida há mais tolerância, menos exibições de virtude e força, menos tiranias domésticas, religiosas e governamentais.

Não há de ser diminuindo conventos com auxílio do alvião dos americanos que teremos a felicidade sobre a terra. Eles podem ficar, como coisas de museu – ao lado dos canhões, de obuses, de fichas de identificação policial, dos códigos forenses, de todo esse aparelho de coação inútil, quase sempre, e contraproducentemente, nas mais das vezes; o que porém, precisamos fazer é desentupir a nossa inteligência de umas tantas crenças nefastas, que pesam sobre ela como castigos atrozes do destino.

Os conventos são mudos; mas essas falam. São como os tais mortos que falam, piores do que espectros, do que fantasmas e almas do outro mundo, porque não só metem medo às crianças e às mulheres, mas também aos homens cheios de coragem e ousadia.

Elas é que são flagelo; elas é que nos crestam; elas é que nos tiram a vontade de viver.

Se fosse possível, com elas, por abaixo certos nomes de alvião e a picareta, com bombas de dinamite e com pólvora negra, eu topava, sobretudo se se tratasse de um tal Padre Antonio Vieira [105], um cacetíssimo sermonário, um matóide trocadilhista, ausente total do pensamento e da emoção, de

---

[103] Partenon: o mais célebre templo grego, da ordem dórica, o maior da Acrópole de Atenas. Foi construído entre 447 e 438 a.C. dedicado à Palas Atena, uma das deusas mais importantes da mitologia grega. Foi projetado por Ictimos de Mileto e Calicrates; sua concepção está relacionada ao escultor Fídias.

[104] Templo de Carnac: em Tebas, foi o maior complexo religioso da civilização egípcia. Dedicado a Amon-Rá, o Rei-Sol, deus supremo de quem descendiam os faraós. Tinha nove grandes portões que levavam à câmara do deus, a qual só tinham acesso o faraó e o Alto Sacerdote; aos egípcios comuns era vetada a visitação.

[105] Antônio Vieira (Port. 1608 - Br. 1697): religioso, escritor e orador português, membro da Companhia de Jesus. Um dos mais influentes personagens do século XVII em termos de política, destacou-se como missionário em terras brasileiras.

estilo obeso, como diz Oliveira Martins [106], ditador ainda de nossas letras, como se ele tivesse escrito alguma coisa de literário. Vamos pô-lo abaixo e deixemos o convento em paz.

Convento da Ajuda

Hotel Avenida

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte - livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 39-42)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 83-87)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp. 98-101)

[106] Joaquim Pedro de Oliveira Martins (Port. 1845-1894): historiador, economista, antropólogo, crítico social, político e literário. Escreveu romances, dramas históricos, ensaios de reflexão histórica, política doutrinaria e crítica literária; seu trabalho, embora tenha gerado muita controvérsia, influenciou muito os literatos das primeiras décadas do século XX. Lima tinha dois títulos desse historiador na sua biblioteca.

"NO AJUSTE DE CONTAS..."

A nossa burguesa finança governamental só conhece dois remédios para equilibrar os orçamentos: aumentar os impostos e cortar os lugares de amanuenses e serventes. Fora desses dois paliativos, ela não tem mais beberagem de feiticeiro para curar a crônica moléstia do *déficit.*

Quanto ao cortar lugares, é engraçado o que se passa na nossa administração. Cada ministro, e quase anualmente, arranja um autorização para reformar o seu ministério. De posse dela, um por exemplo, o da Guerra, realiza a sua portentosa obra e vem cá para fora blasonar que fez uma economia de sessenta e nove contos, enquanto o do Exterior, por exemplo, com a sua aumentou as despesas de sua pasta em mais de cem contos.

Cada secretário do presidente concebe que governo é só e unicamente o seu respectivo ministério e cada qual puxa a brasa para a sua sardinha.

Cabia ao presidente coordenar estes movimentos desconexos, ajustá-los, conjugá-los; mas, ele nada faz, não intervém nas reformas e deixa correr o marfim, para não perder o precioso tempo que tem de empregar em satisfazer os hipócritas manejos dos caixeiros da fradalhada [107] obsoleta ou em pensar nas coisas de sua politiquinha de aldeola.

Enquanto as reformas com as hipotéticas economias são em geral obra dos ministros, o aumento de imposto parte, em geral, dos nossos financeiros parlamentares. Eles torram os miolos para encontrar meios e modos de inventar novos; e, como bons burgueses que são, os seus prepostos, sabem, melhor que o Imperador Vespasiano [108], que o dinheiro não tem cheiro. Partem desse postulado que lhes remove muito obstáculo e muitas dificuldades e chegam até as latrinas, como aconteceu o ano passado.

Essa pesada massa de impostos, geralmente sobre os gêneros de primeira necessidade, devendo ser democraticamente igual para todos, vem verdadeiramente recair sobre os pobres, isto é, sobre a quase totalidade da população brasileira que é de necessitados e pobríssimos, de forma que as taxas dos Colberts [109] da nossa representação parlamentar conseguem esta coisa maravilhosa, com as suas medidas financeiras; arranham superficialmente os ricos e apunhalam mortalmente os pobres. Pais da Pátria!

Desde que o governo da República ficou entregue à voracidade insaciável dos políticos de São Paulo, observo que o seu desenvolvimento econômico é guiado pela seguinte lei: tornar mais ricos, os ricos; e fazer mais pobres, os pobres.

São Paulo tem muita razão e procede coerentemente com as suas pretensões; mas, devia ficar com os seus propósitos por lá e deixar-nos em paz. Eu me explico. Os políticos, os jornalistas e mais engrossadores das vaidades paulistas não cessam de berrar que a capital de São Paulo é uma cidade européia; e é bom ver uma cidade européia que se preza, não pode deixar de oferecer aos forasteiros, o espetáculo de miséria mais profunda em uma parte de sua população.

São Paulo trabalha para isso, a fim de acabar a sua flagrante semelhança com Londres e com Paris; e podem os seus eupátridas [110] estar certos que ficaremos muito contentes quando for

[107] Classe dos frades, espírito fradesco.
[108] Vespasiano ou Titus Flávius Sabinus (Roma 9 - 79 d.C.): imperador da Antiga Roma. O período de seu governo ficou marcado por uma eficaz administração econômica, quer na capital do Império quer nas províncias, com um aumento significativo do tributo anual e a implementação de medidas econômicas muito mais severas, o que permitiu atingir níveis de progressos nas finanças do Estado.
[109] Relativo a Jean-Baptiste Colbert (Fr. 1619-1683), ver crônica "Casos de bovarysmo".
[110] Eupátridas, em Atenas - Grécia Antiga, eram aqueles considerados "bem nascidos". Formavam a aristocracia governante da pólis e eram os proprietários de terras e escravos. A classe dos eupátridas impedia que o povo exercesse funções governamentais; no século VI a.C. deu-se início a uma reforma nessa estrutura que alterou todo o organismo social, político e econômico da pólis ateniense.

completa, mas não se incomodem conosco, mesmo porque, além de tudo, nós sabemos como Lorde Macaulay [111] que, em toda a parte, onde existiu oligarquia, ela abafou o desenvolvimento do gênio.

Entretanto não atribuirei a todos os financeiros parlamentares que têm proposto novos impostos e aumento dos existentes; não atribuirei a todos eles, dizia, tenções malévolas ou desonestas. Longe de mim tal coisa. Sei bem que muitos deles são levados a empregar semelhante panacéia, por mero vício de educação, por fatalidade mental que não lhe permite encontrar os remédios radicais e infalíveis para o mal de que sofre a economia da nação.

Quando se tratou aqui da abolição da escravatura negra, deu-se fenômeno semelhante. Houve homens que por sua generosidade pessoal, pelo seu procedimento liberal, pelo conjunto de suas virtudes privadas e públicas e alguns mesmo pelo seu sangue, deviam ser abolicionistas; entretanto, eram escravocratas ou queriam a abolição com indenização, sendo eles mais respeitáveis e temíveis inimigos da emancipação, por não se poder suspeitar da sua sinceridade e do seu desinteresse.

É que eles se haviam convencido desde meninos, tinham como artigo de fé que a propriedade é inviolável e sagrada; e, desde que o escravo era uma propriedade, logo...

Ora, os fundamentos da propriedade têm sido revistos modernamente por toda a espécie de pensadores e nenhum lhe dá esse caráter no indivíduo que a detém. Nenhum deles admite que ela assim seja nas mãos do indivíduo, a ponto de lesar a comunhão social, permitindo até, que meia dúzia de sujeitos espertos e sem escrúpulos, em geral fervorosos católicos, monopolizem as terras de uma província inteira, títulos de dívida de um país, enquanto o estado esmaga os que nada têm com os mais atrozes impostos.

A propriedade é social e o indivíduo só pode e deve conservar, para ele, de terras e de outros bens tão somente aquilo que precisar para manter a sua vida e de sua família, devendo todos trabalhar da forma que lhes for mais agradável e menos possível, em benefício comum.

Não é possível compreender que um tipo bronco, egoísta e mau, residente no Flamengo ou em São Clemente, num casarão monstruoso e que não sabe plantar um pé de couve, tenha a propriedade de quarenta ou sessenta fazendas nos Estados próximos, muitas das quais ele nem as conhece nem as visita, enquanto, nos lugares em que estão tais latifúndios, há centenas de pessoas que não têm um palmo de terra para fincar quatro paus e erguer um rancho de sapé, cultivando nos fundos uma quadra de aipim e batata doce.

As fazendas, naturalmente, estarão abandonadas; por muito favor, ele ou seus caixeiros permitirão que os desgraçados locais se aboletem, mas estes pobres roceiros que nelas vegetam, não se animam a desenvolver plantações, a limpá-las do mato, do sapé, da vassourinha, do carrapicho, porque logo que o fizessem, o dono vendê-las-ia a bom preço e com lucro sobre a hipoteca com que obteve, sendo certo que o novo proprietário expulsá-los-á das terras por eles beneficiadas.

Na Idade Média e, mesmo no começo da Idade Moderna, os camponeses da França tinham contra semelhantes proprietários perversos que deixavam suas terras *en friche* [112], o recurso do *haro* [113], e mesmo se apossavam delas para cultivá-las; mas a nossa doce e resignada gente da roça não possui essa energia, não tem mesmo um acendrado amor à terra e aos trabalhos agrícolas e procedem como se tivessem lido o artigo XVII da Declaração dos Direitos do Homem [114].

O que se diz com relação à propriedade imóvel, pode-se dizer para a móvel. Creio que é assim que os financistas denominam as apólices, moedas, títulos, etc.

O povo, em geral, não conhece esta engrenagem de finanças e ladroeiras correlativas de bancos, companhias, hipotecas, cauções, etc.; e quando, como atualmente, se sente esmagado pelo preço dos gêneros de primeira necessidade, atribui todo o mal ao taverneiro da esquina. Ele, o povo, não se pode capacitar de que a atual alta estrondoso do açúcar é obra pura e simples do Zé Bezerra e desse Pereira Lima que parece ter sido discípulo dos jesuítas, com a agravante de que o primeiro foi e o segundo é ainda ministro de Estado, cargo cuja natureza exige de quem o exerce, o dever de velar na sua esfera de ação, pelo bem público e para a felicidade da comunhão.

---

[111] Ver crônica "A superstição do doutor".
[112] Terrenos agricultáveis sem cultivo.
[113] Insurreição contra os grandes proprietários de terras.
[114] ART. XVII da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão: "Nenhum gênero de trabalho, de cultura, de comércio pode ser proibido à indústria dos cidadãos.".

Não estará tal coisa nas leis que ou nos regulamentos; mas, evidentemente, se contém na essência de tal função administrativa.

Bastiat [115], nas suas *Mélanges d'Économie Politique*, tem um interessante capítulo, intitulado – "O que se vê e o que não se vê". Pouco ou nada se relaciona com o nosso assunto; mas, citei-o, porque foi a sua leitura que me fez considerar e analisar melhor certos fatos e não ficar como o grosso do povo preso "ao que se vê", sem procurar a verdadeira explicação no "que não se vê".

É difícil imaginar, para quem se atém unicamente"ao que se vê", como esse negócio de apólices é o cancro do orçamento e a fonte de todos os nossos males, provocado pelo critério supersticioso que têm nossos financistas sobre a propriedade privada.

Poderia encher isto aqui de algarismos, obtidos nos relatórios pantafaçudos ou nas tabelas do orçamento, para provar o que digo; mas deixo essa difícil exibição sabichona para o Senhor Oto Prazeres[116], a fim de que ele possa fazer mais um livro e ir ainda uma vez levá-lo em pessoa ao Senhor Wenceslau Brás.

O caso das apólices é muito semelhante ao da escravatura na geração anterior à nossa. É um ônus, que em geral, herdamos das gerações passadas. Não garanto; mas, parece-me, que ainda pagamos juros de apólices emitidas em 1867; e mesmo que isto não seja inteiramente verdade, deve ser aproximadamente, porquanto, de onde em onde, o governo, por isso ou aquilo, substitui por outras, continuando, as novas, a serem virtualmente as velhas que aquelas substituíram.

Mirabeau[117], respondendo às objeções feitas a reformas radicais que rompiam totalmente com o passado, teve na Assembléia Constituinte de 89, uma comparação eloquentíssima. Se todos os nossos antepassados, dizia ele, ocupassem com seus túmulos a superfície total da Terra, nós, teríamos todo o direito de desenterrar os seus ossos, para cultivar os campos, criar gado, tirar da terra, enfim, a nossa subsistência.

Cito de memória; mas, julgo não ter deturpado o pensamento do grande Conde de Mirabeau, o qual vem esclarecer o meu, quando não quero aceitar uma carga injusta dos nossos pais e lembro que essa obrigação herdada por nós de pagar prêmios de apólices de empréstimos de que as gerações passadas abusaram, deve cessar inteiramente, pois é tal verba orçamentária que nos esmaga de impostos e faz a nossa atual vida dificílima, mais ainda do que os estancos de Limas Pereiras, Bezerras e caterva.

No próprio ponto de vista dos usurários e truculentos capitalistas, a apólice é um mal, é um capital imobilizado que não concorre para o desenvolvimento do país; pois quem tem poucas, guarda-as, para receber juros como achego; e quem tem muitas, guarda-as também, para não fazer nada e viver de rendimento.

Contaram-me que há uma senhora que é possuidora de duas mil apólices de conto de réis; tem ela portanto, a cinco por cento, o rendimento anual de cem contos de réis. Vive na Europa e não vem ao Brasil, há perto de trinta anos. Não gasta aqui um tostão, não dá aqui uma esmola, não paga um criado aqui e recebe quase tanto quanto o presidente da República, sem contar com a verba de "representação", aliás, sempre aumentada.

Se o povo "visse", se o povo soubesse, como no caso da senhora, que nós já pagamos em juros o valor dessas apólices, pediria fossem elas canceladas e não continuassem a vencer prêmios e a vultosa quantia empregada no pagamento deles, cerca de sessenta mil contos, sendo suprimida do orçamento, serviria para aligeirar os impostos que oneram a carne-seca e outras utilidades indispensáveis à quase totalidade dos habitantes do país.

Outra medida que se impõe, é o confisco dos bens de certas ordens religiosas, bens que representam dádivas e ofertas de piedade, ou quer que seja, de várias gerações de brasileiros e agora

---

[115] Claude Frédéric Bastiat (Fr.1801-1850): economista e jornalista francês, cujo pensamento é fortemente liberal e intimamente associado à defesa da liberdade do indivíduo contra toda espécie de autoridade, especialmente a estatal. Para Bastiat, o funcionamento do Estado é uma "grande ficção através da qual todo mundo se esforça para viver à custa de todo mundo". Na biblioteca de Lima tinha a obra *Mélanges d'Économie Politique*, em dois volumes.

[116] Otto dos Prazeres (SE 1887 -?): jornalista e autor de livros sobre cultura política.

[117] Honoré Gabriel Riqueti - Conde de Mirabeau (Fr. 1749 —1791): publicista, escritor, político e grande orador parlamentar francês. Mirabeau foi o principal tribuno da Revolução Francesa, sua eloqüência dominava os auditórios de Versalhes e da Assembléia Nacional de Paris.

estão em mãos de estranhos, porque os nacionais não querem mais frades. Voltem à comunhão, os bens.

Pode-se admitir que os conventos sejam asilos de crentes de ambos os sexos que se desgostaram com o mundo. Admito, na minha tolerância que quisera bem ser renaniana [118]; mas os estatutos dessas ordens não deixam perceber isso. Para os conventos de freiras, para as próprias irmãs de São Vicente de Paula (sei que não são freiras), não se entra sem um dote em dinheiro, sem um caríssimo enxoval, e, afora exigências de raça, de sangue e família.

Só se desgosta com o mundo, só tem ânsia de ser esposa de Jesus ou praticar a profunda caridade vicentina, as damas ricas e brancas, como a Nossa Senhora da Aparecida, de São Paulo. É mesmo católica essa religião?

Nos mosteiros de frades, é a mesma coisa e, sabido como todos eles são ricos, não se apreende para que exigem tanta despesa dos noviços, criando dificuldades para iniciação monástica, quando o interesse da religião estava em facilitá-la. Há quem suspeite que esse dinheiro todo, os santos monges pretendem empregá-lo para a nossa desunião... o tempo nos dirá o que for verdade...

Um governo enérgico e oriundo do povo que surgir, tem o dever de confiscar esses bens, de retalhar as suas imensas fazendas, de aproveitar os seus grandes edifícios para estabelecimentos públicos e vender, assim como as terras divididas, os prédios de aluguel que essas ordens possuem, em hasta pública.

A confiscação desses bens, obriga, para ser a medida completa, o governo a suprimir inteiramente todo os colégios de religiosos de ambos os sexos, sobretudo os destinados a moças ricas, por intermédio dos quais, o clero acaba dominando os seus futuros maridos ou amantes; e, sabendo-se que estes são em geral, pessoas poderosas e em altos cargos, a gente sotaina pretende, desse modo, influir decisivamente nos atos dos poderes políticos do país e obter a nossa completa regressão aos áureos tempos das fogueiras e do beatício hipócrita. Há mais.

Uma das urgentes medidas do nosso tempo é fazer cessar essa fome de enriquecer característica da burguesia que, além de todas as infâmias que, para tal, emprega, corrompe, por exemplo, a totalidade da nação. Para amontoar milhões, a burguesia não vê óbices morais, sentimentais nem mesmo legais. Toca para adiante, passa por cima de cadáveres, tropeça em moribundos, derruba aleijados, engana mentecaptos; e desculpa-se de todas essas baixezas, com a segurança da vida futura dos filhos. Não encontraria mais motivo para proceder dessa maneira, mais infame do que o dos antigos salteadores dos grandes caminhos, se riscássemos do Código Civil o direito de testar, e as fortunas, por morte dos seus detentores, voltassem para o Estado; e nisto, imitaríamos os seus maiores, os burgueses da Revolução Francesa, que golpearam profundamente a nobreza, estabelecendo a igualdade de herança entre os filhos. O feudo, o castelo desapareceriam, pois a fortuna deixou de passar intacta ou quase intacta, do marquês para seu filho mais velho.

Todas essas medidas têm caráter financeiro, sem deixar de ser social; mas, a que me parece mais urgente, é uma reforma radical do casamento, medida puramente social.

Eu sou por todas as formas de casamento; não me repugna admitir a poligamia ou a poliandria; mas transigiria se fosse governo. Continuaria a monogamia a ser a forma legal de matrimonio, mas suprimiria toda essa palhaçada de pretoria ou juizado de paz. O Estado só interviria para processar e condenar o bígamo; tudo o mais correria por conta das famílias dos nubentes. Os pais é que se encarregariam do processo, hoje chamado - "papéis de casamento" – e das cerimônias que fossem do seu gosto realizar; e o Estado só saberia do "caso", como atualmente, com o nascimento,

[118] Lima Barreto se refere a Joseph-Ernest Renan (Fr. 1823-1892): escritor e filósofo francês que, no contato com a escolástica e a exegese da Bíblia, aos 21 anos de idade vivenciou uma crise de vocação sacerdotal que o levou em 1845 a abandonar o seminário de Saint-Sulpice (Paris) onde estudava e também a Igreja Católica. Radical em seu anticlericalismo, mas por longo tempo conservador nas atitudes políticas, Renan foi nome de primeira grandeza na evolução do racionalismo do século XIX. Sua influência foi grande sobre vários escritores dos finais do século XIX e início do século XX nos países com línguas nacionais derivadas do latim. A sua obra foi uma referência obrigatória para agnósticos e ateus, fornecendo motivos ideológicos aos movimentos republicanos anticlericais de inícios do século XX. Lima era um grande admirador de Renan, seja como escritor, como expõe na crônica "Amplius", (1916 – vol. CRJ), seja como filósofo e, no caso desta crônica, pelo seu anticlericalismo radical. Em *Bagatelas*, Lima incluiu uma crônica sobre Renan, intitulada – "Meia página de Renan", que se encontra anotada nesta série. Na de biblioteca Lima constava dois volumes desse crítico - *Souvernirs d'enfance e jeunesse* e *Marc-Aurèle*.

por comunicação escrita das partes, para o competente registro. Não haveria nunca comunhão de bens; a mulher poderia soberanamente dispor de seus bens.

O divórcio seria completo e podia ser requerido por um dos cônjuges e sempre decretado, mesmo que o motivo alegado fosse o amor de um deles por terceiro ou terceira.

A muitos leitores parecerão absurdas essas idéias; não pretendendo convencer desde já todos, espero que o tempo e o raciocínio irão despertar neles simpatia por elas e a convicção de sua atitude social. Apelo para todos aqueles que não têm superstição da tal lei, dos códigos, dos praxistas, dos acórdãos, dos arestos, do Pêgas, do Lobão, das Ordenações [119] e outros alfarrábios caducos; e quanto aos doutores de Direito que estão envenenados, intoxicados até a medula, com tudo que decorre do sinistro e cruel direito romano, codificado, em grande parte por um tirano das margens do Propôntide e pela prostituta sua mulher [120], como diz Condorcet [121], nas suas *Réflexions sur l'Esclavage des Négres*; quanto a tais chacais e hienas a serviço dos burgueses, eu temo a liberdade de dizer-lhes que, tarde ou cedo, sem eles ou com eles, há de se fazer uma reforma social contra "o Direito" de que são sacerdotes, pois o seu deus já está morto no coração da massa humana e só falta enterrá-lo, com o seu cortejo de apostilas e sebentas, de consolidações e manuais, não levando tal enterro senão as grinaldas dos arqueólogos, antiquários, geólogos e paleontólogos. "Requiescat in pace!".

Muitas outras medidas radicais me ocorrem, como sejam: uma revisão draconiana [122] nas pensões graciosas, uma reforma cataclismática no ensino público, suprimindo o "doutor" ou tirando deste a feição de brâmane do Código de Manu [123], cheio de privilégios e isenções; a confiscação de certas fortunas, etc., etc.

Iremos, porém, devagar e por partes; e, logo acabada esta guerra [124] que é o maior crime da humanidade, quando os filhos e os outros parentes dos pobres diabos que lá estão morrendo às centenas de milhares, ou se estropiando, tiverem de ajustar contas com esta burguesia cruel, sem caridade, piedade e cavalheirismo, que enriqueceu e está enriquecendo de apodrecer, com esse horroroso crime, nós, os brasileiros, devemos iniciar a nossa Revolução Social, com essas quatro medidas que expus. Será a primeira parte; as outras, depois.

Terminando este artigo que já foi ficando longo, confesso que foi a revolução russa [125] que me inspirou tudo isso.

Se Kant [126], conforme a lenda, no mesmo dia em que a Bastilha, em Paris, foi tomada; se Kant, nesse dia, com estuporado assombro de toda a cidade de Koenigsberg [127],

---

[119] Ordenações Filipinas: compilação jurídica estabelecida pelo rei de Portugal Felipe I, sancionada em 1595, em reforma às Ordenações Manuelinas, que constituíram a base do direito português até a promulgação de outros durante o século XIX. Confirmadas por D. João VI, algumas de suas disposições mantiveram sua vigência no Brasil até o advento do Código Civil da República em 1916.

[120]Lima se refere a Constantino I, Imperador de Roma que tomou Bizâncio e, em 330, a tornou capital do Império Romano no Oriente, que mais tarde recebeu o nome de Constantinopla. O Propôndite é o mar interno Propontis que liga o Mar Egeu ao Mar Negro na Ásia Menor, em cujas margens ficava Bizâncio,. Quanto à esposa do "tirano das margens do Propôndite", trata-se de Fausta, filha de Maximiano, que aos sete anos casou-se com Constantino. O casamento foi uma astúcia política de Constantino contra Maximiano, que havia sido afastado do governo por Diocleciano, que desejava de volta seu poder e o título de Augusto. Em 310 Constantino mandou assassinar seu sogro e alguns anos mais tarde seu cunhado Maxêncio. Até onde consta, Fausta não se opôs a nenhum dos dois assassinatos.

[121] Ver crônica "Tenho esperança que...".

[122] O adjetivo draconiano qualifica a norma que exacerba o rigor punitivo das leis de Dracon (Atenas séc. VII a. C.) que tem um importante papel na história do Direito, por ter organizado o primeiro código de leis escrito. Seus detalhes perderam-se no tempo; seu conteúdo, aparentemente impedia os eupátridas de interpretarem as leis segundo seus interesses. Caracterizada por sua imparcialidade, essa legislação, entretanto, em alguns casos é considerada muito severa, pois punia com morte delitos triviais, vistos naquela época como costumes.

[123] O Código de Manu (do sânscrito "Manu Smriti") é parte de uma coleção de livros bramânicos, enfeixados em quatro compêndios: o Mahabâta, o Ramayana, os Puranas e as Leis Escritas de Manu. Constitui parte da legislação do mundo indiano e estabelece o sistema de castas dessa sociedade, cuja concepção parte do princípio que o castigo e a coação são essenciais para se evitar o caos na sociedade indiana. Foi redigido entre os séculos II a.C. e II d.C. em versos e de forma imaginosa. Manu, cuja raiz verbal em sânscrito é "homem", na mitologia Hindu é o filho de Svayambhuva, pai e marido de Ila. Na Teosofia os Manus não são homens, mas um coletivo com o nome genérico de Pitris que significa "progenitores da humanidade".

[124] I Guerra Mundial, 1914-1918.

[125] Revolução Russa de 1917.

mudou o itinerário da excursão que, há muitos anos, fazia todas as manhãs, sempre e religiosamente pelo mesmo caminho – a comoção social maximalista tê-lo-ia hoje provocado a fazer o mesmo desvio imprevisto e surpreendente; e também a Goethe [128] dizer, como quando, em Valmy viu os soldados da Revolução, mal ajambrados e armados, de tamancos muitos, descalços alguns, destroçarem os brilhantes regimentos prussianos – dizer, disto, como disse: "A face do mundo mudou" [129]. Ave Rússia!

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 43-49)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 88-96)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp. 336-343)

Rio de Janeiro
Lima Barreto – [s.d.]
Assis Barbosa – 25-11-1918

---

[126] Immanuel Kant (Alem.1724 — 1804): filósofo alemão, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes. Ao estudar a questão do conhecimento, investigando seus limites, suas possibilidades e suas aplicações, Kant elaborou sua obra capital, a *Crítica da Razão Pura*, publicada em 1781.

[127] Conta-se que Kant era um homem muito metódico, e que diariamente, às 16:30 horas, passeava pelas ruas de Koenigsberg, sua cidade natal, sem nunca mudar o roteiro e o itinerário; dizem que os moradores da cidade acertavam seus relógios quando Kant passava pelas suas janelas.

[128] Johann Wolfgang Von Goethe (Alem. 1749-1832): importante romancista, dramaturgo e filósofo alemão. Fez parte de dois movimentos literários importantes: romantismo e expressionismo.

[129] Lima quis dizer neste trecho que se Kant e Goethe fossem vivos no momento da Revolução Russa de 1917, ambos seriam acometidos pelos mesmos sentimentos que lhes causaram os eventos da Queda da Bastilha em 1789 e da Batalha de Valmy em 1792, respectivamente, e que da mesma forma que apoiaram a Revolução Francesa, teriam apoiado a causa maximalista.

"DA MINHA CELA" [130]

Não é bem um convento, onde estou há quase um mês; mas tem alguma cousa de monástico, com o seu longo corredor silencioso, para onde dão as portas dos quartos dos enfermos.

É um pavilhão de hospital, o Central do Exército [131]; mas a minha enfermaria não tem o clássico esperado ar das enfermarias: um vasto salão com filas paralelas de leitos.

Ela é, como já fiz supor, dividida em quartos e ocupo um deles, claro, com uma janela sem um lindo horizonte como é tão comum no Rio de Janeiro.

O que ela me dá é pobre e feio; e, além deste contratempo, suporto desde o clarear do dia até à boca da noite o chilreio desses infames pardais. No mais, tudo é bom e excelente nesta ala de convento que não é todo leigo, como poderia parecer a muitos, pois na extremidade do corredor há quadros de santos que eu, pouco versado na iconografia católica, não sei quais sejam.

Além desses registros devotos, no pavimento térreo, onde está o refeitório, há uma imagem de Nossa Senhora que preside as nossas refeições; e, afinal, para de todo quebrar-lhe a feição leiga, há a presença das irmãs de São Vicente de Paula. Admiro muito a translucidez da pele das irmãs moças; é um branco pouco humano.

A minha educação céptica, voltairiana [132], nunca me permitiu um contato mais contínuo com religiosos de qualquer espécie. Em menino, logo após a morte de minha mãe, houve uma senhora idosa, Dona Clemência, que assessorava a mim e a meus irmãos, e ensinou-me um pouco de catecismo, o "Padre-Nosso", a "Ave-Maria" e a "Salve-Rainha", mas bem depressa nos deixou e eu não sabia mais nada dessas obrigações piedosas, ao fim de alguns meses.

Tenho sido padrinho de batismo umas poucas de vezes e, quando o sacerdote, na celebração do ato, quer que eu reze, ele tem que me ditar a oração.

---

[130] A palavra "cela" do título não se refere a nenhum tipo de prisão, mas ao fato do cronista, quando escreveu esta crônica, estar internado no Hospital Central do Exército, cujas acomodações para os doentes eram as antigas celas dos padres do Colégio dos Jesuítas. Durante uma crise de alcoolismo Lima Barreto sumiu de casa e da Secretaria da Guerra por um mês, foi encontrado por Antonio de Noronha Santos na plataforma da estação de Todos os Santos, tresloucado e com uma das clavículas quebrada. Diante desse quadro, foi internado no Hospital Central do Exército, onde permaneceu em tratamento entre novembro de 1918 e janeiro de 1919.

[131] A história do Hospital Central do Exército do Rio de Janeiro remonta ao tempo dos Vice-Reis, pois, está ligada à chegada dos primeiros médicos que chegaram à Colônia Portuguesa na América, para atender o grande número de enfermos que aqui chegavam, depois das péssimas condições de viagem que enfrentavam na travessia do Oceano Atlântico. Em 1768 foi transferido e passou a ocupar numerosas celas do Colégio dos Jesuítas no Morro do Castelo com o nome de Hospital Real Militar de Ultramar. Extinto em 1832, foram criadas duas novas unidades – os Hospitais Regimentais - no Campo da Aclamação e no Depósito da Praia Vermelha, além de uma pequena enfermaria militar na Fortaleza de São João. Em 1844 os doentes voltaram para o Colégio dos Jesuítas no Morro do Castelo que recebeu o nome de Hospital Central do Exército. Em 1910 foi remodelado e ganhou novas enfermarias.

[132] Ao contrário da educação laica e positivista que Lima Barreto recebeu, Voltaire foi educado a patir dos mais sólidos princípios do cristianismo; inicialmente sob a tutela de um abade que, através da leitura de muitos livros, lhe ensinou os caminhos do ceticismo como forma de pensar o mundo, e mais tarde, como aluno de um colégio de jesuítas, onde aprendeu teologia e a arte da dialógica como forma de provar as idéias e os fatos. Embora sem uma orientação metódica como a que teve Voltaire, Lima leu muitos livros, especialmente dos iluministas, cujas concepções acerca das liberdades civis, religiosas e de expressão, bem como do anticlericalismo e da defesa da reforma social, influenciaram de modo significativo a formação do seu espírito e de suas ideias. Como Voltaire, guardadas as devidas implicações de tempo e espaço, Lima foi um polemista satírico; sob as mais diversas formas literárias produziu uma extensa obra crítica e implacável contra a cultura institucional de seu tempo.

A presença das irmãs aqui, se ainda não me fez católico praticante e fervoroso, até levar-me a provedor de irmandade como o Senhor Miguel de Carvalho [133], convenceu-me, entretanto, de que são úteis, senão indispensáveis aos hospitais.

Nunca recebi (até hoje), como muitos dos meus companheiros de enfermaria, convite para as suas cerimônias religiosas. Elas, certamente, mas sem que eu desse motivo para tal, me supõem um tanto herege, por ter por aí rabiscado uns desvaliosos livros.

Por certo, no seu pouco conhecimento da vida, julgam que todo escritor é acatólico. São, irmãos, até encontrarem um casamento rico que os faz carolas e torquemadescos [134]. Eu ainda espero o meu...

Testemunha do fervor e da dedicação das irmãs no hospital em que estou, desejaria que fossem todas elas assim; e deixassem de ser, por bem ou por mal, pedagogas das ricas moças da sinistra burguesia, cuja cupidez sem freio faz da nossa vida atual um martírio, e nela estiola a verdadeira caridade.[135]

Não sei como vim a lembrar-me das cousas nefandas daí de fora, pois vou passando sem cuidado, excelentemente, neste *coenobium* [136] semileigo em que me meti. Os meus médicos são moços dedicados e interessados, como se amigos velhos fossem, pela minha saúde e restabelecimento.

O doutor Alencastro Guimarães, o médico da minha enfermaria, colocou-me no braço quebrado o aparelho a que, parece, chamam de Hennequin!

Sempre a literatura e os literatos...

Antes, eu me submeti à operação diabólica do exame radioscópico. A sala tinha uma pintura negra, de um negro quase absoluto, lustroso, e uma profusão de vidros e outros aparelhos desconhecidos ou mal conhecidos por mim, de modo que, naquele conjunto, eu vi alguma coisa de Satanás, a remoçar-me para dar-me Margarida [137], em troca da minha alma.

Deitaram-me em uma mesa, puseram-me uma chapa debaixo do braço fraturado e o demônio de um carrinho com complicações de ampolas e não sei que mais correu-me, guiado por

---

[133] Miguel de Carvalho (?): provedor do Hospital Central do Exército e da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Em 1914 inaugurou o hospital infantil São Zacharias num terreno cedido pelo Estado no Morro do Castelo.

[134] Relativo a Tomás de Torquemada (Esp. 1420 — 1498): frade espanhol da Ordem dos Dominicanos; inquisidor-geral dos reinos de Castela e Aragão no século XV por nomeação do papa Xisto IV em 1483 e confessor da rainha Isabel a Católica. Em 1492, com o aval dos reis católicos, expulsou da Espanha todos os judeus que lá residiam.

[135] Lima Barreto era contra a educação que as religiosas ofereciam para moças, pois, muitas delas eram egressas de famílias burguesas que chegavam aos votos sem vocação - por desilusão amorosa, ou como castigos infligidos por desobediência às escolhas paternas para seus maridos. Estando internado, em 27 de dezembro de 1918, fez as seguintes anotações no seu Diário Íntimo sobre as irmãs de caridade do Hospital Geral do Exército que o atendiam: "Uma delas, ao pisar nas terras, recentemente trazidas para um canteiro, passou levantando os pés, como se estivesse a atravessar um terreno encharcado, e levantou a bata com os adenames bem femininos, com ambas as mãos. Tarda muito a morrer a coquetterie. A menina burguesa, mais ou menos rica, surgiu debaixo da irmã". (DI: 1961, p. 203).

[136] *Coenobium*: plural de *coenobia* – que em sentido moderno significa congregação, fraternidade e mosteiro. A *coenobia* assemelhava-se a conjuntos de aldeias, povoadas por uma comunidade religiosa laboriosa do mesmo sexo, sob a obediência de um superior religioso. Foram fundadas no período do monasticismo cristão primitivo, quando os monges procurando a santidade através do exercício da virtude e da moral, viviam sozinhos e de modo independente, não muito longe da igreja da aldeia. Responsáveis pelo seu próprio sustento, trabalhavam com as suas próprias mãos e, depois de satisfeitas as suas frugais necessidades, distribuíam os excedentes pelos pobres. O fundador das *coenobium* foi Pacômio, um egípcio que viveu no início do século IV.

[137] Santa Margarida - nasceu no ano 275 na Antioquia de Pisidia, uma florescente cidade da Ásia Menor. Órfã de mãe desde pequena e filha de um sacerdote pagão e idólatra, Margarida tinha tudo para jamais se aproximar de Deus, se "algo divino" não acontecesse. O pai, confiando sua educação a uma ama extremamente católica, foi conduzida aos caminhos da cristandade. Perseguida e martirizada pelo crime de ser cristã, sofreu as mais terríveis torturas; diz-se que quando estava encarcerada recebeu a visita de Satanás em forma de um dragão, que a engoliu, mas, Margarida saiu de seu ventre com um crucifixo nas mãos. Apesar do milagre, morreu decapitada aos quinze anos. Essa história é difundida entre os católicos, contudo, não se tem certeza se Margarida existiu, ou foi criada pelos cristãos da Idade Média.

um operador, dos pés até à ponta do nariz. Com uma bulha especial, fui sentindo cair sobre o ombro e o braço uma tênue chuva extraordinariamente fluídica que, com exagero e muita tolice, classifico de imponderável.

Além do doutor Alencastro, nos primeiros dias, a minha exaltação nervosa levou-me à enfermaria do doutor Murilo de Campos. Esta tinha o aspecto antipático de uma vasta casa-forte. Valentemente, as suas janelas eram gradeadas de varões de ferro e a porta pesada, inteiramente de vergalhões de ferro, com uma fechadura complicada, resistia muito, para girar nos gonzos, e parecia não querer ser aberta nunca. "Lasciate ogni speranza"...

Tinha duas partes: a dos malucos e a dos criminosos. *O crime e a loucura* de Maudsley [138], que eu lera há tantos anos, veio-me à lembrança; e também a *Recordação da casa dos mortos*, do inesquecível Dotoievski [139]. Pensei amargamente (não sei se foi só isso) [140] que, se tivesse seguido os conselhos do primeiro e não tivesse lido o segundo, talvez não chegasse até ali; e, por aquela hora, estaria a indagar, na Rua do Ouvidor, quem seria o novo Ministro da Guerra, a fim de ser promovido na primeira vaga. Ganharia seiscentos mil-réis - o que queria eu mais? Mas... Deus escreve direito por linhas tortas; e estava eu ali muito indiferente à administração da República, preocupado só em obter cigarros.

Os loucos ou semiloucos que lá vi pareceram-me pertencer à última classe dos malucos. Tenho, desde os nove anos, vivido no meio de loucos. Já mesmo passei três meses mergulhado no meio deles [141]; mas nunca vi tão vulgares como aqueles. Eram completamente destituídos de interesse, átonos, e bem podiam, pela sua falta de relevo próprio, voltar à sociedade, ir formar ministérios, câmaras, senados e mesmo um deles ocupar a suprema magistratura. Deixemos a política. A irmã dessa enfermaria maudsliana [142] é francesa; mas a daquela em que fiquei definitivamente é brasileira, tendo até na fisionomia um não sei quê de andradino. Ambas muito boas.

O médico da enfermaria, como já disse, é o doutor Murilo de Campos, que parece gostar de sondar essas duas manifestações misteriosas da nossa natureza e da atividade das sociedades humanas. Como todo o médico que se compraz com tais estudos, o doutor Murilo tem muito interesse pela literatura e pelos literatos. Julgo que os médicos dados a tais pesquisas têm esse interesse no intuito de obter nos literatos e na literatura subsídios aos estudos que estão acumulando, a fim de que um dia se chegue a decifrar, explicar, evitar e exterminar esses dous inimigos da nossa felicidade, contra os quais, até hoje, a bem dizer, só se achou a arma horripilante da prisão, do seqüestro e da detenção.

---

[138] Henry Maudsley (1835-1918): psiquiatra inglês do final do século XIX que procurou aperfeiçoar a descrição das "loucuras morais" desenvolvendo o diagnóstico de "imbecilidade moral". Maudsley era um franco simpatizante da antropologia criminal de Cesare Lombroso e suas teorias influenciaram a psiquiatria até o início do século XX.

[139] Romance publicado em 1862 pelo autor russo Fiódor Dostoiévski (Rus. 1821 — 1881), retratando a vida de condenados nas prisões da Sibéria. O livro é uma união imprecisa de fatos e eventos ligados à vida nessas prisões, organizado particularmente mais pelo tema do que com a intenção de formar uma história contínua. O próprio Dostoiévski passou quatro anos exilado em uma delas, condenado por envolvimento com o Círculo de Petrashevsky, um grupo literário russo considerado subversivo em relação à Revolução de 1848, posteriormente, banido pelo Czar Nicolau I. A experiência dessa prisão deu-lhe condições de descrever, com grande autenticidade, as condições da vida e do caráter dos presos que viviam nos cárceres siberianos.

[140] ( ) no texto original.

[141] Lima Barreto esteve internado no Hospital Nacional dos Alienados da Praia Vermelha, entre agosto e outubro de 1914, devido a uma crise de alucinação alcoólica e, por sugestão de seu irmão Carlindo, foi transportado para o hospício num carro de presos da delegacia de Guaratiba. Essa experiência foi muito traumática na vida do escritor que, no conto "Como o homem chegou", assim descreveu na voz da personagem Fernando: "... no tal carro feroz, é tudo de ferro, há a inexorável antipatia do ferro na cabeça, ferro nos pés, aos lados – uma igabaça de ferro em que se vem sentado, imóvel, e para a qual se entra pelo próprio pé. É blindada e quem vai nela levado aos trancos e barrancos de seu respeitável peso e do calçamento das vias públicas, tem a impressão de que se lhe poupara a morte por um bombardeio de grossa artilharia para ser empalado aos olhos de um sultão. Um requinte de potentado asiático.". "Como o homem chegou" foi publicado originalmente em *Triste fim de Policarpo*, e na Coleção Brasiliense no volume *Clara dos Anjos*. (CA: 2000, p. 279).

[142] Referência a Henry Maudsley.

Creio que lhe pareci um bom caso, reunindo muitos elementos que quase sempre andam esparsos em vários indivíduos; e o doutor Murilo me interrogou, de modo a fazer que me introspeccionasse um tanto. Lembrei-me então de Gaston Rougeot [143] que, na *Revue des Deux Mondes*, há tantos anos, tratando desse interrogatório feito aos doentes pelos médicos, muito usado e preconizado pelo famoso psicólogo Janet [144], concluía daí que a psicologia moderna, tendo aparecido com aparelhos registradores e outros instrumentos de precisão, que lhe davam as fumaças de experimental, acabava na psicologia clássica da introspecção, do exame e análise das faculdades psíquicas do indivíduo por ele próprio com as suas próprias faculdades, pois a tanto correspondia o inquérito do clínico a seu cliente.

Não entendo dessas cousas; mas posso garantir que dei ao doutor Murilo, sobre os meus antecedentes as informações que sabia; sobre as minhas perturbações mentais, informei-lhe do que me lembrava, sem falseamento nem relutância, esperando que o meu depoimento possa concorrer algum dia para que, com mais outros sinceros e leais, venha ele servir à ciência e ela tire conclusões seguras, de modo a aliviar de alguns males a nossa triste e pobre humanidade. Sofri também mensurações antropométricas [145] e tive com o resultado delas um pequeno desgosto. Sou braquicéfalo [146]; e, agora, quando qualquer articulista da *A Época* quiser defender uma ilegalidade de um ilustre ministro, contra a qual eu me haja insurgido, entre os meus inúmeros defeitos e incapacidades, há de apontar mais este: é um sujeito braquicéfalo; é um tipo inferior!

Fico à espera da objurgatória com toda a paciência, para lhe dar a resposta merecida pelo seu saber antropológico e pela sua veneração aos caciques republicanos quando estão armados com o tacape do poder.

Pois, meus senhores, como estão vendo, nestes vinte e poucos dias, durante os quais tenho passado neste remansoso retiro, semi-religioso, semi-militar — espécie de quartel-convento de uma ordem guerreira dos velhos tempos de antanho, têm-me sido uns doces dias de uma confortadora delícia de sossego, só perturbado por esses ignóbeis pardais que eu detesto pela sua avidez de homem de negócios e pela sua crueldade com os outros passarinhos.

Passo-os a ler, entre as refeições, sem descanso, a não ser aquele originado pela passagem da leitura de um livro para um jornal ou da deste para uma revista. A leitura assim feita, sem pensar em outro que fazer, sem poder sair, quase prisioneiro, é saboreada e gozada. Ri-me muito gostosamente do pavor que levaram a todo o Olimpo governamental os acontecimentos de 18 [147].

---

[143] Não encontramos referências em relação a esse nome; entretanto, no *Diário íntimo* no ano de 1910, há a seguinte anotação sem data na página 145: "Revue de Deux Mondes, 1-8-08. Gaston Rougeot. Sobre os resultados da psicofisiologia.".

[144] Pierre-Marie-Félix Janet (Fr. 1859-1947): psicólogo e neurologista francês que fez importantes contribuições para o estudo moderno das desordens mentais e emocionais envolvendo ansiedade, fobias e outros comportamentos considerados anormais. A divulgação dos seus estudos e de seus métodos terapêuticos tornou o nome de Pierre Janet mundialmente conhecido.

[145] As ideias das teorias raciais como o Evolucionismo, Darwinismo Social, o Racismo Científico, readaptadas para o caso brasileiro, na maioria dos casos serviram para excluir os ex-escravos e seus descendentes, principalmente mulatos, da sociedade e do mundo trabalho livre. A partir das mais difundidas, criaram-se estereótipos raciais negativos como, por exemplo: "negro ébrio", "alcoolizado" e "amoral", "indisposto para o trabalho", em via de regra, divulgadas em conferências populares, em opúsculos e na imprensa. As mensurações, as quais se refere o cronista, na frase seguinte, são as cranianas - dolicocéfalo, mesocéfalo, braquicéfalo que, nos estudos antropométricos definem o tamanho, o peso e a forma do crânio, enquanto na Frenologia determinam também o caráter, as características da personalidade, e o grau de criminalidade que um indivíduo pode desenvolver. A Frenologia é uma teoria desenvolvida, no início do século XIX, pelo médico alemão Franz Joseph Gall, que foi muito utilizada no final do século XIX e início do XX para justificar a inferioridade racial, hoje em dia está totalmente desacreditada e classificada como uma pseudo-ciência.

[146] Diz-se do indivíduo cujo crânio, observado de cima, apresenta o diâmetro anteroposterior pouco maior que o transversal.

[147] Referência ao movimento de 18 de janeiro de 1918, quando operários das fábricas de tecidos Carioca e Corcovado, situadas no bairro da Gávea, paralisaram o trabalho em favor de uma greve geral que reivindicava direitos trabalhistas.

Não sei como não chamaram para socorrê-lo os marinheiros do "Pittsburg" [148]... Não era bem do programa; mas não sairia da sua orientação.

O que os jornais disseram, uns de boa-fé e outros cavilosamente inspirados, sobre o maximalismo e anarquismo, fez-me lembrar como os romanos resumiam, nos primeiros séculos da nossa era, o cristianismo nascente. Os cristãos, afirmavam eles categoricamente, devoram crianças e adoram um jumento. Mais ou menos isto, julgaram os senhores do mundo uma religião que tinha de dominar todo aquele mundo por eles conhecido e mais uma parte muito maior cuja existência nem suspeitavam...

O ofício que o Senhor Aurelino [149] dirigiu ao Senhor Amaro Cavalcanti [150], pedindo a dissolução da União Geral dos Trabalhadores, é deveras interessante e guardei-o para a minha coleção de cousas raras.

Gostava muito do Senhor Aurelino Leal, pois me pareceu sempre que tinha horror às violências e arbitrariedades da tradição do nosso Santo Ofício policial.

Quando a *Gazeta de Notícias* andou dizendo que Sua Senhoria cultivava amoricos pelas bandas da Tijuca, ainda mais gostei do doutor Aurelino.

Lembrei-me até de uma fantasia de Daudet que vem nas *Lettres de mon Moulin* [151]. Recordo-a.

Um subprefeito francês, em carruagem oficial, todo agaloado, ia, num dia de forte calor, inaugurar um comício agrícola. Até ali não tinha conseguido compor o discurso e não havia meio de fazê-lo. Ao ver, na margem da estrada, um bosque de pinheiros, imaginou que à sombra deles a inspiração lhe viesse mais prontamente e para lá foi. As aves e as flores, logo que ele começou — "minhas senhoras, meus senhores" — acharam a cousa hedionda, protestaram; e, quando os seus serviçais vieram a encontrá-lo, deram com o sublime subprefeito, sem casaca agaloada, sem chapéu armado, deitado na relva, a fazer versos. Deviam ser bons...

Mas o Senhor Aurelino, que ia fazer versos ou cousa parecida no Lago das Fadas, no Excelsior, na gruta Paulo e Virgínia, lá na maravilhosa floresta da Tijuca, deu agora para Fouché[152] caviloso, para Pina Manique [153] ultramontano do Estado, para Trepoff [154], para inquisidor do candomblé republicano, não hesitando em cercear a liberdade de pensamento e o direito de reunião, etc. Tudo isto me fez cair a alma aos pés e fiquei triste com essa transformação do atual

---

[148] (grafia correta Pittsburgh). Lima se refere ao apoio que os trabalhadores de Pittsburgh deram, em julho de 1877, à manifestação popular dos ferroviários da companhia *Baltimore and Ohio*, em razão de nove trabalhadores terem sido mortos pela polícia de Baltimore, no Estado de Maryland.

[149] Aurelino de Araújo Leal (Ba. 1877 — RJ. 1924): jornalista e político brasileiro. No ano de 1912, transferiu-se para a cidade do Rio de Janeiro, exercendo a advocacia; anos após, foi nomeado chefe de polícia do Distrito Federal e mais tarde ministro do Tribunal de Contas da União e deputado federal pela Bahia.

[150] Amaro Cavalcanti Soares de Brito (RN. 1849 — RJ. 1922): jurista e político brasileiro. Ministro do Supremo Tribunal Federal de1906 a 1914. Em 1917 foi nomeado prefeito da cidade do Rio de Janeiro, que governou até 15 de novembro de 1918, quando foi escolhido para ser Ministro de Estado da Fazenda por Delfim Moreira.

[151] Alphonse Daudet (Fr. 1840 - 1897): romancista, poeta e dramaturgo francês. Filiou-se à escola naturalista, produzindo uma obra variada e satírica; suas personagens tinham inspiração na vida cotidiana parisiense. Seu estilo é cristalino, brilhante, deixando transparecer com freqüência, os sentimentos de paixões recalcadas. Há oito títulos de Daudet na biblioteca de Lima além de *Lettres de mon moulin*.

[152] Joseph Fouché (Fr. 1763 —1820): fundador da moderna polícia política. Tornou-se conhecido pela atuação radical e implacável durante o "Terror" de 1793-1794. Após a queda do jacobinismo, acompanhou a estrela ascendente do jovem general Bonaparte e, sua ascensão ao primeiro plano da política foi surpreendente.

[153] Diogo Inácio de Pina Manique (Port. (1733 — 1805): magistrado português que ocupou diversos cargos como juiz de crimes e superintendente-geral de crimes contra a Fazenda Portuguesa. Durante o reinado de D. Maria I sua ação como Intendente-Geral da Polícia orientou-se para a repressão das idéias oriundas da Revolução Francesa, designadamente através da proibição de circulação de livros e publicações, e da perseguição a diversos intelectuais. A pedido de Napoleão Bonaparte, o regente D. João acabaria por demiti-lo.

[154] Fiódor Fiodorovitch Trépov (ver crônica "Vera Zassulitch").

chefe de polícia, tanto mais que o seu ofício não está com a verdade, ao afirmar que o maximalismo não tem "uma organização de governo".

Não é exato. O que é Lenine [155]? O que são os *soviets* [156]? Quem é Trotski [157]? Não é este alguma cousa ministro como aqui foi Rio Branco, com menos poder do que o barão, que fazia o que queria?

Responda, agora, se há ou não organização de governo, na Rússia de Lênine. Se é por isso só que implica com o bolchevismo...

Esse ódio ao maximalismo russo que a covardia burguesa tem, na sombra, propagado pelo mundo; essa burguesia cruel e sem coragem, que se embosca atrás de leis, feitas sob a sua inspiração e como capitulação diante do poder do seu dinheiro; essa burguesia vulpina que apela para a violência pelos seus órgãos mais conspícuos, detestando o maximalismo moscovita, deseja implantar o "trepoffismo", também moscovita, como razão de Estado; esse ódio - dizia - não se deve aninhar no coração dos que têm meditado sobre a marcha das sociedades humanas. A teimosia dos burgueses só fará adiar a convulsão que será então pior; e eles se lembrem, quando mandam cavilosamente atribuir propósitos iníquos aos seus inimigos, pelos jornais irresponsáveis; lembrem-se que, se dominam até hoje a sociedade, é à custa de muito sangue da nobreza que escorreu da guilhotina, em 93, na Praça da Greve, em Paris[158]. Atirem a primeira pedra...

Lembro-lhes ainda que, se o maximalismo é russo, se o "trepoffismo" é russo — Vera Zassulitch também é russa...

Agora, vou ler um outro jornal... É o *O País*, de 22, que vai me dar grande prazer com o seu substancioso *leading-article* [159], bem recheado de uma saborosa sociologia de "revistas".

Não há nada como a leitura de *revues* ou de *reviews*. Vou mostrar por quê. Lê-se, por exemplo, o n° 23 da *Revue Philosophique*, é-se logo pragmatista; mas dentro de poucos dias, pega-se no fascículo 14 da *Fortnightly Review*, muda-se num instante para o spencerismo [160].

De modo que uma tal leitura, quer se trate de sociologia, de filosofia, de política, de finanças, dá uma sabedoria muito própria a quem quer sincera e sabiamente ter todas as opiniões oportunas.

O artigo de fundo do *O País*, que citei, fez-me demorar a atenção sobre vários pontos seus que me sugeriram algumas observações.

O articulista diz que a plebe russa estava deteriorada pela *vodka* (aguardente) e as altas classes debilitadas por uma cultura intelectual refinada, por isso o maximalismo obteve vantagens no ex-império dos czares. Nós, porém, brasileiros, continua o jornalista, somos mais sadios, mais equilibrados e as nossas (isto ele não disse) altas classes não têm nenhum refinamento intelectual.

---

[155] Vladimir Ilitch Lenin ou Lenine (Rus. 1870 – 1924): revolucionário e chefe de Estado russo, responsável em grande parte pela execução da Revolução Russa de 1917. Foi o líder do Partido Comunista, e o primeiro presidente do Conselho dos Comissários do Povo da União Soviética. Influenciou teoricamente os partidos comunistas de todo o mundo, e suas contribuições resultaram na criação de uma corrente teórica denominada leninismo.

[156] Organização de Trabalhadores Soviéticos: organizada por Trotsky em 1905, era formado por um conselho popular, cujos membros eram escolhidos por aclamação. Defendia uma forma de governo socialista e atuava como oposição ao governo dos czares. Entre os *soviets* havia intelectuais, operários, soldados, e camponeses, com dois objetivos: a verdadeira libertação da massa da população russa, oprimida pela minoria de nobres e capitalistas e também, o enfraquecimento de todas as forças políticas que não fossem socialistas, burgueses e capitalistas.

[157] Leon Trótski (Rus. 1879 —Mex. 1940): intelectual marxista e revolucionário bolchevique, cujas idéias políticas, expostas numa obra escrita de grande extensão, deram origem ao trotskismo, importante corrente ideológica no marxismo.

[158] 1793 é o ano no qual, em 21 de janeiro e 16 de outubro, Luis XVI e Maria Antonieta morreram decapitados na guilhotina na Place de La Gréve.

[159] Artigo de fundo, principal.

[160] Relativo a Herbert Spencer. (Ver crônica "casos de bovarysmo").

O sábio plumitivo, ao afirmar essas cousas de *vodka*, de "sadio", de "equilibrado", a nosso respeito, esqueceu-se que a nossa gente humilde, e mesmo a que não o é totalmente, usa e abusa da "cachaça", aguardente de cana (explico isto porque talvez ele não saiba), a que é arrastada, já por vício, já pelo desespero da miséria em que vive graças à ganância, à falta de cavalheirismo e sentimento de solidariedade humana do nosso fazendeiro, do usineiro e, sobretudo, do poder oculto desse esotérico Centro Industrial e da demostênica Associação Comercial[161], tigres acocorados nos juncais, à espera das vítimas para sangrá-las e beber-lhes o sangue quente. Esqueceu-se ainda mais das epidemias de loucura, ou melhor, das manifestações de loucura coletiva (Canudos, na Bahia *Mukers*, no Rio Grande do Sul, etc.) [162]; esqueceu-se também do Senhor doutor Miguel Pereira [163] ("O Brasil é um vasto hospital").

Esquecendo-se dessas coisas comezinhas que são do conhecimento de todos, não é de espantar que afirme ser o anarquismo os últimos vestígios da filosofia (não ponho a chapa que lá está) do *Contrato Social* de Rousseau [164].

Pobre Jean-Jacques! Anarquista! Mais esta, hein, meu velho?

Mais adiante, topei com esta frase que fulmina o maximalismo, o anarquismo, o socialismo, como um raio de Zeus Olímpico: "Na placidez estéril do 'nirvana' da preguiça universal".

Creio que foi Taine [165] quem, num estudo sobre o budismo, disse ser difícil à nossa inteligência ocidental bem apreender o que seja “nirvana”. Está-se vendo que o incomparável crítico francês tinha bastante razão...

O profundo articulista acoima de velharias as teorias maximalistas e anarquistas, às quais opõe, como novidade, a surgir do término da guerra, um nietzschismo, para uso dos açambarcadores de tecidos, de açúcar, de carne-seca, de feijão, etc. Não trepida, animado pelo seu recente super-humanismo, de chamar de efeminadas as doutrinas dos seus adversários, que vêm para a rua jogar a vida e, se presos, sofrer sabe Deus o quê. Os cautelosos sujeitos que, nestes quatro anos de guerra, graças a manobras indecorosas e inumanas, ganharam mais do que esperavam em vinte, estes é que devem ser viris como os tigres, como as hienas e como os chacais. Eu me lembrei de escrever-lhes as vidas, de compará-las, de fazer com tudo isso uma espécie de Plutarco [166], já que não posso organizar um jardim zoológico especial com tais feras, bem encarceradas em jaulas bem fortes.

---

[161] A história da Associação Comercial do Rio de Janeiro tem 200 anos de existência. Foi fundada em 15 de julho de 1809 quando o Príncipe Regente D. João, através de um alvará, concedeu permissão aos comerciantes do Rio de Janeiro para se reunir em associação.

[162] Dois episódios de fanatismo religioso do final do século XIX no Brasil. Canudos, liderado por Antonio Conselheiro, que é bem conhecido, ao contrário da Revolta dos Mukers que aconteceu em Sapiranga, no Rio Grande do Sul em 1874, liderada por Jacobina Mentz Maurer e seu marido, o médico João Maurer. Essa revolta, de cunho messiânico, foi caudatária de conflitos entre camponeses pobres e as elites ligadas à Igreja católica Romana e à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

[163] Miguel da Silva Pereira (RJ. 1871 – 1918): médico sanitarista, autor da famosa afirmação - “O Brasil é ainda um imenso hospital” - que provocou grande polêmica e originou sua campanha sanitarista.

[164] Jean-Jacques Rousseau (Sui. 1712 — Fr.1778): filósofo, escritor, teórico político e um compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. Suas idéias políticas tiveram grande influência na ideologia da Revolução Francesa. Sua obra *O contrato social*, é a melhor expressão do grande pensador radical e revolucionário do século XVIII; é nela que está contida a sua mais célebre frase: “O homem nasce livre, porém em todos os lados está acorrentado”. Lima tinha uma brochura , em francês; do *Contrato social* na sua biblioteca.

[165] Hippolyte Adolphe Taine (Fr.1828 —1893): crítico e historiador francês, membro da Academia Francesa. O Método de Taine consistia em fazer história e compreender o homem à luz de três fatores: meio ambiente, raça e momento histórico. Estas teorias foram aplicadas no movimento artístico realista. Lima era um admirador de Taine; tinha nas estantes de sua biblioteca quatro títulos de autoria desse renomado crítico literário.

[166] Plutarco de Queroneia (Gr. 45-125): filósofo e prosador grego da Antiguidade. Estudou na Academia de Atenas fundada por Platão. A sua ética baseia-se na convicção de que para alcançar a felicidade e a paz, é preciso controlar os impulsos das paixões. De acordo com a tradição, Plutarco escreveu mais de 200 livros; chegaram até nós cerca de 50 biografias, conhecidas como *Vidas Paralelas*, nas quais compara a vida de gregos a de romanos ilustres.

Vou acabar, porque pretendo iniciar o meu Plutarco; mas, ao despedir-me, não posso deixar de ainda lamentar a falta de memória do articulista do *O País* quando se refere à idade de suas teorias. Devia estar lembrado que Nietzsche [167] deixou de escrever em 1881 ou 82; portanto, há quase quarenta anos; enlouqueceu totalmente, tristemente, em 1889; e veio a morrer, se não me falha a memória, em 1897 - por aí assim.

As suas obras, as últimas, têm pelo menos quarenta anos ou foram pensadas há quarenta anos. Não são, para que digamos, lá muito *vient deparaítre.* Serão muito pouco mais moças do que as que inspiram os revolucionários russos... Demais, o que prova a idade de uma obra quanto à verdade ou à mentira que ela pode encerrar? Nada.

Compete-me dizer afinal ao festejado articulista que o Zaratustra, do Nietzsche, dizia que o homem é uma corda estendida entre o animal e o super-humano - uma corda sobre um abismo. Perigoso era atravessá-la; perigoso, ficar no caminho; perigoso, olhar para trás. Cito de cor, mas creio que sem falsear o pensamento.

Tome, pois, o senhor jornalista cuidado com o seu nietzschismo de última hora, a serviço desses nossos grotescos super-homens da política, da finança e da indústria; e não lhe vá acontecer o que se passou com aquele sujeito que logo aprendeu a correr em bicicleta, mas não sabia saltar. E — note bem — ele não corria ou pedalava em cima de uma corda estendida sobre um abismo...

É o que ouso lembrar-lhe desta minha cela ou quarto de hospital, onde passaria toda minha vida, se não fossem os horrorosos pardais e se o horizonte que eu diviso fosse mais garrido ou imponente.

Mapa frenológico, do século XIX, demonstrando a relação de áreas específicas do cérebro com determinadas funções do comportamento humano

[167] Friedrich Wilhelm Nietzsche (Alem. 1844 — Suí. 1900): filósofo alemão do século XIX. Um dos autores mais controversos na história da filosofia moderna, nascido numa família de pastores luteranos perdeu a fé durante a adolescência. Em 3 de Janeiro de 1889 teve uma crise de loucura que durou até a sua morte. Em cartas bizarras, no início do seu estado de loucura, Nietzsche encarnava alternativamente as figuras míticas de Dionísio e Cristo, depois disso, isolou-se em um silêncio quase completo até a sua morte. *Assim Falou Zaratustra, um Livro para Todos e para Ninguém*, escrito entre 1882 1885, é um de seus livros mais famosos. Lima tinha na sua biblioteca *Pages choisis* e *O Anticristo* na versão em espanhol.

Vista do Morro do Castelo em 1910
No alto – Hospital Central do Exército (Antigo Colégio dos Jesuítas)

Vistas do Morro do Castelo e do Hospital Central do Exército

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 45-57)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 97-106)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp.-398-405)

"CARTA ABERTA"

Presidente Rodrigues Alves

Excelentíssimo Senhor Conselheiro Rodrigues Alves ou quem suas vezes fizer, na presidência da República. [168]

Quisera bem, Excelentíssimo Senhor, que esta fosse de fato lida por Vossa Excelência, conselheiro do ex-Império do Brasil, ex-presidente de província do mesmo Império, ex-ministro de Estado da República dos Estados Unidos do Brasil, ex-presidente de estado federado da mesma República, ex-presidente dessa República, etc., etc. Os deuses cumularam Vossa Excelência de felicidades e a minha esperança é que Vossa Excelência se lembre desse dom extraordinário que deles recebeu, para impedir que o poder público se transforme em verdugo dos humildes e desprotegidos.

Tendo exercido tão altos cargos de governo, além dos legislativos que não citei, tanto no atual regime como no passado; sendo avançado em anos, é de esperar que Vossa Excelência esteja agora possuído de um sábio cepticismo no que toca à apreciação dos homens e dos regimes políticos e que essa flor maravilhosa de bondade e piedade, pelos erros de todos nós, tenha desabrochado no coração de Vossa Excelência e sempre adorne imarcescivelmente os atos e os julgamentos de Vossa Excelência.

Não é, portanto, "chapa" manifestar eu aqui o meu desejo de que esta encontre Vossa Excelência no gozo da mais perfeita saúde em companhia da Excelentíssima Família, mas... no Catete.[169]

---

[168] Francisco de Paula Rodrigues Alves (SP 1848 — RJ 1919): Rodrigues Alves não assumiu o segundo mandato de Presidente da República de 1918 a 1922. É importante anotar que na data que esta crônica foi escrita, Delfim Moreira - vice-presidente, estava à frente da Presidência da República interinamente, pois, Rodrigues Alves, acometido pela gripe espanhola, que ocasionou sua morte em 16 de janeiro de 1919, estava na sua fazenda em Guaratinguetá.

[169] O Catete é um bairro do Rio de Janeiro que já abrigou a sede da Presidência da República do Brasil, cujo prédio chamado Palácio do Catete é hoje o Museu da República.

Não há nisso, Excelentíssimo Senhor, nenhum desdém, nem malquerença com Guaratinguetá; mas concordará Vossa Excelência que esta nossa República que se está fazendo tão burguesmente aristocrática não pode permitir que a sua capital seja uma pequena cidade do interior, certamente pitoresca, mas demasiadamente modesta para tão alto destino.

Suponho até que há por aí, Excelentíssimo Senhor Presidente eleito, muitos condes eclesiásticos e Rockefellers das tarifas alfandegárias, muitos descendentes dos cruzados, que não estão contentes com a cidade do Rio de Janeiro, para capital do Brasil. Acham-na totalmente imprópria e indigna de tal função.

Na sua peculiar concepção ultramoderna e super-humana da vida, em que tudo é dinheiro, tende para ele e se resolve com ele; em que amor é dinheiro e dinheiro é amizade, lealdade, patriotismo, saber, honestidade; tais cavalheiros, dizia eu, Excelentíssimo Senhor, pensaram ultimamente em alugar, arrendar ou mesmo comprar uma cidade bem *chic*, bem catita, para capital desse feudo brasileiro, cujos habitantes miseráveis eles explorariam de longe com corvéias, banalidades, gabelas [170] e outros impostos e dízimos batizados com nomes modernos e canalizados para as suas algibeiras por meios hábeis. Escusado será dizer a Vossa Excelência que o aluguel, o arrendamento ou a compra da cidade em condições seria realizada com o dinheiro do país.

Não me parece que Vossa Excelência tenha tão ingrato pensamento em relação à nossa pátria; mas Vossa Excelência deve deixar Guaratinguetá e vir para o Rio, onde há muita cousa para Vossa Excelência ver e distrair-se com o procurar remédio para sanar as que forem maléficas.

Cochicham por aí que as nossas finanças vão mal; que a nossa situação internacional é melindrosa; que precisamos tratar energicamente do nosso surto econômico, etc., etc.

Ouço falar baixinho de tudo isto; mas não vejo ninguém referir-se ao mal profundo que nos corrói. Corrói-nos, Excelentíssimo Senhor conselheiro, um pendor maldisfarçado para o despotismo da burguesia enriquecida com a guerra, por todos os meios lícitos e ilícitos, honestos e imorais, de mãos dadas com as autoridades públicas e os representantes do povo.

Não são mais os militares que aspiram à ditadura ou a exercem. São os argentários de todos os matizes, banqueiros, especuladores da bolsa, fabricantes de tecidos, etc., que, pouco a pouco, a vão exercendo, coagindo, por esta ou aquela forma, os poderes públicos, a satisfazer todos os seus interesses, sem consultar o da população e os dos seus operários e empregados. Vossa Excelência, já pela sua idade, já pelos seus conhecimentos, já pela experiência que deve ter de semelhante gente, certamente, mesmo estando longe, tem observado e registrado tão anômalo fato. O Centro Industrial, por exemplo, o esotérico e cabalístico Centro Industrial, realiza sessões secretíssimas, cujas atas são assinadas, não por indivíduos, mas por firmas de institutos, de sociedades industriais, e expede intimações ao governo que, diante delas, estremece. A Associação Comercial [171], graças à vaidade de alguns dos seus diretores, aos quais as glórias de Demóstenes e de Cícero [172] não deixam dormir, não se esconde no mistério. Fala alto e grosso e intimida o governo com ameaça de represálias da honrada classe comercial.

---

[170] Três entre impostos que os camponeses tinham por obrigação pagar aos senhores feudais: corvéia - trabalho compulsório nas terras do senhor em alguns dias da semana; banalidade - tributo cobrado pelo uso de instrumentos ou bens do feudo, como o moinho, o forno, o celeiro, as pontes e a gabela - imposto sobre o sal.

[171] Ver crônica “Da minha cela”.

172 Marcus Tullius Cícero (Roma 106 a.C. - 43 a.C.): grande orador e político romano que exerceu decisiva influência em um momento crucial da História de Roma, unindo reflexão filosófica à ação política. Ao lado de Demóstenes (Atenas 384-322 a.C.), é um dos maiores expoentes da oratória clássica, e talvez, de toda a cultura ocidental da Antiguidade.

Desde Fénelon [173] há quase três séculos, que sabemos, pelo seu *Discours sur l'Inégalité des Conditions* [174],, que "les riches ne sont que les dépositaires des possessions qu'appartiennent à tout le genre humain".

Não parece a Vossa Excelência que os nossos homens de Estado deviam saber isto e o mais que se segue, afirmando por completo o pensamento do arcebispo de Cambrai, para não satisfazer as exigências corsarianas que, em nome de uma concepção canibal de propriedade, lhes vão fazendo os argentários, os industriais e os atravessadores de mercadorias de primeira necessidade, em detrimento de todos?

Para mais tarde, ficará a explanação do que acima fica dito. Certamente para breve, mas após a explicação, pois a espero, do articulista do *O País,* de 22 do passado, que acusou Rousseau de anarquista. Aguardo-a e, se ela não vier, eu terei que explicar por que estranhei tal cousa. Isto, porém, não interessa Vossa Excelência e trato de continuar as considerações que vinha fazendo.

Não é, Excelentíssimo Senhor doutor Rodrigues Alves, que o Zé Bezerra, o Cazuza lá do Cabo, deu em berrar aos ouvidos do governo que é produtor e, por isso, quer tal ou qual medida? Apelo para a idade de Vossa Excelência, Senhor Presidente eleito: algum dia Vossa Excelência ouviu dizer que Zé Bezerra produzisse alguma cousa? Só se fossem batatas e, assim mesmo, não seria ele só. Havia de haver algum cristão que o auxiliasse, pois o coronel Cazuza é absolutamente estéril.

Não foi à toa que Spencer [175], nos seus *Fatos e comentários,* disse que detestava essa concepção de progresso que tem como objetivo o crescimento da população, o aumento da riqueza, a expansão comercial. Só dominando uma tal concepção é que se podia ver com influência, poder e atitude de legislador um Zé Bezerra e outros que tal. Vossa Excelência há de perdoar-me tais expansões, mas os fatos subseqüentes aos acontecimentos de 18 do mês passado [176] trouxeram-me tanto fel à alma que, mesmo dirigindo-me a pessoa tão respeitável como Vossa Excelência, eu contenho a minha indignação a muito custo.

Não espere Vossa Excelência que eu venha aqui discutir maximalismo ou anarquismo. Além de ser fora de propósitos, seria indelicado fazê-lo com Vossa Excelência.

Quero também chamar a atenção de Vossa Excelência para o modo de proceder da nossa alta polícia, pois só me referirei a ela, no curso desta missiva, porquanto, Excelentíssimo Senhor, a pequena, a dos humildes guardas, etc., é envenenada, é mal educada pelo proceder de seus chefes prepotentes, ou que se julgam onipotentes.

Depois do motim de 18, ingênuo que foi, por assim dizer, o gabinete do chefe de polícia se encarregou de mandar publicar nos jornais, como sendo propósitos, objetivos dos rebelados, as mais torpes invenções ou as mais estúpidas que a imaginação dos seus auxiliares

---

[173] François de Salignac de La Mothe-Fénelon (Fr. 1651 - 1715): teólogo católico apostólico romano, poeta e escritor francês, cujas ideias liberais sobre política e educação esbarraram no *statu quo* da Igreja e do Estado de sua época. Escreveu *Telêmaco* (1699) uma espécie de epopéia em prosa poética, sobre educação para governantes que é.considerada sua obra-prima.

[174] Lima se enganou, a autoria de *Discours sur l'Inégalité des Conditions* é de Jean-Jacques Rousseau e não de Fénelon.

[175] Ver crônica “Casos de Bovarysmo”.

[176] Lima se refere à Insurreição Anarquista de 1918 no Rio de Janeiro, em favor de uma greve geral que teve início em 18 de novembro daquele ano; movimento que gerou grande tensão na Capital Federal. Os lideres do movimento mobilizaram um grande número de tecelões, artesãos, metalúrgicos e operários com o intuito de ocupar o Palácio do Catete, a Câmara Federal e o Senado, além de arsenais e quartéis. O Palácio da Polícia Central foi invadido e, conseqüentemente, houve ações repressoras, truculência dos agentes da polícia e prisão dos envolvidos. A imprensa conservadora se declarou contra o movimento, enquanto jornais anarquistas e simpatizantes, a favor da insurreição e contra a repressão policial. Os planos da insurreição foram elaborados durante meses e incluíam a adesão de militares; contudo, eram conhecidos do governo. Um tenente do exército foi infiltrado, participou de todas as reuniões e se comprometeu a ficar responsável pela estratégia militar do levante. Durante o tumulto, vários lideres do movimento e cerca de 200 pessoas foram detidas; entre eles, José Oiticica - o idealizador das manifestações e Astrogildo Pereira, amigo de Lima, e diretor do jornal *A Plebe*. (Sobre Astrojildo Pereira ver crônica “São Paulo e os estrangeiros”).

criava. A ligeireza proverbial dos nossos grandes jornais, quase todos, por isso ou aquilo, gratos aos grandes burgueses, não as examinou detidamente e espalhou-as aos quatro ventos, servindo as folhas volantes, algumas de boa fé e outras conscientemente, aos intuitos cavilosos da alta administração policial, que procurava tornar antipática a causa dos operários aos olhos da população. Não é só isso. As crônicas e artigos que apareceram, dias depois, obedeciam todos a um mesmo esquema.

Por essa época, li diversos jornais e verifiquei tal fato. O artigo de fundo do *O País* de 22 é traçado no mesmo plano que vai seguir a crônica de Miguel Melo [177], na *Gazeta*, a 25; o artigo de Antônio Torres [178], na mesma *Gazeta*, um ou dous dias depois, caminha nas pegadas do daquele último; o do Senhor Leão Veloso [179], no *Correio da Manhã*, não se afasta muito da inspiração dos três primeiros...

Se o chefe de polícia, acredite Vossa Excelência, tivesse expedido uma circular a tal respeito, em papel de sua repartição, a obra sairia mais igual, tão-somente isso, porque os artigos todos, se não são iguais, são parecidos. Os pontos capitais em que se tocam podem ser reduzidos a quatro:

a) acoimam de estrangeiros os agitadores, que exploram a boa-fé dos operários brasileiros, à custa dos quais vivem sem trabalhar;

b) debocham, com a Ciência do *Bom homem Ricardo* [180] e a profundeza dos julgamentos de Sancho Pança, na ilha de Baratária [181], as doutrinas e idéias dos amotinados, das quais os autores dos artigos só têm conhecimento pela versão cavilosa dos poderes policiais;

c) exaltam a doçura, a resignação e o patriotismo do operário brasileiro;

d) admitem que os operários têm motivos de queixa, mas que, em vez de fazerem distúrbios, devem esperar serenamente a ação governamental: Código de Trabalho, etc., etc.

Ao apreciar tais artigos da forma acima, não quero absolutamente, mesmo em se tratando do *O País*, dar a entender que eles hajam obedecido a impulsos suspeitos, e partidos de uma mesma origem, para se apresentarem assim, aos nossos olhos, com um tão flagrante parentesco. Entre os signatários deles, conheço bem dous e sobre a honestidade de ambos faço o melhor juízo; e dos dous artigos restantes, um não tem assinatura, o do O *País*, o que não acontece com o do *Correio da Manhã*, não tendo também eu motivo algum para suspeitar da sinceridade dos seus autores.

Atribuo essa semelhança fortuita a outras causas. Vossa Excelência há de me permitir que faça uma pequena digressão.

Além da educação de todos eles, além do misoneísmo fatal e necessário aos jornalistas dos grandes jornais, há, para determinar esse uniforme julgamento deles sobre a agitação dos operários e as teorias que os animaram, o que se pode chamar a ambiência mental da imprensa periódica. Ela é feita com o desconhecimento total do que se passa fora da sua roda, um pouco da

[177] Não obtive informações.
[178] Antonio dos Santos Torres (MG. 1885 – Ale. 1934): ex-padre que colaborou para *O Paiz*, *Correio da Manhã*, *Gazeta de São Paulo* e *A Notícia*, sob os pseudônimos de Armando Silva, O Pimentinha, Tomás Rubim, João Epícopo, Branco Alvim, Torreão e Sardinha de Nantes.
[179] Pedro Leão Veloso (MA.1828 —RJ. 1902): juiz, jornalista e político brasileiro. Foi deputado provincial, deputado geral, presidente de província, senador do Império do Brasil e presidente da Província do Piauí. Como jornalista foi redator-chefe do *Correio da Manhã* ao lado de Edmundo Bittencourt. Os jornalistas e *O Correio da Manhã* são as personagens e o jornal *O Globo* do romance de lima Barreto *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.
[180] Ver crônica “O caso do mendigo".
[181] No capítulo XLV de *Dom Quixote*, Sancho Pança é empossado governador da Ilha de Baratária. Após as cerimônias prestadas pelos habitantes locais, o escudeiro passa a fazer curiosas rondas noturnas, nas quais arbitra contendas pessoais que vão de cobranças de empréstimos a uma acusação de estupro.

política e da dos literatos, determinando esse desconhecimento um desprezo maldisfarçado pelas outras profissões, sobretudo as manuais, e pelo que pode haver de inteligência naqueles que as exercem. Junte-se a isto uma admiração estulta pelos sujeitos premiados, agaloados, condecorados, titulados e as opiniões deles; considere-se ainda as insinuações cavilosas dos espertalhões interessados nisto ou naquilo, que cercam os homens de jornais de falsos carinhos e instilam no seu espírito o que convém às suas transações; leve-se em conta ainda mais que todo o plumitivo tem amor à pilhéria e não perde vaza para fazê-la, mesmo que seja injusta; e, por fim, em certos casos, obrigados pela natureza da profissão, são eles chamados a avançar julgamentos precipitados, improvisados sobre questões de que não conhecem os mais simples elementos. Tudo isso e mais alguns outros aspectos peculiares à vida jornalística formam o que se pode chamar, e eu chamarei, a ambiência intelectual da imprensa quotidiana.

Para os homens de jornal, as nossas idéias de Estado, de direito e propriedade são intangíveis; promanam diretamente de Deus e são inabaláveis. Por deficiência de leitura, de meditação, de reflexão, Excelentíssimo Senhor conselheiro, em geral, os jornalistas não percebem que, no correr das idades, nesta ou naquela parte da Terra, devido a estes ou àqueles fatores, tais idéias se têm revestido de diversos aspectos e formas várias e nada nos garante que as que temos nós atualmente não possam ser modificadas, desde que o seu uso ou abuso venha a mostrar, como está acontecendo, que, longe de serem úteis, são nocivas e prejudiciais à humanidade.

Se os homens de jornal não se deixassem envaidecer com a sua situação pessoal, procurassem reagir contra a ambiência mental da profissão e tivessem estudado um pouco dessas questões sociais que há tanto tempo estão na ordem do dia e preocupam todas as inteligências e os curiosos de cousas espirituais, não engoliriam os carapetões da polícia e sobre eles não bordariam os seus artigos e crônicas. Talvez não fosse preciso tanto. Bastava que interrogassem habilmente os seus colegas de reportagem policial, para saber qual o espírito que domina os magnatas da tenebrosa repartição da Rua dos Inválidos [182].

A grande preocupação dos delegados e mais graúdos policiais é “mostrar serviço ao chefe” e a grande preocupação do chefe é “mostrar serviço” ao ministro e ao presidente da República. Isto, tanto no que toca àqueles como a este, sem olhar obstáculos, abafando todos os escrúpulos de consciência, seja como for, sofra quem sofrer.

Há uma anedota que bem exprime essa feição mental dos nossos delegados. Peço licença a Vossa Excelência para contá-la.

O bacharel A. R, há anos, era delegado de uma das nossas circunscrições policiais. Certo dia, chega à delegacia e pergunta logo ao comissário:

- Matias, quantos presos estão no xadrez?

— Nenhum, doutor.

Ao receber semelhante resposta, o delegado ficou indignado e pôs-se a esbravejar:

—Como? Nenhum? Que relaxamento é este, Seu Matias?

—Mas, doutor...

—Não tem “mas”, não tem nada! Busca aí duas praças e vai arranjar-me pelo menos um preso... É preciso! Se o chefe souber que o xadrez está vazio, o que dirá de mim? Vai...

[182] Referência ao Palácio da Polícia Federal, antigo prédio da Polícia Central, cujo primeiro prédio do Rio de Janeiro projetado e construído com a finalidade de servir de sede à Polícia durante o governo do presidente Afonso Pena (de 1906 a 1909) ficava na Rua dos Inválidos. Construído em apenas 17 meses, foi inaugurado em 05 de novembro de 1910 tendo "Chefe de Polícia Federal" o Dr. Carolino Leoni Ramos. O Palácio da Polícia Federal representava bem a intenção governamental de ter um prédio que, com sobriedade e beleza, destacasse a importância da função policial e a autoridade do Estado. Apesar da intenção inicial de dotar a Capital Federal de uma polícia técnica, ocorreu uma inversão de valores e ali passaram a funcionar serviços policiais destinados a intimidar, prender e torturar os que se opunham às determinações do governo.

Esclarecido assim Vossa Excelência sobre a feição psicológica especial à nossa alta polícia, pedia eu a Vossa Excelência que voltasse as vistas para as centenas de pessoas que o Senhor Aurelino anda arrebanhando para os seus cárceres, sob o pretexto de serem anarquistas e conspiradores, acusações que ele não baseia em documento algum, pretendendo, entretanto, atirá-los para Fernando de Noronha ou outro qualquer desterro. Não preciso lembrar a Vossa Excelência que ser anarquista, ter opiniões anarquistas, não é crime algum. A República admite a máxima liberdade de pensamento; e, desde que o anarquista seja pegado jogando bombas, dando tiros de revólver, perturbando a ordem, cai no domínio do Código Penal, já não é o anarquista que a polícia tem nas mãos, com o qual ela nada tem a ver; é o malfeitor, o desordeiro, o sedicioso, para quem, neste país com tantas faculdades de Direito e tantos jurisconsultos à matroca [183], as leis devem cominar penalidades, à vista das provas do crime e depois de julgamento regular. Assim sendo, esperava que o prestígio de Vossa Excelência agisse de tal forma que, estrangeiros e nacionais, anarquistas ou não-anarquistas, mandantes e mandatários, os responsáveis pelos delitos ou crimes do dia 18 de novembro sejam processados regularmente, com os mais amplos meios de defesa, cabendo somente à polícia apresentar os documentos que possui contra eles e não, como ela quer, julgá-los sem defesa e condená-los em segredo, para o que lhe falta competência legal e é perfeitamente imprópria.

Vossa Excelência vem pela segunda vez presidir os destinos do Brasil; Vossa Excelência tem experiência e traquejo de governo; e não deve, creio eu, consentir que empane a longa vida pública de Vossa Excelência a repetição das cenas dantescas do "Satélite", das deportações para os pantanais do Acre, dos tormentos nas masmorras da ilha das Cobras e de outros fatos assaz republicanos [184].

Fico perfeitamente crente de que Vossa Excelência não quererá que a República do Brasil venha substituir no mundo a autocracia russa, com a sua Sibéria e os seus hediondos Trepoffs [185]. Assim seja.

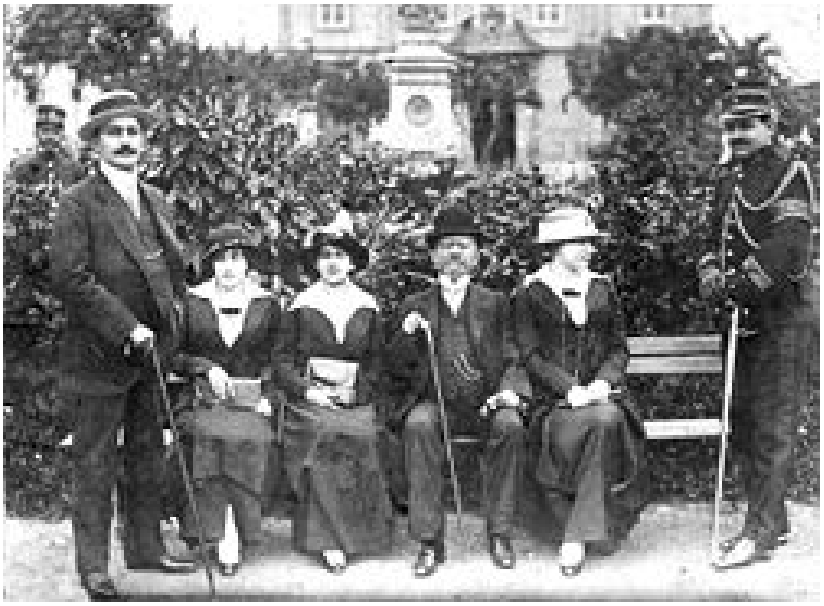
Sou de Vossa Excelência concidadão obediente e respeitador.

Palácio do Catete – Rio de Janeiro

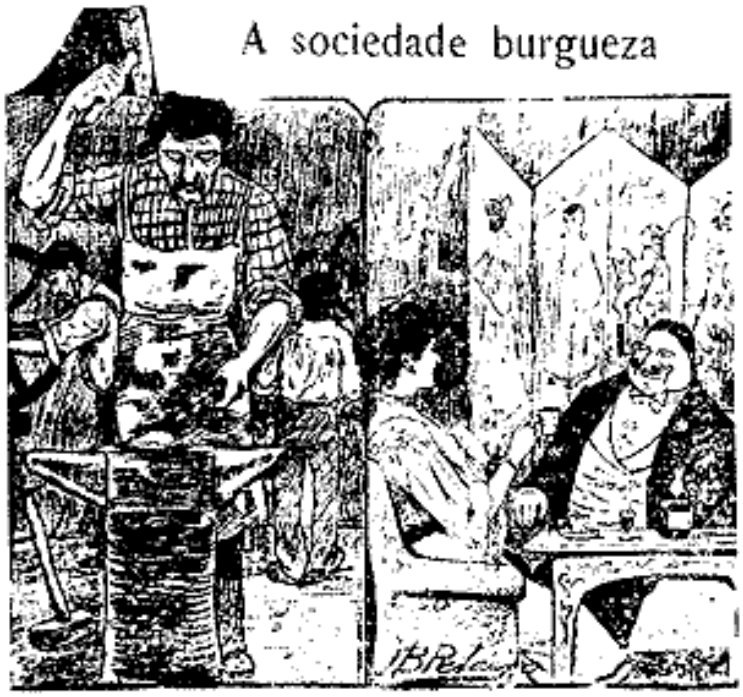
[183] Sem governo, sem rumo.

[184] Durante a Revolta da Chibata (1910), cerca de 100 marinheiros foram presos e mandados, nos porões do navio "Satélite" - misturados a ladrões, prostitutas e desocupados recolhidos pela polícia - para executar trabalhos forçados, ou simplesmente para ser abandonados na Floresta Amazônica, no Acre. Na lista de nomes, entregue ao comandante do "Satélite", havia alguns marcados por uma cruz vermelha, era o dos que, durante a viagem deveriam ser fuzilados e jogados ao mar. As “masmorras da ilha das Cobras” ficam na Fortaleza de São José da Ilha das Cobras (Baía de Guanabara – RJ.). Entre os nomes que lá estiveram presos está o de Tiradentes; durante a Revolta da Chibata, muitos marinheiros implicados na rebelião, inclusive o seu líder João Cândido, também ocuparam seus calabouços.

[185] Ver a crônica “Vera Zassulitch”.



Rodrigues Alves com seus filhos em passeio à cidade de Aparecida do Norte



O proletario trabalha e o burguez come... Invertamos os papeis : quem não trabalha não come !

Ilustração do jornal anarquista *A Plebe*
Insurreição Anarquista 18 de novembro de 1918
Rio de Janeiro

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 56-64)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 107-114)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp.-412-418

"NÃO VALIA A PENA"

Obrigado pelo meu estado de saúde, a viver recluso, durante um mês e tanto – prazo que ainda não terminou – substituí a agitação inútil de trocar as pernas na cidade, conversar aqui e ali, dizer tolices e ouvir tolice, pela leitura de alguns livros aproveitáveis e, quando a fadiga me vem, pela dos jornais de cabo a rabo.

Alheio completamente ao que se chama *sport*, esse *sport* profissional, domingueiro, com feitio de penalidade imposta, até então bem pouco tinha notado a importância que os jornais lhe dão. Verifiquei agora, por lê-los mais detidamente, que todos eles consagram colunas e colunas a crônicas, notícias, biografias, enfim a cousas e acontecimentos referentes aos jogos de bola e a corridas de cavalos.

A *Gazeta de Notícias* que acabo de ler esta manhã, traz cerca de duas colunas para noticiar uma corrida no Derby Club [186]. As notícias dos páreos, conquanto não sejam das mais típicas, são feitas num altissonante estilo homérico, no da *Ilíada* de Bitaubé [187]. Já tinha notado que não há meio de convencer-se um cronista esportivo, de que, no Derby ou no Jockey [188], tem diante de si cavalos e éguas enfreados[189] e não está contemplando combates singulares entre heróis como Aquiles ou Heitor. Por não haver meio de levar-lhe ao espírito essa convicção, é que o plumitivo dos prados[190] guinda-se no estilo e transforma cada corrida que assiste, em uma Guerra de Tróia. A casa das pules[191] é Helena.

Vejam só este trecho: "Em belo estilo e fazendo lembrar os seus feitos memoráveis, o velho Sultão triunfou no quinto páreo, conduzido por E. Rodríguez. O defensor da jaqueta rosa e preta partiu, etc, etc.".

Ainda aí entende-se que o homem quer dizer; mas é de se ficar completamente tonto quando se encontra um pedaço de prosa como este: "... tropeçando, jogou por terra o seu piloto, deixando assim o campo livre ao filho de Bayard[192] que mais não teve que dominar Desengano que fazia o *train*[193], para vencer facilmente por dois corpos" [194].

Imagino um assinante da *Gazeta*, por exemplo, de Itajubá, por cuja assinatura anual pagou trinta mil-réis. Afim de não perder nenhum vintém do dinheiro que empregou, o paciente itajubense lê o jornal todinho, do começo ao fim. O nosso homem como eu, nunca foi a uma corrida de cavalos ou assistiu a uma partida de *football*.

---

[186] Derby Club: desde a sua fundação em 1885, onde era a antiga chácara do Conde Hersberg, na Zona Norte do Rio de Janeiro, a cidade passou a viver a febre do turfe. Depois deste, foram fundados mais três grandes associações turfísticas, além de inúmeras pequenas, até mesmo em terrenos baldios dos subúrbios. No espaço que o Derby Club ocupava, atualmente fica o Estádio do Maracanã.

[187] Paul Jérémie Bitaubé (Fr.1732-1808): tradutor da edição: "Paris: Bibliothèque Nationale, 1878" da *Ilíada*.

[188] Jockey Club ou Hipódromo Brasileiro: tem origem em duas vertentes. Uma com o nome de Jockey Club, fundado em 1868 por um grupo de apreciadores do turfe e o Derby Club que se uniu ao primeiro em 1932, quando passou a chamar Jockey Club Brasileiro, também conhecido como Hipódromo da Gávea.

[189] Cavalos inscritos para o páreo.

[190] Como são chamados os hipódromos pelos aficcionados do turfe.

[191] Local onde são feitas as apostas.

[192] No turfe é importante saber a linhagem do cavalo, chamada de *pedigree*, não só do garanhão do qual é filho, como também da linhagem materna. Todos os cavalos, se puros de origem, têm um registro nacional e uma espécie de carteira de identidade, onde constam, suas características físicas (raça, cor, manchas, etc), o nome do criador, do seu proprietário e a descrição de cinco gerações de suas linhagens materna e paterna.

[193] *Train* de corrida: ritmo de corrida que os cavalos mais velozes impõem ao páreo.

[194] Na linguagem do turfe, designa-se a distância do vencedor para, o segundo colocado no páreo, pelas partes do corpo do cavalo: focinho, paleta, pescoço, meio corpo, corpo inteiro, dois corpos, etc.. Quando é por mais de dois corpos também diz-se "com luz".

Calcule que tratos na bola ele não dará para saber quem é filho de "Bayard", o que é "fazer o *train*", o que é "ganhar por três corpos", o que é "*placé*" [195] por "paleta" e outros modismos da epopéia cavalina que o seu jornal desenvolve.

Cansado de procurar decifrar essa linguagem ultra-épica digna das proezas de potros e potrancas, o simplício mineiro concluirá que foi um tanto roubado no dinheiro que deu para saber novas do Rio e ler coisas amenas.

Não é sobre corridas de ginetes adestrados que o jornal em questão se espraia. O *football* tem as honras de quatro colunas e dois *clichés* que exigem a máxima boa vontade para se saber o que exprimem.

O estilo das notícias e a sua linguagem pouco diferem das que relatam as proezas do esforçado "Sultão", da abnegada "Faísca" e outros heróis de quatro patas.

Notem com cuidado na sua carteira de apontamentos este pedacinho: "Vibrante entusiasmo da assistência coroa o feito do magnífico *forward* [196]."

Aí, batuta! Salta um Camões, para ele!

Ponham também no canhenho mais este outro: "Quase a seguir Petiot recebe um centro de Vadinho, escorando a pelota e aninhando-a nas redes guardadas pelo arqueiro Matos"[197]

Ao ler tal trecho é bem de esperar que o simplício patrício do Senhor Venceslau[198] fique doido de todo. Teimou em decifrá-lo – foi isso!

Agora, meus caros leitores, vejam de que forma veemente o cronista esportivo de outro jornal de hoje, o *Correio da Manhã*, refere-se a "três jogadores reincidentes, suspensos pela diretoria da Liga Metropolitana pelo resto da temporada".

"Esse descaso pela decisão de um dos poderes competentes da nossa instituição de esportes terrestres; essa tremenda ofensa ao cumprimento da lei; essa demonstração revoltante de maximalismo está a exigir da parte da Metropolitana providências, as mais enérgicas, afim de se por cobro de uma vez para sempre com tamanhos gestos de anarquismo".

O jornalista, com palavras tão indignadas e apaixonadas, falando de anarquismo e maximalismo, acaba pondo os pobres rapazes em maus lençóis com o Senhor Aurelino[199]. está aí em que deu o amor deles pelo bolapé [200] e a teima de jogar quando a Liga não queria! Anarquistas! Livra!

Deixando, porém, de rir para considerar de outra maneira mais refletida essas manifestações apavorantes de culto à força bruta, acudiram-me ao espírito as considerações que Spencer faz, nos seus *Fatos e comentários* [201], sobre o apreço excepcional que, nos seus últimos anos de vida, se dava aos *sports* na Inglaterra.

No generalizado amor exaltado, exagerado, a esses espetáculos violentos, brutais, simuladores de combates guerreiros, procurando mesmo alguns a exibição de sangue, de sofrimentos, de tormentos físicos, de dores em outras vidas, homens ou animais, encontrava o grande pensador um dos sintomas da nossa regressão à barbaria, pois todos os prazeres, obtidos à custas de cenas tão cruéis, determinavam e denunciavam nos espectadores um dessecamento da simpatia.

Tinha toda a razão o filósofo, pois não se pode acreditar que quem vai a tais diversões por gosto, tenha em mente melhorar no seu coração os sentimentos de bondade, de caridade, de afeição e piedade, ou procurar uma emoção de arte e beleza.

E se os jornais não trepidam em empregar uma página das suas edições, com as banais e broncas coisas de jogos de bola e corridas de cavalos, escrita quase toda ela, em uma linguagem só acessível aos iniciados, é porque estes são muitos e procuram nas folhas notícias de tais acontecimentos, dando-lhes renda.

---

[195] *Placé*: o apostador ganha se o cavalo chegar em 1º ou 2º lugar.
[196] Vencedor.
[197] Essa linguagem não é de turfe, e sim de futebol.
[198] Referência ao então Presidente da República Venceslau Brás, cuja origem era Minas Gerais.
[199] Referência a Aurelino de Araújo Leal. (Ver crônica "Da minha cela").
[200] Lima Barreto fez uma tradução literal de "*football*".
[201] Herbert Spencer (Ing. 1820-1903): filósofo e sociólogo positivista, sistematizador do darwinismo social, teoria que expõe o aperfeiçoamento racial da humanidade como meio de atingir a civilização. *Fatos e comentários* constava da biblioteca de Lima.

O número da *Gazeta* de que me servi, ao acaso, tem seis páginas, das quais mais ou menos duas são de anúncios, restando, portanto, quatro que são ocupadas com notícias de polícia e outras, inclusive a de esporte, artigos – matérias de redação, como chamam os profissionais.

Tendo cada página oito colunas e empregando o redator seis com as suas novidades esportivas, segue-se que, para a matéria própria a um jornal, só ficam três páginas.

Nessas três, só há além do artigo de fundo, um outro que possa interessar um leitor de certa ordem; é uma crônica de Antonio Torres, uma coluna e meia de extensão.

Se esse jornal, para atrair leitores, não apela para o que a arte de escrever tenha de espiritual, de cerebral e possa ser admitido na imprensa diária, socorrendo-se, de preferência, das histórias de torneios hípicos e das sobre-humanas façanhas do *football*, é isto de fazer crer que estamos também sendo invadidos por aquele estado de espírito, característico do retrocesso para a barbaria, muito semelhante àquele que permitiu aparecer no *Times*, de Londres, uma recomendação da candidatura de um Sir Foster ao parlamento da Inglaterra, como representante da universidade daquela capital, visto ser o mesmo *baronet* um notável campeão de *cricket* [202]. Conta isto Spencer no livro citado, se não me falha a memória.

Todos que têm assistido essas nossas partidas do *football*, informam-me que elas não têm absolutamente o aspecto de divertimentos inocentes. Ao contrário: revestem-se de uma fisionomia feroz de briga, de rixa, de combate a valer entre os contendores, e os espectadores acompanham as peripécias do jogo com vais e chufas, com aclamações e palmas, conforme o seu partido respectivo está perdendo ou ganhando. Às vezes, há pugilatos e, em outras, são respondidas as chufas e vaias com gestos e palavras pouco protocolares.

Desse sopro de briga e barulho que anima tais apostas, não escapam as mulheres e moças, sobretudo estas, que as assistem. Parece que vêem naqueles guerreiros de pontapés, naqueles Aquiles de domingo, o seu ideal humano. Minerva e Vênus modernizram-se; e os gregos e troianos também. Será de lastimar?

Spencer acusava a literatura, o jornalismo e a arte de concorrerem para essa volta à barbaria. No tocante à Inglaterra pode ser que tenha razão quanto à literatura e à arte; estas atividades espirituais, porém, e sobretudo a última, pouca ou nenhuma influência têm nos nossos costumes. O jornalismo, entretanto, tem culpa no cartório; e, se essa veneração pela força vier a arrastar-nos a algum desastre, pode ele ser acusado como um dos causadores, na propagação que faz, sob a forma de aforismos, à primeira vista, indiscutíveis, das vantagens da exagerada cultura física, além de ensoberbar rapazes pouco experientes com retratos, biografias, epitáfios, etc., como se tais campeões esportivos fossem, de fato, beneméritos da pátria e da humanidade.

Não quero analisar todas as conseqüências desse proceder dos jornais; mas o que se nota logo é que ele leva ao espírito dos moços dos *sports* uma arrogância, um sentimento desarrazoado dos seus merecimentos próprios, um desprezo pelas altas manifestações da inteligência. Quando não uma característica tendência sempre pronta para resolver tudo pela violência, a "muque".

Essa devoção pela brutalidade não só se manifesta na propagação contagiosa dos *sports* violentos. De uns tempos a esta parte, observo que alguns jornais desta cidade, clara ou disfarçadamente, fazem apologia dela e da violência, para obtermos a nossa prosperidade e afastarmos os óbices que, no julgar de tais sociólogos de última hora, a entravam.

As nossas leis são acoimadas de muito liberais; os processos legais e humanos de julgar são tachados de protetores dos criminosos e dos inimigos da ordem social; os deveres impostos pela solidariedade humana, os sentimentos de comiseração e piedade pelas dores dos outros e pelos oprimidos constituem aos olhos dos pensadores de artigos de fundo, os últimos vestígios de uma filosofia sentimental e chorosa.

Devemos, pontificam eles, cultivar um ideal novo (?) de força, de ação, cheio de ambições, rico de instintos robustos da expansão e do domínio... Pobre Brasil!... É a rã querendo chegar ao boi!

---

[202] O *Cricket* é considerado por muitos um desporto parecido com o basebol. Ele foi inspirado num rudimentar jogo rural da Inglaterra medieval chamado *stoolball*. Foi adotado pela nobreza no século XVII, sofreu muitas transformações ao longo dos anos até se tornar um esporte bastante admirado no Reino Unido, na Índia e no Paquistão. Como no futebol, jogam onze de cada lado, num campo muito grande e sem dimensões fixas. Na maioria das vezes é disputado em dois tempos, à tarde ou à noite.

Um alemão, estou bem certo, antes deste ano da graça de 1918, o ano do implacável armistício dos aliados, não falaria de outra maneira, pois é sabido que sempre eles, os alemães, não pregaram outra coisa à massa dos patrícios, nas suas escolas, nas sua igrejas e nos seus quartéis e, de tal forma o fizeram e imbuíram os seus dóceis ouvintes de tais teorias, que foi preciso o mundo inteiro levantar-se e guerrear até a morte o Império Alemão, para aniquilar de uma vez tão perigosa quadrilha de fanáticos que ameaçavam a liberdade de cada povo e de cada país.

Agora, se o mundo fez esse gigantesco esforço que acabamos de presenciar; se milhões de homens morreram nos campos de batalha; se os outros tantos milhões ficaram aleijados; se cidades foram arrasadas a canhão e pelo fogo; se obras de arte e de utilidade geral foram destruídas; se esse cataclisma, em resumo, foi desencadeado, para que o espírito kaiseriano ou bismarckiano [203] de força, de violência, de domínio viesse por sua vez imperar tanto na França como na Guatemala, tanto na Inglaterra como no Brasil; enfim, se ele assolou quase todas as regiões do globo para que as Alemanhas se multiplicassem, é o caso de todos aqueles que se deixaram matar, crentes que morriam pela civilização, pela liberdade e para esmagar a barbaria teutônica, como gritavam os literatos do patriotismo e os jornalistas do direito, é o caso, dizia, de saírem eles dos seus túmulos e não nos deixarem sossegar um minuto, perseguindo-nos a todos como fúrias do Inferno.

Se foi para tal coisa e para enriquecer uma minoria de espertalhões que combatemos aquilo que, a todo o instante, chamavam os jornais – "a barbaria alemã", não valia a pena sacrificar tantas vidas e o trabalho profícuo de tantas gerações que nos precederam.

Vistas do *Derby Club* em 1910

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 65-69)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 115-121)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp.-406-411)

[203] Lima Barreto se refere à política conservadora e ao militarismo implantado pelos imperadores do II Reich na Alemanha, com a colaboração de Bismarck, e que foram relevantes na formação da cultura política autoritária que desencadeou a I Guerra Mundial.

Rio de Janeiro
Lima Barreto – [s.d.]
Assis Barbosa - 28-12-1918
Resende/Valença – *[ABC]* - 28.12.1918

"UM OFÍCIO DA A.P.S.A." [204]

Nestes últimos dias do ano que se vai esvaindo molemente, torpemente, com a hipocrisia de uns e covardia moral de todos, apesar das solenes preocupações políticas anunciadas como existindo, nos jornais, e proclamadas nos artigos de fundo retumbantemente, como ordens do dia dos generais do Haiti admiradores de Napoleão, não há, para os tristes de nascença ou que a vida os fez tristes, não há, para os evadidos do suicídio ou escapos à cura da "gripe", não há para estes como encher a sua existência vazia, como curar o seu tédio e a sua hipocondria, remédio melhor do que se preocupar com as cousas do *sport* nacional que os jornais publicam.

A Conferência da Paz e a nossa embaixada a ela não podem trazer aos homens que se sentem assim a alegria curativa que o Austregésilo [205] aconselhou tão ao alcance de todos pela *A Noite.*

Não há meio de distrair - estou certo - homens desses com as mezinhas e benzeduras humanitárias do fariseu Wilson [206] e de tirá-los de sua profunda melancolia com outras futilidades semelhantes.

Eu mesmo que não cheguei, e peço a Deus que não chegue nunca, a tão desesperada disposição mental, pouco me interessam semelhantes assuntos. Leio-os, nos jornais, por alto e cheio de cepticismo, mas muito pouco risonho.

Não me rio, por exemplo, quando vejo falar nas tenções generosas desse pastor protestante que pontifica de cima de um Capitólio de segunda mão, nas margens do Potomac, embora me lembre logo, à vista de menção delas, de que nós, os brasileiros ainda nos orgulhamos de ter feito guerra para libertar dous ou três povos. Está isto nos compêndios e nos discursos patrióticos.

Generosos como somos, esquecemo-nos altruisticamente de nós mesmos que, pelas épocas de tais guerras, tínhamos nos ferros da escravidão e sob a nossa bandeira mais de meio milhão de homens. O Brasil tem um coração de boêmio...

Essa abnegação, esse esforço sobre nós mesmos em favor dos outros (Vauvenargues) [207], esse esquecimento das nossas necessidades para atender às dos outros, bem poderá um dia fazer-nos figurar, ao lado de Wilson e do seu supimpa Estados Unidos, no *Flos Sanctorum* [208] das nações.

Será difícil obter qualquer espécie de distração nos jornais, com as perlengas sobre a Conferência que os enchem, só lhes deixando espaço largo, para tratar da política portuguesa em estirados artigos, nos quais o assassinato do Senhor Sidônio Pais [209] sempre arrasta — não atino por que

[204] Associação Paulista de Sports Atléticos, também conhecida por Associação Paulista de Atléticos – APEA: sucessora de fato da Liga Paulista de Futebol, como organizadora do Campeonato Paulista de Futebol entre 1913 e 1936.
[205] Belarmino Maria Austregésilo Augusto (PE. 1898/RJ. 1968), advogado, jornalista e escritor brasileiro. Diretor-secretário de *A Tribuna* e de *O Jornal*, este último órgão líder dos Diários Associados, colaborador do *Correio da Manhã* e tradutor da agência de notícias Associated Press. Austregésilo de Athayde atuou como colaborador e diretor do *A Noite*, vespertino modero, fundado em 1911 por Irineu Marinho, que deu início a uma nova fase no jornalismo no Brasil.
[206] Thomas Woodrow Wilson (EUA. 1856 - 1924): presidente dos Estados Unidos da América do Norte, em dois mandatos consecutivos, entre 1912 e 1921, pelo Partido Democrata. Wilson é considerado o pai do idealismo, lutou pela liberdade das nações com condições para um desenvolvimento econômico e democrático. Foi Prêmio Nobel da Paz em 1919.
[207] Luc de Clapiers - Marquês de Vauvenargues (Fr.1715 - 1747): moralista, ensaísta e escritor francês.
[208] *Flos Sanctorum*: livro, escrito separadamente em vários volumes, que faz a intermediação entre o Velho e o Novo Testamentos, recuperando biografias perdidas de santos considerados menores na hierarquia da Igreja Católica.
[209] Sidônio Bernardino Cardoso da Silva Pais (Port.1872 - 1918): quarto presidente da República Portuguesa, sendo conhecido como o "Presidente-Rei"; seu governo foi autoritário e gerou contestação social no país. Algum tempo depois de sofrer um atentado de morte frustrado, foi morto a tiros em 5 de dezembro de 1918.

— o recordar o do Senhor Dom Carlos I [210], rei de Portugal, e o do príncipe, seu filho, Senhor Dom Luís Filipe.

De resto, eu não posso ter a confiança e a esperança que os publicistas oficiais e oficiosos depositam na tal Conferência.

Na boca ou na pena deles, sairá de Versalhes não só a grandeza militar do Brasil, a sua riqueza amoedada, a sua importância universal, mas, talvez mesmo a extinção das secas do Ceará.

O que eles não querem é a paz universal e não sei a causa de semelhante ojeriza.

Tenho a respeito da riqueza que a Conferência possa trazer ao Brasil, o mesmo julgamento daquele mendigo inglês que conhecia perfeitamente a opulência do seu país, sabia que o Império Britânico era o mais considerável da História, mas também sabia que continuava sem teto, mal conseguindo diariamente uns vinténs — ele, súdito da maior e mais rica potência de que os homens têm memória!

Se a leitura dos jornais, nessas suas partes, assim se comporta no seu espírito e na minha alma, não posso aconselhá-la aos que vêem os seus sonhos morrendo e se enchem de tédio pela vida. Também não lhes aconselharia a leitura de obras de qualquer natureza, porque se elas dessorarem um estado d'alma semelhante, são inúteis; e, se forem animadas de um contrário, são hostis, aborrecem e trazem ódio a tais espíritos combalidos ou saciados.

Como Omar, devem eles queimar as suas bibliotecas, porquanto, quer num, quer noutro caso, não prestam serviço algum, como os livros da de Alexandria a que aquele chefe árabe mandou atear fogo. [211]

Entretanto, em matéria de leitura, a que nos pode trazer distração é a de cousas esportivas, sobretudo as de *football*.

Sempre há o que descobrir, por intermédio dos jornais, nos *sports* atléticos; é um mundo que se abre inopinadamente aos nossos olhos; são perspectivas inesperadas que vamos descortinando de dia para dia.

Quando um clube qualquer inaugura um tanque de natação e arranja umas crianças para cantar alguma cousa fanhosa, temos o cicerone esportivo, atlético e gladiador, o Senhor Coelho Neto [212] a nos ensinar que aquela cantoria e aquela piscina são puramente gregas, tem no seio Hércules e Dejanira, tem o Himeto, tem Olimpíadas, tudo aquilo, enfim, que consta do formulário de cousas daquela Grécia que não tem Aristóteles, nem Temístocles, nem Tales, nem Praxíteles, nem Eurípides, nem Aspásia.

---

[210] Carlos Fernando Luís Maria Victor Miguel Rafael Gabriel Gonzaga Xavier Francisco de Assis José Simão de Bragança, ou D. Carlos I (Port. 1863 - 1908): penúltimo rei de Portugal, subiu ao trono em 1889. Recebeu as seguintes denominações: "O Diplomata", devido às múltiplas visitas que fez a Madrid, Paris e Londres, retribuídas com as visitas a Lisboa dos reis Afonso XIII de Espanha, Eduardo VII do Reino Unido, do Kaiser Guilherme II da Alemanha e do Presidente da República Francesa Émile Loubet; "O Martirizado" e "O Mártir" por ter morrido assassinado juntamente com seu filho o Infante Dom Luis Felipe em 1º de fevereiro de 1908, ou "O Oceanógrafo" por sua paixão pela oceanografia, partilhada com o pai.

[211] Biblioteca de Alexandria: situada na cidade egípcia de mesmo nome e supostamente fundada no início do século III a.C.. Foi uma das maiores bibliotecas do mundo; grandes pensadores, sábios e gênios da Antiguidade frequentaram e estudaram nos rolos de papiro sobre geometria, trigonometria e astronomia, bem como sobre idiomas, literatura e medicina. Estima-se que a Biblioteca de Alexandria abrigava entre 400.000 e 1.000.000 de documentos.

[212] Henrique Maximiano Coelho Netto (RJ. 1864 —1934): escritor, político e professor. Coelho Neto foi sempre objeto de crítica irônica por parte de Lima Barreto, não só em função de sua produção literária, como também por sua admiração pelo futebol, ao qual Lima tinha indisfarçada antipatia. Lima Barreto tem razão de por o futebol entre as preocupações de Coelho Netto, pois, o escritor enxergava uma missão pedagógica nesse esporte, na época praticado por rapazes da elite. Coelho Netto tinha dois filhos que praticavam esse esporte – João Coelho Neto – o "Preguinho" que defendia as cores do Fluminense e Emanuel Coelho Neto o "Mano", seu filho mais velho, que teve uma morte trágica durante uma partida desse esporte; em homenagem a ele escreveu a crônica "Flores". A indisposição de Lima em relação a Coelho Netto era um fato público que ele não fazia questão de esconder, e pode ser observada nas crônicas: "Os jornais dos estados", "Histrião ou literato" e "Sobre o nosso theatro" (que está nesta série de Bagatelas), entre outras.

É uma Hélade especialmente fabricada para o gasto caseiro da gente dos *sports* da nossa terra.

Quase nunca me incomodei com semelhante assunto atlético, mas vejo agora que tenho feito mal e aconselho que todos se interessem por ele. Diverte e ensina.

Desprezando esse atletismo dominical, não vira eu como ele tendia para o progresso da Pátria, para o rejuvenescimento da nossa juventude que nasce velha, extirpando-lhe d'alma o pessimismo, a melancolia, as perturbações nervosas, fazendo-nos um povo escultural, sadio e alegre, como eram os tais gregos que o Senhor Coelho Neto inventou.

Até bem pouco, a minha atenção só estava voltada para os grandes doentes de corpo e de cabeça, como Pascal [213], Voltaire [214], Rousseau [215] e tantos outros; mas, nos dias que correm, considerei que tais personagens, incapazes para o *football* e outros exercícios saudáveis e helênicos, já pela sua constituição física vergonhosa, já pela sua organização mental defeituosa, deviam e devem ser sacrificados no nascedouro.

A vida deve pertencer aos fortes e é um erro estarmos protegendo os bois, os carneiros, os perus, enquanto exterminamos os leões e os tigres.

Capacitado disso e de mais outras cousas, transformei todo o meu sistema de idéias; e, de desdobramento em desdobramento, convenci-me de que não fora o serviço militar obrigatório, a famosa nação armada de von der Goltz [216], que trouxera ao mundo essa monstruosa guerra de 1914, por todos anunciada como finda.

Essa guerra que se revestiu das clássicas ferocidades das guerras de todos os tempos e requintou de maldade com o emprego das invenções e descobertas mais atuais, feitas geralmente com fins generosos e humanitários, foi obra dos pacifistas, dos internacionalistas, dos anarquistas, dos anti-militaristas, dos que não se entregam a *sports*.

Errava, portanto, quando tinha para mim que essa atroz carnificina originara-se unicamente da realização da tal idéia de nação-exército.

Posta em prática semelhante concepção, por mais que queiram negar os interessados de boa-fé ou não, surge logo uma casta de iniciados, uma espécie de colégio de sacerdotes egípcios, que são os oficiais, sobretudo os das armas chamadas especiais, encarregados de manter perpetuamente o fogo sagrado da guerra. Tal gente tem que empregar toda a sua vida em pensar na guerra, em planos, em novos armamentos, em aperfeiçoamentos da máquina belicosa, etc., etc.; e o prêmio dessa sua vida de pensamento, a sua glória só pode vir da guerra, da grande guerra.

Transmitem o seu sonho guerreiro aos outros oficiais, contaminam-nos; e, por sua vez, estes últimos, como instrutores, e comandantes de todos os graus, infeccionam o espírito dos inferiores e dos recrutas de dezoito anos, quase ainda na infância, de opiniões malsãs com o asseverar que o seu país é o primeiro do mundo, que está escolhido por Deus para fazer a felicidade do universo, que a guerra é divina, que não pode haver paz na terra, que da guerra nasce a riqueza de um país, etc., etc.

---

[213] Blaise Pascal (Fr. 1623 - 1662): filósofo, físico e matemático francês de curta existência. Lima se refere às "visões divinas" de Pascal, em função das quais, se recolheu na abadia de Port-Royal des Champs, centro do jansenismo, e abandonou as ciências para se dedicar exclusivamente à teologia. Após um "novo milagre", em 1658, voltou às ciências.

[214] François-Marie Arouet - conhecido como Voltaire (Fr. 1694 –1778): escritor, ensaísta, deísta e filósofo do Iluminismo francês. Passou para a história pela sua perspicácia e espirituosidade na defesa das liberdades civis e religiosas e do livre comércio. Defensor declarado da reforma social, fez uso de suas obras para criticar o Antigo Regime, a Igreja Católica e as instituições francesas do seu tempo. De Voltaire, Lima tinha onze volumes na sua biblioteca sem indicação de títulos, anotados no seu inventário como "Romans".

[215] Referência ao fato de Jean Jacques Rousseau ter tido vivido na adolescência, na vida familiar, amorosa e financeira momentos muito conturbados.

[216] Wilhelm Colmar Freiherr von der Goltz (Alem. 1843–1916): general do exército prussiano que em 1914, durante a I Guerra Mundial, foi investido governador-geral da Bélgica. Foi também um historiador militar, sua obra é considerada uma contribuição original para a literatura militar.

Em breve tempo, encontrando um povo dócil, crente, ativo e paciente, está criado um espírito coletivo no país, todo ele inclinado para a guerra e convencido das suas vantagens de toda a ordem.

E, como a idéia tende a transformar-se em ato, uma nação que adquiriu essa alma não se pode resignar a ficar com as armas ensarilhadas.

Quer a guerra, por força, tanto mais que, quando os rapazes, aos vinte e um anos, deixam a caserna, lá encontram o padre ou o pastor a pregar as mesmas cousas quarteleiras, as revistas populares a abundar nos mesmos conceitos e os *sports* violentos a lhes darem amor pelas cousas que sugerem a guerra.

Pensava assim, mas desde que, há quase dous meses me entreguei à leitura das notícias de *football* e de outros *sports*, vi que laborava em erro.

Todo o meu julgamento era falso, porque eu me tinha posto num ponto de vista humanitário que é absolutamente idiota e efeminado, como me convenci, lendo seguidamente o articulista *ad hoc* dos artigos de fundo do *O País* - um homem feroz que escreve com a cimitarra de Gêngis-Cã [217]e não monta o cavalo fantástico da Utopia [218], mas sim aquele ginete tártaro de Maomé II [219] que escapou de ir comer a sua ração na basílica de São Pedro, em Roma.

Além do derivativo, para a monotonia dos meus dias atuais, que encontrei em tão profícua leitura combinada com as das crônicas de *football*, quando as conseguia entender — a meditação sobre elas levaram-me à inteligência e certeza de que a força do Brasil há de originar-se principalmente da coesão que o *football* vai trazer às várias partes da federação, unindo os espíritos e as almas num mesmo pensamento e num mesmo anelo.

Até agora eram o *Malho* [220] e o *Rio Nu* [221] e o Casimiro de Abreu [222] que somavam as nossas almas dispersas para fazer a da nação. Não havia lugarejo da nossa pátria em que não chegassem aquelas revistas e não havia vila obscura em que não soubessem as moças uma poesia do infeliz poeta das *Primaveras.* Ele tinha chegado, no Brasil, ao ápice da glória que um poeta deve desejar: era recitado, cantado, mesmo sem lhe saberem o nome; tocava todas as almas só pela força do seu estro.

Era isto um mal e é preciso explicar por quê.

---

[217] Gêngis Khan (1162–1227): imperador mongol que criou táticas de guerra revolucionárias para as batalhas nas estepes. Seu exército era disciplinado, temido e impiedoso. A arma tradicional dos mongóis era o arco e flecha, que tinha um alcance de 500 metros; os cavaleiros precisavam de muito treinamento, pois, atiravam as flechas com o cavalo em movimento.

[218] Ver crônica "A missão dos utopistas" (neste conjunto de *Bagatelas*).

[219] Conta-se que o Sultão Maomé II, após o saque e a tomada de Constantinopla em 1453, desfilou triunfalmente pela cidade montado num cavalo branco. Esse animal, provavelmente, da raça árabe, desde a Antiguidade sempre foi muito apreciado por sua extraordinária adequação às atividades da guerra, porquanto é muito veloz, resistente, ágil e inteligente.

[220] *O Malho*, revista humorística brasileira fundada por Crispim do Amaral em 1902, cuja vocação era satirizar fatos políticos; entre seus desenhistas e caricaturistas destacavam-se J.Carlos, Angelo Agostini, Max Yantok, Kalixto e Theo.

[221] *O Rio Nu* (1898-1917), como a sua parceira *Sans-Dessous* ("sem roupa de baixo" - 1909-1910) era uma revista que apresentava um humor de duplo sentido para homens. *O Malho* era mais popular e a *Sans-Dessous* um pouco mais elegante. Para poder exercer esse tipo de jornalismo, os redatores de O *Rio Nu* criaram o "Vagabundo", um personagem mestre nas artes da capoeira que se fazia acompanhar pela mulata Filomena. As páginas dessa revista publicavam gravuras de mulheres seminuas, caricaturas com duplo sentido sexual e histórias de aventuras amorosas masculinas. Era vendida pelas ruas da cidade, anunciada por meninos que gritavam nos bondes, ou comprada por assinatura. Frequentavam também, as barbearias, as bancas de engraxates, as agências que vendiam jornais e revistas, sempre abertas em páginas escandalosas para chamar a atenção dos leitores. Essas duas revistas, como outras ilustradas, também comentavam notícias do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro e da política brasileira, com muito humor e ironia.

[222] José Casimiro Marques de Abreu (RJ. 1839/ 1860), poeta, folhetinista. Animava-se em festas carnavalescas e bailes e frequentava as rodas literárias, nas quais era bem relacionado. Colaborou em *A Marmota*, *O Espelho*, *Revista Popular* e no jornal *Correio Mercantil*, de Francisco Otaviano, onde trabalhou ao lado de Manuel Antônio de Almeida e do então revisor Machado de Assis, ambos, seus companheiros em rodas literárias.

Quanto ao *Malho,* o antigo e o novo, o mal não era grande, porquanto ele é patriota, religioso, "retrateiro", e não tem nada de maximalista que possa incomodar o chanfalho do Senhor Aurelino [223] e a prosa renda de bilros do esquecido filósofo Celso Vieira [224], da Polícia. Mas o *Rio Nu?* E o Casimiro [225], então? Este era pior do que a "gripe" [226]. Enchia, com a sua versalhada mórbida, o país de tristeza, de um vago sonho de infelicidade redentora, de ânsias de amor não correspondido e infecundo e, reflexamente, deprimia-o, tirava-lhe a atividade dominadora e expansionista.

Não era possível continuar a cousa assim. A Alemanha tinha abandonado os seus poetas nevoentos e sonhadores; e tratara de encher-se de um ideal de força, de expansão e de domínio. É verdade que fracassou como colonizadora, só se mostrando capaz quando deu cabo dos Herreros [227]; mas só aí. É verdade que a matilha internacional, em nome de idéias opostas às pelo Império Alemão propagadas, caiu-lhe em cima e fê-lo levar a breca. As suas idéias, porém, para maior glória de Deus, passaram para os outros povos vencedores e nós precisamos não ficar atrás. Devemos abandonar os nossos poetas choramingas, para ler as futuras epopéias dos vates do Itamarati, cantando as façanhas do Zé Bezerra e outros que tais impressas na tipografia dos Salesianos e de outras ordens religiosas, bem inspiradas nos Evangelhos canônicos ou mesmo apócrifos.

E para obter essa transposição profunda do sentir nacional estava naturalmente indicado o *football* e mesmo a nossa expansão pelo estrangeiro afora, como mostra a Associação Paulista de Sports Atléticos (A.P.S.A.) no seu célebre ofício à confederação dos mesmos *sports,* publicado n'*O Imparcial* [228].

Diz aquela sociedade textualmente, defendendo três dos seus sócios: "Amílcar [229], Neco [230] e Friendreich [231] têm sido os defensores das nossas cores (as do Brasil) na Argentina, no Uruguai e aí, nesta Capital (Rio de Janeiro), sempre que se precisa dos seus valiosos concursos".

---

[223] Ver crônica "Da minha cela".

[224] Celso Vieira de Matos Melo Pereira (PE. 1878 - RJ. 1954): advogado, biógrafo, ensaísta, membro fundador da Academia Pernambucana de Letras e historiador. Exerceu no Rio de Janeiro os cargos públicos de auxiliar do Chefe de Polícia, diretor do gabinete do Ministro da Justiça e Secretário do Tribunal de Apelação.

[225] Casemiro de Abreu. Ver crônica "Um ofício da A.P.S. A".

[226] Deve ser referência à gripe espanhola, que no início do século XX matou milhares de pessoas.

[227] Manuel Bretón de los Herreros (Esp. 1796 - 1873): poeta e dramaturgo espanhol.

[228] *O Imparcial*: fundado, em 1912 por José Eduardo de Macedo Soares, que chefiava um grupo de redatores e colaboradores muito conceituados na imprensa brasileira. Durante a Campanha Civilista, foi preso com Edmundo Bittencourt, diretor do *Correio da Manhã* e Vicente Piragibe d' *A Época*, entre outros civis e militares. O crítico literário José Veríssimo foi um dos seus colaboradores.

[229] Amílcar Barbuy (SP. 1893 - 1965): jogador de futebol. Considerado um dos melhores centroavantes do futebol brasileiro e o primeiro grande ídolo corintiano e primeiro jogador do Corinthians Paulista a ser convocado para a Seleção Brasileira. Começou como jogador do Botafogo, em 1912 trocou pelo Corinthians Paulista onde alcançou quatro títulos estaduais. Como capitão dessa equipe, destacava-se pelo forte espírito de liderança e pela técnica. Em 1923 passou a jogar pelo Palestra Itália (atual Sociedade Esportiva Palmeiras), alguns anos mais tarde voltou para o Corinthians Paulista como técnico. Participou de 208 jogos e comandou outros 192 como técnico.

[230] Manuel Nunes (SP. 1895 - 1977): conhecido como Neco, foi o primeiro grande ídolo do Corinthians Paulista. Foi o jogador que mais tempo atuou por esse clube – de 1913 a 1930, ano que encerrou a sua carreira futebolística. Com 239 gols marcados em 313 partidas disputadas, foi o grande artilheiro de vários campeonatos entre 1914 e 1920. Na sede de seu clube foi erigido um busto em homenagem às suas atuações.

[231] Arthur Friedenreich (SP. 1892 - 1969); jogador de futebol apelidado "El Tigre" ou "Fried". Foi a primeira grande estrela do futebol brasileiro da época amadora até o início da década de 1920.. Participou de uma excursão com time do Paulistano, seu clube, pela Europa em 1925, onde disputou dez jogos e voltou invicto. A sua participação no campeonato sulamericano de seleções (atual Copa América) de 1919 foi decisiva, pois, o seu gol selou a vitória contra os uruguaios na decisão. Ao lado de Neco, foi o artilheiro da competição, o que valeu a exposição de suas chuteiras na vitrine de uma elegante loja de jóias no Rio de Janeiro.

Mostra ainda a referida agremiação esportiva que esses três jogadores são constantemente afastados dos seus empregos, para tomar parte em pugnas de pé-bolado (V. *País*, de 22-12-18 – "Reportagens Esportivas"), fato que muito lhes prejudica no avanço das carreiras que abraçaram.

Essa obrigação em que está ela de designar quase sempre ou sempre esses três *players* não fornece a conclusão de que, apesar de tão generalizado, como dizem estar o *football*, não tenham eles substitutos ou equivalentes. Uma conclusão dessas seria ilógica, porquanto é fito a propagação do jogo de pontapés na bola concorrer para o desenvolvimento físico da nossa raça, o que não se daria, se após tantos anos, o "*sport* bretão" só tivesse em São Paulo essas três figuras obrigadas para os encontros mais importantes.

O desenvolvimento da raça deve ter sido conseguido e, com os quinhentos mil habitantes, a linda Paulicéia possuiria certamente muitos outros *footballers* da força daqueles três. O mesmo, suponho eu, deve se dar com o Rio de Janeiro, quanto "àqueles que perdem no seu interesse, quando concorrem para o triunfo das nossas cores e para os *superávits* do balanço dos grandes jogos'.

Tanto por lá como por aqui, podemos concluir que o desenvolvimento físico da população do país se vai generalizando sem que possa causar espanto a existência de alguns insubstituíveis.

Acredito, por isso digo "do país", que, na Bahia, em Alagoas, em Mato Grosso, em Santa Catarina, seja o *football* intensamente cultivado. É verdade que ainda não li notícia das apostas entre jogadores daqui e da cidade do Salvador, mas o citado ofício faz suspeitar que já as tenha havido, pois diz que o "profissionalismo" "começa a irradiar dessa capital para o sul e norte do país".

Há muitas cousas mais a observar e a concluir de tão interessante ofício e as conclusões a tirar é que o *football* tem trazido vantagens sociais, comerciais, financeiras, políticas, tanto no ponto de vista interno como no externo.

De todo o coração confesso, agora, o meu erro de julgamento sobre tão digno *sport*. Houve tempo até que acreditei que ele viesse a causar, entre São Paulo e o Rio de Janeiro, uma guerra de secessão brasileira.

Após a leitura do ofício em questão, desvaneceram-se essas minhas apreensões e fiquei convicto de que reina a máxima harmonia entre os paladinos das duas cidades.

Concorrendo, assim, para a coesão nacional, para um perfeito entrelaçamento da família brasileira, o jogo de *football*, ainda por cima, atua como elemento poderoso da nossa expansão nacional e faz falar do Brasil no estrangeiro.

Se os nossos sábios, os nossos poetas, os nossos artistas não são conhecidos lá fora, entretanto os jogadores de *football* são conhecidos na estranja.

Atualmente, fora dos *grounds*, só um brasileiro pode orgulhar-se disso: Rui Barbosa [232]. É honroso para o desporto nacional!

[232] Rui Barbosa de Oliveira (BA 1849 - RJ 1923): advogado, jornalista, jurista, político, diplomata, ensaísta e orador. Ainda no II Império defendeu uma reforma do ensino e a causa da libertação dos escravos. Como político foi senador e duas vezes candidato à Presidência da República; não venceu nenhuma, mas se destacou por discursos notáveis em prol da campanha civilista e liberal e costumes políticos brasileiros. Lima se refere à projeção histórica que Rui Barbosa adquiriu após 1907, quando participou da Conferência da Paz em Haia, onde defendeu o princípio da igualdade jurídica das nações soberanas, enfrentando a discriminação das grandes potências em relação às pequenas. Além de nomeado Presidente de Honra da Primeira Comissão, teve seu nome colocado entre os chamados "Sete Sábios de Haia".

Arthur Friedenreich

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 71-76)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp- 122-129)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp.- 424-430)

Rio de Janeiro
Limas Barreto – [s.d.]
Assis Barbosa – 22 02-1918
Resende/Valença – *[Revista Contemporânea]* 22.02.[1919] [233]

"PROBLEMA VITAL"

Monteiro Lobato

Poucas vezes se há visto nos meios literários do Brasil uma estréia como a do Senhor Monteiro Lobato [234]. As águias provincianas se queixam de que o Rio de Janeiro não lhes dá importância e que os homens do Rio só se preocupam com coisas do Rio e da gente dele. É um engano. O Rio de Janeiro é muito fino para não dar importância a uns sabichões de aldeia que, por terem lido alguns autores, julgam que ele não os lê também; mas, quando um estudioso, um artista, um escritor, surja onde ele surgir no Brasil, aparece no Rio, sem esses espinhos de ouriço, todo o carioca independente e autônomo de espírito está disposto a aplaudi-lo e dar-lhe o apoio da sua admiração. Não se trata aqui da barulheira da imprensa, pois essa não o faz, senão para aqueles que lhe convêm, tanto assim que sistematicamente esquece autores e nomes que, com os homens dela, todo o dia e hora lidam.

O Senhor Monteiro Lobato com o seu livro *Urupês* [235] veio demonstrar isso. Não há quem não o tenha lido aqui e não há quem o não admire. Não foi preciso barulho de jornais para o seu livro ser lido. Há um contágio para as boas obras que se impõem por simpatia.

---

[233] Há nesta crônica uma contradição em relação à data de publicação sugerida tanto por Assis Barbosa, quanto por Resende/Valença. Em correspondência, Lima comunica a Lobato em 24.02.1919: "No nº. 22 deste mês, na tal "Contemporânea", eu ligeiramente fiz algumas considerações sobre o "Urupês" e o "Problema Vital". Leste? Pedi aos empresários que te mandassem um exemplar. Vou verificar. Até breve e sem mais. Lima Barreto". (Correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto. Org. Edgard Cavalheiro. Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, [s.d.]. p.26). O Nº 22 da *Revista Contemporânea* foi publicado em 19 de abril de 1919, e neste número o título da crônica não é "Problema Vital" e sim "Coisas eleitorais".

[234] José Bento Renato Monteiro Lobato (SP 1882 - 1948); um dos mais destacados escritores brasileiros do século XX; mais conhecido do público em geral por sua obra de livros infantis, entre eles *Sítio do pica-pau amarelo* e *Reinações de Narizinho*, do que por seus romances, contos, artigos e críticas. Lima Barreto e Monteiro Lobato corresponderam-se durante muito tempo, mas não chegaram a se conhecer pessoalmente.

[235] *Urupês*: é uma antologia de contos, quase todos passados na cidadezinha de Itaóca, interior de São Paulo, com final desastroso e cômico. O conto "Urupês", que dá nome ao livro, apresenta uma das figuras mais conhecidas de Monteiro Lobato - o caboclo indolente e preguiçoso Jeca Tatu.

O que é de admirar em tal autor e em tal obra, é que ambos tenham surgido em São Paulo, tão formalista, tão regrado que parecia não admitir nem um nem a outra.

Não digo que, aqui, não haja uma escola delambida de literatura, com uma retórica trapalhona de descrições de luares com palavras em "11" e de tardes de trovoadas com vocábulos com "rr" dobrados: mas São Paulo, com as suas elegâncias ultra-europeias, parecia-me ter pela literatura, senão o critério da delambida que acabo de citar, mas um outro mais exagerado.

O sucesso de Monteiro Lobato, lá, retumbante e justo, fez-me mudar de opinião.

A sua roça, as suas paisagens não são cousas de moça prendada, de menina de boa família, de pintura de discípulo ou discípula da Academia Julien [236]; é da grande arte dos nervosos, dos criadores, daqueles cujas emoções e pensamentos saltam logo do cérebro para o papel ou para a tela. Ele começa com o pincel, pensando em todas as regras do desenho e da pintura, mas bem depressa deixa uma e outra cousa, pega a espátula, os dedos e tudo o que ele viu e sentiu sai de um só jato, repentinamente, rapidamente.

O seu livro é uma maravilha nesse sentido, mas o é também em outro, quando nos mostra o pensador dos nossos problemas sociais, quando nos revela, ao pintar a desgraça das nossas gentes roceiras, a sua grande simpatia por elas. Ele não as embeleza, ele não as falsifica; fá-las tal e qual.

Eu quereria muito me alongar sobre este seu livro de contos, *Urupês*, mas não posso agora. Dar-me-ia ele motivo para discorrer sobre o que penso dos problemas sociais que ele agita; mas são tantos que me emaranho no meu próprio pensamento e tenho medo de fazer uma cousa confusa, a menos que não faça com pausa e tempo. Vale a pena esperar.

Entretanto, eu não poderia deixar de referir-me ao seu estranho livro, quando me vejo obrigado a dar notícia de um opúsculo seu que me enviou. Trata-se do *Problema vital*, uma coleção de artigos, publicados por ele, no *Estado de S. Paulo*, referentes à questão do saneamento do interior do Brasil.

Trabalhos de jovens médicos como os doutores Artur Neiva [237], Belisário Pena [238] e outros, vieram demonstrar que a população roceira do nosso país era vítima desde muito de várias moléstias que a alquebravam fisicamente. Todas elas têm uns nomes rebarbativos que me custam muito a escrever; mas Monteiro Lobato os sabe de cor e salteado e, como ele, hoje muita gente. Conheci-as, as moléstias, pelos seus nomes vulgares: papeira, opilação, febres e o mais difícil que tinha na memória era — bócio [239]. Isto, porém, não vem ao caso e não é o importante da questão.

Os identificadores de tais endemias julgam ser necessário um trabalho sistemático para o saneamento dessas regiões afastadas e não são só estas. Aqui, mesmo, nos arredores do Rio de Janeiro, o doutor Belisário Pena achou 250 mil habitantes atacados de maleitas, etc. Residi, durante a minha meninice e adolescência, na ilha do Governador, onde meu pai era administrador das Colônias de Alienados. Pelo meu testemunho, julgo que o doutor Pena tem razão. Lá todos sofriam de febres e

[236] Académie Julien: criada por Rodolphe Julien em 1868, como uma escola privada para estudantes de arte que, diferentemente da École des Beaux-Arts, permitia a inscrição de mulheres.

[237] Arthur Neiva (Ba. 1880 - RJ. 1943): cientista e notável etnógrafo. Realizou diversas campanhas sanitaristas. Em companhia de Belisário Penna, fez uma longa viagem pelo interior do Brasil, da qual resultou no livro *Viagem científica pelo norte da Bahia, sudeste de Pernambuco, sul do Piauí e norte e sul do Goiás*. Dirigiu o Serviço Sanitário de São Paulo, em 1916.

[238] Belisário Augusto de Oliveira Pena (MG 1868 – RJ 1939): médico sanitarista e político. Em 1904 transferiu-se para o Rio de Janeiro e passou a trabalhar na Diretoria Geral de Saúde Pública, no combate à febre amarela, malária e outras doenças em diversos pontos do território nacional. Em 1918, assumiu a direção do Serviço de Profilaxia Rural, criado por Venceslau Brás e a partir da década de 1920 esteve à frente do Departamento Nacional de Saúde Pública.

[239] Papeira ou parotidite epidêmica: doença infecciosa aguda, de origem viral, que provoca uma inflamação das glândulas salivares que ficam inchadas e dolorosas; Opilação A ou ancilostomose: verminose que provoca palidez e pele amarelada, adquirida por contato com solo contaminado por dejetos; o bócio ocorre quando a glândula tireóide é incapaz de suprir a demanda metabólica do corpo e a glândula tireóide se dilata para compensar essa deficiência.

logo que fomos para lá, creio que em 1890 ou 1891, não havia dia em que não houvesse, na nossa casa, um de cama, tremendo com a sezão e delirando de febre. A mim, foram precisas até injeções de quinino.

Por esse lado, julgo que ele e os seus auxiliares não falsificam o estado de saúde de nossas populações campestres. Têm toda a razão. O que não concordo com eles, é com o remédio que oferecem. Pelo que leio em seus trabalhos, pelo que a minha experiência pessoal pode me ensinar, me parece que há mais nisso uma questão de higiene domiciliar e de regímen alimentar. A nossa tradicional cabana de sapê e paredes de taipa é condenada e a alimentação dos roceiros é insuficiente, além do mau vestuário e do abandono do calçado.

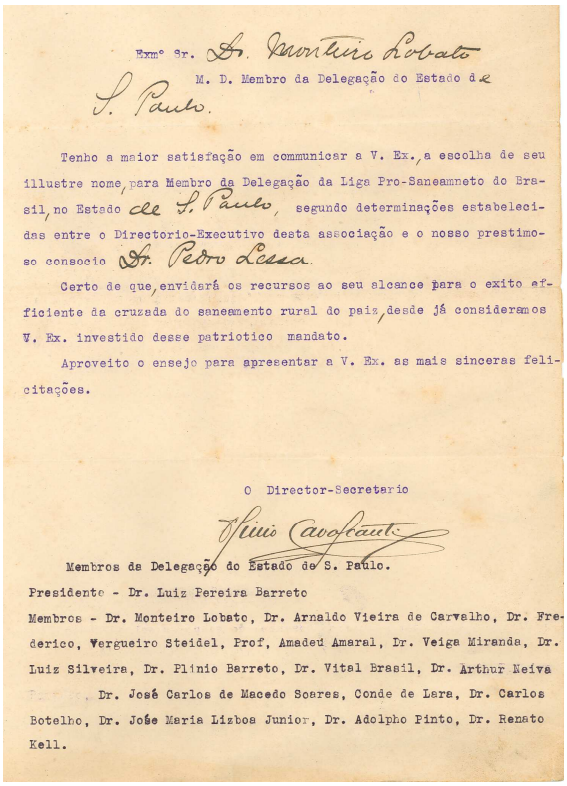
A cabana de sapê tem origem muito profundamente no nosso tipo de propriedade agrícola — a fazenda. Nascida sob o influxo do regímen do trabalho escravo, ela se vai eternizando, sem se modificar, nas suas linhas gerais. Mesmo, em terras ultimamente desbravadas e servidas por estradas de ferro, como nessa zona da Noroeste, que Monteiro Lobato deve conhecer melhor do que eu, a fazenda é a forma com que surge a propriedade territorial no Brasil. Ela passa de pais a filhos; é vendida integralmente e quase nunca, ou nunca, se divide. O interesse do seu proprietário *é* tê-la intacta, para não desvalorizar as suas terras. Deve ter uma parte de matas virgens, outra parte de capoeira, outra de pastagens, tantos alqueires de pés de café, casa de moradia, de colonos, currais, etc.

Para isso, todos aqueles agregados ou cousa que valha, que são admitidos a habitar no latifúndio, têm uma posse precária das terras que usufruem; e, não sei se está isto nas leis, mas nos costumes está, não podem construir casa de telha, para não adquirirem nenhum direito de locação mais estável.

Onde está o remédio, Monteiro Lobato? Creio que procurar meios e modos de fazer desaparecer a "fazenda".

Não acha? Pelo que li no *Problema vital*, há câmaras municipais paulistas que obrigam os fazendeiros a construir casas de telhas, para os seus colonos e agregados. Será bom? Examinemos. Os proprietários de latifúndios, tendo mais despesas com os seus miseráveis trabalhadores, esfolarão mais os seus clientes, tirando-lhes ainda mais dos seus míseros salários do que tiravam antigamente. Onde tal cousa irá repercutir? Na alimentação, no vestuário. Estamos, portanto, na mesma.

Em suma, para não me alongar. O problema, conquanto não se possa desprezar a parte médica propriamente dita, é de natureza econômica e social. Precisamos combater o regímen capitalista na agricultura, dividir a propriedade agrícola, dar a propriedade da terra ao que efetivamente cava a terra e planta e não ao doutor vagabundo e parasita, que vive na "Casa Grande" ou no Rio ou em São Paulo. Já é tempo de fazermos isto e é isto que eu chamaria o "Problema Vital".



Exmº Sr. Dr. Monteiro Lobato

M. D. Membro da Delegação do Estado de S. Paulo.

Tenho a maior satisfação em communicar a V. Ex., a escolha de seu illustre nome, para Membro da Delegação da Liga Pro-Saneamneto do Brasil, no Estado de S. Paulo, segundo determinações estabelecidas entre o Directorio-Executivo desta associação e o nosso prestimoso consocio Dr. Pedro Lessa.

Certo de que, envidrá os recursos ao seu alcance para o exito efficiente da cruzada do saneamento rural do paiz, desde já consideramos V. Ex. investido desse patriotico mandato.

Aproveito o ensejo para apresentar a V. Ex. as mais sinceras felicitações.

O Director-Secretario

Membros da Delegação do Estado de S. Paulo.

Presidente - Dr. Luiz Pereira Barreto

Membros - Dr. Monteiro Lobato, Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, Dr. Frederico, Vergueiro Steidel, Prof, Amadeu Amaral, Dr. Veiga Miranda, Dr. Luiz Silveira, Dr. Plinio Barreto, Dr. Vital Brasil, Dr. Arthur Neiva [illegible] Dr. José Carlos de Macedo Soares, Conde de Lara, Dr. Carlos Botelho, Dr. José Maria Lizbos Junior, Dr. Adolpho Pinto, Dr. Renato Kell.

Carta, que por ordem de Pedro Lessa, Lobato foi convidado a participar da Delegação Regional de São Paulo promovida pela Liga Pró-Saneamento do Brasil

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 77-79)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 130-133)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp.- 456-458)

Rio de Janeiro
Lima Barreto – 25-1-1919
Assis Barbosa - 25-1-1919
Resende/Valença – *[ABC]* - 25.01.!919

"QUEM SERÁ, AFINAL?"

Aposentado como estou, com relações muito tênues com o Estado, sinto-me completamente livre e feliz, podendo falar sem rebuços sobre tudo o que julgar contrário aos interesses do país. Os parcos níqueis que a minha aposentadoria rende dar-me-ão com o que viver, sem ser preciso normalmente escrever pelinescas biografias de figurões, para comprar um par de botinas. Não fora a grave dor doméstica que me ensombra a existência [240], eu me daria por verdadeiramente feliz e suficientemente experimentado. Tendo passado por diversos meios os mais desencontrados possíveis, eu me julgo conhecedor bastante das cousas deste mundo, para, com os elementos da vida comum, organizar uma outra de meus sonhos, com a qual minore, só no criá-la, a mágoa eterna e impagável que haja talvez em mim e me turve as alegrias íntimas.

Esperava desde muito estes dias de completa liberdade, de independência quase total, para poder dizer da minha pobreza a franca verdade aos poderosos e ricos que, assim, se fizeram por toda a sorte de maneiras, honestas e desonestas. Hei de dizer-lhes aos poucos...

Durante os quinze para os dezesseis anos em que guardei as conveniências da minha situação burocrática, comprimi muito a custo a minha indignação e houve mesmo momentos em que ela, desta ou daquela forma, arrebentou.

Muitas atitudes minhas, incompreensíveis aos olhos desses fariseus por aí, vinham do angustioso recalque dos ímpetos de minha alma e da obrigação em que estava, de dizer pela metade aquilo que eu podia dizer totalmente.

De boa ou má-fé, estupidamente ou generosamente, aqui e ali, fui tomado ou sou tomado por doido; e a polícia, onde abundam os Esquiróis [241] de várias categorias e ordenados, julgou-se já nas suas atribuições de me classificar como tal. As leis do Brasil são feitas para não serem cumpridas...

Compreendo perfeitamente esse estado de espírito policial ou costumeiro, à vista da carestia da vida e da necessidade em que está o literato que quer ter fama de não dizer nada, andar bem vestido e fazer parte da corte de algum Cunhambebe [242] político. Não sou desse figurino e sei que irrito os altos espíritos dos manequins intelectuais, quando me vêem o nome com qualquer apelido literário. Adivinho o que eles dizem; e os melhores, os de bofes menos maus, hão de refletir assim consigo mesmo:

- Este Barreto é louco! Dizem que escreve alguma cousa engraçada... Por que é que ele não faz como F.? F. era amigo de E., que o meteu na Repartição do Cadastro e, em pouco foi chefe de seção. É doido, há dúvida!

Um pobre-diabo, que tais cousas considerou, pensava que "escrever alguma cousa engraçada" é fazer concurso para amanuense, sem saber que isto eu já tinha feito, muito digna e lealmente, quando ele se lembrou piedosamente de mim. Obrigado.

Um outro diria, ao saber da minha situação burocrática:

---

[240] A "dor doméstica" era a dificuldade em que Lima e seus irmãos viviam em função do estado permanente de insanidade mental de seu pai, desde 1902, ocasião em que se viu obrigado a abandonar seu curso de engenharia na Politécnica e trabalhar como amanuense na Secretaria da Guerra, para sustentar a família.

[241] Lima se refere a Jean-Étienne Dominique Esquirol (Fr. 1772 — 1840): psiquiatra francês, discípulo de Philippe Pinel. Sucedeu seu mestre em 1811 como chefe do Hospital de Salpetriére em Paris, onde desenvolveu notáveis trabalhos sobre psiquiatria. Esquirol foi o primeiro psiquitra a utilizar o termo "alucinação".

[242] Cunhambebe (séc. XVI): chefe indígena Tupinambá que dominou todos os caciques Tamoios da região compreendida entre o Cabo Frio (RJ) e Bertioga (SP). Foi aliado dos franceses que se estabeleceram na Baía de Guanabara em 1555, e fundaram a França Antártica. É citado em 1558 nas obras do religioso francês André Thévet - *Les singularitez de la France Antarctique* e do mercenário alemão Hans Staden, que dele foi prisioneiro entre 1554 e 1557. Morreu de varíola, logo após a chegada de Villegagnon e os colonos franceses ao Rio de Janeiro em 1555.

- Por que o Barreto não entra para um jornal? Ele iria longe, ganharia dinheiro, etc.

Destes e de outros comentários, cortei uma parte, não por vexame, mas por consideração ao leitor. Não se esqueçam de que tenho para mim que falta confessada é meia falta.

Não me aborreceria com essas considerações a meu respeito se elas não envolvessem duas cousas: a loucura e a calúnia à literatura.

Não nego que tenha neste ou naquele momento ou dia dado sinais de loucura; mas, como eu e mais permanentemente, muitos homens aos quais nem por sombra me quero comparar têm dado, o que não obsta de até hoje ensinarem a todos nós cousas excepcionais.

Imagino um Pascal sem a sua irmã Mme Périer [243], a braços com a psiquiatria do Senhor Aurelino, do seu edificante Celso Vieira [244], do seu apressado gabinete médico-legal, onde iria parar?

Nunca me importei com o emprego em que fui aposentado; mas a minha situação de filho, diante da de meu pai, e o meu cavalheirismo unicamente, porque não tenho nenhuma obrigação legal, pediam-me que me fosse mantendo nele, para ter "o tal certo" da covardia moral e intelectual da nossa gente, contra a minha própria consciência.

Tendo provocado todos esses poderosos ou *símile* poderosos que há em todos os desvãos desta cidade e sendo um péssimo funcionário público, uma das minhas absorventes cogitações era esperar toda a manhã ler nos jornais o decreto da minha demissão. A incerteza alanceia...

Quando pessoas muito chegadas a mim, ao saber, por exemplo, que tinha acusado o gracioso Hélio Lobo de imprimir a sua mofina literatura à custa do Governo, vinham a mim assustadas e diziam: "Você está mexendo com o Hélio!... Ele está no gabinete do Presidente... [245] Você está doido! Deixe disso!..." — não imaginam como tal cousa me aborrecia. Que toda a gente dissesse isso, vá! Mas, na boca dos parentes, era de oprimir, mostrando eles desejo de anular-me ou de querer que eu fosse aí uma espécie de *"loulou* da Pomerânia" [246] das letras.

Cabe aqui uma observação: o povo do Brasil tem a concepção de que os poderosos são governados pelas suas próprias vontades, daí talvez a tendência deles em ter em pouca conta as disposições de lei. A gente miúda do Brasil admite tacitamente o sultanismo... Isto, porém, não vem ao caso. Vamos adiante.

Cada um vê o seu abismo; e, se não sou Pascal, não sou também um indigente ou um desclassificado, para que a polícia do Rio de Janeiro me tome, devido a isto ou àquilo, como doido e me faça recolher ao hospício, como se o casarão da Praia das Saudades [247] fosse uma prisão doméstica e como se nós as tivéssemos, na nossa legislação.

Uma apreensão... Continuo, para verem como era dolorosa. Meus parentes são sem valimento e os meus amigos são fracos; mas não preciso incomodar nem uns nem outros, para pôr-me a coberto de uma estúpida violência policial dessa ordem, porquanto tenho "ficha" muito legal no estado. Fui funcionário público e agora o sou aposentado; e, conforme as leis atuais, nesse negócio de loucura minha, tenho eu pai vivo e não sendo indigente, só ele e unicamente ele, por ser eu solteiro, é que tem direito de intervir nele.

A provável intromissão indébita da polícia em cousas de minha vida doméstica, assim considerada pelas leis, e para a qual ela não tem competência legal absolutamente, era para mim um foco de desgostos e de ralação.

---

[243] Gilberte Pascal Perrier (Fr. ?: irmã e biógrafa de Blaise Pascal; os primeiros textos que escreveu sobre seu irmão foram publicados na Holanda em 1864. Ver crônica "Um ofício da A.P.S.A.".

[244] Ver crônica "Um ofício da A.P.S.A.".

[245] Hélio Lobo e Epitácio Pessoa. Ver crônica "A superstição do doutor".

[246] Lima se refere ao porte anão da raça – Spitz Alemão, mais conhecido como Lulu da Pomerânia. Contudo, não tinha conhecimento que os Spitz estão classificados em 16º lugar entre as 135 raças de cães mais inteligentes.

[247] Hospital Nacional dos Alienados: localizado na Praia da Saudade, bairro da Urca. Suas obras foram iniciadas em 1842 e inaugurado em 1852, com o nome Hospital Pedro II. Entre 1890 e 1944 teve o nome de Hospital dos Alienados, quando os pacientes foram transferidos da Praia Vermelha para um hospício construído no Engenho de Dentro. O prédio era um forma de um grande retângulo e abrigava quatro grandes pátios internos, separados por um corpo central, projetado de forma a separar a ala masculina da feminina. No bloco central havia uma entrada única, com três grandes portões que conduziam a um átrio, de onde se erguia uma escadaria monumental, que levava diretamente a uma capela no andar superior. Depois de desativado como hospício, o prédio passou a ser usado pela Reitoria da Universidade do Brasil, atualmente da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Abusando da inexperiência de minha irmã, nessas cousas de lei, e da simplicidade e também ignorância dos meus irmãos, não faltava malvado aí que não lhes aconselhasse tal intromissão para a qual também eles, os meus irmãos, eram insuficientes legalmente e para o julgamento do meu estado por não sobrar, em uma, sentimento da atividade que me absorvera, em outros, desenvolvimento mental e a instrução necessária. Serviam, sem querer, aos que me queriam desacreditar...

Se no mar de mágoas íntimas em que bracejo desde a minha maioridade alguma felicidade Deus ainda me quiser dar, é não permitir, por cousa alguma, tenha eu negócios com a polícia, até à minha morte. Posso dizer, com orgulho agora que já vivo em meio dela, que a minha vida é limpa, apesar de ter sofrido as maiores dificuldades e também grandes tentações...

A loucura em si é uma grandiosa e sagrada desgraça, e não a quero em mim assessorada senão pela sincera piedade dos que me estimaram por mim mesmo.

Respeitem a minha desgraça, se, de fato, eu vier, um dia, a cair nela! E espero com muita fé que, se tal acontecer, não será inteiramente total, para que não possa eu tomar o caminho da sepultura dos vivos que é também a dos sonhos dos que não quiseram se esquecer dos outros, nem nos dias fastos nem nos nefastos, apesar de terem podido conseguir a falsa felicidade dos vulgares...

O doutor Juliano Moreira [248] é uma excelente e boa pessoa; e não mete medo aos homens como eu, pois ele os estudou e lhes adivinha as dores.

Os comentadores, porém, não ficaram nisso e caluniaram-me, a mim e à literatura.

Julgaram eles que eu a fazia assim como o mariquinhas do Hélio, para arranjar promoções eletricamente, ajudas de custa, ou, como outros, propinas e gorjetas de figurões políticos. Nunca, na minha vida, tentei cousa mais desinteressada do que o escrever as minhas confusas emoções e pobres julgamentos; e nunca esperei desse meu ato senão aquilo que, entre nós, a literatura pode dar dignamente, limpamente. A fortuna, eu a deixei para os outros.

Não foi jamais minha esperança obter com as letras dinheiro, posição ou o quer que fosse fora do que é o objetivo delas, normalmente. Conhecia caminhos menos árduos; e, antes de dezesseis anos, encetei um conveniente... Uma vez ainda declaro que, fazendo literatura, não espero fortuna, nem empregos; e não se incomodem com o meu esbodegado vestuário, porque ele é a minha elegância e a minha *pose.*

Barras [249] viu *sans-culottes* [250] mais relaxados e sujos do que eu, que acabaram muito elegantes barões e prefeitos do Império de Josefina e Napoleão. Por aí não pega o carro...

Era caso, caro leitor, de pedir desculpa por este desabafo pessoal, mas precisava eu fazê-lo da forma mais pública possível, para aliviar-me de uma grande opressão.

"La plaie du coeur est le silence"... Adiante.

Entre as muitas cousas que os surpreendentes espíritos das minhas relações acharam em mim como prova de loucura, foi ter eu em começos do ano passado protestado, e até por escrito, perante o presidente da República, contra o embarque de sacerdotes católicos na nossa "Invencível Armada" que ia tomar parte nas guerras da Europa. [251]

Um dos jornais desta capital que, sangrando-se em saúde, mais veementemente aconselhou e defendeu essa providência belicosa, propugnada pelas damas do Sagrado Coração de Jesus, foi o *Correio da Manhã.*

Não tenho à mão as edições, mas são fáceis de achar, para lhes dar os termos em que o referido jornal julgava a hospedagem dos padres e frades, a bordo de navios de guerra nacionais, como cousa perfeitamente legal e constitucional. De antemão, como sempre, acoimava de intolerantes os que se opusessem a essa manifestação clerical dos poderes públicos, como se houvesse intolerância no querer o

[248] Juliano Moreira (BA 1873 — RJ 1932): médico descendente de ex-escravos. Um dos pioneiros da psiquiatria brasileira e destaque internacional. Contrariando o pensamento racista em voga no meio acadêmico brasileiro de sua época, que atribuía os problemas psicológicos ao grande miscigenação no Brasil, defendeu a idéia de que as doenças mentais têm origem em fatores físicos e situacionais, como a falta de higiene e de acesso à educação.
[249] Ver na crônica "Um ofício da A.P.S.A".
[250] *Sans-cullotes*: homens pobres franceses que não usavam calças à maneira da aristocracia na época do Antigo Regime.
[251] Lima se refere à sua crônica "Padres e frades", publicada em 23.08.1918, em *A Lanterna*; (VU: Brasiliense, 1961, p. 140).

respeito à Constituição e como se a Igreja Católica, à vista do seu passado, pudesse apelar para a tolerância que nunca foi das suas virtudes.

Alguns conhecidos, porque eu não tinha um colarinho assim, tacharam-me de doido, maluco, por ter escrito ao presidente da República, embora a Constituição (Art. 72, § 9) me permitisse isso e não exigisse que eu ou outro cidadão andasse tão bem-vestido quanto o senador Lopes Gonçalves [252], para protestar, em nome da lei.

Lera eu simplesmente a Constituição e não vira tal exigência lá. Lera-a eu toda; e, até, este § 7 do mesmo artigo 72, quase me ficara de cor:

> § 7° — Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência, ou aliança com o Governo da União ou dos estados.

As nossas leis são tão claras, dizem tão bem o que elas querem, que, em geral, precisam de comentadores sábios e autorizados, para explicá-las melhor, embora ninguém possa alegar ignorância da lei em sua defesa.

O artigo de lei, acima, ou parágrafo, como quiserem, creio não ser daqueles que precisam de jurisconsultos de mérito para ser entendido. Qualquer um que saiba ler e escrever está apto a entendê-lo; entretanto, a manha fradesca achou para ele um comentário feminino que lhe servia aos desígnios ocultos, e embarcou um capelão na fração da esquadra nacional em operações de guerra.

Passam-se os dias, e leio agora, no mesmo jornal que defendeu o alistamento de sacerdotes católicos para oficiais a bordo desses navios de guerra nacionais, o seguinte, na sua edição de 9 do mês de janeiro corrente, segunda página, a propósito da situação dos cirurgiões-dentistas nas nossas forças armadas:

Vem a propósito lembrar que é esta magnífica oportunidade para ser reformado também, e devidamente ampliado, o quadro dos dentistas, que entre nós, tanto no Exército como na Marinha, tem sido relegado para um plano quase que humilhantemente inferior. Na Marinha, os dentistas não têm nenhuma espécie de garantias, nem mesmo quando tenham de seguir para a guerra, como sucedeu quando partiu para os mares europeus a divisão naval brasileira, da qual fez parte um capelão com a patente de capitão-tenente com respectivos vencimentos em ouro, e um dentista... sem ter direito a coisa alguma, nem mesmo, legalmente, ao soldo!

Não comento e não faço consideração alguma. Em uma terra em que os seus mais altos poderes políticos e administrativos violam tão claramente a sua lei máxima, a que todos, inclusive eles, devem obedecer, é perigoso reclamar alguma cousa, fazer crítica, a menos que se tenha entre o poder deles e a nossa vida e liberdade, de permeio, o Oceano. Vou ganhando prudência...

Mas, ao jornal, que, em menos de um ano, dá tão palpáveis mostras de ter mudado de opinião, é caso de perguntar, a ele ou aos seus semelhantes:

— Quem será o maluco? Quem será, afinal?

Não há nada como rir-se por último...

[252] Augusto César Lopes Gonçalves (MA 1870 - 1938): senador durante a Primeira República.

Hospital Nacional dos Alienados
"Casarão da Praia da Saudade"

Juliano Moreira (1873 — 1932)

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 81-85)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 134-139)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp.- 450-45)

Rio de Janeiro
Lima Barreto – [s.d.]
Assis Barbosa - [s.d.]
Resende/Valença – *[ABC]* - 04.01.1919

"PROCUREM A SUA JOSEFINA!"

Segundo as crônicas, a vida de Maquiavel [253] não foi daquelas mais bem governadas pelo bom senso. Dizem por aí que ele gostava de conviver com vagabundos e bebericar pelas tavernas de Florença, malvestido e de algibeira pouco provida de dinheiro. Entretanto, saiu-se um dia dos seus cuidados e julgou-se capaz de dar conselhos aos políticos, para a boa governança dos seus estados. Escreveu o *Príncipe*, que ainda hoje é objeto de meditação e estudo, menos para a generalidade dos homens de governo.

Muitos outros homens tem havido, sagrados pela posteridade e pelos dicionários biográficos, que, tendo vivido uma vida muito pouco decente e equilibrada, segundo as regras comuns, não trepidaram em indicar aos homens de Estado o caminho são para estabelecer um governo forte, fecundo e as leis a que devem obedecer com segurança de acertar.

Rousseau foi um deles e até escreveu um tratado geral de ciência política, cujos ensinamentos, sob este ou aquele disfarce, com estas ou outras palavras, perpassam ainda hoje no fraseado das arengas parlamentares e nos sólidos artigos da imprensa política.

É verdade que também Rousseau publicou uma obra sobre a educação das crianças; e este seu livro —*Émile* [254] — provocou de Voltaire a reflexão de que era dever de quem se propunha a tal cousa ser primeiramente bem-educada. Suponho que o patriarca de Ferney [255] se referia ao cidadão de Genebra.

Apesar de não conhecer nenhum modesto e bem-equilibrado funcionário ou honesto negociante que tenha tentado estabelecer as regras da sã política; há, entretanto, homens austeros que, direta ou indiretamente, têm se permitido a liberdade de incutir no espírito dos príncipes normas do bem-governar.

Pessoas autorizadas dizem que Fénelon, no seu *Telêmaco* [256], visou isso, tanto mais que o escreveu "ad usum Delphini", no caso: o duque de Bourgogne. Há mesmo quem vá além e afirme que, nesse seu livro, existem críticas aos processos governamentais e às idéias administrativas de Luís XIV, augusto avô do seu augusto discípulo.

Livro que se lê em menino, logo que se consegue traduzir francês, não é possível a quem não se entrega à exegese de obras célebres da literatura dizer até que ponto tem fundamento a opinião dos que examinaram à luz da vida dos personagens, dos costumes, das medidas de governos contemporâneos, a elas. Os sábios, em resumo, as estudaram, com as respectivas

[253] Niccoló Machiavelli (Florença 1469 — 1527): historiador, poeta, diplomata e pensador político do Renascimento. Reconhecido como fundador do pensamento e da ciência política moderna. Sua obra *O Príncipe* ensina como um Estado deveriam ser governado. A exemplo dos outros renascentistas, Maquiavel retomou os autores e os conceitos da Antiguidade Clássica para desenvolver a sua teoria política. Não foi possível confirmar esse traço biográfico a que Lima se refere, pois, em todas as fontes consultadas, o tecido biográfico se apresenta obscurecido pela análise crítica em torno de seu pensamento política.

[254] *Emíle*, ou *Da Educação*: livro no qual Jean-Jacques Rousseau preconiza a "educação natural" e, através dos relatos da educação de um jovem, acompanhado por um preceptor ideal e afastado da sociedade corruptora, expõe suas concepções sobre educação de crianças, de forma romanceada. É interessante observar que antes de escrever este livro, Rousseau havia entregado a um orfanato os cinco filhos que teve com uma de suas amantes.

[255] Voltaire morou propriedade rural nos arredores da cidade de Ferney durante muitos anos. Durante o tempo que lá viveu, manteve vasta correspondência, com gente de todos os tipos, incluindo governantes; também recebia seus amigos, como por exemplo, o enciclopedista d'Alembert e o filósofo anticlericalista Claude Helvetius (1715 — 1771).

[256] Ver crônica "Carta aberta".

sabedorias, na sua ambiência natural e as localizam na sua época. Nós não podemos fazer o mesmo para discutir com eles.

Li o *Telêmaco*, como toda a gente; mas, hoje, só me lembro de Salento [257]e da felicidade dos salentinos com a emoção simples de menino. Não posso adiantar cousa alguma sobre o que se assegura por aí com relação às censuras, às indiretas, às criticas veladas ao poderoso Rei Sol, existentes no popular romance do obediente prelado que se retratou humildemente do quietismo[258] herético de Mme Guyon [259].

Julgo também que o Padre António Vieira [260] deu por escrito conselhos políticos ao duque de Bragança que foi mais tarde rei de Portugal; mas nunca os li, nem serei capaz de lê-los. Se citei o célebre jesuíta, foi para prestar homenagem a um gênio seminacional e ao seu lídimo português, que é bem outra língua para muita gente, da qual não me envergonho de fazer parte.

Vendo, agora que a idade me chega e a experiência também, que os mais diversos homens, tanto de costumes como de importância social, se haviam animado a aconselhar príncipes, reis, doges, com verdadeiros manuais da arte de governar, eu me lembrei de transmitir aos leitores os preceitos que o meu obscuro amigo Alamiro Viana julgava próprios para fazer um perfeito governante na nossa terra.

Este Alamiro, conquanto tivesse a vida mais honesta que se pode exigir, era incapaz de governar o seu colarinho no pescoço ou a gravata no colarinho; entretanto, sempre o conheci interessado pelas cousas de governo. Ele me expôs as suas idéias, em diversas épocas e ocasiões. Eu, porém, vou resumi-las aqui e expô-las num corpo só, como se assim ele me tivesse feito. Ei-las:

> Essencialmente agrícola e democrático como o Brasil, não era possível que eu tivesse em mira organizar com papel, pena e tinta, o modelo do "Príncipe Perfeito" que lhe fosse adequado. Nós não temos "príncipe"; temos presidente da República. Pela natureza do regímen, deve provir este das camadas médias e atravessar vagarosamente os cargos políticos e administrativos que o ponham em evidência.
>
> Não é de supor que tenha uma grande ilustração nas letras, nas ciências e nas artes. Formado em bacharel ou em outra qualquer cousa, o seu comércio com os livros deve ser pouco a pouco abandonado. Não só porque isto lhe pediria tempo que deve ser mais bem empregado no estudo de cousas eleitorais e no cultivo de relações com pessoas poderosas e decisivas no lugar em que ele começar sendo juiz, promotor ou médico de aldeia, como também os livros lhe tirariam a energia precisa ou dispersá-la-iam quando é seu dever consagrá-la toda num único propósito: subir.
>
> Poderão objetar que o aprendiz de presidente deve ser fácil na palavra, fazer discursos, citar autores políticos e celebridades financeiras, para o que precisa leitura. Para tudo isso, porém, os gastos da carreira não exigem o manuseio de grandes obras e o comércio de tratadistas em vigor. Bastará o emprego da

[257] Salento, ou Península Salentina, conhecido também como o *Taco da Itália*, pois, tem a forma de um salto de bota. É um território localizado no extremo sul da Península Itálica, entre o Mar Jônio ao Oeste e o Mar Adriático ao Leste, neste lugar, Telêmaco viveu alguns de seus grandes desafios. Ver crônica "Carta Aberta".

[258] Quietismo: sistema místico que afirma a inutilidade do esforço humano para a salvação e a santificação. Criado pelo padre espanhol Miguel de Molinos (Esp. 1629 – 1697) no final do século XVII, cujos preceitos opunham-se ao rigor dogmático e moral e disciplinar da vida religiosa dos primórdios do cristianismo, inspirado nas idéias de Santo Agostinho (Agostinho de Hipona: Hipona/África 354 – 430) e do bispo Cornelius Jansen (também conhecido como Jansênio: Bel. 1585 - 1638). Doutrina visivelmente iluminista, o quietismo teve grande repercussão por toda a Europa no século XVIII, foi apontado pela Igreja Católica como herético.

[259] Jeanne-Marie Bouvier de la Motte Guyon (Fr. 1648-1717): educada em conventos, desde pequena demonstrou desejo de ser fiel a Deus. Mas, por ser muito bonita e por ser atraída pelo mundo, muitas vezes esqueceu suas promessas de fidelidade a Jesus. Seguidora de Molinos e considerada perigosa para a fé católica, foi denunciada e presa por meses; o rei Luís XIV pediu pessoalmente ao Bispo Bossuet, o mais famoso clérigo da França, que a interrogasse. Mesmo com seu escritos condenados pelo alto clero católico, Madame Guyon continuou seus ensinamentos e por isso foi encarcerada mais quatro vezes, a última das quais por quatro anos (1694 - 1702).

[260] Ver crônica "Um ofício da A.P.S.A..

sabedoria comum, sem abandonar a leitura constante dos jornais e das revistas vulgares. Uma vez ou outra, entretanto, é conveniente conversar com os malucos que estudam a vida inteira ou ler-lhes apressadamente as maluquices que escrevem.

O principal e mais fecundo ideal do político é não querer fazer nada de útil aos outros e tratar unicamente de si, da sua fortuna pessoal e da família. Não quer isto dizer que não propugne a execução de obras de utilidade geral. Aí, porém, há os seus conformes. Se for vereador de um vilar qualquer, trabalhará para a substituição de um pontilhão de madeira que há na estrada do Itaí, por um outro mais sólido de alvenaria.

Quando o melhoramento se inaugurar, promoverá uma festança: arcos de bambus, foguetes, girândolas, bênção do vigário, discursos, notícias nos jornalecos locais e nos da capital e o barulho da filarmônica local. Entretanto, no cargo de deputado estadual, os projetos devem ser mais platônicos e inócuos, revestindo-os, porém, de uma feição de grandeza e de fecundo em resultados práticos. Por exemplo: autorizará o governo a mandar ao lugarejo em que foi promotor ou clinicou uma comissão para estudar as jazidas de cobre que lá existem.

A comissão irá, ocupará cômodos nos hotéis, namorará as belezas locais, empregará uns camaradas indígenas, fará uns buracos, apresentará um relatório suculento que terá uma grande repercussão. Os matutos esperarão muito tempo a inauguração da exploração em regra que nunca terá início; mas sempre falarão na boa vontade do doutor para obter a prosperidade do município.

A sua influência na Câmara ficará solidificada e os que a tiverem em outras limítrofes procurarão a sua amizade e entendimento político, de modo que, em breve, poderá ele ser deputado federal.

É nesta parte da vida pública que se decidirá a sua ascensão final ao Catete.

Tenho observado que é útil ao deputado, no interesse de sua carreira, não procurar fazer figura no início de sua deputação. Deve evitar dar muito na vista e ter opiniões sobre qualquer assunto. O bom deputado não deve ter opinião sobre cousa alguma, para poder ter toda aquela que for do agrado dos chefes. Dando na vista e afetando opiniões suas, parecerá a estes que o novo parlamentar quer se emancipar deles ou mesmo dominá-los ou dar-lhes o tombo. A prudência e a segurança na sua escalada ao poder pedem que ele receba com o maior acatamento e veneração as ordens, as idéias e as opiniões dos Zés Bezerras ou Pires Ferreiras[261]. Dessa massa é que se fazem os *leaders* das bancadas e saem aqueles deputados que têm as boas graças dos governos. É preciso não esquecer que a Câmara é uma média, além de ser uma "multidão"; e quem nela está ou faz parte, perde muito de próprio e ganha muito pouco.

O deputado novato que se guiar por essas observações e tivê-las sempre em mira como princípio de sua conduta política, não será *leader* na primeira legislatura, mas na segunda sê-lo-á e a sua carreira no parlamento estará feita. É preciso, porém, ter os olhos voltados para um ministério, por isso ele não se deixará anular. Convém que o seu nome saia nos jornais, para isso deve cultivar a amizade dos jornalistas de todas as opiniões do momento, desde os famosos até o mais obscuro. Procure mesmo que os rapazes dos jornais o trocem. Troçado no Rio de Janeiro, é célebre em Santa Efigênia do Roncador. De quando em quando, o nosso futuro presidente deve afirmar a necessidade imperiosa de tratarmos do desenvolvimento da indústria pecuária e do fortalecimento da federação nacional, não permitindo a deturpação do regímen. Tudo isto muito vagamente, sem tocar de frente no assunto. Há, porém, um escolho na vida do político que tenciona chegar à presidência: é o casamento.

Um homem hábil que quiser guindar-se às alturas políticas deve ter muito cuidado com a escolha de sua esposa. Três espécies de casamento podemos estabelecer, para facilidade do nosso estudo: o de fortuna, o de interesse e o primitivo, o natural.

O de amor não se conta, pois esse negócio, dizem os entendidos, só é encontrado fora do matrimônio. Vejamos quais são os característicos das espécies e qual a que é útil ao político.

O de fortuna é aquele em que o cidadão procura na mulher o dinheiro, pois é raro que a mulher procure no homem a mesma cousa, deixando tal propósito para mais tarde, independente do marido. Justiça lhe seja feita!

[261] Joaquim de Lima Pires Ferreira (PI 1869-1958): deputado federal por várias legislaturas desde 1895. Há outros "Pires Ferreira" que ocuparam cargos políticos durante as primeiras décadas do século XX como, por exemplo, Fileto Pires Ferreira e Antônio Sampaio Pires Ferreira.

O de interesse é aquele em que o cidadão enxerga na mulher, pelo seu nascimento ou por suas relações de família, um bom meio de subir e brilhar. As mulheres procuram, às vezes, a última cousa nos maridos.
Quanto à terceira, o nome está dizendo o que é; e não preciso lembrar cousas da época das cavernas, para explicá-la melhor. Casamentos desta natureza são, em raros casos, almejados pelos homens; mas, sempre, pelas mulheres. Coitadas! Nenhuma destas espécies de casamentos convém ao político que tem os olhos voltados para o Catete.
O de dinheiro é bom, se a mulher é completamente idiota. É fácil encontrar um homem idiota, mas uma mulher é muito difícil; é fácil, em compensação, encontrar um homem muito inteligente; mas uma mulher é muito difícil.
A mulher rica que não é idiota, o que quer é dominar o homem, por isso, compra-o. Não o deixará com a liberdade de movimentos necessários ao político de grandes remígios. Não permitirá que afague os chefes influentes e as respectivas famílias, pois leva a sério as suas fumaças de nobreza de armazém... Tudo isto trará dificuldades na ascensão da carreira que ela não sentirá necessária, porque tem o dinheiro "dela" que será o dos filhos. "Ele" que lhe fique às sopas...
O de interesse não dará resultados, porquanto os primeiros passos que tem de dar o político, só pode ser em lugarejos longínquos; e se aí casar-se para ser vereador, talvez, no máximo, consiga ser deputado estadual, não tendo o sogro e os seus parentes valimento para levá-lo mais longe. É melhor não passar nunca dos namoros sem conseqüências e estabelecer com eles os degraus de sua escada.
O primitivo trará a carga pesada da matrona e dos filhos, que se sucederão quase de ano em ano, tolhendo-lhe os movimentos e obrigando-o, por decência, à morrinha enervante do lar. Um político que começa deve viajar no seu caminho aligeirado de cargas e trambolhos morais, materiais, sociais e familiares. De resto, as mulheres adequadas às duas últimas espécies de casamentos são fáceis de contentar. São pouco motrizes, ou nada! Qualquer uma delas está contente em ser segunda, não em Roma, mas em qualquer aldeia. A rica poderá ser mais motriz, mas não o é. O seu ideal é o dinheiro, figurar em uma grande cidade e um deputado pode fazer uma cousa ou outra, sem deixar a Câmara, pensa ela. Fá-lo estagnar, uma e outra.
Não convindo nenhuma mulher dessas três espécies, o político deve encontrar a sua em casamento mais complexo, de natureza muito especial, não esquecendo nunca de ter em vista estes dous princípios que devem guiar a sua vida:

a) fazer fortuna;
b) não ter nenhum propósito de beneficiar a comunhão geral.

No Brasil, observo (não se esqueçam que é o Alamiro que fala) que os políticos, se bem que se guiem por estes dous vitais princípios, não chegam nunca ao ápice da glória de sua carreira, para felicidade deles e para nos dar um espetáculo soberbo da energia humana. Atribuo isto aos seus casamentos desastrosos e indecentemente bacharelescos e burgueses. Quase sempre com eles afastam de si quase todas as *chances* de subir bem alto e dominar completamente. Se casam ricos, causam inveja; se casam por interesse, param, não prosperam; se casam pelo império da natureza, são olhados como mendigos que precisam de bons empregos para manter a mulher e os filhos.
O casamento que convém a um político de longo curso deve ser feito como o de Napoleão com a viúva Beauharnais[262], a Rose do Diretório, que será mais tarde a imperatriz Josefina. Eles, os políticos, devem, como Buonaparte, procurar, nesse negócio de casamento, antes "trouver 1'amour tout fait que 1'amour à faire".

[262] Marie Josèphe Rose Tascher de la Pagerie Beauharnais (Martinica 1763 – Fr. 1814)): primeira mulher do imperador Napoleão Bonaparte, tinha esse nome devido ao seu primeiro casamento com Alexandre François Marie de Beuaharnais, que morreu decapitado em 1794, durante o regime do Terror da Revolução Francesa. A então viúva Josefina passou a relacionar-se com figuras da alta política francesa vindo a conhece o então famoso General Napoleão Bonaparte em 1795. Josefina logo caiu nas graças da burguesia e foi bem recebida nas cerimônias em que acompanhou Napoleão. Vários políticos da época influenciaram a união dos dois. Em Janeiro de 1796, Napoleão, seguindo o conselho dos amigos, pediu sua mão em casamento e a cerimônia foi realizada em março do mesmo ano. Napoleão a chamava de Rose, a partir da coroação dos dois como Imperador e Imperatriz da França, passou a chamá-la de Josefina.

> Entendam bem. Rose, na sua atroz e dourada miséria, julgava que o corso tinha dinheiro, à vista dos ricos presentes que lhe oferecia; e Napoleão necessitava dela, já por supô-la com alguma fortuna na... Martinica, já pelos seus vitoriosos e infalíveis préstimos junto aos poderosos do dia.
> Todos os dous precisavam de dinheiro e um esperava encontrá-lo com o auxílio do outro.
> Conta Barras, nas suas *Memórias*[263], então todo-poderoso diretor da República Francesa, que Bonaparte lhe dissera: "Les femmes sont bonnes à quelque chose en cê monde; elles sont plus serviables que lês hommes".
> É preciso, como Napoleão, para afastar os obstáculos de uma grande carreira, arranjar uma mulher *serviable* como Josefina, que o foi generosamente para Hoche, generosamente para a ordenança deste e generosamente para *tutti quanti*, como diz Barras.
> As mulheres desta espécie têm os predicados de educação das ricas, com a superioridade de tê-la feito objetivamente na vida; têm as vantagens das mulheres que, pelas suas relações, podem fazer subir o marido; têm as qualidades requintadas das mulheres primitivas, sem o trambolho dos filhos. Sabem escamoteá-los... Demais, possuem a ambição, não lhe dando limite algum; conhecem toda a espécie de homens de alto a baixo, sabendo como ferir, um por um, na sua corda sensível; e, finalmente, unem-se comercialmente na esperança de lucro avultado, que cada um por si não poderia obter. São motrizes e operatrizes, para resumir afinal.
> O destino do general Buonaparte, que até ali era um general de rua, uma espécie de delegado de polícia agaloado, e não conseguira obter um comando-em-chefe, uma comissão importante, apesar de todo o empenho de Barras, vai mudar, logo que conhece a Rose do Diretório. Trata casamento com a faiscante viúva do general Beauharnais, trouxe-a a conferência com Barras num gabinete secreto, espera-a na ante-sala; o diretor não deixa o manto nas mãos da futura imperatriz e está o nosso homem no caminho do domínio político, da fortuna e, por quebra, da glória. Ei-lo feito general-em-chefe, tendo vencido a desconfiança jacobina do honesto Carnot[264].
> Na véspera do seu embarque, para assumir o comando do exército da Itália, à custa da República Francesa, enche de dinheiro, de mobílias, de cavalos, de carruagens, a sua esposa, "qui", conta ainda Barras, "des longtemps exercée à cê genre de métier, savait faire de 1'argent".
> Os nossos principiantes políticos não devem esquecer que Buonaparte nasceu na maior miséria; que sua mãe e irmãs, quando ele andava no exército, em cargos subalternos, viveram em Marselha e outros lugares, da caridade pública e privada; e que, afinal, ele veio a passear a cavalo a Europa toda, como vencedor, e ainda hoje atormenta o mundo e é aclamado como grande general e extraordinário político.

Quando Alamiro me disse isto, olhou, um por um, os retratos e quadros de sua modesta biblioteca e me disse:

— Não admiro Napoleão; é um tipo negativo, teatral e grosseiro. E da espécie de teatro dos grandes lances, dos berros e grandes gestos. Dos tipos negativos, o que admiro, é aquele.

Apontou um busto em gesso que havia entre duas estantes. Perguntei:

— Quem é?

[263] Paul-Jean François Nicolas Barras (Fr. 11755-1829): político corrupto e amoral, ex-oficial do exército que viu sua chance ao se aproximara do jovem e ambicioso Napoleão Bonaparte no cerco de Toulon. Mesmo tendo sido amante de Josefina, tornou-se um dos principais mentores de Bonaparte.

[264] Lazare Nicolas Marguérite Carnot (Fr. 1753 - 1823): político, matemático e geômetra francês de origem burguesa. Como militar fez carreira e destacou-se como ativa personalidade da Revolução Francesa.

- É o imperador Juliano [265]. É o mais puro dos negadores; é aquele que soube, sem baixezas ignóbeis, discretamente, modelar a sua vida no seu ideal. "Venceste, Galileu!" Que se há de fazer?

Depois acrescentou:

- Admiro, entretanto, muito Josefina. Vou mandar pôr no quadro a reprodução, em heliogravura, do seu retrato por Isabey [266].

Este diálogo talvez nada adiante aos políticos, mas um ensinamento ainda surge dele: procurem a sua Josefina.

Pormenor do painel "A coroação de Josefina" por Jacques Louis David

Caricatura de 1805 de Barras sendo entretido por duas mulheres nuas, Mme. Thérése Tallien e Josefina de Beauharnais, ambas amantes de do político Francês

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:

Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 87-93)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:

Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 141-150)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp.- 437-444)

[265] Flávio Cláudio Juliano, ou simplesmente, Imperador Juliano - O Apóstata (Constantinopla 331 - 363): último imperador pagão do Império Romano. Reinou apenas 20 meses e ficou marcado pela pretensão de harmonizar a cultura e a justiça com os valores da antiga religião pagã de Roma.

[266] Jean-Baptiste Isabey (Fr. 1767 - 1855): artista francês escolhido para ser o pintor da corte de Napoleão Bonaparte. Alguns historiadores atribuem a Isabey o desenho do vestido que Josefina usou na sua coroação.

"SÃO CAPAZES DE TUDO..."

> "E quando ouvirdes falar de guerras, e de tumultos, não vos assusteis: estas cousas sim devem suceder primeiro, mas não será logo o fim."
>
> *São Lucas*

Felizmente, agora pode-se falar com certa liberdade da guerra que findou, sem incorrer nas iras do governo nem provocar as censuras do patriotismo ardente do Senhor João Laje [267].

Temi sempre as primeiras e nunca quis que, clara ou tacitamente, o Senhor João Laje do Charuto, pela boca alcídica dos seus sociólogos contratados, fosse levado a lançar-me a excomunhão maior do alto do seu sólio de papa do patriotismo brasileiro.

Nunca fui patriota; mas, para a segurança da minha vida e ter a liberdade que ainda os magnatas concedem a todos, de andar pelas ruas da cidade, durante os quatro anos de guerra, se não fiz alarde de um patriotismo falso, nada disse que pudesse melindrar os iniciados na religião da pátria que oficiam no casarão da Rua Larga [268] ou nas colunas dos jornais.

No começo da contenda européia, dei a minha adesão à Liga pelos Aliados [269]; mas, desde que ela desandou, aproveitando-se da simplicidade de muitos e da cumplicidade de alguns, em escritório de anúncios de carnes frigorificadas, e outros gêneros de primeira necessidade, julguei do meu dever não dar mais nenhuma palavra de apoio a semelhante instituição que, quando não era quarta página de jornal, se transformava em sociedade musical e dançante ou em clube dramático, recreativo e literário.

Não sendo patriota, querendo mesmo o enfraquecimento do sentimento de pátria, sentimento exclusivista e mesmo agressivo, para permitir o fortalecimento de um maior que abrangesse, com a Terra, toda a espécie humana, desejei muito a derrota da Alemanha, que, sempre retardada politicamente, era ainda a região do globo onde a superstição patriótica se havia quintessenciado com um aparelho guerreiro levado à máxima perfeição, graças às características do povo e às aptidões do seu pensamento, para as pesquisas especializadas e demorados trabalhos que exigem paciência na inteligência. A queda da Alemanha representava para mim um golpe dado no "patriotismo", que, tendo sido um sentimento fecundo em outras épocas, hoje não era mais do que um instrumento nas mãos dos burgueses para dominar as massas e explorar toda a terra em seu proveito, matando a rodo com outras mãos, saqueando, acumulando riquezas como nunca tirano asiático pôde ter.

Julgava, então, que os adversários da Alemanha não se deixassem explorar pelos corvos da finança, da indústria e do comércio, mas bem cedo eu vi que me enganava.

O próprio Brasil, que, por prudência, se devia ter mantido neutro na contenda, embebedou-se com discurseiras, deixou a sua filosofia bonancheirona de matuto e meteu-se na guerra

---

[267] João de Souza Lage (Port.?): proprietário do jornal *O Paiz*. João Lage era conhecido como um grande perdulário no plano privado, contudo, como proprietário de jornal explorava ao máximo os seus colaboradores, pagando muito mal por seus serviços. Como homem de imprensa, era muito exigente com a verdade, mesmo se a notícia a publicar fosse verdadeira, só ia para as páginas do jornal com sua aprovação.

[268] Até 1903 existiam no Rio de Janeiro as Rua Larga e a Rua Estreita de São Joaquim que se encontravam em frente da Igreja de São Joaquim. Durante a reforma urbana foram convertidas em uma única rua, ligando a Cidade Nova ao mar, através da Rua Visconde de Inhaúma. Becos e travessas, inclusive a Igreja de São Joaquim, foram demolidos para surgir a Avenida Marechal Floriano Peixoto, mas até hoje é conhecida como Rua Larga. Nela eram localizados: o Colégio Pedro II, o prédio da antiga sede da Transway, Light and Power Company Limited e o Palácio do Itamarati, casarão ao qual Lima se refere.

[269] Lima se refere á "Tríplice Entente", que na I Guerra era formada pelo Império Britânico, França e Império Russo, em oposição à "Tríplice Aliança" composta por Alemanha, Império Austro-Húngaro e Império Otomano.

para tomar os navios mercantes alemães, passá-los a outras mãos, vender café, a fim de dar lucros e comissões avultadas a certos espertalhões fartos que chamam todos os mais de vagabundos.

Demais, não podia continuar a dar o insignificante apoio do meu nome a uma associação, a tal Liga, quando os Estados Unidos da América do Norte entraram na guerra, com aquela arrogância e ares de mata-mouros que lhes são próprios.

Desprezando, por ora, todas as razões de ordem pessoal que julgo sinceramente e perfeitamente legítimas, os meus motivos para detestar semelhante país eram os mesmos que eu tinha para querer o aniquilamento político da Alemanha.

A sua vaidade patriótica, os seus processos cavilosos e dúplices com os mais fracos, o seu amor ao *Kolossal,* a sua estúpida concepção de domínio político ao jeito do defunto Império Romano, a meus olhos, faziam da república de Washington um equivalente americano da Germânia de Bismarck.

A guerra, com a entrada deles, deixava de ter para mim a significação de um imenso sacrifício doloroso para atingirmos tempos melhores, passando a ser uma guerra como todas as outras.

O Brasil, então, como sempre o Brasil republicano, tratou logo de desmanchar-se em zumbaias covardes à megatérica organização política do norte do continente.

Quebrou a sua neutralidade, sem nenhuma justificativa, em favor dos americanos e do seu almirante Caperton, que, segundo a *Revista Americana,* possui na Marinha dos Estados Unidos a triste especialidade de interventor nas nossas pobres repúblicas mais ou menos escuras.

Em seguida, sempre a reboque da América do Norte, declarou guerra à Alemanha, tornou-lhes os navios mercantes, etc., etc.; e não arranjou dinheiro.

Falo, sem temor, dessas cousas da política internacional porque conheço o estofo dos pedantes que a querem fazer cousa transcendente. Eles o que pretendem é tapar o sol com uma peneira; e, nesse caso dos Estados Unidos, disfarçar a sua falta de hombridade, de decoro, de vergonha, de orgulho, com um palavreado oco e parlapatão. Não há livros verdes ou de todas as cores do arco-íris que possam negar a triste e ignominiosa verdade de que o Brasil é e está sendo caudatário desavergonhado da América do Norte.

Nunca foi dos nossos hábitos administrativos dar essas denominações coloridas aos nossos relatórios ministeriais; mas, desde que o Senhor Rio Branco ou Silva Paranhos [270] meteu-se no Itamarati, o Brasil se "endomingou", tomou atitudes escolhidas, assim como o copeiro do meu estimável confrade Ataulfo de Paiva [271] faz, com o auxílio das roupas que lhe dá o desembargador, quando vai ver as crioulas, no circo, pelas tardes dos dias de descanso semanal.

Já disse Rui Barbosa que não é certo chamar chanceler o ministro do Exterior [272]. Consultei eu dicionários e fiquei convencido de que há nisso grande bobagem. O Itamarati, porém, nada enxerga dentro do Brasil, nem mesmo as cousas elementares da língua que deve falar. Ele faz e desfaz "as diplomacias da Lua"; e é bem possível que o tal livro verde seja simplesmente pardo.

Não é, porém, ocasião para analisar as cousas do antigo palácio do Menino de Ouro, com o Senhor Domício da Gama [273], o das "Meias-Tintas", ou sem ele. É assunto para mais tarde, tanto mais que ainda não lhes disse a que vieram essas considerações.

Li há dias que, numa cidade extrema do Norte, a sua população, como prova de reprovação ao ato do governo não nomeando Rui Barbosa para a conferência de Versailles,

---

[270] José Maria da Silva Paranhos Junior - Barão de Rio Branco (RJ 1845 — 1912): diplomata, geógrafo e historiador. Ministro das Relações Exteriores no governo de Rodrigues Alves, sua maior contribuição ao país foi a consolidação das fronteiras brasileiras, em especial por meio de processos de arbitramento ou de negociações bilaterais.

[271] Ataulfo Nápoles de Paiva (RJ. 1867 —1955): advogado, magistrado e orador. No Rio de Janeiro, ocupou os cargos de pretor, juiz do Tribunal Civil e Criminal e presidente da Corte de Apelação do então Distrito Federal. Foi ministro do Supremo Tribunal Federal.

[272] "Chanceler" – em alguns países, notadamente nas Repúblicas Parlamentaristas, é título do Chefe de Estado; em outros, dá-se ao Ministro das Relações Exteriores.

[273] Domício Afonso Forneiro (RJ. 1862 —1925): conhecido por Domício da Gama, foi jornalista, diplomata e escritor brasileiro. Por escolha do Barão do Rio Branco sucedeu a Joaquim Nabuco na Embaixada do Brasil em Washington, ficando lotado neste cargo de 1911 a 1918. Ao ser celebrada a paz européia pelo Tratado de Versalhes em 1919, como ministro das Relações Exteriores do Presidente da República, teve pretensões de representar o Brasil naquela conferência, propósito que suscitou divergências na imprensa brasileira.

organizou uma procissão de desagravo em que figuravam o retrato desse eminente homem público nacional, do Marechal Foch [274] e de Wilson.

Não tenho nada a reparar que os meus concidadãos de tão longínquas paragens tenham em grande conta os dous primeiros homens; mas o terceiro - por quê?

Nós os brasileiros temos muito poucas informações do que é a política dos Estados Unidos. Supomos que Wilson seja assim um homem do *Poder da vontade* [275] que chegou até à posição em que está, pelo seu único esforço. Em outros países, é possível isto; porém, nos Estados Unidos, mais do que em nenhum outro, a cousa é impossível. A política lá é negócio e os representantes políticos da nação, se não são homens de negócio, representam tais homens. Uma eleição custa fortunas e só sindicatos de argentários podem custeá-las.

Wilson ou outro qualquer, quando fala bonito do alto daquele Capitólio Pele-Vermelha, representa um *trust* financeiro ou quer que seja, e julga os interesses do mundo através do prisma dos interesses desse *trust.* Não há nada de ideológico nas suas palavras ou, melhor, nas suas intenções. Ele doura a pílula unicamente e é todo atual e interesseiro como os vendedores da pomada vienense [276], ali, na Rua do Ouvidor.

Certamente, tendo tais intuitos de *réclame* literário, os políticos negocistas americanos não iriam pôr na Casa Branca um sujeito que não soubesse perorar, que não conhecesse a arte de enfeitar lugares-comuns e fosse dizer aos seus patrícios e aos estrangeiros que o que eles querem é ganhar dinheiro, enfraquecer os outros povos e sangrá-los. Procuram um bom discursador porque, apesar de sermos um país de oradores, os americanos práticos, mais do que nós outros, dão tudo por um discursozinho.

Wilson, portanto, deitando essas discurseiras filantrópicas pelo mundo, não está senão fazendo propaganda de alguma marca de máquinas de escrever ou preparando terreno para aumentar o território do seu país.

É dos nossos dias os generosos propósitos *yankees* com relação a Cuba. Vimos como a América do Norte promoveu traiçoeiramente a guerra com a Espanha; vimos como ela a derrotou; vimos como se apoderou de Porto Rico e das Filipinas; e estamos vendo o que é a independência de Cuba! E o Havaí? [277]

Nós, porém, nos julgamos privilegiados e imunes de semelhantes favores. Batemos palmas aos americanos, damos-lhes bailes, enquanto eles não nos oferecem mais belos, mais grandiosos e estrambóticos, em palácios faraônicos que hão de construir nos nossos recantos pitorescos ou nos fazem descer dos bondes de primeira classe. País feliz...

Eduardo Prado escreveu documentadamente a *Ilusão americana* [278]. Floriano apreendeu-lhe a primeira edição, visando "interpor-se entre o escritor e o seu escasso público". Não foi ele que se interpôs. Foi a tolice nacional, a falta de visão de todos nós, a incapacidade de fazermos um

[274] Ferdinand Foch (Fr. 1851 – 1929): militar francês que comandou as forças da "Tríplice Entente" em 1914. Em 1917 assumiu o cargo de Chefe de Estado-Maior do Exército Francês, fator decisivo para a vitória da "Tríplice Entente" na I Guerra Mundial.

[275] Lima se refere, talvez, à ideia de "Vontade de Poder" de Nietzsche. A vontade de poder, ou de domínio de potência, não é somente uma essência, mas uma necessidade que não conhece causas, e por isso, está sempre criando novas máscaras para se esconder do apelo constante e sempre renovado da vida.

[276] "O doutor Gedeão, porém, não pôde aceitar o convite, pois a sua atividade mental anda agora norteada para a descoberta da composição da Pomada Vienense, específico muito conhecido para a cura dos calos." Trecho do conto de Lima Barreto "A nova Califórnia".

[277] No final do século XIX os EUA começaram a demonstrar forte interesse pelo Golfo do México, especialmente por Cuba, então grande produtora mundial de açúcar. A partir de 1895, os EUA passaram a apoiar abertamente os processos de independência de Cuba e das Filipinas em relação à Espanha. Este apoio acabou por gerar um conflito que ficou conhecido com Guerra Hispano-Americana, marco inicial dos EUA como potência militar.

[278] Eduardo Paulo da Silva Prado (SP. 1860 — 1901), jornalista, publicista e escritor. Monarquista convicto, com a proclamação da República no Brasil, em 15 de novembro de 1889, passou a combater, em livros e jornais, os atos praticados pelo governo republicano. Eça de Queirós, diretor da *Revista de Portugal*, abriu-lhe as páginas desse periódico para uma série de artigos, publicados com o pseudônimo de Frederico de S., que foram reunidos no livro *Fastos da ditadura militar no Brasil*. Eduardo Prado também prestou sua colaboração para *A Década Republicana*, obra que congrega os mais destacados monarquistas brasileiros. Em a *Ilusão Americana* (1895), combateu a interferência dos EUA nas recém-proclamadas repúblicas latino-americanas; livro polêmico, que teve a sua primeira edição apreendida pelo governo brasileiro.

julgamento por nós mesmos e a necessidade de irmos buscá-los nos nossos grandes jornais sem sinceridade e independência.

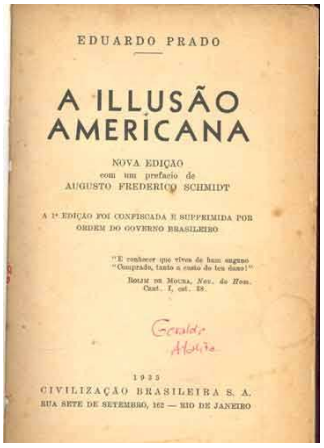
Se lêssemos os autores corajosos, sinceros e honestos, veríamos bem que os processos políticos dos Estados Unidos são os mais ignóbeis possíveis; que eles têm por todos nós um desprezo rancoroso e humilhante; que quando falam em liberdade, em paz e outras cousas bonitas, é porque premeditam alguma ladroeira ou opressão. Menos cavalheiros que a Alemanha, enchem-se de disfarces...

Para finalizar, vale a pena lembrar a guerra do México, não esquecendo que os Estados Unidos se opuseram oficialmente, oficialmente, durante muito tempo, que a Espanha fizesse a emancipação da escravatura em Cuba.

Sobre a guerra do México, diz Eduardo Prado, na sua *Ilusão americana:*

> A má-fé do governo de Washington começou com a questão do Texas. Fomentou quanto pôde a revolta daquele território, animando-o a separar-se do México, para mais depressa absorvê-lo, e depois declarou a guerra ao México, verdadeira guerra de conquista, humilhou aquela república até ao extremo e arrebatou-lhe a metade do seu território. Ó fraternidade!

O que, entretanto, Eduardo Prado não diz, mas se pode ler nos *Études Morales et Politiques,* de E. Laboulaye [279], é o verdadeiro fito dessa guerra criminosa. Os estados do sul dos Estados Unidos, escravagistas, temendo perder a maioria que tinham no Senado americano, fomentaram a insurreição do Texas[280], que foi afinal anexado aos Estados Unidos, dividido em estados, dando estes ao Senado representantes perfeitamente escravocratas. Não havia, portanto, perigo de passar nenhuma lei que acabasse com a escravidão; mas, não contentes com isso, conseguiram que a União declarasse a guerra, para obter mais territórios e, vencedores, restabeleceram a escravidão, onde o governo do pobre México já a tinha abolido desde muito. Eis aí o que foi a guerra do México. Parece incrível; mas não é e nem parecerá sê-lo quando se sabe que os "sociólogos" americanos daquelas épocas foram buscar no Novo Testamento base para justificar a escravidão. Sabem onde? Na tocante epístola de São Paulo a Filémon [281]. Eles são capazes de tudo..



Eduardo Prado e
Capa de *A ilusão americana*

[279]Edouard René Lefebvre de Laboulaye, conhecido por Edward Laboulaye (Fr. 1811 - 1883): advogado e político francês; senador vitalício na Terceira República. Americanófilo, escreveu vários livros sobre os Estados Unidos da América do Norte e foi o mentor da ideia de se oferecer uma estátua que representando a "Liberdade" para este país.

[280] Lima se refere à Rebelião do Álamo, em 1836 no Texas, na qual os exércitos mexicanos esmagaram um movimento pró-secessão, de norte-americanos residentes nesse lugar. Com exceção de algumas mulheres, crianças e escravos, todos os participantes da rebelião foram mortos. No mesmo ano, o Texas tornou-se uma república independente do México; nove anos depois, em 29 de dezembro de 1845, tornou-se o vigésimo oitavo estado norteamericano.

[281] *Filemon* (ou *Filémun*) é uma das epístolas do Novo Testamento. Faz parte do chamado *corpus paulinum,* o grupo de cartas escritas pelo apóstolo Paulo. A epístola apresenta dois temas principais:: a necessidade do perdão, e a escravidão como um problema social. Quanto à segunda questão, Paulo não propõe uma subversão, mas sim uma mudança interior de atitude em relação às instituições sociais da época.

Fachada do Palácio do Itamaraty – Rio de Janeiro

José Maria da Silva Paranhos Filho
Barão do Rio Branco

Rua Larga de São Joaquim

Rua Estreita de São Joaquim.

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 95-99)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 151-156)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp.- 445-459)

Rio de Janeiro
Lima Barreto – 1-3-1919
Assis Barbosa – 1-3-1919
Resende/Valença - *Revista Contemporânea]* 01.03.1919

"SOBRE O MAXIMALISMO"

Em 11 de maio do ano passado, na revista *A.B.C.*, desta cidade, na qual durante muito tempo colaborei, tive ocasião de publicar um longo artigo — "No ajuste de contas" - que as bondosas pessoas que o leram tacharam-no logo de manifesto maximalista. O artigo não tinha esse pomposo intuito, mas, sendo tomado por tal, eu deixei que ele assim corresse mundo e fui desde logo classificado e apontado como maximalista. Quando houve o motim de 18 de novembro, estava no Hospital Central do Exército, havia perto de quinze dias; mas, assim mesmo, espantei-me que o trepoffismo [282] da Rua da Relação [283] não quisesse ouvir-me a respeito.

Desde esse artigo, muito de longe tenho tocado nessa questão de maximalismo; mas, lendo na excelente *Revista do Brasil* [284], de São Paulo, o resumo de uma conferência do eminente sociólogo argentino, Senhor doutor José Ingenieros [285], lembrou-me voltar à carga, tanto mais que os nossos sabichões não têm nem uma espécie de argumento para contrapor aos apresentados pelos que têm meditado sobre as questões sociais e vêem na revolução russa uma das mais originais e profundas que se tem verificado nas sociedades humanas. Os doutores da burguesia limitam-se a acoimar Lenin, Trotski e seus companheiros de vendidos aos alemães.

Há por aí uns burguesinhos muito tolos e superficiais, porém, que querem ir além disto; mas cuja ciência histórica, filosófica e cuja sociologia só lhes fornecem como bombas exterminadoras dos ideais russos a grande questão de tomar banho e a de usar colarinho limpo.

Estes meninotes, *ad instar* Eça de Queirós [286], repisam essas bobagens com ares petronescos [287] de romanos da decadência que jantam no Novo Democrata, faltando-lhes até um bocadinho de energia viril para arranjar um emprego nos Correios.

Os ricaçozinhos que lhes repetem as sandices esquecem-se que, quando os pais andavam nos fundos dos armazéns e dos trapiches, a trabalhar como mouros para conseguir as fortunas que eles agora nem as gozar sabem, mal tinham eles tempo para lavar o rosto, pela manhã, e, à noite, os pés, para deitarem-se. Foi à custa desse esforço e dessa abnegação dos pais que esses petroniozinhos agora obtiveram ócio para bordar vagabundamente almofadinhas, em Petrópolis, ao

[282] Ver crônica "Vera Zassulitch".
[283] Lima se refere ao antigo Palácio da Polícia que se situava nº. 40 da Rua da Relação; via pública do centro da cidade do Rio de Janeiro inaugurada em 1910. A Rua da Relação recebeu esse nome porque esse prédio ficava na esquina da Rua do Lavradio, onde funcionava a segunda instância de justiça da colônia, denominada Tribunal da Relação do Império.
[284] *Revista do Brasil*: periódico no qual Monteiro Lobato costumava colaborar e que em 1918 se tornou o proprietário. Era o espelho das idéias de Lobato, suas páginas eram dedicadas ao resgate dos valores da cultura nacional e discussão dos principais problemas brasileiros.
[285] Giuseppe Ingenieri (Ita. 1877 — Arg. 1925): ítalo-argentino, médico, psiquiatra, escritor, professor universitário, filósofo e sociólogo. Representante destacado do pensamento positivista, foi também um dos fundadores do socialismo na Argentina. Mesmo sem ter participado organicamente de atividade político-partidária, destacou-se pela influência que exerceu sobre os estudantes argentinos que protagonizam a Reforma Universitária em 1918. Sua obra de maior destaque é *Evolução das idéias argentinas*, indispensável para o entendimento do desenvolvimento histórico da Argentina como nação.
[286] José Maria de Eça de Queirós (Port. 1845 – Fr. 1900): diplomata e escritor muito apreciado em todo o mundo. É considerado um dos maiores escritores da língua portuguesa de todos os tempos. Colaborou para inúmeros órgãos de imprensa de Portugal, entre eles, *Gazeta de Portugal*, *Revolução de Setembro*, *Renascença*, *Diário Ilustrado*, *Diário de Notícias*. Lima tinha três volumes de "As farpas", crônicas publicadas em fascículos em 1871, e também das "Conferências do Cassino", escritas por Eça de Queirós em parceria com Ramalho Ortigão.
[287] Relativo a Petrônio (27-66 a.C.): escritor romano, mestre na prosa da Literatura Latina, satirista notável, autor de *Satíricon*.

lado de meninas deliquescentes [288]. Hércules caricatos aos pés de Onfales [289] cloróticas [290] e bobinhas.

A argumentação dessa espécie de insetos ápteros, cujos costumes e inteligência estão à espera de um Fabre [291] para serem estudados convenientemente, dá bem a medida da mentalidade deles.

Os que são ricos, de fato, e aqueles que se querem fazer ricos, à custa de um proxenetismo familiar qualquer, sentindo-se ameaçados pelo maximalismo, e tendo por adversários homens ilustrados, lidos, capazes de discussão, deviam, se tivessem um pingo de massa cinzenta no cérebro, procurar esmagar os seus inimigos com argumentos verdadeiramente científicos e hauridos nas ciências sociais. Não fazem tal, entretanto; e cifram-se em repetir *blagues* do Eça e coisas do popular *Quo Vadis* [292].

"Non ragioniam di lor, ma guarda e passa..."

Deixemo-los, portanto; mas o mesmo não se pode fazer com o articulista de fundo do *O País,* que toda a gente sabe ser o Senhor Azevedo Amaral [293]. Este senhor, de uma hora para outra, adquiriu, nos centros literários e jornalísticos do Rio de Janeiro, uma autoridade extraordinária sobre essas questões sociais. Não quero negar-lhe valor; ela, a autoridade, era justa até certo ponto; mas vai se tornando insolente, devido ao exagero dos admiradores e sicofantas da ilustração do Senhor Azevedo Amaral.

O Senhor Azevedo Amaral é hoje o assessor ilustrado do Senhor João Laje, no *O País;* é o seu consultor para as cousas de alta intelectualidade, que demandam leituras demoradas, o que o Senhor Laje não pode fazer, pois anda sempre atrapalhado com intermináveis partidas noturnas de *poker* e, de dia, com as suas manobras do gênero jornalístico, nacional e estrangeiro. É o Senhor Amaral quem fala pelo Senhor Sousa Laje a respeito da grande política, das questões econômicas e sociais; e fala com a segurança de sua fama, com a irresponsabilidade do anonimato e com o desdém pelos seus prováveis contraditores que só o podem atacar pelas pequenas revistas e jornais obscuros, aos quais ninguém dá importância. O Senhor Amaral escreve no O *País,* órgão da burguesia portuguesa rica do Rio de Janeiro, do Banco Ultramarino, do Teixeira Borges, que está sempre a navegar de conserva com as nossas esquadras, do Souto Maior & Cia., do visconde de Morais, etc.; e, sendo todos os grandes jornais mais ou menos isso, isto é, órgãos de frações da burguesia rica, da indústria, do comércio, da política ou da administração, é bem de ver que um artigo maximalista não terá publicidade em nenhum deles. Dessa forma, pode o Senhor Amaral dizer o que quiser, impunemente, sem arriscar-se a polêmicas que lhe arranhem a reputação literária. É invencível e invulnerável. Desiludido.

---

[288] Decadentes.

[289] Hércules é um semideus da mitologia grega, nascido dos amores de Zeus com a mortal Alquimena. Célebre pelos doze trabalhos que precisou fazer, devido às suas fraquezas em relação à Hera (esposa de seu pai). Tresloucado de amor, matou sua esposa Mégara e seus três filhos; contudo, deprimido com sua infâmia, passou um ano fiando aos pés de Onfales, rainha da Lídia. O mito de Hércules e Onfales significa a beleza dominando a força.

[290] Anêmicas.

[291] Jean-Henry Casimir Fabre (Fr. 1823 — 1915): botânico, naturalista e escritor francês. É mais conhecido por suas descobertas no campo da entomologia, o estudo dos insetos; considerado por muitos como o pai da entomologia moderna. Escreveu uma série de textos sobre insetos e aracnídeos que são conhecidos coletivamente como o *Entomologiques Souvenirs.*

[292] *Quo Vadis*: título da obra literária do escritor polonês Henryk Sienkiewicz (1846-1916), publicada em 1895 em jornais poloneses e em livro em 1896. Romance histórico, narrado nos tempos do imperador romano Nero, foi traduzido para mais de 50 línguas.

[293] Antonio José do Azevedo Amaral (? 1881- 1942): médico, atuante no jornalismo, escreveu sobre questões política relacionadas ao Estado autoritário.

Quando, em 22 de novembro de 1918, ele disse que Jean-Jacques Rousseau era anarquista ou que o anarquismo tinha origem na "filosofia sentimental e chorosa" (chapa n° l.783) do autor do *Contrato social,* eu, dias depois, pela revista *A.B.C.,* emprazei-o a demonstrar tal cousa. [294]

Habituado, sempre que posso, a ir às fontes, nunca tinha encontrado, na leitura das obras de Rousseau, semelhante espírito, nem mesmo a mais tênue tendência para o anarquismo.

Rousseau, ao contrário, é um crente da Legislação e do Estado, que organiza como uma máquina poderosa, para triturar o indivíduo, cujas atividades de toda a ordem devem ser marcadas por leis draconianas [295]. Jean-Jacques, como toda a gente sabe, era um grande admirador do despotismo do Estado, existente em Esparta, a que houve de fato ou a que está nas vidas dos seus heróis, Licurgo [296], Agesilau [297], etc., contadas por Plutarco [298]. Houve até quem dissesse que ele era um duro Calvino [299] leigo. Como esse seu espírito está longe do anarquismo!

No *Contrat Social,* liv. II, cap. VII, tratando "Do Legislador", ele diz textualmente: "II faut, en un mot, qu'il (o legislador) ôte à l'homme sés forces propres", etc.; e no período seguinte:

> *Plus ces forces naturelles sont mortes et anéanties, plus lês acquises sont grandes et durables, plus aussi l'institution est solide etparfaite: en sorte que si chaque citoyen nest rien, nepeut rien que par tous lês autres, et que Ia force acquise par lê tout soit égale ou supérieure à Ia somme desforces naturelles de tous lês individus, on peut dire que Ia législa-tion est au plus hautpoint de perfection quelle puisse atteindre.*

Estão nestas palavras consubstanciado o ideal do autor das *Confessions,* no tocante à política. Ele é um crente na eficácia do Estado e da Legislação; e não há autor anarquista que seja capaz de subscrever tais palavras. Não há um, e com razão, que não negue o Estado e duvide da eficácia da Legislação. Em geral, o que o anarquismo quer é soltar os homens, deixá-los agir livremente, sem leis, nem regulamentos, ou peias legais quaisquer, para que, pela livre e autonômica ação de cada uma das forças individuais, em virtude da simpatia que nos solicita, uns para os outros, se obtenha naturalmente o equilíbrio de todas as forças e atividades humanas.

Como é então que o Senhor Amaral, sociólogo *ad hoc* do Senhor João Laje e do capitalismo cínico de que este é órgão, escreve um trecho como este? Vejam só:

A esse ideal novo de força, de ação e de trabalho, o anarquismo, refletindo os últimos vestígios da filosofia sentimental e chorosa do autor do *Contrato social,* vem opor a utopia desvirilizada de um mundo, enervado pela supressão da luta e da concorrência que elimina os fracos e os incapazes, e de uma terra adormecida na placidez estéril do nirvana da preguiça universal.

---

[294] Ver a crônica "Da minha cela".
[295] Ver a crônica "No ajuste de contas".
[296] Licurgo: lendário legislador de Esparta. Não se tem certeza se viveu no século IV ou V a. C.. Pouco se sabe sobre esta personagem da história da Antiguidade Grega, mesmo na sua biografia, escrita por Plutarco, não fica claro se era homem ou um deus, um rei ou um tutor de reis.
[297] Agesilau: há dois reis da cidade-Estado grega de Esparta com esse nome. Agesilau I de 820 a.C. até 790 a.C e Agesilau II de 400 a.C. a 360 a.C., o primeiro da dinastia Agída e outro da Euripôntida. Lima deve se referir ao segundo, pois, está em acordo com período que teria vivido Licurgo.
[298] Ver crônica "Da minha cela".
[299] João Calvino (Fr. 1509 — Suíça 1564): teólogo que se insurgiu contra as práticas liturgia e das indulgências plenárias da Igreja Católica. Depois que foi excomungado, exerceu grande influência durante a Reforma Protestante. A prática da religião protestante que pregou, e viveu, tornou-se conhecida pelo nome Calvinismo, que era repudiado pelo próprio Calvino. Entre as principais idéias que Calvino pregava, estava a de que os homens só seriam salvos pela graça de Deus e, além disso, apenas alguns eleitos seriam salvos; no entanto, não explicava quem seriam esses eleitos. Calvino aprofundou a idéia de que o cristianismo se destinava a reformar toda a sociedade; para promover suas idéias, que entendia como sendo parte da responsabilidade cristã, escreveu sobre política, problemas sociais e relações internacionais.

> Esse "novo ideal" é de fazer rir; e o "nirvana da preguiça" merecia comentários. Deixo-os para outra ocasião. O meu fito, relembrando estas cousas aqui, é notar a estólida pretensão dos famosos jornalistas daqui, deste meu Rio de Janeiro. O Senhor Amaral é doutor, guindou-se aos grandes jornais, onde tem tido posições de destaque e a admiração estulta dos redatores autorizados e dos repórteres de polícia, e julga-se por isso com bastantes títulos, para não defender as solenes afirmações que faz, por escrito, público e raso.

Eu sei o que ele avança para não me responder. Tenho em muita boa conta o seu espírito, para não acreditar que me desdenhe por não ser eu formado. Quando Sua Senhoria andava pela Escola de Medicina, sabe bem o doutor Amaral que eu veraneava pela Escola Politécnica; e se não me formei, honesta ou desonestamente, foi porque não quis.

Não é razão para o seu espírito, estou certo disso; mas há de pesar um pouco, devido às influências ambientes; e mais ainda: dado o meio em que vive, de pequenas invejas e rancores, de censuras farisaicas e virtudes tartufescas [300], Sua Senhoria convenceu-se de que não devia dar-me trela porque eu bebo e porque escrevi em uma revista que não era, e não é, de todo obscura. Se fosse em um jornal...

O Senhor Azevedo Amaral, por contágio, adquiriu aquela moléstia da nossa reportagem que só julga cousa importante e inteligente o que sai nos nossos grandes jornais de notícias policiais. É de admirar, porque, em geral, embora seja admitido o contrário, o homem superior não se adapta.

Lembrei tudo isto, porquanto tendo há quase um ano, como já disse, deitado uma espécie de manifesto maximalista, estou na obrigação e me julgo sempre obrigado a seguir o que aqui se disser a respeito dos ideais da revolução russa em que me baseei naquele meu escrito.

Digo ideais e não as fórmulas e medidas especiais, porquanto, desde o começo, tinha visto que elas não podiam ser as mesmas em todos os países.

O Senhor Ingenieros, muito mais sábio nessas cousas do que eu, e muito e muito mais experimentado nelas, assim definiu o maximalismo: "a aspiração de realizar o máximo de reformas possíveis dentro de cada sociedade, tendo em conta as suas condições particulares".

É o que se pode ler no número da *Revista do Brasil*, de São Paulo, a que já aludi, e no qual mais adiante ele esclarece o seu pensamento, mostrando como na Rússia é necessária a nacionalização dos imensos latifúndios que estão em mãos de particulares, mas que tal medida, na Bélgica ou na Suíça, não teria razão de ser, porquanto nestes dous últimos países a propriedade agrícola está já muito subdividida nas mãos dos mesmos que trabalham.

No meu artigo "No ajuste de contas", inspirado nas vagas cousas sobre a Revolução Russa, de que tinha notícia, eu pedia que se pusesse em prática quatro medidas principais: a) supressão da dívida interna, isto é, cessar de vez o pagamento de juros de apólices, com o qual gastamos anualmente cerca de cinqüenta mil contos; b) confiscação dos bens das ordens religiosas, sobretudo as militantes; c) extinção do direito de testar; as fortunas, por morte dos seus detentores, voltavam para a comunhão; d) estabelecimento do divórcio completo (os juristas têm um nome latino para isto) e sumário, mesmo que um dos cônjuges alegasse amor por terceiro ou terceira.

Este artigo meu que os raros leitores crismaram de manifesto maximalista, justificava todas essas quatro medidas radicais e indicava ligeiramente outras. Não quis, porém, tratar do problema agrário nacional que é um dos mais prementes.

---

[300] Adjetivo inspirado na personagem de *O Tartufo* do dramaturgo francês Molière (Jean-Baptiste Poquelin – Fr. 1622 – 1673) que se tornou sinônimo de hipócrita.

No número passado desta revista, contudo, dando notícia de um opúsculo de Monteiro Lobato [301], eu disse o que pensava a tal respeito. O folheto do autor de *Urupês* tratava do saneamento das zonas sertanejas e rurais do Brasil, nestas últimas, já agora, devemos incluir também os subúrbios e freguesias roceiras do Município do Rio de Janeiro (custa-me muito escrever - Distrito Federal). Quando se agitou essa questão aqui, não julguei que os seus propugnadores exagerassem. Achei somente que eles encaravam o problema, no ponto de vista estreitamente médico; e não pesavam bem as outras faces da questão, parecendo-me então que queriam estabelecer a ditadura dos doutores em medicina.

A solução do saneamento do interior do Brasil, no meu fraco entender, joga com muitos outros dados. Há a parte de engenharia: dessecamento de pântanos, regularização de cursos d'água, etc.; há a parte social, no fazer desaparecer a fazenda, o latifúndio, dividi-lo e dar a propriedade dos retalhos aos que efetivamente cultivam a terra; há a parte econômica, consistindo em baratear a vida, os preços do vestuário, etc., cousa que pede um combate decisivo ao nosso capitalismo industrial e mercantil que enriquece doidamente, empobrecendo quase todos; há a de instrução e muitos outros que agora não me ocorrem.

Em resumo, porém, se pode dizer que todo o mal está no capitalismo, na insensibilidade moral da burguesia, na sua ganância sem freio de espécie alguma, que só vê na vida dinheiro, dinheiro, morra quem morrer, sofra quem sofrer.

O caso típico desse malsão estado de espírito com que o enriquecimento de São Paulo infeccionou todo o Brasil de ganância e avidez crematística, está nesse caso recente das louças baratas, da "louça do pobre", cujos impostos de entrada, de um segundo para outro segundo, a fim de enriquecer um fabricante paulista, foram, na lei do orçamento, aumentados cinco vezes mais.

O deputado Nicanor Nascimento [302], que está muito mais do que eu habituado a lidar com essas questões de pauta, tarifas, impostos, etc., mostrou, em um curioso artigo, no número passado desta revista, como esse protecionismo nos empobrece, como nação, e não favorece o fisco de forma alguma. O que ele não disse, é como essa monopolização de salteadores, por intermédio das taxas alfandegárias, faz miseráveis os pobres e os médios; mas depreende-se perfeitamente do seu trabalho. Desejava muito que ele viesse também a tratar das isenções de direito... Hei de ver...

O escândalo das louças, dizia, teve a vantagem de mostrar ao público os baixos das manobras de que se servem esses espertalhões para enriquecerem nababescamente. O caminho sorrateiro, para arranjar a emenda, ficou claro a todos os que a guiaram pela estrada escusa da "cavação" parlamentar, ignóbil, sórdida e sem entranhas; ficando desmascarados, tiveram que se denunciar, denunciando os outros guias que a levaram até ao Senado da República. É esse o "trabalho" com que eles blasonam ter adquirido fortuna honradamente!... Que honra, Deus do céu!

Com tais casos à vista, cabe bem aos homens de coração desejar e apelar para uma convulsão violenta que destrone e dissolva de vez essa *societas sceleris* de políticos, comerciantes, industriais, prostitutas, jornalistas *ad hoc*, que nos saqueiam, nos esfaimam, emboscados atrás das leis republicanas. É preciso, pois não há outro meio de exterminá-la.

Se a convulsão não trouxer ao mundo o reino da felicidade, pelo menos substituirá a camada podre, ruim, má, exploradora, sem ideal, sem gosto, perversa, sem inteligência, inimiga do saber, desleal, vesga que nos governa, por uma outra, até agora recalcada, que virá com outras idéias, com outra visão da vida, com outros sentimentos para com os homens, expulsando esses

[301] *Revista Contemporânea*. Ver crônica "Problema vital".

[302] Nicanor Nascimento, (?): deputado federal que, durante a Primeira República destacou-se pela defesa das classes trabalhadoras. Suas discussões em plenário versavam sobre a implantação de uma legislação trabalhista, isonomia dos estatutos dos trabalhadores a serviço do Estado e regulamentação do trabalho no setor privado.

Shylocks [303] que estão aí, com os seus bancos, casas de penhores e umas trapalhadas financeiras, para engazopar o povo. A vida do homem e o progresso da humanidade pedem mais do que dinheiro, caixas-fortes atestadas de moedas, casarões imbecis com lambrequins [304] vulgares. Pedem sonho, pedem arte, pedem cultura, pedem caridade, piedade, pedem amor, pedem felicidade; e esta, a não ser que se seja um burguês burro e intoxicado de ganância, ninguém pode ter, quando se vê cercado da fome, da dor, da moléstia, da miséria de quase toda uma grande população.

Os tolos a que aludi, no começo destas linhas, dizem que repelem o maximalismo, porquanto não podem admitir que, amanhã, o seu criado lhes venha dar ordens. Supomos que eles o tenham... Bem. A razão é supimpa de gentil sociólogo fabricante de almofadinhas, em Petrópolis ou no reino dos céus.

Será preciso lembrar-lhes, Santo Deus! que um dos aspectos que mais impressionam os pensadores estudiosos da Revolução Francesa, é ver de que forma, tendo ela acabado ou expulsado a grande nobreza hereditária, a de espada, quase esgotada de energias, e mesmo a de beca[305], deu ocasião para surgir das mais humildes camadas da sociedade francesa forças individuais portentosas e capacidades sem par de toda a ordem? Será preciso?... Mas repito: "Non ragioniam di lor, ma guarda e passa".

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 101-106)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 157-165)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp. 459-465)

[303] Shylock, personagem judeu de *O Mercador de Veneza* de William Shakespeare, cujas caricaturas e traços de avareza, usura e mesquinhez são muito comuns no Teatro Inglês durante o reinado da rainha Elizabeth I.
[304] Ver crônica "São Paulo e os estrangeiros".
[305] Lima Barreto se refere à chamada "Nobreza Togada", camada da burguesia muito rica, e com título universitário, que se formou no final da Idade Média. Era constituída por juízes e altos funcionários, na maioria das vezes burgueses judeus ou cristãos-novos que adquiriram cargos importantes no governo, por prestar favores e empréstimos aos reis, ou adquirir títulos de nobreza hereditária, por casamentos de seus filhos (as) com os da nobreza feudal falida.

Rio de Janeiro
Lima Barreto – 2-3-1...
Assis Barbosa – 2-3-1919
Resende/Valença – [*Revista Contemporânea*] - [08]. 03.1919

"OS UXORICIDAS E A SOCIEDADE BRASILEIRA"

... et je deteste l'orgueil qui veut
qu'on s'honore et qu'on honore autrui,
comme si quelqu'un dans la posterité
d'Adam pouvait être trouvé digne
d'honneur.
Anatole France - M. Jérôme Coignard

Entre os livros que me legou, ao morrer, o meu saudoso amigo Gastão Soares, a quem chamávamos "Chambá", quando era ele servente da Escola Politécnica, veio um muito curioso. É edição da antiga casa Laemmert; e pelo tipo, papel e outros pequenos indícios, deve ela ser de 1840 a 1850. Tem por título - *Crimes espantosos* - e, tendo eu um único volume, o primeiro, não sei de quantos se compunha a obra [306].

Como diz o seu título, o volume é formado com a narração de vários e estranhos crimes ocorridos todos em França, pois é o trabalho - o que me esquecia de dizer — uma tradução da língua desse país para o português.

Em começo, eu quis desfazer-me do livro. Estava incompleta a obra; era evidentemente uma cousa de fancaria e não valia a pena figurar e ocupar lugar na minha modesta biblioteca. Pus-me, porém, a ler a tradução do Senhor desembargador Henrique Veloso d'Oliveira, pois assim se chamava o tradutor, e não mais quis atirar fora a semi-secular publicação da defunta livraria Laemmert [307].

Narrava ela muitos crimes, alguns curiosos, inesperados e inexplicáveis, e outros de uma estupidez, de uma tal ferocidade, que me enchiam de pasmo haver homens que os cometessem.

Na categoria última, estava o assassinato de um filho pelo seu próprio pai.

Um tal Gilberto Augusto de Vandègre, nobre de quatro quarteirões de nobreza, vivia, apesar da sua autêntica fidalguia, a vida de um simples camponês, ele e a família, nos arredores de Riom, Puy-de-Dôme, Auvergne.

Casado com uma mulher de extração obscura, todos os seus filhos cresceram com os gostos, afeições, hábitos e usos de humildes camponeses. Um deles, o mais velho, André, aí pelos trinta anos, muito naturalmente, veio a apaixonar-se por uma rapariga aldeã, Maria Bourdu, então criada de servir em casa de Gilberto Joannet, *fermier* vizinho dos Vandègres. Tratou de casar- se; os pais, porém, puseram todos os obstáculos, já os que podiam com a sua autoridade doméstica, já os de natureza judiciária e extrajudiciária. A mais encarniçada, contra a rapariga e o casamento, era a mãe; entretanto, como já lhes disse, a sua origem não era lá muito superior à de Maria Bourdu. Para encurtar razões: dias antes de realizar-se afinal o casamento, André foi morto a tiros pelo próprio pai.

Por que isso? Embora fidalgo e nobre, a vida que o filho levava era de simples camponês, de pequeno cultivador aldeão, os seus gostos deviam ser equivalentes à vida que tinha;

[306] *Crimes espantosos*, com tradução de Des. Henrique de Oliveira, constava da biblioteca de Lima.

[307] Irmãos Eduardo e Henrique Laemmert, pioneiros do mercado livreiro e tipográfico brasileiro e fundadores da Livraria Universal e da Tipografia Laemmert, na Rua dos Inválidos no Rio de Janeiro. Aproximadamente, cinco mil livros eram encadernados na oficina de encadernação por mês. Além *Almanak Laemmert*, manual obrigatório de pesquisa do passado comercial, financeiro e social brasileiro do século XIX e início do século XX, a especialidade da tipografia era a edição de folhinhas literárias, mapas da cidade e guias de bolso com todos os tipos de informações úteis e curiosas e traduções de livros traduzidos do francês e alemão. Esses livreiros foram responsáveis pelo lançamento de diversos autores brasileiros. Em 1909, fecharam suas portas logo depois de um incêndio que destruiu a biblioteca e os seus arquivos. Em 1910, os direitos de publicação dos livros foram negociados com a Livraria Francisco Alves, e o almanaque acabou sendo vendido ao português Manuel José da Silva.

e, muito naturalmente, havia de afeiçoar-se por uma rapariga de seu âmbito de existência, que não podia, senão como ele, por exceção, ser nobre de nascimento. O pai mesmo já tinha dado exemplo semelhante com o seu matrimônio; mas, por que, então, se opunha e se opôs até com tão hediondo crime ao casamento do André?

Foi por causa da honra, a Honra feudal da nobreza de antanho, que via como um crime aquela *mésalliance*. Naquela cabeça dura, limitada e estúpida, de nobre que se degradara em simples camponês, tinha sobrevivido a obsoleta e cruel concepção de Honra dos tempos antigos dos cavalheiros e barões.

Faltam-me elementos para afirmar que tudo o mais que caracterizou a antiga nobreza ele tivesse perdido; mas estou disposto a crer que sim.

Entretanto, o fato de seu filho nobre, unicamente pelo lado paterno, vir a casar-se com uma criada de servir, aparecia-lhe no lusco-fusco da sua fidalguia crepuscular como cousa horrenda, como uma ofensa aos seus foros de nobreza, a dissolverem-se em vulgar e plebeu camponês.

A honra, como todas as concepções que têm guiado as sociedades passadas, inspira atualmente muitos crimes ou os desculpa. Essas concepções não devem ser totalmente varridas da nossa mentalidade; há nelas muita cousa a aproveitar e as aquisições que nos trouxeram não são de desprezar; mas devem ser empregadas com precaução para nos serem úteis e nos servirem, de modo a não entrar em conflito com o nosso atual sentimento da vida. Elas devem perder alguma cousa, em face de nossas idéias contemporâneas sobre o mundo e o homem.

Pode alguém hoje desculpar ou perdoar o infame e hediondo crime que acabo de narrar, em nome da Honra? Não. Entretanto, a literatura e a crônica estão cheias deles, e embelezados, quando acontecidos nos tempos feudais.

Sabe-se bem a que torturas, cintos de casticidade, etc., etc., sofriam as mulheres dos tempos dos castelos e *manoirs*, quando os seus brutais maridos delas se afastavam em expedições e guerras longínquas. Tudo, em nome de quê? É de rir. Em nome da Honra. Pode-se admitir isso, atualmente?

Não há necessidade de responder...

Uma das sobrevivências nefastas dessa idéia medieval, aplicada nas relações sexuais entre o marido e a mulher, é a tácita autorização que a sociedade dá ao marido de assassinar a esposa, quando adúltera. No Brasil, então, é fatal a sua absolvição, no júri.

Eu mesmo já absolvi um destes matadores de sua própria mulher e contei isto, com o pseudônimo de "Doutor Bogóloff", na *A Lanterna*, em 28 de janeiro do ano passado.

Contei como o caso se deu, nas seguintes palavras que transcrevo, por me parecerem oportunas:

"Dentre as muitas cousas engraçadas que me têm acontecido, uma delas é ter sido jurado em mais de uma sessão. Da venerável instituição, eu tenho notas que me animo a qualificá-las de judiciosas e, um dia, hei de publicá-las. Antes de tudo, declaro que não tenho sobre o júri a opinião dos jornalistas honestíssimos, nem tampouco a dos bacharéis pedantes. Sou de opinião que a instituição deve ser mantida, ou, por outra, voltar ao que foi. A lei, pela sua generalidade mesmo, não pode prever tais ou quais casos, os aspectos particulares de tais ou quais crimes; e só um tribunal como o júri, sem peias de praxistas, de autoridades jurídicas, de arestos, de comentadores trapalhões, etc., pode julgar com o critério muito racional e concreto da vida que nós vivemos todos os dias, desprezando o rigor abstraio da lei e os preconceitos dos juristas.

A massa dos jurados é de uma mediocridade intelectual pasmosa, mas isto não depõe contra o júri, pois nós sabemos de que força mental são a maioria dos nossos juízes togados.

A burrice nacional, sobretudo no seu quinhão parlamentar, julga que deviam ser os 'formados' a compor unicamente o júri. Há nisto somente burrice, e às toneladas! Nas muitas vezes em que servi no tribunal popular, tive como companheiros de conselho 'doutores' de todos os matizes. Com raras exceções, todos eles eram excepcionalmente idiotas e os mais perfeitos eram os formados em direito.

Quase todos eles estavam no mesmo nível mental que o Senhor Ramalho, oficial da Secretaria da Viação; que o Senhor Sá escriturário da Intendência; que o Senhor Guedes, contramestre do Arsenal de Guerra, etc., etc.

Podem objetar que esses doutores todos exerciam cargos burocráticos. É um engano. Havia os que ganhavam seu pão dentre das habilidades fornecidas pelo 'canudo', e eram bem tapados.

Não há país algum em que, tirando-se à sorte os nomes de doze ou sete homens, dez ou cinco sejam inteligentes; e o Brasil, que tem os seus expoentes intelectuais no Aluísio de Castro, no Hélio Lobo [308] e no Miguel Calmon [309], não pode fazer exceção da regra.

O júri, porém, não é negócio de inteligência. O que exige de inteligência é muito pouco, está ao alcance de qualquer. O que se exige lá é independência, coragem moral, força de sentimento da vida e firmeza de caráter; e tudo isto não há "lata doutora que dê". Essas considerações vêm-me ao bico da pena, ao ler que o júri, mais uma vez, absolveu um marido que matou a mulher sob o pretexto de ser esta adúltera.

Eu julguei um crime destes e foi das primeiras vezes em que fui sorteado e aceito. O promotor era o Senhor Cesário Alvim [310], que já é juiz de direito. O Senhor Cesário Alvim fez uma acusação das mais veementes e perfeitas a que eu assisti no meu curso de jurado. O Senhor Evaristo de Morais [311] defendeu, empregando o seu processo predileto de ler autores cujos livros ele leva para o tribunal, e referir-se a documentos particulares que, da tribuna, mostra aos jurados, mediocridade de instrução e inteligência dos juízes de fato e a s falta de senso crítico fazem que fiquem eles impressionados com 'coisas de livro'; e o doutor Evaristo sabe bem disto e nunca dei de recorrer ao seu processo predileto de defesa.

Mas... Eu julguei um uxoricida. Entrei no júri com reiterados pedidos de sua própria mãe que me foi procurar por toda a parte. A minha firme opinião era condenar o tal matador conjugal. Entretanto, a mãe... Durante a acusação fiquei determinado mandá-lo para o xilindró... Entretanto, a mãe... A defesa Senhor Evaristo de Morais não me abalou... Entretanto, a mãe... Indo para a sala secreta tomar café, o desprezo que um certo Rodrigues, campeão de réu, demonstrava por mim, irritando-me, mais alicerçou a minha convicção de que devia condenar aquele estúpido marido... Entretanto, a mãe... Acabando os debates, Rodrigues queria responder os quesitos, sem proceder à votação prévia: 'Vamos acabar com isto, dizia ele: são quase seis horas e a mulher está à minha espera, para jantarmos'. Protestei e disse que não assinaria as respostas, se assim procedessem. Rodrigues ficou atônito; os outros confabularam, em voz baixa, com ele. Um veio ter a mim, indagar se eu era casado. Disse-lhe que não e ele concluiu: 'É por isso; o senhor não sabe o que são essas coisas'. Tomem nota desta... Afinal, cedi. A mãe... Absolvi o imbecil marido que lavou a sua 'Honra', matando idiotamente uma pobre mulher que tinha todo o direito de não amá-lo mais, se o amou, porventura, algum dia, e amar um outro qualquer... *Eu me arrependo profundamente.*"

Arrependi-me e me arrependo hoje ainda; e, desde então, logo que se me oferece ocasião, tenho verberado semelhante prática, por isso que as constantes absolvições de uxoricidas dão a entender que a sociedade nacional, por um dos seus mais legítimos órgãos, a admite como normal e necessária.

---

[308] Ver crônica "A superstição do doutor".

[309] Miguel Calmon Du Pin e Almeida (BA. 1879 – RJ. 1935): engenheiro e político brasileiro, correligionário de Rui Barbosa, ministro da Viação e Obras Públicas e, posteriormente, da Agricultura, Indústria e Comércio nos governos de Afonso Pena e Nilo Peçanha.

[310] José Cesário de Faria Alvim Filho (MG. 1839 — RJ. 1903): advogado, promotor de justiça, economista e político brasileiro. Exerceu mandatos de deputado provincial, Presidente de Província e senador. Colaborou para os jornais *O Dia*, do Rio de Janeiro, *O Farol* de Juiz de Fora, *Diário de Minas* de Belo Horizonte fundador e diretor de *A Opinião Mineira* de Ouro Preto.

[311] Evaristo de Morais (RJ. 1871 — 1939): advogado criminalista, e historiador brasileiro. Estreou no júri como rábula em 1894. Contudo, só aos 45 anos de idade e 23 anos de prática forense, veio a formar-se em Direito. Especialista na defesa trabalhista, também se notabilizou pela defesa em júris populares de causas polêmicas, como por exemplo, o uxoricídio – também chamado "crime da paixão".

Não diria a verdade se não dissesse que assim é. De alto a baixo, todos nós outorgamos esse direito de matar a mulher que prevarica, direito cruel e estúpido, ao marido infeliz.

Vão já muitos anos que eu, de calaçaria [312] com Ari Foom, já falecido, fomos ao necrotério visitar o cadáver de uma rapariga do conhecimento daquele meu infeliz camarada, cujo *maquereau*, "por motivos de encontro de contas", conforme se suspeitou, a tinha assassinado e se suicidado em seguida, no interior de uma casa da Rua de Santana.

O necrotério era no Largo da Batalha [313], e, ao redor, havia um poviléu de lavadeiras, cozinheiras, de desgraçadas raparigas na mais ínfima degradação social, etc., etc. Pois bem: dos grupos de raparigas dessa natureza, só se ouvia a condenação da *rôdeuse* assassinada que elas julgavam casada com o seu assassino, e isto em termos bem duros e crus, mas que eu posso pôr aqui em mais corteses: "Bem-feito! Por que ela foi enganar o marido?".

Este fato muito me surpreendeu, a ponto de tomar dele notas mais desenvolvidas que ainda tenho nos meus papéis.

Levado por esse espírito de crueldade, de inumanidade em que entram erros de uma antiga e tola concepção da nossa natureza, no júri da semana passada, quando foi julgado um uxoricida, o trabalho do promotor, o meu amigo doutor Martins Costa, consistiu na sua acusação ao réu, em tentar provar que a assassinada não era adúltera. Admiro que o doutor Martins Costa, uma inteligência lúcida, moderna, que já de há muito rompeu com esses preconceitos, da nossa farisaica sociedade, fizesse tal cousa. Não podia ele, em sã consciência, desculpar o assassinato da mulher, por ser ela adúltera. Não há lei que tal autorize e nós, hoje, os avançados, não podemos compreender que tal cousa seja consagrada com absolvições iníquas, que desculpem o assassino e animem outros.

Estamos a toda a hora mudando; não só nós, como a própria natureza. As variações do nosso eu, de segundo para segundo, são insignificantes; mas em horas, já são palpáveis; em meses, já são ponderáveis; e, em anos, são consideráveis. Não é só o nosso corpo que muda; mas também é o nosso espírito e o nosso pensamento. Que se dirá, então, no tocante às nossas inclinações sentimentais, e, sobretudo, nesta parte tão melindrosa de amor, no que se refere à mulher?

Então, quando tudo muda, tudo varia, ela não pode nem deve variar mudar, transformar-se, uma vez que parece ser a essência da natureza inteira de que nós também fazemos parte, a mudança?

Por economia de esforço sentimental, por hábito, pelas aquisições qui a marcha da sociedade tem trazido à nossa "psique", somos levados insensivelmente à monogamia e a viver durante a vida toda com uma única mulher mas não é geral e não o pode ser, por não ser o espontâneo da nossa organização, quer a fisiológica, quer a psicológica. Esta então é que reage poderosa mente sobre a mulher para levá-la ao adultério.

Em geral, na nossa sociedade burguesa, todo o casamento é uma decepção. É, sobretudo, uma decepção para a mulher [314]. A sua educação estreitamente familiar e viciada pelas bobagens da instrução das Dorotéias (jesuítas de saia) e outras religiosas [315]; a estreiteza e monotonia de suas relações, numa única classe de pessoas, às vezes mesmo de uma só profissão, não dão às moças, que, comumente, se casam em verdes anos, critério seguro para julgar os seus noivos senão os exteriores da fortuna, títulos, riqueza e um nome mais assim.

---

[312] Ociosidade, indolência, preguiça.

[313] O Largo da Batalha fica em Niterói. Na crônica "Mais uma vez", Lima Barreto relata o mesmo crime, mas o logradouro é o Largo do Moura - "Eu me lembro ainda hoje que, numa tarde de vadiação, há muitos anos, fui parar com o meu amigo, já falecido Ari Foom, no necrotério, no Largo do Moura por aquela época", que provavelmente é o logradouro correto, uma vez que, este fica nas imediações da Rua de Santana onde ocorreu o crime. A crônica "Mais uma vez" foi publicada no *A .B.C.* em 1920 e consta desta série de Bagatelas.

[314] Olga, personagem de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Na obra romanesca de Lima Barreto é o arquétipo da decepção feminina em relação ao casamento.

[315] Lima Barreto era tenazmente contra o ensino religioso para moças, pois, entendia que as religiosas, além exercerem grande influência na vida pessoal das moças, ministravam uma educação voltada para a futilidade e para o casamento com rapazes de famílias influentes na política, ou outras instituições, como meio, à maneira dos jesuítas, de obter favores para a Igreja Católica e ter controle sobre a sociedade.

Mas, quando eles se despem, um diante do outro, quando eles consumam o ato do casamento, a mulher ganha logo um outro sentido, muda na só de corpo, ancas, seios, olhar, etc., mas de inteligência e pode julgar então com muita penetração, o que é e vale o seu senhor para toda a vida. O menor defeito dele, devido ao sentimento da perpetuidade de sua submissão àquele homem, amplia-se muito; e ela se aborrece, sente a longa vida que ainda tem de viver, sem uma significação qualquer, sem sentido algum, sem alegria, sem prazer. O homem, quando chega a esse semi-aniquilamento da Esperança, tem o álcool, a orgia, o deboche, para se atordoar; a mulher só tem o amor. Vai experimentar e, às vezes, é feliz.

Nós todos conhecemos desses casais irregulares que têm vivido longas vidas felizes; às vezes, porém, não é e é assassinada broncamente, sem o perdão dos parentes, e das amigas, das conhecidas, de ninguém!

Lembro aqui que, quando saí do júri a que aludi mais acima, os irmãos da vítima vieram-me agradecer o ter eu absolvido o matador de sua irmã...

Contra um ignóbil e iníquo estado de espírito dessa ordem, que tende a se perpetuar entre nós, aviltando a mulher, rebaixando-a ao estado social da barbaria medieval, de quase-escrava, sem vontade, sem direito aos seus sentimentos profundos, e tão profundos são que ela joga no satisfazê-los a vida; degradando-a à condição de cousa, de animal doméstico, de propriedade nas mãos dos maridos, com direito de vida e morte sobre ela; não lhe respeitando a consciência e a liberdade de amar a quem lhe parecer melhor, quando e onde quiser; — contra tão desgraçada situação da nossa mulher casada, edificada com a estupidez burguesa e a superstição religiosa, não se insurgem as borra-botas feministas que há por aí [316]. Elas só tratam de arranjar manhosamente empregos públicos, sem lei hábil que tal permita. É um partido de "cavação", como qualquer outro masculino.

Voltando, porém, ao último júri de uxoricídio, eu notei que os jornais pouco falaram na defesa do Senhor Evaristo de Morais, a não ser para dizer que ele se alegrava de ver o réu cercado, ali, de muitos camaradas. Isto traz água no bico; mas quero crer que o júri decidiu com completa liberdade de ação.

O outro advogado, porém, teve a honra de ser resumido com mais largueza; e a sua defesa, que foi brilhante, merece por isso alguns comentários, tanto mais que, segundo me parece, não é a de advogado profissional.

Sobre a parte sentimental, que é a única forte e lógica do seu discurso, porque também há uma lógica dos sentimentos, nada posso dizer, porquanto não conheço nem de vista o seu constituinte; e, escrevendo isto aqui, não me anima nenhum sentimento de animadversão contra o pobre moço que ele defendeu.

Continuo aqui uma campanha a que me impus, de combater essa toleima espiritual e sentimental que leva um rapaz como o seu colega que era o réu, a praticar o maior, e talvez o único crime absoluto, que é o homicídio, por causa de abusões e superstições burguesas, religiosas e feudais.

O jovem advogado e oficial de Marinha — vem a pêlo falar nisso — conforme li no jornal (*Correio da Manhã,* de 26 de fevereiro de 1919), disse que o réu:

"Levantou o seu inexprimível grito de revolta contra esse crime de adultério que não tem nenhuma circunstância atenuante, que o desculpe.".

Diga-me uma cousa, senhor tenente: e o de assassinato tem? Qual o mais grave dos dous? Qual dos dous invade sacrilegamente o domínio das forças misteriosas que nos governam? Diga-me, senhor tenente: quem tem o direito de matar?

O senhor tenente talvez ficasse um pouco embaraçado para responder-me; eu continuo, mas toco em outros pontos. Por que acusar este ou aquele? Por que, cheio de sua enfatuação militar,

[316] Lima Barreto era contra as várias correntes feministas brasileiras, às quais chamava de "igrejinhas", pois, entendia que elas visavam a emancipação feminina com o fim único de obter espaço no mundo profissional e institucional, até então reservado aos homens e não se manifestavam em defesa de mulheres que eram vitimas de maus tratos e assassinatos.

chamar de reles "primo Basílio" [317] de lugarejo a terceira personagem da tragédia, aquela que ficou nos bastidores?

O culpado não é ela, não é ele, não é estoutro. É a fatalidade da nossa carne, dos nossos ossos, do nosso sangue de homem; e foram também e, especialmente, os sonhos dela e essa necessidade de fugir do plúmbeo tédio da vida terrena, que é muito poderoso na mulher, para os paraísos artificiais, da imaginação de cada um. Continuemos, para não perder tempo!

Como diz o senhor que o assassinato foi conseqüência do "desespero que se não domina, do ato reflexo que se não contrai"? Curiosa espécie de desespero é esse que, primeiramente, faz a seu portador ir pacientemente à cidade, comprar revólver, para depois emitir ele o ato reflexo que não pode contrair, sob o império da paixão cega!

O segredo de sua defesa, onde o senhor tenente denunciou bem o ponto fraco do réu, é aquele em que indica como um dos culpados: a "sociedade corrompida que com a sua indiferença estimula o adultério e dele só tira motivos de galhofas e de irrisão para o marido".

Quase sempre é esse terror do ridículo, mais, talvez, do que as sobrevivências da Honra medieval; é o pavor pusilânime do cochicho da maledicência que leva os maridos em tais condições a matar as suas mulheres infiéis. Eles não temem sofrer na sua consciência a opressão do remorso de um homicídio; eles temem os boquejes das esquinas, das confeitarias, dos botequins.

Não me animo a comentar semelhante preferência: cada qual pensa e age, segundo o seu próprio entendimento, e de acordo com a sua lógica interna.

Eles, esses maridos, não são absolutamente passionais. Seriam passionais, se entre a concepção do crime e a sua execução a quantidade de tempo que medeasse fosse quase nenhuma, e, solicitados imperiosamente pela paixão, agissem quase instantaneamente. Tal não se dá; eles se armam e precavidamente esperam a ocasião propícia. É como se Otelo fosse procurar a adaga ou o espadagão, para matar Desdêmona...[318] Todos, ou quase todos, esses crimes por adultério, bem analisados, resultam na convicção de que são perfeitamente premeditados; e no ponto relativo à individuação da pena, o jovem defensor foi infeliz.

Quanto mais bem-educado é o réu, menos direito, se assim me posso exprimir, tem de o ser por assassinato. A instrução e a educação são freios que se põem aos nossos fundamentais e maus impulsos de matar; e poucos são aqueles que as podem receber, por isso devem ser mais responsáveis os que as têm, do que os outros, órfãos desses dons inestimáveis.

Vão longas estas linhas; e eu não posso terminá-las sem confessar que tenho muita pena dessa pobre moça que teve a coragem moral de dizer ao marido que o filho a palpitar-lhe no ventre não era do esposo. "Sim", disse ela, "é dele; e só a ele é que eu amo" (*Correio da Manhã,* de 25-2-19).

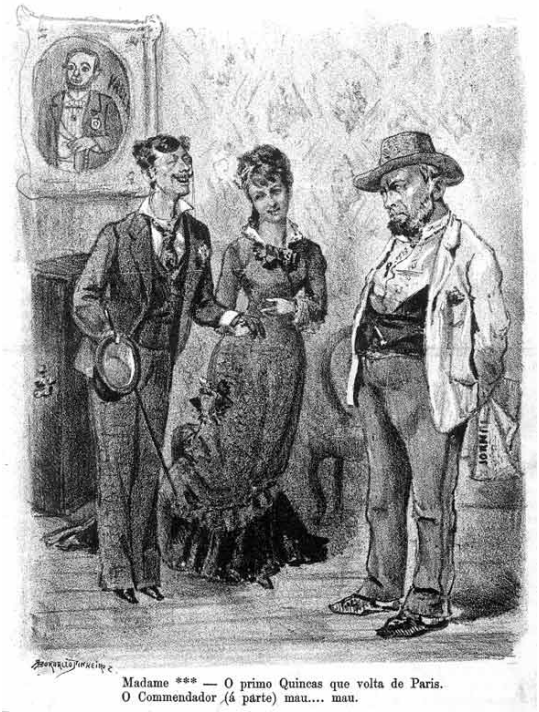
Ainda bem que não negou a sua falta, como tantos que negam os seus crimes evidentes; é uma heroína de Ibsen. Onde está a honra? Decididamente a descendência de Adão não pode falar em semelhante senhora...

[317] Referência ao romance *Primo Basílio* de Eça de Queirós, publicado em 1878. Esta obra apresenta um narrador onisciente, que narra a história de um triângulo amoroso que tem como personagens Jorge, sua esposa Luisa e seu primo Basílio que, se aproveitando da ausência de Jorge, se esmera em sedução e galanteios, até levar Luisa a praticar o adultério.

[318] Otelo, personagem que dá nome à tragédia de William Shakespeare publicada em 1622, cuja história também gira em torno de infidelidade conjugal e morte. Acreditando ter sido traído, Otelo acaba por matar sua esposa Desdêmona; ao tomar ciência do crime injusto que praticara, põe fim à própria vida.

Atracadouro de Niterói/RJ – Ao fundo o Largo do Moura
Foto de Ferreira Júnior do início do século XX

Otelo e Desdêmona por Eugène Delacroix



Caricatura de *O primo Basílio*

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 107-114)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 166-176)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp. 466-474)

Rio de Janeiro
Lima Barreto – 7-12-18
Assis Barbosa - RJ: 7-12-18
Resende/Valença – *[Revista Souza Cruz]* - 07.12.1918

"A MATEMÁTICA NÃO FALHA"

Embora ainda não esteja aposentado de todo, já me julgo completamente desligado do emprego público que exerci, na Secretaria da Guerra, durante quinze anos.[319]

A vida de cada um de nós, que é feita e guiada mais pelos outros do que por nós mesmos, mais pelos acontecimentos fortuitos do que por qualquer plano traçado de antemão, arrasta-nos, às vezes, nos seus pontapés e repelões, até onde nunca julgaríamos chegar.

Jamais imaginei, em dia algum da minha vida, ter de ir parar naquele casarão do Campo de Santana [320] e testemunhar as sábias e pressurosas medidas que os presidentes da República e os seus ministros da Guerra põem em prática para a eficaz defesa armada do Brasil.

Mas sucessos imprevistos da minha vida com dolorosas desgraças domésticas, num instante de necessidade e angústia, levaram-me até ali, fizeram-me ver bem profundamente, de excelente lugar na platéia, uma das partes mais curiosas da administração republicana.

Não me despedi ainda do lugar, mas, de qualquer modo, hei de fazê-lo; e, quando de todo o fizer, penso bem que o farei sem saudades.

E não é propriamente por ser ele; fosse outro, creio que se daria o mesmo.

Neste como naquele, nesta ou naquela profissão, tenham-se as melhores ou piores aptidões, o que se nos pede nessa sociedade burguesa e burocrática é muita abdicação de nós mesmos, é um apagamento da nossa individualidade particular, é um enriquecimento de idéias e sentimentos comuns e vulgares, é um falso respeito pelos chamados superiores e uma ausência de escrúpulos próprios, de modo a fazer os tímidos e delicados de consciência não suportar sem os mais atrozes sofrimentos morais a dura obrigação de viver, respirar a atmosfera deletéria de covardia moral, de panurgismo, de bajulação, de pusilanimidade, de falsidade, que é a que envolve este ou aquele grupo social e traz o sossego dos seus fariseus e saduceus, um sossego de morte da consciência.

Os delicados de alma, nos nossos dias, mais do que em outros quaisquer, estão fatalmente condenados a errar por toda a parte. A grosseria dos processos, a "embromação" mútua, a hipocrisia e a bajulação, a dependência canina, é o que pede a nossa época para dar felicidade ao jeito burguês. É a época dos registros e dos tabeliães, mas é o tempo das maiores falsificações; é a época dos códigos, sendo também o tempo das mais vastas ladroeiras; é a época das polícias aperfeiçoadas, apesar de que é o tempo dos crimes monstruosos e impunes; é o tempo dos fiadores, endossantes, etc., verificando-se nele os maiores "calotes"; é a época dos diplomas e das cartas, entretanto, sobretudo entre nós — é o tempo da mediocridade triunfante, da ignorância arrogante, escondida atrás de diplomas de saber; etc., etc.

Quem fez nas primeiras idades uma representação da vida cheia de justiça, de respeito religioso pelos direitos dos outros, de deveres morais, de supremacia do saber, de independência de pensar e agir — tudo isto de acordo com as lições dos mestres e dos livros; e choca-se com a brutalidade do nosso viver atual, não pode deixar de sofrer até o mais profundo do seu ser e ficar abalado com esse choque para toda a vida, desconjuntado, desarticulado, vivendo aos trambolhões, sem norte, sem rumo e sem esperança.

---

[319] O decreto da aposentadoria de Lima Barreto foi publicado alguns dias depois da publicação desta crônica, conforme está anotado no *Diário Íntimo*: "Fui aposentado por decreto de 26-12-1918. Presidente da República, vice em exercício, Delfim Moreira e ministro da Guerra, Alberto Cardoso de Aguiar". (sem data).

[320] Campo de Santana era o antigo nome da Praça da República no Rio de Janeiro. Lugar favorito para comemorações religiosas e militares, foi palco de momentos históricos como a Aclamação do Imperador D. Pedro I (12.10.1822) e Proclamação da República (15.1.1889) e os protestos da Revolta da Vacina (1904). Nesse logradouro foram erguidos, o prédio da Prefeitura do Rio de Janeiro, a sede do Corpo dos Bombeiros, a Casa da Moeda do Brasil (1863), a Câmara Municipal e o o Comando do Exército (1811), que depois passou a ser ocupado pela Secretaria da Guerra onde Lima Barreto trabalhou como amanuense até se aposentar.

Um espírito que criou, para si, um ideal de vida muito diferente da que a nossa atual de fato apresenta, conclui que tanto vale ter isto ou aquilo; que os homens são insuportáveis, tolos, injustos e que devemos vê-los, ricaços ou generais, doutores ou curandeiros, carvoeiros ou almirantes, ministros e os seus sábios secretários, na sua hipocrisia de tartufos, na sua miséria moral, na sua abjeção necessária, como atores de uma comédia que nos deve fazer rir, sem esquecer de ter pena deles, pois os seus esgares, as suas "pinturas", as suas roupagens brilhantes de reis, de príncipes, de papas, ou os trapos de mendigos que os vestem, a sua "caracterização", enfim, tem por destino ganhar dinheiro, a fim de que não morram de fome, eles, as mulheres e os filhos.

Sem que me atribua qualidades excepcionais, detesto a hipocrisia e por isso digo que deixo o emprego sem saudades.

Nunca o amei, jamais o prezei. No começo, se tivessem respeitado o meu proceder, a dignidade do meu provimento, o meu trabalho e as qualidades de burocrata que eu tinha como todos os outros, talvez mudasse de sentimento, e, mesmo, como tantos outros, me tivesse deixado anular comodamente no ramerrão burocrático.

Não quiseram assim, revoltei-me; e, desde essa revolta, que sei que os meus desastres são devidos muito a mim e um pouco aos outros. Daí para cá, todo o meu esforço tem sido o livrar-me de tal lugar, que é para a minha consciência um foco de apreensões, transformando-se ele em um inquisitorial aparelho de torturas espirituais que me impede de pensar tão-somente no esplendor do mistério e rir-me à vontade desses bonecos sarapintados de títulos e distinções que, não sem pena, me fazem gargalhar interiormente para mais perfeitamente gozar a bronca estultícia deles.

A minha sociedade agora não será mais a dos simuladores do talento, do trabalho, da honestidade, da temperança; será a dos *défroqués*, dos *toqués*, dos *ratés* [321] de todas as profissões e situações, mas que sabem perfeitamente que falta confessada é "meia falta", e também que Sardanapalo [322] poderoso mandou pôr como seu epitáfio as seguintes e eloqüentes palavras: "Fundei Tarso e Anquíale, entretanto, estou aqui morto."

Antes, porém, de esquecer totalmente os episódios desses meus quinze anos de minha vida que deviam ser os melhores dela, mas que me foram os de maiores angústias, quero registrar algumas passagens curiosas que observei, e também curiosas figuras que conheci, durante eles.

Todo o mundo está disposto a acusar os burocratas desta ou daquela cousa feia; mas poucos se lembram das "partes" de certa espécie que são de pôr um cristão doido. Há algumas que são verdadeiramente importunas, insuportáveis e de desafiar a paciência de Jó.

No meu tempo de Secretaria, havia por lá muitos; e, de tão renitente espécie, eu me lembro de um preto de quase setenta anos, forte ainda, que, em um mês, fez entrar mais de dez requerimentos, pedindo a mesma cousa.

Chamava-se ele Agostinho Petra de Bittencourt e tinha sido músico de um batalhão de Voluntários da Pátria, que estivera no Paraguai [323]. Dizia-se filho de um padre Petra que morrera há mais de cinqüenta anos, deixando uma incalculável fortuna, em barras de ouro e pedras preciosas, em moedas de ouro e prata, que se achava depositada no Tesouro. Era seu herdeiro, como seu filho; e, quando bem interrogado, Agostinho dizia que o padre era branco. Entretanto, não seriam precisos grandes conhecimentos antropológicos para dizer-se, à primeira vista, que o herdeiro de fortuna tão grande não tinha nem uma gota de sangue caucásico. Um jornal daqui chegou a tratar do caso; mas anos se passaram e só ele não deixou de falar na famosa herança...

A sua demanda com o Ministério da Guerra, porém, era de outra natureza e muito mais prosaica. Tendo vindo a lei que dava vitaliciamente aos voluntários da Pátria, sobreviventes, o soldo dos postos e graduações com que foram dispensados, ao terminar a guerra, Agostinho requereu lhe fosse concedida semelhante pensão como mestre de música.

---

[321] Fora da moda, amalucados, fracassados.

[322] Sardanapolo (669 - 627 a.C.): assim os gregos chamavam a Assurbanipal, o último dos grandes reis da Assíria.

[323] Os batalhões dos Voluntários da Pátria foram criados pelo decreto nº. 337 de 17 de janeiro de 1865. Não eram regulares e lutaram ao lado dos soldados brasileiros na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Advindos de várias províncias e dos mais diversos setores da sociedade, inclusive escravos, recebiam incentivos, como por exemplo, soldo mais alto, pensões e terras para os veteranos e dispensa logo após o término do conflito que não eram oferecidos aos soldados de linha regular, estes eram recrutados à força e e eram obrigados a cumprir o serviço militar por nove anos.

A Contabilidade da Guerra, consultando os documentos originais da época, as folhas de pagamento, denominadas na linguagem militar — relações de mostra, só encontrou o nome de Petra como músico de 1ª classe. O velho não se conformou e, daqui e dali, arranjou uma biblioteca de Ordens do Dia da guerra contra Lopes, que ele sobraçava dia e noite, onde o seu nome figurava como mestre de banda.

Armado com elas, Agostinho foi a ministros, a secretários de Sua Excelência, a ajudantes-de-ordens de Sua Excelência, a todo o pessoal majestoso que recebe luz de Sua Excelência, queixar-se da imaginária injustiça de que vinha sendo vítima. Não havia nenhuma, mas Petra atribuía aos empregados da Contabilidade má-fé, dolo, falsidade administrativa, quando eles tinham cumprido o seu dever.

Como, em geral, todos os requerentes, o pobre músico de batalhão só se queixava dos pequenos; e os grandes, ao receberem as suas queixas, aconselhavam que requeresse. E ele requeria sem dó nem piedade; anos e anos levou ele pelos corredores do Quartel-General, sobraçando a sua biblioteca belicosa, requerendo, resmungando, reclamando e um mês até deu entrada a mais de dez requerimentos no sentido da sua modesta pretensão.

À vista desse exemplo e de outros mais significativos, talvez, mas pouco pitorescos, é de crer que o Império e a literatura patriótica da ocasião tenham posto no espírito dos voluntários do Paraguai grandiosas esperanças de toda ordem. É mesmo vezo de todos os governos, quando precisam de soldados para as suas guerras, isso fazerem. O nosso não podia fugir da regra e, ao se ver a braços com o *El Supremo* do Paraguai [324], se não disse francamente aos voluntários que, se voltassem, não teriam mais que trabalhar para viver, prometeu com certeza grandes cousas, pois todos com que tratei estavam possuídos de uma forte convicção dos deveres do Estado para com eles.

Foi, naturalmente, esse sentimento multiplicado, quadruplicado, decuplicado, centuplicado e também deformado no espírito simples, primitivo e vaidoso de um ingênuo e ignorante preto que levou o major honorário do Exército, voluntário da Pátria, José Carlos Vital, ao mais completo dos desastres que se pode imaginar.

Vital foi há anos uma figura popular do Rio de Janeiro. Todos devem lembrar-se de um pretinho muito baixo, miúdo, feio, com feições de pequeno símio, malares salientes, lábios moles, sempre úmidos de saliva, babados mesmo, que era visto passar pelas ruas principais, fardado de major honorário, com uma banda obsoleta na cintura, um espadagão antediluviano, de colarinho extremamente sujo e botas cambaias... Hão de se lembrar, por força! Pois essa figura pouco marcial era o major José Carlos Vital.

Para obedecer à justiça, diga-se que todos o olhavam com respeito. Aos poucos, envaideceu-se com isto e não perdoava continência, brados d'armas e outras cerimônias militares devidas a seu posto. Ficou irritante e cavava assim a sua ruína. A vaidade matou-o, como veremos.

Nos seus tempos áureos de "major", era Vital um simples servente do Arsenal de Guerra; e, quando deixava as suas humildes funções, lá, no Cafofo, nas proximidades do atual mercado, envergando solenemente a farda e sobraçando com o braço esquerdo o espadagão, não era raro que, na primeira tasca, aceitasse um copo de parati e contasse, encostado ao balcão da venda, à gente humilde e tresmalhada daquelas paragens as suas proezas guerreiras. O arsenal era naquele tempo lugar escolhido quase sempre, para embarque ou desembarque de figurões de toda ordem e nacionalidade; e, quando isso se dava, o major julgava-se obrigado a comparecer com o seu fardão, o seu espadagão, o seu colarinho sujo, as suas botas cambaias e o seu charuto de tostão. Às vezes mesmo, com tal *toilette*, apresentava-se no Palácio do Catete, para cumprimentar o presidente da República, em dias festivos...

É fácil de imaginar como a presença de semelhante herói quebraria a harmonia de tão solenes e graves cerimônias por demais obedientes ao protocolo e às regras de precedência. Mas o major, "Voluntário da Pátria", que era, nunca quis convencer-se de que o seu heroísmo ficava mal em tais lugares e devia somente brilhar no Largo da Sé, no do Moura e em outras molduras dessa natureza que lhe eram adequadas e próprias. Um belo dia aparece um outro José Carlos Vital,

[324] Título de Solano Lopez, "Ditador Supremo" do Paraguai à época da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870).

major como ele, voluntário da Pátria, como ele, mas branco, e modestamente vivendo em Pernambuco, recebendo também etapa de asilado lá, como o seu homônimo preto recebia aqui. Abre-se inquérito; cada um dos Josés Carlos Vitais apresenta as suas provas de identidade; a indagação da verdade é feita com o máximo critério e imparcialidade, acabando-se por concluir que o de Pernambuco é o autêntico, embora o daqui não tenha procedido de má-fé. O festejado herói do Largo do Moura [325], do Beco da Batalha [326], o orgulho das últimas pretas minas que conheceram o Príncipe Obá [327], perde as zonas, o emprego, a etapa de asilado, enviúva do fardão, para sumir-se dentro de um velho fraque de paisano vulgar.

E aquela satisfação de ser major, com as suas honras, privilégios, garantias e isenções, esvai-se, some-se, foge da sua triste vida de filho sem pai e que da mãe não tem a mais vaga lembrança; essa satisfação infantil que lhe resgatava os padecimentos de criança desvalida e levada em tenra idade, como se verificou, para os campos de batalha — essa satisfação se aniquila completamente como se o destino não lhe quisesse dar, nos seus últimos dias de vida, essa vã e pueril consolação, como se não lhe quisesse dar a mínima ilusão de felicidade, a ele que passara toda a existência, esmagado, humilhado, sem prazeres, sem alegrias, talvez, mesmo as mais vulgares!... Ah! a Vaidade...

Chamei de vã e pueril a consolação que podem dar as honras e que envaidecem o "major". Será verdade? Vi tanta gente disputá-las; vi tantos homens, de condições de riqueza e instrução mais variadas, requestá-las que estou disposto a crer que errei quando assim as qualifiquei.

Não poderei citar muitos casos de pedidos delas, porque quase todos, por comuns de argumentação e motivos, me escaparam da memória; mas um, por ser sobremodo grotesco, viveu-me sempre na minha lembrança e, ainda hoje, quando dele me recordo, causa-me riso. Conto-o. Um voluntário da Pátria chamou em seu auxílio, ou tentou chamar, a aritmética para obter o justo honorário a que se julgava com direito. O Senhor José Dias de Oliveira, porteiro adido do extinto Hospital do Andaraí, vivo ainda, como o são também os outros dous seus colegas a que aludi, era um velho pesadão, curto de membros e de corpo, com umas abundantes e longas barbas mosaicas, ventre proeminente e acentuado na sua redondeza, voz cava, que, de quando em quando, aparecia na secretaria, a fim de procurar com um seu amigo, funcionário dela, "o livro dos voluntários da Pátria". Só ele conhecia esse livro e ele o pedia com a máxima insistência. A sua voz cava não permitia grandes gritos; mas assim mesmo, nos dias de reclamação, conseguia encher os corredores e as salas com o seu rouco vozeiro. Quem o visse, nesse transe, poderia apreciar o gesticular desenfreado com que acompanhava a sua abafada gritaria e o cuidado constante que tinha, para não lhe caírem as calças pernas abaixo. Movia todas as partes do corpo que permitiam movimento: os braços, as pernas, a cabeça, o pescoço; e falava, falava, semigritando.

Queria o tal "livro" para resolver ou justificar os seus direitos, que tinham o apoio da matemática. Era, argumentava, tenente honorário e fora tenente da polícia do Paraná. Ora, 2 + 2 são quatro. Logo, ele possuía quatro galões, o que equivale a dizer que era major e, como tal, tinha direito à patente desse posto. De alguma forma, penso eu agora, o Senhor José Dias de Oliveira tem razão. Se o esoterismo positivista da geometria e do cálculo tanto concorreu para o 15 de Novembro, não é demais que a cabala da tabuada de somar auxiliasse a pretensão do porteiro adido do antigo Hospital do Andaraí. 2 + 2 = 4; ele é, portanto, major. A matemática não falha...

---

[325] Ver crônica "Os uxoricidas e a sociedade brasileira".

[326] Beco da Batalha; situava-se no extinto bairro da Misericórdia.
Levava esse nome devido à uma igreja dedicada à Nossa Senhora da Batalha, que existia no local.

[327] Cândido da Fonseca Galvão (BA. 1845 - RJ. 1890): figura pitoresca do Rio de Janeiro, conhecido por Dom Obá II d'África, nascido na Bahia de pai e mãe africanos alforriados. Durante a Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870) alistou-se voluntariamente em um dos batalhões dos Voluntários da Pátria. Após ser ferido em combate e ser promovido a alferes por bravura, passou a residir no Rio de Janeiro, numa comunidade de descendentes de africanos conhecida como Pequena África, perto da atual Central do Brasil.

Campo de Santana - RJ

Beco da Batalha - 1906

BELMIRO DE ALMEIDA: *Príncipe Obá*, 1886.
Óleo sobre tela.
Coleção João Hermes Pereira de Araújo

D. Obá II d'Àfrica

Soldados do Batalhão "Voluntários da Pátria"

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 115-120)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp- 177-184)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp.-406-411)

"O NOSSO 'YAKISMO' " [328]

No último número publicado da excelente *Revista do Brasil* [329], de São Paulo, o Senhor Breno Ferraz do Amaral [330] faz um estudo algo apaixonado, entre os Estados Unidos e o Brasil. O artigo chama-se mesmo: "Um confronto infeliz". Eu o li com todo o cuidado e interesse que sempre me merecem as publicações daquela revista e a sua leitura mais uma vez me convenceu que, sob este ou aquele aspecto, com estas e outras considerações, todos nós devemos combater essa ingênua tolice dos nossos sociólogos *ad hoc*, e esportivos que nos aconselham a imitar a monstruosa República da América do Norte, até o ponto de levar-nos a sermos, como depois de Rio Branco somos, um disfarçado protetorado dela, situação que chegou à sua culminância atualmente, com o *right honorable* Meia-Tinta no Itamarati.

Nós só vemos dos Estados Unidos o verso, não vemos o reverso ou o avesso; e este é repugnante, vil e horroroso. Houve mesmo quem descrevesse e sinto não ter aqui o livro para transcrever algumas das suas páginas edificantes.

Por mera imitação daquela aglomeração humana, enchemos o Rio de Janeiro de descabelados sobrados insolentes, de cinco e seis andares, com uma base relativamente insignificante, verdadeiras torres, a esmagar os sobradinhos humildes dos tempos do Império, com os seus dous andares acanhados e decentes. Uma cidade como a nossa, semeada de colinas pitorescas, arborizadas ou não, que formam o seu verdadeiro encanto, se se seguirem tais construções, em breve ela perderá os seus horizontes originais e ficará como qualquer outra.

Condições particulares de sua topografia obrigaram a cidade de Nova Iorque a apelar para esses estafermos de inúmeros pisos; e não se verificando elas na nossa, antes pelo contrário, não tínhamos necessidade de enfear o Rio de Janeiro, com construções que a sua natureza repele.

O fundo do espírito americano é a brutalidade, o monstruoso, o arquigigantesco. Ele não tem o sentimento das proporções que toda a criação humana deve guardar, com o próprio homem. Desde que não sintamos essas proporções; desde que não possamos perceber uma relação oculta conosco e com as nossas forças normais, não sei como se pode achar beleza de um monumento, edifício, enfim, de uma civilização; e o sentimento que ela pode inspirar será de esmagamento e de opressão, sensações muito opostas à c beleza que é suave e macia.

Eduardo Prado, na sua imortal *Ilusão americana* [331], dá bem uma imagem: disso, quando vê, ao entrar no porto de Nova Iorque, um mestiço com sangue de asteca e tolteca [332] olhar assombrado aquela confusão diabólica, parecendo pensar um instante na conquista daquele inferno, mas, depois, considera bem alto que, unicamente, com os apitos, eles, os de Nova Iorque, conseguiria; ensurdecê-los, e derrotá-los, os seus patrícios de Guatemala ou alhures.

---

[328] Mantive a escrita original de Bagatelas.
[329] Ver crônica "Problema Vital".
[330] Brenno Ferraz do Amaral (SP. 1894 – SP. 1961): jornalista, escritor, bibliotecário e poeta. Membro fundador do jornal *A Noiva da Colina* de Piracicaba; em 1918 foi convidado por Amadeu Amaral para trabalhar na sucursal de São Paulo do *Jornal do Commercio*, onde se tornou um dos mais constantes colaboradores e estabeleceu várias polêmicas com *O Estado de São Paulo*. Entusiasta de fatos da História do Brasil, dedicou os últimos anos de sua vida ao estudo e à elaboração de uma biografia de José Bonifácio de Andrada e Silva que não chegou a concluir.
[331] Ver crônica "São capazes de tudo".
[332] Astecas: é um, entre os povos das civilizações mesoamericanas pré-colombianos, que floresceram entre os séculos XIV e XVI, cujo território corresponde ao atual México. Os astecas, e sua civilização, foram destruídos pelos conquistadores espanhóis, comandados por Fernão Cortez.

Nós não estamos ficando surdos com as cousas americanas, mas estamos ficando cegos; e, na clássica imagem, somos como as mariposas que a luz atrai para matá-las.

Não temos o bom senso de repelir os grosseiros e megatéricos ideais americanos e ficar nós mesmos. O mundo não é sempre o mesmo, embora sua substância possa ser uma e única; e os homens, portanto, não o podem ser e devem variar com ele.

Substituir o ideal coletivo que é espontaneamente o nosso, por um outro que vai de encontro à nossa mentalidade e ao nosso temperamento, é suicidar-nos.

A fascinação do modelo estrangeiro, como ensina Gaultier, no seu curioso *Bovarysmo* [333], entra sempre em algum grau na formação de qualquer sociedade, mas, para ser útil e progressiva, não deve substituir inteiramente o modelo próprio e ancestral.

Não é possível que, tomando hoje uma aparência, amanhã outra, depois aquela outra, haja quem deseje que sejamos afinal o brutamonte americano.

Um jornal libertário de São Paulo, *A Plebe*, que os seus editores têm bondade de enviar-me, conta, em sua edição de 15 de março, vários fatos, denunciadores da ferocidade brutal a que atingem nos Estados Unidos as lutas de partidos. Toda a gente está disposta a supô-los o país mais livre do mundo com o povo mais tolerante do orbe; mas vejam só estes casos:

"Cavalheiros da Liberdade" [334] ou da "Colômbia", é um sociedade nos moldes da 'Mão Negra'[335], composta de burgueses e políticos, mancomunados com Wilson [336] e a sua matilha de flibusteiros fardados.

"Esses indivíduos, assim protegidos e organizados, cometem toda a sorte de monstruosidades, e uma das mais repugnantes passou se a 7 de agosto de 1917, em Wuit Montana, em que foi vítima Frenp Litz, enforcado por questões de pensamento.

"No mesmo ano, outra proeza semelhante foi perpetrada ali: 16 trabalhadores, que se rebelaram contra o egoísmo e a exploração patronais, foram levados para o campo, despojados do vestuário e, depois de os cobrirem com alcatrão e de lhes encherem o corpo com penas, soltos no meio dó mato, onde doze deles acabaram por perecer vítimas das mais revoltantes torturas e sofrimentos."

Mais adiante o mesmo jornal conta:

"Em Leatle Vanch, os 'Cavalheiros da Liberdade' penetraram numa reunião operária e prenderam trezentos circunstantes, a quem despojaram de todo o dinheiro e objetos de valor, fazendo por último uma fogueira do mobiliário existente na casa. Em Pattersons, os mesmos sicários legais assaltaram as oficinas e a redação do jornal *Era Nova*, manietaram os redatores, roubaram quanto lhes aprouve e, em seguida, lançaram fogo no edifício.

"Em Washington, com a ajuda da polícia, privaram da liberdade 1.128 operários, por protestarem contra a guerra num comício-monstro, soltando-os unicamente ao cabo de várias e persistentes reclamações das classes organizadas.

---

[333] Ver a crônica "Casos de bovarysmo".
[334] Loja maçônica. O nome correto é "Cavaleiros da Liberdade".
[335] "Mão Negra" ou "Jovem Bósnia" eram grupos e organizações do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos que, antes da I Guerra Mundial, fomentavam atos de violência contra a dominação do Império Austro-Húngaro e a união dos eslavos do sul com a Sérvia, cuja intenção era a formação de uma nação iugoslava. Seu mais célebre expoente foi Gavrilo Princip, jovem estudante que matou o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austríaco, em visita à cidade de Sarajevo, na Bósnia. Este fato foi o estopim para o início da I Guerra Mundial.
336 Thomas Woodrow Wilson (EUA 1856 — 1924): vigésimo oitavo presidente dos Estados Unidos da América do Norte. Durante seus dois mandatos, entre 1912 e 1921, foi o principal impulsionador da Sociedade das Nações. Embora, se proclamasse defensor dos Direitos Civis, ficou conhecido por suas convicções racistas e redução da participação de negros na política em vários estados norteamericanos.

Em Chussmas, assaltaram o jornal *Crônica Subversiva,* prenderam os redatores e queimaram a sede da sua redação. Igual banditismo foi praticado, em Boston, contra *O Proletário,* em Brooklin, contra *La Aristora;* e, em Chicago, contra a *Solidariedade.*".

Agora, *mot de la fin:*

"E, para remate de tanta pouca vergonha, aos filhos das nações aliadas que não possuíssem quatrocentos dólares, para os fins exigidos, eram mandados para os países dos seus progenitores, a fim de serem utilizados na horrível carnificina."

Quem leu a *Ilusão americana* sabe perfeitamente que não é de hoje que existe "no país mais livre do mundo" essas "grandes companhias" de bandidos, que se alugam aos grandes industriais e capitalistas, para reprimir greves e agitações operárias, empregando as maiores crueldades. A "Pinkerton"[337] é célebre no mundo inteiro.

Nas nossas guerras civis, nas nossas lutas políticas de aldeia, há muita crueldade, mas não há dessas repressões operadas por homens que são a elas levados a executar, mediante um salário mais ou menos avultado. Não os move, senão dinheiro.

Em geral, em todas as suas manifestações, quer normais, quer anormais o americano denuncia e define o espírito burguês. Entendo por isso aquele em que o amor, a adoração, a dominação pelo dinheiro, mais que outro móvel de qualquer ordem, impera e conduz. Esse amor, essa fascinação levam-no aos grandes *trusts* de uma ousadia cega de conquistadores da lenda e aos grandes roubos, à mão armada, nos carros de caminho de ferro, assaltados em movimento, por bandidos mascarados, pistola em punho, *hands up,* enquanto a algibeiras e *valises* são saqueadas, e os prudentes passageiros ficam sossegadinhos, preferindo perder dinheiro a morrer.

Possuidores de um território imensamente rico, sobretudo rico dos produtos naturais que são hoje, depois da invenção da máquina a vapor, a base da nossa vida, orientados para esse ideal de riqueza, não era possível que deixas sem os Estados Unidos de ser o que são hoje. Lá, as riquezas naturais existem são aproveitadas e não são como as nossas, que a gente chega a duvidar da sua existência. Essa história do nosso carvão é uma delas; e uma pessoa que pensa por si, vendo as explicações, as idas e vindas, as parolagens dos sábios sobre eles, só tem que concluir que ele não é aproveitável ou não vale nada, ou na existe e é um "paco", um "conto-do-vigário". O mais é embromação...

Um país, como os Estados Unidos, que possui a região fantasticamente rica de Pittsburg, não podia deixar de ter uma grande predominância nos nossos dias em que o aço, o ferro e o carvão de pedra figuram em todos os utensílio: em todas as máquinas e construções, que a nossa vida individual, por mais elementar que ela seja, exige a intromissão deles, ostensiva ou ocultamente.

Numa zona relativamente restrita, como a de Pittsburg, encontram-se carvão de pedra, em campos infinitos e à flor da terra, ferro, petróleo e um gás natural, que é captado e pode ser levado por encanamentos, às usinas.

Sem negar as qualidades do indivíduo americano, é bem de ver que a produções do seu solo e mesmo a sua topografia, permitiram que os Estados Unidos, no século do vapor, no século por excelência do ferro, do carvão de pedra, com as concepções burguesas da livre concorrência, da liberdade de trabalho, da vida como luta, viessem ser a mais alta expressão do espírito burguês, vencedor na humanidade, com a Revolução Francesa: "Make money honestly if you can; but make money"...

[337] Agência Nacional de Detetives Pinkerton: agência privada de investigação e segurança fundada nos Estados Unidos da América do Norte em 1850 por Allan Pinkerton, detetive que ficou famoso por conseguir frustrar uma conspiração para assassinar o presidente Abraham Lincoln. A maior parte dos contratos da Pinkerton era para evitar que grevistas e líderes sindicais ocupassem, ou se aproximassem, das fábricas em que trabalhavam durante manifestações trabalhistas e greves.

Em geral, esse espírito é caracterizado pela fé de que tudo se pode obter com dinheiro, e o que ele dá tem tanto sabor, ou mais, como se fosse obtido de outro jeito. Não há consideração de tempo, de moral, de nada - é com dinheiro!

Jules Huret [338], na sua viagem aos Estados Unidos, conta uma singular visita a Mme. Mackay [339], mulher do rei dos telégrafos, portanto rainha. Huret descreve a visita, pondo mais cor no seu estilo de repórter, que quase sempre é um desenho apressado, um *croquis*. A hospedeira, de algum modo, colaborou com ele e não houve a perturbar a boa emoção da partida a presença do ativíssimo marido, que andava a estender fios elétricos no interior, para ganhar mais um milhão de dólares - uma migalha!

Mme. Mackay, que é, ou era, artista e também *authoress*, dá-lhe pessoalmente detalhes de suas alfaias e dos caprichos com que elas foram obtidas, com as minúcias de catálogo. A banheira é cavada em um bloco colossal de mármore italiano; mas, conta, duas se haviam partido, quando viajavam da Itália para New York.

Está aí o burguês e o seu gosto; entretanto, a Maria Antonieta, dos telégrafos, possui uma cabana bem rústica, construída sobre a borda de um morro, que cai a pique, num precipício, onde a solidão é completa e onde ela ama e escreve.

— "C'est lá que je viens tous les jours écrire; la seulement je suis heureuse".

Foi assim que a riquíssima e, por isso mesmo, bela Mrs. Clarence Mackay falou ao redator do *Figaro*, [340] que não nos quis informar se ela suspirou e pensou na guilhotina revolucionária. Publicou ou fez representar uma peça teatral.

O seu drama é tudo o que há de mais oposto à sua situação social, as idéias condutoras com que a sociedade a levou a figurar, por aluguel, de grande dama do século XVIII. Ela faz literatura de literatura, naturalmente de edições caríssimas. Há, nele, monges, revoltas íntimas, nevoentas dissertações, raptos líricos, Heloísa e Abélard [341] — "thème de 1'amour libre, de la supériorité de '1'amour integral' sur '1'amour platonique' ", diz o jornalista viajante.

E essa grande burguesa, cheia de milhões e milhões, ainda há bem pouco, na sua ancestralidade, a comer, por único jantar, batatas cozidas numa humilde cabana dos campos na Irlanda, pensava que os sacos de dólares fariam dela um Shakespeare que não tinha na biblioteca senão edições baratas do Plutarco [342] e dos novelistas italianos, Se não foi pateada foi porque representou num salãozinho, muito a contragosto dos seus parentes milionários, que deviam querer ver a sua obra gritada, berrada, num palco de duzentos metros de boca e com a assistência de um milhão de espectadores, pagos à farta, para terem muito entusiasmo.

---

[338] Jules Huret (Fr.1864-1915): jornalista atuante nos jornais franceses *Le Figaro* e *L'Echo de Paris*, onde publicou uma série de entrevistas com escritores, reunidas no livro *Enquete sur l'evolution littéraire*.

[339] Katherine Duer Mackay (EUA. 188- 1930): sufragista e defensora ardorosa dos direitos femininos. Linda mulher casada Clarence Hungerford Mackay, multimilionário norteamericano, proprietário de minas de prata e da companhia de telégrafos norte-americana; sua fortuna teria sido estimada em U$ 500 milhões. Em 1910 abandonou o marido e foi viver em Paris com os filhos. Além dessas informações sobre Katherine Mackay, só encontrei as desta crônica e outras do próprio Lima, na crônica "A Sra. D. Albertina Berta", "Quando li o seu romance, lembrei-me do drama que a milhardária americana Katherine Mackay leu a Jules Huret, quando ele andou em alta reportagem pelos Estados Unidos. O drama da rainha dos cabos fazia apologia do amor livre, do 'amor integral'." (MA.1963, p. 82).

[340] *Le Figaro*: diário fundado em 1826, ainda sob Charles X, é o mais influente e importante jornal francês, o mais antigo ainda hoje publicado. Deram sua contribuição para o ***Le Figaro*** Théophile Gautier, Guy de Maupassant, George Sand, que começou sua carreira de escritora nesse diário, Octave Mirbeau, quando conclamou a greve dos eleitores, Émile Zola quando abordou pela primeira vez o ''Caso Dreyfus'', Jean-Paul Sartre, entre muitas outras personalidades do mundo literário francês.

[341] *Abelardo e Heloisa*: relato de um drama de amor impossível entre Pedro Abelardo, filósofo (Fr. 1079 –1142) e a jovem Heloisa. A história é verídica e tida como uma das mais belas e trágicas histórias de amor. Separados por várias circunstancias, só se comunicavam por cartas que são consideradas verdadeiras preciosidades literárias por propor profundas reflexões sobre o tema do amor.

[342] Ver crônica "Da minha cela".

A crença no todo-poderio do dinheiro, que entre nós se apossou, primeiramente de São Paulo, o que foi notado por Alberto Torres [343], não sei em que lugar, vai avassalando todo o Brasil, matando as nossas boas qualidades de desprendimento, de doçura e generosidade, de modéstia nos gostos e nos prazeres, emprestando-nos, em troca, uma dureza com os humildes, com os inferiores, com os desgraçados, com tolas e infundadas superstições de raça de classe, etc., nesta época de grandes e justas reivindicações, ameaça-nos de morte, ou senão, de grandes lutas, sangrentas. Vou ler o Laboulaye — *Etudes Morles et Politiques* [344] - tendo, porém, fé que as lutas, antes daqui estalarem terão reduzido a cacos o antediluviano megatério do Mississipi. Renan [345] (cito de segunda mão) [346] dizia que queria viver muito para ver como acabava Guilherme II, da Alemanha[347].

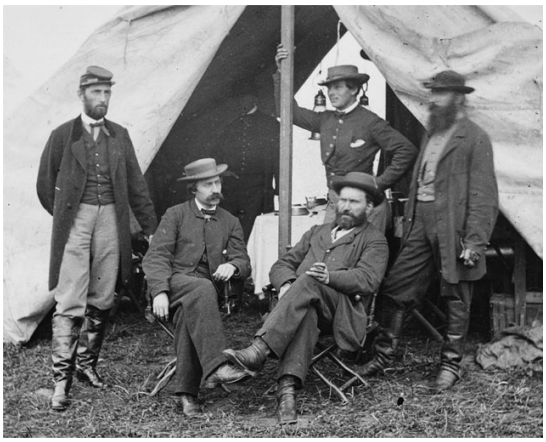
Eu peço a Deus que alongue a minha vida até ver aquele aneurisma americano arrebentar em sangue, aos borbotões...

Quando isso se der, pedirei um pedaço de mármore da banheira de Mme. Mackay, a Maria Antonieta dos telégrafos, para servir de peso de papéis na minha modesta mesa de escritor pobre e não me esquecerei de todo do Teófilo [348], do seu drama filosófico.

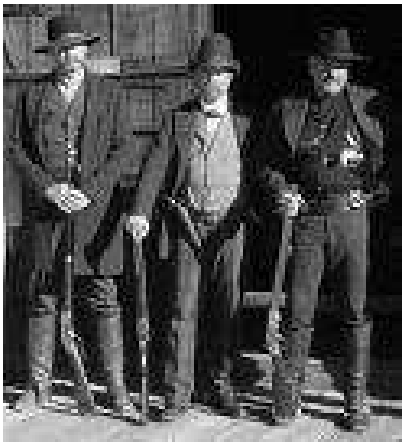
Quem viver, verá.

Thomas Woodrow Wilson (1856 — 1924)

[343] Ver crônica “Carta aberta”.
[344] Ver crônica “São capazes de tudo”.
[345] Ver crônica “São capazes de tudo”
[346] Grifo do autor.
[347] Frederico Guilherme Victor Alberto Hohenzollern - Guilherme II da Prússia (Alem. 1859 - 1941): acumulou os títulos de último Imperador da Alemanha e Rei da Prússia entre 1888 e 1918.
[348] Teófilo de Antioquia (?-186): teólogo cristão, escritor e apologista supõe-se ter sido o sexto Bispo de Antioquia (Síria). Não se conhece quase nada acerca da obra literária deste bispo paleocristão, mas pelos relatos, citações e comentários, deve ter sido muito extensa. Do conjunto de sua obra conservou-se, apenas, a obra apologética *Três Livros a Autólico*, dividido em três partes e dirigido ao seu amigo Autólico. Pelo seu conteúdo, que trata da defesa dos cristãos perseguidos durante o Império Romano, é provável que tenha sido escrito entre 179 e 181 d. C..



Allan Pinkerton (sentado à direita)



Grupo de detetives da Agência Pinkerton

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 121-125)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 185-191)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp. 480-485)

"EDIFICANTES NOTAS AO SOUTHEY" [349]

Quando, em fins do ano atrasado, o Senhor Assis Brasil [350] fez em São Paulo, sob os auspícios da Liga de Defesa Nacional, uma conferência sobre "A idéia da Pátria", li na publicação que dela fez o prestimoso *Estado de S. Paulo,* em sucessivos dias, tão comprometedores absurdos que não me contive e comecei a escrever algumas observações sobre ela, para estampá-las em alguma revista obscura e desdenhada. Guiado por aquela idéia muito própria do Senhor Assis Brasil, de que a capital do Brasil deve ser em Pedras Altas, o eminente republicano histórico emaranhava de tal modo os caminhos do povoamento do Brasil e asseverava tais cousas, que me obrigou a consultar velhos livros queridos, para me certificar que as minhas dúvidas não provinham de uma lamentável desorganização do meu aparelho cerebral.

Um deles foi a *História do Brasil,* de Roberto Southey, traduzida pelo Senhor Luís Joaquim de Oliveira Castro e anotada pelo cônego doutor J. C. Fernandes Pinheiro. É edição da Livraria Garnier do Rio de Janeiro, de 1862; e creio não haver outra.

Lera-lhe os seis volumes há muitos anos e não me incomodara com as notas do sábio cônego.

Em 1917, quando eu o fui reler, ou antes consultar, acudi pacientemente ao chamado das sábias notas do cônego doutor. Na pág. 433, do 3° volume, encontrei esta:

> O 'Paraná' (que em tupi significa 'mar') toma este nome na confluência do Paraíba (será erro de revisão?), que vem do centro da província de Goiás, e do rio Grande que sai do interior da de Minas Gerais nascendo na serra da Mantiqueira. Serve de limites às províncias de Minas, Goiás, São Paulo e Paraná; dividindo outrossim o Brasil do Estado Oriental, e da Confederação Argentina. Recebe então o Paraguai e o Uruguai, adquirindo o nome de Rio da Prata. F. P.

Fiquei estupefato com semelhante geografia. Estaria eu esquecido? Fiz exame tão criança... O senhor cônego doutor era um homem sábio, muito considerado pelas suas letras, no seu tempo; e eu - o que era?

---

[349] Robert Southey (Ing. 1774 - 1843); historiador, escritor, prosador e poeta britânico integrante do movimento romântico. Ainda jovem foi morar em Portugal com um tio, o pastor anglicano Herbert Hill. Dedicado aos estudos e à leitura, teve acesso a documentos sobre Portugal e América e especializou-se na História de Portugal e do Brasil. Diz-se que tinha uma biblioteca com cerca de 14 mil títulos. Entre 1810 e 1819 publicou, em Londres, a *História do Brasil*, abrangendo todo o período colonial até a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808. Dessa obra, comentou o próprio Southey: "Seria faltar à sinceridade que vos devo, esconder que minha obra, daqui a longos tempos, se encontrará entre as que não são destinadas a perecer; que me assegurará ser lembrado em outros países que não o meu; que será lida no coração da América do Sul e transmitirá aos brasileiros, quando eles se tiverem tornado uma nação poderosa, muito da sua história que de outra forma teria desaparecido ficando para eles o que é para a Europa a obra de Heródoto.".

[350] Joaquim Francisco Assis Almeida Brasil (RS. 1857 — 1938): advogado, político, orador, escritor, poeta, prosador, diplomata, propagandista da República e estadista brasileiro. Fundador do Partido Libertador, foi deputado e membro da junta governativa gaúcha de 1891. Retirando-se do serviço diplomático, fundou sua Granja das Pedras, na região em que em meados do século XIX era conhecida como Coxilha das Pedras Altas. A denominação foi encontrada em cartas escritas à família, por um oficial "farrapo" que acampou nessa localidade com as tropas de Bento Gonçalves. Contudo, de acordo com Joaquina de Assis Brasil, o nome se deve aos engenheiros que construíram a estrada de ferro no local, que "... à procura de local adequado para instalação dos trilhos, descobriram duas pedras enormes, uma apoiada sobre a outra, com altura aproximada de cinco metros. Admirados com a obra da natureza, fizeram um esboço do achado, ao qual deram o nome de 'Pedras Altas' e em seguida à estação de trem quando ficou pronta.".

Corri ao meu Wappoeus [351] na tradução ou melhor refundição dos sábios e operosos senhores Capistrano de Abreu e Vale Cabral. Não satisfeito, socorri-me do Moreira Pinto[352], o grande, em que estudara a Corografia [353] do Brasil, aí pelos meus treze anos. Não estava doido, não! O sábio cônego é que levara com a sua sabedoria um completo terremoto na bacia fluvial do Prata.

O Paraná, com o nome de Paranaíba, nasce em Minas, na serra de Canastra, nas vertentes opostas àquelas que dão origem ao São Francisco; e separa de fato Minas de Goiás, e de Mato Grosso. O rio Grande que, conjuntamente com o Paranaíba, forma o Paraná propriamente dito, é que separa Minas de São Paulo, como está em qualquer mapa; mas Paraná, Paranaíba ou rio Grande absolutamente não entram, como quer o cônego, na separação do atual Estado do Paraná do de São Paulo.

Onde, pois, o sábio cônego doutor teria visto isto? Em que fantástica carta ou tratado?

Eu daria tudo que pudesse dispor em dinheiro ou alfaias para possuir semelhante documento.

Não contente com tal descoberta, o reverendo cônego doutor foi pô-lo, o Paraná, dividindo o Brasil do Estado Oriental. Homessa!

Para um geógrafo dos meados do século XIX, o célebre Senhor Fernandes Pinheiro, autor respeitado e citado, grande autoridade no seu tempo, é perfeitamente um geógrafo medieval.

Páginas adiante do mesmo tomo do Southey, na mesma tradução e edição, o cônego doutor (não se omitem nunca os títulos tão do nosso gosto) corrige o inglês e assevera, em nota, págs. 432 e 435:

> Há aqui um singular equívoco de Southey que cumpre retificar. É inexato que o rio Uruguai nasça na província de Santa Catarina perto da ilha deste nome. Os mais acreditados geógrafos do Brasil marcam a sua derivação na "serra Geral" (província de São Pedro do Sul), correndo por dilatado espaço com o nome de Pelotas, e tomando nos "Campos das Vacas" o nome pelo qual é mais conhecido, serve de limites ao Império do Brasil e à República Oriental. F. P.

Nova estupefação da minha parte. Este sábio está doido ou eu não sei quem verdadeiramente sou. Corro ao Wappoeus e lá encontro, pág. 130:

> I. O rio Uruguai recebe esse nome na confluência dos rios das Canoas e das Pelotas que nascem na vertente ocidental da serra do Mar, *na província de Santa Catarina.*

Com quem estará a verdade: com o cônego doutor F. P. e os seus autorizados geógrafos ou com o Wappoeus, o Capistrano, o Vale Cabral, o Homem de Melo e outros notáveis colaboradores da tradução para português da obra do alemão?

É de entristecer semelhante alternativa, tanto mais que o Moreira Pinto não nos diz que o Uruguai separe o Brasil da república a que ele deu o nome.

Tímido diante dos títulos do anotador do historiador e poeta inglês, simplesmente deixo registradas aqui estas mínimas observações muito medroso do meu saber, medo que me fez, ao me encher de perplexidades em face das notas do cônego doutor Fernandes Pinheiro, abandonar o propósito de comentar a conferência do famoso e autorizado doutor Assis Brasil, a gigantesca mentalidade de Pedras Altas.

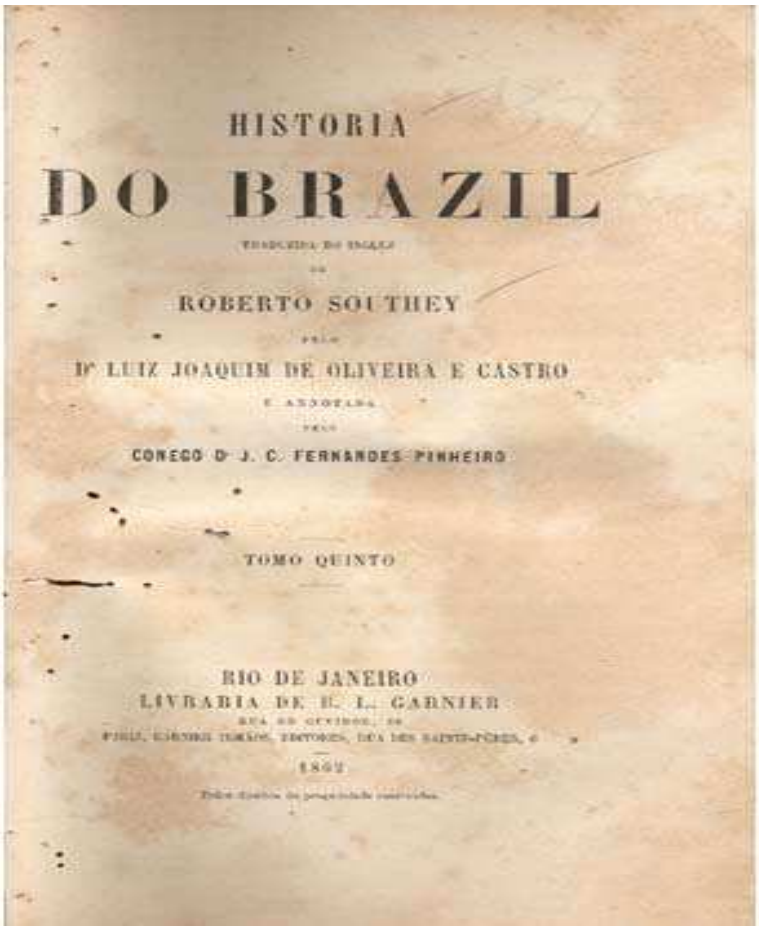
---

[351] J. E. Wappoeus (Alem. ?): geógrafo alemão que escreveu *Geografia Física do Brasil Refundida* (1871), traduzida para o português por Capistrano de Abreu e Valle Cabral em 1884. Na época, foi considerado o melhor livro da geografia brasileira e, por ser o único a tratar especificamente do Brasil, foi muito utilizado no ensino da disciplina no Colégio Pedro II. Lima tinha um exemplar na sua biblioteca.

[352] Alfredo Moreira Pinto (?): bacharel em letras, professor de Geografia e História, autor do *Dicionário Geographico do Brazil* (1899).

[353] Estudo da geografia de um país, ou de suas regiões.

Robert Southey


HISTORIA

DO BRAZIL

ROBERTO SOUTHEY

Dr LUIZ JOAQUIM DE OLIVEIRA E CASTRO

CONEGO D. J. C. FERNANDES PINHEIRO

TOMO QUINTO

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE B. L. GARNIER

1862

Capa da edição de 1862 de *Historia do Brazil*

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 127-128)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp-192-194)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. II. (pp.- 96-98)

"HENRIQUE ROCHA"

Desde muito que eu desejava abandonar o meu curso. Aquela atmosfera da escola superior não me agradava nos meus dezesseis anos, cheios de timidez, de pobreza e de orgulho.

Todos os meus colegas, filhos de graúdos de toda sorte, que me tratavam, quando me tratavam, com um compassivo desdém, formavam uma ambiência que me intimidava, que me abafava, se não me asfixiava.

Fui perdendo o estímulo; mas a autoridade moral de meu pai, que me queria ver formado, me obrigava a ir tenteando... Conjugados... Momentos... Teoria do pêndulo... Teorema das áreas... Que sei eu mais? Nada!... Desgostava-me e era reprovado; e as minhas reprovações desgostavam meu pai, tanto mais que, a bem dizer, até aí, não tinha sido reprovado.

Os últimos anos, passei-os pelos corredores da escola a discutir, já afeito ao seu "ar" — agora! — ou a ler na Biblioteca Nacional ou Municipal; mas, sobretudo, na da própria escola. Eu lia Kant [354], Spencer, Comte [355], até o velho Condillac li, e Le Bon [356], as suas grandes obras sobre as civilizações dos árabes e dos hindus. De todos, porém, quem eu gostava mais de ler era Condorcet — *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain* — e os opúsculos que completavam o volume, entre os quais as *Réflexions sur l'esclavage des nègres* - que ainda hei de reler.

Cousa curiosa que me ocorre no momento; o marquês de Condorcet era relaxado e há até uma carta de Mlle. de Lespinasse [357] pedindo-lhe que o fosse menos, que limpasse as unhas, etc.; entretanto, esse relaxado, perseguido no processo dos girondinos, fugiu e foi descoberto em uma tasca dos arredores de Paris, por populares, por causa das suas mãos aristocráticas...

Li-o muito, sobretudo essa formosa obrinha que citei, no dizer da tradição, escrita no xadrez.

Talvez uma lenda literária, como aquela que criou o *Dom Quixote* também composto no cárcere...[358]

Vivia eu nesse conflito moral desde os meus dezenove anos, quando, aos vinte e um, meu pai adoeceu sem remédio, até hoje. Estava livre, mas, por que preço, meu Deus! Enfim... Não seria mais doutor em cousa alguma — o que me repugnava — nem precisaria andar agarrado às abas da casaca do doutor Frontin. Ia me fazer por mim mesmo, em campo muito mais vasto e mais geral!

Bastos Tigre [359], que já, por aquela época, fundava jornalecos e revistecas, convidou-me para fazer uma destas — *O Diabo* — com Amorim Júnior, Malagutti [360] e ele.

---

[354] Ver crônicas "No ajuste de contas" e "Casos de bovarysmo", respectivamente.
[355] Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (Fr. 1798 — 1857): filósofo francês, propositor da Sociologia e o fundador do Positivismo. Exerceu grande influência entre as elites intelectuais francesa e brasileira no século XIX e XX, especialmnete entre os propagandistas da República. Étienne Bonnot de Condillac (Fr. 1715 – 1780): filósofo francês. Amigo de Diderot e Rousseau; um dos mais notáveis pensadores do Iluminismo.
[356] Ver crônica "Vera Zassulitch" e "Tenho esperança que", respectivamente.
[357] Jeanne Julie Eleonore de Lespinasse (Fr. 1732 — 1776): escritora francesa. Celebrizou-se também por uma coleção de frases de reflexão sobre a cultura feminina, entre elas, "A mulher que se preocupa em evidenciar a sua beleza anuncia ela própria que não tem outro maior mérito".
[358] Acredita-se que a primeira parte de *Dom Quixote* foi escrita em 1597, quando Cervantes estava na prisão de Argamasilla, na província da Mancha.

Essa pequena revista deu quatro ou cinco números, e fez o seu sucesso de estima. Comecei, então, a conhecer uma porção de artistas, de poetas, de filósofos, de cronistas, jornalistas, repórteres, etc. Não me lembro de todos, mas, de muitos, guardo memória.

Emílio de Meneses, Guimarães Passos, Raul Braga, Domingos Ribeiro Filho, Raul, Calisto, Luís Edmundo, Santos Maia, Lucílio, Hélios, os dois Timóteos, os dois irmãos Chambellands, Evêncio, Jobim, Lenoir, o extraordinário Gil, Camerino, Arnaldo, Gonzaga Duque, Lima Campos e tantos outros, alguns já mortos e alguns ainda vivos, poucos felizes e o resto... na mesma. No meio dessa chusma de conhecimentos novos, vim também a conhecer Henrique Rocha.

Não sabia bem quem era, que "apito tocava", se era escritor, pintor, caricaturista, cenógrafo, "revisteiro", poeta — o que fosse. Não tinha eu hábitos de boêmia de botequim, de confeitaria, apesar de desde pouco mais de quinze anos, quando me matriculei, até àquela data, viver sobre mim, em casas de cômodos e comendo em pensões mais ou menos familiares. Não sabia quem era, nunca tinha ouvido falar nele e a minha ingenuidade causava espanto.

— Amorim, quem é este Rocha?

Amorim Júnior, fingindo indignação, com aquele seu gesto de erguer ambas as mãos à altura das faces e agitá-las, encarava-me e dizia:

— Mas você, então, não sabe quem é o Rocha?

- Não.

- Pois é o Rocha "Alazão", o Rocha "Facada", o Rocha "Mentira", o Henrique Rocha - está aí!

Calava-me, não só assombrado com tantos apelidos grotescos, como também para esconder a minha toleima de rapaz já feito e maior.

Indaguei daqui e dali e vim a saber algumas cousas da vida do Rocha. Era filho de um grande clínico ou, como os franceses dizem - um grande prático de Niterói que, se não gostava de literatura, apreciava muito os literatos e os poetas.

Muitas vezes, isso acontece; e o Rocha se criara no meio deles. Estudara alguns anos medicina, andara pela Europa, gastara dinheiro, fora veterinário de um regimento de cavalaria do Exército; e, como tinha colegas e velhos conhecimentos, acabara por viver numa disfarçada mendicância, levando a boêmia muito além dos limites de idade admitidos pela gente honestíssima. Gostava também de receitar, sobretudo permanganato de potássio. Era um ex-homem [361]. Muitos fugiam dele, não pelo que ele pedia; mas, pelo estado em que ele pedia. Estampados

Achei muito curioso o tipo, simpatizei muito com ele, tanto mais que me tratava com muita ternura, paternalmente, talvez com pena. Sempre que podia, isto depois de ter sido nomeado para a Secretaria da Guerra, eu o procurava propositadamente. Tinha um grande desejo de ser "mordido"

---

[359] Manuel Bastos Tigre (PE. 1882 — RJ. 1957): bibliotecário, jornalista, poeta, compositor, humorista e destacado publicitário. Homem de múltiplos talentos, em todas as áreas que atuou obteve sucesso, especialmente, como publicista. São atribuídos ao seu nome os versos: "Veja, ilustre passageiro/ O belo tipo faceiro/ Que o senhor tem ao seu lado. /No entanto, acredite/ Quase morreu de bronquite:/ Salvou-o o Rhum Creosotado", que se liam em todos os bondes do Rio de Janeiro em 1918, fazendo propaganda do xarope Rhum Creosotado.

[360] Ettore Malagutti (ES. 1871 - RJ. 1925): pintor, desenhista, poeta e pianista ítalo-brasileiro. Filho de imigrantes italianos, morou muitos anos na Europa, onde conheceu Carlos Gomes. Nunca definiu suas verdadeiras aptidões artísticas.

[361] Na crônica com o mesmo nome, Lima descreve um "Ex-Homem" como uma pessoa que havia tido independência de expressão, que podia dizer a verdade com todas as letras, mas perdeu o prestígio e, abandonado por amigos e conhecidos, passou a viver de interesses e "cavações". (VU:1963, p. 108).

pelo Rocha. Parecia que isso me sagrava e talvez um artigo de José Veríssimo [362], naquele tempo, não me deixasse tão satisfeito.

Rocha era o homem das esquinas, onde ficava, com as mãos atrás das costas, muito alto, inclinado, com jeito de um jaburu ou socó-boi, à beira de uma lagoa. O fraque aumentava a semelhança. A preferida era a da Rua Gonçalves Dias com a da Assembléia, onde havia uma casa de bebidas, e, hoje, uma charutaria. Tempo das ruas estreitas, convém notar.

Eu vinha da secretaria e, quase sempre, procurava-o, dizendo-lhe:

— Rocha, como vais?

— Assim.

E fazia uma contração com os lábios, falava com os dentes quase cerrados e dava de ombros que pareciam cotos de asas de pingüim. Em seguida, ele perguntava:

— Tens cigarros?

— Tenho.

Dava-lhe um, acendíamos os nossos e ele acrescentava, depois de tirar uma fumaça:

— Estou aqui, à espera de um "cara"... Minha filha veio de Paris e pediu-me que fosse jantar com ela; mas o "cara"... até já! até já!

E deixava-me precipitadamente, sem apertarmos as mãos; e corria atrás de um conhecido qualquer.

Assim foi durante muito tempo e o meu interesse e simpatia por ele fizeram-me ir colhendo, aqui e ali, umas histórias, anedotas curiosas sobre o Rocha.

Uma delas creio que a ouvi de Emílio de Meneses. Rocha era antigo conhecido do engenheiro Paulo Alves, que foi o primeiro prefeito de Niterói e a cuja iniciativa muito essa capital deve.

Toda vez que o via, Rocha pedia "alguma cousa". Certo dia, Paulo Alves, que, naturalmente, vinha aborrecido com qualquer acontecimento, fez uma intimativa severa ao Henrique:

- Rocha, diga-me uma cousa!

— O que é, Paulo?

— Quanto queres, para não me "morder" mais este ano?

Ele pensou um pouco e estimou a cousa em pouco:

- Cinqüenta mil-réis.

O engenheiro Paulo Alves meteu a mão na algibeira e deu-lhe a "pele" como o Rocha chamava o papel-moeda.

— Está tratado, não é, Henrique?

- Sim, Paulo.

Durante alguns dias, cerca de um mês, Rocha via o amigo e: o cumprimentava:

— Como vais, Paulo?

— Como vais, Rocha?

[362] José Veríssimo Dias de Mattos (PA. 1857 — RJ. 1916): escritor, educador, jornalista e estudioso da literatura brasileira e principal idealizador da Academia Brasileira de Letras. Sua obra é das mais notáveis do seu tempo; seu legado literário é composto de vários estudos sociológicos, históricos e crítica literária. Escreveu a *Introdução a História da Literatura Brasileira*, primeira obra onde estão expostos a tradição, o espírito e as influências de outras literaturas na genuinamente brasileira. Para Veríssimo, o "fato literário" em si, não é tudo para o crítico, e não basta realçar dele apenas o mais visível dos seus meios de expressão; é preciso alcançá-lo nas suas implicações menos aparentes de ordem filosófica, estética ou social, para bem situá-lo como razão de ser da literatura. Sua obra ressalta também um cunho nacionalista e a demonstração do sentimento de brasilidade, desde as primeiras manifestações da literatura brasileira existem na obra de poetas e ficcionistas. Lima admirava e respeitava a crítica de José Veríssimo, não só por ter sido notável entre seus pares, como também, porque foi o primeiro a fazer referências elogiosas aos primeiros capítulos de "Recordações do Escrivão Isaias Caminha" publicados em folhetins na *Revista Floreal* e, da mesma forma, por carta, quando o romance foi editado em livro.

E ficava tudo assim. Certa vez, porém, fosse por que fosse, avistou o doutor Paulo Alves na calçada oposta, já um pouco distante, e correu ao alcance dele.

Henrique Rocha a bem dizer não corria; ele tinha nessas ocasiões uma atitude e um passo singular e engraçado. Deixava descer um dos ombros, o fraque inevitável esvoaçava, metia a cabeça no pescoço e ia saltitando lento como um urubu que quer levantar o vôo. Assim foi ele atrás do benemérito ex-prefeito de Niterói. Parou este e perguntou-lhe com austeridade:

- Mas, Rocha, você não se lembra do nosso trato, mais?

Rocha calou-se, pensou e disse instantes após, sem gaguejar:

- É verdade! Mas você pode "passar" "o" do ano que vem.

O doutor Paulo Alves sorriu, deu-lhe "algum", não todo, para não faltar numerário para as outras vezes.

Conquanto todos o vissem, de manhã à noite, fosse dia útil ou feriado, fosse domingo ou dia de trabalho, na Rua do Ouvidor e na de Gonçalves Dias, principalmente nesta, Henrique Rocha tinha a pretensão de passar caçador e fazia questão disso.

Ora, caçador tem fama de mentiroso, imaginem agora um sujeito que se mete como caçador - que mentiroso devia ser! Daí proveio o apelido de "mentira".

Entretanto, ele não cessava de impingir as suas histórias fantásticas, fantástico caçador.

Uma tarde, já à boca da noite, estavam diversos boêmios daquela época bebericando, em torno de uma mesa de botequim reles, entre os quais Rocha e um grande poeta, hoje homem morigerado e acadêmico, mas, naqueles tempos, o mais desalmado, estabanado e revoltoso sujeito de que as nossas crônicas literárias guardam memória, quando, não sei a que propósito, o Henrique deu na veneta de contar histórias. Matara tucanos, jacus, mutuns, cutias, antas, pacas, veados, onças — o diabo! Todos já estavam cansados com as suas mentiras venatórias, quando encetou a longa narração de uma caçada de caititus no grosso mato, nas serras de Teresópolis.

- Vocês sabem, é à noite... Pus-me em cima de uma pedra... Fazia luar - compreende-se - não... Bem! Pus-me em cima de uma pedra e esperei. Daqui a pouco, ouvi o roncar... Uh! uh! uh! uh!... Eram os "queixadas"... Engatilhei a espingarda e a "vara" apareceu na trilha...

Nisto L. M., o poeta, diz:

— Rocha! Rocha! Se me matas o porco-do-mato, eu te quebro a cara! Vê lá, hein!

— Espera, filho! Espera um pouco! acode Rocha. Engatilhei a espingarda e esperei que a "vara" passasse, porque - vocês sabem - só se atira no último, senão...

— Rocha! Rocha! insiste o poeta. Se me matas o "queixada", eu te quebro a cara.

— Espera, filho! Espera um pouco. Deixei passar a "vara", dormindo na pontaria, mas...

— Rocha! Rocha! observa o L. M.

— Mas, afinal, veio o último e...

— Rocha! fez furioso o poeta, levantando a mão ameaçadoramente. À vista do gesto, o felicíssimo caçador explicou com calma:

- Não o matei; a espingarda negou fogo.

Essa mania de Rocha por caçadas fazia que tivesse sempre em casa uma magnífica Lafoucheux [363], de dous canos, trochados, com a qual um dia lhe pregaram uma magnífica peça. Conto o caso como ele foi. Morava ele em Niterói, aí pelas bandas do Cubango [364], muito além,

[363] Lafoucheux é a marca de uma espingarda 12 mm com dois canos.

[364] Cubango: bairro de Niterói que se desenvolveu no interior de um estreito vale. Antes de ser loteado, era composto por quatro fazendas produtoras de hortaliças.

na banda da mata, com uma crioula - doce gente que tem sempre o coração aberto para os infelizes que a procuram na última hora da desgraça... Morava ele por lá mais a crioula, que nas histórias do Rocha passava a ser uma francesa, talvez para não pagar casa, pois bonde e barcas o visconde de Morais [365] lhe dava de graça. Bem!

Certa tarde, Rocha convidou o Evêncio Nunes [366], pintor; o Plácido Júnior [367], que foi muito tempo secretário *d' A Notícia;* e não sei quem mais, para cearem na sua residência e lá passarem a noite. O Lebrão, proprietário da Colombo [368], dava diariamente tudo que sobrava da "estufa", pedaços de leitão, frangos, peixe frito, etc., ao Rocha, e ele e os seus amigos, naquele dia se encheram de embrulhos com as carnes magníficas que a generosidade do Lebrão lhes proporcionara. Era no tempo do bom Rio de Janeiro, de ruas estreitas, mas liberal e cavalheiro, generoso e pitoresco. Saíram da Colombo, aí pelas oito horas da noite, tomaram a Rua da Assembléia em direção às barcas de Niterói.

Todos caminhavam prelibando aquela pantagruélica [369] ceia em que havia, porém, um pouco da distinção e da elegância dos banquetes *chics,* devido à origem das iguarias.

No meio do caminho, ali, pela esquina da antiga Rua dos Ourives[370], Rocha que tinha dinheiro no bolso, mas precisava realizar suas "reservas metálicas", viu não sei quem e, de repente, passando os embrulhos aos outros, disse nervoso:

- Vão para as barcas, pois não posso perder "aquele". E saiu atrás de um cavalheiro que se esgueirava na rua escura, na calçada oposta e em sentido oposto ao que levavam.

Evêncio, Plácido e os outros foram para a ponte das barcas e esperaram. Nove horas, nada de Rocha! Dez horas, nada de Rocha! Tomaram uma resolução heróica. Resolveram então embarcar para Niterói e irem direitinhos para a casa dele. Assim fizeram e lá, a rapariga, Eponina, creio eu, perguntou logo

- Cadê nhô Henrique?

- Já vem, diz um deles. Estamos com fome... Aquece "isto" que ele não tarda.

Assim foi feito. Cearam muito bem e aboletaram-se em esteiras — sofás rasteiros — aqui e ali, nas dependências da casa.

A habitação ficava um pouco retirada da rua ou estrada e o portão ou cancela podia ser fechado à chave. Eles fizeram isto e puseram-se a dormir.

Só, pelas tantas, Rocha apareceu, batendo desesperadamente na cancela:

---

[365] José Júlio Pereira de Morais (Port. 1848 – RJ. 1931): I Visconde de Morais. Fidalgo da Casa Real Portuguesa, Grão-cruz da Ordem de Cristo e do Mérito Industrial, Comendador da Ordem da Rosa do Brasil, presidente do gabinete Português de Leitura e da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro. Foi também grande industrial e negociante atacadista; durante muitos anos chefiou a colônia portuguesa na capital do Brasil.

[366] Evêncio Nunes (SE 1870 – RJ ?): pintor formado pela Academia Imperial de Belas Artes. Entre suas atividades artísticas, destaca-se a colaboração na pintura do *plafond* do Colégio Pedro II.

[367] Não foi possível encontrar referências sobre esse jornalista, além de que era frequentador assíduo da Confeitaria Colombo e tinha os apelidos de "Pipa" e "Pipinha".

[368] Confeitaria Colombo: fundada em 1894 pelos portugueses Manuel José Lebrão e Joaquim Borges de Meireles. Situada na Rua Gonçalves Dias era ponto de encontro da elite elegante e da vida mundana de intelectuais do Rio de Janeiro. Entre seus clientes famosos pode-se citar Chiquinha Gonzaga, Olavo Bilac, Coelho Neto, Rui Barbosa, Villa-Lobos, Lima Barreto, José do Patrocínio. Muitos dos intelectuais, escritores e artistas, que frequentavam a Colombo viviam com pouco dinheiro e o Lebrão, sempre lhes emprestava uns vinténs ou lhes assegurava uma refeição.

[369] Referência a Pantagruel, personagem principal do romance de François Rabelais François Rabelais, pseudônimo de Alcofribas Nasier, (Fr. 1483 — 1553): escritor, padre e médico francês do Renascimento, que narra os horríveis e apavorantes feitos e proezas de Pantagruel, filho do gigante Gargântua e de sua mulher Badebec, que morreu de parto. Pantagruel era um *bon vivant,* alegre e glutão, que desde a sua infância se destacava por uma força descomunal, superada apenas, por seu apetite que só saciava em grandes banquetes.

[370] Rua do Ourives: fazia esquina com a Avenida Central, atualmente é a Rua Miguel Couto. Tinha esse nome, porque no século XVII, era ocupada por cerca de quatrocentas lojas de ourivesaria.

- Eponina! Eponina! Abre que sou eu! Chefiou

Ouvindo isto, Plácido não teve dúvidas em castigar o malandro que os abandonara “covardemente”.

Agarrou a espingarda, munição, entreabriu a janela e, a cada apelo do Rocha, descarregava a arma. Mais ele gritava, mais tiros Plácido dava para o ar.

O fantástico caçador dessa feita não teve outro remédio senão dormir no mato - cousa que lhe devia ter acontecido pela primeira vez nas excursões venatórias.

Rocha "mordia", mas também era “mordido”.

Antes, porém, de contar como ele foi mordido, vem a pêlo lembrar um episódio de ciúmes desse meu velho camarada.

Estávamos eu, o doutor Ribeiro de Almeida, que é hoje engenheiro da Prefeitura de Niterói, Rocha e outras pessoas, à noitinha, conversando, na Avenida. Rocha contava qualquer cousa, pois tinha a língua fácil e a imaginação fértil. Acercou-se de nós um tipo desconhecido, de uma tez sem acento parecido com os nossos habituais, e, de chapéu na mão, dirigiu-se ao Ribeiro de Almeida, pedindo qualquer cousa. Rocha apartou-se amuado e, quando o homem se foi, voltou ao grupo e disse, para nós, indignado:

- Vocês viram isto, só! Estes ciganos vêm para a Avenida “morder”... Já se viu uma cousa dessas!

Narro, porém, como o velho Henrique foi "mordido". Contou-me esse fato o próprio herói da façanha, atualmente excelente pai de família, mas que, naquelas épocas, excedia a todos nós em estabanação, desordem de vida e extravagância. Uma noite de chuva, ele foi a uma espelunca de jogo qualquer. Jogou e perdeu todo o dinheiro, o último níquel do bonde!

Saiu “zarro” [371] à procura de um camarada que lhe garantisse, no bonde, a “ida e volta”, como dizia o Amorim de antanho.

Andou por toda a parte, botequins, confeitarias, tascas literárias e não encontrou nenhum, desesperava quando topou o Rocha. Que havia de fazer? Morder o Rocha; e assim fez. Dirigiu-se a ele:

— Rocha, você não me pode “passar” aí um cruzado?

— Pois não.

Meteu Henrique ambas as mãos nas algibeiras da calça, trouxe-as cheias de níqueis, juntou-as em concha e disse para o camarada:

- Escolhe aí, filho!

Muitos episódios se podem contar do pobre Henrique Rocha, todos, na verdade, cheios de muito cômico, até nos gestos que inventou o havia, até na terminologia que criou há, mas não se poderá descobrir por ele uma miséria moral de sua alma que repugnasse. Havia nele mais um precoce cansaço de viver, uma incapacidade para a luta que a vida atual requer, desânimo de uma inteligência que não sabe onde e como se aplicou, uma melancólica contemplação inconsciente e doentia dos homens e das cousas, do que mesmo desonestidade e patifaria. Não se sabe do Rocha nenhuma anedota em que ele fosse desleal ou tentasse falsificar qualquer cousa.

Conto ainda mais um caso para acabar:

Há anos o meu amigo e compadre Emílio Alvim, não sei por quê, me convidou a ir à casa dele, em Botafogo, almoçar. Fui. Quando lá cheguei, ele se preparava para sair, o que me encheu de espanto.

— Não há dúvida! disse-me ele. A mulher saiu e todos saíram; mas vou almoçar em casa do V., pois ele me mandou chamar. Vais comigo.

[371] Desejoso, sequioso.

Em começo, eu não quis ir, mas afinal acedi. Era na Rua da Assunção [372] casa de V., que hoje dirige um grande jornal e que, de há muito, dirige jornais no Rio de Janeiro.

Na casa de V., foi a mesma coisa. Todos tinham saído e só lá estavam senhora e a filha.

Feitas as apresentações, a senhora de V. disse para o Emílio:

— Você, Alvim, sabe quem passou por aqui num estado lamentável agora mesmo?

- Não.

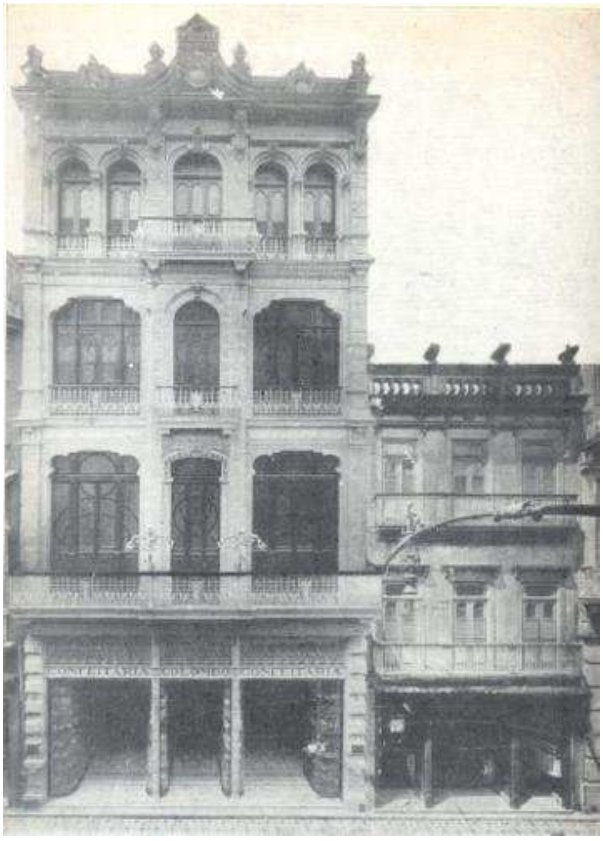
- O Rocha.

Alvim perguntou:

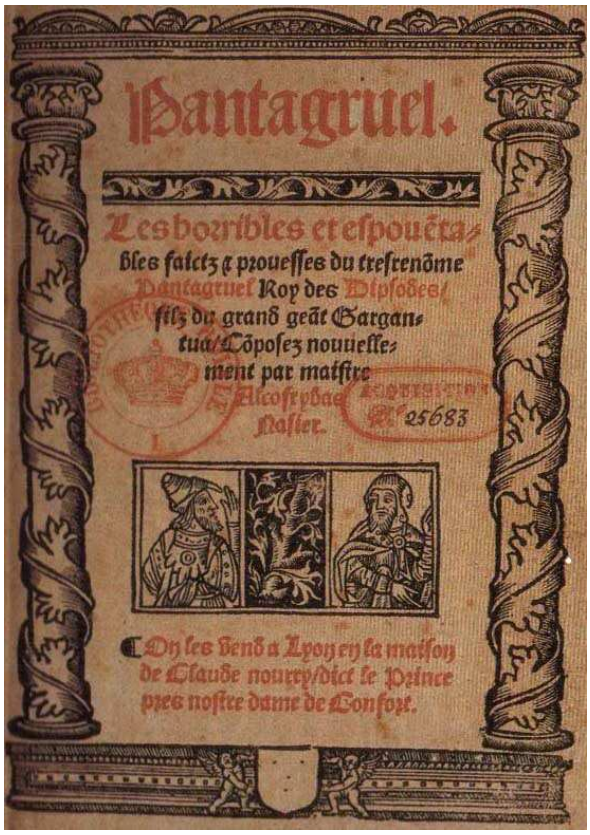
- Que vem ele fazer por aqui?

— Vem ver a mãe, que mora na casa vizinha. Parece que, quando ele cisma de vir ver a mãe, arranja mais dinheiro, compra um samburá grande, enche de repolhos, abóboras, couves, alfaces, outras verduras e peixe!... Bebe e chega aqui cambaleando com o cesto atochado, deixando cair abóboras que ele apanha para logo caírem repolhos que ele apanha, a ponto de fazer medo que ele se estenda na calçada... Coitado! E a mãe não precisa...

Rimo-nos do grotesco da cena e entreolhamo-nos. Nenhum de nós dois sabia daquilo.



Confeitaria Colombo – 1914



Capa de *Pantagruel*

[372] Rua da Assunção – Bairro de Botafogo.

FONTES DE PESQUISA:

Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 129-135)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 201-204)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I (pp.501-504)

Rio de Janeiro
Lima Barreto - 16-4-20
Assis Barbosa – 16-4-20
Resende/Valença - [*Gazeta de Notícias*] – 16.04.1920

"LIVROS DE VIAGENS"

Gostei sempre dos livros de viagens. Em menino, a minha leitura predileta era Jules Verne [373]; passando a rapaz, o meu gosto não diminuiu e, se não li o Marco Polo, foi porque não me caiu em mãos; mas li as viagens de Cook, Bougainville e o último livro de viagens que li, se não me falha a memória, foi o de Nansen — *Vers le pole* . É uma literatura das mais agradáveis, pois, tendo todos os direitos a admitirem-na como real, parece irreal.

Quando li, por exemplo, a viagem do "Fram", o navio de Nansen, a emoção foi a mesma que tive com *As aventuras do Capitão Hatteras,* de Jules Verne. Em nenhuma das duas leituras procurei o real ou o fantástico; o que achei em ambas foi sonho, muito sonho de ver cousas novas.

Atualmente, sérias ou não, pouco procuro ler viagens; já me sinto muito viajado em torno do meu próprio quarto; já sei muito bem que ele é a vastidão do meu mundo e que a essa vastidão me devo condenar. Antigamente ainda ia a Niterói; cheguei até a projetar uma longa viagem a Petrópolis; hoje, porém, nem mais esse desejo tenho. Fico no meu canto e a maior viagem que faço, é ir, de onde em onde, ao centro da cidade. Não julguem que seja pequena; não é. De onde moro até à Rua do Ouvidor, há bem duas léguas.

Não quer dizer com isto que abomine as viagens; nem abomino nem invejo.

Uma espécie de viajantes, porém, que me aborrece, além dos caixeiros, são os diplomatas. Eles viajam tanto, que acabam não vendo nada de novo. Falo dos nossos, pois os outros não os conheço; e, dos nossos, muito poucos.

Os seus livros de viagens, em geral, são de urna pasmaceira de quem não tem olhos para ver e inteligência para penetrar. Quando não sabem sentir por si as cousas estranhas que se lhes apresentam aos olhos, correm a um autor famoso e decalcam-no manhosamente. Às vezes mesmo, o sujeito não é famoso; é um Gómez Carrillo [374] qualquer.

De resto, eles não vêem as cousas profundas de um país, mas só aquelas superficiais comuns a todos os países. São os bailes, os teatros, as ruas elegantes, os bairros ricos e os bairros torpes, onde não foram. Houve um diplomata brasileiro, não era de grande graduação — graças a Deus! — que se aborreceu muito que no "Anam" houvesse anamitas. Gente tão feia!

Entretanto, há exceções: e devia havê-las, pois nós não somos de todo estúpidos. E não são de hoje que elas aparecem. Ser-me-ia impossível fazer a bibliografia dos livros de viagens dos diplomatas brasileiros. Creio mesmo que nem o Itamarati a saberia fazer. Li, porém, uma *Relação de uma viagem à Venezuela, Nova Granada e Equador*, que, sendo das exceções de que falei, é,

[373] Jules Verne (Fr.1828 – 1905): escritor francês. Sua obra é cheia de aventura e viagens que instigam a imaginação de crianças e adultos há mais de um século, como por exemplo, *Cinco Semanas em um Balão* (1863), *Da Terra à Lua* (1865), *Vinte Mil Léguas Submarinas* (1869) e *A Volta ao Mundo em 80 Dias* (1872). É considerado o precursor do gênero de ficção científica, por prever em suas histórias o aparecimento dos submarinos, das máquinas voadoras e da viagem à Lua. Há inúmeras citações de Lima a respeito dos livros de Julio Verne, em sua biblioteca tinha um volume de *Um descobrimento prodigioso*.

[374]Enrique Gomez Carrillo – como era conhecido Enrique Gomez Tible (Gtm. 1873 –Fr. 1927): escritor, crítico literário, jornalista e diplomata gualtemateco. Notável por sua vida boêmia e viagens. Conhecido como "Príncipe das crônicas", escreveu cerca de oitenta livros, na sua maioria de crônicas, seu estilo era notadamente modernista. Tido como um "dândi" ao jeito de Paulo Barreto, alguns críticos brasileiros consideram que *A alma encantadora das ruas* se contrapõe em estilo ao de Carrillo e outros consideram que há asemelhança.

entretanto, bastante antiga. Data de 1866; foi impressa em Bruxelas, na casa de A. Lacroix, Verboeckhoven & Cia, etc., e seu autor se assina simplesmente — Conselheiro Lisboa [375]. Não sei quem tivesse sido, mas é suposição minha que fosse pessoa de alta consideração por aquela época e tivesse sido acreditado como ministro do Brasil junto àquelas repúblicas, para tratar de negócios de limites. Se bem me lembro, ele fez duas viagens àquelas paragens; mas o livro se refere particularmente à que fez em 1853.

O livro tem por fim, diz o seu autor,

> dar a conhecer a meus patrícios, países que, apesar de serem limítrofes conosco, são no Brasil inteiramente desconhecidos; procurar (por meio de uma narrativa benévola que apontando com indulgência os defeitos faça com justiça valer as virtudes dos hispano-americanos) corrigir o efeito que têm produzido no mundo literário as obras de escritores preocupados.

Frase, pontuação, tudo é do conselheiro.

Sem procura de brilho no estilo, nem descrever paisagens indescritíveis, o autor consegue o fim que se propõe. Ele nos dá uma pintura, se não exata, ao menos verossímil e simpática, da vida social, política, artística, desses três países, que ainda são para nós inteiramente desconhecidos.

De todos três, porém, aquele pelo qual parece ter ele mais simpatia é pela Venezuela. A sua capital, Caracas, é sempre tomada por termo de comparação com as outras duas capitais que visitou. Julgo que tem razão. Ainda hoje, daqui e dali, se ouvem valiosas referências à cultura, ao amor às artes, sobretudo, à literatura dos caraquenses. Nomes célebres na história da América, como Miranda, Bolívar, Sucre [376] e outros, nasceram na pequena cidade do norte da América do Sul, e o exemplo desses grandes nomes, com o de outros nas letras, parece estimular a cultura e o fervor para altos feitos nos venezuelanos.

O livro do Conselheiro Lisboa é singelo e documentado; e, tanto quanto está no poder de um livro, a sua obra dá uma ideia dos países que visitou em missão do nosso país. Executar a obra com carinho e afã, fazendo penosas viagens que não eram do seu dever, mandando até, naturalmente por sua conta, desenhar tipos populares ou não, trechos e vistas de cidades, tirando cópias de plantas de obras célebres, entre as quais as do grande Humboldt [377], que ilustrou aquelas paragens, demonstrando assim uma rara acuidade de espírito e uma capacidade de pensamento geral que nós nunca supúnhamos em diplomatas.

Sugeriu-nos dizer isto tudo que aí vai a leitura do livro que o Senhor Oliveira Lima [378], também diplomata, embora aposentado, acaba de publicar sobre a República Argentina.

---

[375] Há um Miguel Maria Lisboa (RJ. 1809 – Lisboa 1881); primeiro e único Barão de Japurá que foi ministro e diplomata no Chile, na Venezuela, no Peru, na Bolívia, no Equador, nos Estados Unidos, na Bélgica e em Portugal, onde faleceu. O livro pode ter sido escrito por essa pessoa, uma vez que, os lugares citados coincidem com aqueles em que esteve lotado como diplomata e com o lugar de origem da publicação.

[376] Sebastián Francisco Miranda Rodríguez (Ven. 1750 - Esp, 1816): Simón José Antonio de la Santíssima Trinidad Bolívar Palácios y Blanco Bolívar (Ven.1783 — 1830) e Antonio José de Sucre (Ven. 1795 — Col. 1830), todos militares venezuelanos que atuaram no processo de independência das colônias espanholas da América do Sul.

[377] Friedrich Heinrich Alexander Humboldt - Barão de Humboldt (Alem. 1769 — 1859): geógrafo, naturalista e explorador alemão. Aos vinte anos, fez sua primeira viagem de caráter científico pelos Países Baixos, Alemanha e Inglaterra e ao longo das margens do rio Reno, seguindo o naturalista Georg Forster que, que por sua vez, acompanhou o Capitão Cook em sua viagem ao redor do mundo. Entre 1799 e 1804 esteve na América Central e do Sul. Suas estudos e viagens exploratórias se tornaram internacionalmente conhecidas, mesmo antes de sua morte.

[378] Manuel de Oliveira Lima (PE. 1867 — EUA. 1928): escritor, crítico, embaixador do Brasil em diversos países e professor-visitante na Universidade Harvard, além de membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Um dos mais notáveis historiadores brasileiros, aproveitou sua estada em Portugal para dedicar-se a profundas pesquisas de caráter histórico. Aposentado da diplomacia, por intrigas de Pinheiro Machado, passou os últimos anos de sua vida em Washington-DC.

Há entre *Na Argentina,* do Senhor Oliveira Lima, e o livro do velho Conselheiro Lisboa um ponto de contato: é que ambos querem constituir elementos de paz e concórdia entre vizinhos. Se, para a longínqua Venezuela, isso é um tanto platônico, para a República Argentina é sempre necessário. Não há nada como nos conhecermos, para vivermos em paz e perdoarmos os nossos mútuos defeitos.

Na Argentina tem a grande virtude de ser obra feita com simpatia. Não há a censurá-la por isso, e seria estulto, nestes tempos de guerras e barafundas belicosas, censurar alguém ou alguma cousa por ter simpatia por isto ou aquilo.

A impressão de leitura mais forte que me ficou do livro do Senhor Oliveira Lima foi o esforço extraordinário feito pelos argentinos para criar um passado, para organizar tradições.

Os seus publicistas, os seus poetas, os seus novelistas, andam em busca de ninharias de anteontem para transformar em motivos dignos de epopeias e longos e substanciais estudos.

As antiguidades mais de ontem são transformadas em preciosidades do Museu de Saint-Germain ou de Copenhague.

Sente-se bem que o artificial espírito de tradição argentino pede raízes e não quer simplesmente adejar, como diz o célebre doutor Ingenieros [379]; quer vê-las mostrarem-se à superfície da terra em sobrecasacas furadas pelo punhal de assassinos de presidentes, em óculos de alcance de almirantes estrangeiros que, há poucos dias, foram felizes nas suas espoliações contra Buenos Aires e em outras bugigangas. Entre nós, já vai surgindo um movimento análogo, tanto assim que o Senhor Sá Freire já mandou procurar algumas recordações de Duclerc [380]e de Duguay-Trouin [381]. Tanto para lá como para aqui, não me cabe censurar tal cousa; mas lembro que tradição só é tradição aquela que se faz espontaneamente e sem esforço é guardada na memória de todos, dispensando qualquer preocupação de exatidão e estreita veracidade histórica.

A tradição palpável e documentada só pode ser relatório. A legenda, que não deixa de ser em parte tradição, de Carlos Magno [382], só se fez durante cerca de três séculos pelas narrações orais, sem que se lhe guardassem os estribos e a espada; e daí nasceu essa maravilha de poema anônimo que é a *Chanson de Roland* [383].

Oliveira Lima sempre gostou de ler e escrever. Formou uma biblioteca fantástica, só comparável no Brasil à Biblioteca Nacional. Em sua lápide, no cemitério Mont Olivet em Washington-DC, não está escrito seu nome, apenas a frase "Aqui jaz um amigo dos livros".

[379] Ver crônica "Sobre o maximalismo".

[380] Jean-François du Clerc (ou Duclerc) (Esp. 1670 – RJ. 1711): corsário francês e cavaleiro da Ordem de São Luís. Iniciou a sua carreira na Marinha da França como capitão de fragata a bordo de uma canhoneira. Em de 1710, como comandante de uma armada de seis embarcações e aproximadamente mil e duzentos homens, partiu do porto de La Rochelle com a finalidade de atacar a cidade do Rio de Janeiro, por onde era escoado o ouro das Minas Gerais com destino a Portugal. Os portugueses foram avisados da chegada de Duclerc, tendo assim, o ataque sido contido. Perdido o efeito surpresa, a pequena esquadra foi rechaçada e esmagada sem dificuldade. Encurralados no trapiche do antigo porto do Rio de Janeiro, onde era armazenado o açúcar, gênero importante na pauta das exportações da capitania, 400 de seus homens foram mortos e outros 700 foram capturados, inclusive o próprio Duclerc. Em março de 1711, no local onde estava preso, Duclerc foi assassinado em condições misteriosas por um grupo de homens mascarados.

[381] René Trouin (Fr. 1673 — 1736): conhecido como Duguay-Trouin (também grafado como Du Guay-Trouin) foi um corsário francês que, através de favores, chegou ao posto de almirante. Foi incumbido de comandar a esquadra que invadiu o Rio de Janeiro, depois da fracassada tentativa, empreendida por Duclerc.

[382] Carlos Magno (Aquitânia 747 - 814): filho de Pepino – O Breve. (714- 768), foi sucessivamente rei dos Francos de 771 a 814 e rei dos Lombardos a partir de 774. Restaurador do Império Romano do Ocidente foi coroado em 25 de Dezembro do 800 o primeiro Imperador do Sacro Império Romano, que congregava a atual França e um pedaço da Alemanha. Carlos Magno era praticamente analfabeto, mas entendeu que a educação era fundamental para o fortalecimento do seu império. Incumbiu então, ao monge Alcuíno a elaboração de um projeto para implantação de escolas que ministrassem ensinamentos a partir da cultura romana, com um programa de estudos incluísse as sete artes liberais - gramática, retórica, dialética, matemática, geometria, astronomia e música. Essa reforma foi uma das sementes do movimento cultural e científico do Humanismo no século XII.

[383] *La Chanson de Roland* é um poema épico composto no século XI; é a mais antiga das canções de gesta escrita na língua românica. A grande influência que exerceu na cultura medieval, inspirou muitas outras do gênero por toda a Europa; era

Guardar muito cuidadosamente cousinhas desvaliosas de uso de personagens que amanhã serão desvaliosos não pode formar tradição alguma. Pode ser tudo, menos isso. A história e a tradição não são feitas pelos contemporâneos nem pela geração que se segue. Pedem para serem feitas algumas gerações adiante.

Os documentos do passado, conforme nos ensina a história europeia, que não é de dois ou três séculos, subsistiram por si mesmos, sem consideração de tempo e lugar. Há castelos de três séculos que desapareceram; de outros há restos, porém, que têm mil anos ou cerca disso.

Nós — assim falo porque estamos sofrendo do mesmo mal — queremos substituir o tempo na escolha que ele faz dos documentos e recordações que se devem guardar. A tentativa é vã. A América política não tem passado, não tem avós, não tem tradições de família. Com esse esforço de construir uma tradição sua, está a parecer-se com certos *parvenus* em cuja genealogia eles não encontram os bisavós, mas que arranjam sujeitos habilidosos que fazem entroncar a sua ascendência com Ricardo, Coração de Leão, que, para libertar o Santo Sepulcro, praticou degolamentos em massa, aí pelo século XII da era cristã. [384]

Essas considerações me levaram longe e o espaço não me sobra. O livro do Senhor Oliveira Lima é em todos os pontos um livro excelente, que nos faz conhecer a República Argentina sob vários aspectos. Encontro, nele, porém, uma falta: é o povo argentino. Sua Senhoria não se preocupa com as camadas ditas representativas. Professores (lá são ricos, diz Sua Senhoria), gente do mundo, estancieiros; mas o povo, na sua nudez, o Senhor Oliveira Lima deixa de parte. Penso eu que não foi propositadamente, mas uma omissão involuntária, devida aos hábitos da profissão.

Mesmo em literatura, a obra só nos fala de autores consideráveis, não há dúvida, mas de autores cujo mérito a importância de sua posição social torna de alguma forma suspeito.

Nas nossas democracias sul-americanas, sequiosas todas de medalhas e considerações, os poderosos não deixam aos humildes nem o direito de dizerem tolices em prosa ou verso. Eles o tomaram também para si.

Muito mais podia dizer sobre tão notável obra, por tantos títulos digna de leitura, mas o espaço já míngua e as palavras já me faltam. Contudo, já que falei tão longamente do espírito tradicional que implica de algum modo espírito de nacionalidade, pensamento nacional e o mais; já que

---

recitado por jograis nas cortes e nas ruas das cidades. O enrredo é em torno do fim heróico do conde Rolando, sobrinho de Carlos Magno, que morreu junto com seus homens na Batalha de Roncesvales, travada no desfiladeiro do mesmo nome contra os sarracenos. A base histórica do poema é real, contudo, em alguns trechos não há fidelidade histórica, como por exemplo, no caso dos muçulmanos, que na história real são os bascos.

[384] Ricardo Coração de Leão (Ing. 1189 – Fr. 1199): Ricardo I da Inglaterra, terceiro filho de Henrique II de Inglaterra e Leonor da Aquitânia. Conde de Poitiers, Duque da Aquitânia, Conde de Anjou e Duque da Normandia; protótipo do cavaleiro medieval e herói de incontáveis lendas românticas. Sua história inspirou os romances *O talismã* e I*vanhoé* de Walter Scott. A cruzada a que Lima se refere é terceira, conhecida como a Cruzada dos Reis, da qual participaram Frederico I (conhecido como Barba Roxa), imperador do Sacro Império Romano Germânico, Felipe Augusto, rei da França e Ricardo Coração de Leão, rei da Inglaterra. Em relação aos "degolamentos em massa" o cronista se enganou, pois, a cruzada não obteve êxito; Frederico Barba Roxa morreu afogado no rio Selef, na Cicília, Felipe Augusto perdeu quase todas as suas tropas e regressou para a França, enquanto Ricardo Coração de Leão permaneceu na Palestina tentando em vão tomar Jerusalém. Esta terceira cruzada, contudo, marcou uma importante transformação nas relações entre cristãos e muçulmanos, Ricardo Coração de Leão conseguiu firmar com Saladino um tratado, mediante o qual este reconhecia aos cristãos o domínio de uma faixa costeira na Síria que permitia o livre acesso dos peregrinos cristãos a Jerusalém.

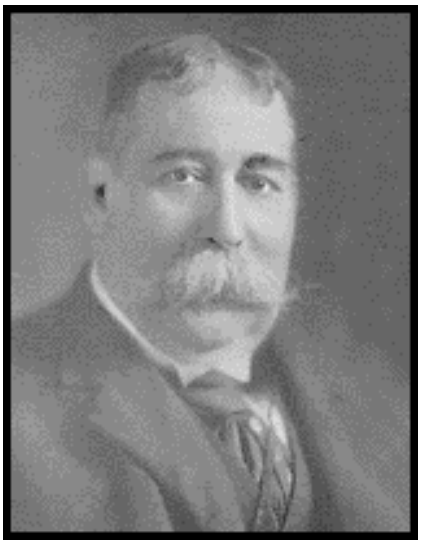
falei nessas cousas, não posso deixar de lembrar aqui uma frase de Rémy de Gourmont [385], quando o presidente da Suíça nos deu ganho de causa na questão do Amapá: “A América do Sul é a Europa depois da invasão dos bárbaros”.

Duguay-Trouin (1673 — 1736)

Humboldt (1769 — 1859)

Jules Verne (1828 —1905)

[385] Rémy de Gourmont (Fr. 1555-1628): poeta, romancista, dramaturgo e ensaísta. Um dos principais expoentes do simbolismo, defensor da tese de que a crítica deve basear-se somente em princípios estéticos, desprezando os valores éticos. Como ensaísta produziu uma obra de interesses filológicos, estéticos, filosóficos e literários.



Manuel de Oliveira Lima (1867 —1928)

Enrique Gomez Carrillo (1873 – 1927)

FONTES DE PESQUISA:

Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 137-140)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 205-210)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. II (pp.165-169)

"DUAS RELÍQUIAS"

Imaginem os senhores quando, em começos deste mês, arrumando e limpando os meus poucos livros, dei com dois tratados de ortografia, como não fiquei espantado!

Já me havia esquecido deles, porquanto estão em minha casa há muitos anos. Ambos já têm mais de três dezenas de anos e vêm nos acompanhando através de todas as vicissitudes e mudanças da minha humilde família desde que me entendo. Há muito tempo, porém, não os via.

Um é da autoria do Senhor José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha [386]. Foi impresso aqui, no Rio de Janeiro, em 1860, na Tipografia e Livraria de B. X. Pinto de Sousa, à Rua dos Ciganos, 43 e 45.

É a segunda edição, sendo que a primeira foi publicada *pelo Jornal de Alagoas.*

Semelhante relíquia é dedicada ao Senhor doutor Pedro Leão Veloso [387], presidente da província de Alagoas.

Este senhor deve ser com certeza pai do inevitável Gil Vidal [388]; e, se eu mantivesse relações com este conspícuo jornalista, talvez lhe fizesse presente do incunábulo da imprensa alagoana [389]. Não tendo relações e receando-me de oferecê-lo sem as ter, porque podia parecer lisonja e obséquio calculado de escritor obscuro que quer ganhar fama com auxílio da primeira coluna do *Correio da Manhã*, mudei de tenção e lembrei-me de dar de presente o volume ao meu velho colega e amigo Oiticica [390], que, em tempos, já se deu à teologia gramatical.

Anda ele, porém, atrapalhado com cousas mais modernas e atuais; e supus que o livro, nas suas mãos, iria ter o destino que tinha tido nas minhas, durante cerca de trinta anos: ficar na estante. Foi o que lhe aconteceu e ao outro, desde que meu pai mós deu.

Lembrei-me do Senhor João Ribeiro [391], do Senhor Medeiros e Albuquerque...[392]

---

[386] José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha ((Port. 1810 - RJ. 1879): gramático e filólogo, cujo manual de leitura *O Íris Clássico* foi incluído como manual de estudo para os alunos do Colégio Pedro II, a partir de em 1860. José Feliciano chegou ao Brasil, junto com seu irmão Antônio Feliciano de Castilho (1800 - 1875), possuidores de dotes vernáculos, ambos logo se tornaram figuras eminentes nos circuito intelectual da corte de D. Pedro II.

[387] Ver crônica "Carta aberta".

[388] Como assinava Leão Veloso nos tempos do *Correio da Manhã*.

[389] Início, origem, primeiros alicerces. Livro com as primeiras impressões.

[390] José Rodrigues Leite e Oiticica (MG 1882 - RJ 1957): crítico literário, filólogo, poeta e professor. Em 1912 começou a participar da Liga Anticlerical do Rio de Janeiro e, no ano seguinte, aderiu ao movimento anarquista. Desde então atuou na imprensa, tendo como base teórica suas experiências e reflexões sobre o Estado e a sociedade.. Como filólogo, atuou como professor publicou um significativo conjunto de obras linguístico-filológicas

[391] João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (SE 1860 — RJ 1934): conhecido como João Ribeiro nos meios intelectuais e da imprensa. Estudioso da gramática e da filologia, teve um papel decisivo nas reformas da língua portuguesa. João Ribeiro exerceu também atividades como jornalista, crítico literário, historiador, pintor e tradutor. Por concurso público, trabalhou na Biblioteca Nacional e no Colégio Pedro II, na cadeira de Português. Chegou a fazer estudos de pintura na Europa e a expor seus quadros, mas foi no jornalismo e na literatura que obteve maior destaque e reconhecimento por sua contribuição à cultura nacional. Múcio Leão (1898 – 1969) organizou a obra de João Ribeiro; dos 57 volumes, dos quais poucos foram publicados, encontram-se títulos de crítica literária desde Machado de Assis e Lima Barreto, Gilberto Freyre e José Lins do Rego. Admirador da obra de Lima Barreto, em *Numa e Ninfa* da Coleção Brasiliense, Assis Barbosa incluiu um artigo de *O Imparcial* (RJ) em 07.05.1917 assinado por João Ribeiro a título de Prefácio.

[392] José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (PE. 1867 - RJ. 1934): funcionário público, jornalista, professor, político, contista, poeta, orador, romancista, teatrólogo, ensaísta e memorialista brasileiro. É o autor da letra do Hino da República. Na imprensa, escreveu também sob os pseudônimos Armando Quevedo, Atásius Noll, J. Santos, Max, Rifiúfio Singapura. Medeiros e Albuquerque. Fez sérias críticas a *Recordações do escrivão Isaías Caminha* em um artigo,

Enfim, o destino a dar a este como ao outro, que é do falecido professor Bôscoli e veio à luz em 1885, ficou sendo para mim objeto de cogitação um dia inteiro. Quem quererá tais alfarrábios? [393] Quem terá paciência de lê-los? Quem poderá tirar ensinamentos deles? Tinha uma pena de que eles continuassem numa catacumba particular.

Tenho uma vizinha que é moça da Escola Normal. Pensei cá comigo: - essas cousas meticulosas, esses trabalhos chineses de gramática, etc., cabem bem às mulheres ou aos frades. São trabalhos de paciência e de memória que fazem dos imaginários e dos malucos torturados em achar a substância das cousas a verdade da existência.

Vou dar essas preciosidades àquela minha vizinha que sabe de cor os nomes dos presidentes da República, de 1889 para cá, seus feitos memoráveis e datas da coroação e sagração de cada um e da sua abdicação do poder nas mãos de seus herdeiros.

Dias depois, pensei: esta moça talvez julgue que eu a quero namorar; e vai por isso fazer um estardalhaço no bairro. Não, não dou; não quero ser caluniado.

Andei assim de resolução em resolução, hesitante, sem saber a quem dar os dois bendengós, quando me lembrei do meu amigo Cícero de Brito Galvão [394].

Cícero é moço, é dado à bibliografia, publica uma interessante revista mensal — *Livros Novos* — sobre esse assunto, que é a única existente no Brasil; está aí — pensei eu — pessoa capaz de dar apreço aos livrecos ou encaminhá-los a um destino digno de suas tenções e deles, dos livros.

Empacotei os volumes e escrevi uma carta a Cícero. A minha vaidade pedia que a missiva fosse publicada; mas vi que Cícero a não publicaria.

Não está nos moldes de sua revista, é extensa — logo adivinhei essas suas objeções.

Resolvi publicá-la aqui, porque quero que o maior número de pessoas saiba os motivos por que me separei de tão sábios livros que talvez fizessem o encanto de algum paciente e notável professor da roça, exceto talvez o professor Jeremias do Senhor Leo Vaz [395]. Tinha este muito mais que pensar do que indagar se "falar" deve ter um ou dois "11".

Eis a carta:

> Meu caro Brito Galvão. Saúde e saudades. Tenho recebido a *Livros Novos*. Obrigado. Para pagar-te o obséquio, se assim me posso exprimir, mando-te estas duas raridades que estavam entre os meus livros comuníssimos. Ambas elas me foram dadas por meu pai, que se deu em tempos, como modesto amador, ao estudo ou à leitura desopilante das estupendas questões de que elas tratam. Uma delas até foi-lhe oferecida pelo autor, o falecido professor Bôscoli, homem operoso e dado à metafísica gramatical, tendo, apesar de sua percuciência e capacidade de encadear raciocínios sutis, como se fosse um verdadeiro doutor da Escolástica, deixado insolúveis muitos problemas sintáticos, ortográficos, etc., aos seus sucessores e seguidores de sua audaciosa feição mental, para que estes ou, por sua vez, os discípulos destes, afinal, iluminassem a parte da humanidade que fala e escreve português, com uma clara solução de semelhantes quadraturas do círculo, trisseções do ângulo da panossa gramática, mesmo que fosse no dia de Juízo Final.

---

publicado sem título na seção "Crônica Literária" do jornal *A Notícia*. Seu nome está incluído entre aqueles que permeiam a discussão do "silêncio" em torno da obra de Lima Barreto.

[393] Alfarrábio: pode ser tanto um livro antigo que não desperta interesse, quanto um documento escrito de inestimável valor.

[394] Fundador da Revista do Livro.

[395] Leonel Vaz - codinome Leo Vaz Barros (SP 1890 – 1973): jornalista e escritor. Com o incentivo de Monteiro Lobato escreveu e publicou em 1920 pela *Revista do Brasil*, editora de Lobato, *O Professor Jeremias*, foi recebido pela crítica como uma obra prima da literatura nacional, por sua narrativa e também por incentivar a leitura entre os jovens. Como jornalista fez parte da chamada "geração piracicabana" do jornal *O Estado de São Paulo*, ao lado de outros nomes de grande expressão do jornalismo paulistano. Tornou-se homem de confiança de Amadeu Amaral e Rangel Pestana, nomes de destaque no velho "Estadão", que nas suas ausências, era o substituto imediato.

Tu, creio, e eu (afianço) ainda até hoje não sabemos se o certo é — "Que horas é?" — ou errado é — “Que horas são?”.

Está aí uma questão gramatical que Bôscoli [396] propôs aos Mersennes [397] filológicos e, ao que me conste, nenhum até hoje resolveu com acerto. Não quero tomar em semelhante polêmica por demais transcendente, iniciada há anos pelo Descartes-Bôscoli da ciência e filosofia lingüística, nem em outras parecidas; por isso, isto é, para que não me venha tentação de fazê-lo algum dia, é que te mando estas duas preciosidades.

Já te falei da do falecido Bôscoli, que deu a de sua autoria a meu pai, quando este era tipógrafo na Imprensa Nacional, onde ela foi composta e impressa.

A outra é de um Senhor José Feliciano de Castilho Barreto de Noronha.

Creio que este senhor é o irmão do famoso autor português, visconde de Castilho, e andou por aqui há anos, armado de palmatória a corrigir nos nossos autores o que lhe parecia erros de português, segundo o seu português enviesado, assim feito pelo seu orgulho de ter nascido no reino, não admitindo nenhuma modificação na linguagem lusa transplantada para aqui e modificada pelo tempo e outros fatores, embora, de onde em onde, os seus próprios patrícios deixem de lado os clássicos e pseudoclássicos e escrevam com toda a liberdade, sem semelhantes em cadernos de escrita de mestres-escola da roça. Garrett [398] e Eça [399] são exemplos.

Se as não quiseres, podes dá-las a alguém que aprecie o assunto.

Tive diversos propósitos, entre eles o de oferecê-los à Academia de Letras. Fui candidato e só tive um voto; e, por vingança e despeito, oferecendo-lhes estes livros, era minha suposição que eles servissem para atear ou reatar discórdia entre os seus conspícuos membros. Cá de fora, então, ficaria eu a rir-me deles, e, se a cousa viesse a acabar em rolo e sopapos, pediria a alguns camaradas emprestada a sua capacidade de riso para poder dar uma gargalhada homérica diante dos argumentos do gracioso doutor Hélio, por exemplo, justificando a escrita do vocábulo — “característica” — conforme a sua origem grega, e, após forte discussão, atracando-se afinal com o suave doutor Aluísio, que opinava dever-se grafá-lo de acordo com a ortografia original da “Canção do Figueiral” [400]ou do “Tinharabos” [401].

Pensando melhor, porém, verifiquei que a discórdia premeditada era verdadeiramente sacrílega, além de profundamente denegrir o meu caráter.

A Academia é perfeitamente o cemitério das letras e dos literatos. Os que lá estão, não passam de cadáveres bem embalsamados, e muito melhor os mais moços, devido ao aperfeiçoamento atual do processo. O progresso é uma grande cousa...

---

[396] José Ventura Bôscoli (1855 - 1919): gramático que se norteava pelos filólogos franceses, ingleses e alemães, a exemplo do gramático paulista Julio Ribeiro (1845 - 1890).

[397] Marin Mersenne (Fr. 1588 — 1648): matemático, teórico musical, teólogo e filósofo. Diácono francês que ficou conhecido, sobretudo pelo seu estudo dos chamados números primos de Mersenne.

[398] João Baptista da Silva Leitão Almeida - conhecido por Almeida Garrett (Port. 1799 — 1854): escritor e dramaturgo romântico, ministro e secretário honorário do Estado Português. Durante o século XIX e, em boa parte do século XX, a obra literária de Garrett era tida pela crítica como uma das mais destacadas da língua portuguesa, só inferior à de Camões. No inicio do século XX esta crítica passou a ser questionada pelas inovações que e empregava à narrativa, entretanto abriu novos caminhos literários que tiveram grande influência nas gerações de escritores que se seguiram.

[399] Ver crônica “Sobre o Maximalismo”.

[400] Canção do Figueiral-Figueiredo: datada do século XIII, de autor desconhecido, é a canção mais antiga da qual a se conservou notação musical escrita. Seu tema é o da lenda do "Tributo das Donzelas" que narra a seguinte história: quando os mouros dominavam a Península Ibérica obrigavam os reis cristãos a pagar pesados impostos, entre eles a obrigação de dar donzelas, tanto fidalgas como camponesas, para os haréns dos reis mouros.

[401] “Tinharrabos” é escrita por um narrador-criança com inúmeros erros de ortografia: se passa numa cidadezinha chamada Egolândia, que ficava “pra lá dofiofó do mundo”. O narrador-criança, depois de descobrir o significado “daexpressão rabo preso” e sendo informado por seu amigo Lauro de que grande “partedas” autoridades e pessoas influentes da cidade tinha rabos presos uns com os outros, lança uma praga diária, desejando que Deus “desse um castigo bem “grandepra” essa cambada de ladrões”. E assim por diante.

Muita gente por aí julga que, do império do esquecimento em que a Morte nos faz entrar a todos, se foge com mausoléus vistosos, inscrições de léguas e meia, embalsamamentos, missas de sétimo dia, etc., etc.

Alguns com isso escapam, é verdade; mas como o célebre Pechilin [402], cujo cadáver embalsamado anda aos pontapés no Caju. Não foi esquecido...

Na Academia, há muita gente que tem também essa ingênua crença; e agora, com a herança do velho Alves [403], é de crer que os marmoristas de carregação, de Gênova, vendam-lhe toneladas de anjos ajoelhados, em postura de reza e outros adornos tumulares, para guarnecer os seus salões e os seus *fauteuils*, ganhando eles muito dinheiro com isso.

Abandonei, como te ia dizendo, o propósito de perturbar a paz daquela necrópole egípcia, ou melhor: daquele *columbarium* [404], porque não é digno da nossa piedade de viventes tal fazer, instigados por quaisquer motivos que sempre hão de partir da nossa condição inferior de seres vivos. Todos os mortos, pensei eu avisadamente, merecem o nosso respeito e piedade.

Fosse qual fosse o seu estado anterior no nosso mundo, tivesse sido ele um escravo de Lívia ou o próprio Augusto [405], todos eles devem ficar em paz onde estão, respondendo perante os deuses pelas culpas e pecados que tiverem praticado.

É um sacrilégio quebrar-lhes de qualquer modo o sossego em que estão; e, portanto, doutas, a ti, as duas obrinhas curiosas que aí vão, para que tu, Brito Galvão, fiques com elas ou as dês *a* qualquer, mesmo que seja ao Museu Nacional [406] ou ao Histórico [407] do Senhor Escragnolle Dória [408]. Preferia que fosse àquele e ficaria muito contente se fossem expostas na sala das múmias.

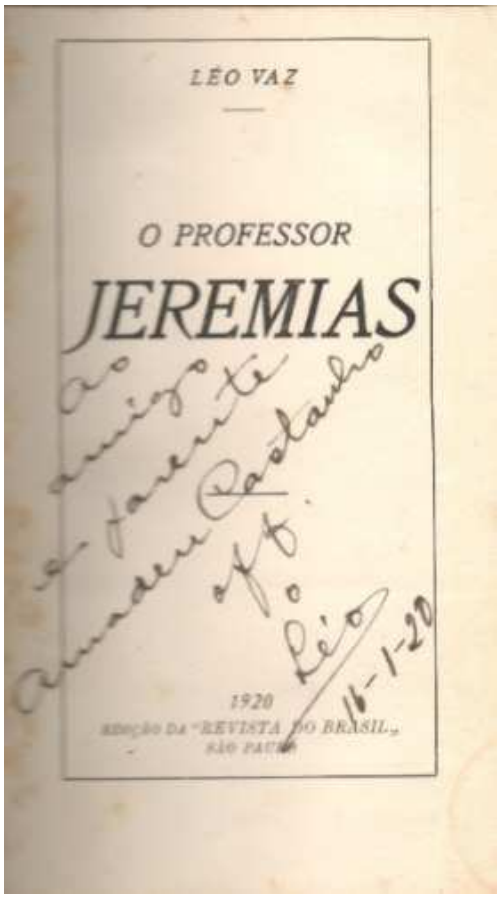
Os volumezinhos estão à tua disposição na Livraria Schettino [409], onde podes procurá-los.

Peço-te também desculpas por ter publicado esta, antes de obter tua autorização.

Arranja a coisa como quiseres. Adeus.

---

[402] Não encontrei informações.
[403] Não encontrei informações.
[404] Construção destinada a guardar cinzas funerárias.
[405] Lívia Drusa Augusta (58 a.C. - 29 d.C.), mulher do primeiro imperador romano Caio Júlio César Otaviano Augusto (63 a.C. —14 d.C.).
[406] Museu Nacional de Belas Artes: tem sua fundação ligada à chegada da Família Real Portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808. Sua construção foi determinada pelo então Príncipe Regente D. João, para abrigar o conjunto de obras de arte que trouxe da Portugal; muitas delas permaneceram no Brasil após seu retorno à Europa e compõem o núcleo do acervo dessa instituição até os dias atuais.
[407] Museu Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB): fundado em 1838, tem como função principal, desde a sua fundação, recolher e organizar os documentos materiais referentes à História e à Geografia do Brasil. Todo o acervo material que forma o núcleo original do museu é composto por fragmentos humanos, minerais e animais, ruínas de monumentos, máscaras mortuárias e obras de arte resgatadas em expedições científicas. Completam esse acervo, documentos provenientes de arquivos públicos e particulares, comprados ou doados ao IHGB.
[408] Luis Gastão d'Escragnolle Dória (RJ. 1869 -1948): professor, arquivista, compositor, publicista, e escritor. Foi membro atuante do IHGB.
[409] Livraria e casa publicadora do italiano Gianlororenzo Schettino, situada na Rua Sachet Nº 18. Lima como outros intelectuais e boêmios do Rio de Janeiro, eram assíduos freqüentadores desse estabelecimento. Foi nessa livraria que conheceu Etore Malagutti, (Ver crônica "Henrique Rocha") de quem se tornou amigo. A primeira edição de *Histórias e sonhos* foi publicada por Schetino.



Exemplar da 1ª edição de *O professor Jeremias*
Editora Revista do Brasil - 1920
(com dedicatória do autor)

Léo Vaz

FONTES DE PESQUISA:

Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 141-144)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 211-216)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. II (pp. 132-136)

"DOUS LIVROS"

Com o lindo título de *Saudade*, veio-me ter às mãos um livro original que o seu autor, o professor Tales C. de Andrade [410], de Piracicaba, teve a bondade de me oferecer. É um livro por assim dizer didático, mas que, ao contrário dos livros didáticos, não vem cheio de declamações patrióticas, de clangoramentos a uma duvidosa grandeza do Brasil, a reboar nos espíritos infantis, mas que também não tem críticas pouco próprias a serem dadas a ler a crianças. É um livro puro e doce, em que, na linguagem mais simples, o autor procura convencer os seus pequenos leitores das belezas e dos encantos da vida da roça.

Pouco conhecedor dessa vida, nada direi, nem poderia dizer, sobre o acerto de sua tese; mas o certo é que o livro me encontrou e eu o li com prazer de quem sonha com uma região que não viu e não verá nunca.

Trata-se da história de um menino chamado Mário que "foi crescendo, foi crescendo e... ficou moço".

Cheio de saudades da sua meninice quis escrever a história dela. Meteu mãos à obra, a história ficou grande que dava até um livro. Mandou-o imprimir e chamou-o *Saudade.*

Com esse entrecho simples, como convinha ao destino do livro, o Senhor Tales C. de Andrade conseguiu realizar uma obra em que as crianças falam na sua linguagem própria, em que traduzem a sua emoção diante das cousas e da natureza com as imagens e comparações próprias à sua idade, não deixando, porém, de haver incidentes que se passam entre gente grande.

O maior encanto do seu livro é este de reunir à candura da criança, a reflexão de homem e o grande segredo de sua obra é mostrar a capacidade de observação do seu pequeno herói, sem mesclar essa capacidade com nenhuma espécie de pedantismo.

O seu prefaciador, o Senhor A. de Sampaio Dória, diz muito bem que "o autor tem intuição exata da psicologia infantil; sabe ser criança entre crianças, aliando a um assunto próprio uma linguagem sóbria e expressiva".

A família de Mário deixa a fazenda, vende-a e vem morar na cidade, onde o pai se estabelece. Mário não se *agrada* da cidade:

— "De manhã até à noite, conta ele, batiam palmas ao portão ou faziam soar a campainha. Aquilo parecia não ter fim, enjoava a gente. Era o padeiro, o leiteiro, o verdureiro, o peixeiro, o carvoeiro, o mascate; o cego, o aleijado e mil outras pessoas que iam oferecer alguma cousa ou pedi-las, ou visitar mamãe e acompanhá-la nos passeios."

Essa complicação da vida urbana aborrece logo a criança que se recorda da vida simples do campo. Chega o fim do ano, o pai dá um balanço no negócio e tudo lhe tinha corrido mal. No fim de pouco tempo, ele empobrecia a olhos vistos. Foi preciso recorrer a um emprego, numa fábrica, onde não vê futuro algum.

Resolve, então, o pai de Mário a comprar com o resto da fortuna que tinha reservado, umas terras que lhe foram oferecidas em condições vantajosas. Depois dos indispensáveis ajustes, lá vai toda a família se estabelecer de novo na roça. Daí em diante é que se desenvolve a parte mais importante do livro, aquela que é a sua verdadeira meta.

[410] Thales Castanho de Andrade (SP 1890 – 1977): educador, literato, folclorista, político, sociólogo e pioneiro na luta ecológica em defesa da natureza. Também trabalhou como tipógrafo na *Gazeta de Piracicaba* e com o pai na fabricação de licores, refrigerantes, vinagres, enlatados, doces e caramelos. Em torno de seu nome há a polêmica, de que teria sido ele e não Monteiro Lobato, o pioneiro das histórias infantis no Brasil. Voltado para a alfabetização de crianças e adultos, criou o "Método Brasileiro da Alfabetização pela Imagem"– por meio da cartilha *Ler Brincando e livros de leitura*

A apresentação dos colegas de escola primária, a descrição da professora, Dona Alzira, uma "criação", "Zé Fidélis" e tantos outros trechos são inesquecíveis.

O Senhor Tales teve o bom gosto de entremear os seus capítulos com versos e cantos relativos aos assuntos tratados neles. Há um de Monteiro Lobato e um outro do próprio autor, "O Cordão", que dá um firme relevo e um desenho seguro, uma imagem da vida roceira, das suas crenças simples e da sua ingenuidade necessária.

Um livro didático tão brilhante como o do Senhor Tales C. de Andrade, acabada *a* leitura dele, provoca algumas perguntas sérias à nossa consciência: o que devemos ensinar aos nossos filhos? Que sentimentos morais devemos transmitir-lhes?

Diante dessa onda de brutalidade, de violência, de ausência de qualquer sentimento de piedade e misericórdia, que vai cobrindo o mundo, será a bondade, o amor que lhes devemos ensinar ou deverá ser também a violência, a crueldade e o egoísmo, para que eles não sejam vencidos por qualquer dos partidos que apelam todos para a força e para a matança?

Não sei responder; mas, no formoso *Saudade,* eu só vi a excelência, a poesia e a transcendência da meiguice, da honestidade e da amizade.

Foi por isso que o livro do Senhor Tales encheu-me de prazer e me fez recordar os meus inocentes anos de menino. Eu me absteria de falar, tratando dessa obra, sobre linguagem, se não tivesse percebido ter ele merecido críticas estreitas a tal respeito. Abster-me-ia por duas razões: primeiro, por não ter competência nem autoridade; e segundo por ser enfadonho, estar a escarafunchar coisinhas.

Entretanto, eu me animo a observar que muitos modismos *c* vocábulos que lá vêm grifados como expressões duvidosas, têm foros de cidade entre os nossos melhores gramáticos. Nenhum deles leva a mal que se diga "cabeçudo" por teimoso; "encharcar-se de tanto beber isto ou aquilo"; "nem por sombra"; "feito amizade com alguém", e outros.

Quanto à frase... "as plantações que estão tremendo de viçosas", faz-me lembrar — as estrelas palpitavam no céu — metáfora hoje corriqueira que, segundo Rémy de Gourmont [411], se não me engano, foi pela primeira vez empregada por Chateaubriand. [412] Não tenho aqui à mão o — *Du Style* — [413] daquele autor francês, senão documentaria a cousa.

Enfim, o livro do Senhor Tales é digno de todo o apreço.

* * *

[411] Ver crônica "Casos de bovarysmo".

[412] François René Auguste de Chateaubriand (Fr. 1768 – 1848): escritor pré-romântico, ensaísta, diplomata e político francês que se imortalizou por magnífica obra literária. A eloquência, a força de imaginação e leveza nas descrições, que reúne a obra de Chateaubriand teve muita influência na literatura romântica européia. Lima tinha três títulos desse escritor na sua biblioteca.

[413] *Le problème du style* de Rémy de Gourmont.

Em reedição Gastão Franca Amaral acaba de publicar o seu interessante diálogo entre um pessimista e um otimista — *Horror à forma humana.* [414]

Aproximo aqui o ingênuo livro do professor Tales do angustioso opúsculo de Franca Amaral, não por isso ou por aquilo, mas pela necessidade urgente de dizer sobre ambos qualquer cousa.

Como o título indica, o trabalho do último põe em cena dous amigos que conversam muito à vontade num recanto da Gávea, à tarde, sobre esta cousa de saber se a vida é boa ou má.

O outro não diz; mas estou disposto a pensar que o dono da "casa artística e confortável" é o otimista.

Não é que suponha que sempre os donos de casas desse gênero sejam otimistas. O pessimismo não vem de ter sofrido. Não. Vem de razões obscuras e íntimas que são difíceis de colher. Um pobretão pode ser otimista; e o filho de um milionário pode ser pessimista. Tenho para mim que tal concepção da vida não vem também de se ter saciado dela, mas de se a ter antegozado em toda a extensão e profundidade e saber que ela não tem sabor algum. Ê pressenti-la sem fundo, sem sentido, indigna de qualquer esforço em qualquer direção; é tê-la como uma aparência a que forças e causas obscuras nos obrigam a aceitá-la, que nos faz pessimistas.

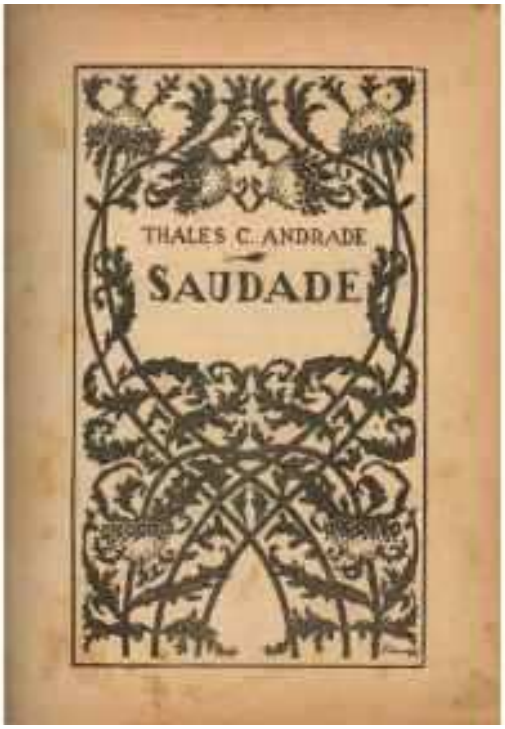
A fortuna e a pobreza nada têm que ver com o pessimismo, nem o amor ou outra qualquer causa aparente.

O livro de Franca Amaral sugere muitas outras reflexões que talvez eu tivesse feito, mas que não sei exprimir.

Ele joga com muitas ideias, com muitas noções; possui muitos aspectos, demonstrando um estudioso e pensador.

Escrito com toda a correção; é, porém, um diálogo filosófico, gênero literário antigo que vai renascendo, onde se pedem mais ideias, conceitos, do que mesmo a naturalidade e o abandono da conversa familiar.

Não há a censurá-lo por isso, porque ele sabe o que fez, e o fez bem feito.



Capa de *Saudade* de Tales C. Andrade

[414] Não encontrei informações.

FONTES DE PESQUISA:

Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 145-147)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 217-220)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. II (pp. 259-262)

"SOBRE O NOSSO TEATRO" [415]

Tenho dito muitas vezes que não vou ao teatro. Isto é verdade. Não é porque despreze o teatro propriamente; não é porque despreze os artistas; não é porque despreze os autores. Eu não vou a teatro porque desprezo o público. Os artistas e autores não têm culpa de que o nosso teatro seja a chulice que é; quem tem culpa é o público. Aqueles dão a este o que este lhes pede, e não podem, e não devem fazer outra cousa, pois precisam viver.

Estou disposto a acreditar que há entre os autores e atores muita gente capaz de fazer cousa melhor; e, por isso, lembrei-me de bordar algumas considerações sobre cousas do palco carioca.

Mas como é que você não indo a teatro vai falar sobre teatro?

A explicação é simples. Sigo atentamente a vida dele pelas crônicas dos jornais e sobretudo pelas revistas especiais. Recebo a *Comédia* [416], que os meus amigos e camaradas M. Austregésilo [417] e Autran[418] têm a bondade de enviar-me; e sempre leio o semanário do Barreiro e Lino [419], *Teatro & Sport* [420]. Este meu método de estar em dia com o nosso teatro tem duas vantagens: posso meditar calmamente sobre ele e não corro o perigo de fascinar-me por uma corista qualquer.

Ainda agora, relendo uns números não muito atrasados da última das revistas citadas, vi que havia no nosso "mundinho" teatral um grande barulho com o Senhor ou, aliás, doutor Cardim[421].

Aqui, no Brasil, ninguém deixa o doutor [422], mesmo quando escreve revistas de ano. Dito isto, passo ao que estava tratando.

Não imaginei nunca que o Senhor Cardim merecesse oposição tão rancorosa. Ele, pelo que leio, desde os folhetins do Artur [423], me aparecia como um abnegado propagandista da nossa regeneração cênica, como um defensor dos artistas, etc., etc. Vem, porém, a revista do Lino e diz

[415] Esta crônica foi publicada na *Revista Contemporânea* nº 17, 15.03.1919.
[416] Revista Commedia: semanário theatral. (Não encontrei informações).
[417] Não encontrei informações.
[418] Não encontrei informações.
[419] Não encontrei informações.
[420] Não encontrei informações.
[421] Pedro Augusto Gomes Cardim (RS. 1864 - RJ. 1932): dramaturgo, jornalista e político brasileiro. Amante da arte teatral, em 1925 fundou em São Paulo a Academia de Belas Artes, (atual Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo), pois, acreditava que "uma Academia não é uma fábrica de produtos cerebrais, morais ou artísticos, nem de aptidões e talentos. É o centro cultivador das aptidões naturais, onde são desenvolvidas e se tornam aptas para frutificar". Como teatrólogo escreveu várias comédias e uma ópera cômica.
[422] Referência à cultura do "doutor". Ver a crônica "A superstição do doutor".
[423] Arthur Nabantino Gonçalves de Azevedo (MA. 1855 — RJ. 1908): dramaturgo, poeta, contista e jornalista. A sua primeira série de poemas satíricos, publicada em 1871, lhe custou o emprego de amanuense em São Luis do Maranhão. Em 1873, mudou-se para o Rio de Janeiro onde passou a traduzir folhetins e fazer serviços de revisão para *A Reforma*. Arthur de Azevedo consolidou a comédia de costumes brasileira em continuidade à obra de Martins Pena. Foi o principal autor da primeira fase do Teatro de Revista no Brasil. Paralelamente à atividade teatral, atuou intensamente na imprensa; e a ele deve-se a publicação de uma série de revistas e fundação de alguns jornais cariocas. Escreveu cerca de duzentas peças para teatro; incentivando a encenação de obras brasileiras para dar prestigio e elevar o nível do teatro nacional. Como diretor do Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, encenou quinze originais de peças teatrais de autores brasileiros em menos de três meses.

que não, contando do homenzinho cousas que muito desdizem da sua alta missão de regeneração artística. Vou transcrever um trecho para que os nossos leitores apreciem. Ei-lo:

"Cumpre-nos, então, declarar que a tal virtude do Senhor doutor Gomes Cardim, está em verdadeiro antagonismo com a sua conduta, de há pouco tempo, em Lavras, no Teatro Municipal **(*)**, quando ali se encontrava a Companhia Dramática.

"O desgosto habilmente simulado pelo Senhor doutor Cardim que, no teatro da referida cidade, mandou inutilizar a placa oferecida pela platéia a toda a companhia para substituí-la por outra de sua propriedade, com dizeres, apenas, referentes à Senhora Itália Fausta [424], só pode confirmar a sua vocação de comediante.

"No teatro de Juiz de Fora, quando a sua ousadia de *camelot* o levou a mudar de posição todos os retratos de artistas notáveis que se encontravam no *foyer*, para colocar o da Senhora Itália Fausta entre Novelli [425] e Furtado Coelho [426], prova realmente o seu critério artístico de... hábil armador."

Isto está no número de 1°. de março corrente, no qual, e em alguns anteriores, podem ser encontradas cousas mais interessantes. Ninguém poderia supor que o apóstolo da arte dramática tivesse semelhantes calundus e fosse dado a esses caprichos de namorado suburbano.

O Artur era mais prático; e o Coelho Neto [427] que, atualmente, partilha, com o Senhor Cardim, a missão de erguer o teatro brasileiro, também o é. Coelho Neto arranjou uma escola dramática, em que não entram nela pretos, mas que ele entra nela, consumindo um razoável ordenado; e o Artur fez-se ditador do teatro revisteiro, no qual só as suas revistas prestavam.

O vil metal não move o Senhor Cardim; mas "l'amor che muove il sole e 1'altre stelle" [428].

Nessas cousas de teatro, atrizes, atores, pontos, coristas e figurantes, o que me assombra é a admiração dessa gente toda pelo Artur Azevedo. Este senhor sempre foi uma grande mediocridade intelectual, com dotes secundários de escrever e versejar regularmente, facilmente, e talvez corretamente; mas sem imaginação criadora, sem poder de invenção e de emoção, sem nenhuma visão da vida em geral e, da particular, do seu meio social. Os seus dotes secundários fizeram-no popular no teatro e fora dele; e Artur aproveitou essa popularidade para se fazer um ditador dos palcos do Rio de Janeiro. Ninguém chegava até eles, sem o apoio do A. A.; mas, como Artur só fazia "revistas", toda a gente começou a fazer "revistas", com a célebre "mulata" [429] - generalização infame e lorpa - com o tal matuto idiota que é uma toleima, etc., etc.

Ele exerceu durante os seus últimos anos de vida esse ascendente despótico e só mal fez a toda a gente de teatro que é hoje escarnecida, injustamente, por todo aquele que pensa um pouco.

---

[424] Itália Fausta nome artístico de - Fausta Polloni (SP 1879 - RJ 1951): atriz de destaque no Brasil no início do século XX. Grande intérprete ligada às antigas tradições de um teatro português; em 1906 iniciou seu trabalho na Empresa Coimbra, companhia de teatro dos portugueses Lucinda Simões e Cristiano de Souza. Em 1917, a convite de Gomes Cardim foi trabalhar no Conservatório Dramático de São Paulo. Alguns anos mais tarde, transferiu-se para o Rio de Janeiro e fundou a Companhia Dramática Nacional que, ao longo de quase duas décadas teve os nomes, Companhia Dramática Itália Fausta e Companhia Itália Fausta.

[425] Ermete Novelli (Ita. 1851 - 1919): considerado o maior ator dramático italiano do XIX. Em 1900 fundou na Itália o teatro, "Casa Goldoni". Atuou também como ator protagonista em "Shylock", "O Mercador de Veneza", "Rei Lear", entre outros papéis.

[426] Luis Candido Furtado Coelho (Port. (?) 1831 - 900): ator, compositor, dramaturgo, empresário teatral do século XIX e início do XX. Trabalhava Empresa Coimbra com Lucinda Simões e Cristiano de Souza. Atuou em palcos do nordeste, Rio de Janeiro, São Paulo e Região Sul.

[427] Ver a crônica "Um ofício da A.P.S.A.".

[428] Último verso do "Paraíso" da *Divina Comédia* de Dante Alighieri.

[429] Provavelmente referência à mulata Benvinda da opereta "Capital Federal" de Artur Azevedo. Essa personagem é um estereótipo de mulata bonachona, analfabeta, de sexualidade exacerbada, contudo, ingênua. O "tal matuto idiota" é a personagem do fazendeiro mineiro Eusébio, o ingênuo e bom pai que vai com a família até a Capital Federal, em busca do rapaz que prometera casamento à filha, mas que lá chegando se enrosca com prostituta Lola.

Uma ditadura semelhante quis exercer aqui nas letras, nos jornais e até no teatro, o Senhor Paulo Barreto [430], mas faltaram-lhe, por não ter sequer a habilidade e a manha para isso, a audácia e a coragem necessárias, em substituição. Arrepiou carreira e voltou-se para a gamela munificente do Itamarati.

A mania do brasileiro é ser chefe, seja de que forma for. Se não pode ser de Rio inteiro, contenta-se em sê-lo do Beco dos Boiotos, mas é chefe! Nas letras, o nosso tipo de chefe é o Senhor Rui Barbosa [431], mas que já repudiou a literatura por ocasião do seu jubileu, assim mesmo continua a ser o seu tipo. O aspirante a chefe literário, atualmente, é o Senhor Coelho Neto, que, impondo-se a obrigação de preencher todas as exigências do modelo barbosiano, quis se fazer político. Foi deputado durante nove anos, fez dous discursos de congratulações a Portugal, com "paredros" [432], "zimbram", [433] etc., fracassou e voltou-se para o *football* [434]. Com essa muleta; esportiva, é bem possível que o autor do *Álbum de Calibã* [435] venha a assumir o governo absoluto das nossas letras, tanto mais que, como o *Correio da Manhã*, de 11 do corrente, diz, comentando a sua missão "patriótica e desinteressada" a São Paulo, "não há ainda maximalismo, no *sport* brasileiro. Porque só admitindo que o vírus desse mal do inferno e da morte se entranhasse no organismo esportivo nacional é que se poderia conceber tamanho dislate, tamanho crime".

Com uma tão simplista filosofia social, muito própria do burguesism[436]do Senhor Neto, é bem possível que ele mereça, com ajuda do *football*, o supremo pontificado das nossas letras. Aguardo-o.

No teatro, porém, ele tem que se haver com o Senhor Cardim e este, a que parece, bebe a sua coragem e a sua força em fontes mais celestiais e mais tonificantes. Falemos, porém, sério...

Não conheço o Senhor Cardim, mas por não conhecê-lo, é que esperava trazer ele para essa sua companhia, em favor do aperfeiçoamento artístico c nossa ribalta, um espírito novo, sagaz e inovador.

O Senhor Cardim, vivendo nos bastidores, convivendo com atores, gasistas, pontos, sentindo a platéia daqui e dali, devia ter observado que havia necessidade de pôr os gostos do público e as exigências do viver do pessoal cênico em acordo. Devia isso ser o seu postulado.

A "revista" ou que outro nome tenha, que desceu hoje até ao mais baixo grau de imbecilidade, estupidez e panurgismo, é procurada, é apreciada pelo público, porque é atual, porque, em virtude do nosso amor à bisbilhotice e à maledicência, fala mal dos outros e os ridiculariza.

O grosso público do Brasil gosta sempre da crítica, amarga, muito atual, muito do dia presente, aos acontecimentos e às pessoas, e não a quer em grandes vôos e generalizações. Ele a quer a

---

[430] João P. Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto – conhecido pelo pseudônimo literário de João do Rio (RJ. 1881 – 1921): jornalista, cronista, contista e teatrólogo. Nos diversos jornais em que trabalhou, granjeou enorme popularidade. Além de João do Rio, teve vários outros pseudônimos, entre eles, Claude, Caran d'Ache, Joe, José Antônio José. Como homem de letras, deixou obras de valor, sobretudo como cronista. Foi o criador da crônica social moderna. Sua peça teatral "A bela madame Vargas" teve grande êxito quando representada em 1912, no Teatro Municipal. Como Coelho Neto, João do Rio também se inclui na lista dos desafetos de Lima Barreto.

[431] Ver a crônica "Um ofício da A.P.S.A.".

[432] Chefe, mentor, guia.dirigente de clube esportivo.

[433] Zimbrar: requintar o som dos tambores.

[434] Lima faz uma crítica a Coelho Netto, muito comum no final do século XIX e começo do XX, iniciada por Jose Veríssimo, de que o literato abusava de vocábulos rebuscados.Ver a crônica "Um ofício da A.P.S.A.".

[435] Conjunto de livros de Coelho Netto publicados em 1897, compostos por contos livres, com alusões sexuais banais nos dias de hoje, mas que na época causavam sensação. Nestes contos, Coelho Netto assinava Calibã, com a intenção de distanciar o autor dos romances e dos textos mais sérios, daquele que queria simplesmente divertir o público leitor.

[436] Pessoa que atingiu súbita ou recente riqueza e/ou posição social de proeminência, sem, no entanto ter adquirido os modos convencionais adequados.

"Seu" fulano, delegado, ou ao "Seu" Chaves, vendeiro da esquina, ou à Dona Sinhá Fagundes, que se finge de rica.

O missionário paulista devia ter observado isso e, sem abandonar os seus dramas e as suas peças de alto coturno, encaminhar a sua atividade para tirar da "revista", como auxílio do pendor que o público tem por ela, alguma cousa de mais elevado e mais intelectual.

Da maledicência e da crítica, todo o nosso povo, do Amazonas, etc., a parte que mais gosta é a política e uma comédia política, ao jeito das de Aristófanes [437], ou mesmo das velhas farsas ou "óperas" de António José [438], com alusões a casos bem do dia de hoje, com troças e personagens antipatizados pelo público, enquadrado tudo isto num livre e mesmo fantástico entrecho, sem que se lhe pusesse nenhuma restrição à fantasia, julgo que seria peça para grande sucesso.

Quem a faria? Aí é que está o percalço. O Senhor Cardim correria ao Coelho Neto e este tirava das estantes os Croisets [439], as obras de Aristófanes e o dicionário de Domingos Vieira e de antiguidades gregas, e decalcaria *Os Cavaleiros* [440], com parábases numa linguagem barroca de vocábulos obsoletos e ininteligíveis, de metro e meio de extensão, ou senão pasticharia — sem propósito e só por amor ao antigo — a ilha dos Lagartos.

Faria mal o Senhor Cardim e seria sem desculpa o seu erro, desde que o fizesse, após o fracasso da colaboração acadêmica na *A Noite*.

O meu amigo Marinho [441] foi buscá-la no Silogeu [442], em Botafogo, em Teresópolis, em Santa Teresa e em Petrópolis e os acadêmicos deram com raras exceções no fiasco que o Rio de Janeiro todo assistiu embasbacado.

O Brandão [443], dos "Ecos e Novidades", da mesma *A Noite*, que não é literato, nem acadêmico, sempre fez a sua seção diária com muito mais interesse e mais oportunidade que todos os Netos, o pior de todos, da semana acadêmica reunidos. Até uma "Página de Álbum" de vetustos namoros lá saiu...

O Senhor Cardim, que também é escritor, deve conhecer bem o meio e os seus homens, ter a sagacidade suficiente para encontrar o autor que lhe conviesse.

---

[437] Aristófanes (Atenas (457?) 447 a.C. - 385 a.C.): dramaturgo grego, considerado o maior representante da Comédia Grega na Antiguidade. Muito irônicas, as comédias de Aristófanes são duras críticas contra os políticos e aristocratas, que considerava responsáveis pela decadência de Atenas. Alguns companheiros de ofício, como Eurípides (480 e 406 a.C), não escaparam às suas críticas; em "As nuvens" ironiza os filósofos e a filosofia representada na pessoa de Sócrates. Somente onze peças teatrais de sua autoria resistiram ao tempo, entre elas "Os cavaleiros", "As nuvens" e "Lisístrata".

[438] António José da Silva (RJ 1705 - ?): teatrólogo do século XVIII, conhecido por – o Judeu. Filho de cristãos-novos nascido no Rio de Janeiro, sua mãe, D. Lourença Coutinho, acusada da prática do judaísmo, foi presa pelos agentes do Santo Ofício e conduzida para Lisboa. Toda família se transferiu para Metrópole Portuguesa, onde Antônio José, e seus familiares, eram constantemente acusados e presos por postura judaizante. Autor da peça "Vida do grande D. Quixote e do gordo Sancho Pança", que vem a ser uma das mais curiosas versões de *D. Quixote* de Cervantes; encenada pela primeira vez no Teatro do Bairro Alto de Lisboa em 1733, faz uma crítica aos poetas da Arcádia Lusitana, e ao Santo Ofício. O enredo da peça se desenvolve no cenário da "Ilha dos Lagartos", onde homens rastejam à semelhança dos répteis, se buscava a justiça durante o período inquisitorial de Portugal. Autor de outras sete peças para teatro de marionetes, este autor é considerado o maior talento do teatro português do século XVIII, até mesmo, alguns críticos o consideram o dramaturgo mais original de toda a Europa, num período em que o teatro estava em decadência.

[439] Irmãos - Maurice e Alfred Croiset autores da *Histoire de la Littérature Grecque*, em cinco volumes, publicada pela vez entre 1887 e 1889. Lima tinha dois volumes em sua biblioteca.

[440] Comédia de cunho político de Aristófanes, dirigida ao demagogo Cleon (470 - 422 a. C), um aristocrata grego inimigo inexorável de Péricles, muito conhecido entre os gregos por sua participação desastrosa na Guerra do Peloponeso. Sua reputação como um demagogo sem princípios foi registrada principalmente por Tucídides e Aristófanes, sendo este último várias vezes processados pela sua audácia.

[441] Não encontrei informações.

[442] Silogeu: prédio construído na Rua Teixeira de Freitas ao lado do Passeio Público (RJ), durante as reformas urbanas na administração de Pereira Passos (1902-1906). Recebeu este nome porque abrigava o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a Faculdade de Medicina, o Instituto dos Advogados do Brasil, e a Academia Brasileira de Letras. (Foi demolido em 1970).

[443] Não encontrei informações.

Tente e não se importe com a Academia e outras consagrações, rompa com elas; não se incomode que os “delambidos” e doutores literários condenem as suas peças, por não serem comédia, nem drama, nem tragédia, nem lá o que eles entendem, segundo os velhos cânones literários. Alargue os quadros, misture uns com outros gêneros, mas, sem esquecer o seu postulado, de modo que contente o público e faça cousa de pensamento e renda.

Querer atrair o nosso público, o grande, o remunerador, com as peças dos moldes estabelecidos, é vão. Ele não voa tão alto nos conflitos de sentimentos, de paixões e caracteres. Na literatura escrita, pode-se tentar, porque bastam dous mil leitores, para custear uma edição; mas no teatro, o que são dous mil espectadores? Nada.

O que é preciso é que apareça no teatro um grande gênero bem nosso que atenda tanto à massa comum dos auditores como àqueles que agora se têm afastado do nosso teatro, por ver nas suas peças "revistas" lorpas feitas a cordel, que o que têm de melhor é a pornografia e a escatologia.

É um caminho que está a desafiar um empresário audaz e inteligente.

Quanto à censura, o Senhor Cardim, que é bacharel, sabe perfeitamente que a polícia é perfeitamente desautorizada para exercê-la, não só legalmente como literariamente. Não é possível que uma lei ordinária qualquer ou um simples regulamento ponha nas mãos de suplentes de polícia, meninotes bisonhos, quase sempre iletrados, bacharéis ou não, autoridade suficiente para restringir a liberdade de pensamento que a Constituição Federal dá a todo o cidadão, da forma mais ampla possível, respondendo ele pelos abusos que cometer, mas isto depois de se ter comunicado com os seus leitores ou ouvintes.

Caso a polícia se metesse em proibir a representação ou “cortar” a farsa à António José, havia o apelo para os tribunais que não poderiam permitir à polícia do Rio de Janeiro, no XX século, ter mais poder para cercear a liberdade de pensamento na cena que os arcontes de Atenas [444], no século V, antes da era cristã, ou o Santo Ofício português [445], da primeira metade do século XVIII.

Recorrer aos tribunais, Senhor Cardim, seria um esplêndido reclame; e não se esqueça que, para fazer grandes cousas, é preciso “audácia, sempre audácia e ainda audácia”. Ponha esta nossa “ilha dos Lagartos” em cena, Senhor Cardim!

Gomes Cardim (1864 - 1932)

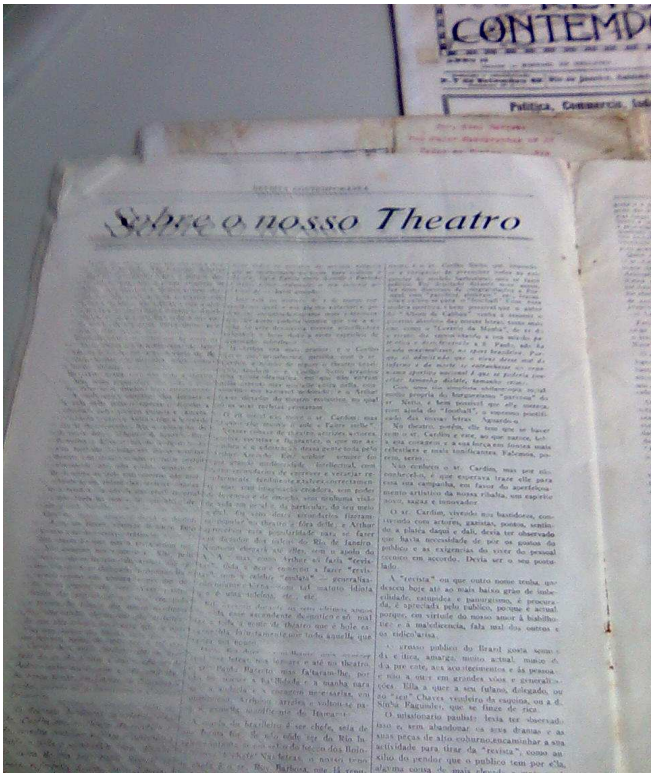
Primeira sede da Academia de Belas Artes - SP

[444] Título dos membros de uma assembléia de nobres da Atenas antiga. Na democracia ateniense eram responsáveis por dirigir a vida religiosa da cidade e presidir às cerimônias do culto; seu mandato era de um ano e por sorteio, somente entre os cidadãos.

[445] Ver crônica “O convento”.

Itália Fausta

Coelho Netto



***Revista Contemporânea* - Nº. 17 - 15.03.1919**
Exemplar original que pertenceu a Lima Barreto
-

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: papel
Revista Contemporânea . RJ: Ano II, nº 15, 15 de março de 1919
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 149-153)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 221-227)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp. 475-479)

"PELA 'SEÇÃO LIVRE' " [446]

Os "apedidos" [447] *do Jornal do Comércio* são uma das mais preciosas instituições brasileiras. Genuinamente nacional, mais do que isto: genuinamente carioca; mais do que isto: genuinamente *Jornal do Commercio*, eles não têm cousa semelhante em nenhum jornal do mundo, do país e mesmo da cidade do Rio de Janeiro.

Em nenhum outro quotidiano, a velha instituição dos "apedidos" se aclimata e prospera. Nos outros jornais cariocas, toda a gente vê como definham as seções de literatura jornalística pagas; e, nos grandes jornais dos estados, como no magnífico *O Estado de S. Paulo*, só em certas ocasiões os seus respectivos "apedidos" têm alguma semelhança com os do velho órgão da imprensa nacional.

O próprio *Jornal*, por ocasião de comemorar um seu aniversário, já fez a apologia da seção que inventou e criou. Disse o redator do elogio que ele facilitava a toda a gente ser jornalista e ficar independente dos profissionais. Os inimigos do vovô dizem, porém, que a sua seção livre é uma válvula de escapamento para os rancores e despeites do grande órgão de publicidade, quando a sua expressão escrita não pode figurar nas partes oficiais do jornal.

É tão interessante a seção que bem merecia um estudo histórico bem-documentado. Vejo falar no Romão [448], no Mal das Vinhas [449], no Príncipe Obá [450] e outros velhos colaboradores daquela subdivisão de atual órgão do Senhor Botelho[451].

Do príncipe, sei até uma anedota que não posso deixar de contá-la.

De onde em onde, o Príncipe Obá, II d'África, tinha os seus pruridos de escritor e, provocado, por isto ou aquilo, escrevia laudas e laudas que, com goma arábica, ia grudando numa longa tira. Fazia assim uma espécie de bobina que levava ao balcão *do Jornal* para ser publicada, mediante pagamento. Perguntava ao empregado:

- Quanto é?

Respondia o caixeiro, depois de contar as linhas:

- 120$000.

O príncipe espantava-se, o empregado mantinha o preço. Obá, depois de meditar, pedia uma tesoura, cortava uma grande parte, assinava de novo e indagava:

- Quanto é?

O caixeiro calculava e acudia:

---

[446] Esta crônica foi publicada na *Revista Contemporânea* nº 19, 29.03.1919.

[447] "Seção Livre", do *Jornal do Commercio*. Parte de destaque da nossa cultura jornalística, nesta seção, qualquer pessoa mediante pagamento, podia publicar artigos, notícias, ou anúncios. Muitos nomes de destaque da literatura, da medicina brasileira, entre outros, deixaram matérias na "Seção Livre". Em viagem ao Brasil, Max Leclerc, diretor do *Journal des Débats* ficou impressionado com a desorganização dos nossos jornais, especialmente, com os "apedidos" da "Seção Livre". Machado de Assis, Olavo Bilac e Lima Barreto, entre outros cronistas, escreveram sobre os "apedidos" em suas crônicas. Além desta, Lima também trata dessa seção em "Velho apedidos e velhos anúncios".(VU: 1963 p. 182).

[448] Romão José de Lima (?): "escuro, velho, com uma pobre cara de símio espantado" como descreveu Olavo Bilac, era o editor responsável pelas "tiras" dos "apedidos",

[449] Pseudônimo de Francisco Gomes de Freitas (?)

[450] Ver crônica "A matemática não falha".

[451] Comendador Antonio Pereira Botelho (?): gerente do *Jornal do Commercio* à época em que Felix Pacheco chefiava a redação.

- 80$000.

Sua Alteza, já sem necessidade de meditação, recorria à tesoura, assinava novamente e perguntava:

- Quanto é?

- 50$000.

Nesse ponto, quase sem nada dizer, o Príncipe D. Obá amputava mais uma vez a bobina, punha de novo a sua principesca assinatura e inquiria:

- Quanto custa, agora?

- 30$000.

Enfim, quando o seu famoso artigo chegava ao preço de 10$000, por aí assim, é que o Príncipe Obá, II d'África, deixava-o sair nos “apedidos” do órgão do Senhor Luís Castro [452].

A não ser este príncipe, que mal conheci, os outros velhos redatores da seção não foram do meu tempo; mas, ultimamente, vim a conhecer outros redatores dos "apedidos", bem interessantes.

É do meu tempo o Senhor Sesimbra de Araújo, que começou a escrever, como bom empregado do Tesouro, que era, a biografia do Ministro Murtinho [453], em verso. Se ele a acabasse, levaria a melhor o Pelino do Largo do Rossio [454]...

Não falo aqui do Senhor Teixeira Mendes [455] e outros positivistas que dela se socorrem. Hoje, são dous a falar em nome da Religião da Humanidade[456]: o Senhor Bagueira Leal e o Senhor Barreto Galvão [457]. Deve ter havido por lá alguma das suas costumeiras dissidências... Das religiões, as mais capazes de cismas são as novas e as que têm poucos adeptos...

Além disto, tão procurados são os “apedidos” pelos advogados e políticos que nós, unicamente com a sua leitura, podemos aprender direito público, civil, internacional, comercial, penal, finanças, malandragens bancárias, traficâncias industriais e negociatas ministeriais. É só lê-los com cuidado.

Eu os li sempre e sempre os leio. Tenho tido até saudades do doutor Pedro Tavares [458], que era um dos seus ornamentos antigamente. Por que os teria deixado?

No dia 24 último, eu, como de costume, ao abrir o *Jornal do Comércio* procurei logo a celebrada seção e dei com este "apedido" anônimo:

> Colégio Pedro II [459] — Chamamos a atenção do Excelentíssimo Senhor Presidente da República [460] para o que quer fazer naquele colégio o Senhor Ministro da Justiça.

---

[452] Não encontrei informações.

[453] Joaquim Duarte Murtinho (MT. - RJ. 1911): engenheiro civil, médico especialista em homeopatia, professor e político. Senador da República em três mandatos, Ministro da Viação, Indústria e Comércio e da Fazenda, quando ganhou fama por restaurar as finanças republicanas.

[454] Capitão Pelino: personagem do conto “A nova Califórnia” de Lima Barreto. Mestre-escola e gramático, respeitado em Tubiacanga por falar corretamente a língua portuguesa. Quando alguém errava a escrita ou o falar de alguma palavra de nossa língua, logo interpunha a correção. “Por essas e outras, houve muitos palestradores que se afastaram, mas Pelino, indiferente, seguro de seus deveres, continuava seu apostolado de vernaculismo”. (*A nova Califórnia.* Contos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p. 12).

[455] Raimundo Teixeira Mendes (RS. 1855 - RJ. 1927): filósofo e matemático brasileiro, autor do lema da bandeira nacional “Ordem e Progresso”. Na sua juventude, Lima Barreto freqüentou a “Igrejinha” de Teixeira Mendes e Miguel Lemos.

[456] Não encontrei informações.

[457] J. C. Bagueira Leal (?): médico positivista brasileiro que se manteve contra a vacinação obrigatória e Rufino Enéias Barreto Galvão (?) Ministro da Guerra de Floriano Peixoto. Ambos, figuras de proeminência do Positivismo no Brasil.

[458] Não encontrei referências.

[459]Colégio Pedro II: a mais tradicional instituição de ensino público no Brasil. Localizado no Rio de Janeiro, foi fundado durante o Período Regencial, integrando um projeto civilizatório mais amplo do Império do Brasil, do qual faziam parte a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Arquivo Público do Império, fundados na mesma época. No plano

> O doutor Carlos de Laet [461], cujo talento, competência, caráter e energia todos lhe reconhecem, com muito esforço conseguiu moralizar aquele estabelecimento; fomos informados que o Senhor Ministro, contra o regulamento e em proveito de amigos seus, quer fazer matricular no curso gratuito alguns filhos de deputados e fidalgos, em prejuízo de candidatos pobres e que têm direito.
> O Governo criou os lugares gratuitos para os pobres, órfãos de pai e mãe, etc.; quem quer fazer favores, faz à sua custa. E não querem maximalismo.

Lendo tais cousas, eu pasmei. Pois então o governo cobra para ensinar as matérias do curso secundário?

Até agora julgava que a freqüência no Pedro II era gratuita. Nas escolas superiores, até bem pouco o era, só se pagando uma taxa de matrícula e uma outra de exame, relativamente módicas. Como é que o governo facilitava assim o advento de doutores e bacharéis e dificultava a aprendizagem das humanidades, estudo mais útil que todas as sabenças jurídicas e médicas e daquelas que o famigerado Clube de Engenharia [462] guarda o segredo?

Sabia também que o governo mantém quatro colégios militares que se vão multiplicando por todo o Brasil, sustentados por grandes verbas, em que uma grande parte dos alunos internos é gratuita.

Como é então que no Externato Pedro II, que o governo republicano herdou do Império, o único que me parecia acessível aos pobres e remediados, eram pagas as mensalidades de freqüência?

Onde estaria isto? Em que lei?

Quando me acodem interrogações dessa natureza, a primeira cousa que faço é abrir a Constituição. Foi o que fiz. Lá encontrei, no Capítulo IV, art. 35, n° 4, entre as atribuições não-privativas do Congresso, o seguinte:

"Prover à instrução secundária no Distrito Federal."

Lá está e todos podem ler o que transcrevi aí. Mas, como é que o Congresso dava provimento a essa sua atribuição?

Com o Colégio Militar.[463] Este colégio, que é caríssimo ao país, não passa de um estabelecimento muito especial, destinado a meninos de certa origem e nascimento. Com o Pedro II? Mas lá se taxam as freqüências e o número de alunos é limitado.

---

educacional tinha como objetivo principal a formação de uma elite nacional, capaz de formar os quadros políticos e intelectuais para os postos da alta administração pública. Proclamada a República, o Governo Provisório deliberou extinguir quaisquer reminiscências da monarquia e, uma entre as medidas que tomadas com esse fim, foi a de substituir o nome do Colégio Pedro II por Instituto Nacional de Instrução Secundária.

[460] Na data desta crônica, Delfim Moreira era o Presidente do Brasil; exercendo o cargo na vacância de Rodrigues Alves até julho de 1919, quando assumiu Epitácio Pessoa.

[461] Carlos Maximiliano Pimenta de Laet (RJ. 1847 - 1927): jornalista, professor e poeta. Formado em Engenharia, não quis seguir a carreira preferindo voltar-se para o magistério e o jornalismo. Estudou no Colégio Pedro II onde, em 1873, fez concurso para a cadeira do primeiro ano, que reunia Português, Geografia e Aritmética. Com a reforma da educação secundária em 1915, quando foi extinta a união dessas três disciplinas numa mesma cadeira, foi nomeado para o cargo professor de Língua Portuguesa. Por ser monarquista declarado, em 1890 foi demitido do Colégio D. Pedro II; Benjamin Constant, o primeiro a exercer o cargo de Ministro da Educação na República, conseguiu transformar o ato de demissão em aposentadoria. No governo de Venceslau Brás foi reconduzido ao seu posto, que exerceu até 1925, quando se aposentou. Como jornalista, colaborou para o *Diário do Rio* e *Jornal do Commercio*.

[462] Clube de Engenharia: situado no Rio de Janeiro, foi fundado em 1880 por Pereira Passos, cuja finalidade era a de discutir a necessidade de redefinir o espaço urbano, promover o saneamento e exterminar as epidemias que assolavam a Capital Federal.

[463] Colégio Militar: fundado em 1889 pelo Decreto Imperial 10.202, e pelo e empenho do Conselheiro Thomaz Coelho, então titular da Pasta da Guerra. Inicialmente, foi a Sociedade do Asilo dos Inválidos da Pátria, criada logo após o final da Guerra Da Tríplice Aliança, com a missão de receber servidores do país por velhice, ou mutilação na guerra que não pudessem mais trabalhar e também pagar pela educação dos órfãos de militares efetivos, reformados e honorários do Exército e da Armada. O

Deixei o remédio fácil de invectiva à nossa democracia; mas fiquei atarantado e não pude atinar que, após quase trinta anos de República, o Congresso não tivesse pensado no assunto, quando já criou mais três colégios militares nos estados.

Será possível que os luminares do nosso parlamento acreditem que um único externato, pago ou não, possa atender à fome de estudar dos rapazes de uma cidade de um milhão de habitantes? Por que não fundam outros?

Por que foram fundar tantos colégios militares, nos estados, e esqueceram-se do mandamento da Constituição que parece impor ao Congresso o dever de tratar primeiramente da instrução secundária no Distrito Federal?

E as meninas? E as moças? Então o Congresso tem a concepção caseira de que moça não precisa passar além do "abecê" municipal?

Reclamo liceus secundários para as moças [464] e isto por muitas razões, das quais só cito duas aqui.

A primeira, para ser bem entendido aquele dístico do Ganot[465] pequeno, o de "jeunes filles"; a segunda, para que as moças casadas, desgostosas dos maridos e que queiram encontrar lenitivo para as suas mágoas, nas letras e nas artes, não nos falem mais no César Cantu[466] das bibliotecas dos mandarins seus pais.

Escusado será encarecer com outros motivos a reclamação que faço do estabelecimento de liceus e colégios secundários para as moças cariocas; e o governo está no dever de criá-los quanto antes, para que a influência feminina, mais bem-orientada e instruída, se faça na família e na sala, de forma a não estropiar a inteligência dos seus influenciados com as cousas do caudaloso arranjo histórico do Senhor Antônio Enes [467].

O apelo que acaba de fazer uma moça infeliz à tradução deste senhor pode muito bem ter provocado sorrir os cronistas ligeiros; mas a um pedagogo, como eu agora sou, enche de lástima.

Quem vem morto de sede e se privou d'água durante dias, bebe a primeira que encontra, por mais nauseabunda que seja. Agora imaginem uma moça a quem a fecundação e as dores domésticas alargaram a inteligência deram-lhe sede de ler e saber, poderá ela, sem boa instrução anterior, escolher com acerto as suas leitura? Bebe o que encontrar à mão...

Decerto, não é? Os governos devem tudo prever; nenhum deles tinha; isto previsto. Ainda é tempo.

O procedimento do governo federal no que toca à instrução secundária do Distrito Federal tem sido até hoje de um descaso sem limites.

Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ) é o mais antigo dos colégios militares do Rio de Janeiro; em mais de um século de existência, formou ilustres personalidades da vida pública nacional.

[464] Lima Barreto considerava a educação ministrada nas escolas confessionais para moças, além de ineficaz, nefasta para elas e para a sociedade brasileira. Dessa forma, tornou-se grande defensor de uma educação pública feminina de qualidade e que fosse além dos ensinamentos elementares, pois assim, as moças poderiam se tornar "mulheres superiores", mais bem preparadas para a vida em sociedade, para o casamento e para a educação dos filhos, conforme deixa explícito nas crônicas "A mulher brasileira" e "Quereis encontrar marido? – Aprendei!..." e "A Circular do Reverendo Vigário Geral". A única opção de estudos secundários para moças era a Escola Normal, instituição pública que oferecia poucas vagas, não raro, alcançadas por apadrinhamento. No entender do cronista, para suprir essa deficiência deveriam ser criados liceus secundários nos bairros e distritos mais distantes. Esse tema é abordado em: "Os exames"; "A instrução pública"; "Continuo..."; "Um bom diretor" e "Escola de enfermeiras".

[465] Adolphe Ganot (?): professor de física francês, que deu nome a um importante instituto de estudos dessa disciplina em Paris. Escreveu o livro *Traité elementaire de Physique*, recomendado para os cursos de Física no Colégio Pedro II de 1870 até 1926.

[466] César Cantu (?): historiador autor de *História Universal*. Desde a criação do mundo até 1862, continuada até 1879 por D. Nemesio Fernandez Cuesta com a notícia dos fatos mais notáveis sobre Portugal e o Brasil, em diversos volumes.

[467] António José Enes (Port. 1848-1901): político, jornalista e colonialista. Seguiu primeiro a vida comercial e depois a política e o jornalismo. Em 1896 foi nomeado ministro de Portugal no Brasil. Deixou uma vasta obra literária, de história, romance, teatro, política e tradução.

Contentou-se até hoje com a manutenção de um único externato, tendo matrículas só acessíveis aos filhos de poderosos e influentes. Os outros estabelecimentos que mantém, são ainda mais fechados e segregados à procura da grande massa de infantes.

Além disto, não criou colégios secundários para moças; entretanto, apesar desse desprezo, desse esquecimento criminoso, para atender solicitações políticas, aumenta todos os anos os colégios militares, anima a criação de escolas superiores e dá a entender que, quem não for militar ou tiver dinheiro, deve deixar os seus filhos na instrução primária que já dá capacidade para ser eleitor.

Quanto às moças, então, com essas é atroz!

Pobres ou ricas, não têm outro remédio senão recorrer às barafundas pedagógicas das irmãs de caridade e jamais vir a entender a imagem do mundo que os homens atuais, por intermédio das ciências, fazem.

É uma ignorância decretada e que bem podia, com mais tempo e vagar, se atribuir como fonte de muitos dos nossos atrasos e muitas das desgraças domésticas que os jornais trazem, na proporção de um por cento das que existem por aí, ocultas.

Não será trancando todos os bêbedos que se acabará com o vício da embriaguez. Evitá-lo depende de cada um dos atingidos, do esforço deles sobre eles mesmos, e esse esforço será tanto mais constante e redobrado quanto mais ilustrada for a vítima, por saber os malefícios que lhe causam a sua falta.

A ignorância e o seqüestro nada valem. Entendam o que quero dizer e esclareçam com a instrução secundária, leiga e do nosso tempo as pequeninas cabeças das nossas moças que a vida estonteia.

REVISTA CONTEMPORANEA

Pela "secção livre"

Exemplar original do nº 19 da *Revista Contemporânea* de 29.03.1919 que pertenceu a Lima Barreto

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: papel
Revista Contemporânea . RJ: Ano II, nº 19, 29 de março de 1919
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 155-159)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 228-233)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp. 486-490)

"SESTROS BRASILEIROS"

Houve há anos, aqui, no Rio de Janeiro, uma revista semanal, no gênero *Caras y Caretas*, de Buenos Aires [468], cujo redator-chefe ostensivamente literário era Rafael Pinheiro [469]. O meu amigo Rafael, e camarada dos bons tempos do Café Papagaio [470], sempre teve da vida uma concepção muito séria que, para caracterizá-la pitorescamente e de modo fácil de logo ser apreendida, eu a classificarei de — "jogo de bicho". Ele a cercou por "todos os lados". Médico, orador, jornalista, político, burocrata, agitador — Rafael jogou nela, na vida, pelo "antigo", "moderno', 'Rio', "salteado", "garantia", etc., etc.

Nos meados de 1905, Rafael era diretor intelectual e literário do magazine *Figuras e figurões*; e, em agosto, no dia *2*, publicava com a sua assinatura, na citada revista, uma notícia em reportagem aliteratada, descrevendo uma excursão com o maestro Puccini [471], que passara pelo Rio, de volta a uma visita-reclame à República Argentina.

Foram ao Jardim Botânico que, naquele tempo, ainda estava na moda. Agora vou dar a palavra ao Rafael, transcrevendo o retalho da sua crônica que guardo há cerca de quatorze anos. Ei-lo:

Voltávamos. Inquirimos do que mais o impressionara depois da 'fatal' natureza.

— 'I mori' (os negros). [472]

De fato, uma fatalidade reuniu na Rua dos Voluntários [473], de todas as idades, de todos os feitios, uma centena de negros, proporção esmagadora para os brancos que por ali transitavam. Negros vinham conosco no bonde, negros vira ele no cais, negros trabalhavam na muda do Largo do Machado [474]. Um mal-estar nos entristecia quando uma crioula, toda de azul-celeste, passou por nós na Rua Marquês de Abrantes: [475]

- Azzuro celeste e nero, ma quella é Ia vera - celeste Aida?... [476]

Uma gargalhada sacudiu a caravana, ao ouvir esta frase de Puccini.

---

[468] *Caras y caretas*, fundada em 1898, era uma das três revistas do gênero cômico, mais lidas em Buenos Aires entre o final do século XIX e o início do XX; as outras eram: *El Mosquito* (1863), *Caras y Caretas* e *PBT* (1904). Nessas revistas os políticos portenhos eram comumente criticados pelos próprios companheiros e, por essa razão temiam muito que seus nomes fossem nelas publicados, em contrapartida, riam muito de seus oponentes. Pode-se dizer que a *Caras y Caretas* se assemelhava à "Seção Livre" do nosso *Jornal do Commercio*, visto que, publicava todo os gêneros de artigos mediante pagamento.

[469] Rafael Pinheiro (?): jornalista, fundador da revista *Figuras e Figurões* que circulou apenas em 1905, ressurgindo entre 1913 e 1914, com o caricaturista Kalixto (Calisto Cordeiro - RJ 1877 - 1957).

[470] O Café Papagaio, que ficava na Rua Gonçalves Dias, foi um dos mais famosos do Rio de Janeiro. Recebeu esse nome, por causa de um papagaio chamado Bocage, que saudava irreverentemente seus frequentadores ao chegar. Um conjunto musical, com harpa, flauta e dois violinos, animava o ambiente com músicas de Ernesto Nazareth e Chiquinha Gonzaga. Muitas personalidades de destaque da vida artística, do jornalismo e da política da Capital da Federal sentaram-se nas mesas desse estabelecimento. Como outros estabelecimentos dessa natureza, na década de 1920, frente às transformações pelas quais passaram a cidade do Rio de Janeiro, perderam o seu espírito boêmio, ou encerraram suas atividades.

[471] Antonio Domenico Michele Secondo Maria Puccini (Ita. 1858 — Belg. 1924): maestro e compositor italiano de óperas. Puccini era filho de uma família tradicional de músicos italianos e se tornou um dos mais conceituados maestros do mundo. Após uma temporada em Buenos Aires, em 1905, visitou o Brasil.

[472] Mouros. Era comum na Europa chamar os africanos, e seus descendentes de "mouros".

[473] Rua Voluntários da Pátria – localizada no Bairro de Botafogo.

[474] O Largo do Machado é localizado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro e hoje tem sua própria estação de metrô, faz fronteira com os bairros de Laranjeiras e do Flamengo, mas pertence oficialmente ao Catete.

[475] Rua Marquês de Abrantes se localiza no Bairro do Flamengo.

[476] Aída - personagem de ópera de Verdi.

E nós também... rimos, um tanto dolorosamente.

Há muita cousa de que me rio, mas o que menos podia fazê-lo, era a bobagem puccinesca. Mesmo que se rissem todos os outros com uma banalidade dita por um homem da moda, admito que o fizessem delicadamente, mas "dolorosamente" - por quê?

Os companheiros de Rafael podiam fazê-lo; mas Rafael, um sociólogo prático, político, homem da multidão brasileira, sabia perfeitamente que, durante muitos anos, entraram milhões de negros no Brasil, vindos à força da África, e que não eram absolutamente estéreis. O seu sólido saber histórico, particularmente no que toca ao Brasil, não podia achar graça dolorosa numa tolice de um superficial maestro italiano, cuja fama já Rafael Pinheiro está vendo morrer. Ora, o Rafael! Quem o diria?

Aí, ele, sem o querer, obedeceu a um dos sestros brasileiros; mas há outros. A Senhora Gina Ferrero acompanhou seu marido, o eminente Guglielmo Ferrero [477], na excursão deste à América do Sul. Estiveram no Brasil e ela escreveu, após a viagem, sobre nós, cousas tocantes e amáveis; mas, em um dado lugar, disse que o "bicho-de-pé" era, para os colonos italianos recém-vindos, uma praga, um flagelo. Para que foi dizer isso? Petrópolis, Botafogo, Laranjeiras e os sujeitos da Avenida [478] mobilizaram as suas hostes patrióticas e caíram em cima da moça, com a sua artilharia peculiar de tolices e asneiras.

Eu sabia perfeitamente que não devia haver exagero nisso, porque, *de visu*, aqui, nos arredores do Rio de Janeiro, em menino, vi os perigos que o "bicho-de-pé" trazia à vida de pessoas já muito aclimatadas ou naturais do país; mas, naquele tempo estava "arrolhado".

Meu pai me contava e ainda confirma, que um filho do Senhor doutor Teixeira Brandão, hoje deputado federal [479], e há anos diretor dele, perdeu a vida nas proximidades do Rio de Janeiro, por causa de um "bicho-de-pé". Ainda mais. Quando estive em Ouro Fino [480], na casa do meu generoso amigo Emílio Alvim, na colônia "Inconfidentes" [481], que fica nas proximidades daquela cidadita do sul de Minas, contaram-me que uma senhora alemã morrera, devido a um "bicho-de-pé".

Daqui e dali, desta ou daquela forma, pode qualquer observador registrar notícias de cousas iguais e é fácil de imaginar como semelhante pulga ou lá o que for, pode ser um flagelo sério para emigrantes ainda por adaptar-se à nossa roça e completamente ignorantes da existência de tal "bichinho" a ponto de não saber "tirá-los" com os cuidados especiais conhecidos familiarmente pelos naturais da terra.

Mas, o Brasil não pode ter essas cousas; e, tê-las, é uma vergonha, para Petrópolis, Botafogo, Laranjeiras e para as calçadas da Avenida, por isso decreta-se a sua não-existência em um berreiro hipocritamente patriótico pelos jornais.

O estimável *Rio-Jornal*, a que sou muito agradecido, em 17 do mês passado, caiu ingenuamente numa dessas infundadas manifestações de suscetibilidade nacional. Ele, ou alguém por ele, abriu o *Resumen de Ia Historia de América*, por Nicolás Estévanez [482], leu um trecho e deu um

---

[477] Guglielmo Ferrero (Ita. 1871 — Fr.1942): historiador e novelista italiano. Esteve no Brasil em outubro de 1907, a convite da Academia Brasileira de Letras, onde proferiu várias conferências sobre a História de Roma.

[478] Avenida Central.

[479] João Carlos Teixeira Brandão (RJ. 1854 - 1921): bacharel em ciências e letras e médico. Dirigiu o Hospital Nacional dos Alienados, provavelmente onde o pai de Lima o conheceu. Teixeira Brandão também se dedicou à legislação sobre os alienados, tendo proposto medidas inspiradas em leis francesas, belgas e inglesas promulgadas no século XIX. Por meio de dispositivos legais fez a distinção entre alienados e criminosos. A defesa e a assistência aos alienados foi objetivo maior da sua trajetória de deputado federal.

[480] Lima Barreto saiu do Rio de Janeiro apenas duas vezes na sua vida, uma para Ouro Fino em 1916 (sul de Minas Gerais) e a outra para Mirassol em 1921 (oeste de São Paulo).

[481] Colônia Agrícola Inconfidentes, Ouro Fino (?) MG.

[482] Nicolás Estevanez, (Esp. 1838 – Fr. 1914): militar, político federalista, ideólogo, escritor e tradutor.. Muito jovem ingressou na Academia Militar de Toledo. Em 1871 foi postado em Cuba com a patente de capitão. Anos mais tarde, foi eleito

cavaco patriótico de todos os diabos. Este livro é muito conhecido entre nós, não só pelos Senhores Capistrano de Abreu [483], João Ribeiro [484], Pedro do Couto [485], Escragnolle Dória [486], como também por outros menores, inclusive eu, que até o tenho.

Nunca o trecho que o *Rio-Jornal* cita, irritou, não direi a mim, mas os outros que o leram.

Damos a palavra ao galante vespertino. Ele viu falar:

Aí, ao historiar a revolução pernambucana, de 1817, denomina os brasileiros, como aliás já tinha feito em outras partes do trabalho, de "los criollos".

O trecho é o seguinte:

> En el Brasil había muy poços republicanos antes de Ia llegada de la corte, pero cuando "los criollos" vieron de cerca una família real y conocieron los esplendores de la monarquía, no fueron pocos los que se sintieron inclinados a la democracia, a la república y ai separatismo !!!

Deixando de parte a tal história de "diminuir", peço licença para lembrar ao simpático periódico que o "los criollos" de Estévanez é o nosso "os crioulos" português, que quer dizer, conforme o modesto dicionário de Francisco de Almeida, o único à mão, "pessoa de raça branca, nascida nas colônias europeias do ultramar, especialmente da América".

Josefina, a primeira mulher de Napoleão, que foi imperatriz, é chamada pelos historiadores franceses - crioula; *créole* - porque nasceu na Martinica [487], de pais franceses.

Nunca na França ninguém se zangou e disse que por isso se havia diminuído a poderosa amiga de Barras [488].

No Brasil, no nosso falar, ao que parece, é que se ampliou essa qualificação aos negros, nascidos de pais africanos; e, depois, só se veio a aplicar a denominação a eles unicamente.

Ir por aí, porém, seria fazer rir, um tanto dolorosamente, o velho amigo Rafael Pinheiro; e não quero pô-lo de mau humor...

Esses sestros e outros mais idiotas ainda, é que devemos combater, abandoná-los, e aceitar, com toda a coragem e decisão, sem falsas vergonhas que levam à mentira cínica, a nossa terra e a nossa história como de fato elas são e o tempo, os homens e a natureza as fizeram.

---

membro do Parlamento Espanhol e Ministro de Gabinete durante a Primeira República Espanhola. Com a restauração da monarquia, foi para o exílio em Paris, onde morreu. Como tradutor, prestou serviços para os irmãos Garnier, em Paris, com quem trabalhou muitos anos. *Resumen de la Historia de América*, foi publicado em Paris no ano de 1863, pela Livraria Garneir.

[483] João Capistrano Honório de Abreu (CE. 1853 — RJ. 1927): etnógrafo e um primeiros grandes historiadores do Brasil. A sua obra é caracterizada por uma rigorosa investigação em fontes primárias e pela visão crítica dos fatos históricos. Dedicou-se especialmente ao estudo do Brasil Colônia. Em relação à literatura brasileira, desenvolveu uma teoria que tem por base os conceitos de clima, da terra e da raça, reproduzindo em parte os clichês típicos do colonialismo europeu acerca dos trópicos sem, contudo, ratificar o mito pré-romântico do "bom selvagem".

[484] Ver crônica "Duas Relíquias".

[485] Pedro do Couto (?): autor de *Pontos de História do Brasil.*

[486] Ver crônica "Duas Relíquias".

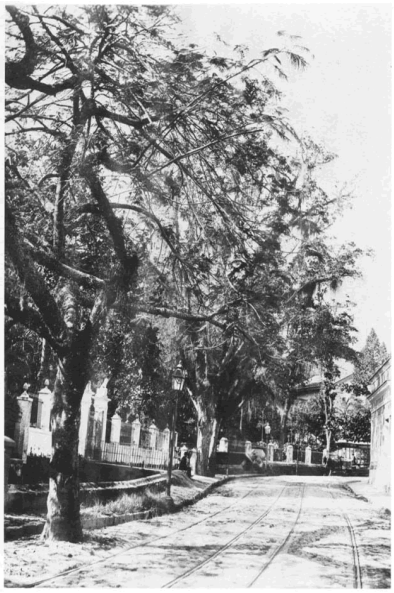
[487] Ver crônica "Procurem a sua Josefina"

488 Jacques Vivent Barras (Fr. 1755 - 1829): deputado na Convenção, durante a Revolução Francesa foi um período de contrarrevolução liderado pelo rei Luís XVI. Barras teve grande participação na ascensão militar e política de Napoleão Bonaparte, mais tarde, no período do Terror conspirou a favor da morte de Robespierre.

Giacomo Puccini

Rua Voluntários da Pátria no início do século XX

Largo do Machado – Início do século XX por Augusto Malta



Rua das Laranjeiras
onde passava o bonde que
saía do Largo do Machado

FONTES DE PESQUISA:

Primárias:
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (pp. 161-163)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 234-238)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I. (pp. 263-266)

"A CIRCULAR DO REVERENDO VIGÁRIO-GERAL"

Se não estou totalmente esquecido, é tratando de Barère, num dos seus *Ensaios* [489], que Macaulay [490] diz que os filósofos franceses do século XVIII estavam com os Evangelhos, enquanto a Igreja se havia separado deles completamente. Agora mesmo, com esse explodir ruidoso das reivindicações das classes oprimidas, aqui e ali, na América e na Europa, podemos repetir o asserto do grande escritor inglês.

Sem se poder negar à Igreja, na sua existência quase duas vezes milenar, ter presidido, favorecido e patrocinado muita reforma social útil e favorável à fraternidade entre os homens, desde a Renascença para cá, porém, ela se mostra completamente impotente para continuar a fazer tal cousa.

A política da Igreja tem consistido nesses últimos tempos em sustentar a classe poderosa no momento, com unhas e dentes, desculpar os seus erros e crimes, para poder viver; e quando ela, a classe poderosa, é derrubada e abatida, aliar-se à vitoriosa que lhe sucede.

De um modo geral, pode-se dizer que a sua atitude em face da nossa sociedade, é a mesma que os jesuítas tiveram na Índia [491], em presença da sua organização social de castas profundamente separadas, por um profundo e supersticioso critério religioso, muito contrário ao espírito e à letra do Cristianismo.

Quero falar dos ritos malabares [492]. Um jesuíta italiano, vendo que o Catolicismo fazia poucos progressos na Índia, tratou de mudar de traje, e, de humilde servo e sacerdote de Jesus, transformou-se em um magnificente e orgulhoso brâmane. Como tal, vestiu-se, sarapintou-se, ajaezou-se, compôs estranhos hinos e, para não se poluir, deixava de entrar nas casas de família das classes inferiores e dava a hóstia consagrada na ponta de um bastão, para evitar que, tocando as suas sagradas mãos na pele do impuro, do pária, não ficasse ele também impuro. Querela.

O arcebispo de Goa, diz Boehmer, *Les Jésuites*, em 1618, citou o Padre Nobili [493], o inventor da curiosa acomodação religiosa malabar, a comparecer à presença do seu tribunal; e,

[489] Bertrand Barère de Vieuzac (Fr. 1755 – Bel. 1841): político e jurista francês entre os membros mais notáveis da Convenção durante a Revolução Francesa. Julgado por seu voto a favor da morte de Luis XVI, foi condenado à guilhotina, mas alguns amigos o ajudaram fugir para Bordeaux, onde ficou escondido durante alguns anos. De volta à Paris, serviu no serviço secreto de Napoleao I. No periodo da Convenção foi julgado como regicida; banido definitivamente da França foi viver na Belgica, onde morreu.

[490] Ver crônica "A superstição do doutor".

[491] A Índia Portuguesa teve uma presença constante dos jesuítas desde 1540, quando lá aportaram o espanhol Francisco Xavier e o português Simão Rodrigues. Em todas as regiões que aturam, a grande missão dos jesuítas nas colônias portuguesas foi em relação à ação pedagógica.

[492] Relativo à região da Índia conhecida como Costa do Malabar, situada no Oceano Indico, é um trecho de litoral no sudoeste do indiano, onde os portugueses fundaram uma de suas colônias.

[493] H. Boehmer (?): em sua obra *Les jesuites*, escrita em alemão e traduzida para várias línguas, comenta um atrito entre a Inquisição de Goa e a da Companhia de Jesus, no qual o centro da questão era o padre Roberto de Nobili (Ita. 1577 – 1656), jesuíta toscano que atuou em Goa, Cochin e Mandurai (sul da Índia) e, para adaptar sua pregação do cristianismo aos costumes gentílicos, permitia a prática de costumes religiosos locais que, na sua opinião, não contrariavam a fé cristã. Se autodenominando "senhor da sabedoria" e alegando ascendência de família nobre da Toscana, só discutia com as autoridades Vedas. Adotou costumes e trajes locais e aprendeu com mestres indianos o sânscrito e o tamil – língua falada no sul da Índia e adaptou vários ritos indianos ao cristianismo para converter os gentílicos, diz-se que chegou a converter doze brâmanes. Alguns dos seus companheiros missionários não viam seus métodos como favoráveis e levantaram suspeitas sobre a validade das conversões realizadas que havia realizado, por suas atitudes duvidáveis em relação à fé católica, foi chamado pelos dominicanos espanhóis para prestar contas de suas atitudes perante o Tribunal da Inquisição.

quando o fez, a estupefação entre os assistentes foi tal que o arcebispo, de espanto, resolveu submeter o caso à Santa Sé. O discípulo de Loiola não podia ser reconhecido pelos seus colegas; mas os doutores dos Vedas achavam-no conforme as suas doutrinas, ritos e, sobretudo, no que preceituava a separação total de castas, nos livros sagrados do bramanismo.

Enquanto esses ritos de um catolicismo bastardo foram permitidos ou tolerados, as conversões aumentaram, mas desde que um papa enérgico os proibiu, elas cessaram e as apostasias cresceram.

Em ponto grande, a Igreja tem procedido como o tal Padre Nobili. O seu método consiste em cultivar, desculpar, ou mesmo defender os preconceitos, as vaidades, os erros, e crimes das classes dominantes de um país, para dominar o resto dos seus habitantes, obter privilégios, isenções e dominar, enfim, esse país.

Nós sabemos, pelo nosso caso particular de nação, que, nunca, da Igreja partiu um gesto decisivo condenando a escravidão negra entre nós. Se não fossem os exemplos estrangeiros e a propaganda dos "demagogos", como ela chama os apóstolos leigos, ainda no Brasil, se esperássemos por ela, haveria escravos; e as aquisições sociais e políticas da revolução de 89, a francesa, foram obtidas *malgré elle.*

Fundada a nossa República, livre do controle regalista da Coroa, mansamente ela transformou a cidade de Petrópolis em uma Lassa [494] romana; encheu-a de colégios para moças e meninos ricos, no intuito, especialmente no tocante àquelas, de dominar, por intermédio de seus educandos, a governança do Brasil. Já expliquei como a Igreja consegue isto, em outra parte.

Todas as vaidades e preconceitos das classes ricas do Brasil, ela afaga e aumenta, até o de nobreza, com os seus jesuítas italianos eruditos e as suas irmãs de caridade ingênuas.

Para qualquer erro, abuso de poder, opressão ou vexame impostos pela nossa burguesia rica, urbana ou rural, administrativa ou comercial à população miserável do país, ela não tem uma palavra de reprovação ou censura; ao contrário: procura atenuar ou explicar com manha e jeito. Uma hora socorre-se da Constituição contra os rivais; em outra, fá-la esquecer, para obter favores.

Sabendo-se incapaz de dominar as almas, de tirar-lhes os seus defeitos oriundos das nossas correntes concepções de sociedade, a Igreja procura não melindrar as classes dirigentes, para obter destas o apoio material de seu poder, baseado na coação administrativa e na força militar que subjugam a nação.

A prova mais frisante de que a Igreja é incapaz de compreender as profundas transformações sociais que se vão passando de uns séculos a esta parte, no sentido da fraternidade, do bom e mútuo entendimento entre os homens, é o seu proceder nos Estados Gerais de 89, isto é, na Grande Revolução. [495]

Os impostos de todas as naturezas, reais e feudais, gabelas e *aides*, mesmo os que deviam recair em parte sobre a Nobreza e o Clero, recaíam de fato sobre o terceiro estado, e, neste, especialmente, sobre os *roturiers* [496]. A mais elementar medida a tomar, para sanar um dos males que corroíam a França antes da Revolução, era fazer que as três "ordens" do Estado pagassem impostos proporcionalmente à sua riqueza.

---

[494] Lassa ou Lhasa - capital do Tibete. Centro administrativo e religioso do Tibete, pois, abriga o Palácio de Potala e o Jokhang, principal templo budista. Lhasa é lugar onde mora o Dalai Lama e significa literalmente "lugar dos deuses".

[495] A base da discórdia entre o Clero e a Revolução, está ainda na Reunião dos Estados Gerais de 1889, quando foi sugerida a nacionalização dos bens da Igreja para pagar o déficit gerado com a colaboração do governo francês na Independência dos EUA e, na Assembléia citada por Lima, ficou decidido que os dízimos do Baixo Clero seriam transferidos para os cofres do Estado. (Ver Nota a quarta Nota a seguir nesta crônica).

[496] Grafia correta: *routirières* – aqueles que caminham em estradas ou caminhos. Durante o período feudal cobravam-se impostos daqueles que passavam por pontes ou estradas pertencentes a feudos, (a pé, em carroças ou a cavalo), seria uma espécie de pedágio.

Há uma gravura do tempo, reproduzida num livro de classe, Albert Malet, *L'Époque Contemporaine* [497], que mostra bem esse desejo geral; e nesse mesmo livro há um trecho do *Cahier des doléances* da nobreza d'Albret [498] em que mesmo esta, apesar de estar no uso e gozo de privilégios fiscais, indica-os como causadores da degradação do país, da miséria dos cultivadores, da ruína dos proprietários.

A igualdade fiscal de todos perante o Estado parecia ser, não só uma medida de justiça, mas também a salvação para o regímen social que governava a França. Atentava-se um pouco sobre a sua essência baseada na desigualdade das "ordens", mas, decretada que fosse, adiava-se um pouco o 93 [499].

A Igreja, porém, foi inflexível, talvez mais do que a nobreza, e se opôs tenazmente à medida. Era ela proprietária de um quarto do território francês e levantava impostos, não só os que eram peculiares à sua condição, mas os feudais devidos a todos os nobres e que estavam vinculados às suas terras. Além de eclesiásticos, os prelados eram também barões...[500]

Com esses privilégios, não só os altos prelados, mas a grande nobreza, não prestavam os serviços sociais que os justificavam quando nasceram. Viviam nas cidades, sobretudo em Paris, imitando o fausto real, mal conheciam as suas terras, de que só se lembravam para receber os rendimentos extorquidos à miséria do camponês.

Tinham feito com as suas abadias, bispados, baronatos, condados, etc., o que os nossos burgueses fazem com as suas grandes empresas, representadas em ações, que eles não as dirigem de fato, nem sabem dirigi-las, mas recebem os dividendos anuais, comodamente nos seus escritórios urbanos ou senão com as apólices dos estados, de que recebem os juros, indefinidamente.

Os nobres e eclesiásticos não guiavam mais nada, nada mais dirigiam: gozavam o trabalho dos outros, representado em taxas mensais e inqualificáveis sobre o miserável trabalhador rural, o célebre animal de face humana de La Bruyère [501].

Os perceptores de impostos reais ou arrendatários deles eram odiados profundamente pelo povo, devido às suas exações e rapacidade, tanto assim que foram condenados em bloco à morte, em 1893, entre os quais Lavoisier, que era *fermier général.* [502]

Em presença de um estado tão terrível, de miséria geral, a Assembléia Constituinte resolveu apossar-se dos bens do clero. Nenhuma propriedade mais social do que esta. Ela fora

---

[497] Albert Malet (Fr. 1864 - 1915): historiador e autor de livros acadêmicos, morto em campo de batalha durante a I Guerra Mundial. Foi um dos historiadores que colaboraram com Ernest Lavisse na importantíssima obra da historiogarfia francesa *Histoire Génerale.* Desse autor Lima tinha sua biblioteca o título *Cours d'Histoire* em 4 volumes..

[498] *Cahier de Doléances* – Caderno das Lamentações. Castelmoron-d'Albret: comuna francesa na região da Aquitânia.

[499] 21 de janeiro de 1793, data da execução de Luis XVI na guilhotina.

[500] No período que antecedeu a Revolução Francesa, a Igreja Católica, então Primeiro Estado da sociedade, contava com cerca de 0,5 % da população francesa, clérigos do Alto Clero e do Baixo Clero, além de 40 000 religiosas em conventos. Era proprietária de quase um sexto do território francês, tanto em terras como em edifícios públicos e gozava do privilégio de foro e de imunidades reais, isto é, na prática, de um sistema judiciário autônomo e percebia o dízimo, que se tinha transformado numa espécie de imposto fixo obrigatório, cobrado burocraticamente, sem o seu caráter primitivo de doação voluntária

[501] Jean de La Bruyère (Fr. 1645 - 1696): ensaísta e moralista francês. Foi amigo de Bossuet, dessa amizade nasceu a obra *Diálogos*, composta por ensaios sobre o quietismo, que ficaram por terminar. Como ensaísta, não chegou a criar um sistema de moral, porém, foi um observador que retratou, de maneira satírica, a moral de seu tempo. Por sua grande força de expressão, tem lugar entre os maiores escritores franceses. La Bruyère ficou célebre por suas notáveis frases, como por exemplo, "Até mesmo os homens honestos precisam de patifes à sua volta". À máxima que Lima se refere, não foi encontrada.

[502] Antoine - Laurent de Lavoisier (Fr. 1743 — 1794): químico francês, considerado o criador da Química moderna, autor da célebre frase "Na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma". Lavoisier era presença constante nas mesas da nobreza em festas do Rei Luis XVI e da Rainha Maria Antonieta. Em 1768 adquiriu uma participação na *Ferme Général*, um sistema de impostos utilizado França para a taxação de impostos que não era um muito popular na época, principalmente entre o Terceiro Estado (o povo), que tinha de pagar os impostos mais pesados ao Estado e à Igreja. Embora Lavoisier tenha se retirado desse sistema, no início do período revolucionário, a sua ligação com a *Ferme Général* foi utilizada como desculpa para o condenar à morte na guilhotina, durante o período do Terror.

obtida com donativos de gerações sobre gerações, partidos de pessoas de todas as condições, sexo e idade; não tinha como as outras a individuação da herança, com a passagem de pai a filho, não havendo nela, como nesta, o vínculo imaginário do sangue, de ancestral para o seu imediato descendente, dos avós, etc.; e, portanto, desde que, por isso ou aquilo, a nação dela precisasse, todo o direito tinha de se apossar dela.

Taine [503] ataca a Assembléia, em parte com *razão,* por representar isso o exagerado estatismo do Contrato Social e em parte porque as doações de quatorze gerações anteriores tinham sido feitas com tais ou quais condições e para preencher tais ou quais funções sociais.

Mas, pelo fato dos mortos, como os vivos, terem direitos na sociedade, é que os seus legados deviam ser confiscados, porquanto os seus legatários não cumpriam mais as cláusulas testamentárias. É isto que se lê no *Ancien Régime,* do próprio Taine.

Cioso de sua enorme riqueza, o clero francês, sobretudo o alto, propõe pela boca do arcebispo de Aix, M. de Boisgelin, saldar imediatamente a dívida pública, mediante um empréstimo sobre os seus bens, contanto que fique com a sua situação privilegiada.

A Igreja, portanto, queria continuar com as suas obsoletas regalias e viver como um Estado no outro Estado, pouco se dando que, com tal regímen, ela mesmo se houvesse desmoralizado e empobrecido, tornando até miserável a massa do país.

Estas recordações ligeiras valem a pena ser feitas, quando nós vemos nos dias de hoje o Senhor Fernando Rangel [504], monsenhor e doutor (nunca se devem omitir os títulos, no Brasil) dizer, com toda a suficiência de sua alta situação eclesiástica de vigário-geral do Arcebispado do Rio de Janeiro, na circular que publicou no *Rio-Jornal,* de 4 do corrente, o seguinte:

> A Igreja Católica é quem possui os dados para resolver situação tão difícil como a que ora atravessa o mundo: porque ela, única depositária da palavra divina, dos ensinamentos do Salvador do gênero humano, é a escola da verdade, da justiça e da caridade.

Quando se ouve um prelado falar assim, logo nos vem à boca fazer uma pergunta de matuto simplório: se a Igreja tem os dados, por que não resolve ou não resolveu a questão? Se ela tinha os dados de 89, por que não a resolveu, escapando até de desaparecer do mundo, sob as botas de Napoleão e dos exércitos franceses?

Onde está a ganância de dinheiro, a anestesia moral, o esquecimento dos princípios cristãos, o cinismo de processos para obter riquezas? É nos seus inimigos, nos demagogos, nos revolucionários, que vivem pelo mundo a sofrer prisões, que são injuriados, caluniados, por toda a parte, suportando todas as torturas em nome do seu ideal; ou nos condes papalinos e comendadores que, por meio de ladroeiras legalizadas, se apossam de grandes extensões de territórios de estados, para deixá-los em abandono, ou, com auxílio de políticos desonestos e manobras legais de tarifas, conseguem, empobrecendo uma nação inteira, enriquecer lorpa e inutilmente do dia para a noite?

Para quem a Igreja se desvela em colégios, em incenso, em recompensas? E para a pobre criada de servir do grandíloquo burguês, mais feroz do que o antigo barão, por não ter o sentimento da eternidade do seu estado na sua geração, ou é para este burguês?

A Igreja pode ter sido divina, mas hoje ela não o é. Não direi que lhe faltem grandes sinceridades de crença em religiosos de todos os feitios e classes; mas o seu geral espírito de hoje é muito humano, muito atualmente humano, e, para dominar, para se manter, ela, mesmo em contradição com os seus fundamentos, está disposta a apoiar os fatores da miséria, do sofrimento, das

[503] Ver crônica "Da minha cela".
[504] Não encontrei informações.

dores, dos crimes entre os homens que podem quase totalmente ser removidos, desde que o seja a sua desigualdade social e econômica.

Quem se opôs à igualdade das "ordens" perante o fisco, para defender as suas propriedades com as quais explorava os camponeses, às vezes mesmo deixando-as *en friche*, por isso ou por aquilo, não há de admitir atualmente as mais simples reformas que atentem contra os privilégios tácitos da burguesia que lhe dá apoio.

A sua ação moral sobre os corações não tem maior força e, quando os burgueses rezam, batem no peito, fazem-se condes, etc., é porque já estão totalmente inacessíveis a todos os sentimentos de verdadeira humanidade.

Eles se apóiam na Igreja e esta neles, na sua fortuna, com a qual prendem os espíritos livres, os proletários, que são obrigados a prestar, diretamente ou indiretamente, obediência a eles, se querem viver, pensar, ter filhos ou mesmo cumprir as suas simples obrigações de parente e de amigo.

Houve tempo em que os apóstolos foram demagogos. Um pontífice de um Júpiter qualquer, cuja estátua deve haver no Vaticano, devia assim chamar São Paulo; e, se não fosse esse revolucionário e demagogo, que foi contra a "Lei", daquele tempo, nós não estaríamos conversando amigavelmente, Senhor doutor monsenhor Fernando Rangel. Hoje, São Paulo é apóstolo, e dos maiores, para mim, que já não sou católico, e para o senhor que o é, e, por cima de tudo, sacerdote respeitável da Religião de Jesus.

Se não creio na eficácia da Igreja para resolver a questão que ora avassala o mundo, não é por não acreditá-la divina; mas porque, atualmente, os seus ministros deixaram de fazê-la assim para lhe darem uma feição muito humana. Ela está sempre com o poderoso do dia e sempre com um pontilhão, a fim de passar-se para o poderoso de amanhã. Essa cautela não é de Deus...

Representações do padre Roberto di Nobili (1577 – 1656)

Charge representando a crise do Império com a Igreja Católica, conhecida como "Questão Religiosa", que acabou sendo uma das causas da Proclamação da República em 1889

FONTES DE PESQUISA:

Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (PP. 165-170)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 238- 244)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I (pp. 495-500)

"UMA SIMPLES NOTA"

O *A B. C.*, em dias do mês passado, tendo a bondade de noticiar o aparecimento de um volume [505] meu, deu-se ao amável trabalho de achar uma classificação para a minha vida; e tachou-me de um *eraciné* [506] do romantismo, certamente por causa da boêmia que ele me atribui.

Não me incomodo que me chamem de romântico, disso ou daquilo; o que não gostaria é que me chamassem de ladrão, adulador e desleal.

E não diria nada, tanto mais que se trata de camaradas do *A. B. C.*, se não fora ter de há muito notado que, das inúmeras "ideias feitas", com que os jornais são fabricados, uma delas é que a vida irregular de certos escritores e artistas, denominada ultimamente boêmia — é uma sobrevivência do romantismo.

Se os autores e propagadores de semelhante afirmativa refletissem e consultassem um simples dicionário biográfico, veriam que muito antes do romantismo havia boêmia, e das mais desregradas, às vezes mesmo, criminosa.

Villon [507], que toda a gente conhece, poeta francês, "né à Paris", diz o pequeno *Larousse*, "en 1431": "II mena une vie inquiete et risqua plusieurs fois Ia potence; auteur du *Grana* et du *Petit Testament*, m. vers 1489".

Por essa indiscreta revelação das cousas do *Laroussezinho*, que os meus amáveis confrades me provocaram cometer, Villon merece bem que lhe transcreva a primeira estrofe da sua singular "Ballade des dames du temps jadis":

Dictes-moy ou, n'en quel pays,
Est Flora, Ia belle Romaine;
Archipiada, ne Thais,
Que fut sã cousine germaine;
Echo, parlant quand bruyt on maine
Dessus riviere ou sus estan,
Qui beauté eut trop plus qu'humaine?
Mais ou sont lês neiges d'antan?

Pois, meus senhores, este grande poeta do XV século, classificado como verdadeiro "gibier de potence", pelos seus contemporâneos, foi além de tudo aquilo que a atual boêmia permite, na sua vida inquieta de vagabundo.

O romantismo apareceu um pouco mais tarde. Em França, creio eu, os historiadores literários marcam-lhe o aparecimento aí, por 1830. Pelo menos, os jornais repetem e repisam essa asserção. Vocábulo.

---

[505] *Histórias e sonhos*: publicado pela Livraria Schettino. Em relação à data desta crônica anotada por Resende e Valença ficam dúvidas, pois, não encontrei registros desse artigo do *A. B. C.*, contudo há dois outros, datados de 18.01.19121 e [??].02.19121, escritos, respectivamente, por Austregésilo de Athayde para *A Tribuna* – RJ e por Hélio Leal de Souza para a *Revista Souza - Cruz* – RJ, ambos com mesmo título "Histórias e sonhos".

[506] Não encontrei esse vocábulo em dicionários Francês – Português (Larousse e Petit-Robert).

[507] François Villon ou François de Loges - pseudônimos de François de Montcorbier (Fr. 1431 [1432]? - 1463): um dos maiores poetas franceses da Idade Média. Ladrão, boêmio e ébrio, foi considerado o precursor dos "poetas malditos" do romantismo. Lima tinha em sua biblioteca um título desse poeta.

Antes mesmo de Villon, sem querer ir à Grécia, do Senhor Coelho Neto [508] ou outro qualquer, nós temos um bom espécime de boêmio literário. É Juvenal, muito conhecido de todos nós pelo menos de nome, não há quem não lhe tenha de cor o seu célebre verso (será?) "Ridendo castigai mores". Viveu sob Trajano [509] e Adriano [510], dois príncipes sábios e com um forte sentimento para com os seus súditos, das responsabilidades de sua investidura imperial. Trajano foi César do Império Romano, do ano 98 ao 117, da nossa era; e Adriano, seu filho adotivo, ocupou o trono depois de sua morte, imperando até o ano 138 da era do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Não tendo conseguido nada com a sua eloquência, o imortal satírico, chegado do seu vilar provinciano, levou uma vida das mais miseráveis e muito pouco edificante, que nos é contada por G. Boissier, no seu livro *L'Opposition sous les Césars* [511].

Suportou, devido à sua miséria, o desdém dos cocheiros das grandes famílias, de histriões e gladiadores, repelido pelos grandes, viveu entre vagabundos e os sujeitos piores da Suburra. [512] Teve por companheiros poetas famintos, professores sem alunos, etc., ao lado de tratantes, de marinheiros, de escravos fugidos, de fabricantes de ataúdes, na taverna Syrophoenix, que as suas sátiras imortalizaram.

Adquiriu um ódio ao "grego", que com a sua maleabilidade, servilismo e hábil jeito para a lisonja, sabia arrancar dinheiro e o mais do patrício rico e influente.

No seu despeito de homem orgulhoso e inadaptável, exclama, com entonação patriótica:

Cidadãos! Não posso suportar que Roma se tenha tornado uma cidade grega.

Não é aí questão de Roma; é do "grego", que o precede, na porta do rico senador do monte Esquilino, logo ao amanhecer, para receber os sestércios [513] da *sportula*, enquanto ele, sem grande esperança de obtê-la, sobe a colina, com o manto furado, tendo dormido em algum albergue imundo dos bairros suspeitos da cidade imperial.

Já viram que esse boêmio, da mais completa perfeição, floresceu um pouco antes da época em que as nossas autoridades literárias costumam a datar o aparecimento de poetas e escritores de vida pouco regrada.

Nós temos um outro, é até inglês, que não chegou à perfeição boêmia de Juvenal [514], mas Macaulay [515] diz que ele devia ter dormido muitas vezes em granjas ou por detrás dos marcos das estradas, na sua vida errante pelas cidades e lugarejos da Grã-Bretanha. E Olivier Goldsmith. [516]

Depois de afirmar a sua reputação literária, ganhou dinheiro; mas, a sua generosidade, os seus vícios e o seu temperamento de desperdício, levaram-no a viver sempre sem ceitil [517] e cheio de dívidas.

---

[508] Ver crônica "Sobre o nosso theatro".
[509] Marco Úlpio Nerva Trajano (Hispânia/Imp. Romano 53 — 117): imperador de Roma entre 98 e 117.
[510] Públio Élio Trajano Adriano (Hispânia/Imp. Romano 76 — 138): imperador romano entre 117 e 138, primo de Trajano.
[511] Marie-Antoine-Louis-Gaston Boissier (Fr. 1823 - 1908): erudito dedicado a estudos de Roma clássica. Lima tinha a obra citada em sua biblioteca.
[512] Suburra: bairro grande e populoso da Roma Antiga, situado no sopé do Monte Esquilino.
[513] Em latim *sestertius*; moeda romana da República, inicialmente pequena e cunhada em prata; no Império, em tamanho maior, cunhada em bronze.
[514] Décimo Júnio Juvenal (Roma – [séc. I-II d. C.] ?): poeta. Autor do livro de poemas *As Sátiras*, através dos quais faz uma crítica mordaz à sociedade romana do século I d. C.. Imperadores, nobres, estrangeiros, homossexuais, mulheres, vícios e costumes considerados dissolutos na época, são as principais temas de Juvenal.
[515] Ver crônica "A superstição do doutor".
[516] Oliver Goldsmith (e não Olivier como grafou LB) (Irl. 1728 [1730]? — Ing. 1774): médico e escritor. Escreveu *O vigário de Wakefield* e vários outros ensaios famosos sobre os costumes ingleses do século XVIII. Viajou pela Europa durante muitos anos em busca de conhecimentos, o que lhe valeu uma imagem de pessoa excêntrica. Lima tinha esse autor na sua biblioteca.
[517] Ceitil: moeda portuguesa criada no reinado de D. João I, no início das Grandes Navegações. A sua designação tem origem no nome da cidade de Ceuta e o seu valor era equivalente a 1/6 do Real.

Em fins de 1764, atrapalhado com os meirinhos que o queriam despejar do seu *appartement*, devido a atrasos de aluguéis, enviou ao doutor Johnson [518], o célebre crítico inglês, um portador, pedindo-lhe dinheiro. O célebre dicionarista britânico correu à casa do amigo, a quem encontrou diante de uma garrafa de "Madeira", comprada com o guinéu [519], que o doutor logo lhe tinha enviado, ao receber-lhe o bilhete.

Johnson, que não era de graças, tomou-lhe a garrafa e ordenou-lhe que pensasse em um meio de arranjar dinheiro. Goldsmith disse-lhe que tinha o manuscrito de um romance; o doutor Johnson examinou-o, viu que tinha cousas boas, correu a um livreiro, e vendeu-o por sessenta libras esterlinas.

Era o *Vigário de Wafefield*, que toda a gente ainda lê, até nós outros brasileiros, alguns pedaços, no *Graduated* ou *Estrada Suave*, quando estudamos inglês.

Está aí mais um boêmio — Goldsmith — que não conheceu nem Hugo, nem Lamartine, nem Musset [520], nem Murger. [521]

Que diríamos então do velho Maquiavel [522] que, hoje, nos parece um sujeito muito grave e sisudo, mas que, em vida, vivia a bebericar nas tavernas menos consagradas de Florença? E de Rabelais [523], aquele do célebre quarto de hora?

Os nossos autorizados sabedores de cousas literárias, hão de concordar que, antes do romantismo, houve boêmia artística e literária; e que haverá depois, por motivos que a própria arte explica nas exigências que faz a certos temperamentos, caracteres e inteligências, quando atraídos por elas.

O que é difícil de explicar, apesar de ter existido, de existir e haver de existir, é literatos lacaios, cavadores de propinas, gratificações, ajudas de custo, obtidas com lambidos artigos de um proxenetismo torpe, a grandes notabilidades munificentes, à custa do Estado.

É a escola literária que se tem na conta de prática, mas que, infelizmente, não produz obras que nos ensinem agir com o seu espírito.

Julgo que tal cousa se dá pelo simples fato de haver aí um desvio de função.

A literatura e os literatos devem tratar de outra cousa; e esse negócio de "prático", deve ser atribuição dos banqueiros, dos negociantes, dos zangões da bolsa, dos despachantes da alfândega e outras pessoas conspícuas e necessárias à sociedade, mas que, para exercerem a sua digna função não perdem tempo em alinhar palavras e invocar as musas. Vão logo direito a seu fim, que pode ser confessado a toda a gente, sem o mínimo vexame.

Para findar, resumo o meu pensamento; todas as épocas literárias tiveram os seus boêmios, mesmo o romantismo. Por isso, convém não qualificar a boêmia como sendo desta ou daquela. "A

---

[518] Samuel Johnson (Ing.1709 - 1784): escritor, crítico literário e dicionarista.

[519] Moeda inglesa cunhada a partir de 1663 e extinta em 1813, foi a primeira moeda de ouro britânica feita à máquina, equivalente a uma libra. O nome veio de Guiné, África, de onde se originava boa parte do ouro usado para cunhar as moedas na Inglaetrra.

[520] Alfred Louis Charles de Musset (Fr. 1810 – 1870); poeta, novelista e dramaturgo. Um dos nomes mais destacados do Romantismo francês. Musset encarna a figura do poeta romântico e boêmio do século XIX. Sua obra, muito influenciada pela de Victor Hugo, solidificou os conceitos do romantismo na França; no Brasil influenciou a obra de Álvares de Azevedo (1831-1852). Está na biblioteca de Lima.

[521] Louis-Henri Murger (Fr. 1822 – 1861): romancista e poeta. Autor de *Scènes de la vie de bohème*, nas quais narra suas próprias experiências como escritor pobre que vivia em um sótão na capital francesa. Era membro de um clube de boêmios muito pobres sem dinheiro para pagar o vinho denominado de "Os bebedores de água". *Scenes de la vie bohème* inspirou várias óperas, entre elas, "La Bohème" de Giacomo Puccini.

[521] Ver crônica "Procurem a sua Josefina".

[521] Ver crônica "Henrique Rocha".

[521] Ver crônica "No ajuste de contas".

[522] Ver crônica "Procurem a sua Josefina".

[523] Ver crônica "Henrique Rocha".

horrível mania da certeza", de que fala Renan [524], leva mais a enganos do que a dúvida sistemática. Quem quer acertar, deve duvidar antes, durante e depois...

FONTES DE PESQUISA:

Primárias
Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (PP. 171-174)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 245-248)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I (pp. 267-270)

[524] Ver crônica "No ajuste de contas".

Rio de Janeiro
Lima Barreto - 6-7-19
Assis Barbosa – 6-7-19
Resende/Valença *[A Notícia]*. Rio de Janeiro: 06.07.1919

"A MISSÃO DOS UTOPISTAS"

Graças a Deus, depois não sei de quantas peripécias de várias ordens, fazendo trabalhar o telégrafo e as gazetas, durante mais de seis meses, a paz foi assinada entre os beligerantes que levaram cinco anos a bombardear-se mutuamente, para, afinal, nada resolverem ou, antes, resolverem um tratado de paz, cujas condições e cláusulas trazem no bojo outras guerras futuras.

Os sangrentos conflitos entre tropas francesas e americanas que houve há dias, nas ruas de Brest [525], se não comprovam de todo este asserto, dão a entender que as relações entre os três aliados, se foram, durante a guerra, não são mais perfeitamente cordiais.

Convém lembrar que a contenda se originou no fato de ter um oficial da marinha americana enxovalhado publicamente a bandeira francesa. O início da desordem, portanto, não foi uma rusga entre marinheiros embriagados; ela tomou nascimento mais alto — o que faz pensar.

É de sentir isto para os temperamentos metafísicos, humanitários, românticos ou sentimentais - como quiserem - entre os quais me alisto, porquanto, desde o começo, sonharam eles que esta seria a última guerra entre os grandes povos da Humanidade.

Porque o fim da Civilização não é a guerra, é a paz, é a concórdia entre os homens de diferentes raças e de diferentes partes do planeta; é o aproveitamento das aptidões de cada raça ou de cada povo para o fim último do bem-estar de todos os homens. Ao contrário, não teria sentido algum.

A guerra tem sido até agora, ou foi, um dos *processus*, como dizem os filósofos, da evolução civilizadora e um estímulo para a atividade humana no nosso globo; mas, não é o destino da espécie. O seu destino, repito, é a paz.

Alfred Fouillée [526], há anos, na *Revue des Deux Mondes* [527], tratando desse nietzschismo bombástico que anda por aí abafado, disse e disse muito bem:

O hino dos naturalistas e, principalmente, o hino de certos moralistas à luta e à guerra, é tão científico como o hino do maquinista aos atritos e às pancadas internas de sua máquina. — Que bonita luta de rodas! Como elas se prendem, como se agarram com estrépito, e se contrariam reciprocamente! É a obra-prima da ciência.

Nietzsche [528], continua Fouillée, tem tanto bom senso como este maquinista. Não há dúvida alguma.

Uma das grandes questões ou problemas que os engenheiros e construtores de máquinas têm sempre posto deles para eles, desde muito, é a eliminação desses atritos, dessas resistências passivas.

[525] Brest: cidade francesa localizada na região da Bretanha. Seu porto é a principal base militar na costa do Oceano Atlântico, há muitos séculos abriga a infraestrutura e o arsenal da marinha francesa. Foi um dos portos de maior atividade militar em várias guerras, como por exemplo, nas napoleônicas (1799 a 1815), nas Primeira e Segunda Guerras Mundiais (1914 -1918 e 1939 -1945). Lima se refere à de 1914 -1918.
[526] Alfred Fouillé (Fr. 1838 - 1912): filósofo. Seus estudos sobre Platão e Sócrates foram muito aplaudidos pela Academia de Moral e Ciências Políticas de Paris. Seu método de estudo era eclético, englobava o idealismo metafísico, com uma visão mecanicista e naturalista, desenvolveu o conceito das "ideias-chave".
[527] Ver crônica "Vera Zassulitch".
[528] Ver crônica "Da minha cela".

Assim tem sido também na Humanidade. Em geral, os sonhadores, os grandes poetas, os grandes filósofos e sábios, todos esses malucos, como são chamados por essa gente prudente que lhes aproveita os estudos, as descobertas, as invenções regaladamente, sem o saber - todos esses malucos, dizia eu, — têm procurado acabar com esse atrito dos atritos — a guerra — que retarda a evolução humana para o seu destino final que é o mútuo e perfeito entendimento de todos os homens.

Poderia citar grandes utopistas, de Platão [529] a Leibnitz [530], não esquecendo Thomas Morus [531], que foi decapitado, nem Campanella [532], que passou vinte e sete anos na prisão; mas, seria trazer para aqui coisas de dicionário biográfico de que os leitores devem andar cheios.

Não querendo, porém, realizar tão fácil obra, convém dizer que mesmo a guerra, às vezes, tem como fim a paz, a harmonia, a mais perfeita entre os homens. Às vezes, é a sua explicação íntima e primeira.

As guerras religiosas, sejam elas entre cristãos e maometanos, entre católicos e protestantes, têm por primeiro móvel convencer o adversário de que deve adorar Deus da forma e maneira que outro julga serem as justas, verdadeiras e certas, a fim de que o inimigo seja salvo e goze, na Terra, a felicidade outorgada pela divindade.

A "guerra santa", seja feita em nome de que credo for, é uma guerra para a utopia, é uma guerra sentimental em que os contendores visam à felicidade da nossa triste e pobre humanidade na pessoa do antagonista a converter, por meio da força. Convém observar que essas guerras são as mais cruéis e inumanas. Nada de quartel — é o lema delas.

A luta aí não é o fim, mas o meio, como sempre o é em quase todas as guerras.

Fouillée, no artigo que já citei, afirma muito bem que "a luta pela vida não é o mais poderoso fator da evolução. Em última análise esse fator é o consenso da vida. A associação é tanto lei nas sociedades animais como nas sociedades humanas: decorre das próprias leis da vida".

É o que Kropotkin, no seu excepcional livro *L'Entraide* [533], com uma abundância de argumentos, de "exemplos" e "observações", tirados da história e da natureza, demonstra com uma força igual à empregada por Darwin, nas *Origens das Espécies* [534], para elucidar a tese da luta.

---

[529] Platão (Atenas 347 - 248 a.C.): filósofo e matemático da Grécia Clássica. Fundador da Academia em Atenas, primeira instituição de educação superior do mundo ocidental. Juntamente com Sócrates e Aristóteles construiu as bases da filosofia natural, da ciência e da filosofia ocidental. Suas ideias, conhecidas por Teoria das Idéias, ou Teoria das Formas, têm base na diferenciação do mundo entre as coisas sensíveis - mundo das idéias, da inteligência e das coisas visíveis -, e a dos seres vivos e da matéria.

[530] Gottfried Wilhelm Von Leibniz (Alem. 1646 – 1716): considerado ao lado de Leonardo da Vinci, um dos mais versáteis gênios da filosofia e da matemática de todos os tempos. Leibniz foi reconhecidamente um gênio universal, cujos interesses e atividades de pesquisa abrangem diferentes campos de estudo e de investigação, como, por exemplo, geologia, teologia, mecânica, história, jurisprudência e linguística. O projeto de Leibniz era ambicioso, pois, visava construir uma linguagem mais perfeita do que a da matemática. Leibniz não alcançou sua intenção, após sua morte, muitos outros tentaram concretizá-la, mas nunca foi possível.

[531] Thomas Morus ou São Sir Thomas More, (Morus é a versão latinizada muito utilizada para seu nome de família More) (Ing. 1478 — 1535): estadista, diplomata, escritor, advogado e jurista. Ocupou vários cargos públicos, e em especial, o de "Lord Chanceller" entre 1529 e 1532, durante o reinado de Henrique VIII. Durante séculos, por tradição, esse cargo foi ocupado por um clérigo; Morus foi o primeiro leigo a ocupá-lo. Considerado um dos humanistas do Renascimento, sua obra mais famosa é *Utopia* (1516), obra de ficção, cuja narrativa, se passa na Ilha da Utopia, onde, sob o domínio do rei Utopus, todos vivem em harmonia e trabalham em favor do bem comum. Desde então o termo "utopia" está associado à fantasia, sonho, fortuna e bem estar.

[532] Giovanni Domenico Campanella (Ita. 1568 —Fr. 1639): filósofo renascentista, poeta e teólogo. Ao se tronar frei dominicano adotou o nome de Frei Tomaso Campanella. Desencantou-se com as idéias de Aristóteles por influência da doutrina de Bernardino Telésio (1509-1588) que foi seu orientador. Em 1599, por ordem de Felipe III, rei da Espanha, foi preso sob acusação de heresia e conspiração. Campanella, como outros pensadores renascentistas, deixou uma obra vasta que abrange várias áreas do conhecimento abrangendo gramática, retórica, filosofia, teologia, política, medicina. Com a visão humanista do Renascimento, Campanella acreditava que as ciências devem tratar das coisas e dos fenômenos naturais como eles são, e à filosofia e em especial à metafísica, cabia explicar estes no seu sentido mais profundo.

Tomar para exame ou para obter conclusões sociológicas o aspecto ou a face da luta na natureza é um erro de lógica em que um sábio ou um estudioso qualquer de boa-fé não deve cair. Parece até que, com a marcha da evolução, aquele aspecto, a luta, se vai apagando para deixar o campo livre à solidariedade.

São ainda do autor citado as palavras que se seguem:

As partes componentes de um ser vivo ajudam-se umas às outras. Assim, em todas as relações dos entes animados, a luta pela existência tende a tornar-se a luta pela coexistência.

A vitória do homem na Terra sobre as grandes feras não foi devido à sua força muscular, ao seu isolamento, à sua capacidade de lutar corpo a corpo com elas. Foi devido à sua inteligência e a inteligência provém da capacidade do homem para a sociabilidade com os seus semelhantes. Ela aumentará tanto mais, em extensão, quanto mais perfeita for essa sociabilidade. A carabina é, no final de contas, inteligência.

Precedendo essas considerações todas, o meu fito era dizer que julgo perfeitamente engraçado que homens eminentes, homens de coração e de inteligência, após essa monstruosa guerra de 1914, em vez de propugnarem pela remoção das causas capazes de determinar outras futuras, estejam a aconselhar o contrário.

Todos nós vimos com lástima os noventa e tantos intelectuais alemães, entre os quais havia sábios de valor universal e escritores, como Hauptmann [535], superiormente populares no mundo inteiro, procurar justificar, não já a guerra, em si, mas a conduta criminosa, baixamente criminosa dos exércitos alemães.

É que a Alemanha tinha conseguido instilar em todos os espíritos um supermisticismo patriótico, "super" porque o mais simples patriotismo é místico, e o dos alemães excedia a toda e qualquer medida; e esse supermisticismo, se assim posso qualificar, fez que todas as atividades germânicas, de qualquer ordem, tendessem para a guerra, se absorvessem na guerra, levando esse delírio a tal ponto que não havia alemão que não se fizesse, no momento oportuno, um espião a serviço do seu dementado patriotismo, fosse ele quem fosse, tivesse o caráter que tivesse.

Agora, vencida a Alemanha, ou coisa parecida, por toda a parte aparecem arautos dos mais variados valores pregando, bem ou mal, com este ou aquele disfarce, as ideias patrióticas e políticas que fizeram os alemães delirar até ao paroxismo, e atrair sobre eles a cólera e a maldição do mundo inteiro.

É de fazer pensar isso, tanto mais que a história nos ensina que, muitas vezes, os vencidos nos campos de batalhas são vencedores nos cérebros daqueles diante dos quais abateram as suas armas. Querem avantajar-se aos alemães em brutalidades, os vencedores.

Essa pregação das excelências do *sport*, "esporte", "desporto", ou quer que seja, é uma manifestação desse singular estado de espírito. Partindo de uma meia-verdade, isto é, de que para os *sportmen* britânicos, franceses, americanos, etc., que venceram os alemães, também esportivos,

---

[533] Pyotr Alexeyevich Kropotkin (Rus. 1842-1921): filósofo anarquista, geógrafo e escritor russo. Nascido numa família nobre e tradicional, descendente da dinastia medieval - Kiev, ainda menino atraiu a atenção do Czar Nicolau I que o convidou para integrar o seu seleto Corpo de Pajens. Kropotkin foi um dos principais anarquistas da Rússia, defensores do que ele denominou "comunismo libertário". Sua ideias são basicamente três: Coletivização e racionalização; Cooperação e ajuda mútua e Ética e moral. *L'Entraide* foi traduzido para o português com o título *Ajuda Mútua: Um Fator de Evolução*.

[534] Charles Darwin (Ingl. 1809 – 1882): biólogo e naturalista. Durante cinco anos, a bordo do navio HMS Beagle, participou de uma expedição de pesquisas científica nas costas e ilhas da América do Sul, Austrália e Nova Zelândia. Em seu livro *A Origem das Espécies* (1859), defendeu a idéia de uma evolução das espécies a partir de um ancestral comum. Darwin passou pelo Brasil duas vezes em 1832, esteve na Bahia e no Rio de Janeiro. Lima cita Darwin, em função das ideias de Kropotkin.

[535] Hauptmann: patente militar equivalente à de capitão, utilizada pelos exércitos da Alemanha, da Áustria e da Suíça.

os sermonários desses jogos chamados atléticos não deixam de pedir favores ao Estado para eles, pretextando preparação para a guerra.

O observador imparcial sabe perfeitamente que a Alemanha só foi vencida pela fome e, talvez, pela falta de algumas matérias-primas; e quem lhe causou essa derrota foi o bloqueio, foi a esquadra inglesa.

Fora daí, tudo o mais não tem consistência e não se coaduna com a verdade dos fatos.

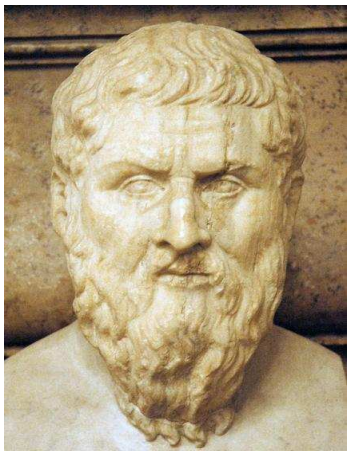
Poderia ir além e apanhar o meu Spencer que está ali, na estante, e mostrar, nos seus *Fatos e comentários*, como essa cultura sem medida e monomaníaca dos jogos físicos constitui um dos fatores do regresso à barbaria, como se intitula o ensaio, e esta guerra, sob muitos aspectos, o foi; entretanto, se puder e tiver tempo, hei de tratar mais tarde do caso, com a elevação que o assunto exige, e mais largamente.

Antes de terminar, porém, tenho a dizer que, quando Spencer diz que esta questão de saúde física é uma questão de moralidade (deve ser em *A educação*), ele quer dizer que devemos ser saudáveis, robustos, dispor da força muscular necessária às exigências da nossa vida e da nossa própria defesa individual. É certamente isto só o que ele quer dizer; e é só, senão não escreveria o que escreveu no primeiro dos seus livros aqui citados, que é o último por ele publicado, porque Spencer, tendo uma longa obra e tendo vivido, creio eu, cerca ou mais de oitenta anos, ninguém, ao que me conste, o acusou de contradição. Não obstante, posso estar em erro...

Ouso, contudo, afirmar, apesar de não ter lido a sua *A educação*, que aquilo que o autor dos *Primeiros princípios* pretendeu dizer foi o seguinte: que nós não podíamos ter mais o ideal religioso de ascetismo, de jejuns, de flagelações, de macerações, nem tampouco o da tuberculose poética dos epígonos do romantismo; mas, daí, abraçar o de retiário ou mirmilão, a distância é bem grande e Herbert Spencer não teria aconselhado semelhante retrocesso.

Nos dias que correm, todos os homens de boa vontade, desprezando epítetos falsamente deprimentes que possam merecer dos panurgianos, só podem ter como divisa aquelas palavras que o mais puro e, talvez, o maior e o mais perfeito dos reis que a Terra tem visto - São Luís de França - disse ao morrer ao seu herdeiro e filho: “Haÿs tous maux où qu'ils soient, très doux fils.” Devem ser não só divisa, mas também consubstanciar a missão prática dos utopistas.

Os “utopistas” de Lima Barreto



Platão (347 - 248 a.C.)

Thomas Morus (1478 — 1535)

Tomaso Campanella (1568 — 1639)

Gottfried Wilhelm von Leibnitz (1646 – 1716)

Pyotr Kropotkin (1842-1921)

FONTES DE PESQUISA:

Primárias

Suporte: livro

Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (PP. 175-178)

Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP

Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:

Suporte: livro

Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 249-254)

Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I (pp. 545-549)

"MEIA PÁGINA DE RENAN" [536]

Esta revista [537], pela mão piedosa de um dos seus redatores ou colaboradores, publicou, em tradução, algumas palavras de Renan, que vem, segundo foi dito, em uma de suas últimas obras — *La reforme intellectuelle et morale de Ia France.* Elas são portadoras de pensamentos que merecem alguns comentários.

Houve, nos grandes espíritos de França, que tinham florescido antes da guerra de 1870, um profundo abalo com a derrota e humilhação de sua pátria, em 1871. Muito natural é isto, que se tenha dado, porque, por mais que nós queiramos ficar acima dos preconceitos nacionais, eles nos marcam de uma forma indelével. Se isto se dá com os naturais de países obscuros, muito mais fortemente se deverá dar entre franceses, sobre os quais pesam não sei quantos séculos de glórias de toda a ordem.

Eu, que me julgo muito pouco patriota, não desejo absolutamente ver o Brasil humilhado e estrangulado por outra pátria. Quero que não haja nenhuma, mas desde que se trate da humilhação, rebaixamento do Brasil por outro qualquer país, eu sou brasileiro.

Com a humilhação da França em 1871 [538], deu-se nos grandes espíritos uma grande reviravolta de pensar. Daí vem aquelas estranhas palavras na boca de Renan que as escreveu em — La reforme, etc. — e a *Contemporânea* traduziu.

Pensaram todos os grandes franceses que a derrota da França era proveniente do enfraquecimento do seu espírito guerreiro, devido aos ideais humanitários que desde a Revolução vinham trabalhando os seus melhores espíritos, conquanto as campanhas propriamente da Revolução tenham sido gloriosas e extraordinárias...

Taine [539], o extraordinário Taine, encetou logo um exame detalhado disso com as — *Les origines de la France contemporaine* — cuja primeira parte -*L'Ancien Regime* - apareceu em 1875 ou 76.

Todos conhecem o valor dessa grande obra como erudição, como concepção, como estilo; e não serei eu quem vá fazer dela panegírico ou crítica.

No firme propósito de denegrir o 89 [540] (não sei se o Senhor Aulard [541] já disse isto), o grande Taine começou por fazer um vasto e inimitável quadro da França, antes da reunião dos Estados Gerais. [542]

---

[536] Esta crônica foi publicada na *Revista Contemporânea* em 28.06.1919
[537] Revista Contemporânea.
[538] Esta referência de Lima pode estar relacionada a dois eventos ocorridos durante a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871): "A Batalha de Sedan" em 31 de agosto de 1871, quando o próprio Napoleão III comandando seus soldados teve uma derrota fragorosa frente aos exércitos prussianos e deu-se por concluído o conflito em favor da Prússia; ou ao "Tratado de Frankfurt" que o governo francês assinou em 10 de Maio de 1871. Neste documento ficava estabelecido que, por direito de guerra a província francesa da Alsácia e parte da Lorena passariam para o domínio do Império Alemão. Devido aos grandes danos causados à Prússia, a França foi obrigada a pagar uma indenização de guerra de cinco bilhões de francos em ouro e a financiar os custos da ocupação das províncias do norte pelas tropas alemãs, até o pagamento da indenização. Em troca, foram libertados 100 mil prisioneiros de guerra franceses.
[539] Ver crônica "Da minha cela".
[540] 14.07.1789 – Queda da Bastilha.
[541] François Victor Alphonse Aulard (Fr. 1849 – 1928): historiador da Revolução Francesa e biógrafo de Napoleão Bonaparte.
[542] Assembléia dos Estados Gerais: convocada por Luis XVI no início de 1789, frente à iminência da Revolução Francesa.

É o *Ancien Regime;* e ele o fez de tal modo, de tal modo pintou a fraqueza da realeza, o seu esbanjamento, a frivolidade e a inutilidade da nobreza que abandonara as suas terras e se fizera uma verdadeira criadagem das "Casas" da família real, disputando pensões e propinas gordas (*coterie* [543] Polignac [544], príncipe Salm-Salm, [545] etc.), de tal forma debuxou a incapacidade social do alto clero, que não preenchia mais a sua missão histórica e ainda mais voraz era por dinheiro do que os próprios fidalgos — fez tudo isso Tai-ne de tal modo, que justificou a Revolução, à vista do estado de opressão, penúria e miséria em que, desde muito tempo, se achava o povo, para cuja melhoria, devido à pressão dos grandes, a coroa de França não podia dar remédio, pois todas as reformas salutares tinham o veto da Corte, a começar pela infortunada rainha Maria Antonieta [546].

Mas, inconsequente com as premissas que tinha posto, quando trata dela, a Revolução, é para destruí-la, às vezes, com muita força — a psicologia do jacobino - às vezes, fracamente, à moda de jornal ilustrado, chamando Robespierre [547] de *cuistre* [548], advogadinho de Arras e outras amabilidades.

A sua obra que devia ressumar a imparcialidade do grande historiador que ele era, do grande sábio que foi, do grande artista que é, ficou assim tisnada de uma paixão mesquinha, a que só se pode atribuir à dor de ver sua pátria derrotada e humilhada, culpando disso o grande movimento revolucionário dos fins do século.

Com Renan devia ter-se dado a mesma coisa: e até o título da obra de que esta revista deu a tradução de alguns trechos indica isso.

O autor do *Marc-Aurèle* [549], que, como eu, adorava em Minerva, Nossa Senhora da Glória, afirma que uma raça de dominadores e soldados, como é a europeia — não pode suportar o trabalho manual da terra.

Reduzi esta raça, diz ele, a trabalhar no ergástulo como negros ou chineses; e ela se revolta!

---

[543] Seleto grupo de pessoas com interesses comuns ou fins pacificadores.

[544] Pierre Marie Xavier Raphael Antoine Melchior de Polignac (Fr. 1895 -1964): Duque de Valentinois, Conde de Polignac e Príncipe Pierre de Mônaco, por casamento com Charlotte de Mônaco, filha de Luis III de Mônaco recebeu o título de Príncipe de Mônaco. (Apenas como curiosidade, Polingac é o avô paterno de Albert II, atual Príncipe de Mônaco).

[545] O Principado de Salm-Salm era um Estado do Sacro Império Romano.

[546] Marie Antoinette Josèphe Jeanne de Habsbourg-Lorraine (Áus. 1755 – Fr. 1793): arquiduquesa da Áustria que se casou aos catorze anos com o delfim francês Luís Augusto que, em 1774, tornou-se o rei de França como Luís XVI. Maria Antonieta foi condenada à morte e foi decapitada no dia 16 de outubro de 1793; levada ao cadafalso numa gaiola (Luis XVI teve um carrossel), depois de decaptada teve seu corpo enterrado numa vala comum ao lado de seu marido. Após a derrota de Napoleão e os Bourbons voltarem a ocupar o trono francês, seus corpos foram sepultados na Basílica de Saint-Denis nas proximidades de Paris. No local onde foi sepultada foi construída a Capela Expiatoire.

[547] Maximilien François Marie Isidore de Robespierre (Fr. 1758 — 1794, Paris): advogado e político francês. Chamado por seus amigos de "O Incorruptível", foi uma das personalidades mais importantes da Revolução Francesa. Como membro dos representantes da "Montanha" (nome dado ao grupo dos jacobinos composto pela pequena burguesia francesa, apoiado pelos sans-culottes, que ocupavam os assentos mais altos durante a Convenção), ele encarnou a tendência mais radical da Revolução Francesa, transformando-se numa das personagens mais controversas deste período. Os seus inimigos chamavam-lhe o "Candeia de Arras", "Tirano" e "Ditador sanguinário"; durante o Terror (1793-1794), período no qual as garantias civis foram suspensas e o governo revolucionário, controlado pela facção da "Montanha", perseguiu e mandou para a guilhotina milhares de seus adversários, inclusive Georges Jacques Danton (Fr. 1759 - 1794) seu mais antigo e fiel amigo.

[548] Pedante.

[549] *Marc Aurèle* era um dos livros da biblioteca de Lima, no qual Renan faz uma referência a Mitra e ao mitraismo. Mitra pertence às mitologias persa, indiana e romana. Na Índia e Pérsia representava a luz - deus solar; representava também o bem e a libertação da matéria, com o nome de "Sol Vencedor". Entre os persas, apareceu como um deus do bem gerado no ventre da deusa virgem Anahira. O culto de Mitra chegou à Europa onde se manteve até o século III; em Roma, foi culto de alguns imperadores que o elegeram o deus "Protetor do Império". Algumas peculiaridades do mitraísmo foram agregadas a outras religiões, como o cristianismo. Por exemplo, desde a Antiguidade, o nascimento de Mitra era celebrado em 25 de dezembro. O mitraísmo entrou em decadência a partir da formação da Igreja Católica sob Constantino. Em *Marc Aurèle*, Renan afirma "Se o cristianismo tivesse sido detido em seu crescimento por alguma doença mortal, o mundo teria sido mitraísta.".

À vista desse trecho, quisera ser Renan, para afiar bem a pena e dizer que "ergástulo" lembra, não a escravidão de negros ou chineses, mas a de germanos, gauleses, iberos, helvécios, gregos, em Roma e seus arredores, quando ela era dos Césares da família Júlia, da burguesada dos Flávios e outras; e que todas essas raças da Gália, da Ibéria, da Helvécia e da Grécia são perfeitamente europeias.

Mas não sou Renan e tenho que falar com mais peso. Não vou orar a Nossa Senhora Minerva junto ao monturo de pedras do Partenon [550]; mas vou ali, a 15 de agosto, no outeiro da Glória, pedir à minha madrinha por mim. Eis a diferença entre ele e eu.

É curioso que a visão de Renan, tão aguda e tão ampla, se haja esquecido daquilo; e que visse só a escravidão negra da Renascença e não se lembrasse da antiga. Tanto mais isso é de admirar porque, tendo escapado de ser um grande doutor da Igreja, devia saber que a Humanidade deve a ela a transformação da escravatura antiga em servagem [551]; e isto sem uma lei e sem um decreto. Conta-se até que um dos primeiros papas, vendo escravos ingleses em Roma, ficou tão tocado pelo seu ar de candura e os seus olhos azuis, que disse que eram anjos — em latim que não sei — donde se fez — anglos, e tratou de convertê-los.

Dizer que os negros e chineses estão condenados a uma servidão eterna é outro engano de Renan. O grande sábio devia conhecer a história das antigas colônias de sua pátria. Devia saber das rebeliões do Haiti, das surras que Louverture [552] deu nas forças francesas que o foram subjugar e de que maneira traiçoeira foi preso, para morrer de frio, nas mãos de salteador de Napoleão, no forte de Joux, em França.

Lamartine [553] e Shoelcher [554], que foram seus contemporâneos, escreveram a esse respeito alguma coisa...

Muito me admira que Renan diga que os normandos foram criadores da propriedade territorial na Europa. Não é preciso ser grande historiador para saber que de há muito ela já existia e era motivo de barulho, antes deles.

Renan, a respeito de negros, não sabia nada e não é de admirar que não soubesse, pois vivia em um país onde não os havia nem como escravos, nem como homens livres. A sua dor patriótica e, talvez, o seu cansaço mental fizeram que avançasse generalizações apressadas.

---

[550] Ver crônica “O convento”.

[551] Lima se refere à “servidão”: *status* legal e econômico, especificamente no âmbito do sistema econômico do feudalismo europeu. Os servos eram camponeses, ou vilões (moradores das vilas que trabalhavam nas propriedades rurais), vinculados à terra e compunham a ordem mais baixa da sociedade feudal. A diferença essencial entre escravos e servos, é a de que servos eram homens livres, enquanto os escravos eram propriedade e dependentes dos seus donos. A escravidão e a servidão conviveram durante um grande período na Europa.

[552] François Dominique Toussaint Louverture (Santo Domingo 1743 [1746]? – Fr. 1803): herói da independência do Haiti. Descendente de um Rei da África, nasceu escravo e foi libertado em 1776, quando se uniu a revolucionários, dando início à sua carreira militar. Quando em 1802, Napoleão revogou a abolição dos escravos de Santo Domingo, Toussaint Louverture liderou uma rebelião de negros e mulatos que foi contida pelos exércitos franceses. A repressão se transformou num banho de sangue; Louverture foi preso e levado para a França, onde morreu. O Haiti só alcançou sua independência em 1904, sob a liderança de outro ex-escravo Jean-Jacques Dessalines; nessa ocasião todos os brancos da ilha foram mortos. O Haiti além de ter sido a primeira colônia latino-americana a se separar politicamente da sua metrópole europeia, foi a primeira nação negra independente da América.

[553] Alphonse Marie Louis du Prat Lamartine de (Fr. 1790 - 1869): escritor, poeta e político. Seus poemas são caracterizados por profunda melancolia, cujos temas freqüentes são religião e amor. Influenciou o romantismo europeu e no Brasil os poetas como Castro Alves e Álvares de Azevedo. A obra a que Lima se refere é a *Histoire des girondins*, publicada em 1847.

[554] Victor Shoelcher (Fr. 1804 – 1893): escritor abolicionista que em 1800 tornou-se o principal portavoz de um grupo de franceses que trabalhou pela abolição da escravatura nas ilhas do Caribe francês. Foi o primeiro abolicionista europeu a visitar o Haiti e teve uma grande influência sobre os movimentos abolicionistas em todas as Antilhas Francesas. Entre 1833 e 1847 escreveu numerosos artigos sobre a escravidão, destacando as vantagens da abolição dos escravos. Schoelcher entendia que a indústria do açúcar no Caribe tinha condições favoráveis para continuar funcionando sem a necessidade da mão-de-obra escrava.

Se o inimitável escritor do *L'Antechrist* [555] vivesse entre nós, por exemplo, veria que nunca os negros aceitaram a escravidão, apesar de ser instituição legal e penal entre eles, com a docilidade que lhe parece. Aceitavam como os atuais operários recebem sua escravidão econômica, o salário, isto é, com contínuas revoltas.

Quando chegou Dom João VI, um dos maiores perigos e constantes que corria a sua corte, estabelecida no Rio de Janeiro, era a revolta dos inúmeros negros fugidos que havia pelos arredores, e se podiam associar de uma hora para outra, e, por todo o Brasil, as coisas se passavam assim. E é fácil ver.

"Quilombo" [556], é uma palavra, não sei de que origem, que quer dizer acantonamento de negros fugidos.

Aqui, no Rio de Janeiro, onde nasci, ainda no regime da escravidão, não tendo, porém, conhecido uma única pessoa escrava [557], a nomenclatura dos acidentes topográficos de seus arredores marca com esse nome, indicando muitas revoltas de negros, vários lugares. De pronto, eu me lembro de dois, em pontos bem afastados: um, na ilha do Governador — simplesmente "Quilombo", e outro, lá pelas bandas do Jardim Botânico, o morro do "Quilombo". [558]

A paixão patriótica, como todas as paixões, cega, mais do que nenhuma outra, porém, ela é safara e estéril. As outras, as religiosas, por exemplo, destinam-se a convencer os outros para melhorá-los, para alcançar Deus; a da pátria, porém, não! Ela nos faz julgar mal os semelhantes, homens como nós, sofrendo como nós a sua triste condição humana, sem que, julgando-os mal, nós os procuremos melhorar, mas matá-los, o que não é função dos homens, mas de Deus ou coisa parecida.

Por hoje basta.

Casa/Museu de Renan e estátua do escritor em Tréguier- França

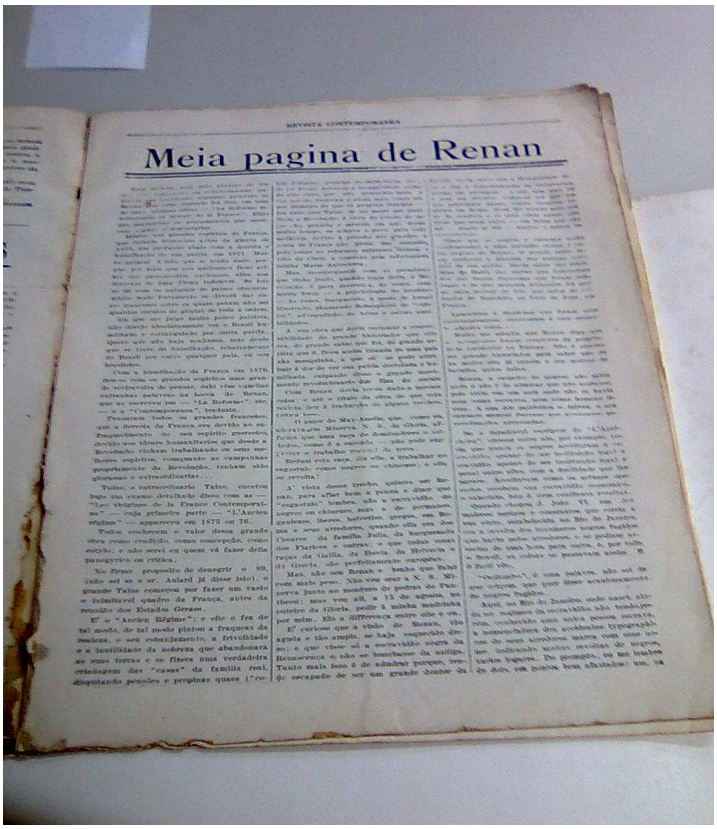
[555] Dos livros e autores citados nesta crônica, Lima não tinha em sua biblioteca: *La reforme intellectuelle et morale de Ia France* e *L'Antechrist* de Renan; *L'Ancien Regime* de Taine; e *Histoire des girondins* de Lamartine.

[556] A palavra "quilombo" tem sua origem nos vocábulos "kilombo" e "ochilombo" das línguas quimbundo e umbundo, respectivamente, presente também em outras línguas faladas pelos diversos povos Bantus que habitam a região de Angola (África Ocidental). Originalmente, designava um lugar de pouso utilizado por populações nômades; posteriormente, passou a designar também as paragens e acampamentos das caravanas que faziam o comércio de cera, escravos e outros itens cobiçados pelos colonizadores. No Brasil, não se sabe por que, ganhou o sentido de comunidades autônomas de escravos fugitivos. Por incrível que possa nos parecer, houve casos de escravidão, dentro dos próprios quilombos.

[557] É praticamente impossível Lima não ter conhecido "nenhuma pessoa escrava", mas se orgulhava em dizer que, havia três gerações que não tinha mais escravos na sua família.

[558] Os dois morros mais perto do Jardim Botânico são os da Saudade e o de São João.

Joseph Ernest Renan



Exemplar original do nº 30 da *Revista Contemporânea* de 28.06.1919

FONTES DE PESQUISA:

Fontes primárias:
Suporte: papel
RJ: *Revista Contemporânea*, Ano II, nº 30, 28.06.1919
Suporte livro:
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (PP. 179-182)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:
Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 255-259)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I (pp. 533-536)

Rio de Janeiro
Lima Barreto - 3-7-1919
Assis Barbosa – 3-7-1919
Resende/Valença - *[Hoje]* – 03.07.1919

"AS LIÇÕES DA GRANDE GUERRA"

O muito conhecido sociólogo belga, creio eu, — Augustin Hamon — tem um livro com esse título [559]. Tenho lido muito pouco dessa literatura de guerra. Acho-a muito oportuna demais, com o assunto muito presente, muito próximo, para poder, já não direi imparcialidade, mas revelar sinceridade e acurada meditação. Mas o livro do autor da *Psicologia do militar profissional* eu li. Além deste, um de Gustave Le Bon e, na literatura de ficção, *Le Feu*, de Barbusse; e foi só. [560]

No mais, não li mais nada, nem mesmo as perlengas do fariseu Wilson [561], pastor protestante e presidente dos Estados Unidos da América do Norte. De todas as hipocrisias, a pior é a protestante, sobretudo quando é em americano.

O livro de Hamon, como todos os seus livros, além de ser cheio de lucidez e de verdade, está impregnado duma grande lógica indutiva, a ponto de ter ele podido prever, com razoável aproximação, o fim da contenda monstruosa e sangrenta que acaba (?) de abalar o mundo inteiro. É preciso não esquecer que o livro foi escrito dous anos e pouco depois de declarada a guerra.

Transcrevo textualmente a sua conclusão, depois de lidar com as porcentagens de perdas de um lado e outro: "Parece, pois, que a guerra não pode durar além de dezembro de 1918." De fato, não durou, pois o armistício inicial foi em novembro.

Uma predição destas merece que se tenha fé no livro e no autor. Eu a tive em ambos e espero que os leitores a tenham também, para me acompanhar rapidamente por aí afora.

O Senhor Hamon, além de chegar a outras conclusões rigorosas e interessantes, de que agora todos nós estamos verificando a justeza com o primeiro final deste gigantesco batalhar, informa-nos de detalhes preciosos, que, não sendo propriamente lições da guerra mundial, merecem registros para o nosso ensino nos tempos de paz.

Antes, porém, de irmos a tais detalhes, convém justificar por que digo "primeiro final". Essa Conferência da Paz, em Versalhes [562], e a paz que dela sair, não resolvem cousa alguma, porque

---

[559] Augustin Hamon (Fr. 1862-1945): sociólogo, jornalista e tradutor. Publicou na França alguns de seus estudos antimilitaristas com base na psicologia social e na criminologia; suas ideias encontraram forte resistência. Em relação ao título do livro, Lima se enganou, o correto é *As lições da guerra mundial*, como também, se confundiu com a nacionalidade desse sociólogo que era francesa e não belga; engano que talvez se explique por *Psicologia do militar profissional* ter sido publicado na Bélgica. Hamon também publicou vários artigos, entre 1897 e 1903, na revista anarquista *L'Humanité Nouvelle*. Lima tinha esse titulo, além de dois outros do autor na sua biblioteca.

[560] Nesse parágrafo estão reunidas duas obras de autores declaradamente antimilitaristas, pontuando de início o tom da discussão de Lima a respeito do militarismo, bem como dos episódios mais dramáticos e das conseqüências desastrosas que abalaram as nações durante e após a I Guerra Mundial. São eles: *Ensinamentos psicológicos da guerra européia* - obra do psicólogo social Gustave le Bon (Ver crônica "Vera Zassulitch) e o romance de protesto contra a I Guerra Mundial - *Le Feu (Journal d'une escouade)*, do escritor francês Henri Barbusse (Fr. 1873 – Rus. 1931): escritor e membro ativo do Partido Comunista Francês. *Le feu* publicado em 1916 que obteve êxito internacional, mereceu o Prêmio Goncourt de 1917 e foi traduzido para várias línguas. De acordo com Tristão de Athayde, que nesse período fazia a crítica em *O Jornal* – "Le feu sacudiu a minha geração, nos trouxe o drama, o horror, o terror da guerra".

[561] Referência aos "Catorze Pontos" - proposições criadas pelo presidente norteamericano Woodrow Wilson em seu discurso no Congresso dos Estados Unidos da América em 8 de janeiro de 1918 e que, em 1919, foram postas em discussão na Conferência de Paz de Paris, entre as outras propostas para a reconstrução das nações europeias após a I Guerra Mundial. (Ver Wilson na crônica "Um ofício da A.P.S.A.").

[562] Conferência de Paz de Paris: aberta em 18 de janeiro de 1919 com a presença de 70 delegados representando a coligação dos 27 países vitoriosos na I Guerra Mundial mas, foi politicamente dominada pelos chamados "Quatro Grandes", Estados Unidos, Reino Unido, França e Itália. O principal documento produzido durante esse encontro foi o Tratado de Versalhes, assinado em 28 de junho de 1919; encerrada em 20 de janeiro de 1920, o Tratado de Versalhes definiu os seguintes objetivos: redesenhar o mapa político da Europa, fixar as indenizações de guerra e definir as condições de desmilitarização dos países

lá nada é feito de boa-fé e num sentido largo e humano, de acordo com as grandes aspirações do nosso tempo, que não quer mais revolver o monturo do passado e a podridão da finança, sendo, por isso, uma paz precária, acabando por se dar aquilo que o grande histologista espanhol Ramón y Cajal, citado por Gustave Le Bon, disse: "Os vencidos terão apenas como fito imitar os métodos dos vencedores e experimentar vencer por seu turno. Quando os órfãos de hoje atingirem a maioridade, a terrível chacina recomeçará." Talvez antes, digo eu; é questão de dez anos.

Vejamos agora os detalhes de Hamon. Um, por exemplo, muito interessante é este: "Até julho de 1918, as dívidas de guerra dos beligerantes atingirão perto de setecentos e vinte bilhões de francos, dez vezes mais que todo o ouro acumulado no mundo." Não sei se isso se verificou: mas, à vista de tal, peço aos financeiros que reflitam, mais uma vez, nesse negócio de lastro metálico e quejandos...

Temos mais um pequeno e notável pormenor que aí vai com as palavras do autor:

> A política da Alemanha apresenta muita afinidade com a Companhia de Jesus. A sua divisa é a mesma: os fins justificam os meios; a mesma é a sua base: obediência passiva, "perinde ac cadáver". Muitos acontecimentos o têm provado no decurso desta guerra mundial. A avaliar pela atitude dos jesuítas em Espanha e nos Estados Unidos, parecia que a Internacional Negra [563], a Companhia de Jesus, era em toda a parte um sólido esteio do pró-germanismo. Nos Estados Unidos, um escritor observou esse fato, a todos os respeitos curioso: os barcos da Companhia Geral Transatlântica foram os únicos que escaparam aos ataques de submarinos, e a maior parte das ações dessa companhia pertence à Companhia de Jesus.

Como é sabido, a Companhia Geral Transatlântica é uma grande empresa francesa de navegação que, creio, tem ou teve uma linha de paquetes para aqui: e a Companhia de Jesus, com as suas ações, funcionou para ela como Companhia de Jesus dos Seguros Marítimos contra os Submarinos Alemães. O título é longo, mas é adequado.

Não é de hoje, entretanto, que os jesuítas são dados a essas cousas pecaminosas de comércio, de banco, de empresas de lucro e ganho, de especulações monetárias de toda a ordem.

Antes de sua primeira extinção, ainda não houve segunda — eu sei — os seus contemporâneos, no dizer de um historiador, admiravam-se de ver com que habilidade os santos padres jesuítas manobravam as operações de banco e usura. Não é preciso pôr mais na carta: todos conhecem o caso do Padre Lavalette [564], em França, nos meados do século XVIII; e têm notícia dos juros hebraicos que cobravam os santos padres aos negociantes, na China, aos quais emprestavam dinheiro. Até cento por cento, Jesus Nosso Senhor!

A guerra, e uma imensa guerra como a que findou (?), é uma violenta sacudidela nas nações, na sociedade e nas instituições; e, agitando tudo isso, ela faz sobrenadar muita borra que a tranqüilidade dos dias de paz tinha depositado no fundo.

---

vencidos como forma a reduzir sua força militar. As decisões tomadas provocaram grande mal-estar e ressentimento na Alemanha e, ao longo das décadas seguintes, esquentaram os ânimos nacionais em direção à II Guerra Mundial.

[563] "Internacional Negra" (no francês "Internacionale Noire"): também conhecida como Conspiração Anarquista Internacional, foi um factóide produzido pelos jornais da segunda metade do século XIX e ratificado pelas autoridades em suas investigações. Segundo os jornais e as autoridades da época, um suposto complô internacional anarquista teria como meta assassinar os principais governantes e os burgueses mais ricos do mundo e, dessa forma, efetivar a Revolução Internacional. O alarde gerado pela suposta existência da Internacional Negra, foi amplamente utilizado como desculpa por diversos estados nacionais para oprimir, criminalizar, encarcerar e assassinar diversos anarquistas nesse período. Essas suposições se baseavam em grande parte na ação espetacularizada de pequenos grupos de anarquistas adeptos do ilegalismo que recorriam desesperadamente a táticas terroristas, assassinatos e, principalmente regicídios, a fim de vingar companheiros executados pelo Estado e fazer frente (entendido também como caráter de vingança) às terríveis condições em que se encontravam os trabalhadores em um contexto de superxploração trabalhista e violência patronal, com o aval e a colaboração de vários estados nacionais.

[564] Antoine Lavalette (Fr. 1708 – 1767): jesuíta francês que provocou um grande escândalo financeiro, quando esteve em missão na Martinica no século XVIII e prejudicou a imagem da Companhia de Jesus na França.

Nesta guerra, mais de que em nenhuma outra, isso se verificou; e tão grande foi o abalo, tanto ele sacudiu esta nossa pobre humanidade e até o próprio planeta, que os sábios e pensadores só acreditam em paz durável, se ela for feita, não pelos governos, mas pelos povos.

O grande historiador francês Ernest Lavisse [565], citado pelo autor de que me estou servindo, afirma com toda a força de uma grande convicção:

> a guerra não pode ter como remate um tratado de paz redigido por diplomatas, porquanto seria o fim miserável de um grande drama.

Ninguém de consciência poderá dizer que a pachuchada de Versalhes esteja preparando a paz ou a paz saia dela. Dos regabofes no castelo de Luís XIV, só sairá guerra, mais guerra e sempre guerra...

Outro detalhe curioso que Hamon nos dá, é das tréguas espontâneas entre soldados, sem audiência dos chefes e, mesmo, apesar da oposição deles. Na página 227 da tradução portuguesa da sua obra, lá estão estes periodozinhos cheios de ensinamentos:

> Depois de outubro de 1915 existem em setores da frente francesa tréguas fixadas por soldados franceses e alemães, com ou sem vontade dos oficiais, impotentes. Cansados de matar inutilmente, combinaram entre si não atirar mais. Este fato deve reconfortar o pensador, porquanto prova que, apesar de meses e meses de carnificina, o ódio não invadiu todas as almas humanas.

Graças a Deus!

Na história de Portugal, há um episódio mais ou menos parecido, cuja iniciativa, entretanto, não partiu dos soldados, mas do próprio chefe militar português, o duque de Lafões [566]. Quem conta é Oliveira Martins [567]. Esse duque, nos primeiros anos do século passado, levou a efeito uma campanha contra a Espanha. Contava ele oitenta e dois anos e só tinha um ideal guerreiro: ser constantemente batido. A justificação de tão estranho desejo seu é feita com a mais risonha e simplória das filosofias. É melhor transcrever o trecho do grande historiador português.

> Rindo, diz Oliveira Martins, observou (o duque de Lafões) ao espanhol que o atacava, a desnecessidade de se baterem. Para quê? Somos duas mulas de carga. As esporas da França fazem andar a Espanha; as da Inglaterra fazem-nos andar. Já que o mandam, pulemos; que se ouçam os guizos, pois que é necessário, segundo dizem. Mas, por amor de Deus! não nos façamos dano, rir-se-iam demasiado à nossa custa!

Os soldados atuais bem podiam dizer que as esporas, de um lado, eram do Senhor Poincaré [568], Clemenceau [569], o canibal, e o seu cortejo de políticos, argentários, industriais e

---

[565] Ver nota Albert Malet na crônica "A circular do reverendo de Vigário Geral";

[566] Dom João Carlos Bragança Sousa Ligne (Port. 1719-1806): militar e diplomata, II Duque de Lafões, IV Marquês de Arronches, VIII Conde de Miranda. O Duque de Lafões teve uma vida muito atribulada entre seus deveres diplomáticos com Portugal e suas passagens por vários exércitos de várias nações da Europa.

[567] Joaquim Pedro de Oliveira Martins (Port. 1845 — 1894): político e cientista social português. Uma das figuras-chave da história portuguesa contemporânea, suas obras marcaram sucessivas gerações de portugueses, tendo influenciado vários escritores do século XX em Portugal. Prestou colaboração aos principais jornais literários e científicos portugueses, assim como nos políticos e socialistas. Adepto das ideias racistas de Gobineau, e do darwinismo social, defendia a tese de que os povos formados a partir do negro e do índio eram incapazes para o progresso; que aqui no Brasil estiveram muito em voga no final do século XIX.

[568] Ver crônica "Tenho esperança que".

[569] Georges Benjamin Clemenceau (Fr. 1841 — 1929): estadista, jornalista e médico. Após ter se formado em medicina, trocou a profissão de médico pelas atividades políticas. Integrante da Assembléia Nacional, se manifestou veementemente contra o Tratado de Frankfurt. O seu posicionamento político tornou-se, por vezes, incômodo para alguns dos seus pares, pois, defendia os ideais republicanos e anticlericais de extrema esquerda. Fundou o jornal *La Justice*, periódico de tendência radical, que aumentou consideravelmente a sua influência política. Em 1897 dirigia o *L'Aurore*, quando Émile Zola publicou o célebre artigo "J'accuse", a propósito do tumultuado "Caso Dreyfus". Durante a I Guerra Mundial, ocupou o cargo Primeiro

especuladores; e outro lado, os acicates eram de Guilherme II [570] e gentes semelhantes. Para que, eles, pobres-diabos, se fazerem dano mutuamente? Que tinham eles com as questões entre esses dois grupos de felizardos cidadãos do mundo? Nada.

A guerra há de acabar, quando essa simplória e exata filosofia se transformar em sentimento e todos procederem, permanentemente, como esses soldados procediam excepcionalmente; e não tardará muito esse dia... É uma doce esperança...

Há ainda uma espécie de guerreiros muito apreciável, à qual pertence aquele famoso Príncipe de Soubise [571] que Frederico II bateu em Rossbach [572]. Ele levou para sua gloriosa campanha a ninharia de quinhentos cozinheiros; e, após a batalha, no dizer da canção do tempo, andou de lanterna na mão à procura do seu exército.

Mas o meu propósito não era falar dessas cousas; o meu propósito era glosar um pouco a notícia que o *Rio-Jornal* deu da aplicação que os nossos *nouveaux-riches* vão dando às fortunas, por eles adquiridas com as traficâncias da guerra. Já houve quem dissesse que a guerra é sementeira e colheita de capitalistas, mas não acrescentou: — cretinos.

Não há documento mais profundo disso e prova mais fiel do que as notícias daquele vespertino, onde se mostram a cultura e a inteligência dos cavalheiros das nossas classes altas, como se diz nas seções elegantes dos jornais. Outra cousa não era de esperar. Todos esses especuladores e traficantes (antigamente se dizia tratante, vocábulo que tem hoje outra significação; é questão de semântica); todos esses especuladores e traficantes, dizia eu, mal saem do curso primário e, de corrida, adquirem um pouco da falatina do Berlitz [573] e ei-los fidalgos e guias da sociedade. O tempo em que deviam estar estudando, cultivando-se, convivendo com os grandes espíritos, meditando sobre o esplendor da natureza e interrogando o mistério da vida, passam ali, na Rua da Candelária [574] e adjacências, a aprender com os galopins internacionais do câmbio e outras traquibérnias [575] financeiras e americanas, os meios e modos de enriquecer rapidamente. Mas o destino se vinga; e um belo dia põe-lhes nas mãos uma fortuna colossal. Querem voltar-se para as cousas do pensamento, mas é tarde; e todo aquele que se absorveu nessas cousas, por menos que seja, ri-se deles, na sua pobreza. É como se um telegrafista diabólico lhes dissesse na estação: "Você tem milhões, tem pressa... Está aí o aparelho... Passe o telegrama a 'madama', se é capaz." Vejam só este que foi a uma exposição de escultura, como conta o seu caso o mesmo jornal: "Comprou vinte e duas estatuetas de mármore — uma fortuna! E ao pagar, distribuindo o número de cartões de visita correspondentes, recomendou ao artista: - Ponha um em cada 'calunguinha'' [576] desses! São meus e, quando acabar de mostrá-los, mande-os lá para casa." "Calunguinha!" Deus dá nozes a quem não tem dentes... Calunguinha! Mas que idéia tem esse homem da arte, da escultura?

Ministro nos períodos 1906-1909 e 1917-1920, e foi um dos principais articuladores da Conferência de Paz de Paris e do Tratado de Versalhes.

[570] Guilherme II da Prússia (Alem. 1859 - 1941): nascido Frederico Guilherme Victor Alberto de Hohenzollern, era neto da Rainha Vitória de Inglaterra e foi o último imperador alemão (Kaiser) e Rei da Prússia, detendo os dois títulos entre 1888 e 1918. Um trauma de parto deixou o seu braço esquerdo atrofiado, deficiência que sempre tentava esconder; alguns historiadores viram nesse traumatismo uma razão para a necessidade de compensação psicológica através do estilo autocrático que caracterizava as suas atitudes políticas. Outros, o apontam como uma figura com um caráter muito aquém do seu papel na história europeia.

[571] Armand Gaston de Rohan de Soubise (Fr. ?): Sereníssimo Príncipe de Soubise. No livro *Madame* de *Pompadour*: *Senhora da França* (Christine Pevitt Algrant – site - www.travessa.com.br/MADAME...POMPADOUR) o nome do Príncipe de Soubise é citado como participante, com seus exércitos, na Guerra dos Sete Anos (1756-1763), entre França e a Rússia e seus aliados: de um lado Rússia, Saxônia, Suécia e Espanha, de outro: França, Inglaterra, Portugal, Prússia e Hannover.

[572] Frederico II (Alem. 1712 – 1781): terceiro rei da Prússia entre 1740 e 1781. Recebeu os cognomes de "O Grande" ou "O Único". Hábil guerreiro e grande administrador, muito contribuiu para criar a grandeza da Prússia. Considerado um exemplo de déspota esclarecido. Durante a Guerra dos Sete Anos, seu reino foi atacado por todos os lados, e Berlim foi ocupada duas vezes por tropas inimigas. Entretanto, Felipe II manobrando rapidamente seus exércitos por linhas interiores, obteve grandes vitórias, tais como nas batalhas de Rossbach, Leuthen e Praga.

[573] Maximilian Delphinus Berlitz (Alem.1852 – EUA. 1921): professor de línguas e organizador do Método Berlitz. Nascido na Alemanha emigrou para os Estados Unidos em 1870; em 1878 abriu em Rhode Island, subúrbio de Nova York, a sua primeira escola de línguas, entre as muitas que abriu nos Estados Unidos.

[574] Rua da Candelária: no centro do Rio de Janeiro, onde ficavam as casa de câmbio, bancos, comissárias de café e grandes empresas importadoras e exportadoras da Capital Federal desde a época do Encilhamento.

[575] Negócios de má fé.

[576] Calunga - bonecos pequenos, ou representações humanas em tamanho reduzido.

Se não tem nenhuma, por que comprou estatuetas? Quisera que elas se animassem... Ainda hei de escrever a revolta dessas estatuetas.

Ricos de milhares de contos, tratam logo de arranjar uma amante e esta naturalmente já tem o seu Eufélio [577]ou cousa parecida. Sem quê, nem por quê, passa um deles por uma rua, olha e dá à amante um tapete de vinte e cinco contos, assim, brincando! É um César romano, naturalmente...

Um outro que desconhece inteiramente móveis, não tem gosto por eles, não os aprecia, mas só porque arranjou mil e tantos contos de pancada, cisma em montar um interior caríssimo. O que ele aprecia nos móveis: o dinheiro ou a beleza? Não é difícil responder. Era melhor ter o dinheiro numa "burra" de cristal...

Damos ainda a palavra ao *Rio-Jornal*. Ele que fale agora, como falou a 20 do mês último:

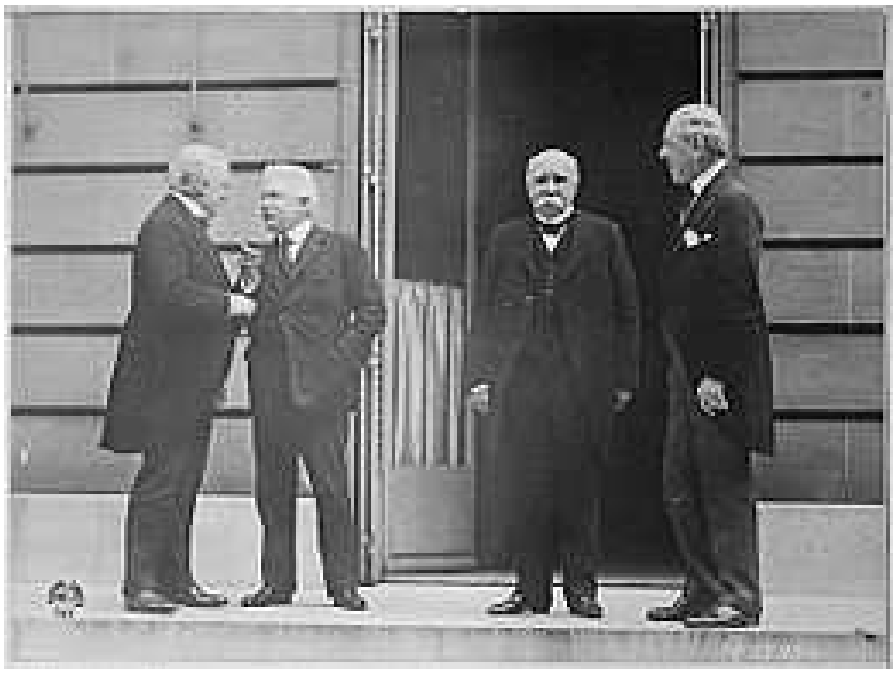
> O corretor S. C., diz o nosso amável informante, ganhou num só ano, em 1917, cerca de oitocentos contos, líquidos. Uma tarde entrou em minha casa e expôs o seu projeto de mobiliar um *appartement* para uma senhora estrangeira, com quem havia pouco travara relações. Apresentei-lhe um orçamento de vinte contos, imaginando que ele acharia demasiado.

O estofador enganou-se. O *parvenu* não achou a cousa cara. Achou, pelo contrário, muito barata. Que diabo! Queria gastar com a "madama". Estava no seu direito.

Este é o burguês legítimo, arrivista e ostentador: é o mais típico idiota deles todos. Não precisamos ir além.

Decididamente, temos que expropriá-los a todos. Para que essa gente quer tanto dinheiro — os senhores não me dirão?

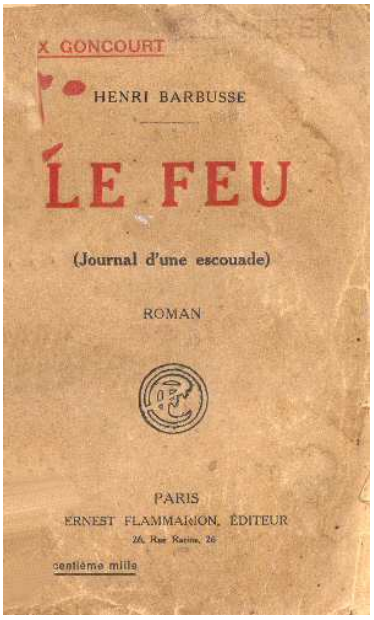
É mais uma lição da guerra mundial.



Conferência de Versalhes – 1919
(da esquerda para a direita)
Lloyd George, Vittorio Emanuele, Georges Clemanceau e Woodrow Wilson

[577] Eufélio: personagem da crônica "No primor da elegância", que se mete numa de jogo com um ricaço e acaba perdendo tudo, inclusive a fortuna da sua mulher. (VU: 1963, p. 172).

Henri Barbusse nas trincheiras da I Guerra Mundial



Frontispício de *Le Feu*

FONTES DE PESQUISA:

Fontes primárias:

Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (R. do Carmo, 35),1923. (PP. 183-187)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:

Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 260-266)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I (pp. 537-542)

Rio de Janeiro
Lima Barreto – 6-3-20
Assis Barbosa – 6-3-20
Resende/Valença *[A.B.C.]* - 06.03.1920

"O 'NEGÓCIO' DA BAHIA"

É deveras triste tratar de qualquer forma desse caso da Bahia que se vai.

Não fosse o cômico do macedônio Calógeras [578] com os seus planos ultraprussianos de envolvimento das tropas revoltosas disseminadas pela vasta superfície de um grande estado, aonde não há estradas que mereçam esse nome; se não fosse isso, esses acontecimentos últimos da política baiana só tinham faces e facetas do mais perfeito negror.

Das províncias do Brasil, é talvez a Bahia a que mais o resume. Nas raças, no clima, na produção, nos aspectos do seu território, é a Bahia o epítome do nosso país.

A sua capital, a velha Salvador, para o nosso escasso passado, é uma cidade cheia de recordações históricas, de usanças curiosas, de magníficas festividades do culto católico, guardando a lembrança daquelas dos tempos idos em que não havia outras públicas.

Os seus grandes homens, Castro Alves [579], o maior poeta do Brasil, que lá nasceu, o seu porto natural, um dos primeiros do mundo em que se aninham lendas do nosso povoamento pelos portugueses; a honra que teve o seu território de abrigar Cabral; essas e tantas outras cousas que a nós, brasileiros, nos acodem logo quando se fala em Bahia, fazem dela uma terra sagrada venerável, digna de estima e de culto.

Não é preciso que se tenha o patriotismo desse nacionalismo de palavreado a presidentes; não é preciso um patriotismo agressivo e exclusivista; basta o suave, o estético, que se forma da beleza e do singular perfume que as cousas passadas exalam e também das tradições, das lendas e superstições dos nossos avoengos que ainda são sabidos por nós, como se a nossa vida se encandeasse instantes no viver dos que nos precederam num pedaço determinado do planeta.

Nenhuma terra brasileira, como a Bahia, fala tão fundo à nossa alma, até o ponto dos próprios sertanejos, esquecidos e ignorantes da vasta geografia nacional, só a conhecerem como a maior cidade de sua língua. O resto é Oropa — Bahia e Oropa.

Como é que chegou a tal desordem essa Meca nacional, cujo prestígio não vem da riqueza, nem do luxo, mas da poesia e do sonho da alma nacional?

Nós que lá não vivemos nem lá nascemos só podemos atribuir à política, e só à política como a única causa de um tão lamentável estado de cousas.

Tudo fazia crer, à vista da ductibilidade e do poder de assimilação da gente baiana, aliado ao seu natural entusiasmo pelas coisas novas e grandes, que à venerável Salvador estivesse reservado o papel de guardar muita cousa de colonial sem por isso deixar de ser uma cidade com os melhoramentos modernos.

Tal não se deu, segundo me informam; e a política, que não lhe tem ministrado as comodidades e a higiene de que é por todos os títulos merecedora, só tem conseguido estragar os

[578] João Pandiá Calógeras (RJ. 1870 — 1934): engenheiro, geólogo e político brasileiro. Ocupou os cargos de deputado federal (MG), Ministro da Agricultura, Comércio e Indústria (1914), da Fazenda (1916) durante o governo de Venceslau Brás e da Guerra (1919-1922) no governo de Epitácio Pessoa. Foi o primeiro civil na história da República Brasileira a ocupar esse cargo. Com assessoria do general Maurice Gamelin, da missão militar francesa, modernizou todos os setores do Exército. Durante sua gestão foram criados o Código de Organização Judiciária e do Processo Militar e a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais; o país foi dividido em regiões militares de recrutamento e foram construídos inúmeros quartéis e reformados outros.
[579] Ver crônica "Tenho esperança que".

monumentos e recordações históricas com bombardeios e outros processos eleitorais perfeitamente republicanos.

O mal da Bahia, mais do que em outra qualquer parte do Brasil, está na política — é conveniente repetir.

Não sigo ou sigo mal a vida da Bahia. Quando vou a uma redação de jornal ou à Associação de Imprensa, não vejo jornais e revistas de lá, por isso o que vou dizendo não é baseado senão em raros telegramas que leio nas folhas daqui, ou em conversas apressadas de cafés e botequins.

O que me parece, porém, é que, de dous em dous meses, os partidos políticos da Bahia se dividem, se duplicam, se triplicam, se quadruplicam, se não vão além; cada jornal ou revista interessado por esta ou aquela facção só dá apreço ao que atinge ao partidinho do seu peito e deixa de lado todo o assunto que não se refira diretamente aos propósitos e tenções da tribo politicante a que serve; os moços arrebatados pelo vórtice político, logo ao amanhecer para as lides intelectuais se embotam escrevendo artigos inflamados em favor de uma delas; e tudo o que fez a grandeza da Bahia, por intermédio dos grandes nomes que deu ao país, é abandonado pela mocidade por essa política de campanário e de aldeola, que não tem um ideal qualquer.

Chegada que é uma facção ao poder, trata imediatamente de esbanjar a fortuna pública, a fim de manter e angariar prosélitos; e os cuidados materiais e intelectuais, os de assistência e saúde pública, ficam de lado, para quando? Para quando se consolidar no poder a retumbante agremiação política que está sempre balançando...

Segundo me dizem pessoas viajadas, no Brasil, a capital da Bahia é das nossas grandes cidades aquela que dá mostras do mais absoluto desleixo municipal, nos seus logradouros públicos e serviços de edilidade; os professores públicos, na terra de tantos talentos, esmorecem na sua prestimosa tarefa, por não receberem em dia os seus vencimentos. Ainda não é tudo.

O Senhor Rui Barbosa, no seu último manifesto, traçou um quadro deprimente das sedes dos poderes públicos, numa cidade do interior; no sertão, conforme ele descreve, a cousa é pavorosa.

Insisto no quadro porque é preciso que ele seja posto, por todos nós que escrevemos alguma cousa, aos olhos de todos, sobretudo dos baianos, que parece não o verem em todos os seus detalhes.

Não se trata mais da capital; é o Estado inteiro.

Apesar do grande respeito que me merece Rui Barbosa, não julgo que o Senhor Paulo Fontes [580] fosse fazer na presidência da Bahia mais do que o Senhor J. J. Seabra. [581]

Considerando-se bem o malsão estado de espírito que avassalou a Bahia nestes últimos trinta anos de política republicana, em que grupinhos se digladiam sem saber por que e para quê, em que os seus jornais se injuriam e só parecem feitos para injuriar os adversários, seria para um governador, por mais hábil que fosse, tarefa sobre-humana apaziguar, conter e encaminhar a inteligência baiana para outras funções que não as da luta política.

Em breve, mesmo no seio dos que elegeram o Senhor Paulo Fontes, surgiria a dissidência e era novo barulho.

É preciso pôr toda a política e politicagem de lado; é preciso nós outros meros espectadores convencer a todos os nossos patrícios do grande estado do Norte, pedir-lhes até filialmente, a eles, aos naturais da nossa irmã mais velha e que nos criou, que deixem de banda esse partidarismo exaltado;

---

[580] Paulo Martins Fontes (BA ?): juiz federal da Bahia. Candidato a Presidente da Bahia em 1919, com o apoio de Rui Barbosa. Venceu nas urnas para J.J. Seabra, contudo, não foi empossado, em decorrência de fraudes e de uma intervenção federal. J. J. Seabra assumiu o governo em fevereiro de 1920.

[581] José Joaquim Seabra (BA. 1855 — RJ. 1942): politicamente conhecido por J. J. Seabra, político e jurista brasileiro. Foi Presidente da Bahia em dois mandatos, de 1912 a 1916 e de 1920 a 1924. Protótipo do político da Primeira República; especialista em controvérsias políticas, fazia bom uso da oratória, dos gestos largos e sua capacidade de convencimento.. Lima se refere à ampla obra de reurbanização empreendida em Salvador durante seu governo.

que não votem mesmo e empreguem as suas qualidades naturais de inteligência e coração em tudo o que a nossa vida pede, exceto com política.

Façam versos como os seus grandes poetas, porque não é mal fazer versos quando eles são cheios de grandes sentimentos e se orientam para grandes ideais; façam romances como o seu notável romancista Xavier Marques [582]; façam música, teatro; intentem a grande indústria; sejam banqueiros, comerciantes; mas deixem a política, pelo amor de Deus!

Deixem tão pavorosa atividade para muito poucos exercê-la e sejam estes obrigados pela pressão moral de trabalho e de ideais superiores da sociedade baiana a guardar as conveniências e a não pôr as manguinhas de fora.

Pois é possível que a cidade de São Salvador que possui uma tradicional Escola de Medicina [583], que tem dado tantos médicos notáveis, seja a toda a hora e todo o instante invadida pelas epidemias?

É um contra-senso que dificilmente se admite quando não se conhecem os efeitos maléficos da política.

Para eles, só há um remédio, mas este não está nas mãos de tal ou qual governo aplicá-lo, segundo tal ou qual Constituição; está na vontade de cada um, mesmo daqueles que não têm ou não exercem direitos políticos.

As mulheres, as mães, as irmãs, as namoradas e as amantes devem afastar os seus maridos, os seus filhos, os seus irmãos, os seus namorados e os seus amantes dessa atividade estéril que é a política, e só é fecunda para o mal.

Cabe a cada baiano desprezar totalmente a política e fazer isso de tal modo que nunca mais vejamos o arconte [584] Calógeras, o polemarca do Basileu [585] Epitácio [586], debruçado sobre mapas, alta noite, no Quartel-General, planejando um movimento envolvente e fulminante que esmague de vez os seus patrícios baianos, com que obteria a glória que o seu antepassado Alexandre da Macedônia [587] levou para o túmulo e até agora não quer deixar pousar mais na cabeça de qualquer dos seus descendentes.

Se por acaso algum baiano me ler, espero que verá nestas bisonhas linhas a manifestação da mais viva simpatia pelo seu grande estado e o desejo sincero de que a era de felicidade que há de um dia chegar para toda a humanidade o encontre capaz de recebê-la sem choque nem assombro.

---

[582] Francisco Xavier Marques (BA. 1861 – 1942): jornalista, político, romancista, poeta e ensaísta. Alcançou grande prestígio literário. Na Bahia era visto como um patriarca literário; sua obra é considerada uma das mais representativas na área regionalista e praieira baiana. Publicou romances, livros de poesia de linguagem parnasiana, coletâneas de contos e ensaios. Recebeu vários prêmios literários em sua longa vida de escritor.

[583] Escola de Cirurgia da Bahia: fundada em1808, pelo então Príncipe Regente de Portugal D. João. Na época de sua fundação ficou sediada no Hospital Real Militar da Bahia, em Salvador. Inicialmente tinha apenas duas cadeiras básicas: cirurgia especulativa e prática, e anatomia e operações cirúrgicas. Até o nome atual - Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (1965) teve vários outros.

[584] Membro de uma assembléia de nobres em Atenas.

[585] Polemarca era o responsável pelo poder militar e julgamento dos estrangeiros em Atenas, enquanto o rei, chamado de basileu, exercia as funções de chefe militar, jurídico e religioso - século VIII a. C..

[586] Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa (PB. 1865 — RJ. 1942): político e jurista brasileiro. Eleito presidente da república para o mandato de 1919 a 1922, imediato à morte de Rodrigues Alves em 1918. Delfim Moreira, então vice-presidente, assumiu o governo até que novas eleições fossem realizadas. A nova campanha presidencial gerou conflitos políticos, porque ficou polarizada pelas candidaturas de Rui Barbosa e do paraibano Epitácio Pessoa, representante dos cafeicultores. O governo de Epitácio Pessoa foi marcado por inúmeras agitações sociais, principalmente na área trabalhista, por rebeliões militares e, principalmente pelo aprofundamento das divergências políticas entre as oligarquias estaduais. Essas crises de origem política e social prenunciavam a desintegração da Primeira República no final da década com a Revolução de 1930.

[587] Alexandre III da Macedônia - o Grande (356 a.C.– 323 a.C.): príncipe e rei da Macedônia; o mais célebre conquistador do mundo antigo. Tornou-se rei aos vinte anos, após o assassinato de seu pai, o rei Filipe II.

Faculdade de Medicina da Bahia

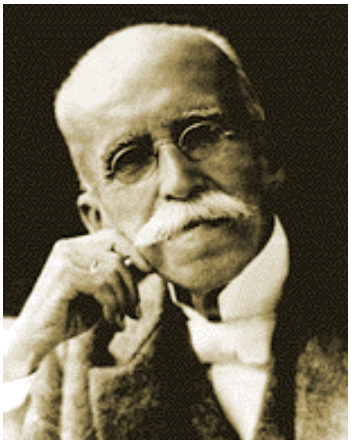
Filhos ilustres da Bahia

J. J. Seabra (1855 — 1942)

Xavier Marques (1861 – 1942)

Castro Alves (1847-1871)

O mais ilustre filho da Bahia
Rui Barbosa (1849 – 1923)



Ruy Barbosa na Conferência de Haia – 1907
participação considerada como uma das
mais brilhantes da diplomacia brasileira

FONTES DE PESQUISA:

Fontes primárias:

Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (pp. 189-192)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:

Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 267.271)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I (pp. 141-144)

"HOMEM OU BOI DE CANGA?"

Em 1893, quando se dava na baía da nossa cidade a revolta Saldanha-Custódio [588], meu pai exercia um pequeno emprego de almoxarife das Colônias de Alienados, na ilha do Governador [589]. Um belo dia, os revoltosos, capitaneados por um oficial de Marinha, de cuja patente no tempo não me lembro, o Senhor Eliézer Tavares, que morreu almirante, tendo por segundo um cirurgião-dentista, o Senhor Nogueira da Gama, lá desembarcaram, mataram bois, carregaram gêneros, medicamentos e roupas e se foram em paz. Assisti tudo.

Na manhã seguinte, de falua, com alguns móveis e outros pertences domésticos, transportávamos nós, isto é, a minha gente, para a ponta do Caju, tomando caminho pelos canais pouco profundos que ficam entre os mangues e praias de Inhaúna e as ilhas do Fundão (aí o canal é fundo), Caqueirada, Bom Jesus e outras, cujos nomes me escapam. Emigrávamos.

Ficou estabelecido, entre as altas autoridades, que meu pai ficasse no Engenho da Pedra, litoral da Penha, com o depósito de gêneros necessários ao alimento de duzentos doentes que estavam na ilha, e ali fosse morar, para guardá-los e enviá-los em rações diárias para os dementados em abandono.

Assim fez ele.

Todas as manhãs, eu e meu pai saíamos, ele, a fim de providenciar para o envio diário de gêneros, e eu, menino de doze anos, para acompanhá-lo até onde Deus fosse servido mandar-nos.

Embarcávamos os gêneros no lugar denominado Engenho da Pedra, fronteiro a uma das colônias, Conde de Mesquita, tendo de permeio, no canal, a ilha do Fundão, coberta de grandes e frondosas árvores. Aquelas manhãs primaveris eram lindas e plácidas. Tudo muito azul; as árvores muito verdes e roçagantes; as águas do mar, espessas de azul-da-prússia; os longes dos Órgãos [590] solenes, soberbos e altos; tristonho, o ilhéu do Cambambe, com as ruínas de um sobrado que parecia ter sido incendiado, à vista dos vestígios de fumaça nas paredes, nuas e cretas; risonha, a ilha do Raimundo, com o seu bananal verde-claro a mirar as águas mansas do mar pela manhã; e a de Saravatá, lá longe, com o seu paiol abandonado — todo este quadro imarcescível me ficou gravado na memória até hoje, indelevelmente, como se fosse impresso à máquina.

Nós morávamos numa casinha de telha-vã, muito poeticamente situada a meia encosta de uma colina, cavalgando a estrada que levava ao porto de embarque. Na frente, a vista era curta, pois do

[588] Lima se refere à Revolta da Armada – uma rebelião promovida por algumas unidades monarquistas da Marinha Brasileira contra o governo de Floriano Peixoto que teve início em setembro de 1893 no Rio de Janeiro, estendeu-se para a Região Sul e terminou em março de 1894. Almirante Luís Filipe de Saldanha da Gama (RJ. 1846 — RS. 1895): militar destacado da Marinha Brasileira, recebeu várias condecorações por sua atuação na Guerra da Tríplice Aliança. Almirante Custódio José de Melo (BA.1840 — RJ. 1902): militar da Marinha Brasileira e político. No governo Floriano Peixoto foi Ministro da Marinha, da Guerra e das Relações Exteriores.

[589] A Ilha do Governador, anteriormente chamada de Maracajás, vai da ponta do Galeão até praia do mesmo nome. Tem outras praias e enseadas ao norte da ilha, como as das Flecheiras, Porto Santo, Itacolomi e os o sacos de Itacolomi e de Tubiacanga. O nome Galeão teve sua origem num grande navio, o "Galeão do Padre Eterno" construído num estaleiro montado na ilha e, que em 1665 atravessou pela primeira vez o Oceano Atlântico rumo ao Velho Continente. A Ilha do Governador recebeu essa denominação por volta do final da década de 1560, quando pertencia ao governador do Rio de Janeiro Salvador Correia de Sá entre 1569 e 1572. No século XVIII, a parte ocidental da ilha foi doada aos Beneditinos que construíram uma próspera fazenda com o nome de São Bento. Com o advento da República, a ilha foi declarada de utilidade pública e passou a abrigar a Colônia de Alienados, onde o pai de Lima foi um dos diretores. Em 1918 os terrenos e edifícios da Colônia de Alienados foram doados para a União.

[590] Serra dos Órgãos.

outro lado da via pública, no alto de um monte que se erguia rapidamente, havia ruínas de uma capela, barrando, morrote e ruínas, o horizonte fronteiro da nossa casinha.

Aos lados, porém, a vista era vadia e larga, apesar de, à esquerda, existir construções meio acabadas de uma fábrica de vidros que não chegou a funcionar.

Todas as manhãs íamos, eu e meu pai, até o "porto", ver o embarque de gêneros para a ilha.

Havia aí um destacamento de polícia, comandado por um alferes ou tenente. Lembro-me ainda de alguns fatos que lá assisti.

Uma manhã, quando estávamos à beira da praia, conversando meu pai com o comandante do destacamento, apareceu entre as Freixeiras [591], ilha do Governador e a ilha de Saravatá, uma lancha revoltosa. Logo se viu que ela disparava o seu canhão-revólver contra nós. Abrigamo-nos; os soldados, apanharam as carabinas e entrincheiraram-se no casebre que lhes servia de quartel.

Fosse porque fosse, após dous ou três disparos, a pequena embarcação armada voltou para donde viera, e o sossego tornou de novo ao local em que estávamos.

No eirado, assim que o perigo cessou, o comandante disse para o meu pai:

- Olha, Barreto: se "eles' desembarcassem, eu fazia assim...

E mostrou como viraria a blusa pelo avesso.

Esse caso, porém, não é o que nos interessa agora. É outro. Uma dessas manhãs, antes ou depois do aparecimento da lancha na ilha de Saravatá — não me lembro bem — um soldado ou cabo chamou meu pai de parte e pôs-se a conversar com ele.

Fiquei afastado, olhando o mar encrespado pelo terral, as gaivotas e as belas mangueiras do Galeão, lá no outro lado, que tinham visto Dom João VI e recebido, por várias vezes, a sagrada visita do raio, na sua secular existência.

Acabada a conversa, veio meu pai para mim. Nada me disse logo; mais tarde, porém, confidenciou-me:

— Você sabe o que aquele soldado queria?

— Não, papai.

— Queria que eu lhe dissesse por que esses dois homens estão brigando.

Esses dois homens eram Floriano e Custódio.

Esse pequeno fato, que podia passar completamente despercebido, feriu-me imensamente naquela fraca idade que eu tinha então. Nunca podia imaginar que um homem arriscasse sua vida sem saber por quê, nem para quê. Pareceu-me isto estúpido e indigno mesmo da condição de homem. Um ato desses, de jogar a própria existência, devia ser perfeitamente refletido e consciente. Ficou-me o fato; e, anos depois, muitos anos mesmo, quando fui ler o formidável *Guerra e paz*, de Tolstoi [592], encontrei uma cena, não idêntica, mas do mesmo fundo. Não me recordo bem como é; mas dela se depreende que o soldado nada sabe dos motivos por que combate.

E assim é feita a guerra.

As massas de combatentes, homens simples e sem luzes, em geral, não sabem nitidamente por que dão tiros uns contra os outros.

---

[591] Flexeiras.

[592] Liev Nikoláievich Tolstoi - mais conhecido como Léon Tolstói (Rus.1828 — 1910): um dos maiores escritores russos de todos os tempos. Além de sua fama como escritor, também ficou famoso por tornar-se, na velhice, um pacifista, cujos textos e ideias iam contra a Igreja e os governos. Junto a Dostoiévski e Tchecov, que Lima tanto admirava, foi um dos grandes nomes da literatura russa do século XIX. Suas obras mais famosas são *Guerra e Paz*, sobre as campanhas de Napoleão na Rússia, e *Anna Karenina*, onde denuncia o ambiente hipócrita da época e compõe um dos retratos femininos mais profundos e sugestivos da literatura universal.

Às vezes, os seus chefes e diretores conseguem instilar no espírito deles vagos motivos patrióticos; mas, na última guerra, tal cousa não pode ser concebida como movendo árabes, turcos, senegaleses, curdos, etc., a se matarem e a matar.

Esta última guerra foi uma mistificação de parte a parte. Vimos, agora, depois que veio à tona o "negócio dos navios", como e por que nós entramos na guerra; como estávamos ameaçados de morrer aos milhares no norte da França, unicamente para que alguns especuladores ganhassem, em suma, um, dous ou mais milheiros de contos. Eis aí a guerra, na sua essência.

O que, porém, faz ressaltar, de um modo cortante, o feitio de inconsciência com que a massa dos combatentes é levada para os campos de batalha, é este trecho das burocráticas memórias do teimoso Ludendorff [593], que o *Correio da Manhã* publicou, em 18 do corrente.

Ei-lo:

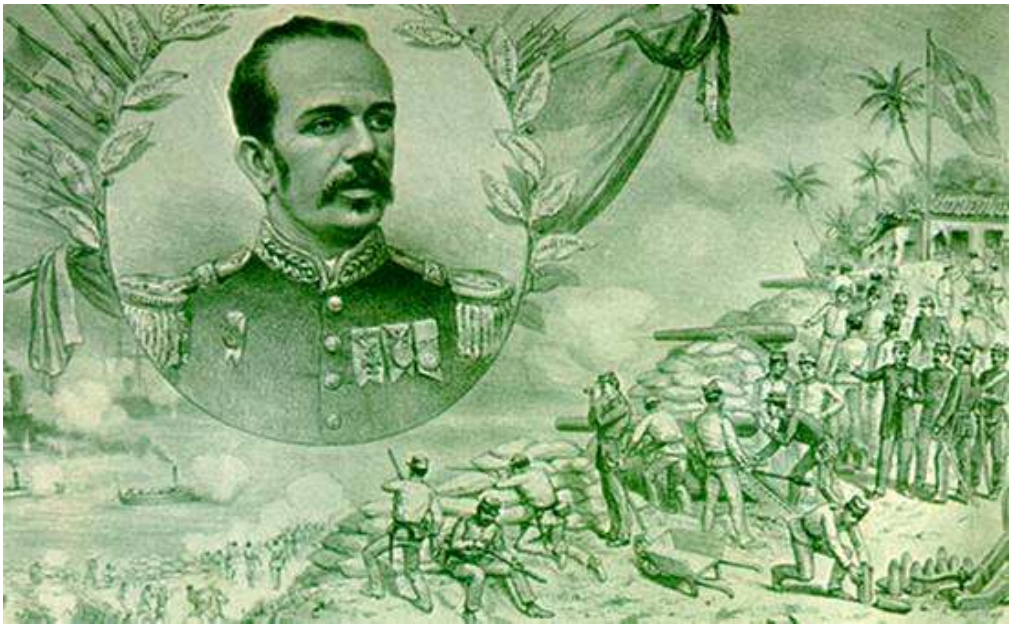
Atravessando as montanhas, eu abordei uma sentinela. Respondeu-me, em não sei que língua estranha, umas coisas que não compreendi. Os oficiais austro-húngaros que me acompanhavam também não compreenderam.

É eloquente o patriotismo desse pobre-diabo de sentinela, que não compreende os seus oficiais e os seus oficiais não o compreendem! Perdido entre as montanhas, sofrendo frio e outras privações, com risco de morte, ele tudo isto sofre, a tudo se arrisca, certamente sem saber por quê, e nem ao menos entende a língua dos seus chefes!

É incrível!

As causas da luta lhe devem ser perfeitamente estranhas, pois nem no mínimo pode compreender as exortações dos interessados nela; ele não tem nenhum interesse próximo ou remoto na contenda; mas ele vai morrer!...

É estranho, meu Deus! Não parece ser um homem; parece um boi de canga...



Marechal Floriano Peixoto e a Revolta da Armada em bico-de-pena de Angelo Agostini
***Revista D. Quixote* de 29 de junho de 1895**

[593] Erich Friedrich Wilhelm Ludendorff (Alem. 1865 —1937): general alemão, com poderes praticamente ditatoriais nos últimos meses da Primeira Guerra Mundial, quando percebeu que a derrota da Alemanha era inevitável, defendeu a tese de que deveria ser negociada a "paz vitoriosa" em vez de uma rendição.

Almirante Custódio de Melo

Almirante Saldanha da Gama

FONTES DE PESQUISA:

Fontes primárias:

Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (pp. 193-195)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:

Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 272-275)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I (pp. 247-250)

Rio de Janeiro
Lima Barreto – 27-2-20
Assis Barbosa –27-2-20
Resende/Valença [s.n.] – 27.02.1920

"O CEDRO DE TERESÓPOLIS"

O eminente poeta Alberto de Oliveira [594], segundo informações dos jornais, está empenhado em impedir que um proprietário ganancioso derrube um cedro venerável que lhe cresce nos terrenos.

A árvore é remanescente de antigas florestas que outrora existiram para aquelas bandas e viu crescer Teresópolis já adulto.

Não conheço essa espécie de árvore, mas deve ser bela, porque Alberto de Oliveira se interessa pela sua conservação.

Homem de cidade, tendo viajado unicamente de cidade para cidade, nunca me foi dado ver essas essências florestais que todos que as contemplam se enchem de admiração e emoção superior diante dessas maravilhas naturais.

O gesto de Alberto de Oliveira é sem dúvida louvável e não há homem de mediano gosto que não o aplauda do fundo d'alma.

Desejoso de conservar a relíquia florestal, o grande poeta propôs comprar, ao dono, as terras onde ela crescia.

Tenho para mim que, à vista da quantia exigida por este, ela só poderá ser subscrita por gente rica, em cuja bolsa umas poucas de centenas de mil-réis não façam falta.

Aí é que me parece que o carro pega. Não é que tenha dúvidas sobre a generosidade da nossa gente rica; o meu cepticismo não vem daí.

A minha dúvida vem do seu mau gosto, do seu desinteresse pela natureza. Excessivamente urbana, a nossa gente abastada não povoa os arredores do Rio de Janeiro de vivendas de campo com pomares, jardins, que os figurem graciosos como a linda paisagem da maioria deles está pedindo.

Os nossos arrabaldes e subúrbios são uma desolação. As casas de gente abastada têm, quando muito, um jardinzito liliputiano [595] de polegada e meia; e as da gente pobre não têm coisa alguma.

Antigamente, pelas vistas que ainda se encontram, parece que não era assim.

Os ricos gostavam de possuir vastas chácaras, povoadas de laranjeiras, de mangueiras soberbas, de jaqueiras, dessa esquisita fruta-pão que não vejo mais e não sei há quantos anos não a como assada e untada de manteiga.

Não eram só essas árvores que a enchiam, mas muitas outras de frutas-adorno, como as palmeiras soberbas, tudo isso envolvido por bambuais sombrios e sussurrantes à brisa.

Onde estão os jasmineiros das cercas? Onde estão aqueles extensos tapumes de maricás que se tornam de algodão que mais é neve, em pleno estio?

Os subúrbios e arredores do Rio guardam dessas belas coisas roceiras, destroços como recordações.

A Rua Barão do Bom Retiro [596] que vem do Engenho Novo a Vila Isabel, dá a quem por ela passa uma amostra disso.

---

[594] Antônio Mariano de Oliveira (RJ. 1857 — 1937): poeta, professor, farmacêutico, Secretário Estadual de Educação, membro honorário da Academia de Ciências de Lisboa e membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Adotou o nome literário Alberto de Oliveira nos seu livro de estréia *Canções Românticas*.

[595] Pequenos personagens de "Liliput", terra dos gigantes do romance *As viagens de Gulliver* do escritor irlandês Jonathan Swift.

São restos de bambuais, de jasmineiros que se enlaçavam pelas cercas em fora; são mangueiras isoladas, tristonhas, saudosas das companheiras de alameda que morreram ou foram mortas.

Não se diga que tudo isso desapareceu para dar lugar a habitações; não, não é verdade. Há trechos e trechos grandes de terras abandonadas, onde os nossos olhos contemplam esses vestígios das velhas chácaras da gente importante de antanho que tinha esse amor fidalgo pela "casa" e que deve ser amor e religião para todos.

Que os pobres não possam exercer esse culto; que os médios não o possam também, vá lá! E compreende-se; mas os ricos? Qual o motivo?

Eles não amam a natureza; não têm, por lhes faltar irremediavelmente o gosto por ela, a iniciativa para escolher belos sítios, onde erguerem as suas custosas residências, e eles não faltam no Rio.

Atulham-se em dois ou três arrabaldes que já foram lindos, não pelas edificações, e não só pelas suas disposições naturais, mas também, e muito, pelas grandes chácaras que neles havia.

Botafogo está neste caso. Laranjeiras, Tijuca e Gávea também.

Aos famosos melhoramentos que têm sido levados a cabo nestes últimos anos, com raras exceções, tem presidido o maior contra-senso.

Os areais de Copacabana, Leme, Vidigal, etc., é que têm merecido os carinhos dos reformadores apressados.

Não se compreende que uma cidade se vá estender sobre terras combustas [597] e estéreis e ainda por cima açoitadas pelos ventos e perseguidas as suas vias públicas pelas fúrias do mar alto.

A continuar assim, o Rio de Janeiro irá por Sepetiba, Angra dos Reis, Ubatuba, Santos, Paranaguá, sempre procurando os areais e os lugares onde o mar se possa desencadear em ressacas mais fortes.

É preciso não cessar em profligar tal erro; tanto mais que não há erro, o que há é especulação, jogo de terrenos, que são comprados a baixo preço e os seus proprietários procuram valorizá-los num ápice de tempo, encaminhando para eles os melhoramentos municipais.

Todo o Rio de Janeiro paga impostos, para que tal absurdo seja posto em prática; e os panurgianos ricos vão docilmente satisfazendo a cupidez de matreiros sujeitos para quem a beleza, a saúde dos homens, os interesses de uma população nada valem.

É por isso que disse não me fiar muito que Alberto de Oliveira alcançasse realizar o seu *desideratum.*

Os ricos se afastam dos encantos e perspectivas dos sítios em que se possam casar o mais possível a arte e a natureza.

Perderam a individualidade da escolha; não associam à natureza as suas emoções nem esta lhes provoca meditações.

O estado dos arredores do Rio, abandonados, enfeitados com construções contra-indicadas, cercados de terrenos baldios onde ainda crescem teimosamente algumas grandes árvores das casas de campo de antanho, faz desconfiar que os nababos de Teresópolis pouco se incomodam com o cedro que o turco quer derrubar, para fazer caixas e caixões que guardem quinquilharias e bugigangas.

Daí pode ser que não; e eu desejaria muito que tal acontecesse, pois deve ser um soberbo espetáculo contemplar a magnífica árvore, cantando e afirmando pelos tempos em fora a vitória que obteve tão-somente pela força de sua beleza e majestade.

---

[596] Rua Barão de Bom Retiro, em parte, era o antigo Caminho do Cabuçu.
[597] Queimadas.

Alberto Oliveira

Caricatura do poeta Alberto de Oliveira pelo pintor Belmiro de Almeida

A voz das árvores

Acordo à noite assustado.
Ouço lá fora um lamento...
Quem geme tão tarde? O vento?
Não. É um canto prolongado,
– Hino imenso a envolver toda a montanha;
São em música estranha
Jamais ouvida,
As árvores ao luar que nasce e as beija,
Em surdina cantando,
Como um bando
De vozes numa igreja:
Margarida! Margarida!

Poema de Alberto de Oliveira em homenagem às arvores

FONTES DE PESQUISA:

Fontes primárias:

Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (pp. 197-199)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:

Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 276-279)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. II (pp. 129-131)

"COISAS ELEITORAIS"

Epilogar sobre eleições? Para quê? Eleição é isso mesmo, diz o povo pela boca dos seus eleitores mais representativos. Os animais, conforme La Fontaine [598] ou Esopo [599], tinham o costume de pedir a Deus os seus reis; os homens, em tempos passados, iam pedi-los aos bandidos, formando-se a realeza na descendência do escolhido cuja origem era tida como divina.

Ultimamente, porém, adotaram a cerimônia eleitoral, que não é totalmente nova. E um modo como qualquer outro de obterem um senhor, porque os homens não podem passar sem um. Eles têm a ilusão de que, possuindo-o, não serão roubados, assassinados, suas famílias e negócio serão protegidos, etc., etc. Ninguém lhes diga que não há necessidade disso; que é uma ilusão e tê-los uma desgraça. Eles, quando tal cousa ouvem, bramam, vociferam, dizem o diabo; mas, amanhã, após a eleição, estão a lançar a culpa de todos os seus males nas costas do pobre rei que arranjaram anteontem.

Um dia desses, os nossos patrícios resolveram escolher um rei. Havia duas pessoas que o queriam ser: o Senhor Rui Barbosa e o Senhor Epitácio Pessoa [600].

Pelo que conversei, pelo que ouvi, pelo que me disseram pessoas insuspeitas, todo o Brasil queria o Senhor Rui; mas quem saiu eleito foi o Senhor Epitácio Pessoa. Está aí uma prova, entre muitas outras, de que eleição é cousa misteriosa.

Não tenho o hábito de desvendar mistérios, nem mesmo os das charadas que antigamente os jornais traziam; mas, um dia, examinarei esse das eleições, com auxílio de luzes astrais superiores que hei de adquirir por aí.

Uma cousa, por exemplo, logo nesse negócio de eleições do dia 13 [601], pode ser já examinada. Para que o Brasil quer um novo rei? O que está é dos mais excelentes que eu tenho conhecido e pouca gente pode negar que o Senhor Delfim Moreira não está a calhar.

Ele governa maravilhosamente, porque passou por duras provas e cometeu graves pecados de governança no começo do seu transitório reinado. A "Religiosa" de Diderot [602] afirma em qualquer lugar de suas confissões que só vem a dar freira virtuosa aquela que tem faltas a resgatar.

---

[598] Jean de La Fontaine (Fr. 1621-1695): considerado o pai da fábula moderna. Estudou teologia e direito em Paris, mas seu maior interesse sempre foi pela literatura. A publicação da primeira coletânea de fábulas é datada de 1668, sucedida de mais onze, publicadas até 1694. No prefácio da primeira coletânea, deixa bem claras suas intenções na constituição dos textos: "Sirvo-me de animais para instruir os homens".

[599] Esopo (séc. IV a. C.): lendário autor grego, que teria vivido na Antiguidade, ao qual se atribui a paternidade da fábula como gênero literário. O local de seu nascimento é incerto — Trácia, Frígia, Etiópia, Samos, Atenas e Sardes todas clamam a honra de ser a cidade natal de Esopo. Morreu, provavelmente, em Delfos. Na verdade, todos os dados referentes a Esopo são discutíveis e trata-se de um personagem mais lendário do que histórico. A única certeza é que as fábulas, a ele atribuídas, foram reunidas pela primeira vez em 325 a.C., por um discípulo de Aristóteles de nome Demétrio de Falero, (c. 350 a.C. - 280 a.C.). Tais fábulas sugerem normas de conduta que são exemplificadas por ações de animais, em alguns casos pelo comportamento de homens, deuses, ou coisas inanimadas.

[600] Ver crônica "O 'negócio' da Bahia".

[601] Mesmo estando na França, em 13 de abril de 1919, Epitácio Pessoa venceu eleições para Presidente da República, obtendo 286.373 votos contra os 116.414 dados a Rui Barbosa.

[602] Denis Diderot (Fr. 1713 — 1784): filósofo e escritor francês. Foi o diretor editorial da *Encyclopedie* com d'Alembert. No campo literário, produziu três romances, entre eles, *A religiosa* – uma obra licenciosa e anticlerical, denunciando a vida hipócrita dos conventos. Sua obras foram quase todas publicadas postumamente.

O Senhor Delfim Moreira, para lavar-se da culpa de ter sido, nos primeiros dias do seu império, uma sombra, caixeiro dos amigos de um moribundo, vem governando de fato, com uma vontade constante e macia, e — cousa singular! — de acordo com a Constituição e as leis.

O vozerio dos *meetings* [603] e o berreiro dos jornais se esqueceram dele e ele vai discretamente fazendo o que deve. Nenhum de nós sente a sua existência, "vê" o presidente; ele vai suavemente empurrando o carro do Estado.

Então, depois que se viu livre das barafundas protocolares do esotérico Hélio [604] e ficou com o bonanchão Maggi [605] ao lado, é mesmo um pai que o povo tem no Catete.

A Constituição diz que ele deve escolher livremente os seus secretários e ministros; ele, que tinha aceitado alguns à força, quando pôde, fez o que devia: pôs o Senhor João Ribeiro [606] no Tesouro.

Esse Senhor João Ribeiro deve ser seu amigo e é, no consenso de todos, entendido em cousas de fazer dinheiro com o dinheiro alheio. Não há pessoa melhor para gerir as finanças arrebentadas da pátria. Ainda não sentimos os efeitos da sabença especial do antigo diretor de "uma casa de prego da roça", como ele mesmo já se intitulou; mas havemos de senti-los em breve quando a sua turra com os bacharéis e burocratas do Tribunal de Contas estiver acabada e vitoriosa para o seu lado.

Outra cousa boa que o atual rei da República fez, foi nomear governador da cidade o Senhor Frontin [607]. Sem negar outros méritos ao atual prefeito, Sua Excelência tem o primordial de ter nascido no Rio de Janeiro e conhecer a cidade e seus arredores.

O doutor Rivadávia [608], por exemplo, que era boa pessoa e excelente administrador, estimava muito a *urbs* carioca, mas não a conhecia. Construiu, à custa de heranças inopinadamente recebidas, verdadeiras cidades no Engenho Novo. Podia tê-las edificado em Alegrete, seu torrão natal; mas quis fazer aqui, e fez. Entretanto, quando se afastava da Rua do Ouvidor, queria que lhe mostrassem estâncias e charqueadas. Está aí.

Pelo fato de muitas autoridades locais desconhecerem assim o Rio de Janeiro, aconteceu um fato muito engraçado com o doutor Léon Roussoulières [609].

Este senhor, logo nos seus primeiros dias de delegado auxiliar, foi à Rua do Ouvidor e assustou-se muito com aquele poviléu. Nunca tinha visto cousa igual em Belo Horizonte. Cioso de suas prerrogativas policiais e temeroso da segurança do seu amo e amigo Venceslau Brás [610], envergou o botão na lapela e correu para o primeiro guarda-civil:

—Seu guarda, você não cumpre a sua obrigação!

—Como, doutor?

---

[603] Era como chamavam os comícios políticos no início do século XX.
[604] Ver a crônica "A superstição do doutor".
[605] Sebastião Maggi Salomon (?), presidente interino do Brasil, durante o governo de Delfim Moreira, nos períodos 15.11.1918 a 02.01.1919.
[606] Ver crônica "Duas relíquias".
[607] Ver crônica "O convento".
[608], Rivadávia da Cunha Corrêa Nascimento (RS. 1866 – 1920): político. Formulou em 1911 a Lei da Reforma Rivadávia Correa, que tornou o ensino secundário o formador do cidadão e não um simples promotor para o nível escolar seguinte. Retomou a orientação positivista que prega a liberdade de ensino, a abolição do diploma em troca de um certificado de proficiência em determinadas disciplinas; para as faculdades foi transferida a responsabilidade dos exames de admissão para o ensino superior.
[609] Léon Roussoulières (?): a única informação que obtive sobre esse nome, foi a de que era um dos diretores responsáveis pela construção de casas populares empreendida pela Companhia Zona da Matta, fundada em 1911.
[610] Venceslau Brás Pereira Gomes (MG. 1868 — 1966): advogado e político brasileiro. Vice-presidente de Hermes da Fonseca e Presidente do Brasil entre 1914 e 1918. Enfrentou diversas manifestações e revoltas populares entre elas a Guerra do Contestado (1912 -196) e a Revolta dos Sargentos (1915), que envolvia suboficiais e sargentos. Em seu governo ocorrem os chamados "3 G": a Primeira Guerra Mundial, a Gripe Espanhola, e as Greves de 1917. Promulgou o primeiro Código Civil Brasileiro, que entrou em vigor em 1 de janeiro de 1916 onde pela primeira vez Brasil foi grafado com a letra "S".

—Você não está vendo esse ajuntamento sedicioso.

—Que ajuntamento, doutor?

—Esse, aí, na rua...

—Isto é assim todos os dias, doutor.

O Senhor Roussoulières convenceu-se e ficou daí em diante o mais carioca da gema e de cinema que até então se tinha conhecido.

A nomeação do carioca Frontin para a Prefeitura veio impedir que o seu número aumentasse, com um caro aprendizado à custa dos cofres públicos; e, além de tudo isso, foi uma grande satisfação para o Clube de Engenharia.

Aquele clube é sociedade de homens práticos e sisudos, mas possui poetas e oradores para as suas grandes cerimônias e festividades. É de espantar que lá não houvesse surgido uma festa com sonetos e discursos, para comemorar o advento do doutor Frontin. Há alguns anos, quando se efetuou a encampação da "Melhoramentos" [611], a cousa foi assim festejada. Disseram-me, entretanto, que o bródio está para ter lugar no dia em que a Prefeitura puser dez mil trabalhadores seus, às ordens do Senhor Kennedy de Lemos [612], destinados a valorizar as restingas e areais do Leblon.

Não me lembro de mais algum de valor e significância; mas quem, como o Senhor Delfim Moreira, afirmou a sua vontade com essas duas nomeações excepcionais, há de ter tido mais atos de verdadeira autoridade. Procurem o *Diário Oficial.*

Eu que sou cidadão brasileiro e não desejo nenhum emprego, estou muito contente com o doutor Delfim de Santana do Sapucaí.

Se pudesse, não deixava que ele saísse mais do Catete para voltar à sua cidade natal.

O povo, porém, não enxerga a felicidade próxima e larga a carne pela sombra, apesar de dizer que antes um passarinho na mão do que dous voando...

É isto; mas não há quem queira obedecer a este sabidíssimo ditado; e, apesar de termos um bom rei como o Senhor Delfim, todos insistem em pedir um outro.

O Senhor Rui seria excelente, mas, para o ser, devia fazer o que o Senhor Moreira está fazendo: executar a Constituição. Sendo assim, tanto faz um, como outro; e o melhor é não experimentar uma mudança.

Não insisto neste ponto para não parecer que tenho alguma pretensão junto ao Senhor Delfim e deixo a minha admiração por esse modesto estadista mineiro consignada nas linhas acima.

Entretanto, não posso despedir-me destas tiras sem observar que foi com agrado que vi o Senhor doutor (quantas vezes) Camará [613] eleito senador pelo Rio de Janeiro.

Conheço o doutor Camará há muitos anos. Isto foi nos tempos em que eu era estudante e morava pela Lapa. O Senhor Camará já era uma celebridade entre os estudantes, por estudar ou frequentar dous ou três cursos de doutor. Tinha vindo, creio eu, de Ouro Preto e já socava, com aquelas suas pernas curtas, as calçadas, a jeito de mãos de pilão.

As barbas já crescidas abundantes também.

---

[611] Estrada de Ferro Melhoramentos (RJ.) – foi aberta pela em 1898 e encampada pela Estrada de Ferro Central do Brasil em 1903, sob o nome de Linha Auxiliar.

[612] Toda a área da atual Ipanema denominava-se Fazenda Copacabana que, em 1857, foi comprada pelo empresário Francisco José Fialho. Dividida em dois grandes lotes, foram adquiridos pelo Comendador José Antonio Moreira Filho, II Barão de Ipanema. Quando da morte do barão, assumiram a empresa Alberto de Campos e Manuel Pinto de Miranda Montenegro, que convidaram Raul Kennedy de Lemos (?) para tocar a urbanização do bairro; sob a direção do engenheiro Henrique Dumont foi fundada a Companhia Construtora Ipanema que abriu novas ruas e vendeu muitos lotes, tornando realidade a Villa Ipanema. Em 196, Raul Kennedy de Lemos vendeu uma parte para a construção Country Club de Ipanema.

[613] Não encontrei informações.

Uma vez, na Biblioteca Nacional, naquele tempo na Lapa [614], quase defronte ao Passeio Público, lia um livro que nada tinha a ver com o meu curso, quando entrou o atual doutor Camará. Fez um pedido, fez dous, fez três, fez quatro e esperou de pé. Daí a tempos, vieram os livros e, sobraçando-os, procurou o lugar que a sua senha marcava.

Lembrei-me de um livro de leitura de Hilário Ribeiro [615] em que há um menino prodígio que estuda "latim", "francês", "mais inglês"... "Já fala em ciência, raízes, potências", etc., etc.

O atual doutor Camará sentou-se, folheou os livros rapidamente e, de repente, ergueu-se e foi até à mesa elevada do empregado da biblioteca. Fez um pedido, fez dous, fez três... Houve uma dúvida na leitura do boletim e eu pude ouvir, quando ele explicou o seu pedido, o seguinte título de um dos livros: *Théogonie de Moise.*[616]

Vieram os livros e o Senhor Camará desapareceu entre eles durante vinte minutos, ao fim dos quais levantou-se, pediu a senha e foi-se embora. Tinha consultado mais de quinze volumes. Era assim o homem que hoje vai ser senador pela minha cidade natal. Conquanto senador seja cargo de altas responsabilidades, é melhor que ele tenha acabado na Rua do Areal do que houvesse escrito alguns estudos sobre religiões. Cada um para o que Deus o fez.

FONTES DE PESQUISA:

Fontes primárias:

Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (pp. 201-204)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:

Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 281-285)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. I (pp. 501-504)

[614] Em 1858, a Biblioteca foi transferida para a Rua do Passeio nº 60, no Largo da Lapa, e instalada num prédio que tinha por finalidade abrigar melhor o seu acervo. Atualmente, com algumas modificações, esse edifício abriga a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

[615] Hilário Ribeiro (RS. 1847 - RJ. 1886): educador e escritor. Foi membro da Sociedade Pártenon Literário e autor de peças de teatro e poesias, além de cartilhas e livros didáticos que chegaram a ter centenas de edições, como *Primeiro livro de leitura*, *Segundo livro de leitura* e *Cartilha nacional* para ensino simultâneo de leitura e caligrafia.

[616] Segundo a tradição esotérica, Moisés escreveu dez livros: Os primeiros cinco livros do Velho Testamento, mais conhecidos como "Pentateuco", os outros cinco livros considerados apócrifos, o que trata da teogonia seria um deles.

"APÓS A GUERRA"

Decididamente os homens não tomam juízo e mesmo a Morte, que deve ser a soberana mestra de todos nós, é impotente para nos pôr na cachola um pouco de bom senso elementar.

Há um ano que as hostilidades entre povos de diversos feitios e estágios de civilização foram suspensas, após uma carnificina nunca vista nos anais da história escrita.

As mais cruéis campanhas da antiguidade, com os seus massacres subseqüentes, nada são comparadas com essa guerra que se desdobrou por todo o antigo continente.

Cidades, aldeias, monumentos insubstituíveis do passado foram destruídos, sem dó nem piedade, à bala de canhões descomunais e pelo fogo implacável.

Aquela região da Europa que, depois da Itália, é das mais interessantes sob o ponto de vista artístico, além de outros, foi calcada aos pés pelos exércitos alemães, arrasada, queimada. Quero falar da Flandres [618], tanto a belga como a francesa.

O espetáculo após a guerra é de uma tristeza sem limites. Não é daquela grandiosa tristeza do Oceano que nos leva a grandes pensamentos; é o de uma tristeza que nos arrasta a pensar na imensa maldade da espécie humana.

Não se sente isso só no que se vê ou se tem notícia por aqueles que viram; mas também na fome, na miséria que lavra nas populações dos países vencidos e vencedores.

Coisas mais invisíveis ainda enchem-nos dessa tristeza inqualificável que nos faz maldizer a espécie humana, a sua inteligência, a sua capacidade de aproveitar as forças naturais, de apreender um pouco do mistério das cousas, para fazer tanto mal.

Os nascimentos, se não diminuíram aqui e ali, a mortalidade infantil aumentou e as crianças defeituosas ou sem o peso normal surgiram à luz em número maior que nos transactos anos de paz.

A atividade intelectual toda ela se orientou para os malefícios da guerra; e foi um nunca acabar de inventar engenhos mortíferos ou aumentar o poder dos já existentes. Os químicos, os maiores, trataram de combinar nos seus laboratórios corpos de modo a obter gases que fossem portadores da morte e misturas incendiárias que o mesmo fizessem.

A História veio em socorro dos guerreiros que, não contentes de ter o fuzil Mauser e Lebel [619], ainda foram se inspirar em estampas de livros dos tempos dos cruzados para ter catapultas

[617] Transcrevo aqui uma anotação feita por Beatriz Resende em *Toda crônica*, no sentido de corrigir a data assinalada na edição original de *Bagatelas*: "Esta crônica, não localizada na imprensa, foi escrita no final do ano (de 1919), como indica o cumprimento ao final do texto, um ano depois da assinatura do Armistício, em 11 de novembro de 1918. Deve, pois, ter sido publicada em dezembro de 1919". (Toda crônica. Vol. II, p. 95). Concordando com a autora e, destacando o segundo parágrafo, também como indicativo desse engano: "Há um ano que as hostilidades entre povos de diversos feitios e estágios de civilização foram suspensas, após uma carnificina nunca vista nos anais da história escrita.".

[618] Flandres: em holandês Vlaanderen, em francês Flandre e em alemão Flandern, é toda a região norte da Bélgica, enquanto a região sul é chamada de Valônia. Nesta parte do país é falado o neerlandês, língua conhecida por holandês e, por vezes, chamada erroneamente de flamengo, são "flamengos", os falantes dessa língua.

[619] O fuzil Mauser foi produzido pela primeira vez em 1895, junto com a Luger P-08 que foi largamente utilizado pelo exército alemão durante a I Guerra Mundial. O Lebel é hoje considerado o dinossauro das armas bélicas contemporâneas; seu projeto é pobre e já na sua concepção, na virada do século XIX para o XX, se tornara obsoleto. Tinha muitos defeitos, o mais sério era o de um carregador tubular situado abaixo do cano que, quando as pontas das balas tocavam as espoletas dos cartuchos à frente deles, gerava o risco de uma explosão espontânea da arma. Apesar dos graves problemas, alguns ainda foram usados na II Guerra Mundial e só começaram a ser substituídos em 1915.

ultramodernas de molas de aço e um bojo greguês cujas compostas eram dosadas em balança de precisão.

Não são só os engenhos de guerra antigos que são imitados e amplificados de poder com as conquistas da indústria moderna. Com os *tanks* eles imitam os famosos carros de guerra da antiguidade e do medievo, mas com as tais trincheiras-valas é em Políbio [620] que vão buscar inspiração.

A arte da guerra de todos os tempos se baralha, se confunde nessa guerra imensa que, no mar, se estendeu a todo o universo; e em terra só poupou a América.

Um painel desses, de tão sombrias cores e de tão eloqüente relevo de horror e sangue, devia inspirar aos homens idéias novas sobre a política, sobre a pátria, sobre as relações internacionais.

Se a Alemanha levantou contra ela todo o mundo, deve-o à concepção hipermística, se assim se pode dizer, da idéia de pátria que ela inoculou na cabeça dócil de seus filhos, com auxílio dos seus professores, padres e instrutores de recrutas.

Seja-me dado aqui relembrar um trecho de leitura de menino. Quero falar nos *Filhos do capitão Grant* de Jules Verne [621], o meu amigo dos doze anos.

Quando os que procuram o capitão Grant atravessam a Austrália, encontram dormindo, numa certa paragem, um pequeno indígena que vem de sair de um estabelecimento inglês de instrução e se dirige à sua tribo. Sabendo que ele estudava geografia, Paganel [622], o geógrafo, que fazia parte da caravana, o interroga. O pequeno responde e responde que toda a Europa é possessão da Inglaterra, até a França, que é governada pelo Príncipe Napoleão, em nome da Rainha Vitória.

Semelhante processo de instilar nos espíritos simples, desde o primeiro arrebol da inteligência, a idéia de um imenso poder de uma incalculável força de uma certa agremiação política, foi pelos alemães erigido em sistema, em método de educação em drenagem do espírito dos seus filhos em relação ao Império Germânico [623], com aquela paciência e tenacidade próprias aos alemães e recebida com aquela perfeita e profunda candura e obediência também próprias a eles.

O poder alemão era sem limites; tudo o que havia no mundo de bom era alemão. Pascal [624], Dante [625], Descartes [626], Cervantes [627], não eram nem espanhóis, nem franceses, nem italianos; eram alemães.

---

[620] Políbio (Gr. 203 a.C. - 120 a.C.): geógrafo e historiador grego. Famoso pela sua obra *Histórias*, que narra as ocorrências históricas do mundo Mediterrâneo no período de 220 a.C. a 146 a.C., especialmente as Guerras do Peloponeso. É-lhe também atribuída a invenção de um sistema criptográfico de transliteração de letras em números.

[621] Ver crônica "Livros de viagens".

[622] Jacques Marie François Eliacin Paganel: uma das personagens de *Os filhos do capitão Grant*, um geógrafo de profissão, membro de diversas sociedades geográficas internacionais. Após abandonar sua carreira de professor, decide participar de uma missão marítima a bordo do barco Duncan. A caminho da Patagônia, seu imediato comete vários erros, e Paganel, se mostra exímio observador de documentos e conhecedor de referências geográficas, leva a termo, com humor, a viagem.

[623] Sacro Império Romano-Germânico (em alemão Heiliges Römisches Reich): composto pela união de territórios da Europa Central durante um longo período histórico que engloba a Idade Média, a Idade Moderna e o início da Idade Contemporânea sob a autoridade de um único governante – o Sacro Imperador Romano. A partir do século XV ficou conhecido oficialmente como o Sacro Império Romano da Nação Germânica; sua extensão territorial variou durante sua história, mas nos seus momentos mais destacados englobou os Estados Nacionais modernos da Alemanha, Áustria, Suíça, Liechtenstein, Luxemburgo, República Tcheca, Eslovênia, Bélgica, Países Baixos e grande parte da Polônia, França e Itália, como também inúmeros pequenos reinos, principados, ducados, condados, cidades livres imperiais, e outros domínios. Apesar de seu nome, na maior parte da sua existência, o Sacro Império Romano Germânico não incluiu a cidade de Roma em seus domínios.

[624] Ver crônica "Um ofício da A.P.S.A.".

[625] Dante Alighieri (Ita. 1265 — 1321): escritor, poeta e político italiano. Autor de *A divina comédia* é considerado o primeiro e maior poeta da língua italiana.

[626] René Descartes (Fr. 1596 — Sue.1650): filósofo, físico e matemático francês. Uma das figuras-chave do Renascimento Científico, notabilizou-se, sobretudo por sugerir a fusão da álgebra com a geometria dando origem à geometria analítica e ao sistema de coordenadas, conhecido como Método Cartesiano. Descartes é chamado de "o fundador da filosofia moderna" e o "pai da matemática moderna"; é considerado um dos pensadores mais importantes e influentes da História do Pensamento Ocidental Moderno. A partir de suas ideias inaugurou-se o racionalismo da Idade Moderna.

[627] Miguel de Cervantes y Saavedra (Esp. 1547 — 1616): romancista, dramaturgo e poeta espanhol. Autor da mais importante obra em castelhano, *Don Quixote de La Mancha.*

Com a geringonça de uma erudição pantafaçuda faziam crer os sábios teutônicos, eles mesmos já auto-iludidos, todas essas baboseiras aos seus ouvintes.

O padre fazia o mesmo; o instrutor, desde o cabo até o capitão de companhia, repetia a seu jeito patranhas semelhantes. A Alemanha nunca havia sido derrotada e talvez dissessem os do clero que Jesus era alemão.

Passavam-se essas cousas na Alemanha e agora que tão dolorosamente ela expiou essa mística exaltação patriótica e militar, que vemos todos nós? Vemos os governantes, com ou sem investidura, de todos os países se apossarem das idéias alemãs, dos processos alemães, para incutir no espírito das suas populações delírio semelhante.

Deixo de parte o Senhor d'Annunzio ou Rapagnetta [628] para não irritar o Senhor doutor Bellagamba, a quem devo um serviço de sua profissão inesquecível; senão perguntaria, por que razão o poeta-voador não apela para os títulos do antigo Império Romano do Ocidente, a fim de se apoderar da França, da Bélgica, da Espanha, da Argélia.

A sede do império era em Roma, na Itália, que ainda lá está com as suas ruínas grandiosas que eu tanto desejaria ver.

Os alemães eram rnais lógicos, pois se julgavam herdeiros dos francos, suábios e ripuários, e queriam a França até ao Loire [629] para eles, alemães.

Deixo de parte este ponto para não zangar a um médico que teve cuidados comigo em ocasião bem crítica; e passo a falar de nós mesmos que estamos tomando ares de querer ser uma Alemanha despovoada e cantarolante.

Por toda a parte surgem medidas e cantigas patrióticas; por toda a parte são aventadas leis draconianas dignas do digesto alemão.

Nós chamamos os estrangeiros e não queremos que eles se queixem dos erros dos nossos governantes e da opressão da nossa jovem plutocracia; nós procuramos por todos os modos restringir a liberdade de pensamento e houve até um projeto no Senado que transformava, dava ao Estado político ares de Majestade. Toda a crítica a ele, era um crime, um crime vago, assim como quem diz um crime de lesa-majestade.

Não preciso dizer mais. Um tal estado de espírito enche-me de imensa tristeza e de sombrias apreensões para o futuro.

Como acabará tudo isto? Onde iremos parar com essa nossa megalomania militar e patriótica? Que sairá desse delírio de grandezas dos nossos dirigentes, exaltando a simplicidade das massas nesse fervor pela pátria política, cousa obsoleta na Europa e sem motivo de ser aqui, entre nós?

Eu não digo nada, pois sou doido; mas, parece-me, que os cadáveres dos milhares de alemães que morreram na guerra não foram sepultados. Estão se decompondo ao ar livre e infeccionando a Terra toda, com os ideais que tinham, quando vivos, de violência, de brutalidade, de carnagem, em nome da Pátria, pelos quais morreram...

Boas festas, meus senhores

---

[628] Gabriele D'Annunzio ou Gaetano Rapagnetta (Ita. (1863 - 1938): novelista, poeta e dramaturgo italiano, cuja obra e personalidade complicada o tornaram uma das mais controvertidas figuras de seu tempo. Após uma grande desilusão amorosa, em 1910 foi viver na França. Em 1914 voltou para a Itália e fez campanha para a entrada da Itália na guerra ao lado da Tríplice Entente na I Guerra Mundial, da qual participou ativamente, inicialmente na cavalaria e depois no comando de um torpedeiro. Mas, foi como um piloto de caça que D'Annunzio conseguiu a celebridade e ganhou reputação de herói de guerra, ao acidentalmente, perder um olho durante uma aterrizagem desastrosa. Em seus últimos anos dedicou-se a escrever textos autobiográficos.

[629] Vale do Loire (*Vallée de la Loire*): conhecido como o *Jardim da França* e o *Berço da Língua Francesa*. É também de destacar o grande valor do seu patrimônio arquitetônico, dos famosos castelos e cidades medievais, em especial, Amboise, Chambord, Villandry e Chenonceau construídos ao longo das margens do Rio Loire, que banha todo o vale. A História da França tem vários momentos de guerra em disputa territorial com outras nações pelo Vale do Loire.

Fuzil Mauser

Fuzil Lebel

Três cenas dramáticas da I Guerra Mundial

FONTES DE PESQUISA:

Fontes primárias:

Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (pp. 205-207)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:

Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 285-288)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. II (pp. 92-95)

"A NOSSA SITUAÇÃO"

Quando os leitores desta revista forem ler, se acaso mereço esta honra, as presentes linhas, muitos outros fatos se terão passado que me darão *razão.*

Do dia em que as escrevo decorre uma boa semana até o aparecimento delas em letras de forma; e desejaria muito que, durante esse intervalo, nada houvesse acontecido que as justificasse, antes quisera que os acontecimentos mas negassem.

Não se abre atualmente um jornal qualquer sem que logo o leitor mais desatento não sinta a situação desesperada, o mal-estar, a irritação contida, mas denunciada por este ou aquele fato, que há por estes Brasis afora.

A guerra, em que fomos um beligerante platônico, festeiro, quermesseiro e gritador, pôs em foco muitas das incapacidades dos nossos pró-homens e "arruinou", como diz o vulgo, as nossas chagas de povo, abrindo muitas outras.

Estes trinta anos de República têm mostrado, mais do que o passado regímem, além da incapacidade dos dirigentes para guiar a massa da população na direção de um relativo bem-estar, a sua profunda desonestidade, os baixos ideais de sua política que, em presença de propinas e gorjetas, lucros ou quais seja em moeda, não trepidam em lançar na miséria, na mendicância, no alcouce, na taverna os seus patrícios, mesmo atirá-los à aventura de uma guerra, quando o *pourboire,* estrangeiro em geral, é de encher os olhos.

A todas as reclamações, a todas as críticas, eles só sabem responder com o Santo Ofício policial que já arvoraram em Academia, Sínodo, Concílio, para julgar e condenar esta ou aquela teoria política que qualquer precisa expor e não lhes agrade.

Cobriram a nossa pobre gente de injustas buscatinas, às vezes em duplicata, fizeram crescer os desfalques com o exemplo de suas dilapidações aos cofres públicos; inventaram obras suntuárias nas cidades, custando elas o dobro, o triplo, o quádruplo, para endinheirar parentes e apaniguados; tudo encareceu com a criação de indústrias artificiais mantidas sob exorbitantes taxas alfandegárias, para afastar à concorrência similares estrangeiras, taxas estabelecidas com o intuito preconcebido de enriquecer meia dúzia de condes de arribação, de comendadores de São Tiago, de egressos de foro e da clínica, mas com boas relações no Congresso e nos salões arquiburgueses.

Basta ver, no *Diário Oficial,* as atas ou cousa parecida das sessões ou incorporações dessas felizardas empresas, para se verificar como os políticos, os mais influentes, tanto da oposição como do governo, têm interesse nelas. Lá se encontram os seus nomes, no mínimo, como advogados.

O caso da "louça dos pobres", no orçamento do ano passado, veio mostrar à saciedade como se fazem essas nababescas fortunas atuais, cujos possuidores blasonavam a sua extraordinária honestidade e merecem dos jornalistas, grandes e pequenos, panegíricos de verdadeiros homens ilustres, que Plutarco [630] teria vergonha de fazê-los tão encomiásticos para Numa [631] e Timoleão. [632]

Tenho dito muitas vezes aqui e alhures que o princípio geral a que obedece a política republicana, é enriquecer cada vez mais os ricos e empobrecer cada vez mais os pobres.

[630] Ver crônica "Da minha cela".
[631] Numa Pompílio (715 a.C. - 673 a.C.): segundo rei de Roma; de acordo com Plutarco, era sábio, pacífico e religioso.
[632] Timoleão (?): cidadão grego, que de acordo com Plutarco defendia as leis e a expressão do livre pensamento.

A fortuna nas mãos dos que têm dinheiro ou alcançam possuir algum, por este ou aquele processo inconfessável, graças a toda a sorte de expedientes administrativos e legislativos, em breve é triplicada, quintuplicada, até decuplicada, em detrimento da economia dos pobres e dos remediados que não conhecem a governamental galinha de ovos de ouro e são chamados de tolos pelos ativos pró-homens bafejados pelos graúdos da política e da administração.

As últimas obras municipais, os famigerados melhoramentos de Copacabana, Vidigal, Leblon, Ubatuba e Lagoa dos Patos, mostram ao mais incrédulo, como essas obras sem utilidade geral, sem alcance algum para a totalidade da população, são mais levadas a efeito para proteger certos e determinados indivíduos do que mesmo para embelezar, no mínimo, a cidade. *A Noite* tem publicado a tal respeito dados excelentes. Na construção do túnel João Ricardo [633], pouco menos do terço, sob o Senhor Frontin, custou quase mais do dobro que o resto, na gestão do Senhor Sá Freire.

Diante de tudo isso, desse enriquecimento súbito de indivíduos pouco preparados para usar da perigosa arma de fortunas avultadas, já pelo seu fraco cultivo, já pela sua nenhuma educação no sentido elevado, já pela massa de baixos apetites que os governa, causa pasmo que os moralistas se admitem de apresentar a sociedade carioca *up-to-date* manifestações de uma corrupção profunda, não só na *toilette*, mas também no palavreado, na escolha de divertimentos e prazeres.

É que os pobres são muitos e não se conformam com a pobreza; e os ricos se aproveitam disso para corromper aqueles que, sequiosos de luxo e, sendo muitos, formam como que um ambiente favorável à descaída daqueles mesmos que estão na fartura e na ignorância. Uns reagem sobre os outros...

O verdadeiro trabalhador, mesmo quando não é um simples assalariado, é quem mais sofre com esse nefasto estado de cousas e vê todo o seu esforço, por todos os motivos, respeitável, anulado pela incapacidade e concussões dos que governam esta estupenda democracia, cujo chefe tem dous palácios de inverno e não sei quantas casas de verão.

Ainda há dias, um jornal noticiava que os "herbateiros" do Rio Grande do Sul, em Herval, preparavam um ataque a essa estação da estrada de ferro, em represália ao descaso do governo que não providencia, apesar das queixas, para fornecer-lhes transporte destinado a exportar as suas colheitas de erva-mate para o Uruguai.

Eram setecentos homens dispostos ao que desse e viesse. Há anos que se fala nessa falta de transporte de toda a sorte.

Que se há feito para saná-la? Onde se tem gasto tanto dinheiro? Os senhores sabem? Certamente, não; pois nem eu.

Os construtores, os empreiteiros de estradas de ferro, os arrendatários estão ricos, mas as estradas de ferro virtualmente não existem, pois não preenchem a sua missão.

Ainda mais. O carvão mineral ameaça faltar-nos devido ao decrescimento de sua extração nos países carboníferos. Fala-se em carvão nacional. Até hoje, porém, nada de positivo, de prático foi mostrado ao povo. Os doutores mais sabidos do que os famosos sábios da Grécia, discutem. Um diz: presta; outro diz: não presta; mas vem o doutor Caruru e afirma: serve, mas em briquetes; entretanto o doutor Jamelão contesta: não se presta a linguetas, mas pode ser aproveitado em pó, ao que o doutor Camelão objeta: é muito perigoso usá-lo assim, porquanto a hulha nesse estado fica um verdadeiro explosivo. Enquanto se discute tudo isto, a hulha nacional não aparece nas fornalhas dos paquetes e locomotivas; mas o governo empresta milhares de contos aos messias que cavam a terra em busca da nossa salvação.

[633] Túnel João Ricardo (RJ): liga os bairros da Saúde e da Gamboa, da Rua Pedro Ernesto à Rua Rivadávia Corrêa. Construído sob o morro da Providência, solucionou um dos problemas de tráfego da então Capital Federal e a comunicação entre a zona portuária e a da Estação Central do Brasil. As suas obras foram iniciadas em 1919 e terminaram em 1921.

São administrações dessas que se riem e endossam patranhas descabeladas contra o governo excepcional e, por sua natureza precário dos Lenin e Trotski [634].

Ri-se o roto, lá diz o povo, do esfarrapado e o torto do aleijado.

Criou o governo um Comissariado de Alimentação para regular o *maximum* de preços dos gêneros de primeira necessidade.

Apareceram logo os doutores a discutir — a discutir tal e qual em Bizâncio, com os turcos às portas. Todos eles sabem economia política e até, por sinal, o Alto Comissário é ou foi professor dessa disciplina numa afamada escola superior; mas, por tanto saberem, não se entendem. Singular ciência, essa!

O mal-estar da população cresce sempre, a especulação de alto a baixo prolifera, os agiotas e bancos de agiotagem, católicos, protestantes, sionistas, distribuem pasmosos dividendos em relação ao valor das ações. Maravilhoso sintoma!

Não há carne na capital da República dias seguidos e a parte da população que pode, apela para as aves domésticas, conservas, para a carne de porco e o peixe que custam caríssimo.

A outra parte, a maioria, a mais pobre, não tem para onde apelar, pois a carne-seca é hoje alimento de luxo, tendo deixado de figurar nos *menus* dos encarcerados de toda a natureza.

Nesta cidade, já há fome e não tardará muito a verificar-se criminosos que assim se fizeram, para ter sustento à custa do Estado; entretanto, projeta-se a criação de uma universidade no Rio de Janeiro.

Que amor ao arcaísmo, tanto em tal criação como no desprezo ao sofrimento do povo!

Nunca houve na nossa administração *esprit de suite.*

Tudo é feito aos saltos e o governo que substitui outro, trata logo de desmanchar aquilo que o antecessor fez.

Há anos que há uma Inspetoria contra as Secas, instalada aqui com o luxo digno da alta conta ducal em que se têm os nossos sublimados e pantafaçudos doutores. As secas são no Ceará, na Paraíba, no Rio Grande do Norte, mas a inspetoria é aqui, onde só se conhece esse fenômeno quando as chuvas, durante alguns dias, não fazem os reservatórios do doutor Van Erven [635], encherem-se. Muita gente há de admirar-se disso; eu, não. Um fato desses está na lógica das cousas do Brasil, em que o doutor general ou general doutor Lauro Müller [636] e o reservista do Exército Miguel Calmon [637] são sumidades em agricultura e cousas correlatas.

Após tantos anos de existência da tal inspetoria, as secas, sem nenhum abrandamento nos efeitos, continuam a devastar o desgraçado Nordeste de modo impiedoso. O arcebispo ou bispo do Ceará disse em São Paulo que elas, nestes próximos anos passados, mataram setenta mil pessoas e dous milhões de cabeças de gado. E elas não cessam e continuam a matar; e os açudes da inspetoria, onde estão?

No Congresso, nos jornais, nas nossas divertidas sociedades sábias discute-se a grande açudagem, a remoção de população das regiões flageladas para as que não foram, com auxílio de estradas

[634] Ver crônica "Da minha cela".

[635] Jacobus Gijsbertus Paulus van Erven, conhecido no Rio de Janeiro por Jacó Van Erven (Hol. 1800 – RJ. 1867?): não se sabe ao certo o lugar onde morreu, se no Rio de Janeiro ou em Bordeaux na França. Veio para o Brasil em 1824 e foi morar no Cantagalo, em 1845 publicou um artigo sobre o achado da ossada de animal pré-histórico nesse local.

[636] Lauro Severiano Müller (SC. 1863 — RJ. 1926): filho de imigrantes alemães, destacou-se como político e diplomata. Discípulo do positivismo de Benjamin Constant, ingressou na carreira militar em Santa Catarina; obteve as patentes de alferes em 1885, segundo-tenente em 1889, primeiro-tenente em 1890, major em 1900, tenente-coronel em 1906, coronel em 1912, general-de-brigada em 1914 e general-de-divisão em 1921. Empreendeu grandes reformas quando ocupou a pasta do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas na presidência de Rodrigues Alves. Tornou-se popular por algumas obras de urbanização do Rio de Janeiro, como a construção da Avenida Central e os melhoramentos da zona portuária.

[637] Ver crônica "Os uxoricidas e a sociedade brasileira".

de ferro e de rodagem — tudo muito bonito, com algarismos, esquemas, gráficos, diagramas, e alguma retórica, e nada se faz de útil.

O Brasil é feito para desanimar; e não serei capaz de negar que haja entre os homens que têm estudado o problema das secas, capacidades respeitáveis.

Mas a doutoromania que, em última análise, desanda num pedantismo livresco, impede os nossos técnicos de observar diretamente o fenômeno e, consequentemente, de descobrir um adequado e próprio remédio.

Sabem o que em matéria de irrigação, barragem, açudagem, fizeram os árabes, na Espanha, os ingleses, no Egito, os franceses, na Tunísia, os americanos, no Colorado etc., etc.; e com autores e relatórios estrangeiros fazem os nossos sábios brilharetes; mas, é caso de perguntar, algum deles observou as condições da nossa zona de secas e o porquê das diferenças entre ela e aqueles países?

A nossa ciência é assim uma espécie de escolástica, em que a dialética é tudo.

O brasileiro é um tipo que não pode se afastar do modelo. Em todas as suas manifestações tem de copiar. Vê-se nas suas conversas sobre qualquer assunto de inteligência como é feita a sua crítica, tendo sempre presente a autoridade: fulano, dizem uns, errou porque Haldane [638] ensina assim; o livro de beltrano é defeituoso, pois Anatole France [639] nunca arquitetou um romance dessa maneira.

Nós temos o horror à iniciativa e nunca seguimos aquele conselho de Flaubert a Maupassant [640] a quem ele recomendava que se pusesse uma, duas, três, cinco, cem vezes diante de uma fogueira, até que esta lhe aparecesse de um modo particular a ele próprio, para então descrevê-la.

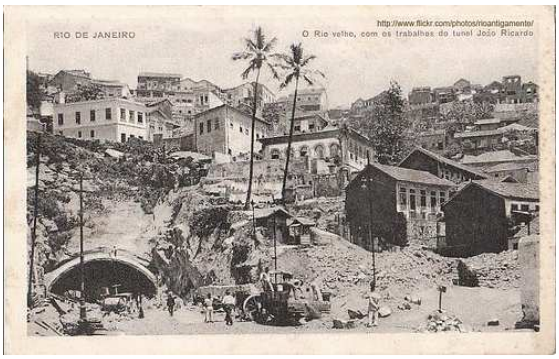
Ao lado de todos os quadros tristes da nossa sombria situação, vem a política para enegrecê-los mais.

A Bahia anda em polvorosa. Há conflitos nas cidades sertanejas; o governo estadual arma e embarca para o interior, forças de polícia.

E o Amazonas? E o Pará? E Goiás que não tem víveres? E Uberaba e adjacências que se querem fazer independentes?

Ao lado disto tudo, projeta-se um arsenal de marinha, uma escola de aviação de guerra, discute-se a reconstrução da esquadra e outras cousas indispensáveis e salutares que irão aliviar a população da miséria, da moléstia, da fome e da... política.

O melhor é não tratar dessas cousas. O real me desgosta, como disse o outro; e tanto mais me desgosta quanto não tenho ideal e não posso, portanto, viver nele.



Construção do Túnel João Ricardo

FONTES DE PESQUISA:

Fontes primárias:

Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (pp. 209-211)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:

Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 289-292)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. II (pp.251-253)

[638] John Burdon Sanderson Haldane (Ing. 1892 - Índia 1964): geneticista e biólogo britânico.
[639] Jacques Anatole François Thibault mais conhecido como Anatole France (Fr. 1844 — 1924): escritor francês laureado com o Nobel de Literatura em 1921.
[640] Henry René Albert Guy de Maupassant (Fr. 1850 - 1893): escritor e poeta francês com predileção para situações psicológicas e de crítica social com técnica naturalista. Foi grande amigo de Gustave Flaubert.

"MAIS UMA VEZ"

Este recente crime da Rua da Lapa [641] traz de novo à tona essa questão do adultério da mulher e seu assassinato pelo marido.

Na nossa hipócrita sociedade, parece estabelecido como direito, e mesmo dever do marido, o perpetrá-lo.

Não se dá isto nesta ou naquela camada, mas de alto a baixo.

Eu me lembro ainda hoje que, numa tarde de vadiação, há muitos anos, fui parar com o meu amigo, já falecido Ari Toom, no necrotério, no Largo do Moura [642] por aquela época.

Uma rapariga — nós sabíamos isso pelos jornais — creio que espanhola, de nome Combra, havia sido assassinada pelo amante e, suspeitava-se, ao mesmo tempo *maquereau* dela, numa casa da Rua de Santana. [643]

O crime teve a repercussão que os jornais lhe deram e os arredores do necrotério estavam povoados da população daquelas paragens e das adjacências do Beco da Música e da Rua da Misericórdia [644], que o Rio de Janeiro bem conhece. No interior da *morgue,* era a frequência algo diferente sem deixar de ser um pouco semelhante à do exterior, e, talvez mesmo, em substância igual, mas muito bem-vestida. Isto quanto às mulheres — bem entendido!

Ari ficou mais tempo a contemplar os cadáveres. Eu saí logo. Lembro-me só do da mulher que estava vestida com um corpete e tinha só a saia de baixo. Não garanto que estivesse calçada com as chinelas, mas me parece hoje que estava. Pouco sangue e um furo bem circular no lado esquerdo, com bordas escuras, na altura do coração.

Escrevi — cadáveres — pois o amante-cáften se havia suicidado após matar a Combra — o que me havia esquecido de dizer.

Como ia contando, vim para o lado de fora e pus-me a ouvir os comentários daquelas pobres *pierreuses* de todas as cores, sobre o fato.

Não havia uma que tivesse compaixão da sua colega da aristocrática classe. Todas elas tinham objurgatórias terríveis, condenando-a, julgando o seu assassínio cousa bem-feita; e, se fossem homens, diziam, fariam o mesmo — tudo isto entremeado de palavras do calão obsceno próprias para injuriar uma mulher. Admirei-me e continuei a ouvir o que diziam com mais atenção. Sabem por que eram assim tão severas com a morta?

Porque a supunham casada com o matador e ser adúltera.

Documentos tão fortes como este não tenho sobre as outras camadas da sociedade; mas, quando fui jurado e, tive por colegas os médicos da nossa terra, funcionários e doutos de mais de três contos

[641] A Rua da Lapa é a continuação da Rua da Glória; fica no bairro do mesmo nome, famoso por seus cafés, restaurantes e leiterias, que eram ponto de encontro de músicos, sambistas, artistas, intelectuais e da malandragem carioca.
[642] Largo do Moura: Bairro da Misericórdia em Niterói. João do Rio, em *A alma encantadora do Rio*, também fala do necrotério do Largo do Moura: "...há ruas lúgubres, por onde passais com um arrepio, sentindo o perigo da morte, o Largo do Moura, por exemplo. Foi sempre assim. Lá existiu o necrotério e, antes do necrotério, lá se erguia a forca. Antes da autópsia, o enforcamento.".
[643] A Rua de Santana até 1870 tinha o nome de Rua das Flores, por causa dos jardins bucólicos que enfeitavam as poucas residências que lá existiam. Mudou de nome em função da Igreja de Santana.
[644] Ver a crônica "O caso do mendigo".

e seiscentos mil-réis de renda anual como manda a lei sejam os juizes de fato escolhidos, verifiquei que todos pensavam da mesma forma que aquelas maltrapilhas *rôdeuses* do Largo do Moura.

Mesmo eu — já contei isto alhures — servi num conselho de sentença que tinha de julgar um uxoricida e o absolvi. Fui fraco, pois a minha opinião, se não era fazer-lhe comer alguns anos de cadeia, era manifestar que havia, e no meu caso completamente incapaz de qualquer conquista, um homem que lhe desaprovava a barbaridade do ato. Cedi a rogos e, até, alguns partidos dos meus colegas de sala secreta.

No caso atual, neste caso da Rua da Lapa, vê-se como os defensores do criminoso querem explorar essa estúpida opinião de nosso povo que desculpa o uxoricídio quando há adultério, e parece até impor ao marido ultrajado *(sic) o* dever de matar a sua ex-cara-metade.

Que um outro qualquer advogado explorasse essa abusão bárbara da nossa gente, vá lá; mas que o Senhor Evaristo de Morais [645], cuja ilustração, cujo talento e cujo esforço na vida me causam tanta admiração, endosse, mesmo profissionalmente, semelhante doutrina é que me entristece.

O liberal, o socialista Evaristo, quase anarquista, está me parecendo uma dessas engraçadas feministas do Brasil, gênero professora Daltro [646], que querem a emancipação da mulher unicamente para exercer sinecuras do governo e rendosos cargos políticos; mas que, quando se trata desse absurdo costume nosso de perdoar os maridos assassinos de suas mulheres, por isto ou aquilo, nada dizem e ficam na moita.

A meu ver, não há degradação maior para a mulher do que semelhante opinião quase geral; nada a degrada mais do que isso, penso eu. Entretanto...

Às vezes mesmo, o adultério é o que se vê e o que não se vê são outros interesses e despeites que só uma análise mais sutil podia revelar nesses lagos.

No crime da Rua da Lapa, o criminoso, o marido, o interessado no caso, portanto, não alegou quando depôs sozinho que a sua mulher fosse adúltera; entretanto, a defesa, lemos nos jornais, está procurando "justificar" que ela o era.

O crime em si não me interessa, senão no que toca à minha piedade por ambos; mas, se tivesse de escrever um romance, e não é o caso, explicaria, ainda me louvando nos jornais, a cousa de modo talvez satisfatório.

Não quero, porém, escrever romances e estou mesmo disposto a não escrevê-los mais, se algum dia escrevi um, de acordo com os cânones da nossa crítica; por isso guardo as minhas observações e ilusões para o meu gasto e para o julgamento da nossa atroz sociedade burguesa, cujo espírito, cujos imperativos da nossa ação na vida animaram, o que parece absurdo, mas de que estou absolutamente certo — o protagonista do lamentável drama da Rua da Lapa.

Afastei-me do meu objetivo, que era mostrar a grosseria, a barbaridade desse nosso costume de achar justo que o marido mate a mulher adúltera ou que a crê tal.

---

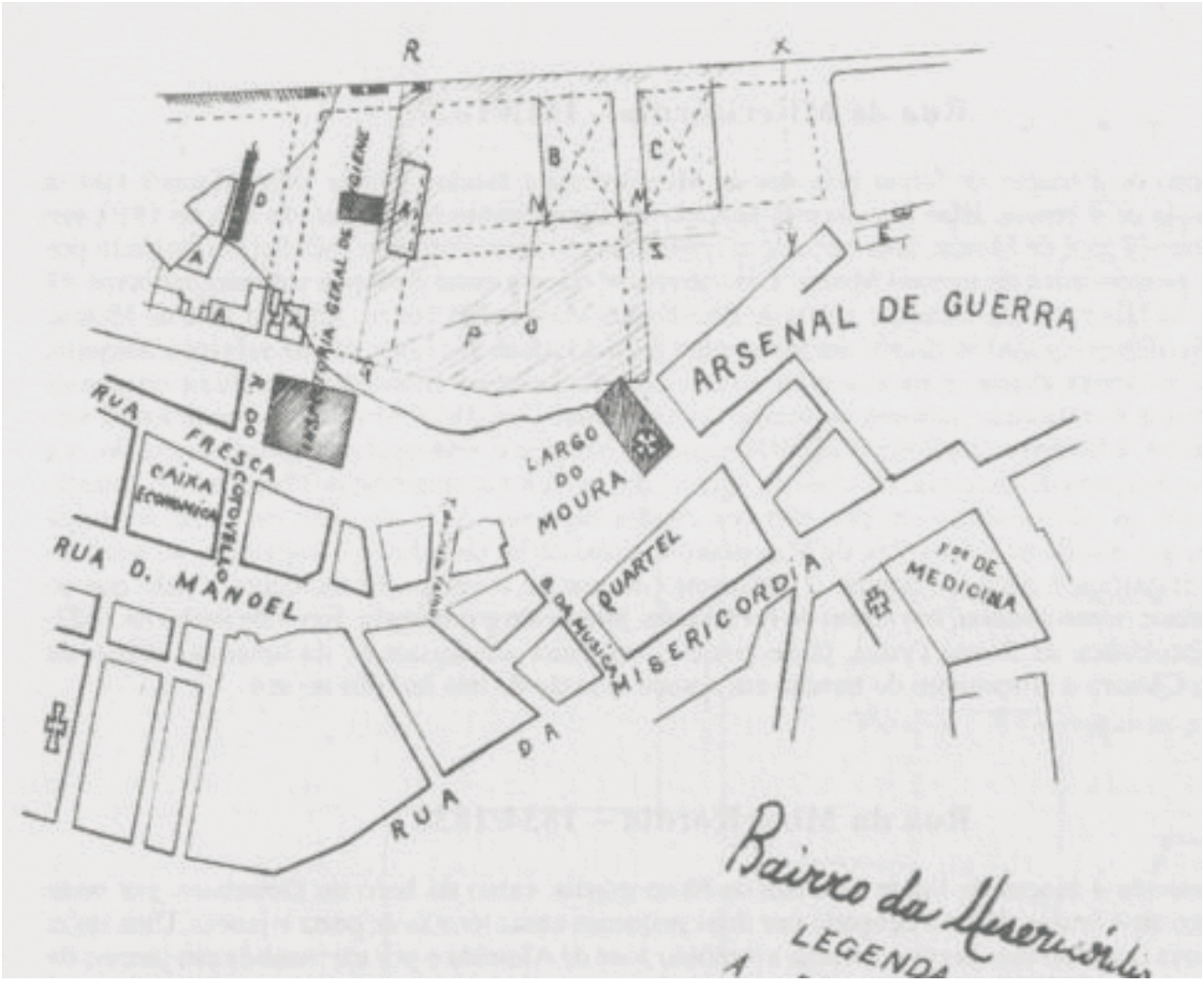
[645] Ver a crônica "Os uxoricidas e a sociedade brasileira".

[646] Professora Leolinda Daltro – chamada por Lima de Deolinda (?): uma das feministas que Lima devotava profunda antipatia. Seu nome teve destaque na intensa discussão e de apresentação de várias propostas de ação do Estado em relação aos indígenas; sempre acompanhada por um grupo deles, promoveu na Capital Federal diversas manifestações públicas, que muitas vezes, em tom de chacota e ironia, foram temas de crônicas e charges. Leolinda Daltro teve participação ativa também no movimento feminista, em 1910 fundou o Partido Republicano Feminino e, em novembro de 1917 liderou uma passeata exigindo o direito do voto para a mulher no Brasil. O fato inédito de mulheres exigindo, nas ruas seus direitos políticos, agregou adeptos masculinos, contudo, surpreendeu não só a Lima, como também a várias personalidades da elite política da época. Na crônica "O Dr. Frontin e o feminismo", publicada na *Careta* 14.2.1920 Lima Barreto menciona: "Dona Deolinda deixou os caboclos hirsutos e fez-se feminista de quatro costados. Deve, portanto, defender os interesses das transparentes 'melindrosas', que são afinal a quintessência do feminismo moderno." (CRJ:1963, p. 55).

Toda a campanha para mostrar a iniquidade de semelhante julgamento não será perdida; e não deixo passar vaza que não diga algumas toscas palavras, condenando-o.

Se a cousa continuar assim, em breve, de lei costumeira, passará a lei escrita e retrogradamos às usanças selvagens que queimavam e enterravam vivas as adúlteras.

Convém, entretanto, lembrar que nas velhas legislações, havia casos de adultério legal. Creio que Sólon e Licurgo os admitia; creio mesmo ambos. Não tenho aqui o meu Plutarco [647]. Seja, porém, como for, não digo que todos os adultérios são perdoáveis. Pior do que o adultério é o assassinato; e nós queremos criar uma espécie dele baseado na lei.



Mapa do Bairro da Misericórdia no início do século XX
O local do necrotério está indicado por uma cruz

[647] Ver crônica "Da minha cela".

Largo do Moura
Um entre muitos logradouros do Rio de Janeiro colonial, que desapareceram frente às reformas urbanas.
Esta foto foi tirada em 1922, pelo fotografo de nome Malta,
provavelmente a última antes do desaparecimento do Largo.

FONTES DE PESQUISA:

Fontes primárias:

Suporte: livro
Bagatelas. RJ: Empresa de Romances Populares (pp. 213-217)
Arquivo: Edgard Leuenroth – AEL/IFCH/UNICAMP – SP
Referência: Coleção Octávio Brandão B 869.349 B275b

Secundárias:

Suporte: livro
Bagatelas. SP: Brasiliense, 1961. 2ª edição. (pp. 289-292293-298)
Lima Barreto. Toda crônica. RJ: Agir, 2004. Vol. II (pp.254-258)

ÍNDICE

Título	**Página**
A superstição do doutor	13
São Paulo e os estrangeiros	21
Casos de bovarysmo	25
Tenho esperança que...	29
O caso do mendigo	33
Vera Zassulitch	37
Que fim levou?	41
O convento	47
No ajuste de contas	51
Da minha cela	57
Carta aberta	67
Não valia a pena	75
Um ofício da A.P.S.A.	79
Problema vital	87
Quem será afinal	91
Procurem a sua Josefina	97
São capazes de tudo...	103
Sobre o Maximalismo	109
Os uxoricidas e a sociedade brasileira	115
A matemática não falha	123
O nosso “yankismo”	129
Edificantes notas ao Southey	135
Henrique Rocha	139
Livros de viagens	147
Duas relíquias	153
Dous livros	159
Sobre o nosso teatro	163
Pela “Seção Livre”	169
Sestros brasileiros	175
A circular do Reverendo Vigário-Geral	179
Uma simples nota	185
A missão dos utopistas	189
Meia página de Renan	195

As lições da Grande Guerra 201
O “negocio” da Bahia 207
Homem ou boi de canga? 213
O cedro de Teresópolis 217
Coisas eleitorais 221
Após a guerra 225
A nossa situação 229
Mais uma vez 233